

De Ulisses a Viriato integra-se num ciclo de exposições promovido pelo Museu Nacional de Arqueologia com o objectivo de contribuir para a divulgação da pesquisa arqueológica nacional, desvendando o resultado da investigação científica mais recente, bem como o importante acervo do próprio museu e de tantas outras colecções públicas e privadas.

À primeira exposição A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder, apresentada em 1995 e comissariada por SUSANA OLIVEIRA JORGE, sucede-se, em 1996, a exposição De Ulisses a Viriato. O primeiro milénio a.C., de que é comissário JORGE DE ALARÇÃO.

Em 1997, ADÍLIA ALARCÃO apresentará neste mesmo espaço a exposição Portugal Romano. Exploração dos recursos naturais, terminando o ciclo em 1998 com a exposição Portugal muçulmano. Os últimos sinais do Mediterrâneo, de que será comissário CLÁUDIO TORRES.

De Ulisses a Viriato

O primeiro milénio a.C.

De Ulisses a Viriato

O primeiro milénio a.C.

Ministério da Cultura





Exposição

Comissário científico

Jorge de Alarcão

Comissária executiva

Ana Isabel Palma Santos

Consultores

Francisco Alpes

Mário Varela Gomes

Francisco Sande Lemos

Armando Coelbo Ferreira da Silva

Carlos Tavares da Silva

Assessoria técnica

Manuel Bairrão Oleiro, IPM

Ana de Castro Henriques, IPM

Maria de Jesus Monge, IPM

Anabela Carvalho, IPM

Olinda Sardinha, MNA

Conservação e restauro

Museu Monográfico de Conimbriga

Margarida Santos

Margarida Monteiro

Maria José Sequeira, IPPAR

Museu Nacional de Arqueologia

Arquitectura

João Vieira Caldas

Carlos Severo

Design gráfico

Atelier de Henrique Cayatte

Maquetes

Aresta - Design Serigrafia

Luminotecnia

Rui Silva e Santos

Assistido por

Salvador Baptista, MNA

Coordenação da montagem

João Vieira Caldas

Carlos Severo

Ana Isabel Palma Santos

Montagem

Museu Nacional de Arqueologia

Maria Luisa Guerreiro

Maria José Albuquerque

Margarida Cunha

Luis Filipe Antunes

Helder de Sousa

Rui Pedro

Catálogo

Coordenação

Jorge de Alarcão

Ana Isabel Palma Santos

Autores

Jorge de Alarcão

Ana Margarida Arruda

Thomas Bubner

João Luís Cardoso

Rui M. S. Centeno

Virgilio Hipólito Correia

Fernando Patrício Curado

Teresa Júdice Gamito

Francisco Sande Lemos

Manuela Martins

Françoise Mayet

Isabel Pereira

Armando Coelho Ferreira da Silva

Carlos Tapares da Silva

Organização da bibliografia

Lívia Cristina Coito

Coordenação da edição

Maria Amélia Fernandes

Clara Tapora Vilar

Fotografia

Arquivo Nacional de Fotografia

Coordenação

Vitória Mesquita

Tosé Pessaa

Fotógrafo

José Pessoa

Assistido por

Assistido por

Luisa Oliveira

Alexandra Pessoa

Alexandra Encarnação

Sofia Torrado

Carmen Rosa

Colaboração

Emilia Tapares

Alexandra Ribeiro

Design gráfico

Futura, Lda. - Luís Carrôlo

Pré-impressão e impressão

Gráfica Maiadouro

@ IPM

I* edição.

ISBN 972-8137-39-7

Depósito legal

100 015/96

Agradecimentos

O Museu Nacional de Arqueologia agradece a colaboração de Júlio Roque Carreira, Luís Coelho e Isabel Pereira na selecção e estudo de alguns materiais inéditos das suas colecções. Agradecemos a todas as entidades oficiais e coleccionadores privados que gentilmente cederam espólio para esta exposição

Carlos Alberto Brochado de Almeida Biblioteca Nacional de Lisboa -Gabinete de Numismática

José Luis Cabrita

Câmara Municipal de Baião

Cămara Municipal de Castro Verde

Câmara Municipal de Esposende

Câmara Municipal de Fafe

Cămara Municipal do Porto

Câmara Municipal de Póvoa do Lanhoso

António de Campos

Centro de Arqueologia da Câmara

Municipal de Oeiras

Delegação Regional de Coimbra do IPPAR

Delegação Regional de Évora de IPPAR

Departamento de Arqueologia do IPPAR

Fundação do Banco Comercial Português

Gabinete de Arqueologia Urbana da Câmara

Municipal do Porto

Gabinete de Numismática da Câmara

Municipal do Porto

Instituto de Antropología "Prof. Mendes

Corrêa" da Faculdade de Ciências

da Universidade do Porto

lustituto de Arqueologia da Faculdade de

Letras de Coimbra

Instituto Geológico e Mineiro

Junta de Frequesia de Castelo de Neiva

Francisco da Silva Campos Júnior

José Medeiros

Nuno Meira

Museu de Arqueologia e Etnologia de Setúbal

Museu Etnográfico e Arqueológico do

Dr. Joaquim Manso

Museu de Etnologia do Porto

Museu de Francisco Tavares Proença Júnior

Museu da Guarda

Museu Monográfico de Conimbriga

Museu Municipal de Almada

Museu Municipal de Arqueologia de Silves

Museu Municipal de Etnografia e

História da Povoa de Varzim

Museu Municipal do Dr. Santos Rocha

Museu Municipal de Sesimbra

Museu Municipal de Torres Vedras

Museu Nacional Soures dos Reis

Museu Rainha D. Leonor

Museu Regional de Arqueologia

D. Diogo de Sousa

Museu Regional de Évora

Museu do Seminário Maior da

Diocese de Viseu

Museu da Sociedade Martins Sarmento

Francisco Queiroga

João Carlos de Senna-Martinez

Anibal Rodrigues da Silva

SOMINCOR - Sociedade Mineira de

News Coreo S.A.

Universidade Católica de Viseu



De Ulisses a Viriato, heróicas figuras dos nossos mitos e da nossa História, a exposição que agora se apresenta no Museu Nacional de Arqueologia incide sobre um período algo esquecido da história ibérica, um período no entanto crucial para o entendimento dos alvores da civilização peninsular.

O extenso arco temporal, superior a cinco séculos, que delimita a Idade do Ferro inclui, é certo, realidades muito diversas, mas não é menos verdade que a integração do território hoje identificado com Portugal no sistema económico mediterrânico ocorreu precisamente no transcurso desse tempo longo, conferindo-lhe uma singularidade cultural assinalável. A identificação da Península como terra de fabulosas riquezas, topos recorrente nos geógrafos antigos, trouxe até aqui Fenícios e Gregos, em demanda de ouro, prata, cobre ou estanho. Se as novidades tecnológicas e culturais por eles introduzidas - como a roda de oleiro, a técnica da redução do ferro ou mesmo a aventura da escrita -, constituem verdadeiros monumentos ao engenho e espírito humanos, é porém através da memória anónima de uma estela insculpida, de um colar de ouro, de um fragmento de taça cerâmica que hoje os nossos sentidos despertam e que a nossa sensibilidade devaneia pela memória do passado. Não podemos também deixar de assinalar aqui a evocação do mítico Reino de Tartesso que, como é sabido, incendiou a imaginação de gerações de arqueólogos e de curiosos, permanecendo ainda hoje, em boa parte, envolto em mistério e incerteza.

No âmbito da divulgação sistemática do património arqueológico nacional realizada pelo Museu Nacional de Arqueologia, concretizada numa série coerente de mostras - e com seguimento no projecto dedicado à presença islâmica em Portugal - a presente exposição mergulha, uma vez mais, nas raízes profundas da nossa identidade, tarefa imprescindível de uma verdadeira instituição cultural.

Simonetta Luz Afonso
Directora do Instituto Português de Museus



Quer por vezes o acaso que certos fins de ciclo da nossa vida sejam marcados por eventos que retomam os temas de eleição dos seus primórdios. Assim acontece agora com a exposição em apreço, cuja temática constitui aquilo que, ao tempo, esteve no centro das minhas atenções, menos como estudante finalista e arqueólogo em busca de itinerário do que como apaixonado por um tempo imaginário, de deuses e heróis, poetas e sábios.

Foi nestas circunstâncias que acabaram por se cruzar, sem o saberem, três mestres e amigos: Jorge de Alarcão, que me deu a honra e o prazer de aceitar ser o comissário científico da presente exposição, Olivier Buchsenschutz, que me fez descobrir, com a Arqueologia e o rigor técnicometodológico no campo e no gabinete, a Idade do Ferro, e Pierre Vidal-Naquet, junto de quem já antes colhera a paixão pelo estudo da religião e dos mitos gregos.

Aí se radicam, de algum modo, as origens do título que entendi propôr para a exposição. Compreendo, no entanto, que haja quem se escandalize com a liberdade metafórica com que entendemos por bem associar o famoso herói aqueu ao célebre guerrilheiro hispânico, cujos feitos marcaram o final da Idade do Ferro no Ocidente Peninsular. Que nos perdoem por este manifesto pouco respeito pelas ortodoxias, nomeadamente de estilo.

Tal como a exposição sobre a Idade do Bronze que a precedeu, a presente pretende ser uma ocasião privilegiada para apresentar, numa síntese actualizada, aquilo que raramente chega ao público em tempo desejável. Privilegiada também por se reunirem as colecções nacionais mais representativas do tema, normalmente dispersas por várias dezenas de instituições. Obrigatório é, pois, agradecer a todas elas o acolhimento e o apoio que deram à presente iniciativa, assim como a todos aqueles que a tornaram possível.

Nesta época em que as encruzilhadas da arqueologia portuguesa parecem coincidir com as minhas próprias, grato me é terminar o ciclo com a apresentação daquilo de que mais gosto e melhor conheço.

Francisco J. S. Alves
Director do Museu Nacional de Arqueologia

Índice

15 O primeiro milénio a. C. Jorge de Alarcão

31 Tartesso

Ana Margarida Arruda

35 Os Fenícios no Ocidente Ana Margarida Arruda

46 Os Gregos no Ocidente Ana Margarida Arruda

52 Abul: um estabelecimento fenício no Baixo Sado

Françoise Mayet Carlos Tavares da Silva

60 Santa Olaia Isabel Pereira

66 A cerâmica de ornatos brunidos em Portugal

Thomas Bubner

73 O povoamento no Bronze Final e na Idade do Ferro na região de Lisboa João Luís Cardoso 82 Os povoados da 1ª Idade do Ferro do Sul de Portugal Virailio Hipólito Correia

88 A escrita pré-romana do Sudoeste peninsular

Virgílio Hipólito Correia

95 O castelo de Castro Marim Ana Margarida Arruda

101 O sítio arqueológico de Garvão e o seu depósito ritual

Virgílio Hipólito Correia

107 O castro de Segóvia e a componente céltica em território português

Teresa Júdice Gamito

112 A cerâmica estampilhada
Teresa Iúdice Gamito

118 Povoamento e habitat no Noroeste português durante o 1º milénio a. C.

Manuela Martins

134 A Citânia de Briteiros

Armando Coelho Ferreira da Silva Rui M. S. Centeno

136 A Citânia de Sanfins

Armando Coelho Ferreira da Silva Rui M. S. Centeno

139 Ourivesaria proto-histórica em território português

Armando Coelho Ferreira da Silva

147 Povoamento, espaço e gentilitates no 1º milénio a. C. no Nordeste transmontano

Francisco Sande Lemos

154 As inscrições indígenas de Lamas de Moledo e Cabeço das Fráguas

Fernando Patrício Curado

160 Bases de subsistência em povoados do Bronze Final e da Idade do Ferro do território português.

O testemunho dos mamíferos.

João Luís Cardoso

Catálogo

- 172 De Ulisses a Viriato
- 173 Plinto 1 Um guerreiro calaico
- 174 Vitrine 1
 Os casais e as aldeias da Idade do Bronze Final
- 176 Vitrine 2 Os povoados de altura
- 178 Vitrine 3

 A tholos da Roça do Casal do Meio
- 180 Plinto 2
 As estelas estremenhas
- 181 Vitrine 4

 O Castro de Baiões
- 187 Vitrine 5
 Cerâmica de omatos brunidos
- 189 Vitrine 6 Solidariedades atlânticas e mediterrânicas
- 193 Vitrine 7
 O machado e a foice

197	Vitrine 8	241	Vitrine 15
	Os tesouros de mercadores		A influência tartéssica ao longo do Guadiana
200	Vitrine 9	248	Vitrine 16
	A espada, as jóias e o poder		Uma sociedade multi-racial no Sul,
205	Vitrines 10 A		na 2º Idade do Ferro
	Grandes vasos contentores de Santa Olaia	258	Vitrine 17
			O Castro da Cabeça de Vaiamonte
208	Vitrines 10 B		
	Os Fenícios - mercadores de civilização	266	Vitrine 18
			O santuário de Garvão
218	Vitrine 11		
	Povoados e necrópoles do Baixo Alentejo	276	Plinto 4
	CONTRACTOR STATE		Cepo de âncora das Berlengas
224	Vitrine 12		
	Lamakes	276	Vitrine 19
			A retoma da rota atlântica e a reanimação do
226	Vitrine 13		Noroeste
	Contas e armas e obeloi		***
		283	Vitrine 20
230	Plinto 3		O armamento da Idade do Ferro
	Uma das mais antigas escritas do	200	was a second and a second a second and a second a second and a second a second and a second a second a second a second and
	Ocidente europeu	289	Plinto 5
	Nr		A inscrição de Lamas de Moledo
234	Vitrine 14		

De Tartesso às Estrímnidas

290 Vitrine 21

A cultura material castreja

302 Vitrine 22

Torque de Vilas Boas

303 Plinto 6

A invasão romana

304 Plinto 7

A emergência dos grandes castros do Noroeste

304 Vitrine 23

A religião de Lusitanos e Calaicos

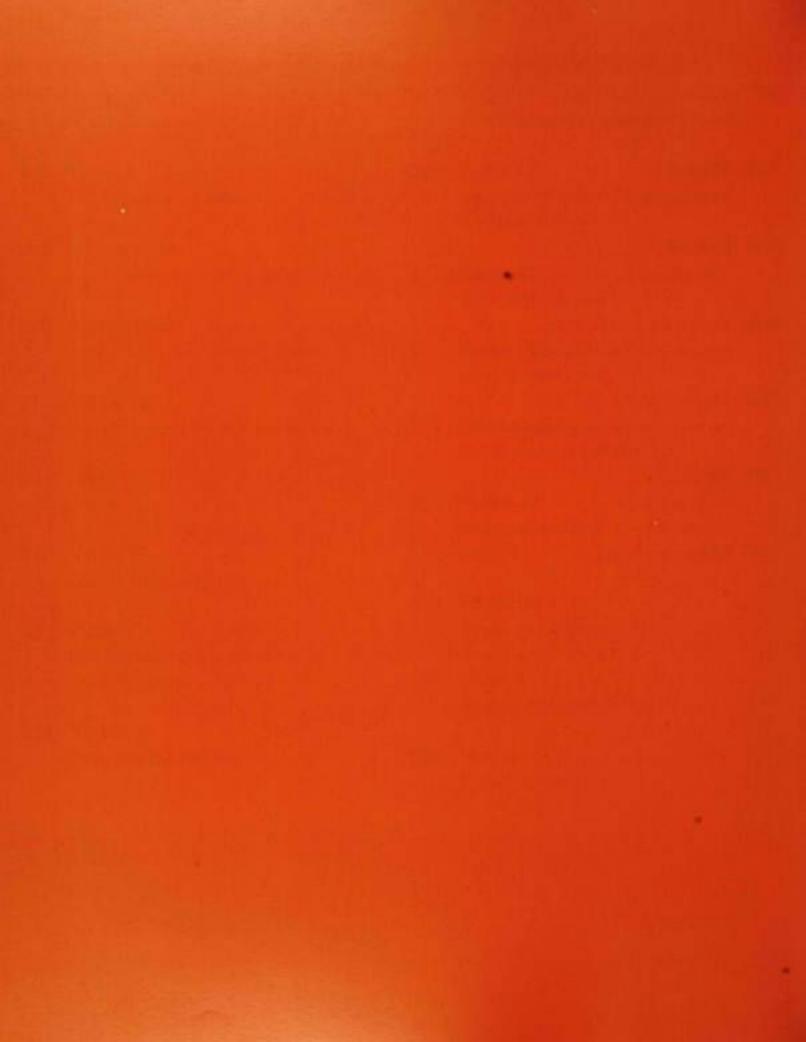
306 Vitrine 24

Os comerciantes na esteira das legiões

310 Plinto 8

A Pax Romana

311 Bibliografia geral



O primeiro milénio a.C.

Jorge de Alarcão

Os casais do Bronze Final

O conhecimento que temos da distribuição espacial da população por volta de 1000 a.C. (estamos num período que se designa por Bronze Final e cujas balizas são, a mais alta, 1250 a.C. e a mais recente, 700 a.C.) é escasso, porque derivado de poucos casos escavados. Aparentemente, na primeira fase do Bronze Final (1250-1000/900 a.C.), a população não vivia agrupada em aldeias, mas dispersa por casais, eventualmente por lugares que reuniriam poucas famílias. O da Bouça do Frade (Baião), com a sua necrópole de inumação individual no Tapado da Caldeira, é um exemplo que data dos fins do séc. XI aos inícios do VIII a. C. Na Tapada da Ajuda (Lisboa), cabanas de materiais vegetais, de planta oval, uma delas todavia assente num baldrame de pedra, constituem outro caso, datado por radiocarbono do séc. XIII a.C. No Alentejo, em Neves (Castro Verde), escavou-se outra destas unidades, constituída por duas cabanas, ambas ovais, uma também com pequeno muro de pedra onde assentariam as paredes de materiais vegetais.

Talvez as trocas de bens entre os casais fossem raras e cada célula social vivesse num estado de autarcia económica, provendo ao seu próprio sustento. Mas é evidente que os casais tinham que relacionar-se uns com os outros, quanto mais não fosse para trocarem cônjuges. E essa troca de mulheres (presumindo, o que não é seguro, que eram as mulheres que deixavam a residência dos pais para tomarem a dos maridos) podia ser acompanhada da cedência de bens, como preço ou dote da noiva. Deveria haver, assim, cominibia, isto é, unidades mais vastas, constituídas por vários casais, que formariam uma rede ou círculo para efeito de trocas matrimoniais. Mas haveria, em cada círculo, algo que se assemelhasse a um poder político dirigente, um casal mais importante do que os outros ?

As jóias de ouro, dispersas por todo o país, de Sobral da Adiça (Moura) ou Torre Vă (Ourique) a Arnozela (Fafe) ou Monte Airoso (Penedono), deixam supô-lo. As jóias seriam reservadas às famílias principais, como símbolos do poder. Infelizmente, não se conhece o contexto dessas jóias,

cuja cronologia, adentro do amplo período do Bronze Final, não se pode precisar. Corresponderão elas (ou algumas delas) a esta fase em que a população se dispersava por casais, ou a uma fase posterior, de que já falaremos, caracterizada pela emergência de povoados nos altos, onde a população se concentrava ?

A hipótese de autarcia económica, que admitimos, parece, porém, contrariada pela presença, em povoados a norte do Douro, designadamente no da Bouça do Frade, de uma cerâmica estilisticamente alógena, dita cerâmica de Boquique, comum na Meseta. A falta de análises mineralógicas ou químicas das pastas não nos permite decidir entre duas possibilidades: a da importação e a do fabrico local desta cerâmica no Noroeste. Mas em qualquer dos casos é evidente que temos de postular relações entre a Meseta e o Noroeste. Receberia aquela, objectos de bronze? E trocálos-ia por cerâmica? Neste caso, a cerâmica de Boquique, trocada por objectos de muita valia, como eram, na época, os de bronze, não seria, no Noroeste, uma cerâmica utilitána, mas uma cerâmica de prestígio, eventualmente concentrada nas mãos de quem dominava o comércio dos escassos itens de bronze que se transmitiriam a grandes distâncias.

Assim, a título de hipótese, podemos apresentar a primeira parte do Bronze Final. (de 1250 a 1000/900 a.C..) como um período de população dispersa, integrada em círculos por meio de pequenos chefes que teriam, eles mesmos, residências rurais.

A emergência dos povoados fortificados e a intensificação da circulação do bronze.

Por volta de 1000/900 a C. verificam-se, simultaneamente, dois fenómenos: o da concentração das populações em aldeias, que se implantam no cimo dos montes e se fortificam (os castros), e o desenvolvimento da produção e circulação de objectos de bronze.

O primeiro fenómeno, no Norte, está hoje datado por análises radiocarbónicas. Mas, aqui, os povoados parece terem sido pequenos. O de S. Julião (Vila Verde), por exemplo, não aparenta ter tido mais de 40 habitantes, no máximo. Mas era defendido por um impressionante talude de terra, cujo significado não é muito claro. À partida as muralhas indicariam um estado de guerra entre os castros. A densidade populacional não parece, porém, ter sido tão grande que tornasse a terra escassa e conduzisse ao conflito. Na bacia média do Cávado, por exemplo, cada povoado podia explorar um território de 1800 a 2700 hectares sem entrar em conflito com o território de outro castro, e esse espaço envolvente parece mais do que suficiente para alimentar a população que os castros concentrariam.

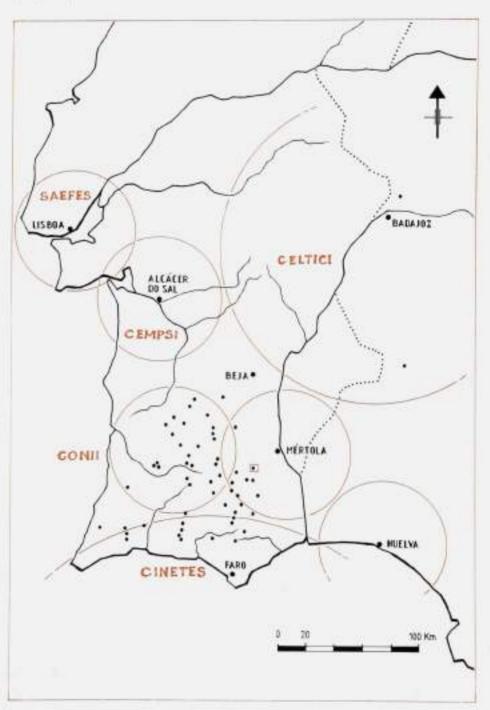
Na Estremadura e no Sul temos igualmente povoados em cerros atribuíveis ao Bronze Final: S. Martinho (Rio Maior), Ota (Alenquer), Alcainça (Mafra), Pragança (Cadaval), Coroa do Frade (Évora), Outeiro do Circo (Beja), Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa). Infelizmente, por falta de escavações, não é possível datar a emergência desses povoados. Terão eles surgido, como no Norte, no séc. x ou ix a C.2 O que parece caracterizar os povoados do Sul é a sua área muito mais considerável do que no Norte. A Coroa do Frade andará pelos 13 hectares, o que, numa estimativa baixa, e admitindo

uma ocupação global da área, dá cerca de 2000 habitantes; o Outeiro do Circo é ainda maior. Ora, com populações concentradas nesta ordem de grandeza, é inevitável a existência de chefes, tornados necessários para gerir os conflitos sociais intragrupais. Aliás, perto do Outeiro do Circo, encontrou-se uma estela funerária ricamente decorada (Ervidel II), que assinalaria uma sepultura de chefe. A estela, porém, não foi encontrada no povoado. Viveriam os chefes em residências rurais, fora dos povoados?

A estela de Ervidel integra-se num grupo de estelas ditas estremenhas porque também aparecem na Estremadura espanhola. Tem-se proposto para elas uma data entre 1100 e 700 a.C. Estas

estelas eram provavelmente colocadas ao alto, sobre as sepulturas, e não a servirem de tampas, como as alentejanas. Um escudo com um recorte em V é o motivo decorativo principal, mas para além de uma espada e de uma lança, que acompanham o escudo, muitas delas contêm representações de outros objectos: pentes, espelhos, fibulas, carros.

Certas estelas estremenhas da Beira Baixa e da Beira Alta põem todavia em causa a interpretação destas pecas como modo de assinalar as sepulturas dos chefes. Conhecem-se aí três dessas estelas, a de Meimão (Penamacor), a de Fóios e a de Baraçal (ambas do concelho de Sabugal). Em-S. Martinho (Castelo Branco), que foi, talvez, um dos povoados principais da zona raiana no Bronze Final, descobriramse outras três peças gravadas diferentes das anteriores. Os recentes trabalhos de Raquel Vilaça na região apontam para uma instalação de aldeias no cimo dos montes por volta do séc. XIII a.C., isto é, em data anterior ao do mesmo fenómeno no Noroeste do país. Ora, nada parece indicar, na Beira Alta e na Beira Baixa, uma hierarquia de povoamento e a existência de chefes. Uma interpretação possível é a de que as estelas assinalariam a residência de mercadores que viveriam isolados, fora das aldeias, naquilo que



poderemos designar por casais

O incremento da produção e da circulação de objectos de bronze é também evidente na segunda metade do Bronze Final, particularmente no Norte. Integra-se este num vasto mundo atlântico que ia da Irlanda ao Báltico e da Escócia à Península Ibérica. A Irlanda e as Astúrias produziam cobre e ouro, o Noroeste penínsular, estanho e chumbo, o Morbihan e a Cornualha, também estanho, o Báltico, âmbar. Relações marítimas asseguravam a troca de matérias-primas e de objectos manufacturados. Assim se criou, nesta época, no Ocidente europeu, um mundo de relações intensas a que é costume dar-se o nome de Bronze Atlântico.

O Norte produzia mais do que o necessário e aparentemente exportava os excedentes também para a zona andaluza, onde viria a desenvolver-se um importante reino que ficou famoso na literatura greco-latina. Tartesso. O depósito da ria de Huelva, datado do sec. IX a C., e provavelmente correspondente a uma embarcação naufragada, é uma prova de importação, pela zona andaluza, da produção metalúrgica do Noroeste. O comércio, porém, não seria directo, mas far-se-ia por intermedio da foz do Tejo ou do estuário do Sado, onde podem ter surgido chefes cuja função seria exactamente a de organizar um comércio que se faria por mar nos meses de calmaria, e por terra, através de Alcácer do Sal, Ourique, Castro Verde e Mértola quando o tempo, menos propício, impedia a rota marítima. Explica-se, neste contexto, a sepultura da Roça do Casal do Meio. (Sesimbra), uma rica sepultura com forma de tholos que deve atribuir-se aos fins do séc. IX ou aos inícios do VIII a C.

Nesta área dos estuários do Tejo e Sado surge nesta época uma característica cerámica cinzenta, feita manualmente mas fina, com ornatos brunidos, que aliás se difunde também pelo Alentejo e encontra paralelo na Andaluzia.

Assim, se a segunda parte do Bronze Final não marca o início de uma hierarquia, provavelmente acentuou o poder de uns quantos chefes, envolvidos na produção e comércio de metais. No Norte, o castro da Senhora da Guia, em Baiões (S. Pedro do Sul), é, até agora, o mais claro exemplo desses chefados.

O castro, que parece ter sido destruido por volta de 700 a.C., foi um centro de produção de artefactos de bronze, como se prova pelo achado de um molde de fundição de machados. Vários braceletes de bronze, um de ouro e dois torques deste mesmo metal são objectos de prestígio que podemos tomar como testemunho da presença de um chefe. Mais importante ainda que o bracelete e os torques de ouro é uma peça de lâmina de ferro e empunhadura de bronze que se recolheu nas ruínas do castro e tem sido interpretada como punhal. Por volta de 700 a.C., se admitirmos a tese corrente, o ferro começava a ser utilizado na Península, mas era ainda raro. Aquela peça deve tomar-se também como um objecto de prestígio, proveniente da zona mediterrânica peninsular.

Algumas taças de bronze e um espeto encontrados na Senhora da Guia poderão ter sido utilizados em banquetes que, na Europa hallstática, eram também uma forma de os chefes manifestarem o seu poder. Finalmente, uma forcula e alguns carros de bronze, miniaturais e votivos, revelam a função religiosa do chefe.

Talvez este chefe residente no castro da Senhora da Guia tivesse seus vassalos, que podemos localizar hipoteticamente em Serrazes (S. Pedro do Sul), Moçâmedes (Viseu) e Vale da Malhada (Sever do Vouga), onde se encontraram outras jóias de ouro. Ou seriam estes, principes autónomos?

O comércio fenício

O bronze que se produzia no Norte e no Centro de Portugal levava, como vimos, o caminho da Andaluzia, mas não sena todo aplicado no consumo interno desta região. Alguns autores presumem navegações da Fenicia para a Península, onde os mercadores lenícios viriam buscar metais. As primeiras colónias e leitorias lenícias não são, tanto quanto os dados arqueológicos actualmente disponíveis permitem julgá-lo, anteriores a 800-750 a.C., mas é possível que navegações fenicias tenham precedido a fase colonial, isto é, a da instalação, em solo penínsular, de colónias e feitorias. Assim se explicaria a representação, nas estelas funerárias estremenhas, que claramente são anteriores ao horizonte colonial, de objectos que parecem importações do Mediterrâneo oriental: capacetes de cornos, escudos com chanfradura em V, espelhos, pentes, fibulas, carros.

Entre 800 e 750 a C., os Fenícios estabeleceram colónias e feitorias no Sul da Espanha. Procuravam sobretudo prata e estanho. O primeiro destes metais era abundante na Andaluzia, no reino de Tartesso; mas o estanho tinha de vir do Noroeste, eventualmente também da Beira interior. A procura do estanho e do bronze intensificou-se e, com ela, a circulação de bens que, provavelmente, continuaria a fazer-se pela foz do Tejo e pelo estuário do Sado. Compreende-se, assim, que no séc. VII a.C., os Fenícios tenham fundado uma feitoria em Abul (Alcácer do Sal), outra talvez na Quinta do Almaraz (Almada). Mas, nesta sua progressão para ocidente, estabeleceram outras feitorias em Castro Marim e no Cerro da Rocha Branca (Silves), e subindo a norte do Tejo, fundaram outra ainda no Baixo Mondego: a de Santa Olaia (Montemor-o-Velho).

Sob a influência tartéssica e fenícia, desenvolveu-se no Sul um brilhante horizonte que designamos por 1º Idade do Ferro.

A 1ª Idade do Ferro no Sul de Portugal

Na 1º Idade do Ferro do Sul (750-450 a.C.) manteve-se por certo activo o caminho que, por terra, ligava a foz do Tejo ao reino de Tartesso. Avieno, na sua Ora Mantinia, um poema do séc. IV d.C. que, todavia, põe em verso, com algumas interpolações, um roteiro de um navegador massaliota dos fins do séc. VI a.C., diz que esse caminho se podia fazer, se bem que com alguma dificuldade, em quatro dias. Onde ficariam as paragens? Possivelmente em Alcácer do Sal, algures na região de Ourique e em Mértola. Se fizermos desses pontos lugares centrais, obteremos territórios da ordem dos 3850 Km2, com raios de 35 quilómetros, mais pequenos que os chefados hallstáticos centroeuropeus

Com centro na área de Ourique, eventualmente em Garvão, onde, mais tarde no séc. III a.C., se documenta um importante santuário, situamos os Cónios. Ficaria aqui Conistordis, uma cidade que se tornaria centro de operações militares na época da conquista romana?

Nesta área dos Cónios conhecemos povoados e necrópoles. Os povoados que têm sido objecto de escavações são, todos eles, pequenos, em terras baixas, sem muralhas. Monte Beirão (Almodôvar), Fernão Vaz e Porto das Lages (Ourique), Neves I, Neves II e Corvo I (Castro Verde) Nenhum foi totalmente escavado, pelo que ignoramos as suas dimensões, obviamente, não podemos fazer ideia segura do número de habitantes; trata-se, porém, aparentemente, de unidades unifamiliares, com cerca de 30 habitantes. Em todos os povoados, as habitações eram de planta rectangular, feitas de muros baixos de xisto sobre os quais se erguiam as paredes construídas de taipa ou adobe. Os solos magros onde se implantam consentiriam uma actividade agropastoril pouco produtiva, mas os filões de cobre que nas redondezas se encontram podem ter sido explorados. Apesar da ruralidade, todos estes povoados proporcionaram artigos de importação: cerâmica grega, cerâmica de engobe vermelho fenícia ocidental, ânforas massaliotas ou ibero-púnicas, espetos de bronze (obeloi), facas de ferro. Ou estes objectos se encontravam à venda num lugar central, ao qual a população dispersa acorreria, ou o campo era percorrido por mercadores itinerantes.

Os enterramentos, por inumação ou cremação (talvez o ritual se tenha desviado progressivamente, ao longo da 1º Idade do Ferro, da primeira para a segunda), eram feitos em fossas, raramente com lajes de revestimento, cobertas por timuli de pedra, primeiramente circulares e mais tarde, rectangulares. Os primeiros podiam atingir 7,5 metros de diâmetro. Os timuli rectangulares apresentam alguns degraus marginais e podem ser acrescidos de um recinto ou tenmos, que um muro baixo define. As necrópoles são constituídas por vários timuli adossados uns aos outros, como um favo. A arquitectura funerária mantém tradições locais que remontam à Idade do Bronze.

Característica desta área dos Conii é a presença de lápides funerárias epigrafadas, numa escrita cujo valor fonético se conhece, mas que não pôde ainda ser decifrada, não obstante alguns passos recentes nesse sentido. Possivelmente, a escrita foi derivada da tartéssica. Um curioso abecedário inscrito numa placa de xisto, que parece ter sido destinada a exercícios de ortografía, foi há alguns anos descoberto em Espanca (Castro Verde).

Uma peça epigrafada distingue-se das demais: é que não se trata de uma estela funerária mas de um bétilo ou esteio toscamente afeiçoado, encontrado no Monte das Góias (Mértola). Tratar-se-á de um marco a assinalar fronteira?

No Algarve ficavam os Cinetes, aos quais Avieno se refere. O cabo de 5. Vicente chamava-se, nesta época, Cyneticum. Não conhecemos povoados desta região. As necrópoles, de cistas rectangulares sem timuli, como se observou, por exemplo, na Fonte Velha de Bensafrim (Lagos), representam uma tradição diferente da dos Cónios, mas igualmente com raízes nos hábitos funerários regionais da Idade do Bronze. Viremos a encontrar aqui os mesmos casais ou pequenas aldeias, como no território dos Cónios, ou seria diferente o povoamento, concentrado em alguns castros ou appida?

Maior ignorância é a nossa relativamente ao povoamento e aos hábitos funerários das regiões de Mértola e Alcácer do Sal. As escavações que desde há alguns anos decorrem em Mértola não atingiram ainda níveis da Idade do Ferro. Não pode, porém, ignorar-se o achado, nesta vila, de uma lamax ou caixa de pedra (neste caso, de arenito) destinada a conter as cinzas de um morto. No horizonte fenício ocidental, peças desta natureza parecem ter sido destinadas a túmulos de câmara, de cuja existência, em Mértola, podemos, pois, suspeitar. Obviamente estas sepulturas monumentais não seriam as de toda a gente, mas apenas as de uma classe social de estatuto superior.

A semelhança das condições ecológicas da região mirtilense com as do território de Ourique deixam presumir idêntico tipo de povoamento, mas isto é mera hipótese, que talvez escavações futuras se encarreguem de desmentir. As escavações na área do castelo de Alcácer do Sal revelaram um povoado de casas rectangulares de taipa ou adobe e pavimentos de barro, com cerâmicas de importação a par com outras que parecem representar uma tradição do Bronze Final. Na necrópole observam-se dois ritos, ambos de incineração: ou os restos eram deixados no sítio onde se montara a pira funerária, sendo cobertos de terra e pedras, ou recolhidos em umas posteriormente enterradas longe da pira.

A forma como a população se distribuiria neste hipotético território de Alcácer do Sal é interramente desconhecida. O tesouro do Gaio e a esfinge da Herdade do Saragaçal (Santiago de Cacém) deixam supor, porém, a existência de principes em residências rurais. A esfinge de Saragaçal é talvez um elemento de monumento funerário, eventualmente turriforme. Quanto ao tesouro do Gaio, atribuível ao séc. VII a C. é constituído por duas arrecadas de ouro com representações da deusa egípcia. Hathor, uma gargantilha do mesmo metal feita de placas decoradas com pégasos ou grifos, um anforisco e um alabastron de pasta vitrea, um escaravelho de faiança encastoado em anel de prata e numerosas contas de ouro, prata, cornalina, resina e pasta vitrea.

Ambos os achados são principescos. Ora, por um lado, não há principes sem dominados, por outro, a residência rural desses principes parece dificilmente compatível com um povoamento em appida que, a existirem, seriam os lugares mais adequados ao seu estabelecimento.

Daí podermos inferir, também no território de Alcácer do Sal, um povoamento disperso, mais hierarquizado que no dos Cónios, com principes constituídos em senhores de comunidades rurais dispersas.

Na área de Lisboa, a população parece ainda dispersa por pequenas unidades rurais, de que Outurela I e II (Oeiras) seriam exemplos. Estamos aqui talvez na área dos Sades, que ocupariam ambas as margens do estuário do Tejo, desde o cabo da Roca, chamado Otiússa, até ao Espichel, designado por Compsicum. Este faria parte do território de Alcácer do Sal, onde aparentemente se estabeleceram os Compsi.

Curiosamente, a escrita não parece ter alcançado os territórios de Alcácer do Sal e Lisboa. Quanto ao de Mértola, os achados de lápides funerárias epigrafadas prova que, na 1º Idade do Ferro, a escrita foi, ai também, conhecida.

No Nordeste alentejano parece terem-se fixado, talvez no séc. VIII a C., populações indoeuropeias vindas da Meseta. Na cultura material notam-se elementos continentais, como as cerâmicas estampilhadas. A esta população se refere Heródoto (II, 33 e IV, 49), quando diz que os Kiltoi eram, no extremo ocidental da Europa, vizinhos dos Kynesioi ou Kynetes, isto é, dos Cinetes. E, no tempo de Augusto, estas populações eram ainda conhecidas pelo nome de Celtici, sendo assim referenciadas por Plínio (IV, 35, 116).

A forma do habitat dos Célticos, muito diferente da dos Cónios, foi o povoado fortificado no cimo de um monte, povoado de que Segóvia, Cabeça de Vaiamonte e Veiros são exemplos típicos. As variadas áreas dos oppida sugerem uma hierarquia, e a diversidade ecológica dos respectivos territórios permite deduzir relações entre esses povoados, cujas economias se completariam.

Célticos eram ainda, provavelmente, os povos da região de Moura, onde os castros são também densos. Aliás, o tesouro da Herdade do Álamo, atribuível ao séc. VII a.C., manifesta influências centro-europeias, hallstáticas. Mas, mais próximos de Tartesso, estes povoados da área de Moura

receberam com mais intensidade os beneficios do comércio fenício-tartéssico, como se demonstra por numerosos objectos, como um flymiaterios de Safarejo ou o smiting god e uma placa decorada com duplo centauro de Azougada.

Talvez, no séc. VI a.C., Cempsos e Sefes, que a Ora Maritima situa na fachada atlântica, se tenham desgarrado dos Célticos, pois parecem ser povos da mesma origem étnica.

O Norte entre os séculos VII e IV a.C.

O comércio fenício ou tartéssico, em parte responsável pelo desenvolvimento cultural do Sul, deve ter chegado também ao Norte, com um ponto de apoio em Santa Olaia, povoado possivelmente fundado no séc. VII a C. Armando Coelho detecta influências meridionais em certas jóias nortenhas, como o colar de Malhada (Vila Real), o tesouro de Baião, uma arrecada de Paços de Ferreira, certos pingentes de Coto da Pena (Caminha). Talvez estas jóias se possam atribuir todas ainda à primeira metade do séc. VII a C. Nos meados do mesmo século, o Norte parece ter entrado em declínio. A circulação do bronze reduz-se drasticamente. A produção de jóias decai substancialmente, se o peso global das peças de ouro atribuídas ao período de 900-700 a C. é de 6195 gramas, o das jóias de 700-500 a C. desce para 1058 gramas.

A cerâmica torna-se, neste período, mais grossseira: surge então uma cerâmica micâcea, muito característica do mundo castrejo, que aliás vai manter-se, com alguma evolução formal, até à época de Augusto ou mesmo até à de Cláudio. Feita à mão e cozida em forno redutor, possivelmente em soengas, esta cerâmica é predominantemente escura, castanha ou cinzenta, de tonalidades manchadas por uma cozedura irregular. As fracas temperaturas que os fornos atingiam e a espessura das paredes, reduzida para o volume das peças, explicam o seu estilhaçamento, que torna difícil a reconstituição de formas completas. A decoração parece rara.

Nos castros, as casas continuam a construir-se, na generalidade, de materiais vegetais. Não há vestígios nem da utilização do ferro nem do torno de oleiro.

Armando Coelho situa em 500 a.C. uma emigração de Célticos e Túrdulos, vinda do Sul Da existência desta imigração não pode duvidar-se, porque foi claramente referenciada por Estrabão

"Os últimos de todos (os povos) são os Ártabros e habitam junto do Cabo que se chama Nério e é o extremo da costa ocidental e norte. Também os Célticos habitam próximo desse cabo e são aparentados com os que vivem junto do Anas (Guadiana). Diz-se que eles e os. Túrdulos, durante uma expedição a estes sítios, se revoltaram após passarem o rio Límia, que depois da revolta e da perda do seu chefe, se dispersaram e se fixaram nesses lugares, e que, por essa razão, o rio recebeu o nome de Letes."

Se a existência da emigração é segura, a sua data é incerta. Sem considerarmos infundada a hipótese de Armando Coelho, também a não tomamos como provada. Talvez a imigração se tenha dado no séc. IV a.C., época em que se assiste a uma renovação da cultura castreja, à qual já nos referiremos.

A 2ª Idade do Ferro no Sul de Portugal

A tomada de Tiro por Nabucodonosor, em 593 a.C., marcou o fim do comércio fenício com a Península Ibérica, comércio que aliás talvez tenha começado a perder volume em data mesmo anterior. Mas a interrupção dos contactos com os Fenícios não significou a decadência da Andaluzia, onde os Cregos tomaram o lugar daqueles. O terceiro quartel do séc. VI a.C. marca mesmo um ponto alto das importações gregas na Andaluzia. Na primeira metade do séc. VI a.C. porém, as importações de cerâmica grega no Sul da Espanha reduzem-se drasticamente.

No Sul de Portugal, o termo da 1º Idade do Ferro tem-se situado na transição do séc. VI para o V a.C., mas Mário Varela Gomes baixou recentemente a data para 450 a.C. A perda de contactos com o decadente mundo andaluz e, por outro lado, uma onda invasora de Célticos vindos do Nordeste alentejano teriam posto termo à brilhante civilização da 1º Idade do Ferro. A escrita, se não desapareceu totalmente, deixou pelo menos de ser utilizada em lápides funerárias. A cerâmica estampilhada característica dos Célticos difundiu-se até ao litoral ocidental, encontrando-se, por exemplo, em Chibanes, Pedra da Atalaia e Miróbriga, até ao Baixo Alentejo, onde surge nas Mesas do Castelinho (Almodôvar) e mesmo até ao Algarve, porque foi encontrada em Faro. A posição de Lacóbriga, tradicionalmente apresentada como correspondente a Lagos, tem sido usada também como argumento a favor da presença de Célticos no Algarve ocidental, porque a desinência lingu é claramente céltica. Não consideramos provada, porém, a situação de Lacóbriga no Algarve, talvez o lugar deva antes situar-se na Arrábida, tendo em atenção as coordenadas que Ptolemeu lhe atribui. Quanto a Miróbriga, quase no litoral alentejano, a fundação céltica está atestada não só pela terminação em lingu mas pelo adjectivo que a apelidou, Mirobriga Crítica, ainda conservado na época romana.

Se a expansão céltica parece um facto (confirmado ainda pelo armamento da necrópole de Alcácer do Sal), é menos seguro que ela tenha tido efeitos catastróficos. Preferimos falar de imigração em vez de invasão. Talvez se tenha criado uma sociedade multi-racial, de coexistência pacífica. Essa coexistência parece confirmada pela expedição conjunta de Célticos e Túrdulos (esta palavra designaria o fundo indígena pré-indo-europeu) ao Noroeste, à qual já nos referimos.

Neste contexto sociopolítico, a cultura material da antiga população pré-indo-europeia não sofreu grandes alterações: a cerâmica de engobe vermelho, a pintada de bandas polícromas, a cerâmica cinzenta fina evoluem, numa aparente continuidade, em Santarém, em Lisboa, em Setúbal, mesmo em Alcâcer do Sal, como justamente observou Ana Arruda. O aparente conflito entre a acrópole e a necrópole de Alcâcer do Sal com materiais de tradição fenícia ocidental na primeira e célticos na segunda, talvez se possa explicar por a parte escavada da acrópole corresponder ao bairro da população pré-indo-europeia e a necrópole, ao cemitério céltico. O que talvez se tenha verificado nos inícios ou meados do séc. V a. C. é uma quebra de contactos com o mundo andaluz. Mas mesmo este fenómeno, que se poderia deduzir da ausência de cerâmica grega, é discutível, porque também na Andaluzia aquela cerâmica é agora rara. Se Huelva e Gadir não adquiriam, cerâmica grega, como é que poderiam exportá-la para o Algarve e o Alentejo, a foz do Sado e a do Tejo? Quando no séc. IV a. C., a Andaluzia recomeça a importar cerâmica grega, esta volta a surgir no Sul de Portugal, por exemplo em

Alcácer do Sal e Castro Marim, onde aliás se acham representados os mesmos pintores que em Huelva bem como cerámica turdetana pintada de linhas serpentiformes e circulos concentricos.

O que talvez se deva salientar na 2º Idade do Ferro do Sul é a proliferação de povoados fortificados. Na ārea que anteriormente era de Alcácer do Sal, surge Miróbriga, na antiga região dos Cónios, o grande povoado de Mesas do Castelinho (Almodóvar), na área de Évora, o Castelo Velho do Degebe, entre o Outeiro do Circo (Beja) e Garvão, o Castelo Velho do Roxo, na bacia do Guadiana, o Cerro Furado e a Azenha da Misericórdia (Serpa). E talvez muitos outros povoados fortificados do Alentejo se devam atribuir à 2º Idade do Ferro. Formam-se também outros menores, em posições de visibilidade dominante mas desprovidos de muralhas, como Pedra de Atalaia (Santiago do Cacém). Pomar I (Ervidel), Atalona (Ourique). Talvez esta proliferação denuncie o crescimento populacional, em parte devido à imigração céltica.

À proliferação dos povoados fortificados poderá ter correspondido uma descentralização política, com multiplicação de centros integradores da actividade econômica. Na região nordestina de onde vinham os Célticos, as unidades sociopolíticas e sócio-econômicas parecem pequenas. Num caso analisado por Teresa Gamito na região de Elvas, a unidade sociopolítica não teria mais de 800 km2

Sob a égide de Segóvia localizam-se 16 povoados, uns em terrenos de melhor capacidade agrícola, outros em terras sáfaras mas nas vizinhanças de filões metaliferos que certamente exploravam. Mas mesmo a dimensão desta unidade, em que a autora integra Vaiamonte, poderá ter sido menor, se fizermos de Vaiamonte e de Veiros as sedes de outras unidades.

A fragmentação que presumimos pode ter ocorrido também no Algarve. O nome de Cinctes não aparece nas fontes literárias que nos descrevem o Algarve contemporâneo das primeiras investidas romanas, como se a etnia já não existisse. Talvez se tivesse dividido em centros múltiplos, de que Baesuris (Castro Marim), Balsa (Luz de Tavira), Ossonoba (Faro), Cilpes (Silves), Ipses (Vila Velha de Alvor) seriam exemplos. Pelo contrário, Políbio, que escreveu nos meados do séc. 11 a.C., ainda menciona os Komos.

Falando dos Célticos da Betúria, Estrabão (III, 2, 15) diz que viviam em confederações. Ora, estes Célticos de Betúria, segundo Plínio, tinham vindo da Lusitânia. Por Lusitânia deve entenderse aqui a provincia criada por Augusto. Assim, os Célticos que viviam no Nordeste alentejano, para além de se terem expandido, como vimos, para o resto do Alentejo e até eventualmente para o Algarve, emigraram também para a Betúria, onde viviam em confederações. Poderemos supor que, no território português, os Célticos também viviam confederados? E seria a religião um elemento aglutinador importante dessas confederações? Não podemos deixar de pensá-lo a propósito do grande depósito votivo de Garvão, que, atribuível à segunda metade do séc. IV a C. e ao III a C., revela um santuário concorrido difícil de equacionar com qualquer povoado importante. A variedade da cerâmica aí encontrda sugere diversidade de origem étnica e de condições sociais dos fiéis. O santuário de Endovélico em S. Miguel da Mota (Alandroal), cujo passado pré-romano se ignora embora se deva presumir, é outro santuário que se afigura isolado de qualquer oppulam importante. Mas, para além de eventuais santuários rurais que poderiam ter funcionado como centros, religiosos de confederações políticas, alguns oppida teriam os seus templos, um dos quais está documentado em Miróbriga, atribuível ao séc. IV a C.

O Norte, entre os séculos IV e II a.C.

No séc. IV a.C., o Norte começou a recuperar daquele atraso em que caíra no séc. VII, por virtude de uma quebra do comércio de bronze. São índice dessa renovação, em primeiro lugar, os achados de materiais gregos. Na Serra do Pilar (Vila Nova de Gaia), encontraram-se duas terradracmas, uma de Atenas, cunhada talvez antes de 406 a.C., e outra de Alexandre III, emitida em Myriandros, cerca de 326-323 a.C. A moeda de Atenas, que apresenta grande desgaste, circulou primeiro no sul da Anatólia, no Levante ou no Egipto e a de Myriandros, no Egipto, onde foi puncionada entre 310 e 305 a.C. Em Bouço (Sabrosa) achou-se um duplo-statir de Thuri, posterior a 385 a.C. Menos segura é uma dracma de Monte Crasto (Gondomar). A belissima bracteada descoberta nos arredores de Bragança, que utilizou como matriz o reverso de uma decadracma de Siracusa datável de 400-370 a.C., constitui prova de que comércio, a partir do litoral, alcançava o extremo da provincia de Trás-os-Montes.

No castro de Santo Estevão da Facha (Ponte de Lima), no Castelo de Faria (Barcelos), nos castros de Penices e das Ermidas (Vila Nova de Famalicão), no de Romariz (Santa Maria da Feira), encontrou-se cerâmica grega do séc. IV a.C. Ainda no castro das Ermidas, um vidro egípcio ou sírio-palestiniano; e no das Eiras Velhas (Braga), uma conta de vidro oculada.

Parece tentador atribuir aos Cartagineses o comercio que estes materiais denunciam; mas os achados de proveniência púnica parecem raros em Portugal. Seria o comércio com o Noroeste assegurado pelos povoados da fachada atlântica como Alcácer do Sal, Lisboa e Santa Olaia, estes directamente em contacto com Huelva e Cadir (Cādis)?

Cale (Porto), na foz do Douro, pode ter adquirido nesta época uma certa importância como porto. Disso dão testemunho os materiais do século iV e III a C. encontrados em escavações recentes. Outro ponto de escala poderá ter sido o castro de S. João, na foz do Ave, infelizmente destruído pelo convento de Santa Clara de Vila do Conde. O comércio ao longo do Ave não está por enquanto documentado, mas não seria surpreendente vir a achar-se cerâmica grega nos castros da Retorta, Santagões e Santa Marinha de Ferreiró, todos no concelho de Vila do Conde. A partir da foz do Ave, o comércio seguia o curso do Este, afluente daquele, pois aqui se situam os castros de Penices e das Ermidas. Terroso (Póvoa de Varzim), um importante castro destacado na planície costeira varzinense, também tem materiais desta época. Os rios Cávado, Lima e Minho eram outras vias de penetração, como o comprovam os achados do Castelo de Faria (Barcelos), Santo Estêvão da Facha (Ponte de Lima) e Coto da Pena (Caminha).

Possivelmente, é ao séc. IV a C. que se deve atribuir a generalização do uso da pedra na arquitectura doméstica, como propôs Carlos Alberto Ferreira de Almeida, e no séc. III a C. surge a casa com vestíbulo, tão típica do mundo castrejo, documentada naquele século em Terroso.

A cerâmica, ainda manual (embora o torno lento possa ter surgido no fim desta época), parece enriquecer-se agora com motivos estampilhados, cuja variedade se vai acentuando, dando origem a um imenso reportório que Armando Coelho inventariou tão completamente.

É neste período que nos parece dever situar-se a imigração de Célticos e Túrdulos, vindos do Sul, a que acima nos referimos. Os Túrdulos viriam a fixar-se imediatamente a Sul do Douro, como se deduz de Plínio, aliás confirmado pelo achado de duas tisserar hospitales em Monte Murado (Vila Nova de Gaia), que expressamente os mencionam com o nome de Turduli Vetres. Quanto aos Célticos, se alguns se deslocaram para a Galiza, onde mais tarde os encontramos com os títulos de Neri e Pruestamarci, é possível que alguns se tenham fixado na bacia do Cávado. No castro de S. Lourenço (Esposende) achou-se uma inscrição consagrada à Dana Sancta. Ora este epíteto aplica-se a Atégina, deusa que teve em Turóbriga (Betúria Céltica) um importante santuário e cujo culto se encontra difundido no Alentejo.

É ainda neste horizonte que devemos situar, pelo menos na bacia do Cávado, a fundação de pequenos castros em outeiros baixos que dominam a planície. São designados por uns como castros agricolas e por outros como castros de baixa altitude. O povoado do Lago (Amares), explorado por Manuela Martins, é exemplo desta categoria de povoados, cuja implantação deixa suspeitar da existência de uma economia agora mais produtiva, eventualmente incluindo a criação de bovinos e a intensificação da cerealicultura. Talvez o crescimento demográfico tenha sido responsável pela fundação destes castros, que poderão ter mantido relações de dependência com os povoados de maior altitude de onde a população procedia.

Os Lusitanos

Não é possível falar da Idade do Ferro em Portugal sem nos referirmos aos Lusitanos. Tradicionalmente, a Serra da Estrela, isto é, o Monte Hermínio dos Antigos, é considerada como o seu solar. Mas já Martins-Sarmento, há mais de um século, escreveu:

"As preocupações literárias, que fariam crer o mais inacessível dos. Hermínios habitado pelos nossos antepassados, os lusitanos, tem de desvanecer-se perante a realidade dos factos. É possível, é provável, que em ocasiões de grande perigo, aquele labirinto de precipícios acenasse com um refúgio seguro às populações dos arredorres, que lhe conhecessem os escaninhos, mas este refúgio era então um esconderijo, um asilo temporário, que não podia guardar-nos vestigios apreciáveis dos seus fugitivos ocupantes"

(Expedição scientifica à Serra da Estrella em 1881. Secção de Archeologia, Lisboa, 1883, p. 7)

Os Lusitanos tinham seus castros não no interior da Serra da Estrela, mas na sua vertente oriental, voltada à Cova da Beira, dispersavam-se ainda pelo que hoje conhecemos como Beira interior, a norte até à Serra da Marofa e a sul, pelo menos até ao Tejo. Mas já Untermann, nos seus mapas linguísticos, mostrou as afinidades do Nordeste alentejano com as Beiras, e José d'Encarnação demonstrou de forma indiscutível as afinidades onomásticas das duas regiões, afinidades aliás também observáveis no plano dos cultos indígenas. Por outro lado, Apiano (Ib. 57) e Orôsio (4, 21, 10) referem-se aos Lusitanos a sul do Tejo. Esta etnia lindava portanto com os Célticos.

A referência mais antiga aos Lusitanos encontra-se na Ora Mantina de Avieno, que fala do prinix Lycis. Nos fins do séc. VI a.C., os Lusitanos encontravam-se, portanto, na Beira. Talvez devamos situar a sua chegada nos inícios do séc. VIII a.C., época em que parece verificar-se na Beira interior uma solução de continuidade, com abandono de pequenos povoados que Raquel Vilaça tem ai recentemente escavado.

Os Lusitanos eram uma população indo-europeia pré-céltica, como se deduz da língua

atestada nas inscrições rupestres do Cabeço das Fráguas e de Lamas de Moledo. Possivelmente, compunham-se de vários tribos. Pelo menos algumas das civitates romanas atestadas na inscrição da ponte de Alcântara devem corresponder a particulares etnias lusitanas as quais, nos fins do séc. La C. os Romanos concederam o estatuto jurídico-administrativo de civitates.

Apesar da importância que os Lusitanos têm no nosso imaginário, não há escavações de castros lusitanos, pelo que desconheceremos a sua cultura material. Povoados como o castro de Caria (Belmonte), o Cabeço dos Mouros (Idanha-a-Nova), Sortelha Velha (Penamacor), Cabeço das Fráguas (Sabugal), Monsanto (Idanha-a-Nova) e Monforte da Beira (Castelo Branco) parece terem sido importantes. Em Monsanto descobriram-se várias jóias de prata juntamente com denários dos séculos ma i a C. sete colares, um bracelete e quatro fibulas, uma delas com rica decoração zoomórfica, para além de várias taças. Em Monforte da Beira, quatro colares de prata e um de ouro. Outras jóias, talvez indiciando castros importantes, acharam-se no Monte do Castelo (Castelo Branco) e no Casal do Chão das Covas (Vila Velha de Rodão).

Segundo as fontes literárias greco-latinas, os Lusitanos teriam vivido num estado de guerra constante, motivado pela pobreza dos solos. A guerra, porém, não a faziam uns contra os outros; desciam com frequência, talvez anualmente, sobre as terras mais ricas e civilizadas da Andaluzia. Teriam estas expedições por objectivo a pilhagem? Seriam destinadas a roubar o que a terra ingrata não proporcionava?

As terras raianas não são assim tão inférteis, as montanhas têm bons pastos e a Cova da Beira, solos de boa capacidade agrícola. A população não parece ter sido tão densa que não pudesse viver dos recursos da terra. Assim, parece difícil explicar a guerra dos Lusitanos por um mecanismo meramente económico e teremos de procurar para ela razões ideológicas, a guerra poderia ter origem numa ética de valentia, que exigiria dos Lusitanos demonstrações de coragem, de denodo.

A chegada dos Romanos

Os Cartagineses não parece terem-se interessado pelo território português antes de fins do séc. III a.C., em data já próxima da segunda guerra púnica. O nome de Portus Hannibalis, registado por Pompônio Mela, é uma prova de que tomaram posições no nosso território. Infelizmente, não sabemos localizar ao certo aquele porto, nem podemos dizer se corresponde a uma nova fundação ou apenas a uma nova designação de algum povoado pre-existente.

Tradicionalmente, situa-se Portus Hamibalis em Portimão. Mela localiza-o no cabo Sacrum. O Sacro de Mela parece corresponder ao cabo Espichel e assim Partos Hamibalis ficaria algures no estuário do Sado, eventualmente no do Tejo.

Segundo Políbio, em 210 a.C., um exército cartaginês, comandado por Magão, encontrava-se estacionado no território dos Cónios, e outro, sob as ordens de Asdrúbal, filho de Giscão, junto da foz do Tejo. Decorria já a segunda guerra púnica, que havia de expulsar os Cartagineses da Península Ibérica

Não nos interessa o desenvolvimento desta guerra, que se travou fora do nosso território.

Vencedores, os Romanos começaram a sistemática conquista da Península.

Não sabemos ao certo quando nem por onde é que entraram no território actualmente português. Talvez nos meados do séc. II a.C. e por Mértola. Em 154 ou 153, a cidade de Canistargis, que, como atrás vimos, talvez se situasse na região de Ourique, era aliada dos Romanos, foi por essa data atacada pelos Lusitanos. Em 151-150 a.C., Galba escolheu a mesma cidade para quartel-general das suas tropas, que ali passaram o inverno. Cerca de 139 a.C., Q. Servilio Cepião terá estabelecido um acampamento em Carpiana que, a julgar pelas coordenadas de Ptolemeu se deve localizar perto de Alcácer do Sal. Logo a seguir, o cônsul Décimo Júnio Bruto fortificou Olisipo. Assim, pelo mais tardar em 138 a.C., os Romanos dominavam o Sul de Portugal, pelo menos abaixo de uma linha que ia de Mértola a Alcácer do Sal e Lisboa. Talvez o Nordeste alentejano não estivesse ainda conquistado.

A primeira investida séria contra os Lusitanos data de 150 a.C., ano em que Sérvio Sulpício Galba e Lúcio Licínio Luculo montaram uma grande expedição contra aquele povo. Derrotados, os Lusitanos pediram a paz, Galba, fingindo aceitar, reuniu-os a pretexto de lhes distribuir terras, mas, traiçoeiramente, depois de os ter desarmado, caiu sobre eles, matando 9.000 e aprisionando 20.000, segundo os autores clássicos, que talvez exagerem os números.

Os Lusitanos recomeçaram a guerra em 147 a.C., agora chefiados por Viriato. Sucessos vários dos Lusitanos levaram os Romanos a proporem a paz e a declararem Viriato amicus populi Romani em 140; mas o tratado não foi cumprido e Viriato foi assassinado em 139 a.C.

Décimo Júnio Bruto, que assumiu em 138 a.C. o governo do Ulterior, estabeleceu bases de operações em Olisipo e Móron (um grande povoado indígena na região de Santarém) e avançou até ao Norte, tendo chegado ao rio Minho. Um estrato de incêndio em Terroso assinala talvez o ataque do cônsul a este povoado. Os tesouros de Laundos e Estela (Póvoa de Varzim), Afrife e Carreço (Viana do Castelo) podem ter sido enterrados aquando desta invasão. A grande vitória que Décimo Júnio Bruto obteve sobre os povos do Noroeste valeu-lhe o cognome de Calaico.

Apesar de o cónsul ter retirado sem deixar guarnições a norte do Douro, esta expedição parece marcar uma viragem importante na evolução do Noroeste.

O Norte dos fins do séc. II a.C. à época de Augusto

A grande revolução do Noroeste deu-se nos fins do séc. II a.C., imediatamente antes ou depois da campanha de Décimo Júnio Bruto, com a emergência de grandes povoados como Sanfins (Paços de Ferreira) e Briteiros (Guimarães). Parece convir a estes povoados o nome de lugares centrais. A população de Briteiros ultrapassaria as 1000 almas e a de Sanfins, as 2000. Ora, os territórios directamente explorados por estes castros não sustentanam tão elevada população. Briteiros e Sanfins hão-de ter tributado outros castros em redor. Assim, estabeleceu-se no Noroeste uma hierarquia de povoados, com aglomerados urbanos principais e outros secundários. Como principais, para além de Briteiros e Sanfins, poderão contar-se também Bagunte (Vila do Conde). Terroso (Póvoa de Varzim), Alvarelhos (Santo Tirso), o Alto das Eiras (Vila Nova de Famalicão). Em todos se notam fortes muralhas e o que podemos chamar proto-urbanismo, com ruas dividindo os povoados em quarteirões.

Ainda nesta época generalizaram-se o torno lento e a mó circular e surgiu o torno rápido.

Uma pergunta ocorre necessariamente: que fenómeno ou fenómenos explicam a emergência dos lugares centrais?

O modelo interpretativo aplicado por Frankenstein e Rowlands aos chefados hallstáticos do centro da Europa não, parece transferivel para o caso português. Segundo aqueles autores, o poder político desenvolve-se a par com o comércio de bens de prestigio procedentes do estrangeiro, por outras palavras, usando a terminologia de Wallerstein, o poder político numa área periférica desenvolve-se através do comércio com uma área central, que, no caso da Europa hallstática, foi o mundo greco-etrusco. O comércio externo era monopolizado pelos chefes hallstáticos e os bens de prestígio (no caso vertente, o vinho e a cerámica grega importados, bem como as jóias de ouro e as carroças de fabrico local) eram distribuidos pelos chefes (suzeranos) a outros chefes menores que se transformavam em vassalos, criando assim um sistema político piramidal.

A importância do comércio externo no Noroeste, nos fins do séc. Il a.C., parece reduzida. É certo que entre 200 e 140 a.C. se verificam algumas importações de cerâmica campaniense. A importação de ânforas vinárias pode ser anterior a Augusto mas possivelmente não remonta ao séc. II. O comércio externo parece muito restrito e insuficiente para provocar a emergência de lugares centrais.

Se os chefes não surgiram para organizar um comércio de bens de prestigio alógenos, poderão ter aparecido para regular a circulação de bens regionais? Essa actividade reguladora pressupõe a diversidade ecológica. Tal diversidade conduziria à especialização produtiva dos povoados, cada um gerando os seus frutos, de acordo com as aptidões das suas terras, e esta especialização traria como consequência a necessidade de trocas que despejassem uns povoados dos excedentes e abastecessem outros daquilo que lhes minguava. Ora, os castros do Noroeste não apresentam essa diversidade ecológica, quanto muito, poderíamos admitir um comércio de sal entre povoados da beira-mar e outros interiores.

A partir da campanha de Décimo Júnio Bruto, o perigo de novos ataques romanos era evidente. Talvez a necessidade de organizar a delesa tenha sido o motor da integração política dos povoados castrejos sob a égide de alguns lugares centrais e dos seus correspondentes chefes.

A integração política poderá ter sido, por outro lado, o factor que determinou a consciência étnica, isto é, a consciência das identidades e diferenças dos povos. O quadro dos populi pré-romanos do Noroeste pode deduzir-se de Plínio e completar-se com alguns achados epigráficos. Quando e como se formaram esses populi, isto é, quando é que se gerou a consciência étnica? O fenómeno está certamente relacionado com a integração política.

A conquista do Norte de Portugal foi completada por Augusto em 25 a.C.; mas essa conquista não marcou totalmente o fim de uma época, porque as culturas não morrem nas batalhas. A cultura castreja foi desaparecendo lentamente, foi-se despedindo, e por muitas décadas ainda, após Augusto, sobreviveu nos castros mais humildes e mais distantes das vias por onde agora já não marchavam as águtas dos exércitos imperiais, mas caminhava a Pax Romana.

Bibliografia sumária

AUXCAO, J. de (1992) - A evolução da cultura castreja. Comobiga. Combra. 31.39.71 BERAO, C. M. (1986) - Elecciolisation populistorapie du Sud du Protagal. Paris-Boccard: Casarro, T. J. (1988) - Social complexity is Southerst Heria (400-400 B.C.) the cine of Tarteses Oxford-BAR BAR International Series: 439) MARTINS, M. (1990) -O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso medio do Cavado, Braga, Steva, A. C. F. (1986) - A cultura custresa na Naraeste de Portugal. Paços de Ferreira. Museu Arqueológico da Ciráma de Sonfiny Steva, A. C. E. da, GONES, M. V. (1992) - Proto-britána de Partiqui. Lisboa Universidade Aberta.

Tartesso 1

Ana Margarida Arruda

Introdução

Tartesso constitui um dos temas mais debatidos e também mais problemáticos da arqueologia ibérica. A investigação sobre Tartesso teve sempre que enfrentar um conjunto de problemas muito vasto e, não raramente, tropeçou nas múltiplas armadilhas que as aparentemente numerosas fontes contêm. E, no entanto, são muito numerosos, e frequentemente amplos, os textos que já se produziram sobre o assunto. Apesar dessa imensidão de bibliografia produzida sobre Tartesso, sobretudo após a obra que o investigador alemão A. Schulten publicou nos anos 20, o tema continua a despertar o interesse dos arqueólogos peninsulares, suscitando vivas e apaixonadas discussões, estando, assim, longe de se encontrar esgotado. No entanto, a moderna investigação sobre Tartesso incide sobre questões distintas das que inicialmente se colocaram, ou porque estas foram já devidamente esclarecidas ou porque não parecem relevantes no momento actual.

Parece, pois, imprescindível que relembremos algumas das questões que se referem a Tartesso, fazendo ao mesmo tempo um balanço dos conhecimentos adquiridos e das problemáticas que hoje em dia se colocam à investigação.

As fontes: um balanço crítico

Se a identificação de Tartesso com a Atlândida de Platão foi, há muito, ultrapassada, as referências biblicas a Tarshish continuam ainda a merecer alguma atenção. É sabido que a identificação de Tartesso com a Tarshish biblica foi, durante largos anos, tida como segura, servindo, inclusivamente, as teses que preconizavam a existência de uma pré-colonização fenícia no Ocidente, uma vez que implicava a existência de um tráfico naval, relativamente intenso, entre Tiro e a Andaluzia desde o reinado de Hiram i

Grafa-se Tariesso e não Tartessos, seguindo o critério inado pelo Prof. Ribeiro Ferreira na tradução da Orla Maritima de Rulio Festo Avieno. Lisboa, INIC, 1985 O principal problema consiste no facto de a palavra Tarshish ter sido utilizada ao longo de 400 anos, tendo o seu significado variado conforme a época e os autores. Continuando ainda hoje a desconhecer-se qual o significado em Hebreu da palavra, sabemos que nem sempre ela se referia a um topónimo, designando, por vezes, uma pedra preciosa ou um tipo específico de embarcação. No entanto, é praticamente seguro que as referências mais antigas (Livro dos Reis) que referem das «naves de Tarshish», não estão a nomear a Tartesso Ocidental. A indicação expressa da carga transportada (ouro, prata, marfim, macacos e pavões) evidencia que aquelas naves não tinham partido de qualquer porto do Ocidente, mas que eram provenientes de um lugar localizado algures no Mar Vermelho.

Só a partir dos séculos VI-V a.C. (Génesis) o termo Tarshish se aplica a um lugar localizado no Mediterrâneo. Apenas as traduções tardias do livro do Génesis (séculos III-II a.C.) indicam concretamente que Tarshish é Gadir, apesar de em algumas passagens a identificarem com Cartago

Parece pois claro que o acepção do termo Tarshish se alterou ao longo dos tempos, tendose perdido o seu significado original. Viria, tardiamente, a confundir-se com o não menos confuso vocabulo Tartesso de época helenística.

De facto, também durante a época clássica. Tartesso não teve um sentido univoco, designando um rio, (Estesicoro em Estrabão), um reino fabulosamente rico, com reis que viviam 150 anos, como Argantônio (Heródoto) e uma cidade (Estrabão). Esta última acepção apareceu, no entanto, muito tardiamente (século I a.C.) e Tartesso chegou mesmo a confundir-se com Gadir.

O que importa ter realmente em atenção é que o mito de um fabulosa Tartesso, extraordinariamente riça e prestigiada, surge num momento em que esta teria já desaparecido.

A investigação sobre Tartesso

Até aos anos 60, foi quase exclusivamente com os dados das fontes clássicas que a investigação se processou, sendo neste contexto que surgiu, nos inícios dos anos 20, a obra de A. Schulten «Tartessos». Considerada por muitos como responsável pelo arranque da pesquisa sobre o tema, é o resultado de um trabalho muito aprofundado e exaustivo que realizou sobre os textos. O erudito alemão, impressionado pelas descrições que faziam de Tartesso um verdadeiro «El Dorado» Ocidental, iria dedicar toda a sua vida a tentar localizar Tartesso, com uma determinação que impressiona. As relações de amizade entre Tartesso e os Cregos focenses, as viagens de Samios (Colaios) a este lugar do Ocidente, e, sobretudo, a enorme riqueza deste reino, em que os seus governantes viviam 150 anos, eram dados que o investigador germánico tinha, atentamente, lido em Heródoto. Provocaram-lhe uma imensa vontade de tocar com as suas próprias mãos pedaços de história, certamente, esperando que a sorte lhe sorrisse, como tinha acontecido a Sehliemann que acreditava que a fortuna lhe tinha permitido encontrar a Tróia homérica. Sabemos que o sábio alemão não conseguiu satisfazer o desejo da sua vida, apesar de todo o seu esforço para encontrar materialmente a cidade mítica. Convencido que ela só podia localizar-se na área do Guadalquivir, escavou prolongadamente o Coto de Doñana. O grande problema de Schulten, imbuído de teorias históricas que podemos integrar na escola pós-romântica, foi a tentativa de valorizar alguns dados, que inevitavelmente retirava do seu contexto original, e que lhe possibilitavam comprovar as suas teorias. Acreditando convictamente que uma tão brilhante civilização só poderia ter tido uma origem grega, encontra nos capacetes gregos da ria de Huelva e de Guadalete e num anel romano que ostenta uma inscrição grega, por ele próprio encontrado no Coto de Doñana, os argumentos que necessita para exaltar a origem cretense ou tirsénica de Tartesso.

O que importa realçar da obra de Schulten, sobretudo pelas consequências que tem na investigação posterior, é o seu aspecto difusionista, uma vez que as coordenadas de Tartesso eram claramente externas à realidade peninsular, neste caso gregas, esquecendo-se toda a realidade pré e proto-histórica anterior.

A partir dos anos 60, multiplicaram-se, no Sul da Península, as descobertas de sítios relacionados com a presença fenícia. Imediatamente se iniciou um processo de valorização da componente semita na formação e desenvolvimento de Tartesso. As teses continuaram pois, nesta 2º metade do século XX, a ignorar o próprio desenvolvimento interno da sociedade indígena desde o Bronze Final, ou seja desde um momento anterior à chegada de quaisquer colonos orientais. Fenícios ou Gregos, tanto faz. Usa-se e abusa-se do termo orientalizante, e expressões como «semitização», «aculturação», «impacto» e «influência» dominam no vocabulário dos trabalhos realizados sobre a Proto-História do Sul penínsular.

Nos trabalhos posteriores aos anos 60, e até aos anos 80, mantêm-se pois todos os tiques das perspectivas difusionistas de Adolfo Schulten, atribuindo à presença e ao comércio fenícios todas as responsabilidades no desenvolvimento da sociedade tartéssica. Alguns trabalhos, contudo, continuaram a privilegiar o elemento grego, sobretudo após algumas descobertas de cerâmica grega terem sido, recentemente, feitas na cidade de Huelva. Ainda hoje, alguns investigadores continuam a defender que é na chegada de povos mediterrânicos à Península Ibérica, Gregos ou Fenícios consoante as perspectivas dos diferentes autores, que se encontram as respostas para questões relacionadas com a estrutura social, económica e política da sociedade tartéssica. Agarrando-se aos dados que a arqueologia de metodologia positivista que praticam lhes vai fornecendo, não estão longe, afinal, da postura do pioneiro alemão, colocando-se numa perspectiva, por vezes, toscamente, difusionista

A partir dos finais dos anos 80, os estudos sobre Tartesso iniciam uma nova etapa. Parte-se agora do postulado que não é, exclusivamente, nos factores externos que se encontram os motivos das transformações da sociedade tartéssica, mas que é no Bronze Final que se deve procurar a sua génese.

O regime político

Outra das questões herdadas da investigação dos inícios do século diz respeito ao tipo de estado e de regime político que teria existido em Tartesso. As fontes clássicas definem Tartesso como uma monarquia hereditária, enumerando os reis e narrando os mitos da sua origem. A mitologia conta que Cargoris foi o fundador da monarquia tartéssica. A ele se seguiu Habis, o mais importante rei mítico de Tartesso. Fruto de uma relação proibida da filha de Cargoris, foi abandonado, mas sobreviveu alimentado por animais, acabando por ser nomeado herdeiro do avo. A ele se ficaram a dever

o conjunto de leis pelo qual se regeu a sociedade tartéssica, para além de ter introduzido inovações tecnológicas na agricultura.

Argantónio, que recebeu os focenses, é o rei lendário pela sua longevidade descrito por Heródoto.

As observações que já anteriormente fizemos sobre o valor das fontes são, aqui, igualmente válidas. É necessário ter em conta que a existência de classes sociais claramente diferenciadas, como sugerem os relatos relativos a Habis, não parece claramente demonstrada.

A intensificação dos trabalhos arqueológicos em povoados e necrópoles dos inícios da Idade do Ferro tem vindo a mostrar uma realidade que não se coaduna completamente com a ideia de uma sociedade fortemente estratificada. A grande maioria dos povoados apresenta características pré-urbanas, independentemente de alguns possuírem traçados mais ou menos rectilíneos, não se detectando, por exemplo, quaisquer áreas diferenciadas socialmente. É pois difícil aceitar, sem reservas, a existência de um reino poderoso no Sul peninsular durante os séculos VIII-VI a. C.

Os dados disponíveis apontam preferencialmente para uma sociedade fortemente hierarquizada, dispondo de élites que, naturalmente, beneficiaram com a chegada das populações mediterrânicas. Parece claro que a presença de comerciantes orientais no Sul da Península, beneficiando economicamente as élites da sociedade tartéssica, que tiveram acesso a determinados bens de prestígio, contribuiu para acentuar a hierarquização existente, o que inevitavelmente conduziu, mais tarde, a uma progressiva estratificação social. Mas é importante reter que a origem dessa hierarquização deve procurar-se no Bronze Final e é já uma realidade indesmentível no momento da chegada dos comerciantes orientais, sendo portanto anterior a esta. A existência de um estado forte, centralizador e organizado num território concreto e amplo durante os inícios da Idade do Ferro parece hipótese muito difícil de sustentar. Como há pouco tempo defendi, os dados apontam preferencialmente para a existência de pequenas unidades político-administrativas, baseadas num sistema de consanguinidade, apesar de certamente interactivas.

Bibliografia sumária

ARRUDA, A. M. (1993) - A Idade do Ferro no Centro/Sul. In MEDINA, J., dir. - Hettima de Pertugal. Amadora. Ediclube. p. 45-87. vol. 2. AUBET, M. E. (1994) - Tiro y las colonias Francias de Occidente Barcelona. Crítica. SCHULTEN, A. (1984) - Turfroon. Madrid. Espasa Calpe. WAGNER, C. (1992) - Turtenos en la historiografia una revisión crítica: 100 años de mentigación: Almeria-Instituto de Estudios Almeriereses: p.81-115 (Humanidades; 5).

WAGNER, C. (1993) - Turtessos y el periodo orientalizante. Hispania: Antiqua: Valladolid. Universidad. 17. p. 419-434.

Os Fenícios no Ocidente

Ana Margarida Arruda

O problema cronológico

Os textos Veleio Patérculo, Plínio ou Diodoro fixaram no século XII a.C. a fundação dos primeiros estabelecimentos fenícios no Ocidente. Estas datas, aceites sem qualquer contestação durante muitos anos, vieram a ser postas em causa pelo avanço da pesquisa arqueológica, sendo hoje difícil aceitar que a fundação de Gadir, Lixus ou Útica possa ser anterior ao 1º milénio a C.

As contradições registadas entre os dados arqueológicos e a tradição literária acabariam por produzir uma ampla discussão na comunidade científica contemporânea, dividindo os campos entre os partidários da veracidade das informações colhidas nos textos greco-latinos e os que defendiam que se deveria atender exclusivamente às datações obtidas pelo processo arqueológico.

Uma tentativa de conciliar o irreconciliável produziu a test da pré-colonização, na qual se defendia que, durante os séculos XII a VIII a.C., o Ocidente teria sido frequentado por navegadores provenientes do Mediterrâneo Oriental, num movimento prévio à fundação de núcleos urbanos. Essas viagens iniciais teriam por função estabelecer contactos exploratórios e preparatórios da colonização e estariam demonstradas por alguns materiais arqueológicos (na realidade, quase todos isolados e descontextualizados), para os quais se reivindicavam datações bastante altas.

Os argumentos mobilizados a favor das várias teses e, naturalmente, a polémica que têm gerado mostram claramente que a questão da cronologia não é problema que se possa minimizar.

Importa assim ter em consideração que a totalidade dos mitos e tradições sobre a chegada dos Fenícios à Península Ibérica foi produzida na época helenística, ou seja: mais de 500 anos depois dos acontecimentos a que se referem. São pois informações muito tardias e, sobretudo, elaboradas numa época bastante particular. Devem, portanto, ser encaradas com as necessárias reservas.

Na época helenística, verifica-se uma tendência para enobrecer exageradamente a origem de algumas cidades do Ocidente, sendo obrigatório não esquecer que, nesta época (século II e I a.C.). Cádiz apresentava grande prosperidade e grandeza. O seu prestigiado santuário - o Heracleion gaditano - era visitado por personalidades de grande importância na época, como, por exemplo, Aníbal, Políbio e Júlio César, o que lhe conferia enorme notoriedade e o que certamente contribuiu para que lhe fosse proposta uma grande antiguidade.

Foi justamente em Atenas, e a partir do século IV a.C., que Hércules começou a ser identificado com o deus fenício Melkaart. Foi também nesta época que as viagens de Hércules foram localizadas no Ocidente, sendo associadas à fundação do templo de Gadir.

Parecia assim evidente a necessidade de situar os acontecimentos em função do mito do retorno dos Heráclidas à Grécia no final da Guerra de Tróia, aproximando as fundações tírias de datas próximas de um acontecimento que proporcionava a primeira data histórica conhecida. Gadir, os Fenícios, Hércules, Melkaart, aparecem assim confundidos num mesmo bloco de mitos e lendas.

É neste contexto que surge a data de 1100 - 80 anos após a queda de Tróia - para a fundação de Gadir.

Parece assim claro que o conjunto dos testemunhos que nos transmitiram os historiadores clássicos corresponde a uma especulação erudita datada da época helenística, considerando Homero como fonte histórica e relacionando os ciclos troianos com o mito de Hércules no Ocidente e com as fundações tírias.

A crítica e a necessária contextualização das fontes clássicas inviabiliza a pretensão de continuar a sustentar que a presença fenícia no Ocidente possa remontar aos finais do 2º milênio a.C.

Mas foram sobretudo os testemunhos arqueológicos que obrigaram os investigadores a reflectirem mais detalhadamente sobre a questão da cronologia das primeiras viagens de Fenícios para o Ocidente. Os trabalhos realizados nos sítios fenícios da costa de Málaga e Granada, e mesmo na área urbana de Cádiz, forneceram datações que não podiam ser anteriores ao século VIII a.C. Estes dados obrigaram a generalidade dos arqueólogos a reflectirem mais profundamente sobre toda a problemática das datações, debruçando-se de novo, e com um outro olhar, sobre os textos clássicos, ao mesmo tempo que se procurava uma abordagem à própria História da Fenícia em geral e de Tiro em particular, de modo a integrar a realidade colonial ocidental no contexto que a tinha produzido.

O modelo pré-colonial

Foi também na sequência dos resultados arqueológicos obtidos nos sítios fenícios da costa da Andaluzia que ganhou contornos definidos a tese da pré-colonização, esboçada nos anos 60 por Tarradell.

Esta tese explicava as divergências encontradas entre as datas das fontes clássicas e as que a arqueologia fornecia, defendendo a existência de um período chamado pré-colonial, que não teria registado estabelecimentos fixos ou permanentes, mas que teria durado cerca de 300 anos. Esta fase precederia a fundação de núcleos coloniais e caracterizava-se pela circulação de objectos de luxo e por um comércio de troca simples, que não deixaria vestígios significativos no registo arqueológico.

As provas materiais desta pré-colonização encontrar-se-iam em alguns materiais

arqueológicos (peças de marfim decoradas encontradas em Carmona, província de Sevilha e taça de Berzocana, por exemplo), na realidade, quase todos descontextualizados, mas, sobretudo, nas representações gravadas nas estelas funerárias da Idade do Bronze, do tipo II ou estremenho, muito abundantes no território português. Os escudos com chanfro em V, as fibulas de cotovelo, os capacetes de cornos e os carros gravados nessas estelas são os materiais que mais frequentemente se têm relacionado com o mundo oriental.

Esta posição não é, contudo, completamente pacífica. A etapa pré-colonial não está de forma alguma comprovada arqueologicamente, não sendo segura a origem oriental das representações gravadas nas estelas do Bronze Final. E as próprias peças de marfim encontradas em Carmona, que foram relacionados com os marfins cananeus do 2º milênio a C., são afinal peças de artesanato fenício e devem ser datadas dos séculos VIII e VII a C.

Assim, considerar ponto assente a existência de navegações fenícias e/ou orientais para o Ocidente peninsular, com intuitos comerciais, anteriores ao século VIII a. C é hipótese prematura, sem consistência efectiva.

Não deixa, aliás, de causar estranheza que tivessem sido justamente tocadas pelas influências orientais préficoloniais áreas onde posteriormente ao século VIII a.C. (época a partir da qual está efectivamente documentada arqueologicamente a existência de Fenícios na Península Ibérica) não se detecta um povoamento sidérico de características orientalizantes (Alto Alentejo interior e Beira Baixa).

Assim, a localização em regiões interiores das estelas tipo estremenho não é totalmente compatível com as teses que prevêem navegações esporádicas, com intuitos comerciais, de Fenícios para Ocidente e que teriam por finalidade lançar as bases para a instalação das suas futuras fundações coloniais.

No Bronze Final, a quase completa ausência de elementos orientais, ou inspirados em modelos orientais (excepção feita ao monumento funerário da Roça do Casal do Meio), nas regiões costeiras do litoral Centro/Sul peninsular, não pode ser esquecida. Realmente não é indiscutível, muito pelo contrário, por um lado, a filiação na região mediterrânica dos punhais tipo Porto de Môs e dos machados de aletas (tão abundantes na Estremadura portuguesa e Ribatejo), e por outro, mesmo que tal assim fosse, que eles tivessem chegado à Península Ibérica através de um qualquer comércio oriental.

Naturalmente que se não pretende negar que a Península Ibérica tivesse mantido contactos com o Mediterrâneo durante o Bronze Final. Aliás, a existência desses contactos pode mesmo remontar a períodos bem anteriores, pelo menos desde o Calcolítico, período em que determinadas inovações agrícolas (técnica de regadio) e técnicas construtivas (tboloi de cobertura ligeira) parecem ser abrangentes a uma ampla região, incluindo grande parte do Mediterrâneo. Contudo, parece prematuro, com base nos elementos actualmente disponíveis, falar, para esta fase, de comércio a longa distância (mesmo «silencioso») entre o Mediterrâneo Oriental e a Península Ibérica.

Com segurança, só para um período a partir dos inícios do século VIII a.C. podemos falar de comércio e instalação de populações fenícias na Península Ibérica, o que aliás parece razoável, de acordo com os dados que possuimos para a própria História da expansão fenícia para o Mediterrâneo.

Sabemos que é apenas no reinado de Hiram I (meados do séc. x a.C.) que Tiro se torna

potência política e naval. Durante os séculos XII e XI, Tiro não é mencionada em qualquer documento oficial, parecendo não ter qualquer importância política no âmbito oriental, contrariamente ao que se verifica com Sídon ou Biblos. Qualquer projecção internacional de Tiro terá forçosamente que ser posterior ao século X a.C.

Há ainda que frisar o facto de a expansão fenícia para Ocidente ter sido efectivamente obra de Tiro e mesmo quando se formou um estado Tiro-Sídon a iniciativa e direcção política e económica da expansão foi assumida pela primeira das duas cidades.

A partir do século X a.C. Tiro vai adquirindo importância política e económica. Durante o século x e primeira metade do IX a.C., Tiro assegura o controle dos territórios no continente, para a partir de finais do século IX a.C. se lançar num processo expansionista iniciado em 820 a.C. com a fundação de Kition.

As causas da expansão

Um dos pesados lastros que a historiografia tradicional nos deixou foi a convicção de que a expansão fenícia para Ocidente se devia exclusivamente à pressão que a Assíria exercia sobre Tiro. Assim, as viagens para Ocidente teriam tido como único objectivo procurar a prata que os reis assírios exigiam como pagamento de tributos devidos, reduzindo-se o papel da expansão tíria a uma mera atitude reflexa frente às exigências fiscais do imperialismo assírio, típica de uma relação de vassalagem.

A nova investigação, sobretudo aquela que incidiu sobre a evolução política das cidades fenícias, veio provar que, apesar do papel que a Assíria representou nesta época no Próximo Oriente, Tiro conseguiu manter-se autónoma até à conquista no século VI, por Nabucodonosor.

Acredita-se hoje que não houve um factor causal único no processo expansionista fenício, mas que foi um conjunto de elementos vários que o desencadearam. E que é ainda na própria dinâmica interna da sociedade fenícia que se devem procurar as causas da sua expansão. Parece, no entanto, necessário explicitar, desde já, que um empreendimento como a manutenção de uma expansão colonial para territórios muito distantes e ultramarinos só pode ser possível num momento de grande estabilidade social, económica e política e nunca em época de crise.

Naturalmente, não se pretende negar que Tiro se viu obrigada a pagar tributo à Assíria e que esse tributo era essencialmente constituído por prata, mas também por estanho, ferro e chumbo. No entanto, um aumento demográfico acompanhado por um tradicional describando de produtos de luxo, que requeriam matérias-primas exóticas, e ainda metais preciosos, foram também determinantes neste processo.

Não podemos deixar de referir também que não interessava à Assíria a destruição ou submissão total de Tiro. Não tendo capacidade para se substituir à cidade fenícia num processo de colonização ultramarina (que esta tão bem dominava), e necessitando dos produtos resultantes da colonização ocidental, nomeadamente dos metais, preferiu actuar para com Tiro de forma que beneficiasse as duas partes, não lhe destruindo o seu império colonial.

Com as suas fundações no extremo Ocidente, Tiro pode assim alcançar os seus objectivos

imediatos: garantir o aprovisionamento em prata e em outros metais, como o estanho, resolver o problema da sobrepopulação e obter recursos alimentares consideráveis. Certamente que este movimento, que implica a movimentação de mercadores, transportadores, marinheiros pilotos, técnicos, artesãos, mineiros etc., comportando por isso mesmo custos consideráveis, tem que ser necessariamente rentável de modo a que se justifique todo o esforço despendido.

Deste modo, temos que admitir que a colonização fenícia para o Ocidente teve implicações de vária natureza, nomeadamente territoriais, agrícolas e demográficas, mas onde a actividade comercial, nomeadamente o comércio da prata, teve papel relevante e essencial.

Fenícios na Península Ibérica

Sabemos que a Península Ibérica era particularmente rica em prata e sabemos do significado deste metal para os colonizadores tírios.

A implantação da colónia fenícia de Gadir (a actual cidade de Cádiz) em zona com facilidades portuárias, dominando uma importante enseada que facilitava o acesso directo ao Guadalquivir, é um importante dado a reter. A sua situação geográfica, na costa ocidental da Andaluzia e próximo do reino de Tartesso, é particularmente significativa no que diz respeito à exploração da riqueza em metais da área compreendida entre o Guadalquivir e a região de Huelva. Os autores clássicos não se cansaram de mencionar a riqueza em prata do reino de Tartesso, inferindo-se através do texto de Diodoro que Gadir, e a prata tartéssica que daí se exportava, poderia ter sido responsável pela riqueza de Tiro e, em grande parte, pela instalação das colónias do Mediterrâneo Central (África, Sardenha e Sicília).

A sua fundação e, sobretudo, o seu sumptuoso templo dedicado a Melkaart são minuciosamente descritos nos textos antigos. E uma das informações transmitida por Diodoro, porventura a mais importante, diz respeito às suas funções e objectivos. A fundação de Gadir teve, assim, como objectivo único o comércio.

O que importa reter dos mitos e lendas da fundação de Gadir é a clara determinação de Tiro de fundar uma colónia, com objectivos comerciais, nas proximidades de um território rico em metais preciosos, como o ouro e a prata, mas também em cobre.

A referência ao deus Melkaart na fundação de Gadir, deduzida a partir da prévia consulta dos colonizadores ao oráculo tírio, implica que possamos pensar que o estabelecimento dos Fenícios na Andaluzia se deve ao templo tírio, ou seja ao poder central, uma vez que, em Tiro, o deus Melkaart sempre representou o poder monárquico. Além disso, a coincidência entre templo/fundação colonial mostra a vontade política da realeza da metrópole em iniciar com o Ocidente relações comerciais regulares e organizadas.

A relação estabelecida entre Melkaart e a fundação de Gadir traz-nos também informações preciosas sobre a desgastada questão cronológica da fundação da colónia, uma vez que na Fenícia o seu culto não é anterior ao século x a.C. Assim, uma vez mais, se torna impossível acreditar na fiabilidade da cronologia proposta por Veleio Patérculo (século XII a.C.) para essa fundação. A arqueologia da área tartéssica (províncias de Huelva e Sevilha) tem vindo a demonstrar que a procura de metais, nomeadamente a prata, contribuiu decisivamente para fundação de Cadir. As populações indígenas das áreas mineiras de Rio-Tinto (Huelva) e de Aznalcollar (Sevilha) dedicaram-se, a partir de um momento que coincide com a presença de vestígios fenícios na zona, à extração intensiva de prata, ouro e cobre.

Assim, Gadir receberia directamente através do Guadalquivir a prata extraída nas minas da actual província de Sevilha. Por outro lado, os metais extraídos na região de Rio-Tinto, concretamente no Cerro Salomón, desceriam o rio, já sob a forma de lingotes, chegando a Huelva, sítio indígena tartéssico muito frequentado por Fenícios, certamente provenientes de Gadir.

Naturalmente, a procura da prata e outros metais por parte dos Fenicios influenciou decisivamente o incremento e aumento da exploração e produção mineiras das comunidades indígenas. O comércio da prata implicou, necessariamente, o enriquecimento, não só de Tiro, como já foi referido, mas igualmente das populações indígenas, enriquecimento bem visível numa série de objectos de luxo, como jóias, marfins, vidros e jarros de bronze, encontrados em povoados e necrópoles de populações autóctones como Huelva, Carmona, Carambolo, Setefilla, Aliseda, Cástulo...

Se os dados que a arqueologia vai recolhendo em Gadir em nada surpreendem, uma vez que os textos eram, por si sós, significativos da importância que esta colónia ocidental tinha adquirido, outras situações viriam a causar grande agitação na comunidade científica.

Numa franja costeira localizada entre Almeria e Málaga, foram identificados, a partir da década de 60, um conjunto muito significativo de sítios arqueológicos com espólios e características fenícios.

São pequenas cidades que dominam os estuários dos rios das provincias de Cádiz, Málaga, Granada e Almeria. A população que habitava esses sítios era de origem oriental e tinha-se aqui fixado num momento correspondente ao início da expansão (770 a.C.). Cerro del Prado, Toscanos, Mezquitilla e Chorreras, só para citar alguns, com as suas necrópoles e os seus armazéns, cedo iniciam contactos com o *binterland* indígena. As localizações geográficas que apresentam, em baías e enseadas bem protegidas, reúnem as condições necessárias para o fundear de navios. A arqueologia tem mostrado que a actividade industrial tintureira, a pesca e o comércio, foram actividades económicas fundamentais, a que devemos juntar a agricultura e a criação de gado. Estas pequenas colónias fenícias eram pois relativamente autónomas do ponto de vista económico, com um aproveitamento dos recursos do território imediato que lhes garantia essa autonomia. A sua concentração e proximidade, sendo praticamente inéditas em qualquer colonialismo clássico, permitiu que recentemente se tivesse defendido que estes sítios representavam um modelo de colonização agrícola bastante original.

Também no território actualmente português são já numerosos os dados recolhidos sobre a presença fenícia. Escavações arqueológicas levadas a efeito em vários povoados e necrópoles da Idade do Ferro permitiram recolher espólios de características orientais, seguramente resultantes de actividade comercial, ficando demonstrado que o raio de influência dos Fenícios não se limitou, mesmo desde o início da instalação em Gadir, à região tartéssica.

A totalidade desses povoados localiza-se na região litoral, mais concretamente nos estuários dos grandes rios. Os trabalhos arqueológicos que sobre eles têm incidido mostram o carácter

indígena da origem da grande maioria, tendo-se, quase sempre, registado níveis de ocupação do Bronze Final.

As teses tradicionais tendem a explicar a existência destes povoados como pontos de apoio à navegação nas viagens de Fenícios às Cassiténdes. De facto, a procura do estanho, metal praticamente inexistente no Mediterrâneo Oriental, está bem documentada nos textos clássicos. Tanto Avieno como Estrabão referem as viagens de Tartéssicos e Fenícios ao Atlântico justamente com esse fim.

No entanto, a localização geográfica dos povoados permite outras interpretações.

Como já se disse, os sitios com características orientalizantes identificados no nosso território localizam-se, na totalidade, nos estuários dos grandes rios navegáveis. São localizações que facilitam o acesso às regiões interiores, nomeadamente ao Alentejo (o Guadiana, o Sado e o Tejo) e às Beiras (o Tejo e o Mondego).

A riqueza em prata e cobre do Alentejo, e em estanho e ouro das Beiras está, certamente, na origem da localização destes aglomerados urbanos. As relações do interior alentejano com as regiões ribeirinhas está, aliás, bem atestada pela presença de elementos de clara origem oriental encontrados em algumas necrópoles, nomeadamente nos concelhos de Castro Verde e Ourique, revelando contactos que só se justificam através de intercâmbios comerciais, onde o cobre terá tido papel muito relevante. Também importa lembrar que alguns dos povoados referidos se localizam bem no interior dos estuários, como é, por exemplo, o caso de Santarém.

Assim, e para além de eventualmente terem servido como pontos de apoio à navegação para as Cassitérides, os povoados com espólios de filiação orientalizante e localizados nos estuários do Guadiana, Sado e Mondego, foram, seguramente, importantes locais de comércio.

Os dados disponíveis sobre estes sítios permitem-nos pensar que foi justamente a actividade comercial que esteve na origem da sua fundação. Este comércio, cujos agentes externos foram, quase seguramente, os Fenícios instalados em Gadir, implicou certamente o estabelecimento de uma teia de complexas relações de interdependência entre as populações indígenas do litoral português e aquelas que, no interior, se dedicavam à exploração mineira.

Para além deste intenso povoamento indígena, que mantém contactos comerciais com os navegadores orientais, podemos hoje afirmar que populações de origem fenícia se instalaram no nosso território. Abul no estuário do Sado e Santa Olaia no do Mondego são sitios cujas características topográficas e a própria organização urbana lembram os estabelecimentos da costa da Andaluzia mediterrânica. No entanto, e contrariamente a estes, localizam-se em áreas onde existem povoados indígenas de grande importância e onde se recolheu um abundante espólio orientalizante. É o caso de Alcácer do Sal, próximo de Abul, e de Conimbriga, no Mondego.

Parece assim que, no caso português, não estamos em presença da colonização agrícola que se verifica na costa de Málaga e Granada. Tratar-se-á aqui, muito possivelmente, de sítios destinados ao controle da actividade comercial, funcionando como intermediários permanentes entre a sociedade indígena e detentora da exploração metalifera e os Fenícios de Gadir.

A presença fenícia no Ocidente trouxe consigo um conjunto de inovações tecnológicas de que se destacam: a roda de oleiro e a técnica da redução do ferro. A escrita, conhecida na Península Ibérica a partir do século VIII a.C., parece também ter sido introduzida pelos Fenícios.

Se é relativamente pacífico quais foram os produtos ocidentais exportados, via Gadir, para

Oriente mediterrânico, o mesmo não se pode dizer das contrapartidas comerciais oferecidas pelos navegadores orientais, em troca dos metais do território português. No entanto, alguns elementos permitem-nos supor que o grosso das importações era constituído por produtos manufacturados e alimentares. Entre estes últimos devemos destacar o vinho e o azeite.

Os produtos manufacturados orientais abundam no nosso território, tanto em povoados como em necrópoles. Cerâmicas, jóras de ouro e prata, contas de colar de pasta vítrea e âmbar, escaravelhos egípcios ou egipcizantes fazem parte do conjunto.

Outros produtos orientais podem ter igualmente sido trazidos por estes comerciantes. Sabe-se que os tecidos foram abundantemente produzidos na Fenícia e não é improvável que tenham sido exportados para o Ocidente penínsular. Os dados sobre estas exportações são todavia inexistentes considere-se a perecibilidade do produto.

Os perfumes ou óleos perfumados contam-se entre os materiais que, podendo também ter sido alvo de exportação, não são detectáveis pelo processo arqueológico. No entanto, os pequenos vasos de pasta vítrea podem sugerir o seu transporte.

Para além dos objectos que devem atribuir-se directamente ao comércio fenício, foram também encontrados no território actualmente português várias peças que se relacionam com o mundo tartéssico orientalizante, ou seja: objectos fabricados em oficinas indígenas que seguem modelos tipicamente orientais. A sua presença em Portugal não pode relacionar-se directamente com o comércio fenício, mas deve conectar-se com os contactos do nosso território com a região tartéssica.

É o caso dos anokhoar, dos obraseiros com asas de mão o, e dos thymiateria de bronze, bastante conhecidos no Sul de Espanha e igualmente documentados em Chipre e na Palestina. Ainda nesta situação está a pequena estatueta de bronze que parece representar um smiting god. Tratar-se-ia da representação de um deus ameaçador, que pode facilmente relacionar-se com as navegações de Fenícios para o Ocidente dadas as semelhanças com outras encontradas no Próximo Oriente e em todo o Mediterrâneo Oriental.

A maioria destes objectos tartéssicos são provenientes do Baixo Alentejo. Penso que este facto se deve relacionar com a existência, durante a Idade do Ferro, de fortes relações entre as duas regiões, necessariamente decorrentes de uma rota comercial terrestre que ligaria a região de Huelva à foz do Tejo e cujas origens são muito remotas.

O século VI a.C. e o fim do comércio fenício na Península Ibérica

A partir dos inícios do século VI a.C., começa o declínio dos estabelecimentos fenícios da Península Ibérica. Alguns, como Cerro del Vilar-Guadalhorce, são abandonados, noutros, os armazéns são encerrados, o espaço urbano retrai-se e constroem-se fortificações (Toscanos).

Na área tartéssica, o registo arqueológico mostra, de facto, uma acentuada decadência, mas apenas a partir de meados/finais do século VI a.C. É apenas nesta altura que a exploração mineira diminui, cessando então a exploração da prata.

Esta situação pode dever-se a várias causas.

As teses tradicionais têm tendência a relacionar a decadência dos sítios fenícios da Península Ibérica, e posteriormente da área tartéssica, com os acontecimentos veníficados no Próximo Oriente sensivelmente nesta época.

O difícil equilibrio sempre mantido entre as diversas potências orientais começa a ser rompido no século VII a.C., caindo o império assírio nas mãos do poder babilónico em 613 a.C.

Inevitavelmente, este facto teve grandes repercussões na Fenicia, muito particularmente em Tiro, uma vez que o comércio da prata, que Tiro controlava, tinha como objectivo fundamental ahastecer deste metal os assírios. Como é sabido, as campanhas bahilónicas continuaram, tendo Israel sido conquistada e o seu povo deportado em 578 a.C.

Nabucodonosor acabará também por tomar Tiro no ano de 573 a.C. depois de 13 anos de cerco. O rei Ethaba'al abdica e Tiro entra na órbita do poder neo-babilónico.

Estes acontecimentos, que alteraram substancialmente a geopolítica da região oriental, podiam, de facto, ser a causa próxima da situação verificada nas colônias ocidentais.

O comércio da prata, principal objectivo da instalação de Fenícios na área do Estreito de Gibraltar, não apresentava agora benefícios económicos evidentes, uma vez que os principais compradores deste metal, os Assírios, tinham sido aniquilados. Esta era assim, segundo algumas teses, razão fundamental para a decadência dos sítios fenícios e para o progressivo abandono da actividade metalúrgica da região tartéssica.

No entanto, outras hipóteses para a recessão das colónias fenicias ocidentais têm surgido recentemente. Apesar dos textos bíblicos (Ezequiel, 29: 17-18) nos darem uma visão da destruição total de Tiro, parece que a situação foi bem mais grave em Jerusalém, onde houve, por exemplo, deportação de habitantes.

Tiro, pelo contrário, parece recuperar da situação, como noutras ocasiões o tinha feito, mantendo-se no poder uma monarquia que seria, no entanto, tutelada por um governador designado por Nabucodonosor.

Assim, a entrada de Tiro na órbita política e económica do império babilónico não parece ter as consequências dramáticas que geralmente se lhe atribui, concretamente o fim das suas actividades comerciais. O que realmente parece ter acontecido, com as novas relações de dependência estabelecidas no Oriente, foi Babilónia procurar aproveitar, em benefício próprio, a tradicional vocação comercial de Tiro, não interessando obviamente a sua destruição. A tomada de Tiro por Nabucodonosor não pode pois ser considerada directamente responsável pela decadência no Ocidente.

Os dados que a arqueologia tem permitido recolher nas colónias fenícias do Ocidente peninsular e nos sitios indígenas da área tartéssica parecem apontar na mesma direcção, ou seja: não podemos relacionar directamente a capitulação de Tiro face a Nabucodonosor com a decadência dos colonos fenícios ocidentais. Aparentemente, esta decadência inicia-se por volta do ano 600 a.C., sendo assim claramente anterior aos acontecimentos verificados no Oriente.

Temos de admitir que a crise vivida nas colónias fenícias ocidentais se deveu fundamentalmente a factores internos, ainda não totalmente esclarecidos, mas que podem incluir o esgotamento das minas de prata do SW.

Factores externos, como o expansionismo cartaginês e a colonização grega, terão também

tido algum impacto negativo nos sítios fenícios do ocidente peninsular, sobretudo quando esmorecem as ligações à metrópole.

Temos pois, forçosamente, que recordar aqui que o século VI a C. corresponde à época áurea das importações de cerâmicas gregas de luxo da área tartéssica, concretamente Huelva, e que Cartago assumiu, nesse mesmo momento, o domínio comercial do Mediterrâneo Central e, teoricamente, mesmo do Ocidental.

Apesar de parecer evidente que foi um conjunto de fenómenos internos e externos que contribuiu para a situação de decadência verificada a partir dos inícios do século VI a.C. nas colónias fenícias ocidentais, considero impossível não incluir nesse conjunto as mudanças geopolíticas ocorridas no Oriente.

Considero incontestável que as ligações das colónias ocidentais à sua metrópole eram estreitas. E se, aparentemente, Tiro recupera da anexação do império neo-babilónico, o certo é que não voltou mais a deter o antigo prestígio e a representar papel preponderante no comércio mediterrânico. A caída da Babilónia perante os Persas, em 539 a.C., é um golpe definitivo para a Fenícia em geral, que se integrou então, também, juntamente com a Síria e Chipre, na quinta satrapia.

A queda de Tiro no ano de 573 a.C. pode de facto não ser exclusivamente responsável pela decadência dos Fenícios ocidentais, até porque ela se anunciava já desde 600 a.C. No entanto, parece-me exagerado pensar que os acontecimentos do Oriente não tenham tido qualquer significado em termos do comércio mediterrânico.

Mesmo admitindo que o aparecimento de Cartago como importante potência comercial não se deveu a uma transferência de poderes de Tiro para a nova «Capital», mas sim à sua própria evolução interna, e que a expansão do comércio grego para o Ocidente tão pouco teve a ver com os acontecimentos políticos ocorridos no Próximo Oriente, não devemos esquecer que esses acontecimentos podem ter contribuído, de algum modo, para a «crise» dos sítios integrados no âmbito colonial fenício da Península Ibérica. Os colonos fenícios vêm-se agora sozinhos, afastados da sua metrópole oriental, e sofrendo as pressões que o expansionismo comercial cartaginês e a colonização grega representam.

Assim, a situação de decadência parece ter razões óbvias, tendo os colonos, que tudo indicam permaneceram na Península Ibérica, necessidade de se adaptar às novas situações criadas. Novos padrões de assentamento, que correspondem talvez a novos modelos comerciais e distintos objectivos económicos, podem ter substituído os anteriores. Assim, se explicariam as mudanças estruturais urbanísticas em sítios como Toscanos, e o abandono puro e simples de outros, como o Cerro del Villar-Guadalhorce.

Importante neste contexto é referir que uma fase de crescimento e expansão urbana foi detectada em Málaga, justamente na época em que o Cerro del Villar foi abandonado, o que poderia significar que os colonos das áreas ribeirinhas tiveram então tendência para se concentrar em núcleos urbanos de maiores dimensões.

Bibliografia sumária

ALVAR, J. (1991) - La caida de Tiro y sus repercussiones en el Mediterrâneo. In La cotida de Tiro y el auge de Cartago. Ibiza: Museu arqueológic d' Eivissa. p. 19-27 (Trabajos del Museo Arqueológico de Ibiza, 251. ABRUDA, A. M. (1993) - O Oriente no Ocidente o comércio fenício. In MEDINA, L., dir. - Historia de Portugal. Amadora Ediclube p. 17-34 vol. 2. AURET, M. E. (1994) - Tiro y las colonias finiciai de Occidente, Barcelona, Crítica. LORIZ CASTRO, J. L. (1992) - La colonización finicia en la Pontinula Ibérica 100 año de suestqueiro. Almeria Instituto de Estudios Almerienses, p. 11-81. (Humanidades, 5). LOPEZ CASTRO, J.L. (1995) - Hispania Poena: Los Jenicios en la Hispania Romana Barcelona Critica.

Os Gregos no Ocidente

Ana Margarida Arruda

A Época Arcaica

A acção dos Gregos na Península Ibérica é detectável a partir do século VIII a.C. e foi sobretudo obra dos Focenses. De facto, as supostas navegações dos herõis da guerra de Tróia, nomeadamente Menelau, Ulisses e Antenor, à Península Ibérica não passam realmente de mitos construidos por autores gregos na época romana. Também as informações transmitidas por Pseudo-Scymnos e por Estrabão, sobre uma colonização ródia da Península Ibérica nos séculos. IX e VIII a.C., carecem de qualquer comprovação arqueológica e são totalmente postas em causa pela moderna investigação. Os bronzes e as cerámicas, efectivamente, ródios, encontrados em Huelva, Granada, Toscanos e Cerro del Villar, são de finais do século VII e inícios do VI a.C., sendo, certamente, resultado de um comércio grego, mas focense.

Os dados que a investigação arqueológica tem vindo a recolher vieram provar que os primeiros Gregos a visitarem o Ocidente foram os Gregos focenses, dados esses que fornecem agora contornos mais reais às relações desses Gregos da Jónia com o reino de Tartessos, descritas por Heródoto. Aliás, é o mesmo Heródoto quem afirma que foram os Focenses que descobriram a Ibéria e Tartesso, descrevendo, com algum pormenor, as relações de amizade que estes viriam a estabelecer com o rei Argantónio. Essa amizade teria ficado documentada a partir da oferta feita aos Focenses de grande quantidade de prata, com que poderiam construir sólidas muralhas defensivas para protegeram a sua cidade da ameaça persa, depois de recusarem o convite do rei de Tartesso para se instalarem definitivamente na região. Os dados da narrativa do historiador grego têm vindo a ser confirmados pelas escavações arqueológicas levadas a cabo na Andaluzia Ocidental.

A partir dos finais do século VII e durante toda a primeira metade do século VI a.C., a região tartéssica recebe cerâmicas gregas de luxo, de grande variedade tipológica e provenientes de diversas oficinas. Paralelamente a estas importações de grande qualidade, surgem também produtos

mais correntes, adquiridos na Grécia de Leste.

Para além dos sítios indígenas tartéssicos, os estabelecimentos fenícios da área do Estreito de Gibraltar importaram também produtos gregos, mas, e contrariamente áqueles, estão aqui ausentes os vasos de luxo, sendo, sobretudo, ánforas e cerámicas semi-finas da Grécia de Leste e Ilhas.

A comunidade científica muito tem discutido a propósito dos agentes deste comércio de cerâmicas gregas de época arcaica, observado na Andaluzia Ocidental, durante os séculos VIII a VI a.C. E isto porque este foi um momento de forte presença fenícia na região, que como sabemos implicou a fundação de colônias. Assim, alguns investigadores chegaram mesmo a propor que os responsáveis pela abundância de cerâmica grega no Sul da Andaluzia Ocidental tinham sido os Fenícios instalados nas proximidades das Colunas de Hércules. No entanto, e dadas as diferenças observadas nas importações gregas recebidas em Huelva e nas colônias fenícias, é razoável pensar que existem dois grupos de comerciantes com origens distintas. Os Fenícios teriam transportado os produtos gregos que se encontram nas suas colônias, enquanto que as cerâmicas gregas encontradas em Huelva teriam sido transportadas por comerciantes gregos. Convém, contudo, ter presente que, tal como no Mediterrâneo Central, também no Ocidente poderiam ter coincidido barcos gregos e fenícios e terem até fundeado nos mesmo portos. Aliás, parece perigoso fixar com excessiva rigidez, na época arcaica, zonas de comércio exclusivo, uma vez que, muito possivelmente, nenhuma das potências comerciais em acção

Krater em cerámica grega ática de figuras vermelhas, de Alcácer do Sal

teria capacidade ou força naval para impedir a navegação e comércio aos seus potenciais rivais.

As cerâmicas gregas começam a chegar ao interior da Península, atingindo a Estremadura espanhola no século VI a.C. As importações desta região devem relacionar-se com Huelva, onde as cerâmicas gregas que chegaram a Medellín (Badajoz) têm certamente a sua origem.

No Levante e na Catalunha, a presença grega parece surgir mais tardiamente. Só a partir dos inícios do século VI a.C., existem vestígios dessa presença, nomeadamente importações de cerâmica grega.

Mas foi na Catalunha que se encontraram os únicos vestígios peninsulares que se relacionam com a colonização grega de nível urbano. Trata-se de Rhode e de Emparion (Ampúrias), a primeira ainda mal conhecida. Com efeito, nunca foram confirmadas arqueologicamente as colónias de



Hemeroskopeion e de Alonis, que segundo as fontes clássicas se localizaram no Levante.

Ampúrias foi fundada nos inícios do século VI a.C. pelos Fóceos já então instalados em Massalia (Marselha).

A Época Clássica

A partir dos finais do século VI a.C. as importações diminuem nitidamente na Andaluzia, acabando por terminar completamente na primeira metade do século V a.C. Esta breve paragem nas importações é, habitualmente, interpretada como consequência directa do tratado romano-cartaginês de 509, no qual teria ficado estabelecido que os Romanos e seus aliados (neste caso os Gregos) estavam impedidos de navegar para Ocidente do Estreito de Gibraltar. Actualmente pensa-se que o bloqueio comercial imposto por Cartago a Roma e seus aliados não é um dado adquirido no que se refere à Península Ibérica, uma vez que nem o Estreito de Gibraltar, nem a própria Península são efectivamente referidos no Tratado, com acontece com a Sardenha, a Sicília, o Lácio e o Norte de África. Por outro lado, o Promontório Bela (Kalon Akrotenon), que marcaria o limite do comércio dos aliados, é muito possívelmente o cabo Bon e não o cabo Farina.

A paragem das importações de cerâmicas gregas para a região tartéssica deve pois procurar-se no interior da própria sociedade indígena, uma vez que não surge como fenómeno isolado ou independente. O esgotamento dos veios saperficiais das minas de prata, e a ausência de resposta tecnológica para continuar a sua extracção em profundidade, e ainda as profundas contradições de uma sociedade altamente hierarquizada podem ser responsáveis pela crise económica que afectou a região, o que a impediu, naturalmente, de continuar a importação de cerâmicas gregas. Huelva apresenta, nestas datas, sintomas nítidos de decadência, visíveis em estratos arqueológicos de pouca espessura, diminuição da área urbana, reutilização e reparação de habitações de épocas anteriores, a que podemos juntar também a ausência de cerâmicas gregas.

Nesta época, finais do VI a.C., e sobretudo primeira metade do século V a.C., as importações crescem em toda a área do Levante e da Catalunha.

Ampúrias vai progressivamente afastar-se, do ponto de vista económico, de Marselha, atingindo o auge da sua importância na primeira metade do século v a.C. Regista-se então um claro aumento demográfico, evidenciado nas ampliações urbanísticas e passará a cunhar moeda. Recebe também grandes quantidades de cerâmica ática, destinada ao consumo local e ao abastecimento do mercado indígena localizado no seu hinterland.

A partir da segunda metade do século v a C., a cerâmica ática surge praticamente em toda a Península, atingindo o território português e a própria Galiza. A Andaluzia volta a receber, em razoáveis quantidades importações gregas. As necrópoles do litoral mediterrânico enchem-se de vasos gregos, tanto pintados com figuras vermelhas como de verniz negro. Os povoados peninsulares usamnos e a sua quantidade em alguns deles mostra a sua relativa vulgarização.

Nos sítios do Ocidente peninsular as cerâmicas áticas encontram-se sobretudo em povoados, sendo mais abundantes nas áreas mais meridionais. A Andaluzia Ocidental, o Algarve e o

Alentejo apresentam um elevado mímero de sítios onde a cerâmica ática está atestada, em alguns casos em número muito significativo. Estes dados mostram pois que a antiga região tarréssica iniciou em meados do século v a C. uma fase de evidente recuperação económica que acabaria por afectar também o Sul do território português. Este ressurgimento deve relacionar-se com o início da prática de uma nova actividade económica, que sendo suficientemente rentável pudesse substituir a exploração mineira. Esta actividade parece ter sido uma florescente indústria de preparados de peixe, cujas evidências arqueológicas foram detectadas em Cádiz. Aqui, encontraram-se cerca de 20 fábricas de produtos piscícolas que estiveram em laboração durante os séculos V e IV a C. Claramente associadas a estas estruturas surgiram inúmeros fragmentos de cerâmica ática. As relações entre Cádiz e a Grécia estão também evidenciadas pelo aparecimento em Corinto e Olímpia, em meados do século V a.C., de ânforas produzidas na área gaditana e que teriam transportado preparados de peixe daquela região. Curioso será notar que a Grécia inicia nesta época a produção de uma forma cerâmica exclusivamente destinada ao consumo de peixe com molhos. Também a partir da segunda metade do século V a.C. os cómicos gregos referem, com frequência, nas suas obras o garnow gaditano.

No restante Ocidente peninsular esta hipótese não é todavia demonstrável, no entanto não é improvável que os sítios litorais possam ter aproveitado as potencialidades que a sua localização lhes oferecia, iniciando nesta época uma indústria que, na época romana, se viria a mostrar tão produtiva.

Os dados de Cádiz permitem ainda atribuir a este sítio um importante papel no comércio da ceràmica ática no Ocidente. A partir do século v a.C., Cádiz pode ter-se transformado num importante centro redistribuidor de ceràmicas gregas para os sítios atlânticos da Andaluzia e para o território português. A aquisição de vasos áticos por parte dos comerciantes gaditanos pode ter-se feito ou directamente junto de comerciantes gregos ou, mais provavelmente ainda, em Ampúrias, dadas as semelhanças existentes entre os vasos gregos de Ampúrias e os de Huelva.

Distribuídas por Cádiz, as cerâmicas áticas chegavam aos sítios do litoral ocidental (Huelva, Castro Marim, Cerro da Rocha Branca, Alcácer do Sal...) que teriam então um papel fundamental, abastecendo destes produtos o interior.

A cerâmica ática no território actualmente português

Em Portugal são abundantes os sítios onde se recolheu cerâmica grega. As importações são contudo tardias, tendo-se iniciado apenas a partir do 3º quartel do século v a C. A grande maioria data, no entanto, do século IV a C.

As cerâmicas áticas encontram-se um pouco por todo o nosso território, com uma nitida concentração a Sul do Tejo. É desta região que provém os materiais mais antigos (do século V a.C.), tendo sido registados em Castro Marim, Azougada (Moura), Fernão Vaz (Ourique), Neves Corvo (Castro Verde) e Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo). São sempre kylikes, dominando as «taças Cástulo».

No Norte de Portugal, a cerâmica grega surge em contextos da chamada «Cultura Castreja»

Na região centro, a cerâmica ática é mais escassa, tendo-se recolhido fragmentos em Santa Olaia e Conimbriga, no vale do Mondego e em Santarém e Lisboa.

A maioria da cerámica ática encontrada em Portugal é de verniz negro, sendo rara a pintada com figuras vermelhas. Esta última encontra-se sobretudo nos Castros do N.W. e na necrópole do Senhor dos Mártires em Alcácer do Sal. Está também presente nos povoados alentejanos e algarvios, mas sempre em percentagens muito diminutas.

As kylikes, os skylhor, os krateres, as pelikar e os pratos de peixe são as formas dos vasos áticos pintados com figuras vermelhas encontrados em Portugal. As cenas pintadas indicam muito pouco cuidado na execução e são as mesmas que encontramos na Andaluzia Ocidental, tal como as próprias formas são idênticas em ambas as regiões. Também os pintores dos vasos gregos são os mesmos de um lado e outro do Guadiana (círculo do pintor de Marlay, no século IV e pintor de Viena 116, no século IV a C.). Para o Ocidente peninsular foram pois as mesmas oficinas que laboraram, tendo certamente presente que os seus vasos se destinavam a abastecer um mercado periférico e pouco exigente.

Também o repertório formal dos vasos de verniz negro exportados para o território português é pobre e monótono, não se diferenciando do que é conhecido na Andaluzia. Os pratos e as taças são as formas mais abundantes.

As importações áticas do Ocidente são pois produtos muito industrializados, de fraca qualidade, mas relativamente homogéneos. As formas abertas dominam nos inventários, o que pode explicar-se pela facilidade com que podem empilhar-se, o que, facilitando o transporte, rentabilizou o comércio.

Os vasos funcrários e os recipientes para perfumes e unguentos não se registaram aqui. Mas os kratres foram muitas vezes utilizados como umas funerárias como se passa na maioria das necrópoles andaluzas e também em Alcácer do Sal.

Este Ocidente encontra-se pois muito longe das áreas mais helenizadas da Península Ibérica, como por exemplo a Catalunha, onde, tal como na Grécia, existem nas necrópoles vasos exclusivamente funerários.

O repertório formal dos vasos de verniz negro e de figuras vermelhas, e ainda a iconografia representada nestes últimos, devem relacionar-se com a generalização do consumo do vinho. A ausência de importações de ânforas vinárias parece, assim, indicar que a produção vinícola era já uma realidade no Ocidente peninsular durante o século IV a.C.

A arqueologia tem demonstrado que as cerámicas gregas correspondem a objectos de luxo que, sendo relativamente exóticos, conferem aos seus detentores um estatuto de prestígio, traduzindo um nível económico elevado e uma posição cimeira na escala social. Os vasos áticos foram, no Ocidente, símbolos de poder que só puderam ser adquiridos por uma elite. Esta elite terá visto o seu poder crescer através do processo comercial e do desenvolvimento da exploração mineira, uma vez que o comércio dos vasos gregos foi certamente assumido pela aristocracia indígena, que nos povoados costeiros (Castro Marim, Alcácer do Sal ...) dominava o comércio a longa distància, e ainda pela classe instalada nas regiões com recursos metaliferos assinaláveis, concretamente a faixa piritosa alentejana (Castro Verde, Ourique, Almodôvar, Moura).

Bibliografia sumária

ARRLIDA, A. M. (1993) - O Oriente no Ocidente, o comércio grego. In-MEDISCA, L., dir. - Historia de Portugal. Amadora Ediclube p. 34-44 vol. 2 AIRLIDA, A. M. (1994) - O corço, afolic e Dionysos. Uma breve notasobre cerárnica e símbolos. Rmista da Faceldade de Lettras de Lisboa, Lisboa, 5º S. 15. p. 17-22 ABBLIDA, A. M. (1995) - Panorama das importações áticas em Portugal. Hinhu Aspeológica Huelva 13.1 129-154. Actas do Simpósio: Iberos y Griegos: Lecturas desde la diversidad Ampunas, 1991) CABRERA BONET, P. (1986) - Los griegos en Huelva: los materiales griegov. In Hammur a Luis Sint. Sevilla. Consejaria de Cultura de la Junta de Andalucia p. 575-583 FIRNANDEZ JURADO, J. (1984) - La premicia griega arcaica en Huelva. Huelva. Diputación Provincial de Huelva. (Morografias Arqueológicas, 1) OLSIOS ROMERA, R. (1986) - Los griegos en Tartesos, replantiamiento arqueolgico-historico del problema. In Honesara Luis Sort. Sevilla: Consejarsa de Cultura de la lunta de Andalucia. p.584-600. ROSELARD, P. (1991) - Les Grasset la Peninsule Bringue, Paris, Boccard.

Abul: um estabelecimento fenício do Baixo Sado

Françoise Mayet Carlos Tavares da Silva

Situação geográfica

A costa ocidental portuguesa, de contorno rectilíneo, muito regularizado, apresenta escassos abrigos para a navegação à vela. As embarcações que, vindas do sul, dobrassem o cabo de São Vicente, encontrariam, no estuário do Sado, o primeiro "mar interior" onde, ao abrigo dos ventos do sudoeste, os que se fazem sentir em situações de tempestade, poderiam fundear seguramente.

O Sado era também a via de maior acessibilidade ao interior do Baixo Alentejo, aos confins da rica província mineira alentejana.

Além das condições favoráveis de posição, aquele estuário apresentava elevada produtividade biológica e constituiu, até época muito recente, o maior salgado do território hoje português.

Deste modo, o Baixo Sado reunia um conjunto de potencialidades económicas para o desenvolvimento da fileira produtiva dos recursos aquáticos, responsável por um comércio a escala supra-regional. (Soares, 1986).

Tais condições viriam a ser mobilizadas pelos interesses dos Fenícios do Ocidente, do Círculo do Estreito, empenhados, principalmente a partir do século VII a.C., no domínio das rotas atlânticas. Navegadores fenícios que, além disso, encontrariam nas margens do Baixo Sado populações autóctones dotadas de organização económico-social complexa e que, assim, iriam comportar-se como elementos francamente activos no intenso processo de relações comerciais então desencadeado.

Quadro bistórico

No Bronze Final nascem, em Alcácer do Sal e em Setúbal, povoados que ao longo do século VII vão passar por rápida aculturação, adquirindo, assim, um carácter orientalizante. O de Alcácer ocupava elevação amesetada sobranceira ao Sado e era dotado de excelente situação geoestratégica: no fundo do paleo-estuário, apresentava-se, por um lado, amplamente aberto aos contactos oceânicos e, por outro, projectado, pela via fluvial, no rico interior alentejano. (Silva [et al.], 1980-81; Mayet e Silva, 1993).

O de Setúbal, junto da desembocadura do Sado, ocupou pequena elevação banhada pelas águas de ampla baía e rodeada por extensos esteiros, e a sua vida económica poderia assentar na exploração de um recurso local de grande importância para a época - o sal (cf. Soares e Silva, 1986; Mayet e Silva, 1993).

Entre as duas povoações indígenas, na margem direita da área vestibular do Sado, no sítio actualmente conhecido pelo nome de Abul (Herdade de Monte Novo de Palma), é fundado, ex-nihilo, em meados do século VII a.C., um estabelecimento fenício ligado, muito provavelmente, ao Círculo do Estreito. Gozava de excelente localização, tendo em vista o controlo das mais-valias produzidas à escala regional. Implantou-se sobre uma elevação que se salienta, em esporão, na margem do rio, de onde se domina a desembocadura do estuário, controlando-se, assim, o tráfego fluvial. Duas enseadas, hoje ocupadas por arrozais, ladeavam esse pequeno promontório, e constituíam, por certo, excelentes fundeadouros. Contrastando com estas notáveis condições de porto natural, aliás características do padrão locativo da generalidade dos sítios fenícios, os terrenos da zona são francamente pobres de um ponto de vista agrícola, apresentando, sim, uma vocação eminentemente silvo-pastoril. De salientar ainda o fácil acesso à região mineira da Serrinha através da Ribeira de São Martinho que desagua no Sado a curta distância de Abul.

O pequeno promontório (que designamos por Abul A), ocupado durante os séculos VII-VI a.C., faz parte, por sua vez, de uma península maior, habitada durante os séculos VI-V a.C. (Abul B).

Uma fundação fenícia

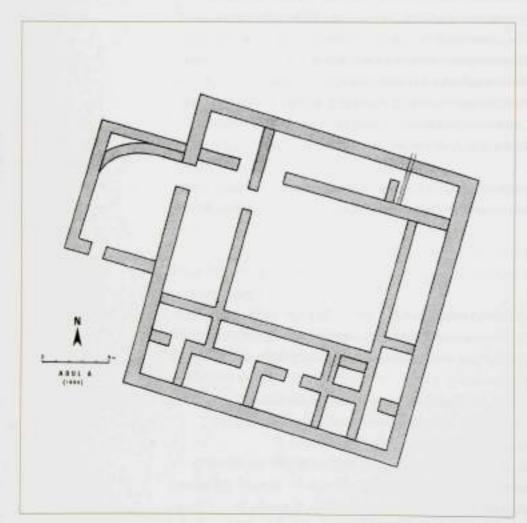
As escavações arqueológicas de Abul A (Mayet e Silva, 1991, 1992, 1993, 1994a e 1994b), iniciadas em 1990 e realizadas no âmbito de um programa luso-francês sobre as indústrias de salgas de peixe do Baixo Sado, contam com seis campanhas que revelaram, através da estratigrafia, os seguintes horizontes cronológico-culturais:

- 1 Cerca de meados do século VII a. C., fundação, sobre o promontório, de estabelecimento comercial fenício. Com duas grandes fases construtivas, a área então edificada sobrevive até ao pleno século VI, altura em que o local é abandonado. (Camadas 8 a 4).
- 2 Sobre a camada 4, formada por derrubes de paredes de pedra e adobes do horizonte fenício, ocupação da época romana, da primeira metade do século 1 d.C. (Augusto - Tibério), até agora documentada exclusivamente através de bolsas de lixeira ricas em sigillata itálica. (Camada 3).

3 - Funcionamento de olaria, entre meados do século I e o século III, tendo sido construídos fornos de produção de ânforas (formas Dressel 14 e Almagro 51C) e cerâmica comum, a que correspondem extensos níveis de "entulheiras". (Camada 2).

A estratigrafia respeitante ao horizonte fenicio mostra que, aquando da chegada dos primeiros habitantes, o promontório se encontrava coberto por areias eólicas (camada 9) que repousavam sobre um substrato argiloso (camada 10). Forma-se então um ténue nível (camada 8), em geral carbonoso, que marca o início da ocupação do sítio e o momento da construção de um vasto edificio de planta quadrangular. Sobre esse nível vai assentar o primeiro piso estruturado (camada 7), com 5 a 10cm, de espessura, é constituído por argila vermelha ou, no pátio central, por calcário moido. No âmbito de um reordenamento do primeiro edificio, cria-se um nível de regularização (camada 6) que serve de base a um segundo piso estruturado (camada 5), igualmente de argila vermelha (com calhaus rolados, no pátio central). Finalmente, sobre este último piso, depositam-se os materiais resultantes do abandono e destruição do estabelecimento fenício, formando-se a camada 4, cuja espessura chega a atingir 1 metro e que contém numerosos fragmentos de adobes por vezes queimados. Esta sequência estratigráfica revela, pois, duas fases construtivas (e não de ocupação) que

Estabelecimento fenicio de Abul A. Planta da primeira fase de construção



abarcam, no seu conjunto, um período não superior a um século, compreendido entre meados do século VII a.C. e meados do século seguinte. Esta cronologia e o carácter cultural marcadamente fenício ocidental. vinculado ao Círculo do Estreito, a Gadir, são amplamente documentados através do espólio exumado. Este provém, na sua maioria, dos níveis mais recentes (camadas 4 e 5), os escavados em extensão: as camadas correspondentes à primeira fase de construção têm sido atingidas somente através de sondagens pontuais destinadas a conhecer a planta do mais antigo conjunto edificado. Não é, pois, fácil conhecer a evolução do espólio ao longo da vida do estabelecimento fenício sendo, por enquanto, escassas as diferenças notadas entre os materiais dos diversos niveis.

As ânforas pertencem, sem excepções, ao tipo Rachgoun (Vuillemot, 1965), forma muito comum entre os séculos VIII e VI a.C. em todo o mundo fenício ocidental.

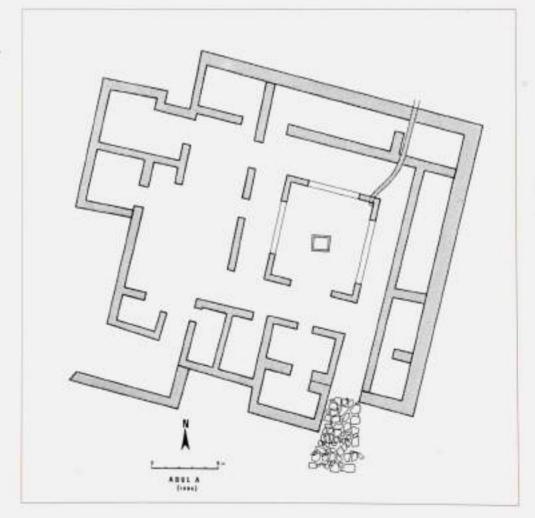
A cerâmica de engobe vermelho ocorre em Abul através das duas formas mais correntes nos estabelecimentos fenícios e indígenas orientalizantes do Mediterrâneo Ocidental o prato de bordo largo (forma 1 de Cuadrado) com engobe cobrindo somente a superfície interna, e a pátera carenada, com engobe em toda a superfície interna e somente entre a carena e o bordo, na externa. A largura do bordo dos pratos provenientes da área edificada de Abul A não ultrapassa os 55/56 mm., e a relação diâmetro da boca/largura do bordo varia entre 4,4 e 4,7, podendo ser datados do século VII. Com efeito, em Doña Blanca (Ruiz Mata, 1986), pratos cujos bordos oferecem larguras compreendidas entre 50 e 58 mm. surgem logo a partir dos primeiros decénios do século VII. Em Huelva (Rufete, 1988-89), a forma P2, afim da dos nossos pratos, atinge o seu maior desenvolvimento no Tartéssico Médio III b (ca. 650-625/600 a. C.) e escasseia a partir desta fase

Em Abul A, mas fora do conjunto edificado da parte superior do promontório, em fixeira tardia situada na zona baixa, está presente o prato de engobe vermelho com bordo de 65 mm de largura. Em Doña Blanca, os pratos com bordos de 60 a 70 mm. são frequentes em estratos da segunda metade do século VII (Ruiz Mata, 1986), o mesmo sucedendo em Trayamar (Schubart e Niemever, 1976). Em Huelva (Ruíete.

Estabelecimento fenicio de Abul A. Planta da segunda fase de construção

1988-89) essa largura do bordo é própria dos pratos da forma P3 que, embora ocorram a partir do Tartéssico Médio IIIb, se desenvolvem, principalmente os que oferecem carena exterior, durante o Tartéssico Final (625/600 a 540/530 a C.).

No que se refere às páteras carenadas de engobe vermelho, os nossos exemplares apresentam o bordo simples, por vezes afilado, e de parede rectilinea ou ligeiramente côncava. Trata-se da forma C 3c de Huelva (Rufete, 1988-89) onde surge a partir da segunde metade do século VII -Tartéssico Médio IIIb - e se torna abundante na primeira metade do século VI - Tartéssico Final. Em Toscanos e em Doña Blanca a mesma variante é corrente em todo o século VII, juntamente com exemplares de bordo espessado externamente (forma C 3a de Huelva), por enquanto ausentes em Abul.



A "cerâmica cinzenta", tão comum sobretudo na Andaluzia Ocidental, quer em estabelecimentos fenícios (Doña Blanca), quer em indígenas orientalizantes, é muito abundante em Abul A, através de duas formas: o prato ou taça de bordo simples ou com ligeiro espessamento interno em geral convexo e o prato de bordo de perfil em 5. São também estas as formas mais frequentes em Doña Blanca, onde, como em Abul, as superfícies podem apresentar-se ou acinzentadas claras, e brunidas, nos momentos mais antigos, ou acinzentadas escuras e de tratamento menos apurado, no século VII (Ruiz Mata, 1986, 259). Estes dois grupos correspondem, respectivamente, aos que, no Baixo Sado (Alcácer, Setúbal e agora Abul), designámos por "Cinzenta A" e "Cinzenta B" (Silva [et al], 1980-81). Em Abul, a Cinzenta A é mais frequente nos níveis da primeira fase construtiva, onde coexiste, porém, com a Cinzenta B. Esta última predomina esmagadoramente no nível de abandono (camada 4).

Considerando a distribuição geográfica da "cerâmica cinzenta" que, longe de se restringir ao mundo tartéssico, ocorre em numerosos sítios fenícios quer do Mediterrâneo Ocidental, quer do Atlântico (Mogador, p. ex. Jodin, 1966), em formas bem estandardizadas, defendemos a hipótese de se tratar de uma cerâmica fenícia ocidental, produzida e distribuída basicamente a partir da área de Gadir onde a sua frequência é elevada.

A cerâmica pintada de bandas é relativamente rara em Abul. Manifesta-se em duas formas principais, ambas próprias do horizonte fenício ocidental, embora com paralelos no Mediterrâneo Central e protótipos na região Sírio-Palestina, cronologicamente situadas entre o século VIII e o VI a.C. Referimo-nos ao pithos, recipiente de grande capacidade, provido de colo curto e tronco cónico a sub-cilíndrico, bordo geralmente em aba, asas bífidas ligando o lábio à parte superior do bojo, e à "urna" de bojo globular e ovoide, colo alto e cilíndrico, bordo geralmente em aba e asas igualmente bífidas. Os pithos de Abul apresentam bandas vermelhas alternando com brancas, característica, ao que parece, desconhecida no Mediterrâneo Ocidental, mas, pelo contrário, observada em muitos outros sítios das fachadas atlânticas ocidentais da Península e de Marrocos, desde Mogador a Santa Olaia.

Como em outros sítios fenícios do Ocidente, surge em Abul cerâmica de fabrico manual. É de assinalar a presença de grandes contentores de bojo ovóide, colo alto encimado por bordo extrovertido, e fundo plano.

No domínio da cerâmica industrial, referimos, para além de fusaiolas, o aparecimento, em nivel da primeira fase construtiva, de uma peça paralelepipédica, de secção transversal rectangular, atravessada longitudinalmente por dois orificios cilíndricos, muito semelhante a exemplares encontrados no estabelecimento fenício do Morro de Mezquitilla e utilizados como tubos de fole colocados ao serviço da prática da fundição (Schubart, 1986, est. VI). A actividade metalúrgica é documentada por uma concentração de minério associado a escórias, em área exterior e adjacente ao "amuralhado" norte. Os objectos metálicos são, contudo, raros, sendo de destacar uma fibula de dupla mola achada sobre o piso correspondente à última fase de construção.

A "feitoria"

O conjunto construído de Abul A, existente na parte superior do promontório, encontra-se, neste momento (campanha de 1995), quase totalmente posto a descoberto. Dispomos, assim, das

plantas completas das suas duas fases de construção.

Na primeira fase, que, como atrás dissemos, parece remontar a meados do século VII a.C., é erguido um "amuralhado", com cerca de 1,5m. de largura máxima, que desenha um quadrado quase perfeito com 22 metros de lado. Os compartimentos construídos no interior do espaço assim delimitado, todos de planta rectangular e dispostos ao longo do "amuralhado", organizam-se em torno de um pátio central de planta quadrangular com cerca de 11 metros de lado. As salas do lado sul, com dimensões que raramente ultrapassam os 4,5 metros de comprimento por 2,5 metros de largura, teriam provavelmente funções de carácter habitacional, enquanto as restantes, cujo comprimento chega a atingir mais de 9 metros, seriam utilizadas como armazêns. O acesso fazia-se pelo lado poente através de uma "torre" rectangular saliente no pano oeste do "amuralhado". Os muros desse edificio possuíam a base formada por blocos de calcário, brecha da Arrábida e arenitos diversos, ligados e revestidos por argila, a parte superior era constituída por adobes de argila cinzento-esverdeada. Os pavimentos das diversas salas eram de argila vermelha, enquanto o do pátio central era de calcário moído. As águas das chuvas que caíam neste pátio, sem cobertura, seriam drenadas através de canalização que a partir do seu canto nordeste se dirigia rectilineamente para norte, acabando por atravessar o "amuralhado" e, assim, atingir o exterior.

A segunda fase de construção teria resultado, pelo menos em parte, da necessidade de expansão da área edificada. Deste modo, os panos oeste e sul do "amuralhado", salvo os ângulos noroeste e sudeste, são desmontados e arrasados de forma a permitir a ampliação ou a construção de novas salas. A norte e a este o plano dos armazéns parece manter-se intacto. Ao mesmo tempo, procede-se à redução do pátio central, desde logo rodeado por um corredor periférico. É para este corredor que as habitações e armazéns passam a abrir, e não directamente para o pátio central como na primeira fase. O novo pátio, quase quadrangular, tem 7 por 6,5 metros e possui um pavimento de calhaus rolados de quartzo leitoso ligados e revestidos por argila vermelha, seria descoberto, escoandose as águas pluviais através da canalização da primeira fase, ampliada por troço sinuoso, cada um dos quatro lados do pátio central apresentava larga abertura que estabelecia a ligação com o corredor periférico. Sensivelmente no centro do pátio, existe uma pequena construção quadrangular (1,40x1,25m.), cujos muretes não são paralelos aos daquele, na parte central desta estrutura, internamente formada por argila, abria-se uma cavidade circular repleta de cinzas, talvez resultantes da combustão de essências.

Nesta segunda fase de construção, o acesso principal desloca-se do lado oeste para o lado sul onde passa a ser assinalado exteriormente através de uma calçada de grandes lages de brecha da Arrábida aparelhadas e cujo troço conservado apresenta 6 metros de comprimento e 2 a 3,5 metros de largura. Este novo acesso desembocava directamente no corredor que rodeava o pátio central.

Ladeando a calçada a oeste, é construida uma possível torre, de planta rectangular, que podia funcionar como ponto de observação, tendo em vista o controlo da navegação a montante de Abul. O controlo da navegação a jusante seria assegurado por outra possível torre situada junto do canto noroeste do conjunto edificado e resultante da segmentação da que havia servido a entrada, principal na primeira fase.

Conclusões

A origem fenícia de Abul A parece-nos inquestionável, atendendo ao padrão locativo a que obedeceu a sua implantação, à ausência de qualquer estrato do Bronze Final ou de tradição indígena, ao espólio exumado (considere-se o seu carácter estandardizado, com um número muito restrito de tipos representando cada uma das grandes categorias cerâmicas, tipos que são precisamente os que revelam maior dispersão geográfica no Ocidente mediterrâneo e no Atlântico, e sem a enorme diversidade tipológica própria do mundo tartessico) e à arquitectura (técnicas de construção e organização do espaço edificado, com flagrantes paralelos na faixa sirio - palestina).

A sua fundação parece-nos facilmente explicável no quadro da evolução económica de Cadir. Com efeito, e como tem sido defendido por M. E. Aubet (1994), é durante a segunda metade do século VII que se assiste ao apogeu do comércio gaditano. A acção comercial de Gadir amplia-se então consideravelmente, passando a integrar na sua esfera de influência o Marrocos atlântico, as costas portuguesas, o sudeste peninsular, Ibiza e o vale do Ebro. Deste modo, ocorre o que aquela autora designa por terceira fase no processo de fundação de colónias fenícias do ocidente (Aubet, 1994, p.264). No Atlântico, Gadir procura sobretudo o estanho, metal deficitário no Mediterrâneo Oriental. Mas outros produtos, como o cobre e o sal, tão abundantes na bacia do Sado, teriam contribuído igualmente para essa "terceira vaga" da "diáspora comercial".

Abul surgiră, pois, como uma possível feitoria fundada sob a influência directa de Gadir e no âmbito da política expansionista da Colónia do Estreito.

Bibliografia

AGET, M. E. (1994). Ton y las colonias Fenerals de Occidente. Edución ampliada y puesta al día: Barceloria. Crítica. JOSHN, A. (1966). - Modados comptos Phoneim da Alama. Adontique. Tanger. MANET, F., SENA, C. T. da (1991). - Le Sado, fleuve phénicien. De Facto. Majazzne d'Histone de l'Art et d'Archiologia. 1, 22-24.

MOVET, F., SRIVA, C. T. da (1992) - Abul: um estabelecimento orientalizante do século vin a.C. no baixo vale do Sadis. Sitúlbal Arquiológica. Setúbal. 9-10. 315-333.

MAYET, F., SRIVA, C. T. da (1993) - Presença fenícia no Baixo Sadis. Enulim Osintan. Os Fenícios no Território Português. Lisbos. 4. 127-142.

MAYET, F., SRIVA, C. T. da (1994a) - L'etablissement phénicien d'Abul. (Portugal). Académic do Inscription et Belles - Letins. Comptis Resulus. Paris. 171-188.

MANET, F., Sieva, C. T. da (1994b) -L'établissement phénicien d'Abul (Alcácer do Sal). Les Dossen d'Archologie Dijon, 198, 22-25. RUPETE TOMICO, P. (1988-89) - Las ceramicas con engobe rojo de Huelva. Huelra Arquiológica. Huelva. 10-11-3, 9-40.

Ruz Mata, D. (1986) - Las cerámicas fenicias del Castillo de Doña Blanca. (Puerto de Santa Maria, Cadiz). In Lis Emicus en la Pinimula fluinca. Sabadell. Editorial Ausa. p. 241-263.

SCHUDAT, H. (1986) - El asentamiento fenicio del s.viii a. C. en el Morro de Mezquitilla (Algarrobo, Málaga). In Los Fosicios en la Pississilla lluina. Sabadell. Editorial Ausa. p. 59-83.

SCHRIMET, H., NIEMEYER, H. G. (1976) - Trayamar Las bipageis fencios y el mentamento en la desmbecadura del Algarrebe, Madrid SCHRES, I. (1986) - Sado, navegação, pesca e comércio. Algumas notas históricas. In Enharcações Tradicionari do Sado. Setúbal. Museu de Arqueológia e Etnografía do Distrito de Setúbal. SCARIS, I., SILVA, C. T. da. (1986).

Ocupação pré-romana de Setubal.

Escavações arqueológicas na Traveisa dos Apóstolos. Actas da l'Excantir.

Nacional de Arquiológica Urbana. Setubal.

1985. Lisboa, Instituto Português do Património Cultural. p. 87-101.

SILVA, C. T. da [et al.] (1980-81).

Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). Situbal Arquiológica Setubal. 6-7.

149-218.

VUILLIAGO, (1965). Reconnessances dux échelles proidure d'Oranie. Autum.

Santa Olaia

Isabel Pereira

Situa-se na recente freguesia de Santana, no extremo leste do concelho da Figueira da Foz, distrito de Coimbra, sobre uma colina calcária, bordejada a norte, sul e oeste por terrenos de aluvião. Os campos são sulcados pelos rios Foja e Mondego (P - 355, 95957, M - 149/96215, folha 239 da carta militar de Portugal, 1947).

O povoado desenvolve se em socalcos, virados a norte, dos terrenos baixos até aos 25 metros de altitude. A sul, a encosta é íngreme e inacessível e a leste um fosso profundo separa-o do vizinho Monte do Ferrestelo.

Outras estações, dispersas por outeiros e campos férteis da rede hidrográfica do Mondego-Pranto, completam o povoamento da região.

É reconhecida a existência no monte do Ferrestelo de um "tumulus", desde o séc. XIX, graças aos trabalhos de Santos Rocha.

Crasto, Lírio e Bizorreiro do Castelo são povoados de média altitude, defendidos por muralhas ou por acidentes geográficos naturais e rodeados de bons terrenos agrícolas, de fácil acessibilidade. Em Crasto os achados apontam seguramente para uma ocupação contínua desde o Calcolítico até aos finais do séc. V ou inícios do séc. tV a. C.

Arieiro, Chões, Fonte de Cabanas, Pardinheiros, Santo Amaro 1 e Monte Gordo 1 são "casais agricolas" com alguma importância.

Em Santa Olaia, as habitações situam-se no pequeno planalto superior e nos socalcos virados a norte. No topo, três unidades habitacionais foram parcialmente escavadas. São casas de planta rectangular, edificadas com muros de pedra ligeiramente afeiçoada, assentes sobre um leito de terra batida. Nas faces, pequenos fragmentos de pedra e barro ajudam a nivelar as fiadas. O interior é igualmente preenchido por pedras mais pequenas, não trabalhadas. Estas construções não ultrapassam os 75 cm de altura.

A parte superior das paredes é levantada com blocos de adobe. Existem também casas com

É discutivel a integração de Santo Amaro na Idade do Ferro. É possível tratase de um fundo de cabana neolítico.

 Estação neolítica. Foi encontrado, todavia, no acervo do Museu Municipal, um fragmento de prato de enguhe vermelho. muros adossados. Pensamos que se destinavam a suportar o peso das paredes de adobe e das coberturas, feitas de ramos vegetais ou de caules de gramineas, revestidas de adobe.

Os pavimentos eram, no geral, de argila batida. Não é, todavia, estranha a utilização de conchas, areia e cal na sua construção. Foram sujeitos a contínuas reparações durante a sua utilização.

Nos pavimentos, junto dos muros ou nos seus ângulos, é comum o aparecimento de lareiras ou de pequenos fornos, onde a argila aparece calcinada ou recoberta com fragmentos de cerâmica. Não raras vezes são limitados por pedras.

Entre o socalco superior - topo do monte - e o seguinte, muito danificado e cortado quando da passagem da actual estrada nacional 111, encontra-se um sólido muro de pedra, em forma de arco, orientado no sentido este-oeste, feito de silares de grandes blocos, alternados por panos de pedra solta, de pequenas dimensões. Na base, pedras altas postas em cutelo davam-lhe maior solidez.

Edificação semelhante é conhecida no "cabezo de San Pedro", em Huelva e datada do séc. VIII a.C.

Recentemente, 1992-1993, a passagem da nova auto-via (IP3), levou a que, junto das terras baixas de aluvião, fossem escavadas a muralha e uma extensa zona industrial.

Santa Olaia, vista geral e localização



A muralha limitava o povoado a norte. A técnica de construção do pano interior difere da do pano exterior. Neste, virado aos actuais terrenos de aluvião, são visíveis enormes blocos de pedra calcária da região, com cerca de 1,50 x 0.85 metros, devidamente alinhados. Naquele, a construção é feita com pedras médias, 45 x 25 cm, aproximadamente, colocados em fiadas, levemente inclinados para o centro e assentes sobre pequenas lascas. O interior foi preenchido igualmente por pedras soltas, informes, não trabalhadas.

A leste, ainda na muralha, desenha-se a porta do povoado com 1,80 metros de largura. A zona industrial estudada ocupa uma área aproximada de 478 m2.

No sentido de evitar a humidade vinda da laguna, as zonas mais baixas foram impermeabilizadas usando a técnica do "enrocamento", isto é, grandes concentrações de pedra bruta que elevavam a cota do terreno. Sobre elas, foram depois edificados os pavimentos, lareiras, fornos e outras estruturas.

Os fornos exumados destinavam-se à fundição do minério. São construções geralmente semi circulares, edificadas em pedra, revestidas interiormente com argila e parcialmente enterradas. O pavimento é ligeiramente inclinado e a cúpula é construída de argila, com chaminé central. É desmontada no acto da desenforna. Existem também fornos circulares, de dimensão mais reduzida, construídos com a mesma técnica.

São, em suma, fornos de chaminé, com tiragem reforçada por "tubeiras" ou ventiladores. As cinzas e adobes circundam as construções. Escórias, fragmentos de chumbo e restos de metal informe foram exumados. Salienta-se também a existência de aderências metálicas em fragmentos cerâmicos. Foi igualmente exumado um fragmento de carvão mineral, possivelmente lenhite. No mesmo sector, e associado à metalurgia, e com paralelo em peças de Huelva, apareceu um fragmento de cerâmica perfurada.

As análises laboratoriais em curso esclarecerão problemas relacionados com a tecnologia utilizada nos fornos.

Dispersos, foram escavados pavimentos circulares de argila calcinada e lareiras bem definidas, demarcadas exteriormente por pedra. Estes elementos deveriam apoiar e complementar trabalhos metalúrgicos mais rigorosos executados naquele complexo industrial.

A sul, três fornos destinados ao fabrico de cal foram descobertos, com cal viva e cinzas no seu interior.

São fornos em forma de saco, inteiramente construidos de argila. Um anel de barro separa a câmara de combustão da de cozedura. A cúpula é igualmente feita de argila, com chaminé, desmontável quando da desenforna.

É comum, na área mediterrânica ligada ao mundo fenício, a associação da cal a fornos de fundição. Jesús Fernandez Jurado tem chamado insistentemente a atenção para o problema, em trabalhos recentes, e adianta hipóteses credíveis para a sua utilização. Em todo o sector metalúrgico de Santa Olaia os ossos são abundantes. A ideia do citado investigador espanhol que liga a presença de cal e de ossos aos processos de copelação dos metais fica, deste modo, reforçada.

Muros rectos, de pedra solta, com cerca de 50 cm de altura, orientam-se no sentido lesteoeste. Não é fácil integrar a sua função no terreno. Pensamos tratar-se de restos das estruturas destinadas a armazenar o combustivel vegetal.

A localização estratégica - ilhota na foz do Mondego, com fáceis contactos fluviais com a zona mineira da Beira interior -, a abundância de materiais exumados, nomeadamente cerámica e fibulas, ligam Santa Olaia a modelos conhecidos em todo o Mediterrâneo, relacionados com transacções comerciais de metais e produtos manufacturados. Não é, pois, descabido pensar que se trata de uma feitoria. A arquitectura - zona residencial, muro de suporte, zona industrial, muralha, etc., reforçam a hipótese.

A presença de Fenícios é atestada por materiais que remontam ao séc. IX a.C., concretamente as fíbulas. Todavia, são as cerámicas dos séculos VII-VI a.C. que predominam.

As análises efectuadas pelo Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial, Departamento de Química, em carvões e conchas (ICEN 777, 778), apontam para uma fixação fenícia antiga:

 Madeira carbonizada - Ao calibrar a data obtida, fazendo uso da curva de Stuiver e Pearson ("Radiocarbon", 28(2B), 1986, p. 805-838), obtem-se a intercepção em 392 cal a C e os seguintes intervalos:

> para 1 sigma: 765 - 673 cal a.C.

> 667 - 612 cal a.C.

610 - 150 cal a.C

149 - 116 cal a.C.

para 2 sigma: 840 cal a.C - 90 cal d.C.

 Conchas (Cerastoderma edule) - Ao calibrar a data corrigida, fazendo uso da curva de Pearson e Stuiver "Radiocarbon", 28(2B), 1986, p. 839-862), obtem-se a intercepção em 767 cal a C e os seguintes intervalos.

para 1 sigma:

795-752 cal a.C.

712-529 cal a C

para 2 sigma:

810-410 cal a.C.

Nos finais do séc. V ou inícios do séc. IV a.C. Santa Olaia é abandonada ou perde prestigio como centro de comércio.

Os materiais arqueológicos começam a rarear. Deste período final foram encontrados três fragmentos de cerâmica ática e um vaso completo de cerâmica estampilhada, in loca, datando o abandono de toda a zona industrial.

Bibliografia

(1) Santa Olaia. ALVES, V. F. S. S. (1984) - Aspectos da colonização púnica no território português. O "Castro" de Santa Olaia. Benr Altr. Viseu. 43. 1-2, p. 159-169. AZENHA, M. (1952) - Museu Municipal da Funcira da Foz e o "Castro" de Santa Eulălia. O Primiro de Amero, Porto, 19 Fev.

CORREIA, V. (1941) - Sentos Roche, fundador don Almen, Figueira da Foz. p.

FONTES, L. (1955) - O Dr. Santos Rocher a arqueologia tomiquesa Lisboa, p. 114 115 e 117-119

Cit., A. M. C. (1963) - Santa Olaia, () Fammonr. Figueira da Foz. 45, 1427. 29 hm., 3428, 6 Jul., 3429, 13 Jul. e. 3430 20 lul.

Ga. A. M. C. (1969) - Santa Olaia. Mar Alte Figueira da Foz. 1 Out. Guessa, A. V. (1970) - O Outeiro de Sama Olaia e a arqueologia portuguesa. In Actav e Menánas de I Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1958. Lisboa: Instituto de Alta Cultura p. 397-399.

Coffina A.V. (1966) - O'Moscu. Municipal do Dr. Santos Rocha. In Gaut de Portsutal Lisbon, p. 86-87, vol. 3. PEREIRA, F. S. (1965) - Noticia sobre a estação arqueológica de Santa Olara. Lucerus, Porto, 4, p. 181-188. ROCHA, A. dos S. (1905) - O Miner Municipal da Figurira da Foz. Catálogo. arral Figueira: Imprensa Lustana p.

111, 117, 119, 121, 129, 137-138, Additamento 1", 1906-1907, p. 9. ROCHA, A. dos S. (1907) - Restos de dolmers em Santa Olaia, Boletos do Sociedade Archeologica Santos Rocha. Figurity, 1: 4, p. 123-124.

ROCHA, A. dos S. (1908) - Esticos priromentas da Idade do Ferro nas pizinhanças da Figueira, Porto, p. 12-58.

ROCHA, A. dos S. (1971) - Almorais e exploração arquiridadas. Combra. vol. 2. p. 19-95, 157-160 e 175-176.

VILLIEUX, H. de (1937) - O Dr. Antémo dos Santos Rocha - elogio, notas, bibliografia de S. R. notas de bibliografia sobre S.R. Lisboa p 64, 69, 78, 79, 83, 150, 152, 171-174, 176-177, 224, 226-227, 229, 211 213 246-247 251-252 256-258 261-262

Ferrestelo

ROCHA, A. dos S. (1905) - O Mieru Musicipal da Figueira da Faz. Catálogo anal Figueira Imprensa Lusitana Additamento 1", 1906-1907, p. 9, n's 8441-8444 ROCHA A. dos Sc (1908) - O numilis do Monte do Ferrestello. Bolitim da

Sociedade Archeologica Santos Rocha. Figueira 1.7, p. 199-201

121 Crasto

ALMEIDA, F. de, D., FERRIBRA, O. da V. (1967) - Fechos e placas de cinturão. hallstáticos, encontrados em Portugal. O Arqueilogo Portugio, Lisboa, S. J. I. 111-95

CRUZ, P. B. da (1904) - Materiais para o estudo do neolíthico no concelho da Figueira - Mobiliário disperso, colhido no sitio do Crasto, frequezia de Tavarede: Boletin du Sociedale Archiologica Santos Racha, Figueira, 1, 2, p. 52-53.

GLICERA, A. V., FERREIRA, O. da V. (1971) - Inventário das estações da Idade do Ferro nos arredores da Figueira da Foz. In Actin da II Congresso Nacional de Argueologia, Coimbra, 1970. vol. 1. p. 297-301 ROCHA, A. dos S. (1905) - O'Absent

Minucipal da Figueira da Foz. Catálogo genal: Figueira: Imprensa Lusitana. Additamento 1", 1906-1907, p. 9. Additamento 2", 1909, p. 15 ROCHA, A. dos S. (1908) - Estações préromanas da Idade do Ferro nas vezinhanças. da Figueira. Porto. p. 63-83 ROCHA, A. dos S. (1971) - Messinger explorações arqueológicas. Coimbra. vol. 2.

p. 99-131. Lirio

ROCHA A dos S (1905) - O Museu Municipal da Figueira da Foz. Catálago. getal. Figueira: Imprensa Lusitana Additamento 2", 1909, p. 15 ROCHA, A. dos S. (1909) - Nova

Estação pré-romana da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira. Belitin da Socialide Archeologica Santos Rocha. Figueira, 1. 9. p. 241-244 ROCHA A dos S. (1971) - Mimbring explorações arquiológicas. Coimbra, vol. 2 p. 161-166 Bizorreiro ROCHA, A. dos S. (1905) - O Miner Municipal da Figueira da Foz. Catilloas

arral Figueira Imprensa Lusitana. Additamento 2", 1909, p. 15. ROCHA, A. dos S. (1909) - O Castro de Bazorreiro de Castella. Beletin da Sociedade Archeologica Santes Rocha Figureira 1-9 p. 245-246;

(3) Arieiro

GLIERRA, A. V. FERREIRA, O. da V. (1971) - Inventário das estações da Idade do Ferro nos arredores da Figureira da Foz. In Actav do II Congresa Nacional de Arqueologia, Coimbra, 1970. Coimbra vol. 1 p. 298. ROCHA, A. dos S. (1905) - O Maser Musicipal da Figueira da Foz. Catillogo amal. Figueira. Imprensa Lusitana, p. 138.

Choos

ROCHA A. dos S. (1905) - O Mann Municipal da Figurira da Foz. Catálogo. anul Figueira Imprersa Lusitana p. 136-137

ROCHA, A. dos S. (1908) - Estações perromanas da Idade do Ferro nas vizinhanço. da Figuerai. Porto p. 84-86. ROCHA, A. dos S. (1971) - Menorio e explorações arqueológicas. Combra vol-2 p. 153-136

Fonte de Cabanas

138

GLERRA A V. FERREIRA O da V. (1971) - Inventario das estações da Idade do Ferro nos arredores da Figueira da Foz. In Actas do Il Congressi Nacional de Arqueologue, Coimbra, 1970. Coimbra vol. 1, p. 298. ROCHA, A. dos S. (1905) - O Missi Municipal da Faguera da Foz. Catálogo: anal. Figueira: Imprensa Lustana, p.

ROCHA, A. dos (1908) - Sila prehistórico da Redinha Bridin da Sociidade Ascheologica Santos Rocha

Figueira, 1-7, p. 197. Pardinheiros. GUEULA, A. V., FERREIRA, O. da V. (1971) - Inventário das estações da Idade do Ferro nos arredores da Figueira da Foz. In Actas do II Caugroso Nacional de Arqueologia, Coimbra, 1970. Coimbra vol 1 p. 298. ROCHS, A. dos S. (1905) - O Masm Maniopal da Figuerra da Foz. Catálogo. anal Figueira Imprensa Lusitana p. 147. ROCHA, A. dos S. (1908) - Estações préromanas da Made do Forro nas eszonbanças. da Figuria: Porto: p. 86. ROCHA, A. dos S. (1971) - Menorum r. raplorações anpieológicas. Cosmbra.

vol. 2. p. 136. Santo Amaro

p. 227

CRUZ, P. B. da (1898) - Noticias varias. 1-Explorações da Sociedade Archeologica da Figueira da Foz, na Serra da Boa Viagem. O Arquislojo Português. Lisboa. 4-10-12. p. 274-275. CRUZ, P. B. da (1898) - Sociedade Archeologica. Gazeta da Figueira. Figueira da Foz, 9 Nov. GUERRA, A. V., FERREIRA, O. da V. (1974) - Invintário dos monumentos misalíficos dos arredons da Figueira da Foz. Figueira. p. 11. ROCHA. A. dos S. (1898) - Antiquidades prohistoricas no Concelho da Figueira. Combra. Imprensa da Universidade.

ROCHA, A. dos S. (1905) - O Aliuru Aluncifal da Figueira da Foz. Catalogo amel. Figueira. Imprensa Lusitana.

ROCHA, A. dos S. (1908) - Estações perrementa de libide do Ferro nan eszinhançan

de Figurise Porto, p. 86.

ROCITA, A. dos S. (1949) - Menérias e explorações arqueológicas. Coembra, vol. 1, p. 354 ROCHAZ, A. dos S. (1969) - Fundos de cabanas neoluhicas. O Arqueológio Pertegrés. Lisboa, 5.3, 3, p. 265 Monte Gordo

Estação neolítica. Foi encontrado,

todavia, no acervo do Museu Municipal, um fragmento de prato de engobe vermelho.

A cerâmica de ornatos brunidos em Portugal

Thomas Bulmer

Introdução

A investigação da Idade do Bronze do Sul da Península Ibérica concentrou-se, durante muitas décadas, no que era mais palpável e visível: na Cultura de El Argar e aparentadas, como a Cultura de Las Motillas ou a Cultura do Bronze Valenciano, mas também, no que diz respeito a Portugal, na Cultura do Bronze do Sudoeste, que preferimos designar como Cultura de Atalaia.

O Bronze Final, em contraste com as culturas citadas do Bronze Inicial e Médio, não oferecia ao arqueólogo as mesmas facilidades de investigação, não se conhecendo, durante muito tempo, os respectivos povoados, que só seriam escavados a partir dos anos 70. Como os costumes funerários desta época eram variados, com múltiplos modos de enterramento - cista, tolos, gruta, etc., havendo simultaneamente inumações e incinerações - os arqueólogos viram-se impossibilitados de investigar aquelas épocas em profundidade e reconhecer certas regras gerais. A investigação virou-se, nestas circunstâncias, para a investigação dos artefactos metálicos que se encontraram com certa abundância, definindo-se, com base nestes bronzes, o Bronze Atlântico, expressão que designa não só uma época - o Bronze Final -, mas também uma mal definida região do Ocidente, Centro e Sul da Europa, onde os achados metálicos daquele tempo mostram, quanto à sua tipologia, estreitas relações, quer culturais, quer comerciais.

Por se desconhecerem durante largo período os povoados e túmulos do Bronze Atlântico, a investigação arqueológica dificultou-se, pois a concentração no estudo dos achados metálicos não permitia o reconhecimento de grupos culturais locais, e mesmo o estabelecimento de um esquema cronológico, com base na metalurgia, não era fácil.

O achado de cerâmicas daquela época, inicialmente mal datadas, permitiu um progresso significativo da investigação do Bronze Final, tornando-se claro que todo o Sul da Península, e as regiões portuguesas ao sul do Douro, conheceram vários grupos culturais, tendo em comum a presença de ceràmica com ornatos brunidos.

Nos povoados do Bronze Final observam-se vários tipos de cerâmica, segundo a sua utilidade, a grande maioria do total é formada por cerâmica doméstica (80 a 90%), normalmente sem decoração, de forma grosseira e pouco cuidada, e só uma pequena percentagem (10 a 20%) é formada por cerâmica brunida, que se caracteriza pelo acabamento cuidado, sendo as superfícies bem tratadas e brunidas, mostrando, às vezes, vestígios de engobe. Só parte desta cerâmica brunida - que, para nós, é a cerâmica de luxo - foi decorada por motivos geométricos, ou simples traços, aplicados através de uma técnica particular e, até então, nunca vista na Península, com auxílio de um seixo, ou de um bocado de madeira apropriado, desenhavam os fabricantes desta cerâmica estes motivos no barro antes da cozedura dos vasos, resultando daí que os desenhos contrastam pelo seu brilho e uma cor ligeiramente mais escura do que o resto da superfície.

Devemos, portanto, distinguir entre cerâmica brunida, sem decoração, e cerâmica de omatos brunidos, embora ambos os tipos conhecessem as mesmas formas.

A cerâmica de ornatos brunidos era sempre feita à mão e cozida num forno redutor, i. e. com exclusão de oxigênio, resultando daí a sua cor cinzenta ou castanha escura. Foi a última época em que se fez, em Portugal, cerâmica à mão, o que em nada prejudicou a sua qualidade, antes pelo contrário, pois a olaria conheceu um ponto alto no gosto pelas formas e no cuidado aplicado do acabamento.

Datação

Este tipo de cerâmica caracterizou, na zona ao sul do Douro - pois aqui não comentamos a situação na vizinha Espanha - o final da Idade do Bronze, mais concretamente entre c. de 1000 e 700 a.C. Não se comprovou o seu uso antes da primeira data indicada, do que resulta que a cerâmica de ornatos brunidos não é sempre contemporânea do Bronze Atlântico, que começou c. de dois séculos antes. Não se conhece, até este momento, algum desenvolvimento tipológico desta cerâmica, pelo menos a nível regional, embora nós próprios tivéssemos conseguido detectar, nas escavações do Castelo Velho do Caratão, um tal desenvolvimento tipológico.

O início e o fim desta cerâmica prende-se, e pode ser estudado melhor, com povoados daquela época: são povoados quase sempre fundados ex 1000, e que, no fim da Idade do Bronze, deixam de existir. Esta situação contrasta com os povoados comparáveis do Sul e Sudoeste da Espanha, onde se observou a continuação daquela cerâmica de ornatos brunidos, especialmente na região do Betis, até c. de 600 a C., quando pouco a pouco começam a dominar as cerâmicas feitas a torno, denotando nas formas a influência das colónias fenícias.

Difusão

Seria certamente errado querer separar a cerâmica brunida da cerâmica de ornatos brunidos, ou, porventura, de cerâmicas contemporâneas e com formas semelhantes, mas com ornatos incisos após a cozedura, como é característico para a cerâmica do Bronze Final da região de Viseu, vulgarmente chamado o grupo "Baiões/Santa Luzia". Também não nos parece possível poder excluir deste grupo de cerâmica algumas estações do centro da Península, onde a cerâmica, embora não decorada, mostra todas as outras características da cerâmica com ornatos brunidos: as mesmas formas, os mesmos mamilos perfurados, os bordos denteados, asas de cinta larga, fundos planos ou redondos e com ônfalo, etc. Assim sendo, e resumidamente, podemos definir uma zona do Sul da Península, onde a cerâmica de ornatos brunidos está presente - vd. mapa de difusão de Schubart (1975, Karte 38) -, e uma outra zona, mais restrita, na Beira Alta, com cerâmica de tipo parecido, embora com decoração incisa, ou, como no Centro da Península, sem decoração alguma. No Sudeste da Espanha conhecem-se estações onde a cerâmica de ornatos brunidos é sempre rara, eembora existam paralelos estreitos entre aquela região e o Centro de Portugal a nível dos costumes funerários daquela época (Molina Gonzalez, 1978, 208)

Em Portugal, a ausência de escavações, ou de publicações, não permite obter uma imagem clara acerca da eventual existência de grupos locais. Se, por um lado, foi reconhecida a existência de, pelo menos, três diferentes estilos dentro da cerâmica de ornatos brunidos, nomeadamente o grupo de Baiões, o grupo de Lapa do Fumo, e o grupo de Alpiarça, tal só pode ser entendido como uma tentativa de ordenamento ainda mal documentado por falta de material. Outros grupos são prováveis, como na Beira interior, no Alentejo ou no Algarve.

Em Espanha observa-se um tipo de cerâmica parecido, dita - "cerâmica de retícula brunida" - nas províncias de Huelva, Sevilha e Badajoz. Embora de técnica idêntica na execução da decoração, observamos diferentes formas de vasos, a própria decoração é aplicada no interior dos mesmos, e é diferente nos motivos. A datação da mesma é diferente, como vimos, os povoados não mostram um desenvolvimento sincrono, quando comparamos o desenvolvimento dos respectivos povoados de Portugal e de Espanha, e os modos de enterramento, e os respectivos rituais, são diferentes. Tudo isto fala contra uma paralelização cultural entre Portugal e o Sudoeste da Espanha.

Em Portugal, a ceràmica de ornatos brunidos aparece subitamente e em abundância dentro dos respectivos povoados, desaparecendo com eles c. do início da Idade do Ferro. Assim somos levados a pensar que, quer o início, quer o fim das tradições de cerâmica de ornatos brunidos se devem a outras causas diversas das que originaram as cerâmicas de retícula brunida em Espanha. Foi proposto por H. Schubart (1971, 1975, 144) e F. Molina Gonzalez (1978, 208), que as cerâmicas de ornatos brunidos, e aqui incluiram as de retícula brunida, se devem a influências mediterrânicas. Dada a situação geográfica, e reconhecendo que a cerâmica de ornatos brunidos é mais antiga do que a de retícula brunida, tal proposta é dificilmente admissível com essa forma simplista. É possível que a realidade tenha sido mais complexa, e que devamos distinguir entre a cerâmica de ornatos brunidos, cujo desenvolvimento se processou com poucos estímulos exteriores, e a cerâmica de retícula brunida, fortemente sujeita às influências mediterrânicas.

A existência - ou não - de cerâmica de ornatos brunidos ou de retícula brunida no Alentejo e no Algarve é, por isso, de grande importância. Observamos no Alentejo uma tradição cultural forte durante o Bronze Médio - a chamada "Cultura de Atalaia"-, caracterizada por enterramentos em cista. O fim dessa cultura foi, a nosso ver, mal definido, dada a continuidade dos enterramentos em cistas, naquela região, até à 1º Idade do Ferro. Seria de esperar que se tivessem encontrado, em algumas destas Área de difusão da cerámica de ornatos brunidos em Portugal

1 - Pontes de Marchal, Faro (Comes, 1992, 110).

2 - Neves II, Castro Verde (idem, ibidem).

3 - Segovia, Campo Maior (Spindler, 1981, 271).

 Cerradinha, Santiago do Cacem, Sines (Spindler, 1981, 271).

5 - Castro da Azougada, Moura. (Spindler, 1981, 271).

 Thole da Nora Velha, Ourique (Spindler, 1981, 271).

7 - Mesa dos Castelinhos, Ounque (Spindler, 1981, 271), 8 - Alcácer do Sal (Spindler,

8 - Alcácer do Sal (Spindler, 1981, 271).

9 - Caheça de Varamonte; Monforte (Spindler, 1981, 271), 10 - Coroa do Frade, Évora

(Schubart, 1975, 62),

11 - Castro de Ratinhos, Moura (Schubart, 1975, 62).

12 - Castro do Giraldo, Évora

(Schubart, 1975, 62), 13 - Castro de Mangancha,

Aljustrel (Schubart, 1975, 61),

14 - Roça do Casal do Meio, Sesimbra (Spindler, 1981, 272),

15 - Lapa do Fumo, Sesimbra (Spindler, 1981, 272),

16 - Castro de Chibanes, Palmela (Spindler, 1981, 271);

17 - Alpiança (Coffyn, 1985, 212).

18 - Moinho da Atalasa, Amadora (Pinto a Parreira, 1978),

19 - Grutas do Poço Velho, Cascais (Coffyn, 1985, 212).

20 - Gruta da Ponte da Lage, Oeiras (Spindler, 1981, 272).

21 - Portacheira, Torres Vedras

(Spindler, 1981, 271), 22 - Tholes do Monte da Pena,

22 - Polos do Monte da Pens Torres Vedras (Spindler, 1981, 271).

28 - Grutas de Bocas, Rio Maior (Coffyn, 1985, 212),

24 - Castro de Pragança, Cadaval (Spindler, 1981, 272). 25 - Gruta de Vimeiro, Torres Vedras (Spindler, 1981, 272)

26 - Cova da Moura, Torres Vedras (Spindler, 1981).

27 - Castro do Cabeço de Mornhos, Matra (Spindler, 1981, 271).

28 - Fojo de Morcegos, Sintra (Coffyn, 1985, 212).

29 - Tholes de Monge, Siotra (Coffyn, 1985, 212).

30 - Abrushesro, Oesras (Spindler, 1981, 270).

31 - Cerrado das Torres, Sintra (Spindler, 1981, 271).

32 - Fortaleza de Abrantes (Pereira, 1988).

33 - Castelo Velho do Caratão, Mação (Horta Pereira, 1970, 285).

34 - Monte de S. Martinho, Castelo Branco (Coffyn, 1985, 212).

35 - Alegrios, Idanha-a-Nova (Vilaça, 1988).

36 - Castelejo, Sabugal (idem. 1993).

37 - Moreirinha, Idanha-a-Nova (idem. ibidem).

38 - Crasto de Tavarede, Figueira da Foz (Coffyn, 1985, 212, Spindler, 1981, 271),

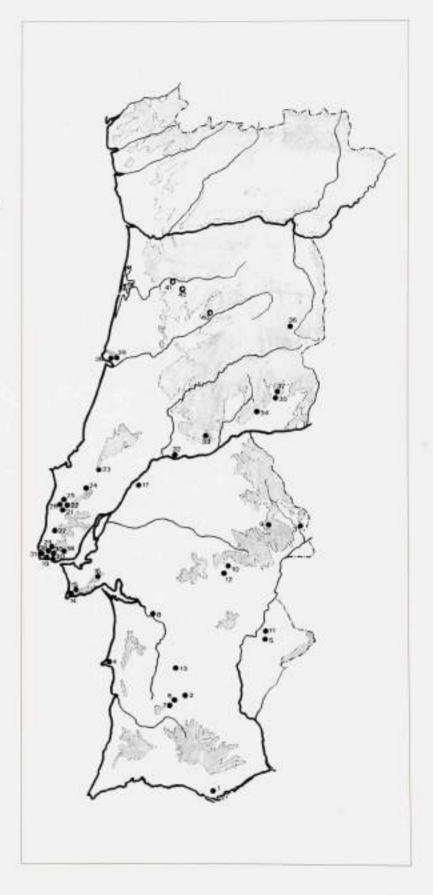
39 - Santa Olaia, Figueira da Foz (Coffyn, 1985, 212),

Grupo de Basões/Santa Luzia

40 - Cabeço do Castro, São Romão, Seia (Guerra [et al.], 1989),

41 - Castro de N. Senhora da Guia, Baiões, S. Pedro do Sul (Kalb, 1978);

42 - Castro de Santa Luzia, Viseu (Kalb, 1978).



cistas, e dada a abundância de oferendas de cerâmica encontradas nelas, também alguns vasos com ornatos brunidos. Tal nunca se verificou, o que só permite uma conclusão: no Sul de Portugal viviam, no Bronze Final, as diferentes populações lado a lado, embora de expressões culturais diferentes, o que explicaria a coexistência da cerâmica de ornatos brunidos com a "Cultura de Atalaia".

Os poucos fragmentos de cerâmicas de ornatos brunidos provenientes do Sul de Portugal provém de povoados ainda mal conhecidos, e só através de cuidadosas escavações poderíamos ver esclarecidas questões aqui levantadas.

Tipologia

As formas da cerámica de ornatos brunidos são essencialmente, limitadas a três:

- 1 uma, de fundo plano e colo vertical,
- 2 taça, de fundo redondo e com ônfalo,
- 3 tigela, de fundo redondo e com ónfalo, mas mais pequena do que a taça.

As primeiras duas formas encontram-se frequentemente em conjunto nos respectivos enterramentos de incineração, sendo a taça a tampa da urna. Este costume particular foi observado em Alpiarça, mas também no Sudeste de Espanha, o que é um indício de que não só as mesmas modas e gostos, mas também as mesmas tradições funerárias uniram, naquela época, ambas as regiões da Península. Mas será um indício suficiente para concluirmos pela existência do mesmo povo?

Os motivos de decoração são sempre geométricos, sempre em linha recta, como aliás convém dada a técnica empregue. As zonas decoradas dos vasos diferem de região para região. Na região de Setúbal observamos muitas vezes, mas não exclusivamente, um estilo designado por tipo "Lapa do Fumo" (Spindler, 1981, 183 ss.), pois é nessa estação que foi observado pela primeira vez tal estilo caracterizado por bandas largas e vastas zonas decoradas. Noutras zonas do Centro dominam as cerâmicas do estilo "Alpiarça", onde as zonas de decoração se limitam a estreitas faixas no bojo ou junto do bordo. É, no entanto, provável, dado que estes dois estilos não se excluem geograficamente, que eles representem duas fases diferentes.

Considerações finais

Deve o arqueólogo procurar sempre uma interpretação dos fenómenos observados: neste caso, o fenómeno é a razão de ser da cerâmica de ornatos brunidos. Com a cerâmica tipo "Boquique", representa a cerâmica de ornatos brunidos o segundo grande grupo de tradições de olaria durante o Bronze Final da Península. Se a cerâmica de Boquique ocupou o centro da Península, a cerâmica de ornatos brunidos ocupou o Ocidente, Sul e Sudeste, notando-se a falta de pontos de contacto entre as respectivas áreas de difusão de ambos os estilos. Se tal se deve, por um lado, a uma diferença cronológica, pois a cerâmica de Boquique começou no percurso do sé. XIV a.C., vemos nisto também uma intencional exclusão devido à incompatibilidade dos portadores de ambos os estilos. Diferentes

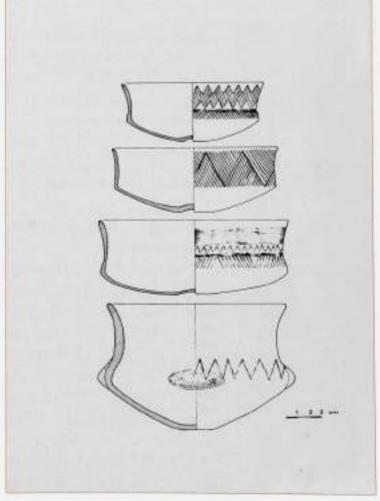
estilos de cerâmica reflectem diferentes grupos de populações, mas também pode ser verdade que nem sempre diferentes populações se distingam pelas cerâmicas em uso. No caso dos portadores da cerâmica de ornatos brunidos, não podemos deduzir, necessariamente, uma origem em comum de todos os grupos humanos que usaram esse tipo de cerâmica, e nem sequer podemos concluir daí o seu parentesco físico ou linguístico. A cerâmica de ornatos brunidos denota uma forte tendência para a formação de grupos regionais, cujas causas nos são desconhecidas. O estudo dos respectivos povoados, mais do que dos enterramentos, devia permitir, futuramente, um melhor esclarecimento das questões levantadas no presente trabalho.

As três principais formas da cerámica de ornatos brunidos:

- 1 Tigela.
- 2 Taça.
- 3 Urna
- (1 Alpiarça, 2 e 3 Castello Velho do Caratão)

Exemplos de motivos de decoração observados entre a cerámica de ornatos brunidos do Castelo Velho do Caratão





Bibliografia

COFFYN, A. (1985) - Le Bronze Final Atlantique dans la Pénnsule Ibérque. Paris Boccard. GUERRA, A. [et al.] (1989) - O Cabeço do Castro de São Romão, Seia. In-Actas do I Colóquio Arqueológico de Vines. Viseu Governo Civil. p. 189-214 KALE Ph. (1978) - Senhora da Cuia. Barbes, Madridor Mittellunges. Heidelberg, 19, 112-138. MOLINA CONZALEZ, F. (1978) -Definición y sistematización del Bronce Tardio y Final em el Sudeste de la Peninsula Ibérica. Cuademos de Prefristoria de la Universidad de Granada. 3. 159-232 PEREIRA, M. A. (1970) - Monumentos históricos do concelho de Mução, Mação. Câmara Municipal. PEREIRA, M. A. (1988) - Cerámica do Bronze Final na Fortaleza de Abrantes Iri Simposio sobre o Bronze Final na Beira Interior, Mação, 1988. PINTO, C. V., PARREIRA R. (1978) -Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a Norte do estuário do Tejo. In Actar das III Jornados de Associação dos Arqueelogos Portsguere, Lisboa, 1977, p. 145-163. SCHUBART, H. (1971) - Acerca de la ceramica del Bronce tardio en el Sur y Oeste Peninsular. Trabaias de Prehistoria Madrid 28 153-182 SCHIBART, H. (1975) - Die Kultus der Bronzezeit im Südwesten der Therischen Halbimel Berlin Deutsches Archäologisches Institut Madrider Forschungen 9). SEVA, A. C. F. da, GOMES, M. V. (1992) - Proto-História de Portugal. Lisboa Universidade Aberta. SPINDLER, K. (1981) - Core de Moura. Mainz (Madrider Beitrage, 7). VILAÇA R. (1988) - O povoado pré--histórico dos Alegrios (Idanha a -Nova), Noticia preliminar. Simpério volve a Branze Final na Betra Interior. Mação, 1988. VILAÇA, R. - (1993) - Resultados preliminares das escavações realizadas no povoado do Castelejo (Sabugal) Estudos Pré-históricos, Viseu. 1, 51-65.

O povoamento no Bronze Final e na Idade do Ferro na região de Lisboa

João Luís Cardoso

O Bronze Final

A região de Lisboa, mercê de condições naturais propícias - excelentes solos agrícolas, boa exposição solar, relevos regulares e suaves, proximidade do estuário do Tejo - constituiu desde sempre uma importante fonte de recursos e excelente via de circulação de pessoas e de bens. Possuía, com efeito, disponibilidade de água no subsolo, facilmente captável, bem como uma importante rede hidrográfica, propícia à agricultura e à penetração no interior deste bem delimitado território, cuja proximidade oceânica o tornaria ainda mais favorável a contactos transregionais. Reunia, assim, as condições necessárias para que, no decurso do Bronze Final, fosse ocupada de forma dispersa, mas densa, por comunidades economicamente prósperas e socialmente a caminho de uma crescente complexificação.

As condições aludidas explicam uma das actividades primordiais que caracterizaram a economia de tais populações. Trata-se de uma agricultura intensiva e extensiva, especialmente praticada nos solos basálticos que se desenvolvem em arco de círculo, em torno da capital, de Oeiras a Loures. Assim se compreendem os numerosos pequenos povoados, ou "casais agrícolas" (Marques & Andrade, 1974), sem quaisquer condições naturais de defesa, dispersos por encostas suaves e frequentemente próximos de pequenos córregos, onde a vida decorreria pacificamente, ao longo de todo o ano. A grande abundância de lascas de bordo serrilhado, de sílex, utilizadas como elementos de foice, encastoadas em suportes de madeira, mostra bem o pendor agrícola de tais comunidades, sobretudo dedicadas à produção cerealífera, complementada pela criação de gado bovino, ovino e suíno, por esta ordem de importância, segundo os resultados obtidos no único sítio até ao presente suficientemente investigado: o povoado da Tapada da Ajuda (Cardoso [et al.], 1980/81, 1986, Cardoso, 1987, 1990, 1994a, e c, 1995a, b, Cardoso e Carreira, 1993). A filiação cultural da respectiva comunidade em fase anterior ao terminos do Bronze Final encontra-se seguramente comprovada, não só pela total ausência da

característica cerámica de ornatos brunidos, não obstante os largos milhares de fragmentos compulsados, como também pelos resultados das cinco análises de radiocarbono efectuadas: aplicando a função densidade de probabilidade resultante da combinação das cinco datas, podemos situar a referida ocupação no século XIII a.C., ou na segunda metade do anterior (informação do Eng. A. Monge Soares, que agradecemos). A ocupação do espaço habitado, na suave encosta onde se implantou o povoado, caracterizava-se por pequenas unidades de carácter unifamiliar, pouco afastadas entre si-A única totalmente escavada, correspondia a uma cabana de planta oval, cujo embasamento era constituído por uma dupla fiada de blocos basálticos não aparelhados, com o comprimento máximo de cerca de 6 m. A abertura orientava-se para sul, dominando o estuário do Tejo: na zona adjacente, concentravam-se os detritos e lixos decorrentes da sua ocupação. Casas de planta oval distribuem-se, no Bronze Final, tanto no Norte como no Sul do País. No Norte, reconheceram-se exemplos na citânia de São Julião, Vila Verde (in Fabião, 1993), na Beira Alta, Monte de Santa Luzia e castelo de Beijós (Senna Martinez, 1994), e no castro de São Romão, Seia (Senna-Martinez, 1989, Fabião, 1993). No Sul, avultam as casas ovais do povoado de Neves II (Maia, MAIA, 1986). Pode concluir-se, desta forma, que se trata de modelo arquitectónico de larga distribuição geográfica, não sendo característico de nenhuma corrente ou fácies cultural específica.

O segundo elemento de carácter natural (o primeiro, como vimos, foram razões essencialmente geomorfológicas e pedológicas) que concorreu, decisivamente, para a afirmação e prosperidade da região de Lisboa no decurso do Bronze Final, corresponde à excelente posição geográfica da região. Comportando-se como verdadeira "placa giratória" (Kalb. 1980), articulando o Norte atlântico ao Sul mediterrâneo, e o interior ao litoral, à Estremadura, embora sem riquezas mineiras dignas de realce - se exceptuarmos, talvez, o ouro, explorado no curso inferior do Tejo corresponderia papel de grande relevância, como região intermediária, no comércio trans-regional de bens e produtos, cujas mais-valias viriam acrescer os benefícios económicos decorrentes da intensa exploração agrícola. Assim se explica, logo em fase inicial do Bronze Final, a presença de peças metálicas sumptuárias, como a espada pistiliforme recolhida no Tejo, junto a Cacilhas (Gomes, 1992). a qual poderia corresponder a uma oferenda às divindades aquáticas, como outras, de idêntico carácter. reconhecidas em contextos do "Bronze Atlântico". Com a crescente afirmação do poder económico destas populações, tais peças passariam a ser manufacturadas localmente, a par de outras, de natureza mais utilitária, paradigmaticamente documentadas pelo molde de fundição de foices de Rocanes. Cacém (Fontes, 1916), recolhido à superfície, em local correspondente a um pequeno povoado ou "casal agricola". O enriquecimento de tais comunidades, pela conjugação dos factores econômicos expostos, teria sido acompanhado de crescente estratificação social, no decurso do Bronze Final, tal como se verifica, por outras evidências, em distintas áreas geográficas do nosso País. Prova disso são os povoados de altura que, de forma cada vez mais evidente, ocorrem à medida que se aproxima o fim do Bronze Final. Com efeito, é desses locais que provém a quase totalidade das cerâmicas com ornatos brunidos, de que são exemplos os povoados de Cabeço dos Moinhos, Mafra (Vicente, Andrade, 1971), Castelo dos Mouros, Sintra (Cardoso, em prep.) ou do Cabeço do Mouro, Cascais (Cardoso, em prep.), para citar apenas três exemplos de diferentes concelhos da região que nos interessa. Tais povoados de altura comportar-se-iam, pois, como sede de um poder armado, onde residiria a "elite",

encabeçada pela figura do Chefe, a partir dos quais se administrariam determinados territórios bem demarcados. Estes seriam povoados por laboriosa e pacífica população entregue às actividades agropastoris, das quais dependia a sua própria subsistência e o abastecimento dos povoados de altura. A partir destes, controlar-se-iam ainda as vias comerciais por onde circulavam produtos do comércio trans-regional, manufacturados ou não e de cujo controlo decorriam benefícios econômicos evidentes. Podemos, pois, entrever, uma sociedade fortemente já hierarquizada (ao contrário do defendido por Wagner, 1995 para a região tartéssica), estabilizada e bem compartimentada no território, cujo sucesso teria dependido, por um lado, de uma sábia adaptação ao meio natural e da própria situação geográfica, explorando intensa e exaustivamente as suas potencialidades, e por outro da frança abertura a estímulos e impulsos culturais exógenos, viabilizados por relações comerciais entretanto estabelecidas.

A hierarquização social desta sociedade do Bronze Final encontra-se ilustrada por diversas evidências que importa valorizar. Uma delas, corresponde ao extraordinário monumento sepulcral da Roça do Casal do Meio, Sesimbra (Spindler [et al.], 1973/74), com evidentes analogias com as tholoi do Micénico II do final do II milénio (Gomes, 1995) e onde se recolheu um grande vaso com ornatos brunidos. Os dois personagens ali sepultados, eram ambos do sexo masculino, e de alto estatuto social, como documentam os objectos de prestígio, oriundos do comércio trans-regional e de cunho acentuadamante mediterrâneo que os acompanhavam, avultando entre eles um pente de marfim e uma fibula de enrolamento no arco. A ausência de armas sugere a hipótese de se tratar de dois sacerdotes a elite do Bronze Final teria, assim, uma vertente militar e outra de carácter religioso, ambas complementares na afirmação do poder.

Outra evidência da notável afirmação económica das elites do Bronze Final é fornecida pelo colar de Sintra. Trata-se de uma jóia aurifera, com o peso de 1260 g (Pereira, 1896), recolhida provavelmente em sepultura, na Quinta da Penha Verde, local de altura dominando vasta e fértil várzea adjacente. Esta peça, pelas suas características, pode situar-se no final do Bronze Final, ou na transição para a Idade do Ferro (Armbruster, 1995).

As condições de estabilidade, propicias à abertura a influxos externos, de há muito afirmados, e a evidente hierarquização social destas comunidades, sendo o poder político-militar emergente assumido por determinadas elites, constituiram factores determinantes para a rápida afirmação e difusão de produtos exógenos, oriundos do comércio fenício (Aubet-Semmler, 1990, p. 33).

A Idade do Ferro

No decurso da última década, tem vindo a afirmar-se a investigação de locais que receberam directamente produtos exógenos de origem fenícia, tenham ou não estes sido o resultado directo da presença de comerciantes semitas. A região de Lisboa, correspondente à embocadura do maior rio penínsular, desde sempre constituído como uma das mais importantes vias de circulação e de penetração para o interior, favorável ao escoamento das suas riquezas e produtos, reunia, naturalmente, as condições propícias para a fundação daquele tipo de estabelecimentos. Com efeito, os fenícios aproveitaram numerosos estuários que penetram para o interior dos respectivos territórios, no litoral

mendional peninsular, constituindo o estuário do Tejo um paradigma de tal situação. Assim, na margem esquerda do estuário, reconheceu-se o importante estabelecimento da quinta do Almaraz (Cardoso, 1990; Barros [et al.], 1993), implantado em um esporão estreito e alongado, dominando a embocadura do estuário do Tejo e em estreita relação com a enseada de Cacilhas, a qual constituía, então como hoje, sitio de acostagem natural à navegação fluvial. O estudo do local mostra duas ocupações diferenciadas, tanto espacialmente como no tempo. Assim, enquanto que na parte mais alta do esporão, ocupando uma plataforma superior, se identificou um povoado indígena do Bronze Final, com cerâmicas feitas manualmente, correspondente na actualidade a estrato muito desmantelado pela erosão, em plataforma mais baixa, predominam as cerâmicas feitas ao torno rápido de origem ou imitação oriental. Tais factos de observação sugerem que a plataforma inferior foi ocupada por populações sidéricas quando la superior já se encontrava abandonada, porém, mesmo que esta ainda se encontrasse ocupada, chegariamos a uma mesma conclusão, que consideramos mais provável o carácter exógeno da ocupação mais recente, a qual, segundo os elementos de observação disponíveis, terá correspondido a um estabelecimento fenício (Cardoso, 1995). Ambas hipóteses foram, aliás, discutidas a propósito de situações idênticas, observadas em diversos locais do litoral mediterrâneo peninsular (Schubart: Niemeyer, 1976; Schubart, 1987). No caso presente, as condições geomorfológicas descritas, muito semelhantes às de outros estabelecimentos fenícios daquele litoral (Schubart, 1982), a extraordinária frequência de produtos cerámicos importados - onde sobressai a cerâmica de verniz vermelho, característica da primeira fase da presença fenícia, dos séculos VIII-VII a.C. da qual se recolheram, em apenas uma fossa de acumulação de detritos, quase dois mil fragmentos, o maior número até ao presente estudado em Portugal - conjugada com a escassez de cerâmicas manuais indígenas, que, no contexto fechado referido, atingem apenas 3,6%, configura situação perfeitamente compatível com um estabelecimento fenício. A presença de formas específicas de cerâmicas de verniz vermelho, desconhecidas em outros contextos fenícios, faz crer que o Almaraz se comportou como um importante centro produtor ou, ao menos, distribuidor de tais fabricos de carácter regional (talvez mesmo ali produzidos), melhor adaptados ao gosto das populações locais. As referidas produções são consentâneas com a realidade de uma feitoria fenícia ali sediada, considerando que tais locais eram. além de centros de troca, também locais de produções mais ou menos industrializadas de artigos de grande procura pelas comunidades indígenas.

Duas datas de radiocarbono, para materiais de enchimento daquela fossa, indicam, depois de calibradas, e para intervalo de confiança de dois sigma, o século IX a.C. ou inícios do seguinte. Tais resultados estão em contradição com a tipologia dos materiais cerâmicos, que não ultrapassam a segunda metade do século VII a.C., aliás em estreita consonância com as cronologias de outras ocupações, como a do castelo de Alcácer do Sal (Silva et al., 1980/81) ou a da feitoria fenícia de Abul (Mayet, Silva, 1993, 1994). Acresce que se conhece apenas um único estabelecimento fenício do litoral peninsular da primeira metade do século VIII a.C. trata-se do Morro de Mezquitilla, Málaga e um outro fundado ao redor de meados desse século, em Chorreras, um pouco a Este daquele (Schubart 1982, 1988), desta forma, a consideração de cronologias tão ou mais recuadas para a presença fenícia neste extremo ocidente, por vezes apenas baseadas em uma data de radiocarbono é de encarar com reservas, até que materiais arqueológicos concludentes sejam publicados.

No litoral oposto do grande estuário, encontra-se igualmente documentada a presença fenícia. Assim, no claustro da Sé, correspondente a pequena plataforma situada na parte inferior da colina do castelo, foram exumados diversos materiais cerâmicos, no início do século, por Vergílio Correia (Cardoso, Carreira, 1993), os quais indicam, em conjunto, a primeira metade do século VI a C. Em recentes escavações ali efectuadas, teriam sido recolhidas cerâmicas dos séculos VII-VIII a.C. (Matos, 1994), de momento conhecidas de forma muito preliminar (Amaro, 1993).

Por outro lado, no subsolo da actual baixa lisboeta, também Vergilio Correia recolheu pequeno lote de materiais cerâmicos (Cardoso, Carreira, 1993) reportáveis igualmente à primeira metade do século VI a.C. Esta descoberta configura uma situação em que ao aglomerado urbano, situado na plataforma da Sé, correspondia a zona portuária, na zona ribeirinha situada a poente, na base da colina, e na confluência de antigo esteiro, hoje totalmente assoreado, com o estuário, afinal realidade muito próxima com a verificada em Cacilhas, onde, porém, a zona portuária não forneceu até ao presente materiais anteriores ao período romano.

A nítida implantação destes dois estabelecimentos, em plataformas dominantes, estrategicamente situadas de ambos os lados do estuário do Tejo, tinha evidentes objectivos comerciais: permitia o controlo da circulação fluvial de e para o interior do território, através desta importante estrada aquática. Ali seriam transaccionados os produtos agro pecuários produzidos nas férteis campinas ribatejanas, como cereais, vinho, carne (fumada e de conserva) por objectos de carácter utilitário (ânforas, pythoi, cerâmicas finas, instrumentos agrícolas de ferro) ou sumptuário (objectos metálicos, adornos, vidros), mais para montante, outros locais seriam propícios à fixação de entrepostos ou locais intermédios de troca, embora de cunho mais marcadamente indígena, como o local da alcácova de Santarém (Arruda, 1993), ou os Chões de Alpompé, onde Diogo (1993) identificou ânforas do século VII a.C. Com efeito, as ânforas poderiam ter, simultaneamente, o papel de contentores e de unidades de troca, como nos estabelecimentos fenícios da costa andaluza (Pellicer, 1979/80, p. 329). Na fértil região do baixo Tejo, não será necessário recorrer à existência de matériasprimas de grande relevância no mundo antigo, susceptíveis de serem ali obtidas, como o ouro, atrás mencionado e tão insistentemente cantado pelos Romanos (Vasconcelos, 1905), ao que parece com justificada razão (Choffat, 1912/13), ou o sal, para se perceber o interesse dos Fenícios em se estabelecerem na região. Aubet-Semmler (1991, p. 622) admite que a riqueza agro-pecuária de certas zonas do litoral peninsular com as quais os Fenícios mantiveram contactos comerciais justificaria plenamente aquela presença, bem comprovada no caso presente.

Com efeito, a antiga urbe da margem norte do estuário ter-se-ia então afirmado como verdadeiro "lugar central", controlando as trocas não apenas de montante, mas também as efectuadas na região adjacente, onde, desde o Bronze Final, se desenvolvia uma bem sucedida economia agro-pastoril. Assim se explicam as numerosas unidades de raiz familiar, que continuaram a assegurar o aproveitamento agrícola dos solos, descendentes directas das suas antecessoras do Bronze Final. Tal situação configura uma organização económico-social destas comunidades sem grandes modificações desde então, exceptuando o papel económico preponderante baseado na actividade comercial, com efeitos em toda uma vasta região envolvente, assumido pela urbe do Tejo no alvor da Idade do Ferro. Por outras palavras, as inovações tecnológicas introduzidas pelos Fenícios, designadamente o fabrico

em série de recipientes, de grande variedade de tamanhos e formas, possibilitado pelo uso do torno rápido, e a adopção de utensílios de ferro, não teve consequências evidentes ao nível da situação económico-social delineada desde o Bronze Final. Não obstante, outras alterações significativas ao nível do registo material são evidentes: as casas de planta oval do Bronze Final dão lugar a habitações de planta circular, com embasamento de alvenaria argamassada e super-estrutura de adobe, os exemplos reconhecidos em Outurela I e Outurela II (Cardoso, 1987, 1990, 1994b, e c) têm paralelos na própria baixa lisboeta, embora estas últimas estruturas sejam mais recentes, já de época ibero-púnica (Amaro, 1995).

Com efeito, na região de Lisboa, às importações fenícias e respectivas imitações sucedem-se materiais de produção púnica, também eles mesclados com produções locais ou regionais. A época da maior parte das unidades agrícolas reconhecidas e suficientemente caracterizadas, do ponto de vista arqueológico, na região lisboeta, de que são exemplo as já mencionadas estações de Outurela I e de Outurela II, no concelho de Oeiras, Moinhos da Atalaia (no de Amadora), ou Santa Eufémia (em Sintra), para só citar ocorrências de diferentes concelhos, pode situar-se nesse preciso momento de transição. Trata-se de pequenas unidades habitacionais de carácter muito perecível ou seja, de "vida curta", talvez habitadas no decurso de uma ou duas gerações. As cerâmicas exumadas denunciam nítida filiação em modelos fenícios (Pinto, Parreira, 1978; Cardoso, 1990; Marques, 1982/83), estando presentes ânforas na tradição ou aff. da F.R. L. associadas a outras da forma Mañá/Pascual A4 (seg. classificação de C. Tavares da Silva, que agradecemos); porém, um dos mais característicos produtos fenícios, os pratos de verniz vermelho, já não ocorrem, enquanto que certas cerâmicas finas, cinzentas a negras, com superfícies brilhantes pelo polimento, acusam marcado regionalismo das produçõessendo conhecidas em Conimbriga e em Santa Olaia, não foram registadas no vale do Sado, muito mais próximo (seg. informação de C. Tavares da Silva, que agradecemos). No conjunto, tais babitats correspondem a período do final do século VI a.C. e a todo o século seguinte.

Não foi apenas ao nível económico que a empresa fenícia se afirmou. Também no plano, mais abstracto, da crença e da religião, se adoptaram novas práticas e outros ritos. Disso é prova o jarro, oinochor, e respectivo "brasero" (na verdade a respectiva bacia de libação) recolhido em uma sepultura de Torres Vedras (Trindade, Ferreira, 1965). Este achado, situável no apogeu do comércio fenício ocidental do século VII a.C., constitui um frisante exemplo da integração ideológica das "elites" locais, assegurando a afirmação fenícia por uma das três vias de interacção consideradas por Aubet-Semmler (1990). Os frutos dessas influências ideológicas por certo persistiram por gerações, mesclando-se ulteriormente com novas crenças e outros costumes litúrgicos, trazidos pelos Romanos é o caso do culto das divindades aquáticas (Ribeiro, 1983) (talvez com origem no Bronze Final), do Sol e da Lua (Ribeiro, 1982/83), ou das divindades marinhas (Cardoso, Encarnação, 1992), talvez com origens aínda mais antigas.

Desconhecem-se as razões que levaram ao colapso das feitorias fenícias do Ocidente, entre as quais se devem inscrever as penínsulares. Por uma única ou, mais provavelmente, um conjunto de razões, o fim das importações fenícias coincide com a emergência da afirmação dos produtos de Cartago, ainda pior conhecidos que os anteriores, no que ao território português diz respeito. Tal limite corresponde à transição de uma 1º Idade do Ferro que, na área em apreço, assume nítido pendor

mediterrâneo, para uma 2ª Idade do Ferro, igualmente de evidentes afinidades com aquela região, realidade que é extensível a todo o Sul de Portugal (Arruda [et al.], 1995).

Um dos mais importantes conjuntos foi exumado no decurso das importantes escavações conduzidas pelo Departamento de Arqueologia do IPPAR, tanto no claustro da Sé, como no subsolo da baixa lisboeta. Tal situação configura a continuidade funcional das duas áreas já ocupadas no decurso do período anterior: a plataforma da Sé, como área residencial, e a respectiva zona portuária, no esteiro adjacente. O seu pendor não apenas comercial, mas também industrial é flugrante: bastaria para tal considerar o forno de cerâmica ali exumado. Os materiais cerâmicos dos séculos V a III a C. comprovam a evidência das relações mediterrâneas, avultando peças de origem púnica (Amaro, 1995), além de raras importações áticas, do final do século V a C. ou do século seguinte, também presentes em Almaraz, cuja presença se explica pelo comércio púnico, possivelmente a partir do foco difusor de Gades. A importância de tal comércio em todo o baixo Tejo encontra-se, ainda, expressivamente sublinhado por numismas hispano-cartagineses do último quartel do século III a C. (Faria, 1987; Kalb, Hock, 1981/82).

Poderá ainda considerar-se uma 3º Idade do Ferro, correspondente ao periodo desde as primeiras influências itálicas até à plena romanização, correspondendo-lhe a Fase V da ocupação do castelo de Alcácer do Sal, onde foi definida (Silva [et al.], 1980/81). Na área em apreço verifica-se, uma vez mais, nítida continuidade na estratégia de ocupação do território, bem como no respeitante às características económico-comerciais vigentes, por via da manutenção dos fluxos mediterrâneos. Continuam a ser ocupados lugares sem condições de delesa, correspondendo a pequenas unidades familiares dedicadas à exploração agro-pastoril do território adjacente da actual cidade. Alguns destes núcleos darão origem, provavelmente em continuidade, como Casais Velhos e Freina, ambos do concelho de Cascais, a importantes núcleos da época romana (Cardoso, 1991), que se prolongaram até à alta Idade Média.

Dos materiais exumados nos escassos povoados até agora identificados deste derradeiro momento da Idade do Ferro, avultam as produções anfóricas neopúnicas, por vezes associadas a fabricos itálicos. Reconheceram-se fragmentos de ânforas da forma Mañá C2 em Casal Cabanas (Maia, 1978) e em Oeiras (Cardoso, no prelo). Tais ânforas, de produção norte-africana, e destinadas ao transporte de preparados piscícolas, evidenciam ampla distribuição no Mediterrâneo Ocidental (Coelho-Soares, 1986) ilustrando, uma vez mais, a abertura às trocas comerciais protagonizada por estas populações, em plena e constante reafirmação de uma realidade remontando pelo menos ao Bronze Final.

A permanente absorção de estímulos tecnológicos e culturais oriundos do Mediterrâneo, espaço geográfico determinante para a formação económico-social do Bronze Final e de toda a Idade do Ferro da região de Lisboa constitui exemplo de rara continuidade protagonizado por populações, vivendo em área já então periférica face aos grandes estímulos civilizacionais que pontificaram de forma mais brilhante em outros trechos do litoral meridional da Península Ibérica.

O sucesso da afirmação de tais comunidades, conservando as suas raízes culturais, e a sua organização económico-social, por tão dilatado período de tempo, até à plena romanização, decorreu de um bem sucedido processo de aculturação e de inteligente optimização dos recursos naturais oferecidos pelo território: os estímulos exógenos foram acompanhados por um desenvolvimento

económico "sustentado" resultante da exploração agro-pecuária intensiva, a par dos benefícios das mais-valias decorrentes da posição geográfica de excepção.

Bibliografia

ANURO. C. (1993) - Vestígios materiais orientalizantes do claustro de Sé de Lisboa, Emidos Orientais. Os fenicios no território português. Lisboa, 4, 183-192 AMARO, C. (1995) - Núcleo arqueológico da ma dos Correntos. Lisboa. Fundação Banco Comercial Portugues. ARMHUSTER, B. (1995) - O colar de Sintra. In A Idade do Bronze en Portugal. Discusse de Pader, Lisboa, IPM, p. 103. ARRLIDA, A. M. (1993) - A ocupação da Idade do Ferro da alcácova de Santarém no contexto da expansão fenicia para a fachada atlântica peninsular Estados Oventan. Os fenicios no território português Lisboa 4, 193-214. Arruda, A. M., Guerra, A., Farião, C. (1995) - O que é a ll Idade do Ferro no Sul de Portugal? Trabalhes de Antropologia e Etvalogia, Porto, 35-1-2. 237-257. Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular, Porto, 1993. AUBET-SEMMLER, M. E. (1990) - El impacto fenicio en el intenor del mediodia peninsular. In La Cultura Tartesca y Extermadura, p. 29-44 (Cuadernos Emeritenses, 2). ACHIET-SEMBLER, M. E. (1991) - Notas sobre las colonias del Sur de España v su función en el marco territorial el esemplo del Cerro del Villar (Mälaga). In Am del II Congresso Internazionale di Studi Fenci a Punici. Roma Consiglio Nazionale delle Richerche, vol. 2. p. 617-626 Barros L de Cardoso J L Sabrosa, A. (1993) - Ferricios na margem sul do Tejo. Economia eintegração cultural do povoado do Almaraz - Almada Estudos Orimtais Os fenicios no território português. Lisboa, 4, 143-181. CARDOSO, G. (1991) - Certa.

arqueológica da concelho de Cascan-Cascais Chmara Municipal CARDOSO, G. ENEARNACAO, I. d. (1992) - Sondagem no Espigão das Ruivas (Alcabideche, Cascais) Al-Malim Almada S. 2, 2, 150. CARDOSO, J. L. (1987) - No estuário do Tejo, do Paleolítico à Idade do Ferro. In Argueologia no vale da Tejo. Lisboa IPPC/DA CARDOSO, J. L. (1990) - A presença oriental no povoamento da l'Idade do Ferro na região riberrinha do estuário do Tejo. Estudos Orientais. Lisbos. 1.119-134 CARDOSO, I. L. (1994a) - Comentário ao sitio arqueológico da Tapada da Ajuda In Enboy Subtershur (1994) Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia Milão Electa Catálogo p. 192-193 Cardoso, J. L. (1994b) - Comentário ao sitio arqueológico de Outurela. (Oeiras). In Lisboa Subterranna (1994). Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia Milão Electa Catálogo. CARDOSO, J. L. (1994c) - Investigação arqueológica na área de Lisboa. Os últimos dez anos. Al-Madau, Almada, 5.2.3.59.74 CARDOSO, J. L. (1995a) - O povoado do Bronze Final da Tapada da Ajuda. In A Islade do Bronze en Portugal. Discarios de poder Lisboa IPM p. 48. CARDOSO, J. L. (1995b) - Os pevoados do Bronze Final a Norte do estuário do Tejo. In A likele do Brover en Portagal Document de poder, Lisboa IPM CARDOSO, J. L. (1996) - A 3º Idade do Ferro no concelho de Oeiras um contributo. Estados Arqueológicos de Onna Ociray 6. CARDOSO, J. L. (no prelo) - O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisbon um ensaio. Conndriga. 34. Cardoso, J. L. (em preparação) -

A ocupação do Bronze Fonal do Castelo dos

Moures [Sortea] Cardoso, J. L., Cardoso, G. Jem. preparação) - O povoado da Idade do Bronze do Cabeço do Mouro (Aboboda, Carcer) CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. (1993): - Le Bronze Final et le début de l'Age du Fer dans la région riveraine de L'estuaire du Tage, Meditentino 2. p. 193-206. Curposo, J. L. [et al.] (1980-81) -Descoberta de jazida da Idade do Bronze na Tapada da Asuda Setéhal Arquiológica Sesúbal 6/7, 147-138 CARDOSO, J. L. [et al.] (1986) - A sazida do Beonze Final da Tapada da Apuda Lisboa Revista Ahmorpal Lisboa S 2 15 13-18 CHCHEAT, P (1912-13) - Sur les sables aurifères, marins, d'Adiça et sur d'autres dépôts aurifères de la côte occidentale de la péninsule de Setübol. Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal Lisboa 9, 5-26. Diogo, A. M. D. (1993) - Anforas pré-romanas dos Chões de Alpompe (Santarém) Estudos Ovimtais Os fenicios no território português Lisboa 4, 215-227 FAITAO, C (1993) - O passado protohistórico e romano. In MATOSO, J. che - Historia de Pormard Lisboa-Editorial Estampa vol. 1, p. 77-229. FARIA A. M. de (1987) - Cuerras e conflitos no vale do Tejo na antiguidade o testemunho dos tesouros monetários. In Asperlada ro puls do Tejo. Lisboa IPPC DA: p. 60-61 FORTES J. (1916) - Sur un moule pour faucilles de bronze provenant du Casal de Rocanes O Arquellogo Portuguis. Lisbna 21, 337-347 GOMES, M. V. (1992) - A Idade do Bronze Final In SILVA, A. C. F. da. GOMES, M. V. (1992) - Proto-Harristale Portugal Lisboa: Universidade Aberta. p.103-125.

Grints, M. V. (1995) - A sepultura da Roca do Casal do Meio. In A Idole do Brosze im Portugal, Discussos de poder Lishoa IPM p. 94 KALEP. (1980) - O "Bronze Atlântico" em Portugal. In Actas do Sommino de Arasmiodia do Noroeste Pesossular Comaraes. Sociedade de Martins. Sarmento, vol. 1, p. 112-138. KAIR P. HOCK, M. (1981-82) -Cabeco da Bruxa, Alpiarça (Distrito de Santarém). Relatório preliminar da escavação de Janeiro e Fevereiro de 1979 Pertonalia Porto N.S., 2/3 61-69 Miss. M. (1978) - Antoras neopúnicas do Sal de Portugal. In Actas do III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arquellogos Portugueses, Lisbora, 1977. T. p. 199-207 Maia, Mt., Maia, M. (1986) - 7 Arapeologia da arra mineira de Neves-Corvo. Trabulbos realizades no tricino en 2-44. Lisboa Somincor Mutours, G. (1982-83) - Aspectos da Proto-história do território português. II - Povoado de Santa Eufémia (Sintra), Sintra, 1-2, 59-88 MUDGUES, G., ANDRADE, G. M. (1974) - Aspectos da Proto-Insténa do território português. Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). Actas do III Contresso Nacional de Arqueologia, Porto-1973 vol. 1, p. 125-148. Matos, J. L. de (1994) - As escavações no intersor dos claustros da Sé e o seu contributo para o conhecimento das origens de Lisboa. In MOITA 1 coord. - O Liero de Lisbox. Lisbox. Livros Horizonte, p. 32-34. PELLEER, M. (1979-80) - Ensayo de periodización y cronologia tartesia y turdetana. Habs. Sevilla. 10-11, 307-333 PEREIRA, G. 1894 - O collar da Penha-Verde: Beleton da Real Associação dos Architectus Cura e Archeologos Portugueses Lisboa S. 3. 7-1. 77-78 PINTO, C. V., PARREIRA, R. (1978) -Contribuição para o estudo do Bronze

Arqueológicas da Asserração dos Argaediagos Portugueses, Lisbon, 1977, vol. 1. p. 147-163 RIBERO J. C. (1982-83) - Estudos histórico-epigráficos em tomo da figura de L. Ivlivs Maelo Cavdievs. Sintra 5-12 151-476 RIBERIO, J. C. (1983) - Contributos para o conhecimento de cultos e devoções de cariz anuatico relativos. ao território do Municipso Olissiponerse: Beletin Cultural da Assembleia Distritul de Losboa. 891 1. 331-369. SCHUBSICI, H. (1982) - Aserstamientos fenicios en la costa meridional de la Peninsula Iberica. Hinley Aspresioner. Huelva 6, 71,99. SCHLINKE, H. (1987) - Hallazgos fenicios y del Bronce Final en la desembocadura del rio Guadiaro (Cadiz). Amaria Arguerlagico de Andaluzia, 1986, 200-227. SCHLBART, H. (1988) - Los primeros asentamientos fenicios en las costas de la Peninsula Iberica. Honorage a Emispir Pla y Ballisto: Valencia: Diputació de Valencia p. 31-43. SCHURART, H., NIEWEYER, H. G. (1976) - Trayamar, Los hipogeos fenicios y el asentamiento en la desembocadura del rio Algarrobo. Madrid (Excavaciones Arqueologicas en España, 961. SENNA MARTINEZ, J. C. de (1989) -Pré-limitirsa escente da bacia do média e alto Mandago, algunar contribuções para son mafelo secocultural. Lisboa. Faculdade de Letras. Tese de doutoramento em Pré-história e Arqueologia 3 vols policopiados. SENNA-MARTINEZ, J. C. de (1994) -Entre Atlântico e Mediterrâneo: algumas reflexões sobre o Grupo Baiões/Santa Luma e odesenvolvimento do Bronze Final permisular. Trabalbes de Asqueologia da EAM. Lisbon. 2, 215-232. SiLVA, C. T. da [et al.] (1980-81) -Escavações arqueológicas no castelo de Alcacer do Sal (campanha de 1979). Sesibal Asquedigica. Scrübal. 6/7, 141-218.

Sciales, A. C. (1986) - Achados armoeológicos na vila de Odemira. Traballses de Argueologia do Sul. Evora-SPINDLIB, K. [et al.] (1973-74) - Le. monument à coupole de l'âge du firmsze Final de la Roça de Casal-do Meio (Calhariz). Communicações dos Serriços Genlancas de Portugal, Lisboa. 57 91-153 TRINDADE L. FERREIRA O. da V. 11965) - Acerca do vaso "pinforme" tartéssico de bronze do Museu de Torres Vedras, Boleton Cultural da Junta Dennial de Lisboa 63-64 175-183. VANCONCELOS, J. L. de (1905) -Religiões da Lumania. Lisboa. Imprensa. Nacional vol 2 VICENTE E P. ANDIGURE G. M. (1971) - A estação arqueológica do Cabeço de Mombos. Breve noticia-Actas do II Conaresso Nacional de Angueologia, Coimbra, 1970, vol. 2, p. 223-238 WAGNER, C. G. (1995) - Ferricios v. autóctonos en Tartessos. Consideraciones sobre las relaciones coloniales y la dinâmica de cambio en el suroeste de la Peninsula Ibérica. Trabasos de Probistoria, Madrid, 52 1.109-126

Final e do Ferro Inicial a Norte do estuário do Tejo. Actas das III Jornadas

Os povoados da 1ª Idade do Ferro do Sul de Portugal

Virgilio Hipólito Correia

É muito variado o cariz dos habitats da 1º Idade do Ferro do Sul de Portugal mas, na análise do padrão de povoamento dos séculos VIII a V. são particularmente característicos alguns povoados de características não-urbanas que parecem ter sido locais centrais de extensões territoriais significativas e terem incorporado uma larga gama de funções económicas e rituais (Correia, no prelo) A dispersão destes pequenos povoados não fortificados, caracterizados por uma particular tradição arquitectónica que inclui compartimentos periféricos, destinados a actividades religiosas ou cultuais, constitui, neste período, no Sul de Portugal, um fenómeno crucial. O sítio onde estas características melhor se identificaram é Fernão Vaz (Beirão, 1972; e., 1986; Beirão; Correia, 1991; e., no prelo; Beirão, Gomes, 1985).

Trata-se de um edifício de planta notavelmente regular, de que se escavaram cerca de 40%, composto por um grupo de quatro longos compartimentos, divididos internamente, de planta semelhante aos armazéns de Toscanos (Niemeyer, 1982, p. 185). O acesso é-lhes permitido por outro grande compartimento rectangular, que funciona como um nartex e que forma um dos lados de um grande pátio, onde se entra por um vestibulo monumental com uma lareira proeminente. Ao lado desta entrada, mas abrindo para o lado oposto, existem duas outras salas, devendo a do lado sul ter funcionado como santuário ou como depósito de objectos rituais. Um raro conjunto de objectos incluindo um obelos, dois kurthos e um vaso que se classificaria como um alnos com bico, sendo todos os vasos de produção local, tornam provável a hipótese de que algum tipo de libação ou refeição ritual teve lugar nesta sala, ou noutra sala do edifício a que esta servia de depósito.

Em Neves (Maia, 1986, Maia, Correa, 1985) um grupo de pequenas construções à volta de uma área central caracterizam o que deve ter sido uma pequena instalação rural, de tipo não muito diferente dos montes alentejanos. Na parte traseira das construções existem dois compartimentos, abertos, onde se localizou uma inscrição que tem sido apontada como um dos poucos exemplos em que a escrita do SO foi utilizada fora do contexto funerário, a estrutura inusual da inscrição pode corroborar esta interpretação. Ainda que a documentação da escavação não o prove irrefutavelmente, a restituição das estruturas com a inscrição na parede do fundo, virada para o interior dos compartimentos, não pode ser ignorada e é verosímil. As restantes estruturas parecem formar dois blocos habitacionais distintos.

Em Corvo (Maia, 1986, e. 1987), um povoado algo semelhante a Neves, um dos compartimentos deve ter sido um templo. Uma antecâmara, com entrada lateral, dá acesso a uma sala comprida, com uma espécie de ábside ao fundo, definida por duas pilastras. No centro do naos foram encontrados, depositados abaixo do solo, dois lamakes. A tampa de um deles imita um lingote em forma de pele de boi, para a tampa do outro encontram-se paralelos na Grécia Oriental. Outras construções, incompletamente escavadas, talvez de uso habitacional, completam o conjunto.

Construídos em taipa sobre uma base de pedra - a técnica edilícia dominante na Idade do Ferro do Mediterrâneo - hoje reduzidos normalmente a frustes vestígios, de análise muitas vezes difícil, estes edifícios (substantivo que melhor os descreve que "povoado") são os casos mais nítidos de locais que centralizam várias actividades de exploração dos recursos naturais.

Também sob este ponto de vista o caso de Fernão Vaz é paradigmático: a cerca de 300m situava-se uma jazida mineira, explorada no Calcolítico e de novo na Idade do Ferro (Silva; Soares, 1977), da exploração agrícola dependente de Fernão Vaz conhece-se com algum pormenor o pequeno habitat de Porto das Lages (Correia, 1989), modesto conjunto de edifícios de limitadissimas capacidades residenciais cuja habitabilidade não é seguro que tenha sido permanente, podendo tratarse do abrigo sazonal destinado à exploração dos poucos hectares de terreno agricultável abrigados numa curva do Mira.

Estes edifícios, desempenhando o papel de lugares centrais de áreas geográficas de extensão variável, são talvez comparáveis ao palácio-santuário de Cancho Roano, que já foi identificado como uma regia (Almagro-Gorbea, 1990) (o que não parece ser extensível aos casos do Baixo-Alentejo). Parece no entanto seguro que a partir destes locais se dominaram tractos significativos de território cujos recursos aí se concentravam.

É também certo que estruturas como estas existiam em povoados que, se não eram já centros urbanos, tinham pelo menos o potencial para em tal se tornarem. O caso mais claro é o do templo pré-romano de Mirobriga (Biers, Soren, 1983, Alarcão, 1988, Correia, no prelo), uma estrutura complexa, sucessivamente reconstruída e rearranjada, de que a última fase é contemporânea do templo romano do forum. Não existem indicações cronológicas precisas para as três primeiras fases de construção, mas é interessante que a segunda fase deste templo seja semelhante aos compartimentos abertos com a inscrição, de Neves, o que poderá indicar uma datação antiga, dentro da 1º Idade do Ferro.

Ainda que nada saibamos das suas estruturas, pode-se tomar como seguro que algum templo existiu em Garvão (Beirão [et al.], 1985), de que se localizou um importante bolhos de cerámica. A extensão considerável dos vestígios da Idade do Ferro indica que, à volta do santuário, existiu um núcleo habitacional relativamente grande. Azougada (Berrocal, 1992, p. 296, Schüle, 1969), no vale do Guadiana foi, provavelmente, um local de características idênticas. De um e outro sítios existem indícios de ocupação desde a 1º Idade do Ferro.

A questão que nos parece fundamental, e que esperamos que a investigação venha a abordar, é a da integração destes vários tipos de habitat num padrão de povoamento homogéneo e a relação deste padrão de povoamento com a estrutura social que lhe subjaz.

Com os dados disponíveis, é sustentável que os babitats não fortificados se distribuiam de maneira semelhante à epigrafia, um factor primordial na identificação de sepulturas de prestígio. Quer as inscrições, quer os grandes monumentos funerários têm uma larga distribuição por muitas necrópoles que, na maioria dos casos, estão associadas a pequenos povoados e não a centros urbanos (Correia, 1993).

O padrão de distribuição das inscrições e dos sítios associados parece ser função da dispersão de recursos naturais : só nalguns poucos troços de rios se encontra água no Verão, os mesmos junto dos quais se encontram os poucos terrenos férteis, e ainda os mesmos que expõem, nas suas margens encaixadas, os estratos do Devónico que constituem a faixa piritosa do SO, tal como se documenta no caso de Fernão Vaz.

Assim, se as inscrições são indicador de um alto status social dentro da sociedade da época, argumentar-se-ia que esse status estava directamente ligado a unidades demográficas organizadas em pequenos grupos, dispersos, que exploravam directamente áreas localizadas de recursos naturais particularmente ricos.

Para além disso, os casos mencionados sugerem talvez uma evolução dos pequenos sítios não fortificados para os povoados maiores. Fernão Vaz está datado dos inícios do séc. VII ao séc. V, e os outros pequenos povoados não se datarão muito diferentemente. Os grandes povoados parecem mais tardios (sendo as datações mais altas fornecidas pelos fragmentos de figuras negras da Azougada) e estender-se-iam até ao período romano.

A existência de povoados fortificados maiores integra-se neste panorama se forem considerados sítios que centralizavam algumas funções económicas, mas não aquelas funções sociais determinantes que dependiam ainda da exploração directa dos recursos naturais e nas quais assentavam as relações intra-grupais e o status social.

Não é clara a extensão em que a urbanização, ou apenas a concentração de população em grandes povoados, ocorreu durante a Idade do Bronze, lato seisii, e durante o início da Idade do Ferro, podemos identificar alguns povoados, de variada dimensão e natureza, mas é raro que as áreas de ocupação possam ser determinadas com alguma precisão. A posição cronológica e a evolução interna dos sítios fortificados conhecidos no Sul de Portugal é, para além disso, complexa: documentam-se ocupações "do Bronze Final" quer em sítios normalmente definidos como pertencendo à Idade do Ferro, quer em sítios que foram ocupados apenas durante o Bronze Final (Arnaud, 1979, Silva, Soares, 1978), quer ainda à superfície de povoados calcolíticos (Parreira, 1983). Ora, um dos problemas em aberto na proto-história do Sul de Portugal é o de saber até que ponto as ocupações caracterizadas pela presença de cerâmicas de ornatos brunidos se estendem apenas durante o Bronze Final, ou se os mesmos conjuntos cerâmicos não terão continuado a utilizar-se ao longo da 1º Idade do Ferro, em algumas zonas menos rapidamente atingidas pelo impacto orientalizante. A venificar-se esta segunda hipótese, abre-se um enorme número de possibilidades ao tentar avaliar o grau de urbanização atingido no Sul de Portugal entre os séculos (X e VII.

A continuidade ocupacional de alguns sitios do Bronze Final à Idade do Ferro levanta algumas questões, entre as quais é particularmente importante a da atribuição cronológica da cerámica de ornatos brunidos. exclusivamente, ao Bronze Final, cusa correcção é de por em causa. Um sitio de interesse para esta questão, cuias escavações. dirigidas por Catriona Gibson. Colin Burgess e o autor, estão ainda inéditas, é o Alto do Castelinho da Serra. A escavação. produziu evidências significativas de uma forte continuidade ocupacional e de uma fenta evolução tecnológica, visível não só na cerámica. Cf. Burgess, 1987. Silva [et al.], 1981. Calado 1993

A gama de dimensões de sítios genericamente atribuíveis a estas datas é muito menor do que a que se encontrará em períodos posteriores (Berrocal, 1992), ainda que já no Bronze Final seja detectável um fenómeno básico: a coexistência entre grandes povoados fortificados e povoados mais pequenos, não fortificados, a que normalmente se atribui um carácter rural. A medida em que esta dualidade é marcante no povoamento da 1º Idade do Ferro, sendo outro dos importantes problemas em aberto neste período, é fundamental para integrar, no seu contexto sócio-económico, os pequenos habitats do Baixo-Alentejo.

Para o problema da urbanização da sociedade, no interior, é de importância fundamental a existência de pequenos povoados púnicos localizados na área terminal dos estuários onde existem, mais a montante, outros sítios com uma componente púnica igualmente importante (pelo menos seguramente no que diz respeito à cerámica) mas que, por um lado, eram já locais habitados no Bronze Final, e por outro, mantiveram um carácter de importante centro demográfico por um período de tempo notavelmente mais longo. São bem conhecidos os casos de Alcácer do Sal (Silva [et al.], 1981), Santarém (Arruda, 1993) e Conimbriga (Correia, 1993)

Nos vales do Sado e do Mondego, aparentemente também no Tejo, estes grandes povoados de origem indígena, que eram já importantes centros territoriais, foram os que principalmente beneficiaram do comércio com os orientais. Mesmo depois de abandonados os sítios costeiros de fundação oriental, estes sítios mantiveram a sua predominância, alargaram-na e tornaram-se sedes de civitates já no período romano (Alarção, 1990). Parece-nos existir o volume de dados suficiente para suportar a teoria de que, qualquer que fosse a relação política entre os pequenos sítios fenícios e os sítios indígenas a montante, a distribuição das importações para o interior se fazia através destes últimos. De facto, aí se encontram conjuntos mais variados e de maior requinte do que nos impariar ou em quaisquer outros sítios mais no interior.

Portanto, as tendências para a rectilinearidade detectáveis nas plantas dos pequenos povoados do interior podem reflectir a difusão de conceitos arquitectónicos dos sítios onentais para os sítios indígenas e, provavelmente, esta divulgação foi paralela à forma como a preponderância econômica se exercia, da costa para o interior. Este pressuposto pode ser rejeitado, mas ainda assim terá de se levar em conta que as tradições do Bronze Final eram absolutamente distintas daquelas que os sítios orientais, com os seus ângulos rectos e os seus alicerces em pedra, demonstram ¹. Para além disso, algumas das construções do interior, particularmente algumas de planta rectangular e de datação alta, mostram uma notável semelhança com edifícios nas colônias fenícias propriamente ditas.

Os pequenos habitats do Baixo-Alentejo corresponderiam assim ao primeiro reflexo dos contactos orientalizantes, que mais tarde conduziriam ao fenómeno generalizado de urbanização. A função ritual seria, neste momento, o principal mecanismo de centralização do território.

A organização destes grupos humanos, podendo ser caracterizada como um sistema estritamente ligado às condições naturais não diverge muito daquela que se adivinha no Bronze II do Sudoeste. Teorias recentes tentam, aliás, demonstrar que o impacto orientalizante não é sentido para além do estrato de topo da sociedade do Bronze Final e Ferro Inicial (Aubet, 1982). Electivamente, é demonstrável que em datas altas este estrato de topo adoptou uma larga gama de características culturais de origem oriental, mas que o padrão de ocupação do espaço e, provavelmente, a organização

A sobreposição dos edificios do Povoado de Corvo a cabanas ovais datadas do Bronze Final é, neste sentido, um dado absolutamente eloquente Cl. Maia, 1986. económica da sociedade como um todo, se manteve praticamente inalterada.

Neste ponto, os povoados da Idade do Ferro que vão sendo escavados no Baixo Alentejo são exemplos eloquentes da adaptação das sociedades periféricas de Tartesso, divididas entre uma estreita ligação à terra que as suportava e a atracção de um Oriente que certamente os seduzia.

Bibliografia

ALARCÃO, J. (1988) - Roman Portugul. London: Aris a Phillips vol. 1, p. 35-36, vol. 2.1, p. 7-20. ALARCÃO, J. (1990) - Identificação das cidades da Lusitânia portuguesa e dos seus territórios. In Les villes de la Lusitania romaine Paris. CNRS p. 21-34. ALMAGRO-GORBEA, M. (1990) - El periodo orientalizante en Extremadura. In La cultiva tartessca y Extensalura Merida p 85-126. (Cuadernos Ementenses, 2) ARNAUD, J. M. (1979) - Corox do. Frade - Fortificação do Bronze Final dos arredores de Évora -Escavações de 1971-1972. Madrider Metteilungen. Heidelberg, 20, 56-100. ARRUDA, A. M. (1993) - A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenicia para a fachada atlântica peninsular Estudos Orientais. Os fenícios no território português. Lisboa 4, 193-214. AURET, M. E. (1982) - Zur Problematik des orientalisierenden Horizontes auf der Iberischen Halbinsel. In NIEMEYER. H. G., ed. - Phonizier im Westen. Mainz, p. 309-331 (Madrider Beitrage, 81. Bemáo, C. M. (1972) - Cinco aspectos da Idade do Bronze e da sua transição. para a Idade do Ferro no Sul do país. In Actas das II Jornadas Arqueológicas Lisboa, 1971. Lisboa: Associação Arqueólogos Portugueses, vol. 2, p. 193-221 BERRAO, C. M. (1986) - Une civilization

proteinsterique du Sud du Portugal. Paris-Boccard BEIRÃO, C. M., COMES, M. V. (1985) -Cratitos da Idade do Ferro do Centro e Sul de Portugal. In Actus del III Coloquio sobre Lenguas Y Culturas Paledinpanicas, Lisboa, 1980. Salamanca: Universidade de Salamanca p. 465-502 BERRAO, C. M. [et al.] (1985) Depósito votivo da Il Idade do Ferro de Garvão. Noticia da primeira campanha de escavações. O Arquellogo Portuguit Lisboa S.4, 3, 45-135. BERÃO, C. M., CORREA, V. H. (1991) A cronologia do povoado de Fernão Vaz. Comminga. Coembra. 30, 5-11. BEIRÃO, C. M. CORREIA, V. H. (no. prelo) - Novos dados arqueológicos sobre a área de Fernão Vaz. In Michiannes, J., ed. - Homewie a J. M. Blazquez Madrid Universidad Compluterse BEUROCAL, L (1992) - Los pueblos críticos del Suraeste de la Pennssola Ibérica. Madrid. Universidad Complutense, p. 296. BERS, W., SOREN, D. (1983) -Mirobriga, the 1983 season. Mass. Columbia, Missouri, 17, 38-63 e 54-59. Burcess, C. (1987) - Fieldwork in the Evora District, Alenteio, Portugal 1986-1988: A preliminary report. Northern Archaeology 8 35-105 CALADO, M. (1993) - Carta Arawológica do Alandroal, Alandroal, Câmara, Municipal CORREA, V. H. (1989) - O povoado da Idade do Ferro do Porto das Lages (Ourique, Beja). Portugalia. II/9-10.

81-92

CORREA V. H. (1993) - Os materiais pre-romanos de Conimbriga e a presença fenícia no Baixo-vale do Mondego. Estudos Orientario. Os Ferricios. no território português. Lisboa. 4. 229-284 CORREA, V. H. (1993a) - As necrópoles da I Idade do Ferro do Sul de Portugal. Arquitectura e rituais. In Actas do I Congresso Pennsular de Arascologia Porto SPAE vol 2 p 351-376. CORREIA, V. H. (no prelo) - The fron: Age in South and Central Portugal and the emergence of urban centres. In CLINATIFE, B., KEAV, S., eds. - The early urbanization of Iberia. Oxford-University Press. Maia, Mª (1986) - Neves II e o facies cultural de Neves-Corvo. Aspuro de Beja. 2.3. 23-42. MAIA, Mr. (1987) - Dois larnakes da Idade do Ferro do Sul de Portugal. Volus Vitoria Nova serie 2-3 (1985) 86) 223-242. Actas del IV Coloquio sobre Lenguas Y Culturas Paleohispánicas, Vitoria/Casteiz, 1985. (Studia Paleohispanica). MAIA, Mt., CORREA, J. A. (1985) -Inscripcion en escritura tartesia (o del SO.) hallada en Neves (Castro Verde, flaixo Alenteso) y su contextoarqueologico. Habo Sevilla 16 243-274 NIEMEYER, H. G. (1982) - Die phonizische niederlassung Toscanos eine Zwischenbilanz. In NIEMEYER. H. C., ed. - Phonoser in Wester Mainz. (Madrider Beitrage, 8) PARREIRA, R. (1983) - O Cerro dos

Castelos de São Brás (Serpa).

O Arqueologo Portugwis, Lisboa, S. 4, 1 149-168. SCHILL, W. (1969) - Dir Monte-Kultures der Iberneben Halbooel. Berlin. (Madrider Forschungen, 3) SILVA, C. T. da. SOARES, J. (1977) -Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. Schihal Arawológica. Setúbal 1-2 179-272 SILVA, C. T. da. SCIARIS, J. (1978) -Uma jazida do Bronze Final na Cerradinha (Lagoa de Santo André. Santiago do Cacém). Smilyal Arambigua Setúbal. 4. 117-132 Stevs, C. T. da [et al.] (1981) -Escavações amueológicas no Castelo de Alcácer do Sal. Sashal Arquiológica. Senibal 6-7, 149-218.

A escrita pré-romana do Sudoeste peninsular

Virgilio Hipólito Correia

De oitenta e uma inscrições pré-latinas do Sudoeste Peninsular, cerca de setenta provêm, comprovadamente, de necrópoles ou de sitios arqueológicos que como tal têm sido identificados, a reduzida quantidade de grafitos em objectos recolhidos em povoados sustenta a afirmação de que a epigrafia da Idade do Ferro no Sudoeste é de uso quase exclusivamente funerário, o que é talvez uma das principais causas para que o seu deciframento não tenha ainda sido possível (Correia no prelo). O Algarve e o Baixo Alentejo (Beirão, 1986, 1990, Beirão, Gomes, no prelo, Correa, 1988, Maia e Correa, 1985) reúnem setenta e quatro das inscrições, as três recolhidas na Andaluzia (Gomez-Moreno, 1961, Correa, 1978, 1985), as quatro da Estremadura espanhola (Almagro Gorbea, 1977, Berrocal, 1987) são pontos isolados de uma manifestação cultural muito localizada no espaço, estritamente ligada a uma sociedade delimitada, cuja língua se terá perdido ainda antes do sec. Il a.C.

As necrópoles da Idade do Ferro onde estas inscrições foram utilizadas são conjuntos de dimensão variável, formados por monumentos de planta quadrangular (apenas em momentos antigos se conhecem alguns circulares), adossados entre si, formando áreas monumentais complexas e compactas(Correia, 1993). Estas necrópoles correspondem a povoados dedicados à exploração agricola de pequenas parcelas de terreno com capacidade de irrigação ao longo de todo o ano (condição rara na zona onde a epigrafia maioritariamente surge) e em alguns casos à exploração muito localizada de algumas zonas ricas em minério(Correia, 1995). Esta sociedade integrava-se numa importante rede de comércio e de transferências culturais que, provavelmente, levando para as costas os recursos, particularmente os mineiros, traziam para o interior novos tipos de cerâmica, novas modas de vestir (de que as fibulas são indício), um novo tipo de arquitectura e todo o aparato do prestígio social de que a escrita é uma das principais manifestações.

As lápides funerárias não seriam, para a sociedade que as criou, uma novidade absoluta(Almagro, 1966, Gomes e Monteiro, 1977). Desde os inícios do 1º milénio a.C. que no Sudoeste Peninsular existiam estelas sepulcrais, mas o nascimento de uma escrita é um fenómeno da máxima importância: a área de maior concentração de epígrafes situa-se marginalmente à área onde se localiza essa entidade geográfica semi-mitológica designada Tartesso, que certamente desempenhou um papel determinante no aparecimento da escrita (Hoz, 1987). Só uma entidade política e económica como Tartesso teria atingido o suficiente desenvolvimento - bem patente no eco que deixou na tradição literária greco-romana - para produzir a criação de um semi-silabário que, directamente dependente do alfabeto fenício e incluindo algumas coincidências no sentido das adaptações com o alfabeto grego, é fruto de um processo de adaptação muito complexo (Hoz, 1979). Esta complexidade é o testemunho cabal da existência de importantes estruturas intelectuais, que certamente residiriam entre elites aristocráticas e (ou) sacerdotais, de cuja existência não temos provas directas nas áreas marginais (como por exemplo no Sul de Portugal). Todavia, nestas áreas marginais, sob uma forte influência cultural e muito provavelmente corporizando entidades políticas distintas, seria já facilmente adaptável essa primitiva escrita tartéssica a escritas locais cujo uso, motivado pela emulação que as chefias locais faziam dos usos e costumes de Tartéssios e Fenícios, seria mais limitado a funções de prestígio (Correia, op cil.n. 1).

Um achado recente, o signário da Espanca (Hoz. 1990, Correa, 1993) é, neste ponto, paradigmático. A pequena laje, inscrita com uma sucessão de signos repetida duas vezes (uma em boa gravação, outra em grafito de ductus frequentemente inábil), que tem sido interpretada como um instrumento escolar, mostra um signário que pode ser interpretado como o directo inspirador do signário do Sudoeste : dos vinte e sete signos aí presentes vinte e três são conhecidos sem alteração nas epígrafes funerárias, enquanto outros quatro foram alterados em graus diversos.

O nascimento da escrita do Sudoeste pode, de facto, ser definido no momento de adaptação do signário da Espanca, que é o seu protótipo. Esta adaptação é feita pela substituição dos 11" e 15" signos e por ligeiras adaptações nos 2" e 20" signos. Um alfabeto com estas características marcará a primeira fase da escrita do Sudoeste que, ainda que representada por poucas lápides, testemunha desde cedo a capacidade evolutiva do sistema.

Existem dois tipos de variações paleográficas, substancialmente diversos. Primeiro, a substituição da representação convencional de um som por uma outra, completamente diferente. Este facto é marcante na substituição do 11º signo de Espanca, motivada talvez pela recorrência da fórmula final, que poderia provocar erros de leitura sistemáticos, pela similaridade dos traçados de signos consequentes. Em segundo lugar, encontramos adaptações do traçado de um signo que, dada a semelhança com o protótipo, não impedem a sua leitura imediata, tratando-se apenas de uma variação na habilidade (ou na preferência) do lapicida.

Estes dois tipos de alteração dão, quanto a nós, indicações preciosas sobre a forma como esta escrita é introduzida na região, qual o seu papel na sociedade que a utiliza e qual o mecanismo pelo qual se reproduzem as epigrafes.

Num primeiro nível existe um iscribi que, num dado momento, prefere desenhar uma determinada letra de uma forma completamente diferente, irreconhecível por comparação com um original que lhe seria familiar. Esta decisão tem, no entanto, a virtualidade, que se virá ahás a concretizar, de ser adoptada na generalidade (ou até na totalidade) dos casos conhecidos. Depois, temos a infinita variabilidade dos gestos da mão humana.

Estamos perante um fenómeno puro de introdução de uma escrita, feita a partir de um protótipo alógeno, por intermédio de uma estrutura local - diriamos, algo enfaticamente, perante a criação de uma escrita. O que significa então escriba neste contexto ? O significado plausível é : o indivíduo que, num determinado contexto social, está apto a compreender a organização de um sistema de escrita e a necessidade da sua adaptação a um contexto linguístico específico. Sendo impossível conceber a hipótese de explicar este fenómeno pela intervenção de um indivíduo (e escriba que introduzia a escrita do Sudoeste na região), é a um conjunto coeso de indivíduos pertencentes a contextos culturais e sociais similares mas disseminados na zona interessada, que o processo de introdução da escrita deve ser atribuído. Por outro lado, este fenómeno complexo não pode ser plausívelmente explicado sem a intervenção de uma estrutura política que, assegurando a ligação entre esses indivíduos, utilize, na prática, esta nova manifestação cultural.

A forma como se dão as sucessivas alterações e variações da escrita constitui todo o campo de investigação mais aliciante que se abre actualmente e, do ponto de vista estritamente arqueológico, a localização dos centros onde tal adaptação tem lugar representa uma das principais linhas de pesquisa a desenvolver.

Dentro de alguns limites, que se poderiam chamar de canónicos, as epígrafes mostram a existência de vários estilos distintos. Não sendo possível separar, conceptualmente, a forma como uma inscrição se dispõe no suporte, do seu desenvolvimento e da sua estrutura formal e estética, é sustentável que as distintas organizações estilísticas correspondem a distinções paleográficas (Correia, op.cit. n.1).

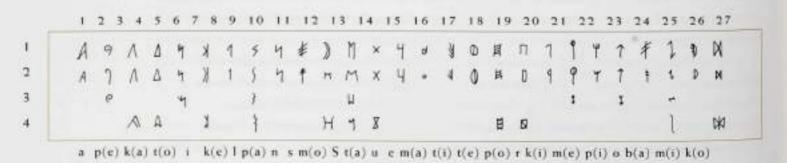
Sendo a evolução paleográfica, por definição, cumulativa, será importante verificar que as variantes individualizadas se articulam em grupos definidos, que se influenciam e se sucedem no tempo, correspondendo a diferenciadas evoluções de grupos cujo relacionamento interno é mais intenso do que os laços que, no geral, ligam toda a produção epigráfica do Sudoeste.

O problema é particularmente importante, pois a evolução paleográfica da escrita do Sudoeste, a que poderá subjazer uma variação dialectal e que demonstra a existência de descontinuidades de natureza geográfica, pode eventualmente vir a ser um dos factores de análise de problemas mais vastos, como o da organização das estruturas políticas das populações pré-romanas do Sudoeste.

Ora, correlativamente a uma nítida distinção da arquitectura funerária (Correia, no prelo, Correia, no cit. n. 6) é possível, ainda que de forma mais matizada, distinguir na epigrafia do Sudoeste uma versão "alentejana" e outra "algarvia".

Quadro paleográfico da escrita do Sudoeste

- 1 Signário da Espanca
- 2 Signano do Sudoeste
- 3 Variantes conhecidas no Alenteio
- Variantes conhecidas no Algarve



Os dados são de análise complexa e, dado o reduzido número de epígrates que, globalmente, se conhecem, as interpretações dos fenómenos intuídos não podem facilmente ultrapassar o domínio das hipóteses mas, por comparação com o signário de Espanca, o carácter geral dessa variante paleográfica algarvia pode ser facilmente descrito como uma escolha decidida pelo barroquismo dos signos. Documenta-se, para além disso, o fenómeno de abandono do uso dos signos em sequências vocálicas específicas cuja redundância é a característica fundamental da escrita do Sudoeste (Correa, 1985). Este desvio ao sistema parece ter tido bastante divulgação, maioritariamente em locais da Serra Algarvia, num conjunto de fenómenos só explicável por um fenómeno linguístico de base (uma diferença relativa, de provável base dialectal, entre o Alentejo e o Algarve) que acarreta estes diferentes procedimentos da escrita.

Uma diferenciação semelhante verifica-se também nos formulários.

No conjunto da epigrafia do Sudoeste, conhecemos três tipos de estrutura de texto epigrafado:

- Inscrições em que a prováveis antropónimos se segue a fórmula completa.
- Inscrições em que surge a fórmula completa, ou uma sua variante, entre segmentos, normalmente incluindo prováveis antropónimos antes da fórmula.
- Inscrições compostas por prováveis antropónimos dispersos, ligados por diversos elementos, sejam eles da fórmula ou não.

Olhando para a distribuição geográfica destes diversos tipos de estrutura, existe uma divisão relativamente nítida entre o grupo de inscrições simples (identificação do inumado + fórmula), que corresponde à quase totalidade das inscrições do Baixo-Alentejo, com alguns exemplos dispersos no Algarve, e o terceiro, que é numeroso em Bensafrim e está presente em outras estações algarvias.

O segundo tipo é de dificil caracterização, não só pela sua dispersão geográfica, que é muito lata, mas também pela muito variada paleográfia usada nos textos. Formulários rituais de expansão geográfica muito localizada poderão ter existido - estas epígrafes seriam seu testemunho - tal como é de admitir a possibilidade da existência pontual de textos sem similares exteriores óbvios, quer antroponímicos quer do formulário, ligadas a grupos populacionais particularmente isolados.

Se a evolução da escrita dá algumas informações sobre a sociologia da sua utilização, dirse-ia que, enquanto no Alentejo a relativa estabilidade da epigrafia e a cristalização do formulário correspondem a um reduzido núcleo sócio-económico que a utiliza em situações não muito numerosas, no Algarve, uma evolução sensível da paleografia e uma grande variabilidade de formulários seriam produto de uma sociedade com um mais largo domínio do uso da escrita e, por isso, com uma mais sensível capacidade de variação (Correia, op. cit. n.1).

Caracterizar-se-ia, portanto, a fase áurea da escrita como um período de cristalização de tradições paleográficas regionais, com contactos mútuos notórios mas mantendo ainda assim a sua individualidade e em que, por outro lado, se detectam fenómenos que, a esta luz, ganham um particular significado de sintomas do relativo isolamento de alguns dos lapicidas, longe da larga esfera de interacção que existia numa fase mais antiga, e somente possível num momento em que é grande a evolução da escrita como um todo.

É diversificada a natureza dos dados arqueológicos pertinentes à determinação do fim do

uso da epigrafia e a relação deste facto com um momento de charneira entre períodos chave da evolução das sociedades sidéricas do Sudoeste.

Para a resolução do problema, é possível apontar evidências externas e internas. Entre as internas, conta-se a própria evolução da escrita.

Não parece sustentável a ideia de que a existência de lápides dispostas em boustrophedou constitua um indicador de um período de transição, entre inscrições sinistrorsas e inscrições dextrorsas. A existência, dentro de um mesmo grupo paleográfico, de inscrições com uma e outra orientação, sustentará a afirmação de que, num momento a determinar, foi divulgada nesta zona a nova orientação da escrita, que rápida mas não consensualmente foi adoptada. As lápides em tudo são semelhantes, excepto no facto de as inscrições dextrorsas desenharem uma espiral e as dispostas em boustrophidos uma parábola, o que era forçoso, sendo impossível desenhar uma espiral com uma inscrição cujo sentido de desenvolvimento não seja constante (Coelho, 1976).

Os contextos de jazida das epígrafes aduzem evidências externas.

Do séc. VII ao séc. V, foi constante a reutilização de inscrições como material de construção dos monumentos funerários mais tardios das mesmas necrópoles. Das inscrições contextualizadas são essas as condições de jazida da maioria. Das recolhidas em contextos primários (ou seja, directamente ligadas ou seguramente atribuíveis ao monumento funerário para o qual foram criadas) os dados são determinantes na comprovação de que, no séc. V, até aos seus finais, ainda se produzem e utilizam lápides epigrafadas. É no entanto impreciso como se desenrola o processo ao longo do séc. IV.

A evolução da arquitectura funerária apresenta, no terminis final, um tipo de pequeno monumento constituído por um murete em π albergando umas cinerárias que, pelo menos num caso, está associado a uma inscrição cuja paleografia indica ser bastante tardia. No entanto, na ausência de cronologias absolutas, todo o espaço de meados do séc. V a meados do séc. IV é admissível como datação possível (Beirão e Correia, no prelo). Aliãs, o próprio tipo de monumento só se pode datar por aproximação, existindo, fora da área em questão, exemplos datados de finais do séc. VI (Maluquer de Motes, Picazo e del Rincón, 1973).

São muito raros, no entanto, os casos em que estes monumentos se encontram integrados em necrópoles monumentais, necrópoles onde, por outro lado, nunca foram documentadas incinerações depositadas em urnas, ritual que parece tornar-se dominante a partir de meados do séc. IV

São tardias as únicas lápides decoradas, provenientes de Abóbada (Dias e Coelho, 1971) e de Benaciate (Gomes, 1990), que tem sido alvo de muitas interpretações (tal como muito bem apontou Coelho, op. cit. n. 16, 206. Divergindo: Gomes op. cit. n. 20. Correia op. cit. n. 1). Numa análise estilística pormenorizada, é nos guerreiros da cerâmica de Liria (Ballester [et al.], 1954) que as suas representações antropomórficas encontram os paralelos mais próximos. Isto é verdade para o armamento e a roupa do guerreiro de Abóbada e, se é menos marcante no cavaleiro de Benaciate, caracterizado por menos atributos, encontra-se aí, não obstante, outro paralelo revelador a dificuldade de representação realística de um cavaleiro. Na maior parte dos vasos de Liria, vêm-se as duas pernas do cavaleiro em posição de montar à amazona, totalmente confundidas com o corpo do cavalo nos casos em que este é todo negro e o pintor não fez reserva do espaço para a representação das pernas.

Em Benaciate o problema foi resolvido de uma maneira que, demonstra a mesma concepção de representação gráfica, não desenhando nenhuma das pernas do cavaleiro, mas deixando um relevo que corresponde à referida posição.

A valorização do guerreiro tornar-se-á, nos séculos seguintes até à conquista romana, um fenómeno dominante e fortemente caracterizador de uma nova sociedade que, adoptando um novo niual funerário - a incineração e deposição das cinzas em uma - encaminhará para a sepultura as melhores obras dos armeiros. A integração deste fenómeno na evolução geral da sociedade não é absolutamente clara, mas parece comprovar-se que, entre os séc. V e o IV, se dá uma profunda mudança nos rituais funerários e nas áreas escolhidas para as necrópoles, que existe uma progressiva urbanização da sociedade e que se assiste ao abandono dos pequenos povoados a que as necrópoles com epígrafes correspondem. Estas mudanças e o abandono do uso da epigrafia funerária (e muito provavelmente o próprio desaparecimento da escrita) seriam manifestações de uma evolução no domínio socio-económico que o actual estado de desenvolvimento da investigação não permite ainda caracterizar em pormenor, mas que constituiria o ponto de charneira fundamental na evolução das sociedades proto-históricas do Sudoeste peninsular.

Bibliografia

ADMINISTO-GERBEA, M. (1966) - Las estelas decaradas del Suroeste Penimular. Madnd CS1C ALMACRO-GORBER, M. (1977) - El Bronce Final y el periodo orientalizante ex-Extremulera Madrid CSIC (Bibliotheca Prachistorica Hispanavol. 14) Bullston I. [et al.] (1954) - Cortos Vasonon Historium - ceramica del Cerro de San Mignel, Lora Madrid CSIC Benzio, C. M. (1986) - Une Circlination Portohistorique du Sud du Portugal (ser Age Ju Fer, Paris Boccard, Combibliografia anterior: Busão, C. M. (1990) - Epigrafia da I Idade do Ferro do Sudoeste da Peninsula Ibérica. Novos dados arqueológicos. In Promças orientalizantes on Portugal da pré-história ao período romane Lisboa Instituto Oriental.

p. 107-118 BEIRÃO, C. M., CORREA, V. H. (no prelo) - A IP Idade do Ferro no Sul de Portugal Estado actual dos conhecimentos. In Actas del 200 Cangresa. Annualistica Nacional, Terusel. BEIRÃO, C. M., Coxies, M. V. (no. prelo) - Trés novas estelas epigrafadas da I Idade do Ferro do Sul de Portugal. Arquiro de Beja. Bega. BERROCAL L. (1987) - La losa de Capote (Higuera la Real, Badajoz) Archeo Español de Arqueologia, Madrid. 60.195-205. Contro, L. (1976) - Epigrafia prelatina del SO peninsular português. În Actas de I Coloquio sobre lenguas y culturas provionanas de la Protecula Ibirica, Salamanca, 1974 Salamanca Universidade p. 201-211 CORREA J. A. (1978) - Inscripcion tartesia hallada en Villamanrigue de la Condesa (Sevilla) Halvi Sevilla 9. 207-211

CORREA J. A. (1985) Consideraciones sobre las inscripciones tartesias. În Acta del III Colognio sobre Lenture y Culturas ParceHistamum, Lisboa, 1980. Salamança Universidade, p. 377-395. CORRER J. A. (1985) - La insorthourien escritima tartérica de Alcalá del Rio, Alcalá del Rio CORREA J. A. (1987) - El signário tartesio. Vilni Vitoria. Nova sene. 2-3. (1985-86) 275-284 Actas del IV Coloquio sobre Lenguas Y Culturas Paleobispanicas, Vitoria/Casteir. 1985 (Studia Paleohispanica) CORREA, J. A. (1988) - Estela en escritura Tartesia (n del SO) hallada en Alcoforado (Odemira, Baixo Alentejo). Andrew Españal de Arqueologia Madrid 61, 197-200. Cossex, J. A. (1993) - Notas a las inscripciones en escritura tartesia (o del SO.). In Actas del V Coloque sobre Lenguas y Culturas Prorcowanas de la

Professale British Salamanca CORREIA, V. H. (1993) - As necrópoles da l' Idade do Ferro do Sul de Portugal. Arquitectura e rituais. Actas do 1º Congresso Pennsular de Arquealogia. Porto: SPAE 351-376. vol 2 CORREIA, V. H. - A spigrafia da Idade do Ferro do Sadoeste da Penissula Ibérica. Porto. CORREIA V. H. (1995) - The Iron Age in South and Central Portugal and the emergence of urban centres. In CUNLIFIE, B., KEAY, S., ed. let. - The narly arbanizatus of flurus. Oxford: University Press. 237-262. Cl. texto. neste Catálogo CORREIA V. H. (no prelo) - As necrópoles algarvias da lª Idade do Ferro e a escrita do Sudoeste. In-Argacelogia de Algarye, Lisboa, Catálogoda Exposição de Sagres. DIAS. M. M. A., COELHO, L. (1971) -Notável lápide proto-histórica da Herdade da Abóbada - Almodóvar (primeira notícia) O Arquelloso Partigues Lisboa S.3, 5, 181-190. COMPS. M. V. (1990) - O Oriente no Ocidente. Testemunhos iconográficos na proto-história do Sul de Poetugal 'smithing gods' on deuses ameacadores. In TAVARES. A. A., ed. ht - Presenças arientalizantes em Portugal da pré-história au período romano. Lisboa: Instituto Oriental, p. 53-106. GOMES, M. V., MONTERO, J. P. (1977). - As estelas decoradas da Herdade de Pomar (Ervidel - Beia). Estudo comparado Setilhal Arqueológica Senibal 2-3 281-344 COMEZ-MORENO, M. (1961) - La escritura Bastulo-turdetana (primitiva hispánica). Resista de Archinos, Bibliologas e.Missoi. Madrid. 69.2. 879-918. Hoz. J. (1979) - On some problems of Iberian script and phonetics. In Actes del II Coloquio Sebre Linduas Y Culturas Pretromanas de la Peninsula Iberica. Salamanca, p. 257-271 Hoz. J. (1985) - El Origen de la escritura del SO. In Actas del III Coloquia sober Lenguas y Culturas Paleohopanicas. Lisboa, 1980 Salamanca

Universidade, p. 423-464 Hoz. J. (1987) - El desarrollo de la escritura y las lenguas de la zona meridional In AUBET, M. E., dir. -Lartessos, arqueologia protohistérica del Bajo Guadalpunir (Sabadell, Anna), 523-587 Hoz. I. (1990) - El origen de las antiguas escrituras hispanas y el desarrollo de la escritura del Algarve. In TAVARES, A. A. ed. lit - Prisingas orientalizantes en Portugal. Da Pri-bistória ao período romano. Lasboa: Instituto Oriental, p. 219-246. MAIA, M. G. P., CORREA, I. A. (1985) -Inscripcion en escritura tartesia (o del SO.) hallada en Neves (Castro Verde. Baixo Alentejo) y su contexto arqueologico. Habii Sevilla, 16. 243-274 MALUOUER de MOTES, L. PICAZO, M., RINCÓN, M. A. del (1973) - La recrobolis ibérica de La Bobadilla (Jane). Barcelona CSIC

O castelo de Castro Marim

Ana Margarida Arruda

Localização geográfica

O Castelo medieval de Castro Marim, construído durante a 1º Dinastia na sequência das guerras da Reconquista, foi implantado sobre uma colina de forma irregularmente circular, com 42 m de altitude.

Localiza-se no distrito de Faro, concelho de Castro Marim, e as suas coordenadas hectométricas Gauss, lidas na Carta Militar Portuguesa que o abrange são as seguintes (Folha 600).

X 261.2

Y. 28.4

Situa-se na margem direita do rio Guadiana, muito próximo da sua foz.

Actualmente, está rodeado de sapais que não são outra coisa senão o testemunho da extensão que o rio teria tido em épocas recuadas. É sabido que ainda no século XVI a área do Castelo de Castro Marim era uma península, ligada à terra apenas por estreita faixa que partia da sua vertente oeste.

Estas condições geográficas permitem que o "Cerro do Castelo", como é conhecido localmente, possua boas condições naturais de defesa, dominando um vasto território.

Geologicamente, implanta-se numa região de depósitos quaternários, entre os xistos do maciço antigo a norte, os calcários lacustres do Oligoceno e as rochas eruptivas da orla, a oeste.

Os trabalhos arqueológicos: o contexto

Em 1983, na sequência de um programa de investigação a decorrer no Centro de Arqueologia e História da Universidade de Lisboa sob a direcção do Professor Victor S. Gonçalves, cujo objectivo era o estudo do papel do Guadiana "algarvio" na evolução da antropização do espaço, iniciei escavações arqueológicas no Castelo de Castro Marim, sítio sobre o qual eram escassos os dados disponíveis

O Castelo de Castro Marim era conhecido desde Estácio da Veiga como sítio arqueológico de grande importância. Mas nunca, até então, tinham aí sido realizados quaisquer trabalhos arqueológicos.

A identificação deste sítio arqueológico com a BAESURIS do Itinerário de Antonino nem sempre foi pacífica. Tal se deve, em parte, a nenhum outro texto clássico se referir a Baisuris e ainda à natural imprecisão das referências existentes.

No século XVI, André de Resende localizava Baesuris em Jerez de Badajoz ou em Los Caballeros e, mais tarde, no século XVIII. Frei Vicente Salgado e o Padre Flores situavam na em Ayamonte.

José Leite de Vasconcellos porém, não hesitou em colocar Baisiris no local da actual Castro Marim, baseando-se em moedas ai recolhidas e onde se lia a inscrição BAESURI.

O próprio nome de Baesaris suscitou diversas leituras, uma vez que em várias passagens do Itinerário parecia ler-se AESURI ou ESURI. Numa das moedas antigamente recolhidas, lia-se justamente ESURI, ainda que tal pudesse dever-se ao seu mau estado de conservação ter originado o desaparecimento do BA- inicial. Mas numa passagem do *Itinerário* era clara a referência a BAESURI e uma das moedas da colecção de Estácio da Veiga igualmente possuía como legenda BAESURI

Nas actuais escavações, o aparecimento de uma moeda de chumbo com a legenda BAE num nível tardo-republicano veio confirmar a tese de Leite de Vasconcellos. Como António Faria escreveu (1987), esta descoberta "....Vem desvanecer definitivamente as dúvidas que ainda subsistiam a respeito da identificação de Baesuris com Castro Marim".

As seis campanhas de escavações que dirigi no Castelo de Castro Marim (1983-1989) foram subsidiadas pelo IPPC e contaram com o apoio financeiro e logístico da Reserva do Sapal de Castro Marim e da sua entidade de tutela, o Serviço Nacional de Parques e Conservação da Natureza.

De acordo com o programa de investigação onde se inseriram, os trabalhos orientaram-se no sentido de estudar a diacronia do sítio, escavando-se em profundidade, sem contudo desprezar a análise horizontal das diversas ocupações.

Os resultados

Seis campanhas de escavações arqueológicas, correspondentes a 180 dias de trabalhos de campo, permitiram a escavação de uma extensa área (500 m2). Um enorme conjunto de dados foi naturalmente recolhido, tendo sido possível detectar vestígios materiais e construções correspondentes a diversas fases da ocupação humana do Castelo.

A Idade do Bronze

Nada se sabia sobre a Idade do Bronze na área da actual Castro Marim, embora trabalhos antigos na vizinha Almada d'Ouro tivessem revelado um conjunto de sepulturas do chamado Bronze do Sudoeste.

Em 1988, na sexta campanha de escavações do Castelo de Castro Marim foi, enfim, possível escavar um nível bem estratigrafado da Idade do Bronze.

A nível das estruturas, identificaram-se duas fossas escavadas na rocha, cujo significado se encontra ainda por esclarecer.

As cerâmicas recolhidas nessas fossas e no nível estratigráfico que corresponde a esta ocupação são típicas do Bronze Final (taças abertas, carenadas, de bordo exvertido e superfícies brunidas).

A Idade do Ferro do século VIII ao VI a.C.

Situado no que poderia considerar-se uma área periférica do lendário reino de Tartesso, o Castelo de Castro Marim regista, à semelhança do que sucedeu na região de Huelva, o impacto do comércio do Mediterrâneo Oriental talvez já durante a segunda metade do século VIII a C.

Algumas habitações de planta rectangular, datáveis desta época, foram já identificadas e escavadas. É também justamente neste momento que se constrói uma muralha defensiva espessa de 5 m.

As formas cerâmicas diversificam-se, complexificando-se também o tratamento das suas superfícies. Os vasos fabricadas ao torno - pratos de bordo largo, taças, grandes potes (pithoi), são muitas vezes pintados, com bandas vermelhas, negras ou brancas, ou revestidas com engobes vermelhos, bem fixados e acetinados. As ânforas surgem com alguma abundância, sendo a classe A de Mañá (concretamente uma forma afim da R 1 de Vuillemot) a única presente nestes níveis.

A cerâmica fabricada manualmente continua, no entanto, a produzir-se em quantidades apreciáveis.

Os vestígios desta Idade do Ferro de feição orientalizante surgiram em todos os cortes efectuados. No entanto, convêm registar que raramente nos foi possível atingir os níveis arqueológicos onde se encontrava documentada. A excelente conservação dos níveis superiores, e sobretudo a quantidade de construções neles identificados, que importava preservar, impediu-nos frequentemente de progredir a escavação em profundidade. Algumas habitações de planta rectangular foram identificadas e escavadas.

Os séculos V a III a.C.

A partir de meados do século V a.C., Castro Marim começa a receber produtos provenientes da Grécia, mais concretamente de Atenas. São cerámicas gregas de verniz negro e de figuras vermelhas datáveis da segunda metade do século V a.C. (Kylix da Classe delicada com decoração estampilhada no fundo interno, taças "tipo Castulo" e kylix de figuras vermelhas do grupo do Pintor de Marlay) e da primeira metade do século IV a. C. kylikes, kantharoi, skyphoi, com ou sem decoração estampilhada no fundo interno, pratos de peixe e lucernas de verniz negro, e ainda kylikes de figuras vermelhas pintadas pelo Pintor de Viena 116.

As estruturas construídas sofrem alterações: na primitiva muralha, um muro fechou a entrada, novas estruturas habitacionais foram edificadas, sendo agora de maiores dimensões.

Cessando a importação de cerâmica grega na segunda metade do século IV a.C., as relações com o Norte de África privilegiam-se, pelo menos até ao século III a.C.. Vários vasos imitando formas atenienses, muito provavelmente fabricados em Kouass, fazem agora o seu aparecimento. São taças (forma 27 de Lamboglia) e pratos de peixe (forma 23), cobertos de engobe vermelho (as taças) e vermelho ou negro (os pratos).

Pratos de peixe, de bordo ligeiramente exvertido, decorados internamente por linhas e bandas concêntricas pintadas de cor negra e vermelha acastanhada, com pé apenas indicado e base plana, foram também recolhidos. Lembram, técnica e morfologicamente, produtos fenícios.

Destes níveis são também provenientes diversos vasos com decoração pintada em bandas, círculos concêntricos e linhas ziguezagueantes, evidentemente de fabrico local.

Encontraram-se em quantidade as chamadas ânforas ibero-púnicas das formas D e E de Pellicer

A ocupação dos séculos v a III a.C. é particularmente intensa, se atendermos ao volume dos materiais arqueológicos recuperados, nomeadamente os importados. É também o momento da construção de novas estruturas habitacionais, tendo-se, como já se disse, verificado alterações no sistema defensivo.

No entanto, a partir dos meados do século III a.C. observa-se um certo declínio, cessando o comércio a longa distância e, logicamente, as importações. Somente a partir da segunda metade do século I a.C., Castro Marim retoma de novo a sua importância, assistindo-se na época romana republicana a profundas renovações urbanas e à chegada de enormes quantidades de produtos importados, manufacturados e alimentares, sobretudo provenientes da Itália.

A ocupação romana

Foi apenas durante os trabalhos de campo de 1987 que a ocupação romana do período republicano se viria a revelar de forma muito significativa, mais concretamente no Corte 3.

A densidade das informações recolhidas sobre esta época é grande, ultrapassando a que normalmente se encontra noutros sítios portugueses.

O espólio recolhido, muito abundante, permite-nos datar esta ocupação de meados do século I, mais exactamente entre 60 e 30 a.C.

A ceràmica campaniense, de que foram recolhidos quase trezentos fragmentos, inclui-se nas classes A e B de Lamboglia e na categoria B-óide, posteriormente introduzida por Morel. Do ponto de vista tipológico, os exemplares de Castro Marim distribuem-se pelas formas 1, 2, 3, 4 e 5.

Foram recuperadas várias centenas de ânforas nos niveis tardo-republicanos de Castro Marim. Da totalidade do conjunto, sobressai de forma muito marcante (mais de 70%) uma espécie de ânfora cuja característica principal é possuir uma moldura muito saliente imediatamente a seguir ao lábio, que é de secção arredondada ou ovalada. Este tipo de ânfora, classificado como Classe 67 por Carlos Fabião, era até há pouco tempo quase desconhecido em Portugal. Acompanhando este tipo, surgiram exemplares das Classes 4, 32 e ainda algumas ânforas ibero-púnicas tipo D de Pellicer.

Também a cerâmica de paredes finas está presente nestes níveis em quantidades apreciáveis. Identificaram-se as formas III, IV, V, VIII e IX.

De referir ainda que a cerâmica comum é, naturalmente, muito abundante.

Resta-nos voltar a mencionar que foi justamente nestes níveis tardo-republicanos que foi recolhida a moeda de chumbo cunhada localmente e com a legenda BAES a que já fiz referência.

Se bem que várias estruturas habitacionais tenham sido construídas no início da dinastia júlio-claudiana, mais exactamente entre 20 e 15, e a primitiva muralha da Idade do Ferro tenha sido acrescentada neste período, a época imperial é, até hoje, mal conhecida no Castelo de Castro Marim, para períodos posteriores ao reinado de Tibério.

Algum espólio arqueológico foi encontrado associado às estruturas habitacionais atrás referidas, nomeadamente terra sigillata itálica (formas 27 de Goudineau e tipo 2 de Haltern), ânforas da Classe 4 de Peacock e Williams, cerámica de paredes finas e cerámica comum.

Discussão

Pouco há para discutir neste breve resumo das diversas fases de ocupação do Castelo de Castro Marim. No entanto, parece me que alguns pontos merecem ainda alguns comentários finais.

A primeira observação que os dados revelados pelos trabalhos arqueológicos sugerem é a da ampla diacronia que este sítio regista (mesmo sem mencionar as ocupações medievais e modernas).

Com efeito, o Cerro é primeiramente ocupado durante o final da Idade do Bronze, nos finais do 2º e inícios do 1º milénio. Desde então, e até ao século XVIII da nossa era, nunca mais esta pequena colina deixou de ser habitada.

Uma outra observação diz respeito ao carácter de porto comercial que Castro Marim parece ter assumido, pelo menos a partir dos inícios da Idade do Ferro.

A sua localização na foz do rio Guadiana terá contribuído, de forma definitiva, para a "disponibilidade" que este sítio manifesta em relação aos novos produtos que ai aportam. Junto à costa, e com acesso directo ao interior através do rio, próximo da área tartéssica, o Castelo de Castro Marim cedo contacta com o Mediterrâneo. Os seus níveis inferiores filiam-se culturalmente numa Idade do

Ferro Orientalizante, tendo fornecido, como vimos, um abundante espólio característico deste período. Povoado indígena, cujo inicio da ocupação data pelo menos da Idade do Bronze, mantém contactos com povos do Mediterrâneo Oriental, ou directamente ou, mais provavelmente ainda, através das colónias fenícias da costa malaguenha e da Huelva tartéssica.

Este povoado, ainda que geograficamente periférico, participa pois, de algum modo, nas grandes movimentações ocorridas no Mediterrâneo durante a primeira metade do 1º milénio a C.

Mas esta participação não se esgota no início da Idade do Ferro. A verdadeira vocação comercial do Castelo de Castro Marim, cedo patenteada, vai manter-se, e nos séculos V e IV a C. vamos assistir à chegada de cerâmicas provenientes de Atenas.

E ainda no século III a C. chegam à foz do Guadiana vasos produzidos no Norte de África Esta vocação comercial, traduzida na presença de produtos com um considerável leque de origens, transformou Castro Marim num verdadeiro porto de comércio livre

Se admitirmos que durante a Idade do Ferro o comércio mediterrânico com a fachada atlântica peninsular se processou por via marítima, através de comerciantes gaditanos, é lógico pensar que Castro Marim foi, pela sua posição estratégica (decorrente da localização geográfica), e por tradição, um sítio com excelentes possibilidades de se transformar num lugar que exportaria matérias-primas (provenientes de povoados do interior) e preparados piscícolas (produzidos localmente), recebendo, para comercializar depois em territórios mais ou menos próximos, produtos manufacturados.

Todos estes dados permitem pensar que em Castro Marim estava provavelmente instalado um grupo de comerciantes eventualmente dependentes de uma "elite" político-administrativa.

Efectivamente, o tipo de comércio que a existência de razoáveis quantidades de cerâmicas importadas pressupõe só é compreensível num sistema hierarquizado social, política e economicamente.

Neste sentido, o Castelo de Castro Marim poderia ter funcionado como um Lugar Central, nos parâmetros que Renfrew definiu para este termo.

Bibliografia sumária

ARRIDA, A. M. (1992) - A crámica atica do Castelo de Castro Marim se quadro das exportações árigas para a Positivala libérica. Enboa: UNIARQ/INIC, 220 p. Trabalho de síntese apresentado ao INIC para discussão na prova de habilitação prevista no artigo 6 do Decreto Lei 68/88 de 3 de Março. Edição policopiada.

ARRUDA, A. M. (1993) - O Oriente no Ocidente. In MEDINA, J., dir - Historia di Portugal. Amadora. Ediclube, vol. 2, p. 17-44.

FARIA, A. M. (1987) - Moedas de chumbo, da época romana, cunhadas no actual território português.

Nomunitica. Lisboa. 47, p. 24-28.

SALCADO, V., Frei (1786) - Morerian reciniasticas de Reme de Algarer. Lisboa. Vasconcelos. J. L. (1917) - Coisas. Velhas. O Anguellogo Português. Lisboa.

22, 107-199
VEICA, S. P. M. E. da (1887) Antiquidade nonumentais de Alganie.
Timbos prohistoricos. Lisboa: Imprensa.
Nacional. vol. 2.

O sítio arqueológico de Garvão e o seu depósito ritual

Virgilio Hipólito Correia

O "Cerro do Castelo" em Garvão é uma elevação de topo aplanado com uma cota máxima de 124,5 m, encaixada entre duas linhas de água, afluentes do Sado, que se encaixaram nos depósitos terciários e nos xistos desta zona. Na parte média da encosta leste do cerro, entretanto muito alterada pela construção de muros de suporte de terras, foi localizado em 1982 um grande conjunto de vasos cerâmicos, que faziam parte de um depósito secundário de peças votivas (em grego bioloso ou favissa), de que se vieram a escavar cerca de 40 % (o restante conserva-se in situ).

Para a instalação do depósito, foi aberta na encosta uma fossa de planta irregular, grosseiramente ovalada, com 10 por 5 m. A própria profundidade e morfologia era irregular a noroeste, na direcção do alto da encosta, os bordos da fossa foram deixados em rampa, enquanto que no lado oposto, se cavou um pouco a própria rocha de base e o bordo da fossa foi arranjado com uma espécie de murete fruste. A abertura da fossa do depósito parece portanto ter aproveitado um estreito patamar da encosta do cerro, patamar que se alargou um pouco por forma a poder conter a escavação da fossa, que atingiu cerca de 80 cm de profundidade. A terra que os escavadores da fossa aqui encontraram era uma areia argilosa com alguns carvões (que talvez eles mesmo tenham provocado quando limparam a área antes de iniciarem a abertura da fossa) que cobria outras camadas estratigráficas para onde a erosão tinha arrastado materiais arqueológicos provenientes da ocupação do topo da elevação, nomeadamente ânforas de feição púnica (camada 7 da escavação arqueológica de 1982/3 | Beirão [et al.] 1985, p. 59-60) e materiais do Bronze Final (Camada 9 | id. ibid.).

A parte central desta fossa foi grosseiramente coberta por lajes de xisto entre as quais se produziu um dos achados mais interessantes da escavação : um crânio humano destacado do restante esqueleto.

O crânio estava, aparentemente, associado a alguns ossos de animais, o que sugere um fenómeno de libação sacralizadora associada a um sacrifício humano. O crânio pertenceu a uma mulher cuja idade oscilaria entre os 35 e os 40 anos (Fernandes 1986, p. 78). A morte foi-lhe provocada por

três golpes desfendos na zona occipital e parietal por um instrumento contundente, pesado, dotado de um gume curvo pouco penetrante, que incidiu obliquamente sobre a cabeça da vítima (Antunes e Cunha 1986, p. 84-85). Foi assim reconstituído que a vítima se encontraria destada em decúbito ventral, quando lhe foram desfendos sucessivamente três golpes. Qualquer um deles seria o suficiente para lhe provocar a morte, e certamente que com o primeiro deles ela entrou em lipotimia (perda de sentidos). A morfologia das lesões sugere que o instrumento utilizado terá sido um machado de pedra polida de que, aliás, se recolheu um exemplar no depósito (id ibid., 82-84). O crânio foi então separado do corpo, a forma como isso se deu e o espaço de tempo que mediou entre este facto e a deposição do crânio como elemento ritual na criação do depósito votivo são, no entanto, indetermináveis.

Sobre este nível de fundação e sacralização do depósito foram colocados, com grande preocupação de economia do espaço, grandes contentores de cerâmica, produzidos manualmente, cheios de outras peças cerâmicas, cuidadosamente empilhadas (camada 3c da escavação de 1982/3 Beirão et al. 1985, p. 56-60 e 94-103). Os espaços entre estes contentores e entre eles e a margem da fossa foram também preenchidos por peças cerâmicas empilhadas (camada 3b, af. ibid.). Por último, algumas peças foram ainda depositadas sobre todo este conjunto, chegando, ou originalmente ou por força da acção da sedimentação das terras, a sair ligeiramente da fossa, e foram por sua vez cobertas por blocos de xisto (camada 3a, id. ibid.).

O local foi então abandonado e, localizado, como estava (a uma cota de 118,9 m), fora de uma zona construída ou que servisse de circulação, as terras carreadas do alto do cerro foram cobrindo o local. Nestes estratos localizaram-se materiais de várias épocas, desde a Idade do Ferro até ao período árabe: só nesta última data o crescimento da área habitacional do Cerro do Castelo de Garvão levou ao aparecimento de construções sobre a zona do depósito.

A data em que a constituição do depósito votivo teve lugar não pode ser apontada numa flecha muito apertada. Uma hemidracma em prata, batida em Gades (Beirão et al. 1985, p. 91 nº 81), datará provavelmente da 238 ou 237 a.C., podendo ter circulado até aos finais do séc. III. A sua vida "útil" como ex-voto pode, no entanto, ter sido um pouco mais estendida. É, de todas as maneiras, o único elemento de datação incontroversa dentro do próprio depósito, e consitui um terminas ante quen para o seu fecho. Cerâmicas campanienses nos estratos de terras arrastadas que cobrem o depósito, são de datação e contexto menos seguro, encontrando-se, aliás, por estudar em pormenor, parecem sugerir, no entanto, que o fecho do depósito não terá ocorrido para além da primeira metade do séc. II a C.

Atente-se, todavia, no facto de, conhecida com alguma precisão, a data de fecho do depósito, não pode esta ser aplicada a todas as peças aí recolhidas : a colecção de um tão grande volume de material no santuário não pode ter deixado de levar alguns anos, sendo inclusivamente possível que nessa colecção se tenham conservado algumas já de grande antiguidade à data de fecho do depósito secundário. Não obstante, o mais provável é que a maioria do material date do século III e, especificamente, da segunda metade deste.

A esmagadora maioria das peças votivas colocadas no depósito foram peças cerâmicas. Terão sido originalmente utilizadas como suportes das oferendas de alimentos ou outras matérias que eram oferecidas à divindade. Não sendo muito plausível que todo o universo dos ex-rotos oferecidos à(s) entidade(s) divina(s) cultuada(s) em Garvão, se tenha limitado a alimentos e vasos cerâmicos seus. portadores, estamos provavelmente perante uma selecção, feita segundo critérios técnicos, de peças a obliterar, que talvez tenha coexistido com outros depósitos de peças de outros tipos. Existem, aliás, em Garyão, indicios de outro provável depósito de cerâmicas, localizado na mesma encosta mas a uma cota mais baixa, a cerca de 100 metros para noroeste.

No depósito secundário, está presente quer cerâmica manual quer cerâmica a torno, sendo raras as peças que constituem obviamente importações (caso da cerâmica de verniz vermelho. Beirão et al. 1985, p. 69-73). Dentro daquela que será de âmbito local ou regional, a distribuição geográfica da sua proveniência não é, por agora, determinável. Existem, no entanto, alguns tipos que, dado o volume massivo com que foram depositados, contando-se os seus exemplares por centenas, foram, sem sombra de dúvida, produzidos localmente.

Entre estes o primeiro é claramente o prato ou tigela baixa com bordo simples e pé em bolacha, em que foram sistematicamente produzidos dois pequenos orificios, um pouco abaixo do bordo (id., p. 65-68, nº 24-25.). Frequentes são também a taça de bordo introvertido (id. ibid., nº 26-27) e as taças de perfil em S, com bojo de tendência bitroncocónica, bordo ligeiramente extrovertido e pé destacado (id. ibid, nº 30). De outros tipos, de forma menos comum, a técnica de fabrico denuncia também a produção local.

Alguma cerâmica a torno foi ainda pintada. A pintura (sempre em ocre ou roxo escuro), que incidiu em vasos de formas por vezes raras e de que alguns são certamente importações, inclui as bandas, os meandros verticais, o axadrezado e, raramente, os grupos de circulos concêntricos (id., 68-69).

Entre a ceràmica manual a forma dominante é o "copo" ovôide, de bordo ligeiramente introvertido e pé quase sempre destacado, subcilindrico ou em tronco de cone achatado, com fundo plano ou côncavo (id., 61-63, nº 1-8). Para além destas peças são frequentes outras de formas muito originais, como os pratos e vasinhos, trípodes, os pratinhos (ou talvez tampas) com pé (ou pega) cricilorme ou decorada de outras formas.

Com efeito, existe em Garvão um conjunto, não muito vasto mas ainda assim importante, de peças exuberantemente decoradas por incisão e aplicação de cordões plásticos, como é conhecido em outras estações da Idade do Ferro da Península, nomeadamente aquelas de cariz mais interior ou "continental", conhecidas na zona indo-europeizada da Península Ibérica (id. 132-133, Beirão et al. 1987, p. 219).

Entre a cerâmica decorada ressalta todavia a estampilhada, que oferece uma grande variedade de estampilhas individuais (vinte e quatro), e uma ainda maior variedade de associações, numa gramática decorativa extremamente complexa (Beirão et al. 1985, p. 73-81 e 133).

Porêm, as peças cerâmicas de maior interesse (e raridade) são os queimadores (id., 63 e 133); vasos, pelo demais de forma e fabrico idênticos a outros vasos que não tiveram tal função, em que, antes da cozedura, foram produzidas aberturas que permitiriam que o vaso contivesse uma qualquer matéria em combustão, favorecendo a oxigenação desta e a difusão, no ambiente circundante, dos fumos produzidos. Em ambientes orientalizantes da Península Ibérica (e do Mediterrâneo em geral) conhecem-se objectos com esta função, produzidos em bronze, por vezes produtos artísticos de altíssima qualidade e objecto de transacção a longa distância. Já em datas tão avançadas como a do deposito de Carvão, e produzidos em cerâmica, estes thymaticia parecem ser um fenómeno

especificamente ibérico que, antes da detecção dos exemplares de Garvão, não estava documentado por mais que uma dúzia de exemplares. Associável a estes objectos de função especificamente ritual, é um aspergillus (também uma raridade absoluta), e ao carácter sacro do depósito não é estranha a presença de uma urna de orelhetas, vaso de função normalmente funerária.

A urna de orelhetas é uma das peças do depósito que (no seu caso, para além de pintada e estampilhada) foi decorada com uma extremidade coroplasticamente tratada em forma de cabeça antropomórfica (mulher toucada 7). As peças coroplásticas de Garvão, que incluem, para além desta decoração, outras em bordos de contentores e ainda de peças exentas quer antropomórficas quer zoomórficas, fazem parte de uma tradição local muito enraizada (Beirão e Gomes 1984) que se mantém até datas muito avançadas, como também parece acontecer com a tradição da escrita do Sudoeste, de que Garvão demonstrou a evidência de data mais baixa até agora conhecida i um grafito composto por seis letras na base de uma taça de perfil em S da forma comum no depósito que, não obstante, parece tratar-se de um antropónimo de ressonância ibero-levantina.

Para além da cerâmica, um conjunto de materiais metálicos, líticos e vítreos, forma um conjunto pequeno mas interessante de objectos utilitários (omocboai de vidro: Beirão et al. 1985, p.94), industriais (lingote: id. ibid), de adomo (fibulas de bronze e de prata, argolas dos mesmos metais, contas de colar, de cornalina e de vidro e um anel de prata: id. 91-94) e propriamente votivos.

Entre estes últimos, conhecem-se dez placas oculadas (duas em ouro e oito em prata, uma das quais já não se conserva) mais fragmentos de outras três de prata e ainda duas placas de prata decoradas com figura feminina (uma das quais não se conservou).

As placas oculadas, rectangulares, trapezoidais ou bi-circulares, mostram olhos, quer circulares quer amigdalóides, com os cílios indicados, ou transformados num padrão radial que ocupa toda a placa. Uma das figuras antropomórficas (a infelizmente perdida) era consituída por uma cabeça sobre uma palmeta que desenhava simultaneamente os seios, os membros eram sumariamente indicados. A outra figura mostra uma cabeça toucada (ou apenas com um penteado alto) e um objecto (hemi-lunar?) suspenso sobre o peito. Para estas figurações foi apontada, sobre a base de paralelos iconográficos, a assimilação de uma divindade indígena com uma entidade sincrética Tanit / Ashtarl / Demeter, o que não seria um fenómeno inédito na Península (Beirão et al. 1987, p. 217), mas não será fácil comprovar uma associação a Atacina (Gomes e Silva 1995, p. 38). O que parece seguro é o carácter profiláctico da divindade para a qual estes ex-votos foram pensados. Aliás a semelhança deles com objectos modernos que ainda actualmente se oferecem a Santa Luzia (que dá o nome e tem santuário numa aldeia a cerca de 10 km de Garvão) testemunha eloquentemente uma interpretatio que atravessa os tempos. Com associações profilácticas se relacionam também provavelmente os modelos de mandíbulas inferiores que se encontraram, um em vidro, outro em cerâmica.

Estas placas foram encontradas espalhadas por vários conjuntos dentro do depósito : não se trata, portanto, de um conjunto delimitado, mas sim , mais provavelmente de peças - que seriam bastante mais comuns no santuário - que, quase acidentalmente, vém a encontrar o seu caminho para o depósito secundário.

A escavação e investigação da parte não escavada do depósito, bem como a finalização do estudo da parte escavada (os materiais recolhidos não estão ainda completamente tratados) reserva, muito provavelmente, abundantes surpresas, a nível dos materiais, mas o significado do depósito não poderá vir a ser completamente entendido fora do contexto geral do santuário e do núcleo urbano em que ele se situava.

Admite-se como hipótese plausível que, no topo do Cerro do Castelo de Garvão existiu o santuário onde foram originalmente oferecidos os ex-votos que vieram posteriormente a ser colocados no depósito secundário.

Tal santuário faria parte de um povoado de origem antiga e de longa sobrevivência. As cronologias mais antigas para o povoado de Garvão são dadas pelas cerâmicas do Bronze Final recolhidas à superfície e na escavação dos níveis arqueológicos subjacentes ao depósito, a este período se associando um molde de fundição de armas de bronze. A sobrevivência para além da Idade do Ferro e até ao período romano está documentada por achados numismáticos (um as de Celsa batido em 5 a.C.: Dias e Coelho 1977, nº 1). Com as estruturas templares do período romano se relacionariam duas colunas de mármore recolhidas na vila (Beirão et al. 1985, p. 49) e algumas estruturas detectadas no topo do cerro (id. ibid, 50) divirjo da datação apontada).

Recentemente, a extensão do povoado da Idade do Ferro pôde ser precisada, graças a escavações levadas a cabo na plataforma a sul do Cerro do Castelo, que permitiram identificar uma muralha e fosso que parecem ter delimitado o povado, bem como uma pequena área industrial, onde se identificou um forno atribuível à Idade do Ferro. A extensão da área do povoado pode ser estimada em cerca de 6 hectares, tornando provável que tenha sido um núcleo populacional de carácter propriamente urbano (Correia 1995, p. 250 n. 3).

A existência de estruturas cultuais em núcleos urbanos pré-romanos está bem documentada no Sudoeste Peninsular, entre outros pontos em Capote (Badajoz, Espanha), onde se localizou um depósito votivo primário: um conjunto de peças selado enquanto decorria a sua utilização ritual. A estrutura a que o depósito se associava era uma pequena câmara, integrada na estrutura urbana do povoado. largamente aberta para a rua. Um banco onde se empilhavam contentores cerámicos de uma tipologia particular rodeava as paredes, no centro um altar construído em alvenaria a seco serviu como mesa para uma refeição ritual. Nesta, terá participado, no sentido estrito, um número de pessoas próxima das duas dezenas, logo sendo os animais sacrificados distribuídos pela restante população do povoado. Neste caso parece não ter existido uma noção clara de culto a uma divindade específica, mas sim um ritual público, gentilício ou supra-gentilício, parecendo difícil que uma estrutura como a de Capote pudesse gerar a acumulação de ex-rotos capaz de vir a produzir um depósito secundário com a dimensão do de Garvão (Berrocal Rangel 1994, p. 263-275). Por outro lado, o povoado que os Romanos conheceriam sob o nome de Mirobriga Celticorum inclui, na sua área mais elevada, um templo cujo estatuto sacro foi suficientemente marcante para que sobrevivesse, com remodelações, até à construção romana do forum e com ele coexistisse por um período indeterminado (Correia 1995, p. 244-246). A prestação de culto a uma divindade num templo como este poderia, ao fim de um certo período de tempo e dependendo do volume e tipo de oferendas que o costume e a esfera geográfica de difusão do culto acarretassem, levar à necessidade de criação de depósitos secundários.

Com efeito, depósitos secundários de peças votivas terão certamente existido com mais frequência na órbita de antigos santuários, em todas as épocas, do que a arqueologia chega a conhecer e estudar Os ex-notos oferecidos a uma divindade são carregados de uma carga simbólica muito forte consideram-se, por regra, propriedade da própria entidade divina, o que chega para demonstrar os cuidados rituais de que a sua manutenção se rodearia. Não é pois de estranhar que, em santuários onde o volume de material conservado fosse maior do que aquele que as instalações cultuais pudessem eficientemente conservar e manter, a redeposição em local secundário se impusesse. Preocupação maior nesta redeposição era a obliteração do olhar e do manuseamento público e profano de peças cujo carácter se aproximava do divino. Daí, sem dúvida, a escolha do enterramento; seria maior a preocupação com a intangibilidade das peças do que com a sua conservação física.

No seio das sociedades complexas da Idade do Ferro Penínsular, as divindades parecem ter desempenhado um papel muito importante na consolidação das estruturas supra-gentificias que agregavam os vários núcleos populacionais. Ainda sob o domínio romano, os variados deuses locais e o culto prestado a deuses de culto muito difundido, sob epítetos tópicos e gentificios, demonstram isso mesmo. No caso da(s) desconhecida(s) divindade(s) de Garvão, é particularmente interessante a combinação de elementos de distinta origem - local, mediterrânica (oriental e ibero-levantina) e indoeuropeia - que, por estarem presentes no culto, não deixaram certamente de estar presentes na concepção que do divino aí se teve.

Por outro lado, o vector religioso, sem dúvida que desempenhou também um papel notável na criação de mecanismos de controle e coesão social e económica. Nesse sentido, a existência de um depósito secundário de peças votivas como o de Garvão, e do volume de acumulação económica que ele testemunha, é um testemunho eloquente dos processos de integração das esferas económicas locais em entidades políticas maiores, centralizadas em núcleos urbanos, que ocorrem no Sudoeste Peninsular ao longo da 2º Idade do Ferro.

Bibliografia sumária

ANTUNAS, M.T., CUNHO, A. S. (1986)
- O crânio de Garvão (século in a C.)
causa mortis, tentativa de
interpretação. Trabalhos de Arqueologia do
Sul. Evora. 1. 79-86.
BEIRAO, C. M., GOMES, M. V. (1984)
- Coroplastia da lº Idade do Ferro do Sul
de Portugal. In Hammage a Georgei
Zlyzansky. Paris, C.N.R.S. p. 450-482.
BEIRAO, C. M.[et al.] (1985)
- Depósito votavo da II Idade do Ferro
de Garvão. Noticia da primeira
campanha de escavações. O Arqueologia.
Paringuês. Lisboa. S. 4, 3, 45-136.

BERAO, C. M. [et al.] (1987) - Um. depósito votivo da II Idade do Ferro. no Sul de Portugal, e as suas relações com as culturas da Meseta. Volcia. Vitoria Nova serie 2-3 (1985-86) 207-222 Actas del IV Coloquio sobre Lenguas Y Culturas Paleohispánicas Vitoria Casteir, 1985 (Studia Paleobispanica) BERROCAL RANGEL L (1994) - El alter prerramano de Capote. Moderid. CORREA, V. H. (1995) - The Iron Age. in South and Central Portugal and the emergence of urban centres. Proceedings of the British Academy. 86. 237-262 Dias, M. M. A., CORLHO, L. (1977) ...

Achados de moedas romanas do Concelho de Ourique O Aspanloja Portaguis Lisboa S.3, 7-9, 269-275. FERNANIES T.M. (1986) - O crânio de Garvão (século III a.C.) analise antropológica. Traballos de Arqueológica forma 1, 75-78. Gostes, M. V., Sitva, C. T. da (1994) - Carvão, un sanctuaire protohistorique do Sud du Portugal. Les Dessers d'Archeologic. Dipon. 198, 34-39.

O castro de Segóvia e a componente céltica em território português

Teresa Judice Gamito

Os autores clássicos referem a existência de povos Célticos no Sudoeste Peninsular. localizados junto aos Cinetes, estes considerados como os últimos povos no extremo ocidental do mundo então conhecido e que encontramos em Heródoto. Estrabão e mesmo Avieno. A maioria dos investigadores europeus sobre esta época concorda que de facto isso terá realmente acontecido, embora outros continuem cépticos, seguindo uma corrente já um pouco antiquada da recente investigação arqueológica que só considera "céltica" as culturas da Europa Central da 2º Idade do Ferro. geralmente denominadas por "civilização La Têne". No entanto, não só as referências dos Autores Clássicos como a evidência arqueológica levam-nos a concluir que, na verdade, tribos Celtas aqui se terão estabelecido. O Castro de Segóvia (Elvas, Portugal) constitui um bom exemplo desse facto, largamente comprovado pelas escavações nele efectuadas em 1972, 1981 e 1982. Poderemos distinguir quatro fases distintas de ocupação da Idade do Ferro, embora o castro apresente evidência de ter sido utilizado já durante o Neolítico, mas principalmente desde a Idade do Bronze Final. Assim, distinguemse, na Idade do Ferro, os seguintes momentos distintos de ocupação. L. antes e por volta do século VII a. C., 2 - no século VI, 3.- no século v. 4.- do século iv ao III a. C., e finalmente 5 - correspondendo aos séculos II e I a.C., com sinais de romanização, prolongando-se ainda a ocupação do Castro pelo período medieval

No contexto do final da Idade do Bronze e inicio da Idade do Ferro, isto é, por volta dos finais do século VIII, inícios do século VIII, observa-se que algumas alterações sócio-culturais importantes terão tido lugar, tais como: a ocorrência de vastos povoados fortificados, a ênfase colocada nas actividades guerreiras, com o acentuar do culto dos heróis e a sinalização das suas sepulturas, o aparecimento das estelas insculpidas com escudos redondos de chanfradura em V, cujas representações se tornam cada vez mais complexas, o controlo das vias comerciais, a introdução da escrita pelos finais do século VII inícios do VI, o alargamento das rotas comerciais, a troca de presentes diplomáticos entre as elites.

No séc.VI, o momento áureo da Civilização Tartéssica, já então sob o domínio de uma elite altamente celtizada (Gamito 1986, 1988; Cunliffe 1990; Almagro Gorbea 1991) observa-se uma grande unidade nas diferentes áreas, embora diversas influências e interacções tivessem tido lugar no Sudoeste Peninsular.

- a) uma elite celtizada localizada quer nos povoados como nos enterramentos;
- b) a convergência de duas influências e dois estilos predominantes: um orientalizante, subindo das zonas costeiras do Sul e o outro celtizante, atingindo o Sudoeste através da Meseta;
- c) grande desenvolvimento na mestria do tratamento dos metais, quer da ourivesaria como dos bronzes, que já se tinha começado a observar desde a Idade do Bronze;
 - d) a adopção de hábitos e costumes luxuosos, importando artigos de regiões distantes,
- e) o uso de cerâmica fina com decoração estampilhada e o começo da importação de grande quantidade de cerâmica grega.
 - f) o uso da escrita,
 - g) enterramentos principescos e complexidade nas práticas mortuárias;
 - h) uma complexidade e hierarquização crescentes na organização social.

Todos estes aspectos se verificam em todo o Sudoeste, especialmente nos grandes castros de Azougada (Moura), Vaiamonte (Monforte), Segóvia (Elvas), Ossonoba (Faro), e mesmo nos mais pequenos como Ruivo (Sta. Eulália), Careira (Veiros), Baldio (Arronches), Chibanes (Setúbal), Rocha Branca (Silves), Baesuris (Castro Marim), Ipses (Alvor).

Durante o século v observam-se grandes alterações neste contexto sócio-cultural, sendo os principais acontecimentos: a decadência de Tartesso, como a mais poderosa potência do Sudoeste; a decadência total das colónias fenícias na costa sul de Espanha e a evolução e desenvolvimento dos pequenos reinos peninsulares, como entidades sócio-políticas distintas. As práticas funerárias vão também sofrer alterações abandonando-se gradualmente as incinerações em túmulo para se passar às incinerações em urnas.

Analisando os aspectos considerados como tipicamente Célticos e localizados na área em questão, não podemos deixar de mencionar, os cultos religiosos, a cerâmica estampilhada, a própria ourivesaria.

Entre os cultos religiosos devem mencionar-se o de Endorellico (S. Miguel da Mota, Terena) e o de Atargina, particularmente incidente na zona de Elvas/Badajoz, exactamente onde domina o Castro de Segóvia, e por todo o território português das margens do Guadiana. Este cultos sobrevivem até e durante a época romana. O culto de Endorellico, localizado em santuário próprio, numa gruta perto do Cerro de S. Miguel da Mota (Alandroal), foi extremamente importante como culto peninsular onde mais de oitenta ex-votos foram recolhidos, entre eles estátuas em tamanho natural de bronze e de prata, inscrições de mármore, todos testemunhando a riqueza dos seus doadores e a importância do culto. Tratava-se de uma divindade oracular, e como tal tinha apenas um templo. O local parece ter estado em uso desde a Idade do Bronze. Pelos textos das dedicatórias pode concluir-se ser uma entidade ligada ao mundo subterrâneo e naturalmente estava-lhe associada uma cave ou local escuro e pelos atributos sugere estar ligado ao javalí e ao próprio Crounos da mitologia céltica. O culto de Atargina, embora nenhum templo pareça ter-lhe sido dedicado, surge expresso em

inúmeras inscrições e dedicatórias à deusa e em pequenos bronzes votivos. Tratava-se de um culto de fertilidade com ligações ao renascer da Primavera e da Natureza, como vemos em todas as religiões da Antiguidade e até mesmo associado a Hera, na sua forma mais arcaica, e posteriormente Prosérpina.

A cerâmica estampilhada tornou-se, por outro lado, um traço estilistico, cultural e possivelmente diferencial entre os grupos célticos ou celtizados da Europa pois aparecem apenas em zonas onde outros elementos característicos da cultura destes grupos sociais e atribuíveis às suas crenças, religiões e hábitos são também evidentes. O uso de matrizes para decorar, estampilhando, as cerámicas parece ter surgido na lugoslávia durante o Neolítico, também nas culturas de Villanova e Golasseca na Itália, mantendo-se no Vale do Pó com grande popularidade até aos séculos VII e VI a. C. Talvez dai tenha passado aos Celtas para além dos Alpes e da Europa Central, tornando-se distintivo entre eles. Em Portugal surge especialmente nessa zona do centro-norte e sul do interior do Alentejo e Beira interior, estendendo-se também à Estremadura espanhola. É nesta zona onde também encontramos mais topónimos de origem céltica, relacionados com aquelas regiões onde tradicionalmente sempre foram localizados os Celtas. Todavia, estas populações terão, em épocas posteriores, também se espalhado por regiões mais para sul e ocidente, zonas onde igualmente vamos encontrar topónimos da mesma origem, como é o caso de Lacobriga (Lagos) ou mesmo Melides e Miróbriga (Santiago de Cacém). A cerámica estampilhada encontra-se não só na área nuclear dos castros de Segóvia (Elvas), Vaiamonte (Monforte) e Veiros (Estremoz), como também na Mesa dos Castelinhos (Beja), e ainda em Safara, Azougada (Moura), Noudar (Barrancos) e mesmo em Ossónoba (Faro).

A ourivesaria, já extremamente desenvolvida e requintada no Bronze Final, vai sofrer grandes alterações tecnológicas, aligeirando-se no peso e introduzindo técnicas de cera perdida, de gravação, de estampilhagem e de granulação, algumas então ainda desconhecidas no Sudoeste. De salientar ainda uma progressiva democratização desta ourivesaria, que se torna mais acessível a maior número de elementos da população e o aparecimento de joias em metais menos nobres como o bronze, usado em fibulas e braceletes.

De salientar o ambiente de uma cultura material relativamente homogénea, onde surgem já formas de urbanismo funcional, sempre com casas rectangulares colocadas e desenvolvendo-se radialmente junto às muralhas. Em posição saliente, dominando todo o povoado, encontra-se uma casa senhorial de idénticas características arquitectónicas às demais casa do povoado, mas onde as dimensões e distinção de funções dos diferentes compartimentos são claramente visíveis, como observamos em Segóvia, sugerindo que este grande povoado teria sido o lugar central e residência da elite dominante do sistema a que pertencia.

As escavações que efectuamos no castro de Segóvia proporcionaram um estudo pormenorizado e seguro das cerâmicas estampilhadas e outros materiais igualmente importantes e característicos da Idade do Ferro, sendo a sua importância ainda salientada quer pelos contextos estratigráficos seguros que apresenta, como pelas primeiras datações obtidas por rádio-carbono para o Sul de Portugal. Em 1972 foram escavadas as áreas A, B e C, tendo-se continuado as escavações da área B em 1981 e 1982, onde foi detectado um edificio de maiores dimensões, possivelmente a residência da elite dominadora do castro. Observaram-se quatro grandes momentos de ocupação. L - Estrato 8, o

mais profundo, apresentava uma ocupação do Bronze Final com grande abundância de cerâmicas cinzentas-acastanhadas brunidas, ou de retícula brunida com os habituais desenhos geométricos traçados na superfície exterior dos vasos, em alguns exemplares os desenhos brunidos apresentavam-se também no interior do vaso, assinalando exactamente influências de tipo Lapa do Fumo e de Huelva. normal numa região intermédia em que estas influências se entrecruzam e ainda, em alguns casos, esta decoração em ambos os lados. Observou-se que este tipo de cerâmicas se prolongava nos estratos da Idade do Ferro Inicial tendo-se obtido uma datação para este contexto de 812 a.C. 2. Os estratos 7 e 6 apresentam a introdução de cerámicas decoradas com largas estampilhas de desenho geométrico, de diferentes formas, aplicadas sobre a superfície dos vasos, avermelhados, portanto de cozedura oxidante. junto ao gargalo, por vezes cobrindo inteiramente toda a superfície disponível. Observou-se que estes vasos, geralmente grandes contentores, acompanhavam ainda vasos de cerâmica decorados com cordões de dedadas ou de incisões frequentes na fase transitória do Bronze Final-Ferro Inicial. Neste mesmo estrato encontraram-se vários fragmentos de cerámicas avermelhadas ou acinzentadas decoradas com motivos ondeados, possivelmente relacionados com vasos para comercialização de produtos diversos, idênticos aos encontrados em Marselha e usados no comércio massaliota. Observouse a ocorrência de diversos fragmentos de objectos de ferro e de bronze, tendo-se obtido uma datação de rádio-carbono para este estrato de 615 a.C. 3.- O estrato 5 apresenta a introdução de uma grande variedade de cerâmica estampilhada quer utilizada em cerâmica avermelhada mais grosseira, dos grandes contentores, como no estrato anterior, quer em cerâmica fina, acinzentada, muito bem depurada e polida, quase metálica, onde se aplicou a decoração estampilhada em motivos finos de SSS aves aquáticas, círculos, espirais, motivos florais a que por vezes se associava a roleta. É um tipo de decoração que encontramos nos ambientes de La Têne Inicial, na França, na Alemanha, na Checoslováquia Esta decoração aplicava-se geralmente junto ao pescoço do vaso ou no começo do bojo. Observa-se ainda a introdução das primeiras cerâmicas pintadas de tipo ibérico, mais na tradição hallstrática do que propriamente mediterrânica, algumas das quais apresentam simultaneamente a superfície externa do vaso com faixas pintadas entrecortadas com faixas não pintadas mas estampilhadas. Para este estrato obteve-se a datação de rádio-carbono de 520 a C. Este tipo de cerâmica com decoração em barras pintadas, alternando com barras lisas e estampilhadas, vai tornar-se muito popular nos castros do Sul de Portugal, na Idade do Ferro Plena, nomeadamente em Carvão, Mesa dos Castelinhos, Azougada, Pedrogão, Safara, Mértola, por volta do século III a C. Entre os bronzes que acompanhavam este estrato encontraram-se as primeiras fibulas de tipo anular-hispânico; um cabo de espelho decorado em espiral, setas, fragmentos de espetos e de armas. 4.- Os estratos 4 e 3 apresentam a predominância das cerâmicas com decoração de tipo La Têne, com os mesmos motivos de estampilhado que referimos anteriormente, já, no entanto, aparecendo algumas palmetas, sugerindo a influência das primeiras cerâmicas campanienses, que também começam a surgir em contextos semelhantes na Península Ibérica por essa mesma ocasião. De registar a ocorrência de numerosas tíbulas de diversos tipos como as anulares hispânicas, de tipo La Têne Médio, de tipo transmontano e fragmentos de armas diversas. A este estrato é atribuivel uma cronologia dos séculos IV-III a C. 5. - Finalmente os estratos 2 e 1 representam a fase final da Idade do Ferro já com contactos com os Romanos e o mício da Romanização daquela zona do território português, isto é, os séculos II-1 a.C.;

com a introdução das primeiras cerâmicas de paredes finas e de terra sigillata e pequenos bronzes de tipo La Têne final, como é o caso, dos suportes de cabo de colheres em T, bem como as fibulas tardias em forma de omega, já de época romana, suportes de asas de situlas e respectivos mascarões, diversos elementos decorativos, numerosas cavilhas e pregos de ferro, lanças, placas e as balas de chumbo romanas, também designadas por glandes.

Segóvia apresenta ainda um urbanismo claro, constituido por casas rectangulares, e possíveis arruamentos centrais, bem como a residência do senhor do burgo, a primeira casa senhorial da Idade do Ferro do Sul de Portugal, localizada perto da entrada do castro, que será sucessivamente utilizada por todos os senhores do burgo.

Bibliografia

ALMACRO CORTES M., 1991, The Celts in the Iberian Peninsula, in The Cific eds. 5. Moscatt, O.H. Frey, Venceslau Kruta, B. Raftery e M. Szabó, Milano, 386-407 CUSAITTE B. 1990. The Celtic World. London, Constable. BUDICE CAMITO, T., 1986, Social complexity in Southwest Ilberia (from the with to the stal costs (B.C.) - aspects of evolution and intraction, Ph.D. dissertation, University of Cambridge hidici Caserto, T., 1988, Social Complexity in Southwest Illeria (800-300 BT | - the case of Tantessos, Oxford, BAR Judice Casarro, T., 1987. O castro de Segovia (Elvas, Portugal), ponto fulcral na primeira fase das Guerras de Sentório: O Anguellogo Portugues. Série IV, 5, Lisboa, 149-160.

A cerâmica estampilhada

Teresa Júdice Gamito

Um aspecto interessante e característico da Idade do Ferro em território português e relacionado com as culturas materiais dos povos que ocuparam estas regiões e cujos vestígios chegaram até nós, é certamente o caso das cerâmicas estampilhadas. Localizando-se, inicialmente e em abundância, nas zonas interiores do Sul de Portugal, raramente atingindo as zonas costeiras, mas ocorrendo mesmo assim em Faro, Lagos, Alcácer do Sal, Miróbriga ou Huelva. Observa-se o aparecimento destas cerâmicas finas, portadoras de um acabamento brunido e de cor acinzentada, com decoração estampilhada, que, surgindo durante a primeira Idade do Ferro, se prolongam até ao século III a.C. As cerâmicas estampilhadas da 1ª Idade do Ferro são cerâmicas finas, geralmente de cor acinzentada ou mesmo negra, com excepção dos grandes contentores de barro mais grosseiro e de cor avermelhada, onde a decoração estampilhada aparece junto ao gargalo, em grandes motivos repetitivos e que ocorrem na estratigrafia de Segóvia datável da segunda metade do século VII a.C.*. Este tipo de decoração também ocorre em objectos metálicos, designadamente jóias, pela mesma data, em espadas, de datas ligeiramente posteriores, e mesmo taças de prata, como as de Monsanto datáveis dos séculos II/I a.C.

A ocorrência desta decoração estampilhada durante a 1º Idade do Ferro não se trata de um fenómeno isolado mas perfeitamente integrado nas correntes culturais da época e com características semelhantes às que observamos no Centro/Norte e Leste da Europa por esta mesma ocasião. Atê recentemente tem-se considerado um fenómeno verdadeiramente europeu, com características próprias e que poderá sugerir afinidades, contactos ou afirmações étnicas e sócio-culturais importantes entre determinadas grandes "familias" ou tribos europeias, que, através de mecanismos de contacto e interacção, foram transmitidos por largas regiões, tal como tem sido largamente salientado (Cunliffe 1992, Gamito 1986 e 1988) e não exclusivo de determinadas zonas da Europa Norte e Central, como poderá ser o caso dos motivos estampilhados do período de La Têne tardia (Schwappach 1969, Jacobsthal 1969, Brun 1987 e especialmente Collins 1984). Naturalmente que segundo as zonas onde se desenvolveu, adquiriu certamente características próprias que se reflectem na conjunção e associação

- As datações para a estratigrafia da Segóvia foram submetidas em 1983/84 ao Laboratóno do British Museum e são as que aparecem publicadas ma minha Tese de doutoramento em 1986, e. posteriormente na versão alargada da mesma Tesc de BAR, em 1988 (Camito 1988 Tendo-se verificado um erro de processamento, que foi corrigido e publicado na revista Radiocarbon, 1990. vol 32, n.1, 59-79, essas datas aparecerem jā corrigidas no trabalho apresentrado nas IV fornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses. Camito 1991

dos motivos e nas próprias formas dos vasos de uso mais comum.

A cerâmica estampilhada ocorre, especialmente, em seis pontos distintos da Europa-

- a) uma vasta área compreendendo as bacias do Reno, Danúbio, Marne e Ródano:
- b) na Armórica, região da Bretanha, e Cornualha, na Grã-Bretanha,
- c) na área das culturas de Este e Golasecca, na Itália, e do Norte dos Alpes, regiões onde a interacção inter-regional era desde há muito intensa;
 - d) na zona da alta Hérault, na França;

atingiram a Península por essa mesma época. Na verdade,

- e) nas regiões centrais da Península Ibérica, incluindo o vale do Ebro, as bacias do Tejo e do Guadiana atingindo o Alto Alentejo e a Alta Andaluzia,
 - f) na Cultura Castreja, no Noroeste peninsular.
 - Algumas questões primordiais se colocam neste contexto:
 - Como poderemos explicar este fenómeno? Quais as características que tomou em Portugal?
 - Este dois aspectos revelam-se da maior importância para a compreensão dos contactos,

interacções, influências e manifestações de simbolismo, de identidade ou de individualidade que poderemos encontrar entre as populações da Idade do Ferro em território português e outras que

saber ao certo qual a composição e conjunto de povos que então compunham o Ocidente peninsular é ainda hoje uma zona nebulosa do nosso saber e nem mesmo a linguistica apresenta sugestões certas ou de convicção inabalável. Mesmo assim, só mais tardiamente, no final da 2º Idade do Ferro, se podem sugerir regiões linguísticas distintas, mantendo-se, no entanto, o pressuposto de que essas formações linguísticas datavam, necessariamente, de épocas muito mais recuadas. Talvez se tenha mantido até à 1º Idade do Ferro uma certa uniformidade de estratos e sub-estratos étnicos na Europa Ocidental ou os contactos entre os diferentes grupos estabelecidos nesta vasta região lossem muito mais intensos e frequentes do que micialmente pensávamos. Podemos, no entanto, facilmente admitir, que, com o desenvolvimento e intensificação de contactos e intervenções diversas dos povos do Mediterrâneo Oriental, estes mais trequentemente por via marítima, e os do Norte e Centro da Europa, penetrando pelas terras do interior, em muito terão contribuído para que se estabelecesse uma certa diversidade, exactamente entre essas populações estabelecidas em zonas de interior e as do litoral. Essa diversidade poderia ter-se acentuado mais onde a

interacção com outros povos e os condicionalismos da sua

Área de difusão da cerâmica estampilhada



própria evolução mais se fizeram sentir. Daí que a lenta evolução dos povos peninsulares durante a Idade do Bronze tivesse sentido um impulso importantíssimo durante o Bronze Final, acentuando se então a diversidade e as dicotomias norte/sul que observamos nos vestígios arqueológicos em território português durante a Idade do Ferro e que se vão manter até aos nossos dias. No interior, observa-se uma continua exploração dos recursos económicos ai existentes, especialmente com uma forte base agro-pastoril, complementada com uma exploração mineira e consequente, produção metalúrgica numa escala reduzida às necessidades imediatas dos povos envolvidos, e certamente mais influenciada e interligada a populações há muito estabelecidas na Meseta e em outras zonas do interior da Península. com escoamentos próprios pelas tradicionais vias de comunicação e de acesso a pontos e lugares estratégicos. Em contrapartida, temos que admitir a existência de uma população há muito também estabelecida no litoral, explorando os recursos marítimos e o comércio, há longo tempo estabelecido com povos distantes, mais cosmopolita e dinâmica pelo próprio processo aí desencadeado e que esses contactos lhe traziam. È sempre interessante salientar que os vestígios das cerâmicas estampilhadas se concentram exactamente naquele corredor interior de acesso ao extremo ocidental da Península lbérica, que sempre se manteve em qualquer época histórica que estejamos a considerar, e que apresenta um melhor acesso e contacto terrestre com as regiões e os povos além Pirenéus e vice-versa Talvez não seja por acaso que isso se verifica na Idade do Ferro e em tantas outras posteriores, bem documentadas historicamente.

Na verdade, se observarmos as diferentes cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro que ocorrrem nas diversas regiões da Europa atrás referidas verifica-se a existência de alguma diversidade nas formas dos vasos, que podem apresentar ligeiras diferenças no seu volume, dimensões do gargalo, e predominância de formas de bordo e de base, de acordo com as diferentes regiões onde ocorrem, mas onde os motivos estampilhados apresentam, por outro lado, grande semelhança de padrões. Isso acontece especialmente com a fase tardia da primeira Idade do Ferro, ou Hallstatt-D, e o começo da Idade de Ferro tardia ou La Têne inicial, onde o uso de padrões geométricos de diversas dimensões mas com a forma de rectângulos, quadrados ou triângulos predominam, por vezes associados ou em combinações diversas com motivos em ziguezague ou SS, losângulos, ou mesmo cruzes, e que numa fase mais tardia começam a aparecer também associados a motivos de palmetas, em especial na louça mais fina, aos quais se juntam efeitos de roleta.

As primeiras ceràmicas deste tipo surgem na área imediatamente a norte dos Alpes, atingindo rapidamente a região das nascentes do Reno e do Danúbio e mesmo de Hallstatt, mais a leste, sugerindo uma influência das culturas de Este e Golaseca (Kimmig 1974, Frey 1980, Schwappach 1969), onde já se notavam, possivelmente por influência grega, o uso de motivos estampilhados, por vezes seguindo um padrão em métopas, como se pode observar nas cerâmicas características destas zonas. A interacção entre esta zona imediatamente a sul dos Alpes e a outra, imediatamente a norte desta cadeia de montanhas, parece ter-se tornado ao tempo muito importante, como caminho alternativo para os produtos do Mediterrâneo atingirem as comunidades da Idade do Ferro do Centro e Norte da Europa (Pauli 1971, Kimmig 1983; Frankenstein e Rowland 1978), em especial os oriundos da Magna Grécia, tal como Kimmig (1974) tão brilhantemente sugeriu. A mobilidade de gentes e produtos parece ter sido uma das características mais importantes e frequentes da época, determinada

tanto pelo próprio movimento de pequenos grupos procurando melhores locais para se estabelecerem, como pela sua interacção com outros povos mais distantes, ou as duas coisas simultaneamente.

O que se verifica é que áreas distintas começam a usar como tipo de decoração nas suas cerámicas e objectos metálicos, motivos estampilhados que gravam sobre as superfícies que querem decorar. Para que tal possa aconteçer temos que admitir a existência de contactos importantes entre elas, ou influências de tal modo fortes que estas populações se sentiram na necessidade de mostrarem uma identificação específica entre si, e foi esta a escolhida. Ou então teremos que admitir a deslocação de pequenos grupos de populações que vão transmitir esta nova "moda" de decorar as cerámicas, e que será adoptada por todos. Será talvez de rejeitar que se trate aqui de uma maneira de recusar outros priipos sociais ou de individualização de determinados grupos em relação a outros, como nos sugere Hodder (1982), porque então esse padrão de comportamente seria detectável em outras zonas, e não é o caso. Por outro lado, outra corrente mais recente sugere a rejeição da elaboração de quaisquer modelos explicativos, justificando-se que perante a evidência arqueológica que chegou até nos e a distância, a que nos encontramos no tempo, destas mesmas sociedades, não nos permitem elaborar qualquer modelo sobre as mesmas, restando apenas o artefacto que chegou até nós, o objecto em si mesmo, levando-nos a um recuo espectacular no desenvolvimento da teoria arqueológica, e do desenvolvimento epistemológico desta ciência, ou a um ceptoismo total e inoperante, embora racionalmente aceitável (Shanks e Tilley 1982). O facto é que estas características, estas peculiaridades dos motivos decorativos da Idade do Ferro existiram de facto. É quando se dá a queda do Império Romano, observa-se o regresso a este tipo de decoração "primitiva" que fora abandonado, bem como ao retomar de crenças e rituais há muito esquecidos, o que vem salientar, exactamente, a peculáridade e as características de identidade perdida daquelas comunidades, agora novamente abandonadas a si mesmas: é o caso das cerâmicas estampilhadas medievais dos séculos V e VI. Mesmo admitindo aquelas e outras contingências e restrições, resta-nos ainda responder às seguintes questões. Porquê exactamente esta característica e não outra? Por que motivo as populações adoptaram esta e não outra forma de decoração? Porque é que este tipo de decoração só aparece naquelas e não noutras regiões? De facto, verifica-se que umas determinadas áreas começaram a usar este tipo de decoração e outras não, e isso é deveras conspícuo. Por outro lado, verifica-se que já anteriormente as zonas que passaram a usar a decoração estampilhada já tinham manifestado uma intensa actividade comercial quer interregional como intra-regional durante o Bronze Final. Este comércio estava ligado ao fornecimento de importantes matérias-primas, tal como o estanho, o ouro e o âmbar, pelo que não só envolvia as populações imediatamente próximas e interessadas nesta actividade, como outras mais longinguas, elas também envolvidas nestas redes de abastecimento. Entre estas zonas especialmente atraentes estaria certamente a Armórica e a Cornualha, o Nordeste e o Sudoeste Peninsular, e por certo os povos situados na Europa Central. Além destes pontos ou zonas chave, vamos encontrar a cerámica estampilhada noutras zonas igualmente importantes pela sua situação geográfica, pela sua riqueza em outros produtos igualmente importantes e por serem zonas de passagem habitual. Normalmente os investigadores da Idade do Ferro têm dedicado a sua atenção mais a aspectos estéticos e estilísticos (Jacobsthal 1969, Megaw 1970) do que propriamente a estes aspectos pragmáticos e funcionais, e simultaneamente expressivos de uma certa identidade de interesses e afinidades. Estas cerâmicas, nas

suas formas mais tardias, aparecem também associadas a bandas pintadas, tão características das cerâmicas ibéricas dos séculos IV e III a.C., e que encontramos, por exemplo, em Segóvia (Elvas), Safara (Moura), Garvão (Ourique), Misericórdia (Serpa).

Em Portugal, verifica-se uma concentração apreciável destas cerâmicas nos materiais de Segóvia e Vaiamonte e nos outros castros deles dependentes e de alguma dimensão, como é o caso de Baldio (Arronches), Careira (Monforte), Veiros (Estremoz), Sete Fráguas (Monforte), Rico (Elvas) e mais a sudeste, na margem esquerda do Guadiana; Serpa (Beja), Safara (Moura), Misericórdia (Serpa). para sul, na Mesa dos Castelinhos (Almodôvar), Monte Montel (Ourique), depósito votivo de Garvão (Ourique), Faro/Ossonoba (Faro), para oeste, em Chibanes (Palmela), Miróbriga (Santiago do Cacém) Lapa do Fumo (Sesimbra), devendo ter-se expandido para norte por volta dos finais dos séculos IV e III a.C., com a pressão dos exércitos de Aníbal no Sul da Peninsula Ibérica, dando, possivelmente, origem às ceràmicas estampilhadas da Cultura Castreja, onde predomina o tipo de "early style", tal como vemos especificado em Jacobstahl (1969) e, simultaneamente, um certo barroquismo e conservadorismo, característicos da expressão tardia desta decoração (Ferreira de Almeida 1974 e 1981). Hidalgo Cuñaro e Costas 1979 e 1981, Silva 1987) vindo aparecer, quase que em mostruário, no bracelete de Lebução (Gamito 1986, p. 164, 1988, p. 119). Entre a produção metálica, especialmente nas jóias, vamos observar também a aplicação de decoração estampilhada, o que salienta ser esse o tipo escolhido de decoração usado por aquelas sociedades, como é o caso das lúnulas de Praganca e de Viseu, do torque de Vilas Boas ou do disco de Bensafrim (Gamito 1992).

Não podemos de facto negar a inclusão da Península Ibérica e especialmente da sua zona mais ocidental, neste mundo de expressão artística e identidade de costumes e de crenças religiosas que se costuma designar de "céltico".

Bibliografia

ARNAUD, J.E.M. e GAMITO, T.J. (1974-77) - Cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro do Sul de Portugal-1, O Arquellogo Portugañ, Lisboa. S. 3, 7. 165-202. BRUN, P. (1987) - Princes et Princeses de la Cifuque. Paris: Errance. COLLIS, J. (1984) - The European Iran Age. London: Batford. CUNLIFIE, B. (1992) - The Celtic World. 2º ed. London: Constable. ALMEIDA, C.A.F. (1974) - Cerâmica castreja. Revista de Geimarão.

84. 171-197

ALMEIDA, C.A.F. [et al.] (1981) Escanações em Santo Estevão da Facha,
Ponte de Lima.
FREY, O.-H. (1980) - La cronologia di
Este nel quadro dei rapporti culturali
con l'area hallstattiana, Este e la
civilita Paleoveneta. In XI Cong Studi
Etrachi. Padova. 69-84.
HIDALGO CUNARRO, J.M., e COASTAS
GOIERNA, F.J. (1979) - El castre
"A Cidade" de Carneiro - Galtura
Castresa. Vigo.
HIDALGO CUNARRO, J.M., e COASTAS

GOBERNA, F.J. (1981) - Galicia na Elak
del Hierro - A cultura castresa: Vigo.
HOUDER, I. (1982) - Symbols in action.
Cambridge: University Press.
JACOBSTAHL, P. (1969) - Early Cibic Art.
Oxford: University Press.
GAMITO, T.J. (1986) - Social complexity
as Snathwest lberia (from the 8th to the 3rd
cont's B.C.) - aspects of evolution and
interaction. Cambridge: University of
Cambridge: Ph.D. dissertation.
GAMITO, T.J. (1988) - Social Complexity
as Southwest lberia (800-100 B.C.) - the tain
of Tartessos, Oxford, BAR.
GAMITO, T.J. (1991) - Introductio da.

penimular (com base nas datações de rádio-carbono). In IV Actas das Jomado. Argarolópicas Lisboa Associação dos Arqueoólogos Portugueses, 299-304. Gairro, T.J. (1992) - The Celts in western Iberia, IX Cong. Int. d'Etudes Cétiques, Etudos Céltiques, Paris, CNRS 173-194 KIMMIG, W. (1974) - Zum Fragment eines Este-Cefasses von der Heunburg aus der Donau. Hanhurger Beitrage zur Activalogic Hamburg, 33-96. MATA PARRESO, C. (1985) - Algunas cerámicas ibénicas con decoración impresa de la provincia de Valencia. Sagurium Valência, 19, 153-181 MEGAW, V. (1970) - Art of European Jran. Aux Bath. SCHWAPPACH, F. (1969) -Stempverzierte Keramik von Armorica. Fundhenelit aus Hessen. 213-287. (Festychnift Dehn) SHANKS, M. e C. (1982) - Ideology, symbolic power and ritual communication: a reinterpretation of neolithic mortuary practices. In HODDER, L. ed. - Symbolic and Structural Archaminty Cambridge University Press. 129-154 Shva, A.C.E. (1987) - A Caltura Camer, tese de doutoramento, Paços de Ferreira.

metalurgia do ferro no Sudoeste

Povoamento e habitat no Noroeste português durante o 1º milénio a.C

Manuela Martins

O povoamento e o habitat enquanto categorias de análise

Do amplo espectro das manifestações culturais conhecidas no território do NO português, correspondente, genericamente, à provincia portuguesa do Entre-Douro-e-Minho, atribuíveis ao 1º milénio a. C., merecem destaque, pela sua especificidade, relativamente a outras regiões, os povoados e o modo como se encontram estruturados na paisagem. Se os primeiros, reconhecido que foi o seu carácter recorrentemente fortificado, foram objecto de estudo sistemático, tendo mesmo sido usados como fóssil director de uma cultura arqueológica, a "Cultura dos Castros", na expressão de P. Bosch-Gimpera (1921, p. 248-300, 1932, 1933, 1939, 1945), ou "Cultura Castreja", como é mais frequentemente designada pela generalidade dos investigadores, já a sua articulação, quer com o meio envolvente, quer com a organização das comunidades, aspectos que podemos abarcar, na sua complexidade, pela expressão de "povoamento", mereceu, indiscutivelmente, menor atenção.

O desfasamento na análise destas duas realidades, intimamente relacionadas, resulta da própria história das investigações. De facto, a avaliação isolada do habitat característico das comunidades do 1º milénio a C, no Norte de Portugal, viria a constituir, simultaneamente, o fundamento e o objectivo do reconhecimento de uma verosimilhança necessária ao estabelecimento da homogeneidade cultural desta região. O tipo de povoados e a recorrência de certas expressões de arquitectura doméstica e militar viriam a ser rapidamente definidos como as manifestações mais marcantes da identidade cultural das populações pré-romanas desta região (Lopež Cuevillas 1953; Blanco Freijeiro 1960, 179-195, Cardoso 1962, 391-423; Acuña Castroviejo 1977, 235-253; Almeida 1983, 70-74). Parecia, por isso, desnecessário articulá-las, fosse com o quadro ambiental específico da região, fosse com a estrutura socio-econômica das próprias comunidades. Por outro lado, as preocupações centradas na construção do tempo histórico e na identificação das características evolutivas das "Culturas", constituindo os objectivos primordiais da investigação arqueológica de

matriz histórico-cultural, favoreciam mais a narrativa que a explicação dos processos culturais.

Foi apenas no quadro da Nova Arqueologia, de vertente funcionalista, que se desenvolveram condições para uma percepção mais alargada dos habitats e dos seus contextos, pois as 'Culturas' passam a ser entendidas como sistemas em permanente construção e não como simples somatório de traços arqueográficos, aparentemente recorrentes. Nesta perspectiva, o tipo de assentamento, a distribuição e a hierarquia dos povoados, bem como a sua estrutura interna, constituiram-se como aspectos susceptíveis de fornecer informações sobre a organização das sociedades e sobre a exploração dos recursos. (Clarke 1968, Hodder e Orton 1976, Hodder 1978, Hodges 1987, p. 118-133, Wagstaff 1987, p. 26-36). A chamada arqueologia espacial constitui, de certo modo, um desenvolvimento deste tipo de abordagem que percepciona o habitat nos níveis micro e macro, visando recuperar as relações mira-site e inter-site.

A análise das comunidades do 1º milénio a C., no Noroeste português, tendo em vista a valorização do povoamento, não é anterior aos anos 80, altura em que se iniciaram alguns projectos de investigação que, incidindo sobre a ocupação de algumas bacias hidrográficas dos rios do Entre Douro e Minho (Soeiro 1984; Almeida 1987; Martins 1990), procuraram estudar os aspectos relacionados com a implantação, distribuição e organização dos povoados fortificados. Com resultados desiguais, este tipo de abordagem teve a vantagem de descentrar a atenção dos investigadores das problemáticas clássicas relativas à "Cultura Castreja", permitindo identificar a variabilidade temporal e regional do habitat do 1º milénio a.C., estabelecer sincronias entre os povoados, analisar distribuições e regularidades de comportamento e avançar hipóteses quanto ao significado da localização e correlação dos diferentes povoados, no âmbito da organização socio-económica e da evolução cultural das comunidades (Martins 1990, p. 195-216; Dinis 1993, Silva 1994, p. 477-499).

Sendo evidente que a abordagem do I milénio a.C., no NO português, tendo por base uma valorização do povoamento e habitat, constitui apenas uma das múltiplas possibilidades de analisar a dinâmica cultural desta região, num tempo longo, entendemos que ela oferece amplas potencialidades de compreensão das comunidades humanas que ocuparam a região, durante esse período, permitindo, simultaneamente, inferir dados relativos à sua estrutura social e avaliar o modo como se processou a sua adaptação a um ecossistema muito particular (Bouhier 1979), em grande medida regulador das especificidades que permitem distinguir estas comunidades de outras suas contemporâneas (Champion et alii 1984, Champion e Megaw 1985, Collis 1989, Cunliffe 1988, 1991, Lemos 1993).

Linhas de força do povoamento do 1º milénio a.C. no NO português

Qualquer síntese que aborde o quadro cultural do 1º milénio a.C. do NO português identifica-o pelo tipo particular de habitat que aqui se desenvolveu durante aquele período: o castro, ou povoado fortificado (Almeida 1983, p. 70-74; Silva 1986: 1992, Fabião 1992). A centenária investigação deste tipo de sítios afinou as balizas cronológicas da sua emergência e desaparecimento, encontrou explicações para a sua implantação, sistematizou as etapas evolutivas do seu

desenvolvimento. Considerados como a manifestação mais típica da identidade cultural da área geográfica em questão, durante a Proto-História, a sua emergência e generalização foram tradicionalmente compreendidas no quadro de uma instabilidade permanente, motivada por migrações e invasões, mas, também, por lutas internas entre os principais povos que habitariam a região, supostamente só ultrapassadas por influência da conquista romana (Silva 1986).

Até ao anos 70, os castros foram genericamente considerados uma forma de habitat típica da Idade do Ferro. Contudo, as investigações da década de 80 viriam a demonstrar que muitos povoados fortificados se fundaram em pleno Bronze Final (Calo Lourido e Sierra Rodriguez 1983; Silva 1986; Martins 1988a, 1989) e que as suas características individuais, em termos de duração, dimensões e estruturas, são bastante variáveis. Estes dados empíricos adquiriram um alcance considerável, pois permitiram questionar as tradicionais explicações relativas ao desenvolvimento dos castros, no âmbito da ocupação proto-histórica do NO. Por outro lado, os avanços no conhecimento de outros contextos habitacionais do Bronze Final, no Norte de Portugal, parcialmente contemporâneos de alguns daqueles povoados (Jorge 1987, 1988, p. 85-112, 1990, p. 38-67, Sanches 1988, p. 125-134), contribuiram para uma valorização sincrónica e diacrónica de diferentes estratégias de ocupação do espaço As investigações relativas, ao povoamento sobre o 2º/1º milénio a.C., nos últimos quinze anos, para além de permitirem percepcionar a distribuição e organização espacial dos habitats, a nível local e regional, permitiram, também, compreendê-la em termos económicos (exploração de recursos) e sociais (interacção entre as comunidades) (Carballo Arceo 1986, 1990, p. 161-199, 1993, p. 55-82; Martins 1990). A este importante contributo veio juntar-se outro, não menos relevante para a compreensão do habitat do 1º milénio a.C., como foi o reconhecimento da variabilidade temporal e regional dos povoados fortificados, quer em termos do tipo de assentamento, quer em termos dos seus equipamentos domésticos e defensivos (Martins 1990, p. 206-216, Dinis 1993). Por esse facto, deixou de ser aceitável. caracterizar o conjunto dos povoados proto-históricos do NO português pela expressão topográfica e arquitectónica que viriam a adquirir já no final do 1º milénio a.C., com as suas típicas casas redondas, vestíbulos, empedrados e, por vezes, elevado número de linhas de muralhas (Romero Masiá 1976), sendo indispensável valorizar as particularidades que os caracterizam na sua longa evolução.

Mal grado o carácter parcelar dos conhecimentos disponíveis e os riscos inerentes à generalização dos dados obtidos em certas sub-regiões mais investigadas, é possível questionar o habitat e o povoamento do 1º milénio a.C., no NO português, com base na valorização da dinâmica de desenvolvimento das comunidades desta região, desde a Idade do Bronze (Jorge 1990a, p. 38-57, 1991, p. 12-15, Martins 1993-94, 1994). É essa a perspectiva que assumimos neste breve ensaio, por entendermos que ambos (habitat e povoamento) se constituiram na prática social das comunidades que lhe deram expressão, justificando-se por uma multiplicidade de interacções, que importa discemir e que se alicerçam no seu próprio processo histórico. Por isso, as linhas de força deste trabalho reforçam, necessariamente, a longa duração e a componente espacial, dentro das quais se inscrevem a tradição cultural e a reprodução social, com todo o conjunto de práticas e simbolismos que as comunidades criaram e transformaram permanentemente a partir do seu espaço de residência e referência (Giddens 1987, Barret 1994, p. 87-97, Foster 1994, p. 366-395, Rapoport 1994, p. 460-502, Pearson e Richards 1994a, p. 1-37, 1994b, p. 38-72).

Habitat e povoamento na transição do 2º para o 1º milénio a.C. continuidades, mudanças e explicações

A identificação, no Norte de Portugal, de contextos habitacionais relacionáveis com o Bronze Médio e Final, remonta apenas aos anos 80, sendo, contudo, muito escassos os dados relativos ao povoamento do período anterior ao Bronze Final (Jorge 1988, p. 85-112, 1990a, p. 38-67, 1990b, p. 163-251, Bettencourt 1995, p. 110-112). Na verdade, até ao momento, dispomos de um único povoado escavado, cujas datações radiocarbónicas, não publicadas, permitem a sua atribuição àquele período: o povoado da Bouça do Frade I e II, no concelho de Baião. Trata-se de um povoado aberto, localizado numa zona de montanha, ocupando uma encosta de pendor suave, sem uma nitida demarcação na paisagem, caracterizado por inúmeras estruturas de armazenagem e vestígios de cabanas construídas com materiais perecíveis.

A ocorrência de povoados com as mesmas características, durante o Bronze Final, período durante o qual o da Bouça do Frade se manteve ocupado (Jorge 1987), permite considerar que estaremos perante uma forma de habitat característica do 2º milénio a C., recorrente, no Norte de Portugal, pelo menos até aos finais da Idade do Bronze (sécs. VIII/VII a.C.).

O avanço das investigações permitiu constatar que este tipo de povoados abertos, aparentemente de grande simplicidade, tende a ocorrer durante o Bronze Final em contextos geomorfológicos e topográficos diferenciados, que incluem zonas de montanha e zonas ribeirinhas, ocupando superficies abertas de planalto, encostas, cabeços e colinas, estas últimas em áreas de vale (Bettencourt 1995, p. 111-112). A expansão deste tipo de habitats, durante o Bronze Final (1250-700/600 a.C.), poderá estar correlacionada com a intensificação e diversificação do aproveitamento de recursos agro-pastoris, tendência aparentemente recorrente no longo percurso das comunidades da Pré-História europeia, pelo menos desde o Calcolítico (Champion et alii 1984, Bintliff 1984, Harrison 1993, p. 293-299).

As reduzidas dimensões da maior parte dos povoados conhecidos deste tipo e a sua aparente vocação agrícola, deduzida do elevado número de estruturas de armazenagem que os caracteriza, permitem considerá-los uma espécie de "quintas", com escasso número de habitantes, inseridas em unidades sociais mais alargadas. A ocorrência de outro tipo de povoados, mais nuclearizados, alguns deles fortificados, durante o mesmo período, permite considerar que, durante o llronze Final, o NO português terá conhecido um povoamento hierarquizado, conforme foi sugerido por S. O. Jorge, com base nas suas investigações realizadas na Serra da Aboboreira (Jorge 1987; Sanches 1988, p. 125-134).

De facto, paralelamente à expansão dos povoados abertos, assiste-se, entre finais do 2º milénio /inícios do 1º, à emergência de um novo tipo de habitat, que regista preocupações estratégicas e defensivas dominantes e uma indiscutível valorização do espaço habitacional conseguida através da construção de estruturas delimitadoras, potencialmente com carácter defensivo.

O investimento feito na visibilização destes povoados, fosse através da escolha criteriosa dos locais para os implantar, que registam sempre condições de fácil defesa e ampla visibilidade sobre áreas circundantes, fosse pela materialização dos seus limites físicos, parece assinalar uma importante

transformação do simbolismo dos espaços de vivência das comunidades, decorrente de uma maior sedentarização das mesmas (Bradley 1984, Fábregas Valcarce e Ruíz-Galvéz Priego 1994, p. 155-156, Ruíz-Galvéz Priego 1993, p. 47-51), que, na região em análise parece inequivocamente ligada à ocupação sistemática das principais bacias fluviais. Na verdade, muito embora estes povoados possam ocorrer em zonas de montanha (Queiroga 1984, p. 105-116; p. 375-380, Queiroga e Figueiral 1984, p. 67-69), eles irão implantar-se, preferencialmente, nas bordaduras dos vales, ocupando sempre os relevos mais destacados, independentemente da sua altitude absoluta. Este tipo de povoados, com as suas preocupações geo-estratégicas dominantes, parece materializar uma matriz de povoamento indissociável da exploração intensiva dos vales, pese embora o facto de essa exploração ter ocorrido, também, em períodos anteriores, conforme parece demonstrado pelos níveis calcolíticos presentes em muitos dos sítios onde posteriormente se viriam a implantar povoados do Bronze Final.

A presença de povoados fortificados, no contexto do Bronze Final europeu (Champion et alii 1984, Audouze e Buchsenschutz 1989) constitui um fenómeno recorrente, de explicação e complexidade variáveis, segundo as regiões. No caso do NO português ela parece decorrer de uma convergência de tendências: uma delas, de longa duração, estaria relacionada com a apropriação de espaços económicos vitais, mais concretamente da terra, como inevitável consequência da intensificação agrícola, que se regista desde o Calcolítico, ainda que conhecendo eventuais momentos de retracção, designadamente em meados do 2" milénio a C. (Ruiz Calvez Priego 1993, p. 47-48), uma outra tendência, mais circunscrita em termos temporais, mas que se afirma em termos regionais amplos, estaria relacionada com a intensificação da metalurgia e dos intercâmbios à distância, sobretudo nos finais da Idade do Bronze.

Assim, teremos que entender o polimorfismo dos contextos habitacionais da região do NO português, durante o Bronze Final, mais especificamente, entre 1000 e 700 a.C., que inclui povoados abertos, povoados alcantilados e fortificados, implantados, quer em áreas de montanha, quer de vale, como uma manifestação da conquista de novos espaços agro-pastoris, associada a um aumento da produção alimentar, que, exigindo uma maior apropriação e definição de espaços sociais e económicos das comunidades, acabaria por desenhar uma nova hierarquia no povoamento, diferente daquela que pode ter enquadrado as comunidades do 2º milénio a.C. (Jorge 1988, Martins 1988, 1990, Harrison 1993, p. 293-299, Mendez Fernandez 1994, p. 77-94).

Se atendermos ao contexto de desenvolvimento global e regional que caracteriza este período, durante o qual a região do NO peninsular se viu incluída numa complexa rede de intercâmbios de âmbito atlântico e mediterrânico (Coffyn 1985, Ruiz Galvez Priego 1984, 1993, p. 41-68, 1994a, p. 50-81, 1994b, p. 323-342), poderíamos aceitar que o desenvolvimento das actividades de produção alimentar, com a apropriação de maior número de excedentes, tenha constituído uma condição básica para suportar os custos decorrentes, quer de uma necessária diversificação das actividades econômicas e sociais, como aquelas que se associam à circulação de matérias-primas e produtos, relacionados com a metalurgia do bronze, quer de uma maior interacção entre as comunidades, a nível regional e inter-regional, quer ainda de uma diferenciação social a nível do "status" das comunidades e das suas elites (Bintliff 1984, Gibson e Geselowitz 1988, p. 3-40, Martins 1994).

As desigualdades e assimetrias de desenvolvimento e de poder entre comunidades e regiões, no quadro da metalurgia do bronze, poderá ter potenciado um contexto de instabilidade e competição generalizadas, dentro do qual a fortificação do habitat deveria ter actuado como factor dissuasor de conflito. De facto, o florescimento de uma economia dependente do metal, no quadro da Idade do Bronze europeia, ao incluir a periferia do NO peninsular na sua órbita (Sherrat 1993, 1-58. Ruiz-Galvéz Priego 1994a, p. 50-81), podendo ter rompido um equilibrio regional anterior, baseado fundamentalmente numa economia de base agro-pastoril, tenderia a fomentar um complexo jogo de interesses e de interdependências entre unidades socio-políticas regionais, potencialmente favorável a novas hierarquias sociais e a uma maior centralização económica e política (Jorge 1990a, p. 38-67, 1990b, p. 213-251).

Parece, pois, legítimo aceitar que a expansão da metalurgia do bronze no contexto das comunidades do Bronze Final do NO português, possa ter determinado um aumento de tensões, a nível regional e inter-regional, nas zonas por onde circulavam, ou onde se exploravam as matérias-primas essenciais à produção dos artefactos metálicos em bronze (cobre, estanho, chumbo), ou os itos de prestígio que os acompanhariam (ouro e prata). O controlo da exploração de jazidas metaliferas, bem como dos eixos de circulação dos metais, terá favorecido interesses diferentes daqueles que se articulavam, anteriormente, com a estricta sobrevivência, favorecendo, consequentemente, uma importância desigual das comunidades a nível local, regional e inter-regional. A estes novos interesses poderiam aduzir-se, ainda, aqueles que se relacionariam com a posse da terra, a intensificação da produção agrícola, esta última necessária à produção de excedentes.

O carácter parcelar das investigações é pouco favorável a generalizações quanto à estrutura, dimensões e tipo de construções características dos povoados do Bronze Final. Até ao momento a generalidade dos povoados escavados, quer abertos, quer alcantilados ou fortificados, revela reduzidas dimensões e estruturas habitacionais constituídas por simples cabanas, circulares, ou elípticas, feitas com materiais perecíveis, com pisos de barro, ou terra batida, definidas por buracos de poste e/ou alinhamentos de pedras. Este quadro genérico possui apenas uma única excepção, observada no povoado do Coto da Pena, em Caminha, que regista habitações de pedra logo desde os inícios do I milénio a.C. (Silva 1986, p. 34, nota 177). Por sua vez, as estruturas defensivas identificadas em contextos do Bronze Final, nos raros povoados escavados (Silva 1986, Martins 1988b; 1989, Bettencourt 1994, p. 167-190), apontam para uma grande simplicidade daquelas estruturas, que aproveitam ao máximo as condições topográficas, incorporando afloramentos, grandes blocos mal talhados e usando o saibro e a pedra como materiais de construção.

Muito embora a presença de fossas abertas no saibro, interpretadas como estruturas subterrâneas de armazenagem (Jorge 1987), muito abundantes nos povoados abertos do Bronze Final, pareçam ausentes nos povoados fortificados do mesmo período, a abundância de moinhos nestes últimos não deixa dúvidas quanto à prática agrícola dos seus ocupantes, igualmente testemunhada pela identificação, nalguns povoados, de macro-restos carbonizados de sementes e leguminosas, entre os quais se integram o trigo, o milho miúdo, a cevada, a ervilha e a fava (Silva 1988, Oliveira et alii 1991, Aira Rodriguez e Ramil Rego 1992). Para além de uma considerável variedade de cereais e leguminosas foram igualmente identificadas algumas espécies arboreas e arbustivas, de valor alimentar, como a

¥

oliveira, reconhecida nos espectros polínicos (Aira Rodriguez e Ramil Rego 1992), a ameixieira e a pereira, identificadas pela Antracologia (Figueiral 1990; 1994, p. 427-448) e a vinha, pela Paleocarpologia (Aira Rodriguez e Ramil Rego 1992). Desconhecemos quais as áreas e representatividade destas especies. No entanto, elas devem ter constituído um recurso alimentar não desprezível para as comunidades deste período, sendo certo que algumas foram também utilizadas com fins energéticos. Os espectros polínicos disponíveis para este período, registam uma escassa representação de bosques nas proximidades dos povoados devido a desflorestação (Aira Rodriguez et alii 1989).

As dimensões, o carácter rudimentar das estruturas habitacionais e a aparente autosuficiência alimentar de todos eles, apontam para que os povoados fortificados representem nos de um
povoamento hierarquizado, associado à exploração de recursos económicos variados, corredores de
circulação de matérias primas e produtos, sendo de destacar a variabilidade de expressões construtivas,
igualmente visível no âmbito dos artefactos, especialmente da cerâmica (Silva 1986; Jorge 1987,
Martins 1990; Bettencourt 1994).

Os dados disponíveis sobre os contextos habitacionais do Bronze Final do Noroeste português sugerem um povoamento polimórfico, que reflecte um longo processo de intensificação económica, caracterizado pela exploração mais intensiva de recursos agro-pastoris e mineiros (tendência de longa duração), associado a uma maior interacção e integração das comunidades, com eventual afirmação de hierarquias regionais e reforço de posições sociais de controlo e de chefia, ligadas à terra, como base de sustentação de um intercâmbio de bens de prestígio (processo conjuntural ligado ao desenvolvimento da metalurgia do Bronze Final).

A nuclearização do povoamento e a construção da paisagem de vale

O conjunto dos dados disponíveis aponta para um abandono sistemático de povoados abertos implantados, quer em áreas de montanha, quer de vale, a partir dos séculos VIII/VII a.C. e para uma utilização exclusiva, a partir de então, de povoados fortificados. Correlativamente, o povoamento de montanha parece ser abandonado, tornando-se os vales e regiões litorais as áreas de implantação preferenciais durante os séculos seguintes. Trata-se de uma tendência só superada pelas alterações no povoamento, registadas no quadro da Romanização do território do NO português (Martins 1995).

Se a presença de povoados fortificados na bordadura dos vales é uma realidade desde o Bronze Final, a partir dos finais daquele período, não só se mantêm muitos dos já existentes, como serão consecutivamente implantados muitos outros, que se irão organizar numa complexa rede de ocupação das bacias fluviais do Entre-Douro e Minho, escalonando-se em anfiteatro e utilizando os relevos disponíveis mais significativos.

Esta estrutura de povoamento que dará expressão à ocupação sistemática dos vales e de áreas litorais, teve certamente motivações variadas e complexas, decorrentes, tanto de tendências de longa duração, já enunciadas para o período anterior (intensificação económica, exploração de novos nichos ecológicos, necessidades de controlo sobre zonas de passagem, visibilização do habitat e apropriação dos recursos), como de processos conjunturais, de ordem ambiental (presumível agravamento climático de meados do 1º milénio a.C., correspondendo à transição para o Sub-Atlântico), de ordem econômica (pauperização dos solos de montanha) e de ordem social, como terão sido, certamente, os efeitos do desmantelamento da complexa rede de intercâmbios à distância que viriam a afectar a produção metalúrgica a nível regional, mas que poderão ter tido, também, importantes consequências no âmbito da interacção e integração das comunidades.

Se aceitarmos a correlação entre a emergência de povoados fortificados, a intensificação económica e a necessidade de territorialização das comunidades, associada à exploração da terra e à sua apropriação, podemos aceitar que, num contexto de reorientação económica e social global, como terá sido o que caracterizou o período posterior aos secs. VIII/VII a.C., o desaparecimento dos povoados abertos, como expressão de um povoamento disperso, a generalização dos povoados fortificados e a ocupação sistemática dos vales, constituem os aspectos mais marcantes da estruturação de um novo cenário cultural, gerador de efeitos económicos, sociais e ideológicos significativos para a compreensão da dinâmica evolutiva das comunidades do NO português, até aos finais do 1º milénio a.C. Este novo cenário tem como vectores fundamentais a nuclearização das populações em povoados fortificados e a sedimentação de uma vivência ligada a uma ecologia de vale e ao aproveitamento marginal das zonas de montanha (Criado Boado 1989a, p. 61- 117, 1989b, p. 109-137).

As necessidades de controlo estratégico e defensivo, evidentes no quadro do Bronze Final, e expressas na fundação de povoados alcantilados e fortificados, podem testemunhar uma nova ideologia ligada à terra, à sua exploração intensiva e à sua apropriação, que se afirmaria, simbolicamente, pela valorização do espaço doméstico, fosse pela sua localização privilegiada, em termos geo-estratégicos, fosse pela construção de estruturas delimitadoras, ou fortificações. Esta visibilização do habitat, definindo de forma mais rigorosa os territórios das comunidades, poderá expressar, igualmente, um processo de valorização da terra, em que esta deixaria de ser percepcionada como mero objecto de trabalho, para se tornar, fundamentalmente, um meio de trabalho. De facto, a terra, entendida como território económico, social e simbólico das comunidades, indispensável à sua reprodução social, passando a ser percepcionada como base de produção e valor, exigiria uma demarcação cada vez mais rigorosa, que seria garantida, agora, a partir da residência dos vivos e não mais dos mortos, como acontecia anteriormente (Fábregas Valcarce e Ruíz-Galvéz Priego 1994, p. 154-157)

Nuclearização, fortificação e territorialização das comunidades podem assim ser vistas como estratégia e garantia da posse hereditária da terra e da institucionalização, quer de territórios económicos e sociais, quer de solidariedades e alianças dentro e entre comunidades. Este processo, emergente em etapas anteriores, pode ter-se cimentado a partir dos sécs. VIII/VII a.C., num contexto de desintegração dos sistemas socio-políticos anteriores, que teria garantido, simultaneamente, uma maior autarcia às comunidades e uma maior valorização da terra, como bem fundamental. A intensificação da ocupação dos vales e a transformação da terra em principal sistema de valor, acabaria por torná-la um recurso crítico, justificando a manutenção, por longos séculos, do carácter fortificado e nuclearizado do habitat.

Mas, se as necessidades de demarcação e visibilização das comunidades, inscritas numa

tendência de longa duração, justificam a generalização e exclusividade do habitat fortificado, elas não explicam o abandono, a partir dos sécs. VIII/VII a C., dos povoados abertos e de uma ocupação de montanha, que havia caracterizado os períodos anteriores, ou a descontinuidade de ocupação de alguns povoados instalados em cabeços, nas zonas de vale, só reocupados numa fase avançada do 1º milénio a C. Certamente que factores de ordem ambiental e econômica devem ter actuado, também, como constrangimentos à nuclearização do povoamento em habitats fortificados.

Embora os dados relativos ao quadro climático do 1º milénio a.C., disponíveis para o Norte de Portugal, sejam ainda muito reduzidos, não podemos ignorar, no âmbito da análise das transformações ocorridas no povoamento, a partir dos secs. VIII/VII a C., os efeitos de uma possível degradação elimática, testemunhada em diferentes regiões europeias, associada à passagem do Sub-Boreal para o Sub-Atlântico. Embora com cronologias variáveis, segundo as regiões, essa deterioração climática, caracterizada globalmente por um aumento da pluviosidade e por um abaixamento da temperatura média (Roberts 1989, p. 121-153), poderia ter tornado impróprias para produção muitas zonas anteriormente exploradas, em altitudes mais significativas, onde o frio e a erosão, associados a um esgotamento dos solos (Diaz Flerros et alii 1988, p. 31-45), resultante de uma exploração intensiva, poderiam ter determinado o seu abandono generalizado, remetendo-as para uma utilização marginal, ao longo do 1º milênio a.C. A redução dos espaços agro-pastoris daí decorrente e uma provável redução das zonas de cultivo, nos próprios vales, como seriam as plataformas de aluvião. mais alagadas, em virtude do aumento da pluviosidade, teriam globalmente diminuído as áreas potencialmente aráveis, aumentando a pressão sobre a posse e controlo da terra fértil e acentuando a necessidade de demarcação territorial das comunidades, expressa na tendência para a nuclearização das comunidades e para a generalização do habitat fortificado.

A ocupação sistemática dos vales com base em povoados fortificados irá desenhar o cenário de um novo quadro socio-económico, dentro do qual se irão desenvolver novas interacções e novas estruturas simbólicas. Lamentavelmente, sabemos ainda muito pouco sobre a estrutura e modo de vida destas comunidades, durante o período que medeia entre os sécs. VIII/VII-II a.C., pois a investigação tem valorizado de forma predominante a ocupação correspondente às fases mais tardias da maiona dos povoados fortificados. Os dados disponíveis para aquele período apontam para um empobrecimento da cultura material (Silva 1986, Martins 1990), correlativo de uma escassez de bens reveladores de intercâmbios regionais e de uma diminuição da produção metalúrgica, bem como para uma retracção da actividade agrícola e para uma maior autarcia económica das comunidades.

Embora alguns povoados fundados no Bronze Final tenham conhecido uma continuidade de ocupação durante esta fase, é de assinalar, a partir do séc. VII a C., uma reordenação da sua estrutura interna, com a construção de novas linhas defensivas, utilizando mais intensamente a pedra, que, nalguns casos, ao contrário do período anterior, não se limitarão a cercar as áreas residenciais, definindo, por vezes, amplos perímetros, que só se justificam se pensarmos que eles incluiam áreas de produção alimentar. Para além de uma ampliação física das áreas defendidas, as novas fortificações aumentam em número, mas, também, em visibilidade (Martins 1990, p. 136-142), preocupação expressa na elevação das muralhas, por vezes utilizando taludes de terra, sobre os quais assentava, finalmente, uma estrutura pêtrea, regra geral de má qualidade, usando aparelhos toscos, feitos de pedra

simplesmente partida, com enchimento de terra. Não será de excluir a utilização de madeira nas fortificações deste período.

As estruturas habitacionais registam alguma variabilidade. Povoados há em que persistem as cabanas circulares feitas de materiais perecíveis, pelo menos até um momento avançado do 1º milénio a.C. Noutros, a generalização de habitações em pedra fez-se mais cedo, estando estas presentes em contextos do séc. VI a.C., como é o caso do povoado de Romariz (Silva 1986). No entanto, tal como acontecia já no período anterior, constata-se uma considerável variabilidade regional em termos de construção, quer de fortificações, quer de habitações, em grande parte sugestiva da relativa autarcia das comunidades.

Os dados ambientais disponíveis para este período são escassos, em grande medida porque se tem apostado pouco na sua investigação. Assim, dispomos globalmente de mais informações para o Bronze Final do que para o período em questão. Os dados propiciados por macro-restos encontrados em níveis de ocupação deste período revelam a presença de cereais e de leguminosas, bem como de abundantes bolotas de carvalho, cuja presença percentual, relativamente a outras espécies, regista uma massiva utilização deste fruto. Os registos polínicos de alguns povoados do vale do Cávado, designadamente de S. Julião (Vila Verde), S. João de Rei (Póvoa de Lanhoso) e Santinha (Amares), revelam curvas contínuas de cereal e um predomínio de pólen não arbóreo, associado à presença de espécies reveladoras de degenerescência vegetal nas imediações dos povoados. Os carvalhos e castanheiros compunham as principais manchas florestais da região, certamente entrecortadas por áreas de cultivos e matos. No seu conjunto, estes aspectos ambientais revelam uma intensa acção antrópica sobre o meio vegetal, resultante do abate de árvores para abertura de clareiras com hins agrícolas e/ou energéticos, estes últimos comprovados pela Antracologia (Figueiral 1990, 1994, p. 427-448)

Da correlação dos dados ambientais com os artefactos, especialmente com aqueles que se associam directamente à produção alimentar, fica-nos a ideia de que, em meados do 1º milénio a.C., as comunidades do NO aproveitavam intensamente os recursos disponíveis nas imediações dos povoados sobretudo através da recolecção, a que se juntaria, certamente, a caça e o pastoreio. O cultivo de cereais poderá ter registado uma temporária retracção, relativamente à sua evidente expansão no Bronze Final, podendo ter-se limitado às vertentes, esporões e mesmo a áreas intramuros dos próprios povoados. No entanto, esta situação parece alterar-se face aos indicadores que possuimos sugestivos de uma nova fase de intensificação da actividade agro-pastoril nos últimos séculos antes da nossa era. Eles consistem no aparecimento de novos povoados que vão ocupar predominantemente os fundos dos vales e num arsenal de utensílios de vocação agrícola que indicam um desenvolvimento tecnológico de âmbito regional.

Se a visibilidade permanece como o elemento fundamental na estruturação do habitat, ao longo do 1º milénio a.C., as preocupações de controlo estratégico, dominantes nos povoados fortificados mais antigos, vão-se diluindo, tornando-se praticamente nulas. Os novos povoados que vão surgindo, sobretudo os que se fundam na segunda metade daquele milénio, mantendo um indiscutível aparato defensivo, revelam uma inequivoca tendência para se aproximarem, cada vez mais, do fundo dos vales, onde se viria a desenvolver uma agricultura de lavradio, que potenciava o máximo

aproveitamento dos solos de aluvião (Criado Boado 1989a, p. 61-117; 1989b, p. 109-137; Martins 1990, p. 211-216; Carballo Arceo 1993, p. 55-82).

As transformações assinaladas no registo arqueológico dos últimos dois séculos antes da nossa era parecem representar o resultado de um processo de intensificação económica, com origem num momento ainda indeterminado, mas anterior, que se caracterizaria pela instalação de novos povoados nas terras baixas dos vales, que irão propiciar um aumento de excedentes alimentares. suportando uma maior interacção inter-regional, testemunhada pela adopção de algumas novidades técnicas e pela presença de maior quantidade de metal em circulação, designamente do ferro, que passa a ser trabalhado na maior parte dos povoados. Esse processo parece ter sido globalmente favorável a um aumento da complexificação social, a nível local e regional, com uma nova fase de diferenciação horizontal e vertical entre as diferentes comunidades. Neste contexto, a expedição punitiva de D. J. Britis (138-136 a.C.) poderá ter, simultaneamente, reforçado solidariedades regionais. desempenhando um papel integrador e contribuído para um desenvolvimento desigual de algumas subregiões do NO, que vão registar, a partir de então, as suas especificidades. De facto, muito embora o registo arqueológico dos últimos dois séculos do 1" milénio a C. transmita uma imagem de considerável homogeneidade, a nível da cultura material, ela camufla, de facto, uma assinalável variabilidade, ainda não convenientemente valorizada pela investigação, perceptível nas dimensões e estrutura interna dos povoados, na simbologia da decoração da cerâmica, ou na maior ou menor presença de objectos metálicos.

A valorização sincrónica dos povoados de certas regiões (Silva 1986, p. 43-65; 1992; Martins 1990) testemunha para este período uma acentuada hierarquia no povoamento, dentro da qual ganha expressão o reforço da visibilidade de alguns povoados, através da construção de pesados e complexos sistemas defensivos, acompanhada por amplas remodelações dos espaços habitacionais. A materialização destas reformas implicava a disponibilidade de uma considerável mão-de-obra para tarefas não produtivas, só viabilizada graças a uma forte interacção entre os povoados, alguns deles com prováveis funções económicas especializadas, suportando um processo de diferenciação horizontal e vertical, que não chegará a ser visível a um nível intra-site, pois dentro dos povoados não se assinalam diferentes posições de status

Datam de um período que inclui os dois últimos séculos do 1º milénio a.C. e o século I da nossa era as características vulgarmente atribuídas aos castros do NO, tipificadas pelas suas casas de pedra redondas, com e sem vestíbulo, rodeadas de páteos lageados, por vezes definindo bairros e por complexos sistemas defensivos que incluem várias e extensas linhas de muralhas, em número variável, espantosas pela sua robustez e aparato. Data igualmente deste período o ordenamento proto-urbano de alguns povoados, conseguido com base na construção de arruamentos e quarteirões, que justifica a sua designação por citânias, bem expresso em Sanfins (Paços de Ferreira), ou Briteiros (Guimarães) (Silva 1986). A complexificação dos sistemas construtivos e a utilização generalizada da pedra, usada com grande mestria e diferentes aparelhos, conferem aos povoados do NO português, nos finais do 1º milénio antes da nossa era, uma expressão de grande originalidade que os diferencia claramente de outras áreas culturais. Mas, na verdade, nem todos os povoados possuem, nesse período, essas características. Na transição da era coexistem no NO português, ao lado das grandes citânias, inúmeros características.

povoados de média dimensão, que registam remodelações arquitectónicas, sem atingir o aparato que caracterizou as primeiras e pequenos povoados que utilizam ainda materiais perecíveis nas suas construções. A variabilidade dos povoados, em termos de localização, dimensões e construções é reveladora de uma acentuada hierarquia no povoamento, igualmente sugestiva de uma hierarquia socio-económica e política, cujos contornos nos escapam ainda, mas bem reveladora da complexidade organizativa destas comunidades.

O surto construtivo que alecta grande número de povoados fez-se acompanhar por um considerável desenvolvimento tecnológico, perceptível ao nível das cerámicas, da metalurgia do bronze e do ferro, mas, também, por uma maior circulação de matérias-primas e produtos, a nível regional e inter-regional, ou, ainda, por uma maior mobilidade da população e por fenómenos de concentração populacional nalguns castros, sugerindo o aparecimento de novos lugares centrais (Silva 1986). O suporte económico e social necessário para esta nova fase de expressão da territorialidade e visibilidade dos povoados, para uma interacção com as áreas do Sul da Península e para uma presumível afirmação de unidade socio-políticas, conhecidas pela designação de populi, que incluiam vários castros, só poderia ter decorrido de desenvolvimentos realizados anteriormente ao século II a.C., ainda que não claramente expressos no registo arqueológico disponível. Esses desenvolvimentos poderão estar relacionados com a sedimentação de uma paisagem humana associada à exploração intensiva das bacias fluviais do Entre Douro e Minho e ao desenvolvimento de uma agricultura de lavradio, revelando a lenta adaptação das comunidades do 1º milémio a.C. a uma ecologia de vale.

Do conjunto dos dados ambientais disponíveis para o 1º milénio a.C., obtidos pela Palinologia, Antracologia e Paleocarpologia (parte dos dados paleoambientais referidos neste trabalho foram obtidos no âmbito do projecto "História e Arqueologia da paisagem: reconstituição paleoambiental e paleo-climatológica", desenvolvido entre 1992 e 1994, com o apoio da INICT. Aos diferentes especialistas, por eles responsáveis, designadamente os Professores E Diaz-Fierros Viqueira, Teresa Taboada Castro (Edafologia), Pablo Ramil Rego e Maria Jesús Aira Rodriguez (Palinologia e Paleocarpologia), da Universidade de Santiago de Compostela e à Doutora Isabel Figueiral, expressamos aqui o nosso reconhecimento pelo trabalho realizado, ainda inédito) podemos considerar que a paisagem que envolvia os povoados era pródiga de recursos, caracterizando-se pela presença de manchas de floresta caducifólica atlântica original (sobretudo carvalhos, sobreiros e castanheiro). entrecortadas com clareiras colonizadas por uma vegetação arbustiva, desenvolvida pelo simples abate de árvores, ou pelo abandono temporário ou definitivo de áreas anteriormente cultivadas. A tendência que se regista ao longo do 1º milénio a.C. revela uma clara diminuição das áreas de floresta, com aumento de clareiras para o cultivo. Nos finais daquele milénio, a vegetação em volta dos povoados seria praticamente rasteira, sendo a paisagem muito mais aberta, talvez com excepção das zonas ribeirinhas, onde se manteriam matagais significativos, ainda que com tendência para desaparecer, devido à implantação de povoados de baixa altitude, associados à exploração intensiva dos solos de aluvião, que implicava a prática de uma agricultura de regadio e a uso sistemático do arado

Os dados paleoambientais disponíveis para a região do vale do Cávado e Ave (Aira Rodriguez e Ramil Rego 1992, Figueiral 1990, 1994, p. 427-448, Diaz Fierros et alii 1994) permitem caracterizar, desde já, os recursos explorados pelas comunidades proto-históricas e salientar alguns aspectos da sua interacção com a paisagem.

O espectro da vegetação arbórea que caracteriza a envolvência dos povoados é-nos facultado pela Palinologia e Antracologia. Para além do registo da presença de espécies caduciformes possuímos, também, um registo da vegetação presente nas zonas baixas e mais irrigadas dos vales, aproveitada com fins energéticos, entre a qual se incluem o Bardo/Zelha, o Amieiro, o Salgueiro, o Freixo, a Aveleira, o Sabugueiro e o Ulmeiro. Entre as espécies cultivadas, com fins alimentares, conhecidas a partir da Paleocarpologia, destacamos, necessariamente, os cereais e as leguminosas, muito embora seja impossível estimar a representatividade desta produção na dieta alimentar das comunidades do 1º milénio a C.

O leque de espécies identificadas mostra uma exploração equilibrada de diferentes patamares ecológicos dos vales. Um deles caracterizar-se-ia pelos matos, que deveriam ocupar alguns espaços de vertente, na envolvência dos povoados e, certamente, também, as áreas montanhosas de média altitude, que constituem os relevos mais significativos da região. Este patamar era explorado com fins energéticos, construtivos e para alimentação do gado. Um outro patamar ecológico far-se-ia representar pelas manchas de floresta mista de carvalhos e sobreiros, com alguns castanheiros, que deveriam desenvolver-se nas vertentes montanhosas e nas bordaduras dos vales, alternando com clareiras. Importante recurso, quer alimentar, para os homens e animais, pelos frutos, bem representados através de macro-restos carbonizados, quer energético e cinegético, estas manchas florestais revelam tendência a diminuir a sua representatividade pela prohíferação de povoados e pelo arroteamento de novos espaços agro-pastoris. Um outro patamar ecológico estaria representado pelas manchas de floresta ribeirinha, desenvolvendo-se, muito possivelmente, quer nos vales mais largos, quer nas áreas envolventes dos ribeiros e rios secundários.

A intensificação econômica registada nos últimos dois séculos do 1º milénio a.C. parece sacrificar crescente e irreversivelmente as manchas florestais das vertentes e dos vales. A esse processo não será estranha a utilização generalizada de instrumentos de ferro, quer no abate de árvores, quer na prática de uma agricultura de regadio, adaptada a solos pesados e mal drenados, como são os que caracterizam os fundos dos vales mais amplos da região.

O quadro do povoamento dos últimos dois séculos que precedem o domínio romano do NO português testemunha o resultado de um processo de sedentarização e territorialização das comunidades proto-históricas da região, que se adaptam, exploram e, simultaneamente, controem uma paisagem humana, agrária e simbólica muito particular, dentro da qual ganham plena expressão as largas centenas de castros conhecidos na região, com as suas muralhas, casas redondas, arte de trabalhar a pedra, ou ourivesaria.

O domínio romano da região mais não conseguiu senão racionalizar, sob uma outra lógica, mais orientada para o mercado, a exploração dos recursos agro-pastoris dos vales. A diversificação do habitat, indispensável nesse novo contexto, não logrou, todavia, pôr termo a uma milenar tradição de vida em povoados nuclearizados, simultaneamente adaptados e construtores de uma paisagem de altiplanos e colinas, rica em água, mas exigente em trabalho. As comunidades do 1º milénio a.C. foram, sem dávida alguma, pela sua vivência e percurso histórico, as modeladoras da especificidade da paisagem agrária do Entre Douro e Minho, sucessivamente retocada pelas comunidades posteriores.

Bibliografia

ACURA CASTROVIERO, F. (1977) -Panorama de la Cultura castrexa en el NO de la Peronsula Iberica. Bracara Augusti Braga 31 235-253 ARA RODRIGUEZ, M. 1, SAA, P., Tancogna, T. (1989) - Estudios naleoboránicos y edafológicos en vacimientos arqueológicos de Galscia. Argandona/Iserstigación Santiago de Compostela 4 ARA RODRICUEZ, M. J., RAMIL RECO. Pabla (no prelo) - Datos paleobotanicos del Norte de Portugal (Baoxo Minho). Estudio polinico y paleocarpologico. Lagascalia. Sevilha. 18 1 (1992) ALABCÃO I. (1992) - A evolução da cultura castreja. Comilviga: Combra. ALARIDA, C. A. B. (1987) - Proto-historia. r romanização da bacas inferior do Lona Porto ALMEDA, C. A. F. (1983) - Cultura castreja Evolução e problemática Anturiona Porto 8, 70-74. ALMHDA, C. A. F. (1984) - A casa castreja. Menorias de Historia Antiqua. Oviedo, 6, 35-42. ADMIDA, C. A. F. (1986) - A arte castreja, Arqueologia, Porto, 13. 161-172 AUDOUZE, E., BUCHSENSCHUTZ, O. (1989) - Towns, villages and country-side of Cela Ewepe, London, Batsford, Basier, J. (1994) - Defining domestic space in the bronze age of Southern Britain, In Pearson, M. [et al.], dirx -Architectury a Order. Approaches to social ipac London Routledge p. 87-97 BETTINCOLIET, A. (1994) - A transição Bronze Final/Ferro Inicial no povoado de S. Julian-Vila Verde: algumas considerações. Traballen de Astropologia Emolana Porto, 34:3-4, 167-190. Actas do I Congresso de Arqueología Peninsilar, Porto, 1993, vol. 4. BETTENCOURT, A. (1995) - Dos inícios aos finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal. A Made do Branze me

Portugal Discursor de pader Lisboa. IPM.

p. 110-115. BESTERF, L. ed. (1984) - European Social Evalution, archaeological perspectives Bradford University BLANCO FREJERO (1960) - La Cultura Castreña. In I Symposium de Prefectoria Promudar, Pamplona, p. 179-195. BOSCH-GIMPERA, P. (1921) - Los celtas y la civilización céltica en la Peninsula Iberica Bulletin de la Sociedad Españala de Excursiones, 29, 248-300. BOSCH-GIMPERA, P. (1932) - Emilogia de la Poumula liberca: Barcelona. HOSCH-GIMPERA, P. (1933) - Los celtas en Portugal e sus camiños. Honenadou a Martiss Sarmonto Germantes, p. 54-72. BOSCH-GINBERA, P. (1945) - El poblamiento antiquo y la forsusción de los purblos de España, México. BOTHERICA (1979) - La Galier Four géographique d'analyse et d'interpretation L'or. new contiers agrant Portiers Université de Poitiers BRADLEY, R. (1984) - The rocial foundation of probstone flutary London. CALO LOURIDO, E. SIERRA RODRIGUEZ. X C. (1983) - As orixenes do castrexo no Bronce Final. Estudios de Cultura Castrexa e de Historia Autigna de Galicia. Santiago de Compostela, 19-85 CARROLLO ARCEO, X. (1986) Ponoamento castresto e romano da Terra de Trasdeza Santiago de Compostela Xunta de Galicia. CARROLLO ARCEO, X. (1990) - Los castros de la cuenca media del mo Ulla y sus relaciones con el medio físico: Trabanos de Perhostoria, Madend. 47 161-199. CARRAILO ARCEO X (1993) - Espacio e Povoamento Castrexo de Caliza. In Concepciónes esbaciales e estraterioris territoriais na Historia de Galicia, Santiago de Compostela: Asociación Galega de Historiadores p. 55-82 CARDOSO, M. (1962) - Alguns problemas da cultura dos castros no Norte de Portugal. In XXVI Congresse Lura Espanbal para a Progresso das Ciências. Porto Porto Imprensa Portuguesa vol. 2.5, p. 391-423 CHAMPION, T. let al. | (1984) -Prehistoric Europe, London, Academic

Press. CHUNINON T. C. MEGAW, J. V. S. (1985) - Introduction, approaches to the study of Iron Age settlement and society. In CHAMPION, T. C., MEGAW, J. V. S., eds. - Settlement and Society. Aspects of west europain prehistory in the first millmum B.C. Lencester, University Press, p. 1-8. CLARKE D. (1968) - Assilytical Archaedogy London Methaen CLARKE D. (1977) - Stutial Archaeology London, Academic Press COTTYN: A. (1985) - Le Brunzy Final Atlantique dans la Promude Ibérique. Paris-Boccard. COLLIS J. (1989) - La Edad del Harro en Europa Barcelona Labor. CRIADO BOADO, E (1989a) -Arqueologia del paisage y espacio megalítico en Galicia. Arquelogar Estacial Teruel 12 61-117 CRIADO BOADO, E(1989b) -Asentamento megalitico y asentamento castreno. Una propuesta de sintesis. Gallarcia: Santiago de Compostela 11 109-137 CUNLETE B. (1988) - Greeks. Roman and Barbanam. Sporre of interaction. London: Batsford. CUNLTIFE B- (1991) - box Age communities in Britain London. Routledge DIAZ-FIERROS, F., ARA RODRICARZ, M. CRIMDO BOADO, F. (1988) -Palaecological reconstruction of a forested area of Barbanza (Coruña) Spain). A case of study. In Human influences on forest ecosystem Anydopments in Europe Trento. Duz-Fierros, F [et al.] (1994) -Historia e araxeologia da parsagen. Serra do Bustela (Braga, Portagal). Relatório final. DNS A.P. (1993) - Ordenamente de territorio de Baixo Ape no Emilénio a C Porto. Tese de Mestrado policopiada. FARIAO, C. (1992) - O passado protohistórico e romano. In Marcisci, L. dir. - Historia de Portsgal. Lisboa. vol. 1. p. 79-91, 190-200. FAIREGAS VALCARCE, R., GALVEZ. PRECO. M. Ruiz (1994) - Ambitos. funerarios y doméstico en la

Prehistoria del NO. de la Península Iberica. Zeplrynn. Salamanca. 46. 143-159 FIGUERAL, I. (1990) - Le Nord-Ouest du Portugal et les modifications de l'écosystème, du Bromze Final à l'etoque romaine, d'attres l'anthracpanalyse des sites archaeologiques. Montpellier. Tese policopiada. FIGUERAL I. (1994) - A antracologia em Portugal progressos e perspectivas. Trabalhos de Antropologia e Etrologia. Porto. 34.3-4. 427-448. Actas do I Congresso Peninsular de Arqueologia, Porto, 1993. FIGUERAL L. QUEROCA, F. (1988) -Castelo de Matos. 1982-1986. Arqueologia Porto, 17, 137-150. FOSTER, M. Le Cron (1994) Symbolism the foundation of culture. In INCOLD, T., ed. lit. - Companion Encyclopedia of Anthropology, p. 366-395. GIDDINS, A. (1987) - Social theory and medern reciology. Polity Press. GIISON, D. B., GESELOWITZ, M. N. (1988) - The evolution of complex society in late prehistoric Europe. toward a paradigm. In Griscov, D. B., GESELOWITZ, M. N., eds. - Tribe and polity in late prehisteric Europe. New York. Plenum Press, p. 3-40. GLEDHILL J., ROWLANDS, M. (1982) -Materialism and socio-economic process in multilinear evolution. In RENTREW C. SHENNAN, S. eds. Ranking, resource and exchange, aspects of the archaeology of early European society. Cambridge: Cambridge University Press, p. 144-149. Haurison, R. J. (1993) - La intensificatión economica y la integracion del modo de vida pastoril durante la edad del Bronce. Trabalhos de Antropologia e Etiselogia. Porto. 34-3-4. 293-299. Actas do I Congresso Peninsular de Arqueologia, Porto, 1991 HAWKES C. (1984) - The castro culture of the Peninsular North-West: fact and inference. In BLACC, T. E. JONES, R. F., KEAY, S. J., eds. - Papers in Berum Archaeology Oxford: BAR, p. 187-193. (BAR, 193). HODDER, I., ed. lit. (1978) - The spatial

organisation of culture. London Duckworth. HODDER L. ORTON C (1976) -Spatial analysis in Archaeology Cambridge University Press. Honces, R. (1987) - Spatial models, anthropology and archaeology. In Wacstuff, J. M., ed. - Landscape a. culture, geographical a archaeological perspectives. Oxford. p. 118-133 lorge, S. O. (1980) - A estação arqueológica do Tapado da Caldeira -Baião Portunilia Porto Nova serie. 1. 29-50 JORCE, S. O. (1987). O percado da Bonca do Frade (Banto) no quadro de Bronze Final do Norte de Portugal Porto: CEAP. (Monografias Arqueológicas, 2). JORGE S. O. (1988) - Reflexões sobre a Pré-História Recente do Norte de Portugal Trahalhos de Antropologia e Emoligia Porto. 34.3-4. 85-112. Actas do I Congresso Peninsular de Arqueologia, Porto, 1993. JORGE S. O. (1990a) - Reflections on Northern Portugal's late Prehistory. In Argurologia box Faro, vol. I. Etnoarqueologia p. 38-67 JORCE, S. CJ. (1990b) Complexificação das sociedades e sua inserção numa vasta rede de intercâmbios ALARCÃO L dir. Nova História de Portugal Lisboa. Ed. Presença vol. 1 - Portugal das origens a romanização, p. 213-251 JORGE, S. O. (1991) - Idade do Bronze. apontamentos sobre a natureza dos dados arqueológicos. Arqueológia Porto 21 12-15 LEMOS, F. S. (1993) - Presumente romana de Trás-os-Montes Oriental Braga. Tese policopiada LOPEZ CUEVILIAS, F. (1953) - La civilización cófica in Galicia. Santiago de Compostela LOPEZ CUEVICIAS, F. (1954) - La Edid del Hierro en el Novoeste (La cultura de las castros Madrid MCKAY, M. (1988) - The origins of bereditary social stratification. Oxford. BAR (BAR International Series, 413). MALUQUER DE MOTES, J. (1973) - La originalidad de la cultura castreña.

Trabalhos de Antropologia e Etualogia Porto. 22.3. 335-342 MALLIQUER DE MOTES, J. (1975) - La cultura castreña le la Edad del Hierro. JUNCH Madrid 1, 269-284 MARTINS, M. (1988a) - A citánia de S. Julião, Vila Verde Braga, (Cadernos de Arqueologia Monografias 1). MARTINS, M.- (1988b) - Openude fortificado do Lago, Amares Braga. (Cadernos de Arqueología Monografias, 1). MARTINS, M. (1989) - O castro do. Barlinda, Vila Verde Resultados dos campanhas realizadas entre 1993 e 1993 Braga. (Cadernos de Arqueologia. Monografias, 3) MARTINS, M. (1990) - O trenamento proto-instárico e a romanização da bacia do curso médio do Catrado, Braga. (Cadernos de Arqueologia, Monografias, 5). MARTINS, M. (no prelo) O NO Português no I milénso a C. os. diferentes cenários de representação do descurso arqueológico. Cadenas de Argueologia, 9-10. Braga. MARTINS, M. (1994) - The dynamics of change in NO Portugal during the I millenium B.C. What change? and Why? In KEAY, S. [et al.], eds. - The Dynamics of change in Ibenan Ponniula London Routledge: MENDEZ FERNANDEZ, F. (1994) - La domestication del paisage durante la edad del Bronce Callego. Transpordir Prehisteria Madrid 51 1 77-94. PEARSON, M. P., RICHARDS, C. (1994a) - Ordering the world perception of architecture, space and time. In PEARSON, M. P., RICHARDS, C., eds. Architecture and Order. Approaches to Social Space London Routledge p. 1-37. PEARSON, M. P., RICHARDS, C. (1994b) · Architecture and order: spatial representation and archaeology. In PEARSON, M. P., RICHARDS, C., eds. Architecture and order. Approaches to social Our London Routledge p. 38-72. PENA SANTOS, A. de la (1992) - El primer milenio a. C. en el area gallegagénesis e desarrollo del mundo castreño a la luz de la arqueologsa. Complutum, Madrid, 2-3, 373-394.

Querioga, F. M. R. (1984) –
Escavações arqueológicas em Castelo de Matos. Noticia preliminar
Arqueligia. Porto: 9: 105-116,
375-380.
Querioga, F. M. R. (1992) – War and castes. Non approaches to the northwestem
Portigiass fron Age. Oxford. Tese
policopiada.
Querioga, F. M. R., Figueiral.
1. (1989) – Datações de C. 14 para

I. (1989) - Datações de C. 14 para Castelo de Matos. Boletos Cultural da Cânara Municipal de Vila Nova de Fanalicão V. N. de Famalicão 9, 67-69. RAICOVORT, A. (1994) - Spatial

RAICHORT, A. (1994) - Spatial organization and the built environment. In INGOLD, T., ed. In:

- Companior incyclopalia of anthropology. p. 460-502.

ROBERTS, N. (1989) - The Holocoie: An autonomental history. Oxford: Blackwell. Roserio Masia (1976) - El hiditat caronio. Sannago de Compostela. RUZ GALVEZ PREGO: M. L. (1984) - La Pennsula Ibrita y sus relaciones con el cosse calmoal atlantico. Madrid. RUZ GALVEZ PREGO: M. L. (1987) - Bronce Atlântico y cultura del Bronce Atlântico en la Pennsula Iberica. Trafujos de Prefusiona: Madrid. 44. 251-264

Rutz Galvez Pioteco, M. L. (1993) - El Noroeste de la Peninsula Ibensea en el contexto de la Prehistora reciente de Europa Occidental. In XXII Congreso Nacional de Arqueologia. Vigo. 45-54 SANCHES, M. J. (1988) - O povoado da Lavra (Marco de Canaveses). Arqueologia. Porto. 17: 125-134. SANTA OLALLA, M. (1946) - Esquena Paletalogico de la Peninsula Inspănica. Madrid.

Sitva, A. C. F. (1986) - A cultiva cistrga re Noveste de Portugal. Paços de Ferreira. Moscu Arqueológico da Citánia de Sanfins.

LvA, A. C. F. (1992) - Proto-História do Norte e Centro de Portugal. In St.va, A. C. F. da, GOMES, M. V. -Proto-lintéria. Lisboa. Universidade Aberta, p. 33-100. SEVA, A. R. P. (1988) - A paleobotânica na arqueologia portuguesa: resultados desde 1931 a 1987. Paltorcologia i Arqueologia. V. N. Famalicão: 5-36. SRVA, M. F. M. (1994) - Carta arqueológica do Concelho de Paredes de Coura - uma perspectiva de arqueologia espacial. Trabalhos de Autropologia e Etiologia, Porto: 34-1-2. 477-494. Actas do I Congresso. Peninsular de Arqueologia. Porto, 1993. TRANSIY, A. (1981) - Li Galier romaine Recherches sur le Nord-Ouest de la Pénimale Thiringse slave T'Antiquité Paris Boocard. WACSTAFF, J. M. (1987) - The new archaeology and geography. landscape and culture. In WAGSTAFF J. M., ed. - Grographical a archaeological peripretires. Oxford: Basil Blackwell. p. 26-36.

A Citânia de Briteiros

Armando Coelho Ferreira da Silva

A Citânia de Briteiros, concelho de Guimarães, situa-se no Monte de S. Romão, num esporão do maciço orográfico da Serra da Cabreira, sobre o vale do Ave.

Com referências escritas desde os meados do séc. XVI, o seu estudo foi iniciado em 1875 por Francisco Martins Sarmento, que a revelou à comunidade científica por ocasião da I Conferência Nacional de Arqueologia, realizada em Guimarães em 1877, e da visita de congressistas participantes do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica que teve lugar em 1880.

Os trabalhos arqueológicos de Martins Sarrnento (1875-1884) foram retomados episodicamente por Freitas Ribeiro (1930-1934), Mário Cardozo (1935-1937), José de Pina (1942-1944) e António de Azevedo (1945-1946), sendo depois prosseguidos sistematicamente sob orientação de Mário Cardozo (1948-1968). Em 1977-78, Armando Coelho F Silva e Rui M. S. Centeno realizaram um corte estratigráfico junto da muralha central

A área escavada revela quatro linhas de muralhas de pedra e vestígios de fossos, arruamentos diversos, e mais de 150 construções de planta circular, elíptica e quadrangular, agrupadas em unidades familiares.

Os paramentos dos muros são geralmente de construção irregular, apresentando por vezes trechos expressivos de aparelho helicoidal.

Martins Sarmento reconstituiu dois edifícios de planta circular segundo critérios que hoje se reconhecem desajustados pelas suas dimensões e desenquadramento das unidades domésticas a que pertenciam.

O ordenamento interno assenta em duas ruas principais, lajeadas, sensivelmente paralelas, que atravessam o povoado, cruzadas por outras de menor largura que circunscrevem diversos bairros de âmbito familiar.

Em certos casos é visível a composição do agregado doméstico, que incluía unidades diferenciadas, para reuniões e festas familiares e para cozinha, armazenamento, dormida e outros

serviços. Uma inscrição na padieira de uma porta, onde se lê CORONERI CAMALI DOMUS, casa de Comments, filho de Camalus, permite identificar o nome do proprietário da casa, segundo uma expressão que traduz a natureza desta unidade básica na sociedade castreja.

Uma importante construção circular de l l m de diâmetro e com bancos de pedra no interior, ao redor do muro, em posição excêntrica às unidades domésticas, faz supor uma utilidade com função sociopolítica, eventualmente como lugar de reuniões de um conselho de anciãos.

O monumento mais celebrado de Briteiros é a "Pedra Formosa", que foi objecto de interpretações diversas, mas que hoje se sabe fazer parte de um balneário castrejo como estela de entrada da câmara, para banhos de vapor, de resto, similar à do outro monumento descoberto na Citânia em 1930 e composto ainda de átrio com tanques, ante-câmara e câmara separadas por estela decorada, e formo, reproduzindo o esquema característico deste tipo de edificios conhecidos na região

Entre os materiais líticos recolhidos nas escavações, expostos no Museu da Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães, e de que o mais notável é a "Pedra Formosa", em consideração à exuberância e simbolismo da decoração, contam-se diversas inscrições em latim que nos transmitem vários antropónimos indígenas, como Caroneris, Medanuis, Caturo e Vituatas , linguisticamente reconhecidos como de filiação céltica. Outros são elementos de construção, designadamente, soleiras, ombreiras e padieiras de portas, algumas decoradas, mós giratórias e prisões de gado, etc.

A cerâmica é na sua generalidade de fabrico à roda, de pastas grosseiras com desengordurante micáceo, e de fabrico local. Algumas marcas de oleiro informam-nos sobre o nome de algumas oficinas como a de Pisiriis, Arcius, Camalis e Caturo, que nos legou um belo exemplar de dolimi votivo com inscrição. A decoração da cerâmica é predominantemente incisa, de tradição local, e com círculos concêntricos, SS, triângulos e outros motivos impressos, de matriz centro-europeia.

Também entre os objectos de metal se distinguem séries de alfinetes, fibulas e outras peças decorativas de bronze, de idêntica tradição, e duas arrecadas de ouro, com filigrana e granulado, de inspiração mediterrânica.

Expressivas colecções de sigillata, vidro, moedas e outros objectos assinalam a intensidade da romanização da Citânia de Briteiros.

Os estudos estratigráficos aí realizados apontam para a existência de um nível de ocupação anterior ao da fase correspondente às estruturas arquitectónicas visíveis, com datação do séc.1 a. C. - finais do séc.1 d. C., com pervivência na romanização e Idade Média, testemunhada, neste caso, por uma necrópole no alto do povoado.

Bibliografia

Carcoso, M. (1990) - Citavar de Boisiva e Castro de Sabroso. 11º ed. Camarães. Sociedade Martins Samento. SELVA, A. C. F. (1986) - A cultura castreja no Narocat de Portugal. Paços de Ferreira. Museu Arqueológico da Citária de Santins.

A Citânia de Sanfins

Armando Coelho Ferreira da Silva Rui M. S. Centeno

A Citânia de Sanfins, concelho de Paços de Ferreira, pode considerar se, após meio século de escavações sistemáticas, uma das estações arqueológicas mais significativas da cultura castreja do Noroeste peninsular.

Ocupando uma colina com extensa plataforma central, aparece integrada no perímetro de montanhas de meia altitude com afloramentos graníticos vindos desde os montes da Agrela em direcção a Norte. Daqui se abarca, em vasta panorâmica circular, toda a região de Entre Douro e Minho, o que terá funcionado como factor de ordem estratégica que mais terá contribuído para a sua implantação, conferindo-lhe uma posição de lugar central no quadro do respectivo ordenamento territorial.

Desde há muito inúmeros documentos se lhe reportam mais ou menos directamente. Deles se destacam referências sobre a sua localização, descrição das ruínas, Penedo das Ninfas e outros aspectos apontados em bibliografia e documentação manuscrita dos séculos XVIII, XIX e XX, previamente aos trabalhos arqueológicos realizados.

As escavações sistemáticas foram iniciadas em 1944 por Eugênio Jalhay, contando com a colaboração de Afonso do Paço desde 1946, que as prosseguiu até 1967, sendo, posteriormente, dirigidas por Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1972-74) e Armando Coelho F. Silva e Rui Centeno (1977), professores de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

A zona escavada mostra um forte sistema defensivo, de várias ordens de muralhas e fossos, que envolve uma área superior a 15 ha, e uma apreciável organização proto-urbana de estrutura regular com arruamentos ortogonais e mais de centena e meia de construções de planta circular e quadrangular agrupadas em cerca de quarenta conjuntos de unidades domésticas. A reconstituição etno-arqueológica de uma destas unidades constitui um elemento de particular interesse para a compreensão da célula base das comunidades proto-históricas.

Destaca-se destes núcleos de arquitectura doméstica um complexo de construções rectangulares, em localização central e de grandes dimensões, que forneceu espólio de natureza

sagrada, nomeadamente duas aras anepigrafes, e fragmentos de uma estátua de guerreiro, que sugerem uma interpretação de carácter religioso. O seu enquadramento junto a um amplo espaço público explica-se por um arranjo urbanístico de influência romana.

Sobressai como monumento singular, pelo seu aparato e técnica construtiva, um balneário castrejo, situado no sopé do povoado, a sudoeste, abastecido por uma nascente de água, e onde tinham lugar banhos de vapor, tipo sauna, e banhos de água fria.

Extramuros, para norte, um penedo com uma inscrição em latim é um bom documento para o estudo da organização social e da vida religiosa, podendo reconhecer-se no vocábulo Fidamianim um genitivo do plural do etnónimo da comunidade castreja da Citânia e na designação Cosamue um dativo do singular de uma conhecida divindade guerreira do Noroeste peninsular, correspondente ao deus Ares grego ou ao Marte romano.

No espólio exumado, que se reporta à vida quotidiana da população indígena, conta-se numeroso material lítico, que inclui prisões de gado, mós giratórias, pias, soleiras, ombreiras e padieiras de portas e outros objectos utilitários assim como diversas gravuras rupestres com decoração

Fotografia aérea da Citânia de Sanfins



geométrica típica da gramática decorativa castreja (reticulados, cordados, círculos, espirais, sinais cruciformes e serpentiformes, etc.) e gravuras figurativas, em especial uma representação de cena de caça ao veado. Uma notável escultura de guerreiro calaico é símbolo da hierarquização e da organização militar destes povos.

A cerâmica, geralmente grosseira e micácea e fabricada à roda, apresenta formas e decoração variada de vasos com função diversa, para armazenamento, actividades culinárias e fins rituais, entre outros.

Înúmeros cossoiros e pesos de tear documentam a importância da fiação e tecelagem e a actividade metalúrgica é testemunhada por um conjunto expressivo de objectos metálicos, sendo dignos de atenção o remate de um torque de ouro e prata, um espigão de capacete, fibulas e alfinetes de bronze, armas e utensílios agrícolas e artesanais de ferro.

Ânforas, sigillata, vidros, contas de colar, moedas avulsas e sobretudo um tesouro monetário de 303 denários e 3 quinários de prata, ocultado por ocasião das guerras cântabras, são evidência das relações com outros povos e da sua romanização.

A cronologia geral deste povoado enquadra-se essencialmente no séc. La. C. até aos finais do séc. Ld. C., com pervivências reconhecidas no recinto da muralha interior designadamente na zona da acrópole (junto ao marco geodésico), onde na Idade Média se implantou um cemitêrio cristão associado a uma ermida dedicada a S. Romão, de que restam vestígios.

Bibliografia sumária

Sit, VA, A. C. F. (1983) - Crainia de Sinfim-Paços de Ferreira: Paços de Ferreira: Câmara Municipal, Museu Arqueológico da Cirtânia de Santins Sit, VA, A. C. F. (1986) - Acultura castreja no Nororia de Portugal, Paços de Ferreira Museu Arqueológico da Citânia de Santins.

Ourivesaria proto-histórica em território português

Armando Coelho Ferreira da Silva

O numeroso conjunto de peças de ourivesaria proto-histórica procedentes do território português constitui, pelo seu próprio valor intrínseco e, principalmente, pela mensagem das referências culturais que transmite, uma das manifestações mais preciosas do nosso passado.

A sua procedência concentra-se sobretudo no Norte do país, relacionando-se obviamente com a riqueza aurifera da região, quer nos aluviões dos rios quer nas jazidas primárias, celebrada pelos autóres clássicos, nomeadamente, por Estrabão, S. Itálico e C. Plínio.

Actividade testemunhada em Portugal desde a segunda metade do 3º milénio a. C., durante o Calcolítico, começando por se exprimir com grande simplicidade tipológica e técnica, característica dos primeiros tempos da sua metalurgia, irá produzir, desde o Bronze Final e por força de estímulos de várias matrizes, séries diversas das mais belas jóias da ourivesaria peninsular

Documentação arqueológica de primordial relevo para o estudo das relações a longa distância, as análises tipológicas e técnicas desta ourivesaria denunciam convergência de estilos e tradições; em que, esquematicamente, vemos assentar, sobre um substrato da Idade do Bronze, influências de origem centro-europeia e, em especial, mediterrânicas, que informarão as componentes culturais da 1º/2º Idades do Ferro no Norte e Sul de Portugal desde o século VIII a. C. à romanização. Os influxos centro-europeus são marcados pelo aparecimento de formas e motivos de teor halfstáttico e de novas técnicas decorativas, como o estampilhado e o "repuxado sobre matriz". Os mediterrânicos, que se revelam, sobremaneira, nas técnicas de filigrana e do granulado e em novidades morfológicas e temáticas, conferem às jóias, a par de um certo tradicionalismo, um alto grau de qualidade e de originalidade.

No grupo mais antigo, do final da Idade do Bronze, sobressai uma série de jóias de ouro fundido, que inclui torques (colares), maciços e de secção circular decorados com motivos geométricos incisos a buril, procedentes de Baiões e Serrazes (S. Pedro do Sul), Penela, Santo Amaro (Sintra) e Almoster (Évora), com paralelos próximos na Estremadura espanhola (Sagrajas, Berzocana e

Valdeobispo), e braceletes similares dispersos por toda a área,

Este grupo insere-se no conjunto de produtos típicos da fase final do Bronze Atlântico, com afinidades a peças da Bretanha e Ilhas Britânicas eventualmente dependentes de protótipos do circulo nórdico, que aparecem entre os séculos XII/XI e IX a C em agrupamentos regionais, onde é manifesta a abundância de matéria-prima e comprovado o desenvolvimento tecnológico necessário à sua transformação.

Parece pouco verosímil ter havido uma importação destas jóias, não tardando o cruzamento desta matriz atlântica com as primeiras influências declaradamente centro-europeias, que se nos revelam nos motivos decorativos plásticos, de espigões, "tipo Villena" (Alicante, Espanha), presentes nos braceletes de Estremoz e do Alto da Petisqueira (Chaves) e ainda no bracelete compósito da Cantonha (Costa, Cuimarães), que se pode considerar como o resumo mais acabado das componentes de ordem morfológica, técnica e decorativa da ourivesaria do Bronze Final peninsular.

Segundo as análises disponíveis sobre a composição das jóias desta fase, o ouro normalmente utilizado era proveniente de jazidas secundárias, especificamente das areias fluviais, cujo processo de enriquecimento, em que se tornava apenas necessária a sua crivagem e lavagem, era mais simples e adequado a uma escala artesanal.

Tecnologicamente, esta ourivesaria supõe já a utilização de moldes, incluindo o processo de cera perdida, e uma incipiente técnica de solda, de procedência orientalizante, sendo a decoração, normalmente incisa, à base de linhas paralelas, triângulos e losangos, realizada a buril.

Posteriormente, e segundo dualidade bem referenciada pelos dados conhecidos para a cultura castreja do Noroeste, regista-se no decurso da 1º Idade do Ferro a introdução de elementos de natureza hallstáttica, presentes, por exemplo, nos torque de Gondeiro (Salvador do Monte, Amarante), e noutras peças, como o torques de Vale da Malhada (Sever do Vouga), que apresentam uma decoração a punção ou estampado, sobretudo de circulos concêntricos, escudetes e pontilhado.

A ornamentação de circulos concêntricos patente num dos colares da Fonte do Álamo (Moura), assinalará idêntica corrente centro-europeia no enquadramento da transição do Bronze Final Atlântico para a 1º Idade do Ferro do Sudoeste peninsular.

Nestas peças não é visível a adopção de técnicas mediterrânicas de carácter orientalizante, designadamente a filigrana e o granulado, apesar de tais recursos não terem sido ignorados nos meios hallstátticos a Norte dos Alpes, que tomaram deles conhecimento através do comércio etrusco, como se depreende de testemunhos europeus.

Já os magníficos tesouros da Herdade do Gaio (Sines) e de Baião (distrito do Porto), formando conjuntos de grande homogeneidade, sinalizam uma relação meridional.

Entre os objectos de que é composto o depósito funerário da Herdade do Gaio, destaca-se um colar articulado, formado por placas decoradas com grifos alados associados à palmetas e rosetas, um par de arrecadas orladas com uma teoria representativa da deusa egípcia Hathor e de flores de lótus, e numerosas contas de ouro e prata. O tesouro de Baião é igualmente constituído por um colar articulado de numerosas contas bicónicas e pendentes de figuração fitomórfica, mais dois pares de arrecadas, uma pulseira ou gargantilha e botões de ouro.

A leveza da sua estrutura, o teor das formas e dos temas bem como as inovações técnicas

introduzidas, distanciando-se das peças maciças e com decoração geométrica incisa a buril, características do Bronze Final Atlântico, evidenciam nitidamente intercâmbios com o horizonte orientalizante, com principal foco produtor, a Ocidente, situado na área de Tartesso, assim se revelando, também por esta via, a integração do Ocidente peninsular, até ao Norte, pródigo em estanho e ouro, no âmbito da expansão comercial exercida sob os estímulos do comércio fenício, durante os séculos VII e VI a. C.

Podendo considerar-se como os mais expressivos testemunhos das influências mediterrânicas ao longo destes séculos, na sequência de outras anteriormente estabelecidas no período pré-colonial ou proto-orientalizante, estes tesouros assinalam situações emblemáticas de uma corrente marcadamente litoral a partir da zona meridional de Huelva e compassadamente registada ao longo da nossa costa desde o Guadiana à foz do Minho, com prolongamentos em estações costeiras da Galiza.

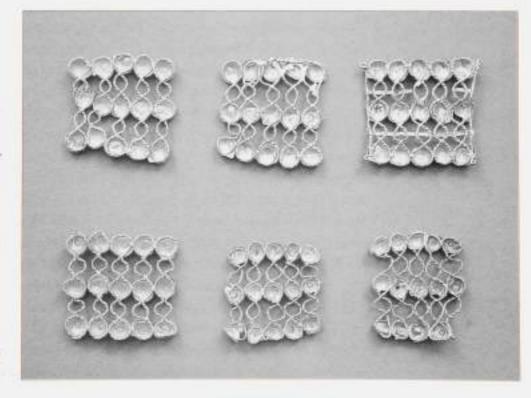
É precisamente na área tartéssica que referenciamos o paralelo mais próximo do colar articulado de Baião, concretamente num colar procedente da tumba 9 de La Joya, Huelva, constituído, entre outros elementos, de contas bitroncocónicas e alguns pendentes, três deles em forma de bolota, afins a algumas peças de Baião, com que também se assemelha no sistema de articulação por um fio, que neste caso era de cobre, atravessando os canevões em T dos pendentes e os orificios das contas.

Contas bitroncocónicas similares a estas, que se podem considerar formas elementares da joalharia antiga, foram encontradas em níveis do século VII a.C., em ambiente etrusco, podendo a datação da tumba 9 de La Joya, fixada no 1º quartel ou 1º metade do século VII a.C., servir-nos de referência cronológica com terminas post quem deste belíssimo colar, em concordância com os dados mencionados a propósito das arrecadas do mesmo tesouro, com decoração da placa central a «repuxado sobre matriz».

Cargantilha de Baião, Porto

Esta mesma técnica foi utilizada nos colares articulados da Herdade do Gaio e da Malhada (Campeã, Vila Real), cuja estrutura lameliforme repetitiva se deverá considerar uma derivação dos colares de placas dos tesouros orientalizantes, como o de El Carambolo e Ébora, apesar de não oferecer ainda a decoração de filigrana e granulado típica dessa ourivesana, como, de resto, os tesouros do Gaio e de Baião também não mostra.

Mas se a iconografia do colar do tesouro do Gaio, com representações de um animal fabuloso composto de corpo de cavalo alado ou pégaso e um grifo, a que poderá convir a designação de hipogrifo, é uma



referência explicita de procedência oriental, como a dos motivos fitomórficos que lhes estão associados, a adopção de motivos decorativos de círculos concêntricos estampados em «falso repuxado» ou «repuxado sobre matriz» do colar da Malhada mostra características da ourivesaria do Bronze Final de origem centro-europeia, mas de clara difusão atlântica, como vemos no capacete de Rianxo ou no diadema repuxado de Ribadeo (Cangas de Onís), denunciando convergência destas duas correntes culturais.

As arrecadas constituem, por seu turno, um grupo particular no conjunto destes adomos proto-históricos.

Apresentam como característica principal a existência de um corpo central formado por uma lúnula oca, com variantes enriquecidas por apêndices, e adaptadas a um sistema, ora simples ora duplo, de suspensão.

As arrecadas da Herdade do Gaio, com afinidades às do tesouro de Aliseda (Cáceres), entre os melhores paralelos peninsulares, e as arrecadas do tesouro de Baião, enquadram-se também no mundo das relações meridionais, manifestando características técnicas, morfológicas e temáticas de teor orientalizante.

Estas arrecadas são jóias muito leves, de estrutura laminar compósita, à base de utilização de placas e soldas, e com temática decorativa claramente orientalizante patente, em primeiro lugar, no elemento decorativo das arrecadas do Gaio, com atributos próprios da deusa Hathor (porventura assimilável a Astarté, do panteão fenício), e nas arrecadas de Baião, no motivo estampado de palmetas fechadas ou "palmetas fenícias" da lâmina central, com simbolismo relacionável com a "Árvore da Vida", eventualmente traduzindo a própria "deusa-mãe". Este motivo, que conta com significativos paralelos mediterrânicos, de ambientes cipriotas e etruscos aparecidos em elementos arquitectónicos e escultóricos, marfins e peças de joalharia, seguindo protótipos da arte fenício-cipriota, tomou-se mesmo de privilegiada preferência penínsular, onde surge representado em numerosos casos, sobretudo meridionais, datáveis dos séculos VII e VI a. C. A sua referenciação numa peça metálica da tumba 17 de La Joya, com cronologia da 1º metade do século VII a. C., em concordância com os dados do colar do mesmo tesouro, é mais uma confirmação destes parâmetros.

Uma arrecada congénere, de Paços de Ferreira, mostra uma estrutura aparentada, diferenciando-se na adopção de um pequeno apêndice e jã com decoração de filigrana e granulado, como as placas de ouro e peças diversas do tesouro de Serradilla (Cáceres). Revelando, deste modo, também influências claramente tartéssicas, eventualmente procedentes de Cádis, combinada com uma decoração repuxada de fossetes e punções de gosto e têcnica hallstáttica, com paralelos nas arrecadas de Serradilla e Madrigalejo (Cáceres), Monsanto da Beira (Idanha-a-Nova), e Golegã, sinalizará eventuais itinerários de relações, datáveis dos séculos VI-V a. C., com o conjunto da Alta Estremadura, que terá servido como plataforma de transição para o Noroeste peninsular.

O par de braceletes de Torre Vã, com expressivas combinações de granulado e círculos estampados num suporte de tradição indígena, poderá demonstrar alinidades de comportamento relativamente aos finais da 1º Idade do Ferro no Sul do país. Por sua vez, o par de arrecadas de Odemira, de composição geométrica circular em torno de um motivo floral e com utilização refinada de filigrana e granulado, aponta para relações exclusivamente meridionais, provavelmente a partir de

Cádis, ainda que recorde antecedentes mediterrânicos de ambiência etrusca, datáveis da mesma cronologia.

Além desta variedade de ornamentos de ouro, de apologia e função mais correntemente referenciadas, são ainda peças significativas desta fase dois conjuntos de objectos do tesouro de Baião, cujas características morfológicas, técnicas e culturais se distinguem em geral pelas suas influências meridionais.

Um desses conjuntos do tesouro de Baião, que é composto de diversos tramos de malha de fio de arame associados a semi-esferas ocas e soldadas, com diversos paralelos de ouro e bronze meridionais, designadarmente de El Acebuchal, a que se tem atribuído uma função de diadema ou gargantilha, pela sua morfologia e proporções, mais sugere poder tratar-se de uma variedade de braceletes.

O segundo conjunto é formado por duas séries de botões, com elementos de fixação sobre peças de vestuário, possivelmente de couro, com similaridades aos encontrados em São Martinho de Alcácer do Sal e no Outeiro da Cabeça (Torres Vedras), situados na linha da mesma corrente.

Torna-se difícil destrinçar, no conjunto dos materiais orientalizantes, os produtos importados dos fabricados in loco, devido à generalização dos mesmos padrões e das mesmas técnicas. Relativamente aos elementos referidos, não se tratando com certeza de peças realizadas localmente por artistas tartéssicos para clientes indígenas, talvez não seja de excluir que a grande maioria proceda da área tartéssica como simples importações resultantes de trato comercial. Nalguns casos, porém, como terá acontecido porventura com o tesouro de Baião, as jóias poderão ter sido obtidas no âmbito dos mecanismos do dom e da troca, comuns nas sociedades antigas. Trata-se, em todo o caso, de «bens de prestígio» que se prestavam a relevar o status das elites indígenas.

Seja como for, desde os finais da Idade do Bronze ocorreu uma nova evolução da outivesaria peninsular, em que, como acontecera nos primórdios da metalurgia do ouro, os elementos fundamentais são de influência oriental, substituindo os contactos atlânticos que dominaram durante cerca de um milénio o período mais recente da Idade do Cobre e toda a Idade do Bronze.

Surgiram novas formas e motivos ornamentais e muito especialmente novas técnicas, de que se destacam, não só a da filigrana e do granulado, mas também a solda e a liga na preparação do ouro, como o demonstram nitidamente as análises de material efectuadas, sendo inegável a assimilação deste contributo orientalizante por parte dos ourives indígenas, mais densamente documentada na área litoral e peri-litoral do território português, onde, nas etapas seguintes, se distingue mesmo como uma das suas características mais expressivas.

Mas, se as inovações orientalizantes permitiram modernizar formas, temas e técnicas da ourivesaria peninsular, foram especialmente as influências centro-europeias que, reforçando sobremaneira a simplicidade morfológica e o quase exclusivo carácter geométrico da decoração, marcarám a ourivesaria da Idade do Ferro a partir dos meados do 1º milénio a. C.

A sua assimilação pela ourivesaria local, em doses apropriadas, não parece oferecer grandes dúvidas, repartindo-se, no Norte do país, por duas escolas regionais com áreas de influência desde há muito assinaladas. Uma, mais litoral, foi já localizada no princípio do século na zona da Póvoa de Varzim, integrando-se nesta escola o tesouro de Estela, que incluía porventura jóias para

refundição acompanhadas de bolos de prata, elementos denunciadores de possível oficina. Neste grupo, é mais notório o carácter das técnicas mediterrânicas pela utilização de formas compósitas à base de placas e soldas, granulado, pseudogranulado e filigrana, e predomina a presença de adereços femininos, como as arrecadas com apéndice triangular típico encontradas em Estela e Laundos (Póvoa de Varzim), Afife (?) e Carreço (Viana do Castelo) e o colar articulado do tesouro de Estela, com paralelo no Castro de Romaniz (Santa Maria da Feira).

O outro grupo, mais interior, localizado na região de Chaves, em zona, por sinal, de documentado interesse aurífero desde a Antiguidade, é globalmente transmontano e de influência celtizante nos modelos, simples e praticamente reduzidos a torques e braceletes, que se reportam sobretudo a expressões de hierarquia masculina, e nas decorações, em que raramente aparecem as técnicas de influência meridional.

As peças deste segundo grupo têm um «ar de família», patente na repetição de formas estruturais e de motivos decorativos, sendo comuns os remates dos torques em dupla escócia frequentemente ornados com um motivo floral, como ocorre nos exemplares de Paradela do Rio (Montalegre), que tem paralelo próximo no bracelete de Lebução (Valpaços), e preferidas ornamentações geométricas de motivos curvilíneos, com um abundante repertório de arcos, círculos e SSS associados a motivos rectilíneos de gregas, triângulos, ziguezagues e outros em menor escala. Esta gramática decorativa deve considerar-se afim da zona oriental do «primeiro estilo céltico», narly Cultic style, apontando-se, deste modo, para a zona centro-europeia da Baviera, Alemanha Central, Áustria, Boémia e Morávia, de preferência à região do Reno Médio e Centro da França, como fonte das influências célticas, radicadas no período de Hallstatt nessa região do Centro da Europa.

Este conjunto é, efectivamente, composto por jóias atribuídas tradicionalmente aos Celtas, como os colares conhecidos pelo nome de torques, que, juntamente com braceletes (viriae) simples ou de vários toros, do tipo de Lebução, vemos representados na estatuária de guerreiros, em sugestiva relação com a simbólica do poder. O mais belo exemplar deste tipo de jóias é o torques de Vilas Boas (Vila Flor), composto de um aro tripartido com remates em dupla escócia. Nele se combinam uma rica decoração de filigrana, granulado e polvilhado, de inspiração mediterrânica, com a utilização de punção e de motivos que recordam peças semelhantes de ourivesaria céltica datáveis entre os séculos III e La. C., como a presença de ornitomorfos na base dos terminais. Assim se manifesta uma perfeita assimilação das novidades técnicas e estéticas por parte dos ourives locais mais evidentes neste período avançado da cultura castreja.

Por sua vez, a ourivesaria da 2º Idade do Ferro no Sul de Portugal, entre meados do século V e os inícios da colonização romana, apesar de caracterizada pela instalação de populações com origem celtizante, Celtici, não manifesta claros influxos continentais, sendo notória a prevalência das correntes mediterrânicas, designadamente de origem púnica, em função do imperialismo cartaginês. A simplificação das estruturas das jóias e o desaparecimento dos repuxados, granulados e filigrana, característicos da 1º Idade do Ferro, parece denunciar mesmo um momento de decadência, em verdadeiro contraste com a região Norte.

A descoberta na região do Montemuro de uma valva de molde de xisto, com figurações geométricas congéneres às dos remates de alguns torques transmontanos, evidencia um relacionamento

entre as comunidades do interior, de ambos os lados do Douro, também manifesto por outros índices de ordem social e cultural, patentes em numerosas formas linguisticas e expressões de religiosidade. A presença de prata detectada na análise metalográfica poderá sugerir já uma produção no interior do período seguinte datável a partir da última metade do século II a. C.

Nesta fase, evidencia-se uma verdadeira mestria das técnicas do trabalho do ouro, claramente manifesta na utilização sistemática de delicados processos decorativos, como a filigrana, o granulado e em especial o polvilhado ou granitado, aplicados em elaborações ornamentais típicas, como as que estão presentes nos torques no Castro de Lanhoso (Póvoa de Lanhoso), ou nas arrecadas da Citânia de Briteiros (Guimarães).

Ao mesmo tempo, verifica-se uma racionalização no uso da matéria-prima, suprindo-se a carência do ouro com artificios técnicos e decorativos. Essa escassez do metal denuncia-se pela utilização de ouro procedente de jazidas primárias, ou pelo emprego de ligas com elevado teor de prata, como no torque de Sanfins (Paços de Ferreira) e nos ultimamente referendados na região de Ribeira de Pena, ou ainda pela substituição do ouro por elementos de outro metal para estruturas não aparentes, como se regista no aro interior de cobre dos três torques de Lanhoso, como que prenunciando o fim de um ciclo, que parece trazer consigo outras relações acentuadamente interiores e, em última análise, a perda de originalidade, a breve trecho consumada pela romanização.

Neste momento, não poderá deixar de considerar-se significativa a utilização de prata nalgumas peças, em especial das lúnulas, torques «ibéricos» e baixela proveniente dos tesouros de Chão de Lamas (Coimbra). Casal do Chão das Casas (Vila Velha do Ródão). Soalheira do Barbanejo, Monforte da Beira, Poço do Salvado e Penha Garcia, na Beira Baixa-bacia do Tejo, Pragança (Cadaval) e no tesouro de Pancas, de Santana da Carnota, em Alenquer, assim como nos curiosos conjuntos de Guiães e Paradela de Guiães, no vale do Douro, a que se devem acrescentar os torques de Bagunte (Vila do Conde), e um recente achado minhoto, com elementos afins ocorrido em Carreço (Viana do Castelo). Pelas espécies numismáticas a que alguns estavam associados, estes tesouros terão sido ocultados por ocasião de movimentações militares, sendo os primeiros relacionáveis com as guerras sertorianas e os do grupo do Douro e do Minho com as guerras cântabras, com as quais se concluiu a última etapa da ocupação romana na Península Ibérica.

Mas se a exploração sistemática dos recursos mineiros do Douro, Minho, Trás-os-Montes e lleiras, de imediato iniciada pelos Romanos, se tornou vantajosa para os conquistadores, fica doravante patente, pela raridade e homogeneidade das espécies arqueológicas reconhecidas, o que isso significou de decadência e empobrecimento de bens culturais anteriormente sinalizadores de tantas formas de prestígio.

Bibliografia

ALMACOO GORBEA, M. (1977) - El Bronce Final y el periodo orientalizante en Extremulent Madrid: CS1C (Bibliotheca Praehistorica) Hispana 14) ALMACIKO-GORBEA, M. (1989) -Orfebreria orsentalizzante. In El ovo en la Estaña provenuna Madrid Zugarto ed. p. 68-81. (Revista de Arqueología. Monografias) ALMAGRO-GORIEA, M. (1991) - The Celts of Ibena. In The Celts (1991). Veneza Milano Bompiani p. 386-407 Catálogo. ALMEIDA, C. A. B. [et al.] (no prelo) -Três torques de ouro provenientes do Norte de Portugal Luovsa Porto. Nova Sene, 2. ARMBRUSTER & PARREIRA R. coord. (1993) - Intentário do Mineu Nacional de Arqueologia. Colecção de ourivesaria do Calcolitico à Made de Bronze, Lisboa. IPM, vol. 1. AURET M E. (1988) - Spagna In I Fouci (1988), Veneza, Milano-Bompiani p. 266-242. Catalogo. BLANCO FRIHEIRO, A. (1957) - Origen v. relaciones de la orfebreria castreña. Cuadrous de Estudios Galleans, Santiago de Compostela 12 36 5-28 12 37. 137-157, 12-38, 267-301. CARDOSO, M. (1942) - Una pieza notable de la orfebrería primitiva. Archive Español de Arqueologia: Madrid 15:47, 89-100. CENTENO, R. M. S. (1987) - Considera monetária no Novoeste do Hispatina até 182. Porto: Sociedade Portuguesa de Numismática CORREIS, A. Alves, A. Vaz. J. L. I. (1986) - Castro Daire, Castro Daire Câmara Municipal. DELINES DE CASTRO, A., ESPARZA ARROYO, A. (1989) - Los resorosprerromanos de la Meseta Norte y la orfebreria celtibérica. In El ere en la España preromana: Madrid: Zugarto ed. p. 108-129. Revista de Arqueología. Monografias) DOMERCAR, C. (1987) - Catalogue des mmes et des fanderies de la Pénissule Ibérique.

Madrid floccard ELUERE Ch. (1982) - Les an probatoriques Paris Picard. (L'Age du Bronze. en France, 21. FERNÁNDEZ JURADO, J. (1988-89) -Tartessos y Huelva. Hirlist Arquelógica. Huelva 10-11 FORTES, 1. (19O5-08) - Ouros protohistóricos da Estella Portugalia Porto 2 604-618. Camitto, T. J. (1988) - Social complexity in Southwest libersa (non-non B.C.) the care of Tartesas, Oxford, BAR, BAR International Series, 439). GOMES M.V., BERGO, C.M. (1988) -O tesouro da colecção Barros e Sã, Monsanto da Beira (Castelo Branco) Veleia, Vitoria-Casteiz, 5, 125-136 HACKENS, T., WINKES, R., eds. (1983) -Gold recollery. Craft, style and meaning from Mycnor, to Constantinopolis, Louvain-La-Neuve (Aurifex: 5). JACOBSTHAL, P. (1969) - Early Colticart. Reimp, da l'ed, de 1944. Oxford: Clarendon Press Kall, Ph. (1991) - Die Goldringe von Castro da Senhora da Cuia, flasões (5. Pedro do Sul), Portugal. Forschill für W. Schüle Marburg. (Veroffentlichungen des Vorgeschichtlichen Seminars. Marburg, Sonderband, 6: International Archaologie 11 LOFEZ CUEVILLAS, F. (1951) - Las Jayan casterias Madnd CS1C. Nicotina, G. (1990) + Techniques des on antiques. La buontene dérique du pu au remele Paris Picard. OCHEN, J. (1982) - Jevellery of the Anguest World London Trefoil Books. PEREZ OUTERINO, B. (1982) - Deourivesaria castrenia. Arracadas. Bolnia Airmst Ourense Museo Arqueológico Provincial, vol. 1. PEREZ OUTERINO, B. (1989) -Orfebreria castreña. In El oro or la España prerromana. Madrid. Zugarto ed. p. 90-107. (Revista de Arqueologia, Monografias), PARREIRA, R., PINTO, C. V. (1980) -Tercuros da arqueología portuguese. Lisboa-Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Catálogo

PINCEL V. (1986) - Os princípios da

metalurgia do ouro em Portugal. In Actas da Cológuso de Ourarrsaria do Norte de Peringal Porto Fundação Emp António Almeida p. 49-57 RADDATZ K. (1969) - Die Schatzberfe der therischer Hallimsel Berlin Deutscher Archaologisches Institut (Madnder Forschungen, 5). SCHWAPACH, F. (1976) - L'an onemental du "premier style" celtique In Duval, P. M., Hawkes, C. - Colic. art in Ancient Europe. Fire pratchistoric common London Seminar Press SEVERO, R. (19O5-08) - O thesouro de-Lebucão Pomualir Porto 2:1-4 1:13 SEVERCI, R. (19O5-08) - As arrecadas d' ouro do Castro de Laundos Pentrala-Porto 21-4 403-412 Sitva, A. C. F. (1986) - A cultivar cartina. no Noroeste de Portugal. Paços de Ferreira Museu Arqueológico da Citária de Sanfins Sitva, A. C. F. (1990) - A Idade do Ferro em Portugal. In Nova Historie de Portugal Lisboa Presença vol 1 p. 257-341 SILVA, A. C. F. (1990a) - Influências orientalizantes na formação da cultura castreia do Noroeste peninsular Estudos Orientarii. Lisboa. 1. 135-155. SILVA A. C. F. GOMES M. V. (1992) - Proto-bistória de Portadal. Lisboa Universidade Aberta. TAYLOR, J. J. (1980) - Bronze Ade goldsoork of the British Isles. Cambridge. University Press. VIICAS, J. R., PARREIRA, R. (1984) - Der Schatzfund von Santana da Camora (Alenquer/Portugal) Mafrily Alittellungen Mainz, 25.79-91.

Povoamento, espaço e gentilitates no 1º milénio a.C., no Nordeste transmontano.

Francisco Sande Lemos

Em textos anteriores (Lemos 1993a, p. 75-139; 1995a, p. 298-299) desenhámos os traços essenciais do espaço nordestino, enquanto cenário geomorfológico onde se instalaram e viveram as comunidades proto-históricas. É uma região de largos horizontes, amplas montanhas, extensos planaltos, profundos vales e depressões de origem tectónica. Devido à especificidade da sua história geológica e relevo (Ribeiro 1974) e à situação, no quadro da Península, confrontam-se, em Trás-os-Montes Oriental, influências atlânticas, continentais e mediterrânicas; o que resulta numa acentuada diversidade micro-regional a qual, por sua vez, condiciona a densidade e distribuição dos habitats. Desde as montanhas do extremo norte (pluviosidade superior a 1200 mm, clima muito húmido) até ao vale do rio Douro (pluviosidade inferior a 400 mm, clima seco) registam-se assinaláveis variantes nos contextos ecológicos, nos solos e na paisagem (para uma análise mais profunda podem consultar-se diversas obras de conjunto sobre Portugal, designadamente a Grografia de Portugal de H. Lautensach e Orlando Ribeiro, artigos de Suzanne Daveau (Daveau et alii 1983; 1990), ou regionais, como a monografia de Vergilio Taborda, as Memórias de introdução à Carta dos Solos, editada pela UTAD, a par de diversos textos de J. Alves Ribeiro (ver bibliografia).

Não se conhecem, por ora, povoados abertos com materiais atribuíveis aos últimos estádios da Idade do Bronze. Todavia, registam-se utensílios e armas de bronze (diversos machados de talão e uma ponta de lança), bem como cerâmicas de tipo Cogotas I e com decoração Boquique, numa série de locais, que se destacam pelo seu posicionamento, com amplo controlo do espaço envolvente e dos corredores naturais de circulação, planálticos ou fluviais. Citamos os casos do Castelo de Urros, que se eleva entre os contrafortes meridionais da serra de Roboredo e o vale do Douro, da Senhora da Adeganha, sobranceiro ao vale da Vilariça, do Castelo de Anciães, que domina o planalto circundante e um amplo trecho do vale do Douro. Registam-se, também, cerâmicas de tipo Boquique numa cavidade calcária do extremo norte de Trás-os-Montes Oriental: a Lorga de Dine. O cume sobrejacente terá sido um povoado, que disfrutava de ampla visibilidade sobre o curso superior do rio Tuela. No mesmo vale,

muitos quilómetros a juzante, localizam-se os sítios de S. Juzenda, dominando o trecho final do Tuela, e de S. Brás, que controla os últimos contrafortes meridionais da serra da Nogueira. Na depressão de Bragança destaca-se o Castelo de Rebordãos. Para leste, já nas arribas do Douro, terá sido recolhida uma ponta de lança de alvado, no povoado de Cigaduenha (Picote).

Nenhum destes sitios foi objecto de trabalhos sistemáticos. Em S. Juzenda abriram-se duas sondagens (Hock 1980). Quanto às escavações da Lorga de Dine permanecem inéditas. Julgamos, porém, que é possível avançar com a hipótese de assinalarem uma primeira fase de formação de povoados fortificados, eventuais cabeças de território, mais ou menos extensos, controlando os grandes eixos de circulação. Todavia, enquanto não dispusermos de estudos monográficos sobre este conjunto de habitats, será temerário especular sobre a eventual continuidade de ocupação entre o Bronze Final e a Idade do Ferro. Na verdade, as excelentes condições geo-estratégicas destes locais favoreceram a sua ocupação, quer em fases anteriores (Calcolítico), quer em períodos mais recentes como a Baixa Idade Média (vejam-se os exemplos de Anciães, da Senhora da Adeganha, de S. Brás, na Terra Quente, ou de Dine, na Terra Fria).

Em contextos cronológicos ainda mal definidos, provavelmente ao longo dos séculos vi e V, de acordo com datações de C14, obtidas em sítios de Zamora Ocidental, recentemente estudados por Angel Esparza Arroyo (1987) e Consuelo Escribano Velasco (1990), generalizam-se os povoados fortificados, como unidades de habitat. Embora o número de escavações seja muito limitado, a circunstância da paisagem nordestina ser aberta, sem manchas florestais muito extensas e reduzida pressão demográfica, permitiu a sobrevivência em bom estado de inúmeros povoados, cujos limites e sistema defensivo podem ser caracterizados, através da análise da fotografia aérea e do reconhecimento no campo. Verifica-se, assim, que os povoados proto-históricos do Nordeste apresentam entre si afinidades, que os distinguem dos grandes castros dos planaltos e montanhas ocidentais de Trás-os Montes e do litoral (Entre Douro e Minho).

Os povoados mais abundantes são de pequena superfície (entre 0,5 e 1,1 hectares), assentam em esporões e circunscrevem-se a uma única linha de defesa, fechada num torreão voltado à zona de mais fácil acesso, normalmente cortada por um profundo fosso escavado na rocha. Sítios deste modelo encontram-se distribuídos ao longo das margens dos rios Douro, Sabor, Maçãs, Angueira, Baceira e Tuela. Alguns destes povoados assentaram em contextos topográficos bem marcados, promontórios que terminam em falésias sobre o Sabor, o Douro e o Tuela, de tal modo que dispensam uma fortificação fechada, limitando-se o seu sistema defensivo a um ou dois arcos de muralha. A par destes povoados, que constituem o maior número de sítios inventariados, registam-se outros, assentes nos "inselbergs" (relevos residuais) quartzítico-xistosos e nas cumeadas que dominam as serras ou os planaltos circundantes. Na generalidade, apenas apresentam uma linha de muralha, embora alguns fossem protegidos por sistemas mais complexos com uma segunda plataforma, provida de uma muralha complementar e sistema de duplo fosso.

Neste segundo grupo de sítios destacam-se alguns, cuja área intramuros (1,4 a1,6 hectares) excede o habitual na zona, ainda que não alcancem as dimensões dos castros da serra da Padrela ou do planalto de Alijó.

A arquitectura defensiva dos povoados nordestinos é, pois, variável, mas pouco complexa,

embora revele uma eficaz adaptação aos recursos disponíveis. Nos castros instalados em "inselbergs" quartzíticos, as muralhas encostam-se aos afloramentos rochosos, sendo as faces internas e externas formadas por pedra irregular assente a seco. Nos que se situam em zonas onde o sub-estrato xistoso é menos duro, a muralha incorpora areias e argilas locais, garantindo assim uma maior solidez aos paramentos. Nos "castelos graníticos", os pequenos blocos irregulares que formam as muralhas foram extraídos dos afloramentos existentes, criando assim plataformas planas no espaço intramuros.

Pormenor da muralha do Castro de S. Marcos ou Pópulo (Alijó)

Pormenor da muralha do Castro da Geada (Vimioso)

O sistema de fossos e pedras fincadas não está associado a qualquer modelo específico de

povoados. Tanto ocorre nos pequenos sítios sobranceiros ao Sabor, como nos que foram implantados em cumeadas montanhosas. Parece ter sido uma técnica introduzida na Idade do Ferro e que perdurou por largos séculos, pelo menos até ao século I d. C., sendo aplicada em fortificações da época romana, de que é um excelente exemplo o castro mineiro designado Cerca dos Mouros de Vale de Éguas, no concelho de Murça (Lemos 1993b, p. 493-495).

A distribuição dos habitats acompanha a rede hidrográfica, a bordadura dos planaltos ou cumes mais destacados, em contextos de montanha. Aliás, um dos aspectos mais assinaláveis é a existência de povoados em patamares montanhosos assaz elevados, como é o caso da Penha Mourisca de Bouzende, extenso sitio fortificado, erguido nos contrafortes meridionais da Serra da Nogueira a 1230 metros de altitude. Deve admitir-se que a economia deste habitat assentava na pastoricia, bem como na exploração de recursos silvícolas e cinegéticos. De facto, na área próxima dispõem-se excelentes prados naturais (Lemos 1993b, p. 189). Outro exemplo é o grande povoado de Cidadelhe (Vinhais), instalado a 1020 metros, nos últimos relevos meridionais da serra da Coroa. Defendido por poderosas muralhas de xisto anfibolítico de côr negra, disfruta de ampla visibilidade sobre o vale do rio Tuela, que se abre a sul, numa profunda depressão tectónica (Lemos 1993b, p. 453).

De um modo geral as cerâmicas recolhidas em prospecções de superfície, por





A. Esparza Arroyo (1984, 1987) e F. Sande Lemos (1993a), parecem filiar-se no universo de Soto de Medinilla, seja pela tipologia dos bordos, seja pela modalidade dos acabamentos com superfícies exteriores grosseiras e as interiores muito polidas.

Para além da tipologia dos habitats, da especificidade da arquitectura defensiva, seria possível considerar como um elemento identificador da Idade do Ferro do Nordeste conjuntos de esculturas zoomórficas de dimensão variável, representando javalis, berrões e touros. Sem rejeitar o fundo indígena destas representações é de assinalar que o contexto dos achados, quando é conhecido, se situa já no período romano. Nestas condições é difícil garantir que tais esculturas sejam um traço cultural marcante das comunidades da região ou se, outra hipótese, se difundiram no quadro do Império, a partir de pólos bem definidos com os territórios dos Vaqueus e Vetões.

Embora não existam indicadores paleo-ecológicos que permitam reconstituir directamente a economia proto-histórica, a análise dos territórios potenciais sugere que foram articulados objectivos de estratégia defensiva, ou de controlo territorial, com uma ampla diversidade de recursos.

A descrição do território de um pequeno povoado encravado nas faldas meridionais da Serra de Montesinho, a Torre de Soutelo de Gamoedo (1010 metros) revela uma profunda reflexão sobre o local do assentamento. Situado num espaço deprimido em plena serra (entre os contrafortes graníticos e cumes de substrato xistoso) domina, no entanto, uma vasta paisagem (Lemos 1993b, 55-56). Instalado exactamente na faixa de contacto entre granitos e xistos beneficiava, por certo, de nascentes abundantes. Próximo existem solos que, bem drenados, garantem prados ou culturas húmidas, como a do linho, por exemplo. Nos montes circundantes abrem-se amplos espaços para pastoreio. A floresta, que revestia as vertentes que fecham o vale do Sabor abrigava, por certo, nesse tempo, tal como hoje, valiosos recursos cinegéticos, entre os quais o corço e o javali. As areias do rio (Sabor) que ficam à distância de menos de meia-hora, continham minerais de ouro e estanho carreados pela erosão de tilões que, no milénio seguinte, foram explorados de maneira sistemática pelos Romanos e, intensivamente, no século XX (estanho).

O estudo do território de outro povoado, o Monte de Santa Comba (Lemos 1993b 433-p. 434) implantado num cume de substrato xistoso (alt. 917 metros) e dotado de um sistema defensivo mais complexo (formado por uma muralha principal mais uma segunda plataforma rodeada por uma linha de muralhas complementar, a sul), revela analogias com o sítio da Torre de Soutelo.

Para norte dispunham-se as íngremes e pedregosas vertentes que descem até ao rio Tuela, com abundantes recursos piscícolas. O carvalho negral (Quecus Pyrenaica willd) formava uma mata que protegia a fauna selvagem, proporcionando, também, lenha e bolotas. Para leste as vertentes são memos profundas, abrindo-se uma ampla depressão sobrelevada e de interflúvios suaves, com solos de excelente aptidão agricola, quer para a cultura de leguminosas, quer de sequeiro. Próximo existem ocorrências de cromite, que garante um excelente minério de ferro.

Na Terra Quente a estrutura territorial dos povoados parece estar mais dependente dos recursos aquiferos, destacando-se a proximidade de cursos de água perene. Os territórios são mais dilatados integrando solos aluvionares, e coluvionares, susceptíveis de regadio, a par de interflúvios de vertentes suaves favoráveis às culturas de sequeiro e de espaços adequados ao pastoreio de gado ovino ou caprino. Entre numerosos exemplos podem citar-se os casos de S. Juzenda, do Castelo Velho de

Mirandela, do Castelo da Senhora da Adeganha e do Castelo de Urros. O posicionamento de S. Juzenda (alt. 342 metros) ilustra este modelo. A menos de meia-hora alcança-se o leito do rio Tuela. Ainda no interior da isócrona de meia-hora incluem-se fluvisolos, quer no vale daquele rio, quer no vale lateral de um afluente, que contorna o povoado pelo lado sul. Para norte e nordeste no espaço delimitado por uma hora de marcha, dispõem-se solos próprios para a cultura do trigo (Lemos 1993b, p. 260).

Não custa, pois, admitir, que estes povoados do 1º Milénio a. C., quer os da Terra Fria quer os da Terra Quente, viviam em regime de autarcia econômica semelhante ao estudado na zona de Léon (vale do Tera) e cristalizado no espaço concreto da arquitectura doméstica (Fernandez-Posse et alii 1994).

Todavia, é interessante verificar que os abundantes recursos, oferecidos pelo quadro geomorfológico, não parecem ter sido aproveitados de forma extensiva. Em certas áreas os habitats aglutinam-se, enquanto que noutras ocorrem espaços vazios, sem povoamento, ainda que os contextos geomorfológicos e edafológicos sejam favoráveis. Algumas das zonas de aglomeração de povoados justificam-se, talvez, pela existência de ocorrências mineiras de grande rentabilidade.

Entendemos, porém, que a ausência de uma distribuição geométrica pode ser lida como um indicador de ordem cultural. Os povoados, de pequena dimensão, apenas acolhiam uma família extensa e eventuais elementos adoptados, na sequência de conflitos. Uma das pouças aras com divindades indígenas, é consagrada a Laesas, nome que surge com frequência na antroponímia indígena, pelo será possível adiantar a hipótese do monumento evocar um antepassado mítico da comunidade. É provável que um grupo de povoados se filiasse na mesma linhagem e que os povoados de maior área muralhada albergassem as linhagens mais poderosas.

Grande parte destes povoados do Nordeste seriam ocupados por um povo cujo nome ficou registado no textos clássicos (Plínio) e cuja existência foi confirmada pela epigrafia (CIL 2606, 2633, 2651 e 5684), os Zuelae. A zona meridional, para sul da Serra de Bornes, seria o território de outro povo, os Banienses, sobre o qual dispomos de poucos dados, sendo assim mais discutida a sua exacta localização (Tranoy 1981, Alarcão 1988, Lemos 1993a). A zona intermédia da bacia do Tua seria ocupada por um terceiro povo, cujo nome é objecto de várias conjecturas, dada a total ausência de elementos. Para oeste, nas montanhas e planaltos que formam Trás-os-Montes Ocidental, dispunhamse os povos organizados em castella.

Esta possível diferença de organização social (castella/gentilitates) é um aspecto assaz interessante que merece referência mais dilatada e que tem sido tratado em numerosa bibliografia (Albertos Firmat 1975; 1988a, 1988b, González-Rodriguez 1986; González-Rodriguez e Santos Yanguas 1985-1986; Santos Yanguas 1989; Pereira-Menaut 1984; 1990).

Neste âmbito, o pacto dos Zoelae, encontrado em Astanca, é um documento epigráfico assinalável a vários títulos, e, por isso mesmo, citado com muita frequência. Nele conservam-se os nomes de várias gentilitates que pertenceriam à gens Zoela. O pacto regista dois momentos históricos distintos, o século I d. C., em que o garante é, ainda, um magistrado zoela, um segundo, no século seguinte, em que o garante é um funcionário romano. Esta distinção foi sublinhada por Alain Tranoy (1981). Pela nossa parte julgamos ser importante referir que o texto do séc. I se reporta a um pacto

anterior, provavelmente não escrito. É, pois, legítimo supor que, antes da romanização, já as linhagens se agrupavam em sistemas de alianças, para defender interesses comuns, ou resolver conflitos.

Os espaços vazios eram territórios de possível expansão, e embora nada demonstre um estado de guerra endémico, é razoável supor que a pressão demográfica conduzia, forçosamente, a conflitos, à luta pelos recursos disponíveis.

Sabemos que a organização social dos Zoelae seria em gentilitates, embora desconheçamos se o modelo prevalecia entre os Banienses e no médio vale do Tua.

Noutras áreas do Noroeste Peninsular, o comércio atlântico, a abertura de mercados, a afirmação de elites, levou à emergência de habitats mais amplos e complexos, os castella. É possivel que o nome de cada castellam evocasse a linhagem dominante. Pode deduzir-se que estes castella estavam agrupados em populi, como os Bracari, tal como um conjunto de gentilitates se reconhecia nos Zoelar. Não se pode, todavia, garantir, a existência de castella proeminentes que se destacassem como sede de cada povo, embora a ocorrência de um conjunto de estátuas de guerreiros seja assaz sugestiva.

A fronteira entre os populi organizados em castella e em gentilitates está bem definida, no Norte de Portugal. As inscrições características dos castella, com C invertido, distribuem-se pela faixa ocidental entre a margem atlântica e os rios Rabaçal e Tuela. Na verdade, algumas inscrições mencionando castella foram registadas para leste dessa faixa, mas assinalam emigrantes atraídos pela actividade mineira que teve uma rápida expansão a partir da época de Augusto, em Vale de Ferreiros - Torre de Moncorvo (exploração de ferro).

A equivalência geográfica entre a distribuição das epigrafes e a diferença de tipos de povoados não pode ser uma simples coincidência. Revela modelos sociais e culturais distintos. Queremos, no entanto, salientar que a organização social em castella não pode ser considerada como um estádio mais evoluído, a partir de um fundo comum. São apenas, modelos diferentes. Aliás, não se registam indicadores de profundas alterações na estrutura dos povoados nordestinos, nos últimos séculos do 1º milénio a. C., ao contrário dos fenómenos de proto-urbanismo registados nos povoados do litoral. O Norte interior terá estado confinado a um certo isolamento, quer pelas montanhas que o separam da faixa atlântica, quer pela distância em relação aos grandes eixos difusores de inovações, como a Rota da Prata ou o vale de Ebro, ainda mais longínquo.

Curiosamente, os castella da faixa atlântica dissolvem-se na nova ordem política estabelecida no séc. I, sob o Império Romano. Pelo contrário, o modelo de gentilitates, mais flexivel, terá perdurado até ao séc. III. Esta perduração não deve ser encarada como um arcaísmo, já que o Nordeste sofreu um profundo processo de romanização, tendo-se verificado mesmo o abandono generalizado dos povoados fortificados. O teatro das últimas operações militares, durante as quais se processou a implantação definitiva do domínio romano, situa-se na zona de León (Syme 1970; Tranoy 1981; Le Roux 1982). Nesta área, nas últimas décadas do século i a. C. as legiões romanas venceram os Ástures. O território dos Zoelas foi assim integrado no contentos de Asturica. De facto, Plínio cita este povo entre os Astures Augustanii. O espaço meridional, de características mais mediterrânicas, parece ter sido integrado na Lusitânia. Estabelece-se, assim, uma nova organização do espaço e uma nova hierarquia de povoamento, embora as estruturas sociais indígenas subsistam. O 1º milénio a. C. termina num contexto de mudança irreversível.

Bibliografia

Alapcho, J. (1988) - Roman Portagal. Warsminster: Aris & Phillips: vol. 2. ALIERTOS FIRMAT, M. D. (1975) -Organizaciones suprafamiliares en la Hispania Antigua. Stufia Archeologica. Santiago de Compostela, 47. AUGITOS FIRMAT, M. D. (1988) -Interpretación Los nombres indigenas. În Teserae Hospitalis de Montealister de Camps (Valladolid) Valladolid, p. 22-25 e 30-32. (Monografias del Museu Arqueológico de Valladolid). ALBERTOS FIRMAT, M. D. - (1988a) Sobre los Castella del Noroeste. In Actes del I Congreso Promiular de Historia Antiqua Santiago de Compostela Universidade vol. 2, p. 191-195 CARTA DOS SOLOS (Agroconsultores e Coba) CARTA DO USO ACTUAL DA TERRA CARTA DE APTIDÃO DA TERRA DO NORDESTE DE PORTUGAL MEMORIA LITAD 114 p. DAVEAU, S. [et al.] (1977) - Reportition et rhyme des procipitations au Portugal Lisbon Davisu, S (et al.) (1985) - Maton climaticos de Portseaul. Nevonro e whileulade Centraries termicos Lisboa. ESCRITANO VILASCO, C. (1990) Contribución al estudio de la Edad del Hierro en el Noroeste de Zamora, el "Castillo" de Manzanal de Abajo. În Actas do l'Empreso de Historia de Zamora. Zamora, vol. 2, p. 221-224. ESPARZA ARROYO, A. (1984) - Los castros de Zamora Ocadental e Trasos Momes Oriental, habitat y cronología Portugilia Porto 4-5. 131-146 ESPARZA ARROYO, A. (1987) - Lox castros de la Edad del Hierro del Norveste de Zawau Zamora FEBNANDEZ-POSSE, M. D. [et al.] (1994) - Estrutura social y territorio en li cultura castreja prerromana. Trabalkas de Antropologia e Etnelogia Porto 34.3-4. 191 e 192. Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular,

Porto, 1993, vol. 4 GONZALEZ RODIGGUEZ (1986) - LIII unidades organizations imbigenas del área Indo-Europea Vitória: Universidad del-País Vasco (Anejo de Velera) GONZALEZ RODBIGUEZ, SANTOK YANGUAS (1985-1986) - El caso de las Hamadas gentilitates: revisión y propuestas Velea Vitoria 2-3 373-582 HOCK M. (1980) - Corte estratigráfico no Castro de S. luzenda In Actas do I Seminário de Asaveologia de Noroeste Peninsular, Guimarães, 2, 55-70. Lt Roux, P. (1982) - Lurmir remains et l'organization des provinces abériques D'Angieste a l'impagion de 409. Paris Boccard LENIOS, F. S. (1993) - O paroamento romano de Trás-os-Montes oriental. Braga. UM. 2 vols. LINIOS, F. S. (1995) - Zoelas e Civitas Zoelarum: uma umdade étnica no quadro da romanização do Noroeste. Trabalhos de Antropologia e Etnologia Porto 35.1-2, 295-305, Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular, Porto. 1993. vol. 6. PEREBA MENALIT (1984) - La formación histórica de los Pueblos del Norte de la Hispânia. El caso de Callaecia como Paradisma. Velou-Nova Série. 1. 271-287. PERERA MENALIT (1990) -Etnogeografía de Galicia. Remién sebre Pales-Eticologia de la Peninsula Ibérica. Madrid. SANTOS YANGUAS, I. (1989) -Les Pueblos de España Antigua. Madrid. (Historia: 16). RISTINO: A. (1974) - Contribution à l'étade téctorique de Tras-as-Mantes priental. Lisboa. (Memórias dos Serviços Geologicos) RIBERO, J. A. (1983) - Património ecológico de Trás-os-Montes oriental e Alto Douro. Brutantia: Bragança. 3.3. 491-497 RIBERO, J. A. (1990) - Comunidades florísticas dos matagais da Terra Fria Transmontana Brigintia Bragança 10 (4), 109-116. RHEIRO, J. A. (s. d.) - Notas fito-

geográficas sobre a azinheira e o

Sobreiro na Terra Quente Transminitana. Il Encieto sobre Montados de Sobro e de Azinho. Synte, R. (1970) - The conquest of North-west Spain. Lopo VII Griena. León, p. 79-108. Talicatos, V. (1932) - Alto Trás-os-Alontes. Esado grográfico. Coimbra, 220 p. TRANOY, A. (1981) - La Galier Romaine. Paris.

As inscrições indígenas de Lamas de Moledo e Cabeço das Fráguas

Fernando Patrício Curado

Os antecedentes

"Andando o anno do dillúvio em mil e trezentos e sete, que foram dous mil e novecentos e sessenta e três da criação do mundo, novecentos e noventa e nove antes do nacimento de nosso Senhor Jesu Christo ... muitos povos de França chamados Celtas, achando estreita sua província, e incapaz da muita gente que vivia nela, e sabendo como Espanha estava tão falta de moradores que se não habitavão muitas partes della, se embarcarão em alguns navios ... té que saindo pello estreito de Gibraltar tomarão terra onde agora hé o Reyno do Algarve ... Forão-se pouco e pouco mettendo pella terra ... té darem onde agora vemos a cidade de Helvas, a qual sente André de Resende ... ser obra e povoação destes Franceses celtas, derivando-lhes o nome de Elvas dalguns Franceses Helvéticos que vinham em companhia destes ..."

"Monarchia Lusytana", L. I. Cap. xxv)

Se exceptuarmos qualquer análise retrospectiva de filosofia histórica, hoje em dia, apenas com grande condescendência se lêem estas (e muitas outras) afirmações de Frei Bernardo de Brito, feitas nos últimos anos do século XVI. Mas, apesar do circunstancialismo político-social da época em Portugal - com excessos nacionalistas que, para além de outros mitos, deram origem à pseudo-correspondência Lusitano/Portugués ainda hoje em dia em voga -, e apesar também do carácter de pré-ciência da História de então, devemos aceitar que o autor tentava uma interpretação honesta das escassas fontes de que dispunha.

Passados quatro séculos sobre a publicação daquelas conclusões de Frei Bernardo de Brito, e ainda por falta de fontes elucidativas, continuamos sem saber com exactidão quem foram os Lusitanos que habitaram o território actualmente português - apesar dos enormes progressos da investigação, e. por isso, da indiscutível qualificação do conhecimento científico! São pois muito importantes quaisquer novos documentos que se identifiquem, ou até a reinterpretação de outros, que permitam lançar alguma luz sobre a "escuridão" que esconde alguns aspectos etnológicos pré- e proto-históricos da região ocidental da Península Ibérica. É neste contexto que se integram estas duas inscrições indígenas (escritas com caracteres latinos), que, apesar de datarem dos séculos I/II d.C., consubstanciam uma realidade ideológica, destas populações, no milénio anterior

As populações que habitaram o nosso território durante o 1º milénio a.C. eram essencialmente indo-europeias e, decerto, predominantemente célticas. A Sul do Tejo, e desde finais do séc. VIII (Beirão, 1986) e até ao séc. v a.C., utilizaram um tipo de escrita, adaptada, de origem fenícia ou grega, ainda não totalmente interpretada, mas que alguns julgam transmitir uma língua indo-europeia (Correia, 1989), ainda que esta posição não mereça consenso. Esta "escrita do sudoeste", assim designada para melhor distinção de outros tipos peninsulares, desde há muito que é considerada por "tartéssica" (Tovar, 1964). A Norte do Tejo não se generalizou qualquer tipo de escrita, senão a latina já no séc. 1 d.C., em pleno dominio romano.

Embora tardias, são escassas, e nem sempre fidedignas, as informações dos autores clássicos sobre a religião e ideologia destas populações originárias doutras regiões europeias. A análise da documentação epigráfica tem permitido ultrapassar parcialmente aquela falta, através de repertórios antroponímicos, teonímicos e toponímicos, mas são raros os textos longos, com utilização de formas gramaticais indispensáveis aos estudos linguísticos. E na área linguística classificada como "lusitana" apenas existem três destes textos longos, dois dos quais passamos a analisar - sendo o terceiro, hoje perdido, de Arroyo del Puerco, Malpartida (Espanha).

Os documentos 1

Em Lamas de Moledo, Castro Daire - integrada em contexto habitacional romanizado, ainda identificável por materiais arqueológicos dispersos - sobre um rochedo granítico, já deslocado, encontra-se gravada uma inscrição já conhecida, pelo menos, desde o séc. XVII. Várias vezes transcrita e com bibliografia extensa (Vaz., 1993, p. 235), apenas no actual século teve uma primeira interpretação coerente (Balmori, 1935), a partir da qual têm sido propostas novas variantes. Com vários nexos, diz o seguinte:

RVFINVS ET / TIRO SCRIP / SERVNT / VEIAMINICORI / 5
DOENTI / AMVCOM / LAMATIGOM / CROVGEAL MAGA / REAICOL
PETRANIOI T (2) / 30 ADOM . PORCOM IOVEAL / CAIELOBRIGOL

Rufinus et Tiro scripserunt.

Veiaminicori doenti amucom (vel avucom, anucom, ancom)

lamatigom Crougeai Magareaicoi, Petranuoi tadom (2),
porcom loveai Caielobrigoi.

1 - Nem sempre é fácil criar unanimidade quando as leituras são dificultadas. por excesso de nesne ou destruições parciais. Assim, também a leitura destes dos documentos apresenta várias divergências que aqui se indicam resumidamente. Em Lamas de Moledo (com caracteres de altura vanando entre 5 e 10,5 cm.). 1 - o etnónimo, por paralelo com outro identico da região alpina. tem sido Veaminicori. quando, devido a existência de um nexo El deverá ler-se. Vetaminicon-2 - a forma amugom (acusativo), pelo nexo

existente, permite várias outras leituras - como anugom, avagom, angomdesconhecendo-se ainda qual o seu significado 3 - ainda que não seja uma opção pacífica, poderão ler-se com sonorização as formas amugom, lamatigom, Magareaigoi. porgom, e Caielobrigoi (Colmenero, 1993). 4 - no epiteto tópico Caielobrigoi (em dativo). optámos antenormentepela leitura Caielo-, em lugar de Caeilo- por ser mais vulgar aquela variante em antropónimos. todavia, é perfeitamente aceitável a forma Caeilocom inflecção céltica semelhante à do etnónimo, indicada em 1). No Cabeco das Fráguas fcom caracteres que variam entre 10 e 21 cm. de altura). 1 - a possibilidade de leitura Labbo (dativo). com labial geminada, em lugar de Laebo, foi por nos adiantada em visita ao local e depois indicada pelo Prof. Colmenero (1993, p. 47), devido a falha ia antiga na pedra. apesar disso, não deixará de relacionar-se com as formas teonimicas Laepo (dativo) apenas identificadas em aras do

mesmo local.

"Rufino e Tirão escreveram:
Os Veiaminos oferecem um (amucos, anucos?) lamático a
Crouga Magareaico, a Petrânio um (tados?), um
porco a Jóvea Caielóbrigo"

Apesar de diversas dúvidas interpretativas, principalmente na identificação dos animais oferecidos em sacrifício, identificam-se algumas divindades:

- Crongen, aqui com o epíteto Magareaicos, é um teónimo já conhecido de outras inscrições e com diferentes epítetos (Cronga Nilaigus em Freixiosa, Mangualde, Crongua Toudadigos em Mosteiro da Ribeira, Orense, e apenas Corongua em Minhotães, Barcelos), possivelmente com um étimo KronKa ("sepultura, pilha, monte de pedras"), tem paralelo na mitologia irlandesa onde Crundchi foi um dos maridos da multi-funcional deusa Maga, além disso, naquela mesma ilha céltica onde Lug era deus supremo, não faltava também uma "Caverna de Cruaga" que servia de passadiço para o "outro mundo",
- Petranios(7) é desconhecido até agora, necessitando-se uma nova identificação para confirmação de seu carácter teonímico;
- Jovra, se não for uma divindade realmente indígena, poderá ser o Jovis (Júpiter) latino,
 aqui com um epíteto tópico, Cadobrigiis, por ser um deus tutelar do próprio lugar Carlobriga, neste caso tratar-se-á indiscutivelmente de uma divindade suprema.
- No Cabeço das Fráguas, Pousafoles, Sabugal, a cerca de 1.000 metros de altitude, em eminência agreste habitada apenas alguns séculos antes, e num afloramento granítico ao nível do solo circundante (mas rodeado de rochedos mais elevados), foi gravada uma outra inscrição, de texto longo e numa língua designada convencionalmente por "lusitana". O povoado contemporâneo mais próximo ficava no sopé da serrania houve, portanto, a preocupação de buscar um local elevado para sacrificar aos deuses.

Esta inscrição é conhecida, pelo menos, desde o séc. XVIII. Apenas foi transcrita no século actual, com uma primeira interpretação do Professor António Tovar em 1967. Desde então, tem sido citada inúmeras vezes em estudos linguísticos.

A leitura, ligeiramente incompleta devido ao desaparecimento parcial das duas últimas linhas, é a seguinte

oilan Trebopala indi porcom Labbo, comaiam Iccona Loiminna, oilan usseam Trebarune indi taurom ifadem Rene (Tre. 3) "uma cordeira para Trebopala e um leitão para Labbo, uma vitela (?) para Iccona Loiminna, uma ovelha anata para Trebaruna e um touro de cobrição para Reua Tre(...?)"

Aqui, parece haver consenso não só quanto à identificação dos animais sacrificados como também das divindades indígenas invocadas:

- Trebopala conhece se apenas por esta inscrição e só muito recentemente foi apontada a sua correspondência à divindade védica, indiana, Vispala (Maggi, 1983), já que os radicais treb- e vis- de etimologia idêntica à forma latina vicus—, significam "aldeia", assim, como já antes havia sido indicado (Dumézil, 1958, 80), esta forma, composta, significará "a (deusa) Pala da aldeia";
- Labhus, corresponde provavelmente ao teónimo Lachus identificado em várias aras
 encontradas no povoado romanizado que existiu na base do Cabeço das Fráguas, apenas noutra região
 europeia, na ilírica Panónia Superior, se conhece o teónimo Laburus, como forma próxima,
- Іссона Laiminna, pelo radical icc-, poderá corresponder à divindade céltica Ерона (Gil, 1980, Maggi, 1983), identificada epigraficamente noutras regiões peninsulares, mas a sua condição de Івініння ("brilhante, cintilante") qualifica-a ideologicamente como divindade de um nivel superior,
- Trebarona, sob diversas formas (Trebarona, Trebarona, Trebarona,
- Resa [Tre. 2], que teria aqui um epíteto também de radical treb- (entre outros, de outros locais. Lanaucia. Manandigas, Languantarcus, etc.), além das regiões de Orense e Vila Real, este teónimo identifica-se predominantemente, mais uma vez, na região da Beira Interior e território espanhol próximo, como confirmação da sua qualidade de divindade indígena suprema, temos, entre outros elementos, duas inscrições votivas das proximidades da Serra do Larouco, junto à fronteira transmontana numa, de Baltar, Orense, dedica-se uma ara ao D(rus) Resa Laraucia, e noutra, de Vilar de Perdizes, Montalegre, outra ara é dedicada ao Laraucias D(eus) Maximus onde esta divindade, que ali escolhera o Larouco como morada, era considerado expressamente um "deus máximo".

As conclusões

Parece evidente que estes dois documentos dos séculos I/II d.C. se referem a duas teogonias distintas, o que implica a aceitação de duas realidades culturais diferentes. Se a divindade Couga com o epíteto Magareaicas, ou outro qualquer, aproxima ideologicamente as populações que a cultuam das gentes célticas que habitaram a "Ilha Sagrada" da Irlanda, as divindades treho-Pala e treh-Arana (2), por sua vez, aproximam quem as invoca de outras áreas culturais indo-europeias, não célticas, como a indo-iraniana (pelas divindades vis-Pálā, Abura e, possivelmente, Varana), a grega (com a deusa

Pallas), e ainda a latina (com a deusa Pales),

Os rituais aqui memorizados, vulgares entre os Indo-europeus, eram designados entre os Romanos por suoritaurilia, devido ao facto de se sacrificarem animais como o porco, a ovelha e o touro. Mas, nestes dois casos, não deixa também de ser interessante a possibilidade das divindades poderem estar ordenadas consoante aumenta a sua importância e atributos funcionais - o que constituirá um indicio mais de que estas populações possuíam uma mitologia e rituais idênticos aos que conhecemos através de outras populações indo-europeias (Dumézil, 1958).

Estes dois documentos reflectem ainda realidades culturais cristalizadas ao longo do 1º milénio a C., por populações suficientemente fortes para conseguirem não ser absorvidas e manter as suas ideologias e tradições. Ainda que sejam ambas indo-europeias, não têm a mesma origem imediatase uns chegaram à Península, eventualmente, no início do 1º milénio, os outros, seguramente, chegaram ainda durante a segunda metade do 2º milénio a C. -, e não se sabe ainda quais deles, posteriormente, foram chamados de Lusitanos!

Apesar do recurso a muitas e novas fontes documentais, com um simultâneo e notório desenvolvimento da investigação, neste dominio, durante as últimas três décadas, persistem ainda imensas dúvidas sobre a origem das populações que habitaram o território actualmente português durante o 1º milénio a C. Mas é provável que com a interpretação definitiva da chamada "escrita do Sudoeste" se consigam progressos consideráveis. De qualquer modo, o contributo das inscrições indígenas de Lamas de Moledo e do Cabeço das Fráguas é decisivo e inestimável.

Bibliografia

Autrenos, M. de L. (1983) - Teonimos Hispanos, Apendice In BLASQUEZ, J. M. Prositives miritiones shericas. Madrid vol. 2 Balwort C. H (1953) - Sobre la inscripción bilingue de Lamas de Moledo Emrito Madrid. 3 1-2, 77-119 BERKI C M. de M. (1986) - Lhe. civilization protobistorique du Sud du Portugal (ner Aar du Fer) Paris Boccard RODRICHEZ COLMENTRO, A. (1993) -Certus-Catalago de Inscripciones Rupestres de Freca Romana del Cuadrante Moroccidental As la Permuda Mérica La Coruña (Anexo de Lareuco, 1) CORREA J. A. (1989) - Possibles antropónimos en las inscripciones en escritura del SO (o Tartésica). Vilesa Vitária n. 243-252 CURADO F. P. (1989) - As inscrições indigenas de Lamas de Moledo (Castro Dane) e do Cabeço das Triguas, Pousafoles (Sabugal): doas teogonias, diferente etnogénese?. In Actas da I Colómio Arquiológico de Vism. 1988. Viseu. 349-370. Duneza, C. (1958) - Eldiologic imparite Jes Indo-European Braxelles (Colection Latomus 313 Gt. J. (1985) - Notas sobre el lusitano. In Actas del III Colóquio sobre Lengues y Culturus Palentisquareas. Lisbora. 1980 Salamanca Universidad de Salamanua p. 363-370 Macca, D. (1983) - Sui teonimo Trebopala e Iccona nell'inscrizione lusitana dal Cabeço das Fráguas. In-Problem di lingua e di cultura nel campa infemropiu Pisa, p. 53-60 Suva A C F (1986) - A cultura castreja ve Noveste de Portugul. Paços de Ferreira. Miseu Arqueológico da Citânia de Santins Towar A. (1964) - Tartesos en la historia y en la epigrafia. In Actes del II Cargura Españal de Estudios Classcos,

Lositaniens, In Actas del III Coloquia sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas, Lisboa, 1980: Salamanca: Universidad: de Salamanca, p. 227-253: 1º versão in Enules Celtiques, Paris, 11: 1966-67 237-268: VAZ, J. L. 1. (1993) - A Cantas de Viseu espaça e sociedade. Viseu

Madrid, 1961, p. 569-601.

TOVAR, A. (1985) - L'inscription du Cabeço das Fráguas et la langue des

Bases de subsistência em povoados do Bronze Final e da Idade do Ferro do território português. O testemunho dos mamíferos.

João Luís Cardoso

Introdução

O conhecimento das bases de subsistência dos habitantes do território português no decurso do Bronze Final e da Idade do Ferro, em particular no respeitante à componente provavelmente mais importante da sua alimentação - a carne, obtida de mamíferos, domésticos ou selvagens - é ainda muito deficiente. Para tal concorrem, entre outras causas, o pouco interesse que os arqueólogos têm atribuído aos restos osteológicos, quando exumados, no decurso de escavações situação que persistiu até época muito recente, a falta de interlocutores disponíveis ou com formação adequada para efectuarem tais estudos; e, enfim, as pouco propícias condições de conservação de tais restos, em consequência de solos agressivos, prevalecentes na larga maioria do nosso território. A década de 1980 corresponde ao surgimento de tais estudos entre nos, assistindo-se na actualidade à sua plena afirmação, não obstante, a informação disponível ser ainda demasiado fragmentária, é desde já possível fornecer uma primeira aproximação sobre as principais características da componente proteica da alimentação de alguns povoados do Bronze Final e da Idade do Ferro, tanto do Norte como do Sul do País, é esse o objectivo de este primeiro contributo, forçosamente provisório, espera-se que o prosseguimento deste tipo de estudos contribua para colmatar esta lacuna de conhecimentos, de

evidente interesse para o conhecimento global da economia das sociedades que, no decurso do final do 2º e em todo o 1º milénio a. C. habitaram o nosso território.

Bronze Final

O povoado da Tapada da Ajuda (Lisboa)

O primeiro estudo de índole arqueozoológica sobre um contexto habitacional do Bronze Final foi dedicado ao espólio ósseo exumado no povoado aberto da Tapada da Ajuda, Lisboa (Cardoso, 1986).

Apesar do número de restos ser reduzido, o espectro faunístico identificado era diversificado, estando representado pelo seguinte número mínimo de indivíduos

Ovis aries (ovelha) 3 jovens e 1 adulto;

Bos taurus (boi) 3 adultos/
Sus domesticus (porco) 1 subadulto;
Canis familiaris (cão) 1 adulto;
Cernus elaphus (veado) 1 adulto;
Oryctologus cuniculus (coelho) 1 adulto

Considerando o peso médio de cada espécie in vivo, verifica-se que a larga maioria das proteínas consumidas eram obtidas da carne de grandes bovídeos, que encontrariam férteis pastagens existentes na envolvência do povoado, e portanto condições de criação adequadas. O mesmo se dirá dos rebanhos de ovinos que ocupam o segundo lugar em termos de carne consumida e nos quais predominam indivíduos juvenis.

sugerindo uma criação destinada à produção de carne e certo desafogo económico. O cão, documentado por um indivíduo, explica-se como guardador de tais rebanhos. Os suídeos encontram-se fracamente representadostrata-se de um indivíduo doméstico, acentuando o carácter permanente e sedentário da comunidade que se fixou na suave encosta voltada para o estuário do Tejo, no decurso do século XIII a. C ou desde final do anterior (Cardoso, 1990, 1994, 1995a, b).

Neste contexto, predominantemente agro-pecuário e onde a produção intensiva de culturas



cerealiferas de sequeiro desempenhavam importante papel, que ultrapassaria largamente as necessidades de esta pequena comunidade, a caça manifesta-se apenas vestigialmente; encontra-se representada por restos atribuíveis a Cereus elaphas, cuja presença na região seria já escassa, e eventualmente pelo coelho, que julgamos ainda não domesticado.

Três povoados do Bronze Final da Beira Baixa: Alegrios, Moreirinha e Monte do Frade
No decurso das escavações dirigidas por R. Vilaça nestes três povoados da Beira Baixa (os
dois primeiros do concelho de Idanha-a-Nova, o último do concelho de Penamacor), obtiveram-se
alguns, escassos, restos faunísticos cujo estudo e respectivas conclusões foram publicadas (Antunes

alguns, escassos, restos faunísticos cujo estudo e respectivas conclusões foram publicadas (Antunes, 1992, Vilaça, 1992). O espectro faunístico correspondente à globalidade dos três arqueossítios (tendo presentes, no entanto, a sobre-representação do Bos faunis em Monte do Frade devido à abundância de

esquírolas ósseas que lhe foram atribuídas) é o seguinte:

- Bos taurus é predominante, em termos de carne consumida. Com efeito, em Alegrios e Moreirinha obtiveram-se as percentagens para a espécie de 30,2% e de 22,2%, respectivamente, sendo de 69,8% em Monte do Frade pelas razões expostas. Tal conclusão é justificada, admitindo que um bos de raça não melhorada, como a dos presentes exemplares, pudesse equivaler (Antunes, 1991) a sete cabeças de ovelha ou a nove de cabra;

 - Capra hircus (não se documentou a ovelha) é o segundo táxone em termos de carne consumida, não obstante corresponder-lhe o maior número de restos em Alegrios (52,6%) e Moreirinha (66,7%).

 Enfim, o porco doméstico (Sus domesticas) pode considerar-se de importância secundária, face aos dois grupos referidos: corresponde-lhe, apenas, 17,2%, 7,4% e 2,3% dos restos em Alegrios, Moreirinha e Monte do Frade, respectivamente.

O espectro faunístico descrito, dominado por animais domésticos, configura uma situação muito idêntica à identificada na Tapada da Ajuda. Tratar-se-ia, como ali, de pequenas comunidades sediadas em permanência, nos respectivos povoados, ao longo de todo o ano, assentando as bases de subsistência, ao nível da componente proteica da alimentação, no pastoreio de rebanhos de bovinos e de caprinos, estes melhor adaptados a solos mais pobres e pedregosos, existentes na região.

É interessante assinalar que tal modelo pouco difere do identificado no Bronze Pleno da Beira Alta, porém, aqui, a cabra é substituída pela ovelha (Cardoso et al., 1995).

Castro do Coto da Pena (Vilarinho, Caminha)

Deste povoado de altura, provém um pequeno conjunto osteológico exumado nas escavações ali dirigidas por A. Coelho Ferreira da Silva em 1982. Encontra-se presentemente em estudo pelo signatário. Pode, no entanto, desde já salientar-se o carácter exclusivamente doméstico do espectro faunístico, integrando Bos tauras (boi doméstico), Ovis aries (ovelha) e Sus domesticos (porco). A representatividade numérica do conjunto possibilitará outras considerações que as de momento apresentadas.

Idade do Ferro

O Sul do País

Os conjuntos da Idade do Ferro até ao momento estudados provèm exclusivamente de povoados, com exepção do recolhido no santuário do Garvão, do século III a. C. Por esse motivo, poderá não reflectir o aprovisionamento de came daquelas populações, não sendo, desta forma, considerado no presente estudo.

Para o Sul do País, e especialmente para a zona ribeirinha do Atlântico, perfilhamos, como outros (Silva et al., 1980/81), um faseamento tripartido da Idade do Ferro, sempre fortemente influenciada por estímulos mediterrâneos, embora de diversa origem. Assim, a 1º Idade do Ferro seria fortemente marcada por influências orientalizantes, correspondentes à presença e/ou actividade de comerciantes fenícios. Correspondem-lhe os séculos VIII - VI a. C. A 2º Idade do Ferro, cronologicamente do século V ao III a. C., seria influenciada pelo comércio púnico, dando lugar à 3º Idade do Ferro, coincidente com a emergência e afirmação dos produtos da península itálica concomitantes com o poderio de Roma na Península.

Restos da 1ª Idade do Ferro

Rocha Branca

A Rocha Branca é um pequeno morro dominando da margem direita o curso inferior do rio Arade. Corresponderá a um estabelecimento fenício (Gomes, 1993). Os restos osteológicos estudados provém dos níveis inferiores do sítio, datados pelo 14C entre o século VIII e o século VI a. C.

Os 199 restos de grandes mamíferos (incluindo Lagowarpha) identificados distribuem-se pelos seguintes táxones (Cardoso, 1993):

Bos taurus	66
Capra/Onis	35
Sus sp.	20
Cervus elaphus	15
Equies asimus	40
Canis familiaris	13
Oryctolagus cuniculus	10

O conjunto representa um número reduzido de indivíduos, prova disso é o facto de os 40 restos de E. asinas corresponderem, apenas, a um indivíduo, representado sobretudo pelos ossos do crânio e respectivos dentes.

A distribuição anatómica das peças ósseas parece sugerir que, enquanto ovinos e caprinos se destinavam, sobretudo, a consumo local - o mesmo acontecendo com os suídeos e o veado, o boi doméstico seria, sobretudo, para a produção de came para exportação. Tal conclusão é apoiada pela nitida escassez de peças do esqueleto axial, ou dos ossos dos membros correspondentes ao maior

volume de carne, em contraste com os ossos da cabeça (incluindo dentes) e das extremidades dos membros. Com efeito, os terrenos adjacentes da Rocha Branca reuniam condições propícias à existência de pastagens, adequadas à bovinicultura.

Neste contexto, a caça assumiria um papel secundário: praticar-se-ia a do veado e do javali. Com efeito, a maioria dos restos de suídeo são reportáveis a javali, sem no entanto, outros, pelas dimensões, poderem deixar de pertencer a animais domésticos ou estabulados. O cão merece referência especial. Os 13 restos identificados pertencem a um único indivíduo (13 vértebras). Uma delas ostenta uma marca de corte (cut mark) indicio de que o exemplar teria sido consumido (Cardoso, 1993, Est. I, nº 8). Tal prática, era, de facto, bem conhecida dos Fenícios.

O burro doméstico é outro táxone cuja presença deve ser relevada. Os 40 restos ósseos pertencem, quase todos, à cabeça de um indivíduo masculino e adulto. O contexto respectivo (uma lixeira) sugere, também, animal consumido.

Abul (Alcacer do Sal)

Trata-se de um estabelecimento fenicio, situado em uma pequena península da margem direita do estuário do Sado. A tipologia dos materiais exumados indica toda a segunda metade do século vii a. C (Mayet & Silva, 1994)

Os 202 restos de mamíferos identificados, recolhidos nas campanhas de 1993 e 1995, repartem-se pelos seguintes táxones

Bos taurus	40
Capra/Ovis	48
Capra hircus	5
Ovis aries	8
Sus sp.	26
Cervus elaphus	6
Oryctolagus cuniculus	69

Uma primeira evidência é a da presença de numerosos restos de indivíduos juvenis ou subadultos, em todas as espécies (identificadas exceptuando-se o veado). Nestas, predomina largamente o boi, estando presentes segmentos de todas as partes do esqueleto, ao contrário do verificado na Rocha Branca. A abundância desta espécie explica-se, tal como ali, pelas características adequadas da região à bovinicultura, os ovinos e caprinos (cujos restos, nalguns casos, permitiram destrinça, com ligeira predominância da ovelha) seguem-se em termos de carne consumida, sucedidos pelos suídeos. Nesta Família, reconheceu-se seguramente o javali, pela existência de indivíduos de tamanho compatível com a espécie, outros, de menores dimensões, poderão pertencer a porco doméstico. As espécies caçadas estão, ainda, representadas pelo veado, os escassos restos identificados mostram a pouca importância das actividades cinegéticas na dieta alimentar destas populações (tal como na Rocha Branca), não obstante o veado ser certamente abundante, nos bosques de caducifólias.

Em qualquer das espécies identificadas, todos os segmentos anatómicos se encontram

representados em proporções harmónicas, sugerindo abate e consumo no local.

Almaraz (Ahnada)

O estabelecimento fenício do Almaraz, Almada (Cardoso, 1995 b) situa-se em uma pequena plataforma, na extremidade de um esporão rochoso, dominando o estuário do Tejo e uma pequena enseada, situada na sua base, propícia a ancoradouro ou mesmo à acostagem de embarcações, como hoje sucede. O espólio exumado em uma fossa de acumulação de detritos situada na referida plataforma - de onde se destacam os quase 2000 fragmentos de cerámicas de verniz vermelho, o mais importante conjunto até ao presente estudado em Portugal - fazem atribuir aquela ocupação ao final do século VII e a todo o século seguinte (Cardoso, 1990, Barros et al., 1993)

Na escavação dirigida por L. de Barros, A. Sabrosa e Vítor Santos, em 1988, os 339 restos de mamíferos identificados repartem-se pelas seguintes espécies.

Bos taurus	125
Capea/Ovis	275
Sus scrofa	2 (24)
Equus caballus ou E. asinus	1
Cervus elapbus	1
Oryctolagus cuniculus	13

A distribuição apresentada merece alguns comentários. Em primeiro lugar, a dominância da fauna doméstica, dentro desta, o boi doméstico. Depois, a extrema raridade de suídeos, contrastando com o verificado nos casos anteriores, aqui apenas representados por dois restos de javali (embora um deles corresponda a mandíbula completa). Enfim, o resto de equídeo identificado corresponde a uma mandíbula, sempre que se possa discriminar ao nível específico, pois foi mantida no corte tendo, entretanto, desaparecido. Não se observaram discrepâncias quanto à distribuição dos ossos por segmentos anatómicos o que indicia, como em outros casos, o abate e aproveitamento integral dos animais no local.

Castelo de Alcácer do Sal

O morro onde se ergue o Castelo de Alcácer do Sal foi ocupado desde a Pré-história recente. No início da Idade do Ferro (2º metade do século VII a. C), o povoado indígena ali instalado mantinha importantes relações comerciais com os Fenícios, como se comprova dos materiais importados exumados nas camadas 9 e 10 (Silva et al., 1980/81)

O escasso conjunto faunístico recolhido nas camadas 9 e 10, coevas da época fenícia de ocupação do local, apresenta a seguinte distribuição (escavações dirigidas por C. Tavares da Silva em 1979 e 1980).

Bos taurus	2
Sus sp.	3

Capra/Ovis	- 4
Ovis aries	1
Cerous elaphus	1
Oryctolagus cuniculus	- 6

A distribuição dos restos estudados por espécies aponta para uma diversidade da dieta alimentar das respectivas populações. Estão presentes as principais espécies que integram os conjuntos, mais numerosos, de outras estações. Como restos, evidencia-se a dominância do boi doméstico, ao nível do consumo proteico, especialmente se for considerado o peso do animal vivo. A caça está documentada pelo veado (metatársico direito), pelo coelho, a aceitarmos que se trata de animais selvagens, e talvez pelo javali.

Foi possível fazer atribuir a ovelha uma extremidade articular distal de fémur esquerdo, de indivíduo juvenil, não soldada à diáfise. A ovi-caprino indeterminado pertence um pequeno astrágalo, fortemente afeiçoado por polimento, transformando-o em dado de jogo ("ossinho"). Enfim, os suídeos encontram-se representados por uma terceira falange de pequeno tamanho (animal doméstico) e por um fragmento de maxilar esquerdo de juvenil, com porções do D\3 e do D\4 estaladas pelo fogo, de tamanho compatível com javali (exemplares de comparação do concheiro mesolítico do Cabeço da Arruda, Muge, Colecções do Instituto Geológico e Mineiro).

Alcácova de Santarém

O morro onde se implanta o castelo de Santarém domina todo o curso inferior do Tejo, do alto da sua encosta direita. As escavações conduzidas na década de 1980 possibilitaram a recolha de espólio de importação oriental, dos séculos viii a vi a. C (Arruda, 1993 e informação pessoal), fazendo corresponder ao local um aglomerado indígena (lugar central), propício à articulação do comércio trans-regional e à troca de produtos de origem local ou regional por outros, oriundos do comércio tenício. Os materiais osteológicos estudados situam-se entre aqueles dois limites cronológicos.

As 106 peças ósseas recuperadas e identificadas provenientes das escavações dirigidas por A. M. Arruda em 1989 na estação em epígrafe distribuem-se do seguinte modo:

Bos taurus	25
Capra/Ovis	40
Capra bircus	6
Ovis aries	3
Sus sp.	21
Cerpus elaphus	10
Oryctologus cuniculus	1

O conjunto evidencia a predominância, tal como todos os anteriormente estudados, do boi doméstico, em termos de carne consumida. Seguem-se, quase em igualdade de importância, os ovicaprinos e os suídeos, estes representados apenas seguramente pelo javali (de dimensões idênticas a exemplares mesolíticos da mesma região, do Cabeço da Arruda, incluindo alguns fragmentos de caninos superiores e inferiores). A fauna caçada encontra-se ainda representada pelo veado, por número de restos que colocam a espécie logo atrás dos dois grupos anteriores. Enfim, o único resto de coelho, talvez igualmente caçado, denotará não tanto a sua raridade na região mas sobretudo a técnica de recolha utilizada.

Uma apreciação de distribuição das peças identificáveis conduz à conclusão de que todos animais, domésticos ou selvagens, teriam sido consumidos integralmente no local.

No Quadro 1 apresenta-se a distribuição dos restos identificados de grandes mamíferos por espécie e por estações. Neste estudo, por limitação do espaço, não se procederá a outras considerações de índole arqueozoológica, como a idade de abate ou captura dos animais, as marcas de desmanche que alguns dos ossos ostentam, incluindo padrões de partição dos ossos longos, ou vestígios de práticas culinárias conservadas na sua superfície. Por tal motivo não se estabelecerão também comparações com conjuntos homólogos já objecto de publicação de estações coevas do litoral meridional da Península Ibérica.

Quadro 1 - Distribuição dos restos de grandes mamíferos

	Rocha		Alcácer		Alcáçova de
	Branca	Abul	do Sal	Almaraz	Santarém
Bos taurus	66 (33,2%)	40 (19,8%)	2 (14,3%)	125 (36,9%)	25 (23,6%)
Capra/Ovis	35 (17,6%)	48 (23,8%)	1 (7,1%)	275 (81,1%)	40 (37,7%)
Capra hirus		5 (2,5%)			6 (5,7%)
Ovis aries		8 (4,0%)	1 (7,1%)		3 (2,8%)
Sus scrofa/domesticus	20 (10,1%)	26 (12,9%)	3 (21,4%)	24 (7,1%)	21 (19,8%)
Cerous elaphus	15 (7,5%)	6 (3,0%)	1 (7,1%)	1 (0,3%)	10 (9,4%)
Equus caballus/asimes	*40* (20,1%)		1 (0,3%)		
Canis familiares	13 (6,5%)				
Oryctologus cuniculus	10 (5,0%)	69 (34,2%)	6 (42,9%)	13 (3,8%)	1 (0,9%)
Total	199	202	14	339	106

Os resultados permitem evidenciar as seguintes conclusões gerais:

1 - Nítida predominância, em termos de carne consumida, dos grandes bovídeos domésticos, em todas as estações estudadas, sem que se vislumbrem diferenças significativas entre os povoados indígenas (14,3% e 23,6%) e os estabelecimentos considerados fenícios (33,2%, 19,8% e 36,9%).

A predominância de grandes bovídeos na componente proteica da dieta alimentar salienta o carácter estável e sedentário das respectivas populações;

2 - Ovelhas e cabras estão sempre presentes, mesmo quando não foram discriminadas com base na respectiva morfologia óssea: nos casos em que se procedeu à referida separação, os resultados não sugerem estratégia dirigida para a criação de qualquer das espécies em particular;

- 3 Os ovi-caprinos partilham, em termos de carne consumida, o segundo lugar, no conjunto dos grandes mamíferos, a par dos suídeos. Porém, a importância relativa dos dois grupos varia: é interessante salientar que é nos povoados indígenas onde se verificam as maiores percentagens destes últimos, embora nos estabelecimentos fenícios estejam sempre presentes. A dificuldade de separar o javali do porco doméstico, cuja biometria se sobrepõe, foi nalguns casos ultrapassada, comprovando-se a coexistência de ambos os táxones.
- 4 Outra espécie sempre presente é o veado, embora invariavelmente em importância inferior aos grupos anteriormente mencionados. Nalguns casos (Almaraz), os escassos restos identificados podem explicar-se mais por raridade da espécie nos biótopos adjacentes do que por deliberada ausência de actividade cinegética. Sem ter em consideração este caso, parece não existirem diferenças significativas na intensidade da prática cinegética entre povoados indígenas e estabelecimentos fenícios, tendo, no entanto, presentes, a pouca importância numérica dos restos, nalguns casos, que limitam a representatividade das conclusões,
- 5 O coelho é outra das espécies sempre presentes, embora em quantidades muito variáveis. Nuns casos, admitimos que a técnica de colheita possa ter justificado a sua baixa presença, porém, mesmo nos casos em que a espécie ocorre em quantidade apreciável (Abul e Alcácer do Sal), o pequeno peso do animal jamais lhe confere papel de relevo em termos da carne consumida. Não dispomos, por outro lado, de elementos decisivos quanto ao carácter doméstico ou selvagem da espécie.
- 6 Outras duas espécies, embora vestigiais, revestem-se de grande interesse. Trata-se do burro, cuja presença foi anteriormente demonstrada na Rocha Branca (Cardoso, 1993) encontrando-se, talvez, também presente no Almaraz e do cão doméstico, identificado apenas na primeira das refendas estações, onde teria sido consumido, como sugere uma marca do corte conservada em corpo vertebral. O burro é considerado de introdução fenícia na Península Ibérica, neste contexto, a sua ocorrência na Rocha Branca vem estender ao território português a sua distribuição, em época centrada no século VII a. C.

Restos da 2ª Idade do Ferro

Castelo de Alcáces do Sal

Apenas um arqueossítio foi até ao presente estudado em pormenor no que concerne à presença de restos de grandes mamíferos: trata-se do Castelo de Alcacer do Sal (Silva et al., 1980/81)

Os 51 restos exumados nas camadas 8 e 7, correspondentes à Fase IV da ocupação do local, distribuem-se pelos seguintes táxones:

Bos taurus	16
Sus sp.	4
Capra/Ovis	24
Ovis aries	1
Cervus elaphus	3
Oryctolatus cuniculus	3

Trata-se de associação nitidamente dominada pelo boi, correspondendo-lhe a larga maioria do peso da carne consumida (relembramos a já referida proporção de 7 cabeças de ovelha ou de 9 de cabra para uma de boi doméstico).

Os ovi-caprinos ocupam o segundo lugar. É de salientar que os suídeos (pertencentes indiferenciadamente a porco e a javali: a separação é difícil atendendo à falta de peças características e à sobreposição dimensional dos dois táxones) têm uma importância na alimentação idêntica ou, mesmo, inferior à do veado, denotando actividade cinegética importante, por certo favorecida por biótopo propício à existência da espécie, nas vizinhaças do povoado.

Outros arqueossítios

٠

Mesas do Castelinho (Almodôvar) forneceu aos recentes investigadores deste povoado de altura fortificado do Baixo Alentejo (Carlos Fabião e Amílicar Guerra), importante conjunto faunístico, situável entre os séculos v e III a. C (informação pessoal de C. Fabião, que agradecemos), actualmente em estudo. Como resultados preliminares, salienta-se como seria de esperar atendendo aos resultados já apresentados, a predominância do contributo de Bos taniris na dieta alimentar ocorrendo, subordinadamente, ovi-capriños (cabra seguramente identificada) e suídeos. O veado está também presente, tal como em outros conjuntos faunísticos da Idade do Ferro do Sul do País.

A baixa lisboeta proporcionou recentes e importantes descobertas no subsolo do edifício do Banco Comercial Português, na Rua Augusta (escavações dirigidas por Clementino Amaro). O espólio faunístico exumado encontra-se em estudo e pode ser reportado, globalmente aos séculos V - III a. C (C. Amaro, informação pessoal). De forma preliminar, pode registar-se a predominância, de forma ainda mais acentuada que nos casos anteriores, dos grandes bovídeos na dieta alimentar destas populações citadinas.

Ainda inscrito na área cultural meridional do País, encontra-se o povoado de Santa Olaia (Figueira da Foz), cujas escavações foram retomadas por Pereira (1993). A ocupação deste importante arqueossítio ter-se-ia iniciado na 1º Idade do Ferro, tendo-se porém prolongado pela 2º Idade do Ferro. Os materiais exumados, tanto nas escavações antigas, como nas modernas, encontra-se em estudo. Identificaram-se os quatro grupos taxonómicos usuais. bovídeos, ovi-caprinos, suídeos e cervídeos.

O Norte do País

O Norte do País, ocupado em boa parte por rochas e solos ácidos delas derivados, não olerece condições propícias à conservação de restos ósseos. O seu registo é, por isso, execepcional, apesar dos numerosos povoados investigados nesta região.

Cividade de Terroso (Pópoa de Varzim)

Trata-se, até ao presente da única associação faunística recuperada em contexto habitacional (um concheiro doméstico), de cronologia ulterior ao século III a. C (Silva, 1986).

O conjunto, muito escasso, não permite considerações de carácter estatístico, baseadas na distribuição percentual das espécies presentes. A tendência observada, tendo presentes tais limitações, é a de considerar predominamente o contributo dos grandes bovinos na alimentação estando, ainda, presentes os ovi-caprinos.

Bibliografia

ARRUDA, A. M. (1993) - A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenicia para a fachada atlântica peninsular Estudos Orientais. Os fenicios no território português. Lisboa, 4, 193 - 214. ANTUNES, M. T. (1991) - Restoy de animais no Castelo de Silves (séculos VIII - XI. Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto islâmico. Estudos Oriestas: Lisboa 2 41 - 74 ANTUNES, M. T. (1992) - Povoados do Bronze Final da Beira Baixa - Alegnos Moreirinha e Monte do Fradeelementos arqueozpológicos Commbrage Coimbra 31, 31, 38 BARROS, L. de. CARDOSO, J. L. SABROSA, A. (1993) - Fenicios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado do Almaraz - Almada, Emides Orientari, Os. fenícios no território português. Lisboa, 4, 143-181. CARDOSO, J. L. (1990) - A presença oriental no povoamento da Idade do Ferro na região ribeinnha do estuário do Tejo. Estudos Ovintais. Lisboa. 1. 119-134 CARDOSO, J. L. (1993) - Contribuição para o conhecimento da alimentação em contexto fenício. Estudo dos restos da Rocha Branca (Silvey) Estudos Onestali. Os fenicios no território português Lisboa 4 109 - 126

CARDOSO, J. L. (1994) - Comentário ao sitto arqueológico da Tapada da Ajuda, In Lisboa Subternitura, Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia. Milão Electa p. 106 Catálogo CARDOSO, J. L. (1995) - O povoado da Idade do Bronze da Tapada da Asuda. In A Idade do Brosze en Portugal, Discursos do Poder, Lisbon, IPM, p. 48. CARDOSO, J. L. (no prelo) - O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. Conindruta Combra. 34.* CARDOSO, J. L. [er al.] (1986) - A jazida do Bronze Final da Tapada da Ajuda Revista Municipal Lisboa S.2. 15 13 - 18 CARDOGO, J. L., SENNA-MARTINEZ, J. C de VALERA A C (1995) - Um indicador económico para o Bronze Pleno da Beira Alta: a fauna de grandes mamiferos da Unidade Estratigráfica da "Sala 20" do Buraco da Moura de S. Romão (Concelho de Seia). In Actas da 1º Rumião do Quaternário Ibérico. Coimbra, 1993, p. 457-460. GOMES, M. V. (1993) -O estabelecimento fenicio-púnico do Cerro da Rocha Branca (Silves). Estudes Orientais Os fenícios no território portugues Lisboa 4 73 - 107 MAYET, F., SILVA, C. T. da (1994) -L'établissement phénicien d'Abul (Portugal). Académie des Inscriptions et Belles-Letters Comptes-Rendus Paris. 171 - 188 PERHRA, I. (1993) - Figueira da Foz. Santa Olaja, Estudos Orientois, Osfenicios no território português. Lisbox 4, 285 - 304

Silva, A. C. F. (1986) - A cultura cautina no Norveste de Portugal. Paços de Ferreira. Museu Arqueológico da Cutánia de Santins.

Silva, C. T. da [et al.] (1980/81) - Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal. Smibal Arqueológica Setubal. 6/7. 141 - 218.

VILAÇA, R. (1992) - Integração cultural dos restos faunisticos de três povoados do Bronze

Final da Beira Baixa. Connelinga.

Coimbra. 31. 5 - 29

Catálogo

De Ulisses a Viriato

Após a guerra de Tróia, que, segundo os autores antigos, data de 1184 a.C., os heróis gregos regressaram a seus palácios. Ulisses, porém, andou errante no mar por muitos anos e, no decurso de suas viagens, teria fundado Lisboa, no fundo fim do mundo conhecido.

São lenda as errâncias do herói, como são mito, também, as façanhas de Héracles no Ocidente: nas terras do gigante Gérion, a quem roubou os gordos rebanhos, e no Jardim das Hespérides. Lenda ainda a vinda de outros gregos, os Amphiloci e os Heleni, que se teriam estabelecido na Galiza. Mas lendas e mitos têm fundo de verdade e, neste caso, recordam antigas viagens de Fenícios e de Gregos às mais distantes praias da Europa, viagens atribuídas pelos autores antigos aos fins do 2º milénio a.C.

De Ulisses a Viriato pretende evocar o Portugal a que o herói grego teria aportado, não o Portugal dos mitos, mas o país real, com suas aldeias, seus casais, suas alfaias, seus ritos. Conduz-se a história ao longo do 1º. milénio a.C., até às guerras de Romanos contra Lusitanos, guerras de que Viriato foi caudilho.

Um país disperso, com diversas etnias e diferentes culturas, acabou por ser politicamente reunido e confirmado pelos Romanos.

Plinto 1

Um guerreiro calaico

Na viragem do 2º, para o 1º, milénio a.C., em Portugal, vivia-se o que se chama o período do Bronze Final.

Na primeira metade do séc. VIII a.C. (800-750), os Fenícios estabeleceram colónias e feitorias no Sul de Espanha. O surto de desenvolvimento que daí adveio marca o começo da 1ª Idade do Ferro, que se estende até meados do séc. V a.C.. Começa então a 2ª Idade do Ferro, que decorre até à integração do nosso território no Império Romano.

A fazer fé nos autores antigos, o domínio do povo do Lácio teria trazido paz e prosperidade a um país em que a guerra e o roubo eram, por míngua de recursos, constantes. A Arqueologia não confirma inteiramente esse estado endémico de guerra e deixa até supor, para a maior parte do milénio e do território, uma vida pacífica. A guerra trouxeram-na, no final do milénio, os Romanos, aos quais se opuseram Lusitanos e Calaicos.

As estátuas de guerreiros calaicos representam o aspecto, o trajo e o armamento desses intrépidos combatentes que, não querendo cativa a sua terra, acabaram todavia por ceder à força das legiões.

1

Granito

Estátua de guerreiro calaico

207X64 EW Outrio Lezenbo Campas, Boticas, Villa Real 2- Idade do Ferro Monólito esculpido com a representação de uma figura de guerreiro, erecto e em posição de parada. Apresenta-se vestido com "sagum", com decote em V e manga curta, cingido por um cinturão com 4 nervuras paralelas. A cabeça é proporcionada, exibindo um cabelo curto e deixando livres as orelhas, barba e bigode. Ostenta as seguintes armas: "caetra" redonda e plana, com umbo, com decoração de tipo "labirinto", segura na mão esquerda com correias cruzadas no antebraço, e na mão direita empunha um punhal triangular curto, com pomodiscoidal, introduzido numa bainha com conto de perfil circular e linhas tansversais de possíveis travessas. Usa no pescoço um "torque" com aroaberto e em cada braço uma "viria" de três toros. VASCONCELOS, 1903, 1913, PARIS, 1903,

MACHADO, 1964; SILVA, 1986

Museu Nacional de Arqueologia Nº E. 3397



Vitrine I

Os casais e as aldeias da Idade do Bronze Final

Na Idade do Bronze Final, grande parte da população vivia em casais, dispersos pelos campos. O casal de Neves II (Castro Verde) é um exemplo. Duas cabanas ovais, feitas de materiais vegetais, numa delas sobre baldrame de xisto, dariam abrigo a uma família, que viveria de explorar as terras em redor. Economicamente, os casais seriam auto-suficientes, mas tinham de integrar-se em redes, se não económicas, pelo menos sociais, quanto mais não fosse, para trocarem cônjuges. As habitações de Neves II têm

As habitações de Neves II têm paralelo na Tapada da Ajuda (Lisboa), que, mais do que um casal isolado, parece ser uma pequena aldeia de habitações dispersas.

1

Elementos denticulados de foice (foice reconstituída)

Silex (origina local), marleira

11 cm

Parcoalo da Tapada da Ajuda

Ajuda, Lishor, Lishaa

Branze Final.

Reconstituição de fosce, sobre suporte moderno
de madeira, onde foram aplicadas lasças
denticuladas, em silex, exibindo o característico
"lustre de cereal" resultante do seu uso.

CARCIOSO et al., 1980/81, 1986

Câmara Municipal de Oeiras. N° TA 83

2/6

3 lascas denticuladas elementos de foice

Siler

1,3x3,3x1,2 cm (a maior)

Porsado da Tapada da Anda

Anda, Lisboa, Lisboa

Brenze Final

Cinco elementos de foice, em silex, denticulados

Utensilios sobre lascas de silex, retocadas num

dos bordos, para obtenção de um gume.

CARDOSO et al., 1980/81, 1986

Câmara Municipal de Oeiras. Nº TA.83 A

7

Brunidor-alisador

Sexo de quartzito

6, 832,532,2 cm

Porondo da Tapada da Ajuda

Ajuda, Lisboa

Bronze Final

Brunidor-alisador sobre seixo de quartzito, de
forma subovalada, utilizado provavelmente no
afagamento das superfícies dos recipientes
cerámicos.

CARDOSO et al., 1980/81, 1986

Câmara Municipal de Oeiras. Nº TA 83 B



Fragmento de vaso

Ceràmica
27,5x23 cm
Povondo da Tapada da Ajuda
Ajuda Lisboa Lisboa
Brouze Final
Fragmento de grande vaso de ceràmica, em
forma de tonel, apresentando uma pequena asa
simples, sobre o bordo.
CARDOSO et al., 1980/81, 1986
Cimara Municipal de Oeiras. Nº TA 84



1/2/3/4/5/6

q

Fraquento de vaso

Cridenta
(coz.) cm
Poenado da Tapada da Ajuda
Ajuda Lisboa, Lisboa
Breeze Final
Fragmento de bondo de grande vaso de
armazenamento, com uma pega com perfuração
vertical
Curdoso et al., 1980/81, 1986
Câmara Municipal de Oeiras N° TA 84 A

10

Armito

Molde de fundição de lâmina de foice

20,3x15x7 cm
Casal de Rocanes
Sistra, Sintia, Lishou
Beorar Final
Molde de fundição para foices "tipo Rocanes",
em arenito, de cor vermelha-alaranjada-rosada,
característica da rubefacção
Comyn, 1985
Museu Nacional de Arqueologia N° 10808

Fragmentos de cerâmica com ornatos brunidos

Craimica

e3.426,7 cm

Poroade de Noies II

Sta Barbara de Padróes, Castro Verde, fleya
Bronze Final

Fragmentos de vasos carenados em cerámica de pasta grosseira e de cor castanha escura, decorados, interna e externamente, com ornatos brunidos.

MAIA, Mª, 1986, MAIA, Mª e M., 1986

SOMENCOR - Sociedade Mineira de Neves-Corvo, S.A.R.L. Nº 1/NII

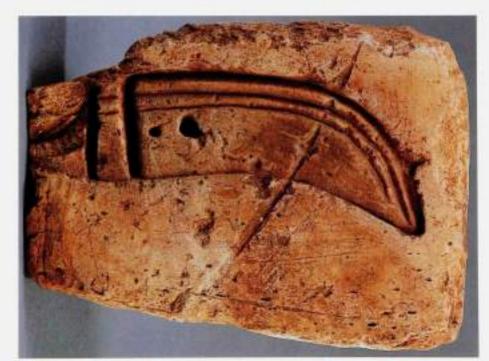
12/13

Dois punhais de tipo "Porto de Mós"

Bronze
Maior 22.9x2.1 cm
Povoafo de Neres II
Sta Bárhara de Padrões. Castro Verde, Beja
Bronze Fosal
Dois punhais em bronze, do tipo "Porto de Mós",
um dos quais fragmentado em duas partes e
apresentando um furo de encabamento no talão,
de lâminas longas e de contorno sub-triangular.
MAIA, M*, 1986, MAIA, M* e M, 1986
SOMINCOR - Sociedade Mineira de NevesCorvo, S.A.R.L... N° 2/NII



12/13



10

Vitrine 2

Os povoados de altura

Para além dos casais dispersos, unifamiliares, de que Neves II é exemplo, havia, no Bronze Final, também povoados de múltiplos fogos instalados no cimo dos montes. As razões que motivaram o agrupamento das populações em aldeias assentadas em colinas ou montes não são claras. Nem temos ainda uma ideia exacta se essa tendência para a formação de aldeamentos de altura se verificou. em todo o território actualmente português, ao mesmo tempo. Os primeiros povoados de altura, na Beira Baixa, parecem atribuíveis ao séc XIII ou XII a C. No Entre Douro e Minho, as datas de C14 situam-nos no séc. X ou IX, mas talvez a calibração dessas datas permita encarar um povoamento mais antigo.

No Norte e Centro de Portugal, os povoados de altura, de que S. Julião (Vila Verde) é exemplo, são pequenos, de 50 a 250 habitantes. No Sul, surgem povoados maiores, como Outeiro do Circo (Beja) ou Coroa do Frade (Évora), para os quais podemos admitir uma população da ordem dos 2000 habitantes.



Pacaro

Cerámica 6.386.7 cm Percendo de S. Julião Vila Verde, Vila Verde, Braga-Brouge Final - six. XI/X - VIII at C Púcaro de cerámica, de pasta negra, perfil em S. fundo plano, bordo extrovertido; com uma asa. MARTINS, 1985, 1986, 1988 Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa Nº 690-93

Pácaro

Cerámica (Löxidesen Provado de 5. Julião. Vila Verde, Vila Verde, Braga-Bronze Final - sex. XI/X -VIII a.C. Púcaro em cerámica de pasta negra, perfil em S. fundo plano, bordo extrovertido, com uma asa. MARTINS, 1985, 1986, 1988 Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa Nº 439-92

Vaso trigeminado

Ceribnica 17,484 cm Peroado de S. Julias Vila Verde, Vila Verde, Braza Bronze Final - sec XI/X -1/III a C Vaso composto por 3 pequenas taças de cerâmica, unidas e convergentes. Pasta negra e superfícies alisadas. Apresentam dupla carena e fundo umbilical. De função votiva MARTINS, 1985; 1986, 1988 Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa Nº 1572-91



Cerdonica CHARGO WORK Persade de S. Julião Vila Verde, Vila Verde, Brasa Browze Final - v6: XVX-VIII a.C. Taça carenada, em cerámica, de pasta negra e superfície alisada. MARTINS, 1985, 1986, 1988 Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa Nº 2026-91

Taça

Cerdonca 13,786 cm Poosado de S. Julião Vila Verde, Vila Verde, Brasa Browze Final - sic XVX-VIII a C Taca carenada em cerámica. Pasta negra e superfície alisada. MARTINS, 1985, 1986, 1988 Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa Nº 1572-91







6 Uma

Crateria
12,4xe, e cre
Povoule de S. Julião
Vila Verde, Vila Verde, Braga
Brocze Final
Ulria em cerámica, encontrada no interior de
uma hosa provavelmente sepulciral.
MARTINS, 1985, 1986, 1988
Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de
Sousa. Nº 389-91

7

Punhal de tipo "Porto de Mós"

Bronze

16.5x:1,7 cm

Pornado de S. Julião

Vila Verde, Vila Verde, Braga

Bronze Final - finais do 2º milino - micios do 1º milino a C.

Punhal em bronze, de tipo "Porto de Mós",

constituído por uma lâmina delgada de bordos

paralelos, que se vão estreitando para formar uma
ponta. Talão plano, com um furo de rebite para
encabamento.

MARTINS, 1985, 1986, 1988

Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de

Sousa Nº 178-92



Punhal de tipo "Porto de Mós"

Brouze
12x1.7 cm
Povoado de S. Julião
Vila Verde, Vila Verde, Braga
Brouze Final - finais do 2º milino -oricios do 1º milino a C
Punhal de bronze do tipo "Porto de Mós",
fracturado na extremidade distal, constituido por
uma lâmina delgada, de bordos paralelos,
irregulares. Talão plano, com um furo de rebite,
para encabamento.
MARTINS, 1985, 1986, 1988
Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de
Sousa. Nº 177-92



Machado plano

Bronze
8,7x9,5 cm
Provado de S. Julido
Vila Verde, Vila Verde, Braga
Bronze Final - finan do 2º miliño - micros do 1º miliño a C.
Machado plano de bronze. Forma
subtrapezoidal. Talão plano, com vestigios de
martelamento. Cume irregular, arredondado.
MARTINS, 1985, 1986, 1988
Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de
So.6-92

10

Molde de fundição

Grés
5x3,5 cm
Percade de S. Julião
Vila Verde, Vila Verde, Braga
Beneze Final - frazo do 2º miliños - mícios do 1º miliños a C.
Fragmento de molde de fundição
para escopros (೨) de secção plano-convexa, de
cor beige amarelada.
MARTINS, 1985, 1986, 1988
Museu Regional de Arqueologia
D. Diogo de Sousa Nº 58/59

11

Molde de fundição

Armito
sx3 cm
Povende de S. Julião
Vilo Verde, Vila Verde, Braga
Branze Final - finan do 2º milimo - micios do 1º milimo a.C
Fragmento de molde de fundição
para lâminas (2) de forma sub-rectangular, e de
cor cinzenta escura com manchas avermelhadas
por acção do fogo.
MARTINS, 1985; 1986; 1988
Museu Regional de Arqueologia
D. Diogo de Sousa Nº 59/95

Vitrine 3

A tholos da Roça do Casal do Meio

Numa Idade do Bronze Final em que eram importantes a exploração do cobre e do estanho, o fabrico, a partir desses metais, de objectos em bronze e o comércio de tais artefactos, hão-de ter surgido pequenos chefes responsáveis pela exploração e pelo intercâmbio dos metais.

A sepultura da Roça do Casal do Meio (Sesimbra), atribuível ao séc.IX a.C., é o monumento funerário de um desses pequenos chefes.

1

Fíbula de cotovelo

Bronze

#, ax2, 2x0,6 cm

Requi de Cesul de Meio

Calhariz, Sesmèria, Setabul

Bronze Final

Fibula em bronze, de arco enrolado em cotovelo

e dupla mola, com braços rectos

SPINDLER et al., 1973-1974, SPINDLER e

FERREIRA, 1973

Museu do Instituto Geológico e Mineiro

Nº RCM/1



Pinca

Brovze
5.5x1.5 cm
Roşa do Casal do Meio
Caibanz, Seimbra, Setübal
Brovze Final
Pequena pinça em bronze, de cabeça oval e
hastes rectas, mas obliquas entre si, encurvadas
na área terminal.
SPINDLER et al., 1973-1974, SPINDLER e
FERRERA, 1973
Museu do Instituto Geológico e Mineiro
N° RCM/2



Pente

Marfin

8,2x4,4 cm

Roya de Casal do Meio

Calbariz, Semibra, Setibal

Bronze Final

Pente em marfim, de forma sub-rectangular, dorso ligeiramente triangular decorado com incisões concêntricas.

SPINDLER et al., 1973-1974, SPINDLER e
FERREIRA, 1973

Museu do Instituto Geológico e Mineiro
N° RCM/3



Certinica

19.2×22.8 cm

Vaso carenado

Roça do Casal de Mno
Calhariz, Seindra, Setábal
Bronze Final
Grande vaso carenado de forma bicónica, com
colo cilíndrico. Fundo plano, bordo direito, sem
espessamento. Superfície externa alisada.
Decorado com retícula brunida de traços finos.
SPINDLER et al., 1973-1974, SPINDLER e
FERREIRA, 1973
Museu do Instituto Geológico e Mineiro.
Nº RCM/4



Taça

Cerdinica

13,923,8 cm

Ropa do Casal do Meio

Callsanz, Seimbra, Setábal

Brown Final

Taça de cerámica com carena de ombro e fundo
cóncavo. Apresenta uma asa vertical, perfutada
horizontalmente

SPINDLER et.al., 1973-1974, SPINDLER e
FERRERA, 1973

Museu do Instituto Geológico e Mineiro
Nº RCM/5



3/1/2



Plinto 2

As estelas estremenhas

A estela de Ervidel II integra-se num grupo de lajes insculpidas que, por surgirem também na Estremadura espanhola, são designadas pelo termo de estelas estremenhas. Apresentam gravados, um escudo com recorte em V, uma espada e uma lança e, eventualmente, outros objectos. Nesta de Ervidel II vêem-se, para além de figuras humanas, uma delas com espada cingida, um cão e diversos artefactos: fibula, pente e espelho.

Na Estela de S. Martinho II, a personagem representada caça um veado, acompanhada por dois cães, um no encalço do cervídeo, outro junto às pernas da figura humana.

O significado destas estelas é controverso. Muitos vêem nelas monumentos que assinalavam sepulturas de chefes. Outros consideram-nas marcos que indicariam caminhos. Não é de excluir também a hipótese de serem pedras a marcarem a residência dos comerciantes que asseguravam o intercâmbio dos artefactos de bronze.

Estela

Xisto grauniquico
175x59x23 cm
Heriade do Pomar
Erridel, Alinetzel, Beja
Brosze Final
Monólito de aspecto lajiforme, de contorno
sub-rectangular, decorado numa face com ur
composição que integra um escudo redondo
escutadura em V, uma pequena figura

sub-rectangular, decorado numa face com uma composição que integra um escudo redondo com escutadura em V, uma pequena figura antropomórfica, masculina, nua e ictifálica, com espada à cintura, rodeada por lança, pinça, espelho, pente, uma fibula de cotovelo e um cão. Gomes e Monteiro, 1976-1977; SILVA e GOMES, 1992.

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal Nº 1/ERV



Granito 1778:11825 cm Monte de S. Martinho - Castelo Branco Bronge Final

Monólito de forma fálica decorado com uma figura humana, sustentando um arco acima da cabeça. Na zona da cintura apresenta, à direita, uma espada, e à esquerda, um escudo ou uma bainha de arma (2), tendo por baixo um espelho. À esquerda e ao alto, uma fibula. Em baixo, um cão. Sobre a figura humana, um cão persegue um cervideo. Três aves sobrevoam a composição. ALMAGRO, 1966; SILVA e GOMES, 1992. Museu de Francisco Tavares Proença Júnior. Nº 10.62.





Vitring 4

O Castro de Baiões

Possivelmente, no Bronze Final, havia uma hierarquia de lugares, com alguns mais dominantes e outros de menor importância, dominados. Seria anacrónico falar de estados ou de reinos; mas talvez o não seia falar de pequenas unidades sociopolíticas encabecadas por um lugar principal ou central.

O Castro da Senhora da Guia, em Baiões (S. Pedro do Sul), destruído por um incêndio cerca de 700 a.C., parece corresponder a um desses lugares centrais. Aí se praticava a metalurgia, atestada por um molde de fundição de machados. Braceletes e torques são objectos de prestigio com que um chefe se ornaria. Objecto de prestígio é ainda uma peça de ferro com empunhadura de bronze porque o ferro era, naquela época, mais raro e estimado que o bronze. Algumas taças de bronze e um espeto devem ter sido utilizados em banquetes com que o chefe obseguiaria vassalos. Finalmente, alguns carros votivos sugerem que o castro era centro religioso, a que acorreriam gentes de ao redor.

Colar rigido macico com decoração geométrica

Ouro

14.1X1.4 IN

Castro da Smbora da Guia

Baiden, S. Pedro do Sul. Viseu

Brower Final

Colar aberto, maciço, com terminais em forma de botão. Apresenta decoração geométrica incisae pontilhada, na face externa, organizada em métopas, que intercalam motivos losángicos e faixas paralelas verticais, ziguezagues e zonas

CORTEZ, 1947, HARTMANN, 1982, SILVA, SILVA e LOPES, 1984: 1986: KALK. 1991; PINCEL, 1992. Museu Nacional de Arqueologia Nº Au-288

Colar ríoido, macico com decoração deométrica

Chiro £3.5 × £.4 (70) Castro da Senhora da Gara Baides, S. Fedro do Sul, Visen

Bronze Final Colar de ouro, aberto, rígido, maciço, com terminais em forma de botão. Apresenta decoração geométrica incisa, de motivos definidos por linhas contínuas e de pontilhado. na face externa do colar, organizada em métopas. com motivos losángicos, faixas de linhas paralelas verticais, ziguezagues e triángulos. CORTEZ, 1947, HARTMANN, 1982, SILVA, SILVA e. LOPES, 1984; 1986; KALII, 1991; PINCEL, 1992. Museu Nacional de Arqueologia Nº Au-289



1/2/3

Bracelete aberto e maciço

Oura

5.7X1,3 ON

Castro da Senbora da Gua

Bailes S. Pedro do Sal. Viseu

Bronze Final

Bracelete de ouro, aberto, maciço e liso, de secção circular, com terminais em forma de botão cónico.

CORTEZ, 1947, HARTMANN, 1982, SILVA, SILVA e LOPES, 1984, 1986, KALE, 1991, PINCEL, 1992 Museu Nacional de Arqueologia Nº Au-290

4

Molde bivalve de machado

Brouze

26,6X1.7X4.1 CM

Castre da Sorbora da Gina

Buider, S. Pedro do Sul. Viscos

Brouze Final

Molde bivalve de bronze, para machados de talão e um anel.

KAIB, 1978, SILVA, SILVA e LOPES, 1984, 1986 Museu do Semináno Maior, Diocese de Viseu. Nº CSC/1

4



5

Machado de talão, de um anel

Brieze

22.6X4X2.1 cW

Castra da Sminora da Guia

Buides, S. Pedro do Sul, Visew

Bronze Final

Machado de talão e um anel, com gume arqueado, apresentando no anverso uma nervura perpendicular ao talão, que termina em botão. Reverso com face lisa levemente cóncava. Anel de secção subcircular.

KALII, 1978; SEVA, SEVA e LOPES, 1984; 1986 Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu. Nº CSC/2

6/12

7 foices de alvado

Велиго

11.19/12 OF

Castro da Senbora da Guia

Baites, S. Pedro do Sul. Viscos

Branze Final

Conjunto de sete foices de alvado, de inspiração britânica, com rebarbas muito vivas, indicando a sua recente fundição e não utilização.

Apresentam cabo de alvado troncocónico com dois largos orificios laterais de fixação. Lâmina encurvada, adelgaçando para o gume, com duas nervuras

KALE, 1978, SEVA, SEVA e LOPES, 1984, 1986 Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu. Nº CSC/3-9

13

Machado de talão e duplo anel

Bronze

22X7.4 (W

Castro da Senhora da Gusa

Baides, S. Pedro do Sal. Visna.

Branze Final

Machado de faces simétricas, lâmina alargada por martelagem, com gume de perfil curvo e com uma nervura perpendicular ao talão, anéis de secção subcircular e rebarbas rebandas e desgastadas.

KALE, 1978, SILVA, SILVA e LOPES, 1984, 1986 Museu do Seminario Maior, Diocese de Viseu Nº CSG/46

14

Elemento de carro votivo

Bronze

9,7X1.7 CM

Castro da Senbora da Guia

Barbes, S. Pedro do Sul, Viseu

Bronze Final

Fragmento de suporte de copa de carro vocivo em bronze, em forma de tronco de pirámide, de base rectangular.

Kalii, 1978, Silva, Silva e Lores, 1984, 1986 Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu № CSG/11

15

Taça hemisférica com decoração geométrica

Brauz

£285,7 cm

Castro da Senbora da Gua

Baider, S. Pedro do Sul. Visen

Brouze Final

Taça hemisférica em bronze, de paredes finas, bordo espessado, com lábio plano e horizontal e fundo umbilicado. Apresenta-se decorada com uma banda de 27 triángulos incisos, dos quais ó estão internamente preenchidos por um reticulado oblíquo, e por uma métopa constituida por losangos e triángulos enquadrados por linhas verticais.

KALII, 1978, SILVA, SILVA e LIDES, 1984, 1986 Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu. N° CSG/12

16/19

Conjunto de 4 taças bemisféricas, lisas

Brouze

£235,7 cm

Castro da Senbora da Gana

Bastes, S. Pedro do Sul, Viseu

Bronze Final

Consunto de 4 taças hemistéricas em bronze, lisas, de paredes finas e bordo espessado com lábio plano e horizontal e fundo umbilicado. Kalii, 1978, Silva, Silva e Lores, 1984, 1986. Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu N° CSC/13-16.

20/21

Dois braceletes, abertos e canelados

Boostr

10, 223, 8x 0, 13 - 0, 3 CF Costo de Smbora da Guia Baides, S. Padra do Sal, Vism

Busgs Final

Conjunto de 2 braceletes em bronze, abertos, femis sobre larga fita rectangular, de lados convexos, com os cantos arredondados. Superficie interna lisa, e externa decorada com 16 caneluras horizontais e paralelas, entre duas zonas de 3 triângulos incisos, internamente preenchidos com linhas paralelas.

KALL 1978. SEVA, SEVA e LOPES, 1984, 1986. Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu.

22/23

Nº C5C/17-18

Dois braceletes, maciços, abertos e decorados

Bronze

7x0.9 cm

Castro da Senhora da Guia

Baides, S. Pedro do Sul, Viseu

Bronze Final

Conjunto de 2 braceletes maciços, abertos e decorados. Apresentam aro de secção circular, com espessura decrescente para as extremidades. Terminais em forma de pequenos botões, com o aro martelado nos planos laterais. Parte interna lisa, e externa apresentando uma decoração geométrica, de motivos levemente incisos em expinha, alternando com linhas paralelas e obliquas.

KAR, 1978, SRVA, SRVA e LOPES, 1984, 1986 Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu. N° CSG/19-20

24/27

Conjunto de 4 braceletes maciços, abertos e lisos

Brown

7.100 7 cm

Castro da Senhora da Guia

Batões, S. Pedro do Sul, Vism

Bronze Final

Conjunto de 4 braceletes em bronze, maciços, abertos e lisos. Apresentam aro de secção circular, com espessura decrescente para as extremidades. Terminais espessados, com o aro martelado nos planos laterais. Apresentam rebarbas de fundição na parte interna do aro. KALE, 1978, SELVA, SELVA e LOPES, 1984, 1986. Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu. Nº CSG/21-24.

28 Fúrcula

Bronze 14,8 am

Castro da Senbera da Guia Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu

Broseze Freal Fürcula em bronze constituida por 3 dentes. encurvados, de secção quadrangular, adelgaçando para as extremidades. unidos a uma base em forma de tronco de pirâmide, de base rectangular, por um arame enrolado em 3 espiras. A base apresenta a superficie externa decorada comesperais. A base prolonga-se. por um cilindro tubular com 9 caneluras. Apresenta um anel soldado com uma argola môvel. KALE, 1978; SEVA, SEVA e LORES, 1984, 1986. Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu.

Nº CSG/25

29

Elemento de fárcula - peça tubular

Branze

00/8X4:7-08

Castro da Senbora da Guia

Baión, S. Pedro do Sul. Vineu

Browze Fourt

Tubo cilíndrico com protuberância anelar na zona média, onde está soldado um anel nervurado, com rebarbas de fundição, do qual pende uma argola de secção circular. O tubo apresenta ainda, em cada extremidade, três caneluras com estrias vivas, simétricas. Junto a estas existem 4 orificios opostos, 2 de cada lado, para fixação a um cabo. Trata-se provavelmente de um elemento mesial de uma fúrcula.

KALI, 1978, SILVA, SILVA e LOPES, 1984, 1986.

Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu.

N° CSG/26

28/29/30



Elemento de fúrcula - ponteira

Bronze 10,2x,2 cm Castro da Sonbora da Guia Baiñes, S. Pedro do Sul, Viseu

Bronze Final

Peça tabular troncocónica de bronze, decorada em 3 zonas com 5 caneluras na parte superior e 3 na parte central e na parte inferior, com estrias vivas. Na zona inferior apresenta 3 perfurações para fixação a um cabo. No topo, um anel de fita nervurada, retorcida, com 3 filetes, segura uma argola simples e móvel.

KALII, 1978; SILVA, SILVA e LOPES, 1984, 1986 Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu. Nº CSG/27

31

Elemento de fárcula - ponteira

Brauze 9, 101,7 cm Castro da Senbora da Gusa Baiões, S. Pedro da Sul, Viseu Brouze Final

Ponta troncocónica em bronze, de alvado, com 2 orificios opostos para fixação. Terminal soldado em forma de espigão com 3 anéis na base, dos quais 2 apresentam argolas soltas, feitas de arame dobrado e martelado. Trata-se provavelmente de um elemento terminal de cabo de fúrcula. KALB, 1978, SLVA, SLVA e LOPES, 1984, 1986. Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu. Nº CSG/28

32

Elemento de furcula - peça decorativa

Browze 5, ex7,2 cts Castro de Senhora da Guia Baides, S. Pedro do Sul, Visra Brouze Final

Peça decurativa em bronze, constituída por um corpo central em forma de tubo cilíndrico, guarnecido na parte superior por um aro em umbela, donde irradiam, da sua parte inferior, 6 pernos, constituídos por 2 elementos adossados paralelamente, desenhando formas curvilíneas. KALB, 1978, SEVA, SEVA e LOPES, 1984, 1986. Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu. Nº CSG/29

33/35

Conjunto de três elementos de arreio

Beonze Peça completa 3,654, 4 cm Castro da Sonbora da Guia Baides, S. Pedro do Sul, Viseu Bronze Final

Conjunto de 3 elementos de arreio em bronze, um inteiro e fragmentos de dois outros. Peça inteira: passador de arreio, de perfil arqueado, em forma de semicirculo vazado, cujo topo apresenta uma argola fixa no prolongamento do arco. Base em barra alargada, polida no exterior e irregularmente cóncava na face infenor, perfurada transversalmente por 8 orificios irregularmente alinhados.

KALE, 1978, SILVA, SILVA e LOPES, 1984, 1986 Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu. Nº CSG/30-32

36/37

Dois "tranchets"

Bronze Peça intera 4, 4x1,4x0,8 cm Castro da Senhora da Giua Bailes, S. Pedro do Sul, Viseu Bronze Final

Conjunto de 2 "tranchets" em bronze, um dos quais completo e outro muito fragmentado. A peça inteira apresenta um cabo vazado e lâmina curta.

KALII, 1978; SILVA, SILVA e LOPES, 1984, 1986 Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu. Nº CSC/33-34

38

Brown

Ponta de lança de alvado

#4,6x3, # cm
Castro da Senhera da Guia
Baides, S. Pedro da Sul, Visni
Bronze Final
Ponta de lança de alvado em bronze,
apresentando um cabo troncocónico de alvado,
com 2 orificios de fixação opostos, situados no
arranque da lâmina e vestígios de outros 2,
semicirculares, um de cada lado, no bordo do
alvado. A lâmina é lanceolada e está dobrada
sobre si própria, tem nervura central circular que
se prolonga quase até à extremidade, que
apresenta a ponta fracturada.
Kaja, 1978, Sieva Sieva e Lores, 1984, 1986

Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu. Nº CSG/35

Ponta de lança de alvado

Buses

102.00

Castro da Senhora da Gora

Bailer, S. Pedro do Sal, Visco

Brosce Final

Ponta de lança de alvado em bronze, com cabo troncocónico de alvado e 2 ordicios de fixação opostos situados no arranque da lâmina. Apresenta lâmina simétrica, estreita, prolongando lesemente a nervura central, com vestigos de ter sido aguçada por abrasão.

KASI, 1978, SEVA, SEVA e LOPES, 1984, 1986.

Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu. Nº CSG/36.

40

Cabo de punhal (7) em bronze com fragmento de lâmina em ferro.

Buszcelow

5.3 (9)

Centro da Senbora do Guia

Bailes S. Pedro do Sul. Viseu

Brange Final

Cabo de bronze de alvado, com aleta senscircular de secção circular fundida com lámina de ferro de secção rectangular embutida. K.4.B. 1978. SEVA, SEVA e ECHES, 1984, 1986 Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu. N° CSC/37

41/42

Par de peças de arreio

Brouge

1.9 pm

Centro da Senhora da Guia

Barger, S. Pedro do Sal, Vistos.

Bonza Final

Par de passadores de arreso em bronze, em forma de argola de secção circular, tendo fixa no dorso uma outra argola de menor diâmetro e secção qualmente circular.

Kita, 1978, SEVA, SEVA e LOPES, 1984, 1986 Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu Nº CSC/38-39

43

Conjunto de argolas diversas

Венеге

Diam da major 1,5 cm

Castro da Senbora da Guia

Bardes, S. Pedro do Sul, Viven

Bronze Final

Conjunto variado de argolas de bronze de

diversas dimensões.

KALR, 1978, SILVA SILVA e LOPIS, 1984; 1986 Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu.

Nº CSG/40

44

Fragmentos de um caldeirão de rebites

Bronze

Maior: 3,4 cm

Castro da Sexbora da Guia

Bastes, S. Pedro do Sul, Voeu

Bronze Final

Fragmentos de um caldeirão de rebites em

bronze

KALE, 1978. SILVA, SILVA e LOPES, 1984, 1986.

Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu.

N° CSG/41

45

Placa recortada

Bronze

4 09

Castro da Senbora da Guia

Bastes, S. Pedro do Sul, Visen

Bronze Final

Objecto em bronze de usu indeterminado.

KAUR, 1978. SILVA, SILVA e LORES, 1984, 1986.

Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu

Nº CSG/42

46

Vareta fina

Bronze

6 cm

Castro da Senhora da Guia

Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu

Bronze Final

Fragmento de pequena vareta em bronze, de uso

indeterminado.

KALII, 1978. SILVA, SILVA e LORIS, 1984. 1986.

Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu.

Nº C5C/43

47

Fragmento de suporte

Branze

4.2 (20)

Castro da Senhora da Guia

Baides, S. Pedro do Sul, Viseu

Bronze Final

Fragmento de suporte em bronze, de uso

indeterminado

KALII. 1978. SILVA, SILVA e LOPES, 1984, 1986.

Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu.

Nº CSG/44

48

Fragmento de espeto

Brown

1400

Castro de Sminora de Guia

Barön, S. Pedro do Sul, Viseu

Bronge Final

Fragmento de espeto com suporte rotativo.

KALE, 1978, SILVA SILVA e LOPES, 1984, 1986

Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu

Nº CSC/45

Carro votivo

Broscar 0.136.535.5 cm Castro da Sonhora da Guia Baides, S. Pedro do Sul, Visew Broogs Final Carro votivo (restaurado). Apresenta uma copa vazada em calote esférica. O espaço intermédio é ocupado por um alinhamento de dezasseis triangulos preenchidos por filetes. paralelos aos lados. Suporte da copaem forma de feixe piramidal de base quadrada e faces levemente arqueadas. KALR, 1978, SILVA, SILVA e LOPES, 1984 1986 Museu do Seminário Maior. Diocese de Viseu. Nº CSC/10



Cratica
raceo, s en
Castro da Senbera da Guia
Barães, S. Poliro de Sul, Visra
Browze Final
Pote em cerâmica de pasta grosseira e de cor
acastanhada. Apresenta perfil simuoso, fundo
plano, colo estrangulado e bordo extrovertido.
Uma incisão irregular estabelece a separação
entre o bojo e o colo.

Kala, 1978, Silva, Silva e Lores, 1984, 1986 Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu Nº CSG/47



51 Taça

Centroca 628,9 cm Castro da Senbora da Gusa Bastirs, S. Pedro do Sal, Viseu Bronze Final

Pequena taça carenada de cerámica, de pasta fina, dura e alisada e de cor acastanhada. Apresenta forma hemisférica e fundo em ônfalo. KALE, 1978, SILVA, SILVA e LOPES, 1984, 1986 Museu do Seminário Maior, Diocese de Viseu Nº CSG/48

50/51/52



52

Taça

Cerámica
318, 3 cm
Castro da Senhora da Guia
Baiães, S. Pedro do Sal, Visnu
Brosco Final
Perquena taça carenada em cerámica, de pasta
fina, dura e bem alisada. Apresenta forma
hemisférica e fundo em ônfalo.
KALE, 1978, SILVA, SILVA e LOPES, 1984, 1986.
Museu do Seminário Maior,
Diocese de Viseu. Nº CSG/49

53/54 Moldes de fundição

Prifra
7x4,5 cm
Castro da Senhora da Guia
Barões, S. Pedro do Sul, Viseu
Branze Final
Fragmentos de dois moldes de fundição.
KALE, 1978, SILVA, SILVA e LOPES, 1984, 1986
Museu do Seminârio Maior,
Diocese de Viseu. Nº CSG/50-51

Conjunto de tesselos

Basalto?

1,2x3,4 cm

Cantro da Senbora da Guia

Basões, S. Pedra do Sul, Viseu

Bronze Final

Conjunto variado de tesselos em basalto, de forma subovalada, apresentando entalhes lateras na zona mediana.

KALB, 1978, SILVA, SILVA e LOPES, 1984, 1986

Museu do Seminário Maior,

Diocese de Viseu. Nº CSG/52

Vitrine 5

Cerâmica de ornatos brunidos

As cerâmicas do Bronze Final, no actual território português, divergem de área para área. Os regionalismos são talvez mais evidentes na cerâmica grosseira. A cerâmica mais fina, de superfície alisada e brunida, adopta um repertório de formas que se observa do Minho ao Algarve.

Dentre essas cerâmicas finas distingue-se a de ornatos brunidos, primeiramente identificada na Lapa do Fumo (Sesimbra). Assemelha-se à cerâmica que se encontra em estações andaluzas, na área do que viria a ser posteriormente o reino de Tartesso. É oportuno recordar que, pelo menos desde o séc. IX a.C., eram regulares os contactos, quer por mar, quer por terra, entre a foz do Guadalquivir e os estuários do Tejo e do Sado.

1

Fragmento de taça carenada decorada com ornatos brunidos

Cerámica 5, 2×5, 5 cm Lația do Fumo Castelo, Sesimbra, Setübal Brosze Final

Fragmento de taça carenada, de carena alta, de paredes muito finas. Jisas e brilhantes. Apresenta decoração de ornatos brunidos nas faces interna e externa.

SERRÃO, 1958, 1959, CARREIRA, 1994 Museu Municipal de Sesimbra Nº 57 1 40

2/20

Commica

Conjunto de 19 fragmentos de cerâmica de ornatos brunidos

Maior (4,7274 cm.
Lapa do Funo
Castelo, Sesmbos, Setábal
Bronze Final
Comunto de 19 fragmentos de cerámica,
decorados com ornatos brunidos, pertencentes a
diversos vasos. Na decoração estão presentes
diversos motivos geométricos, que incluem faixas
paralelas e obliguas, espinhados e reticulados.
SERRÃO, 1958, 1959, CARREIRA, 1994
Museu Municipal de Sesimbra Nº 57 L 21

2/3/4/5/1



Fragmento de taça de carena alta, decorada com ornatos brunidos

Cerámica

11X8.0W

Abrago Grande das Bocas

Ris Maior, Rio Maior, Santarèse

Bronze Final

Fragmento de taça de cerámica, de pasta fina e bem depurada, de cor beige-acinzentada clara, de carena alta, decorada com uma banda de espinhados brunidos no colo. Apresenta ainda uma perfuração vertical, no árigulo da carena. CARREIRA, 1994

Museu Nacional de Arqueologia Nº 995.26.1

22

Fragmento de cerâmica, decorada com ornatos brunidos

Ceràmica

10,3x6,3 cm

Abrigo Grande das Bocas

Rio Major, Rio Major, Santarén

Bronze Final

Fragmento de cerámica, de pasta dura e superficies bem alisadas, de cor cinzenta escura de chumbo, decorado com ornatos brunidos, organizados em faixas paralelas reticuladas, alternando com faixas livres.

CARREIRA, 1994

Museu Nacional de Arqueologia Nº 995 26.2

23

Fragmento de bordo e bojo de uma taça carenada, decorada com ornatos brunidos

Cerámica

13, 600 t 2 CM

Gruta I da Partuchnica

Matacaes Torres Vedras, Lisboa

Bronze Final

Fragmento de grande taça carenada de cerâmica, de cor castanha, decorada com ornatos brunidos mais escuros. Apresenta uma pasta dura e superficies alisadas e bem polidas. A decoração, localizada abaixo da linha da carena, evidencia uma estrutura relativamente complexa, com faixas quebradas preenchidas interiormente, separadas por linhas radiais.

SPINDLER, 1981

Museu Nacional de Arqueologia Nº 995.27.1

24

Taça carenada, decorada com ornatos brunidos

Cerámica

6.586 CW

Penedo do Lexin

Lexim, Mafra, Lisboa

Bronze Final

Taça carenada (reconstituída) de cerámica, de paredes finas e bem alisadas, de cor castanha, decorada com ornatos brunidos.

Inédita.

Colecção particular de José Medeiros

Nº JM/1

Vitrine 6

Solidariedades atlânticas e mediterrânicas

No Bronze Final, muitos objectos metálicos (espadas, machados, foices, etc.) encontrados na Irlanda, na Grā-Bretanha ou na fachada atlântica francesa manifestam claras semelhancas com os achados em Portugal e até em regiões mais interiores da Península Ibérica. As afinidades sugerem a existência de um comércio a longa distância entre estas regiões da Europa ocidental. Fala-se até de "mercado comum" europeu nesta época e criou-se a expressão de "Bronze Atlântico" para traduzir essa comunidade económica. O espólio de Fiéis de Deus (Bombarral) ilustra esses objectos largamente difundidos.

Integrado nessa comunidade atlântica, Portugal tem, todavia, afinidades também com o mundo mediterrânico, de onde provêm, por exemplo, as fíbulas encontradas no castro de Pirreitas (Alcobaça).

Finalmente, entre a Meseta espanhola e o Norte e Centro de Portugal havia contactos que o vaso do Tapado da Caldeira (Baião) bem ilustra.

1

Fragmento de machado

Bronze

8, 3X1, 3X2,8 cm

Canal des Fiés de Deus

Canalhal, Bombarral, Leirsa

Bronze Final

Fragmento terminal de machado de bronze

VASCONCILOS, 1919, COPPON, 1983, 1985

Museu Nacional de Arqueologia N° 10793

2 Espada de "tipo Vénat"

Browze 5725 CW Casal dos Freis de Deus Carpathal Bowharral Lorsa Beorge Final Espada de bronze de "tipo Vénat". Apresenta uma nervura longitudinal delimitada por duas nervuras incisas. Empunhadura maciça rebitada, com a extremidade em botão. VASCONCILOS, 1919, COFFYN, 1983, 1985 Museu Nacional de Arqueologia Nº 10789

3/8

Conjunto de seis braceletes maciços, abertos

Brutzi
Dián de maier 7,2 cm
Casal dos Fiñs de Den
Carisolhal, Bembarral, Leina
Brutzi Final
Conjunto de 6 braceletes de bronze, maciços, abertos, com decoração incisa de linhas quebradas, desenvolvidas longitudinalmente.
Alguns apresentam-se fracturados. A secção varia entre o rectangular e o subcircular.
VASCONCELOS, 1919, COFFN, 1983, 1985
Museu Nacional de Arqueologia.
Nº 10788 A-F



1/12

Ponta de lança

Browze
1 ex2, r.m
Casal das Fiérs de Dran
Caronilhal. Bombarnal. Loria:
Browze Final
Ponta de lança em bronze, incompleta e
fragmentada, com os bordos muito erodidos.
VASCONCELOS, 1919, COFFYN, 1983, 1985
Museu Nacional de Arqueologia. Nº 19792

10

Fragmento mesial de espada

Bronze

13,3x2.7 cm

Canal dor Fréis de Deut

Cannalhal, Bombarral, Leinia

Bronze Final

Fragmento messal de lâmina de espada,
provavelmente de "tipo Vénat".

VASCONCILOS, 1919, COFPIN, 1983, 1985

Museu Nacional de Arqueologia N° 10791-A.

11

Fragmento terminal de lâmina de espada

Bronze
21, 8X3 cm
Canal dos Frés de Deus
Canal dos Frés de Deus
Canallal, Bombarnal, Leina
Bronze Final
Fragmento terminal de lâmina de espada;
provavelmente de "tipo Vénat". Apresenta
nervura central longitudinal, delimitada por duas
nervuras incisas.
VASCONCELOS, 1919, COFFYN, 1983, 1985
Museu Nacional de Arqueologia. Nº 10791-B

12

Punhal triangular

Bronze

19, 124, 2 cm

Canal dos Fiñs de Dein

Canalhal, Bomburral, Leinia

Bronze Final

Lâmina de punhal de lingueta com dois rebites.

Folha subtriangular. Lingueta triangular com duas perfurações na área de transição para a folha.

VASCONCELOS, 1919; COTEVN, 1983, 1985

Museu Nacional de Arqueologia. Nº 10790

13

Vaso

Cerànica

Fix 16 cm

Necròpole da Tapado da Caldeira

Campelo, Baido, Porto

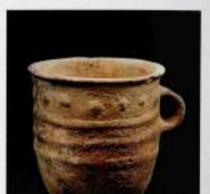
Browze Final

Recipiente aberto de forma aproximadamente
troncocónica, com carena alta e fundo plano,
apresenta uma pequena pega longitudinal
aplicada na superfície exterior do vaso, entre o
bordo e a carena. Vaso proveniente da sepultura
1 (de inumação)

JORCE, 1980, 1980a, 1983

Museu Municipal de Baido. Nº 75.05.01





14

14 Vaso com decoração plástica

Ceràmica
12,7812,3 cm
Necrópole de Tapade da Caldeira
Campele, Baião, Porto
Bronze Final
Vaso aberto, de forma subcilíndinea/troncocónica
e perfil sinuoso, proveniente da sepultura 2 (de
inumação). Apresenta bordo horizontal estreito e
fundo plano-côncavo. Asa de preensão
horizontal inserida abaixo do bordo. Deconição
plástica de mamilos e de cordões horizontais,
paralelos e lisos.

LORCE, 1980, 1980a, 1983

Museu Municipal de Baião Nº 79.01.01

13

Vaso decorado

Crimina
18, 52 10 08
Necrópole do Tapado da Caldena
Campelo, Berñe, Porto
Brenzo Final
Vaso aberto, de fundo plano, perfil sinuoso, com
carena, proveniente da sepultura 3 (de
inumação). Apresenta uma decoração rica e
diversibicada, integrando várias técnicas
decurativas, como a excisão, a incisão e o
hocunque, donde sobressai, na zona média do
vaso, uma fiada de 7 triángulos irregulares.
JORCE, 1980, 1980a, 1983
Naneu Municipal de Basão. Nº TC/1

16

Vaso

Crrimica

10, 137, 2 cm

Necropole do Tapado da Caldura

Campelo, Barão, Porta

Beosza Final

Pequeno vaso de cerâmica, de perfil levemente
sinuoso, com a pança pronunciada e o fundo
plano, proveniente da sepultura 4 (de inumação).

Apresenta uma pequena asa de preensão
horizontal, junto ao bordo.

JORGE, 1980, 1980a, 1983

Museu Municipal de Barão N° TC/2

17

Vaso

Сектопол

no, 5x14,7 cm

Necropole do Tapado da Caldena

Campilo, Basio, Porto

Bronze Final

Vaso de cerámica muito fechado, de pança
globular, colo estrangulado, bordo levemente
extrovertido e fundo plano, proveniente da fossa
aberta sobre a sepultura 3 (talvez de
incineração). Apresenta uma pequena asa de
preensão horizontal, junto ao bordo.

JORGE, 1980, 1980a, 1983

Museu Municipal de Basão. Nº TC/8





Fíbula de arco multicurvilineo

Bronze

13,19c5 cm

Castro de Pirrestas

Barrie, Alcebaça, Leiria

Secumon a C

Fibula de arco multicurvilineo ou de arco serpenteante e mola unilateral, representando uma evolução de um modelo itálico. Apresenta arco côncavo, com enrolamento simples na extremidade, originando o fuzilhão e o pé. Este é alto e termina num descanso discoidal. PONTE, 1984

Museu Etnográfico e Arqueológico do Dr. Joaquim Manso Nº 185



Fíbula de arco pouco engrossado com descanso em disco

Browze

0.6XT CH

Castro de Pirreitas

Barrio, Alcabaça, Leina

S& VIII-VUAC

Fibula de arco pouco engressado com descanso em disco, representando a evolução directa de um modelo italiano de arco simples e disco em espiral, do séc. EX a C. Este exemplar é o único conhecido em território português. O disco é feito a partir de um ho forjado, onde o arco, a mola unilateral, o fuzilhão e o disco são feitos por estiragem e martelagem. Apresenta decoração exuberante, aberta por meio de buril ou cinzel.

PONTE, 1984

Museu Etnográfico e Arqueológico do

Dr. Joaquim Manso Nº 186





20 21

Espeto articulado

Веонге

20

20.5×11.5×6 cm

Sema de Alixantzere

Almanizere, Almanizere, Leiria

Browze Final

Espeto articulado de bronze, de secção rectangular e cabo com remate em anel. Suporte em forma de ferradura, decorado com um elemento zoomórfico no topo.

COFFYN, 1983, 1985

Museu Nacional de Arqueologia Nº 1744

21

Espeto articulado

Brouze

70,58886 IN

Serra de Almaiazore

Alexandrere Alexandrere Leinia

Bronze Final

Espeto articulado de bronze, incompleto, de secção quadrangular. Suporte em forma de ferradura, deformado.

COFFYN, 1983, 1985

Museu Nacional de Arqueologia Nº 17450-A

22/25

Conjunto de 4 fragmentos de cerâmica com decoração de boquique

Cerámica

Maior 4, 534, 9 cm

Picoto de St. Amaro

Mascotelos, Gumanãos, Braga

Brown Final

Conjunto de 4 fragmentos de cerâmica

apresentando decorações variadas pela técnica de boquique

Inéditos

Museu da Sociedade Martins Sarmento

Nº 03/85/24

22/25



Vitrine 7

O machado e a foice

Casais e aldeias, no Bronze Final, praticavam uma economia mista: agricultavam trigo, cevada e leguminosas, criavam ovelhas, cabras e suínos e, onde terrenos mais húmidos permitissem, também bovinos. Restos de flora e de fauna, encontrados nalguns lugares, dão testemunho das culturas e da pastorícia.

Os machados serviam para abater os bosques e preparar os terrenos para as arroteias. Com foices de bronze se segavam os cereais; em grandes vasos de provisões se recolhiam; e em moinhos de vaivém se triturava o grão, para fazer a farinha, depois transformada em papas ou em pão.

1

Urna de ombro

Centencar

17316,2 cm

Povoado do Cabrço do Castro de S. Romão.

São Romão, Sesa, Garrale

Brown Final

Urna de ombro, em cerámica de pasta fina e bem depurada, brunida e de cor amarelada. Apresenta decoração incisa pós-cozedura, organizada numa faixa sobre o colo, formando um ziguezague. SENSIA-MARTINEZ, 1986, 1989, 1993 Museu Municipal de Canas de Senhorim Nº 3122 3

Grande vaso de provisões

Crainwa

77,7x54,6 cm

Percento do Cabeço do Castro de S. Romão

São Romão, Seia, Guarda

Brouge Final

Grande pote de armazenagem de colo extrovertido, com 4 asas na junção do colo com a pança. Pasta grosseira, superfícies espatuladas. SENNA-MARTINEZ, 1986, 1989, 1993

Museu Municipal de Canas de Senhorim

Nº 7201



2

Pácaro

Cerámica

7.8X9.6-08

Paroado do Cahego do Castro de S. Romão

São Romão, Seia, Guarda

Brenze Final

Pequeno púcaro em cerámica, com asa de fita junto ao bordo, de pasta fina e superfícies

brunidas.

SENNA-MARTINEZ, 1986, 1989, 1993

Museu Municipal de Canas de Senhorim

Nº 3121



Moinho de vaivém

Granita

60X33X1A CRI

Protonibicia desconhecida

Bronze Final

Dormente e movente de moisho manual, em granito, de forma sub-rectangular.

Inedito

Museu Nacional de Arqueologia Nº 995.33.1

Foice

Branze 9.5X1.3 cm Métola

Mértola, Mértola, Beia

Beenze Final

Pequena lâmina de foice curva. Cume desgastado. Folha apresentando 4 caneluras fundas e verticais, paralelas à lâmina, na face externa. Face interna lisa. Encabamento achatado, perpendicular à làmina, de contorno irregular

COFFYN, 1985

Museu Nacional de Arqueologia Nº 10268

8/5/6



Foice

Uronzr 1000 T 438 Mertela

Mirtola, Mirtola, Beja

Bronze Final

Lâmina de foice em bronze, com folha subtriangular muito desgastada. Vestigios de duas caneluras fundas, correndo ao longo da superfície externa da folha, que é ligeiramente recurvada. Face interna lisa. Encabamento plano, irregular, perpendicular à làmina. Em mau estado de conservação.

COFFYN: 1985

Museu Nacional de Arqueologia Nº 10269

Machado de apéndices laterais

Bronze

STATE THE

Padrice

Padrões, Castro Verde, Beja

Bronze Final

Machado de apéndices laterais em bronze, de corpo sub-rectangular. Cume arredondado simétrico. Talão plano, ligeiramente curvo. MONTEACUDO, 1977, COFFYN, 1985 Museu Nacional de Arqueologia Nº 17489



Foice

Brance

14.5X5.5 CM Herdade do Sobral da Várzea

Santiago do Cacem, Santiago do Cacem, Setabal Bronze Final

Lâmina de foice de folha subtriangular larga. apresentando duas caneluras fundas na face. externa. Face interna lisa. Extremidade distal fracturada. Zona de encabamento plana. MONTEAGUDO, 1977; COFFYN, 1985 Museu Nacional de Arqueologia Nº 10310



Foice de alpado

Bronze

11.201.3 (0)

Alto dos Becas

Rie Maior, Rie Maior, Santarón

Bronze Final

Foice de alvado em bronze, de lâmina curva, com vestigios de caneluras ao longo da folha. fracturada na extremidade distal. Encabamento em alvado de forma troncocónica, perfurado na zona média para fixação.

COTTYN, 1985, CARREIRA, 1994

Museu Nacional de Arqueologia Nº 995 31.1

Machado de alvado

Browze

1686.3 08

Santo Timo

Santo Tirso Santo Tirso Porto

Beenze Final

Machado de alvado em bronze, com duas pequenas asas. Apresenta gume arredondado e desgastado. O alvado é subcircular e o bordo apresenta um espessamento arredondado. Nervura paralela ao bordo abaixo da qual, ruma. das faces, exibe uma decoração constituída por dois triângulos inscritos, em releva-MONTEAGUDO, 1977

Museu Nacional de Arqueologia Nº 11039

11

Machado de alvado e duplo anel

Bronze

11.1xe on

Estrenadura

Brouze Final

Machado de bronze de alvado de secção rectangular e duplo anel. Apresenta nervura central. Fracturado no bordo. MONTEAGUDO, 1977. COREYN, 1985. Museu Nacional de Arqueologia Nº 17490

1/2

Machado de alvado e duplo anel

Bronze

16.4X0.5 CH

Serra de Montmuro

Bronze Final

Machado de bronze, de alvado rectangular e duplo anel. Apresenta nervura central. MONTEACUDO, 1977; CORYN, 1985 Museu Nacional de Arqueologia Nº 11012

Machado de alvado e duplo anel

(1,536,3 cm Penkalinho Val Cestrie, Soure, Coimbra Brocce Fisul Machado de bronze de alvado de secção rectargular e duplo anel. Um anel apresenta-se fracturado. MONTEACAIDO, 1977, COIFYN, 1985 Museu Nacional de Arqueologia Nº 17477

16

Machado de talão e duplo anel

Bronze
24.355,7 cm
Meljaque
Meljaque, Meljaque, Viana do Castelo
Bronze Final
Machado de bronze, de talão e duplo anel,
estreito e longo, apresentando uma canelura
central profunda, até cerca de metade da lâmina,
MONTEACHIO, 1977, COTEYN, 1985
Museu Nacional de Arqueologia. Nº 11083

17

Browge

Machado de talão e duplo anel

24,133,738

Valença

Valença, Valença, Viana do Castelo
Bronze Final

Machado de bronze, de talão e duplo anel, um
dos quais fracturado. Apresenta cune de fundição
e uma nervura central

MONTEAGUDO, 1977, COFFIN, 1985

Museu Nacional de Arqueologia Nº 11079

10/23/22/20/15

14

Machado de talão e duplo anel

Bronze
21,981,0 cm
Castrado
Castrado, Proalesa do Castelo, Viseu
Bronze Final
Machado de bronze, de talão e
duplo anel
MONTEACUDO, 1977,
CURYN, 1985
Museu Nacional de Arqueologia
N° 10998

15

Machado de talão e duplo anel

Bronze
21.934.8 cm
Veiror, Estrovez, Éssera
Bronze Fourl
Machado de bronze, de talão e
duplo anel: Conserva o cone de
lundição, bem como algumas
tebarbas laterais.
MONTEACIJOO, 1977.
COFFYN, 1985
Museu Nacional de Arqueologia Nº 17484



195

Machado de talão e duplo anel

Brouge

21.8x7.5 cm

Sardo

Satao, Satao, Venu

Bronze Final

Machado de bronze, de talão e duplo anel, apresentando uma nervura central mediana,

rematada em botão.

MONTEACUDO, 1977, CORYN, 1985

Museu Nacional de Arqueologia. Nº 10997

19

Machado de talão e duplo anel

Brouze

24,2x6,5 cm

Mrlgaço

Melgaço, Melgaço, Viana do Costelo

Bronzy Final

Machado de bronze, de talão e duplo anel, apresentando uma funda canelura central, até meio da lâmina.

MONTEACUDO, 1977. COREVN. 1985

Museu Nacional de Arqueologia Nº 11018

20

Machado de talão, uniface, de um anel

Branze

19.48449

Bico da Vela

Cadaval, Cadaval, Lisboa

Bronze Final

Machado de bronze, de talão, uniface, de um

anel

MONTEAGUDO, 1977, COFFYN, 1985

Museu Nacional de Arqueologia Nº 11661

21

Machado de talão e um anel

Brunge

24.5X5.4 OR

View

Bronze Final

Machado de bronze, de talão e um anel, com

nervura central.

MONTEAGUDO, 1977, COFFYN, 1985

Museu Nacional de Arqueologia Nº 11002

22

Machado de apêndices

Вернач

16.63(1.9 cm

Viana do Castela

Bronze Final

Machado de bronze, de apêndices, apresentando

o talão fracturado e com vestigios de

martelamento

MONTEACUDO, 1977, CORYN, 1985

Museu Nacional de Arqueologia Nº 11077

28

Machado de talão e rebordo

Brown

13,787 cm

Remende Grande

Regumas Grande, Lowinha, Lubou

Branze Final

Machado de bronze, de talão e rebordo alto

Apresenta gume largo e arredondado.

MONTEAGUDO, 1977, COFFYN, 1985

Museu Nacional de Arqueologia Nº 10835

24

Foice de alvado

Branze

#2.5%4.5 cm

Mente Airasa

Gramia, Penedono, Vista

Bronzs Foral

Foice de alvado em bronze, de lâmina curva muito desgastada, com vestígios de uma nervura.

O alvado apresenta-se fracturado numa

extremidade e perfurado transversalmente. CARRERA, 1995 Museu Nacional de Arqueologia № 995.32 1

25

Conjunto osteológico e malacológico diverso

Ossa e conchas

Várias proveniências

Brouze Final

Conjunto variado de fauna doméstica.

nomeadamente, boi, cabra e porco e conchas de ostra, amérioa, lapa e caramujo, provenientes de

vários sítios arqueológicos.

CARDOSO et al., 1980/81, 1986

Câmara Municipal de Oeiras

26

Conjunto de bolotas carbonizadas

Povendo do Cabeço do Castro de S. Romão São Romão, Seia, Guarda

Bronze Final

SENNA-MARTINEZ, 1986, 1989, 1993

Dr. João Carlos Senna-Martinez, Arqueólogo fiel depositário № 1/CSR

27

Dormente de mó manual

Comite

29,5×15 cm

Povoado do Cabeço do Castro de S. Romão

São Romão, Seia, Guarda

Browge Final

Dormente de mó manual "de sela", proveniente

de uma área de moagem.

SENNA-MARTINEZ, 1986, 1989, 1993.

Dr. João Carlos Senna Martinez, Arqueólogo fiel

depositário Nº 2/CSR

Vitrine 8

Os tesouros de mercadores

Melhores alfaias tornaram mais fácil e mais rendível a agricultura. A julgar pelos moldes de fundição encontrados, machados e foices não se produziam em todos os lugares. Os fabricantes, que eram ao mesmo tempo mercadores, viviam nalgumas aldeias ou isolados em casais estrategicamente situados na rede dos caminhos de então. Viajavam de terra em terra, com artefactos já prontos, lingotes, sucata, moldes também. Esta bagagem encontra-se por vezes perdida e enterrada, fora e longe de qualquer povoado: chamam-se a esses conjuntos perdidos, "tesouros de mercadores".

1/9

Conjunto de nove machados de talão e duplo anel

Browze

Major 27,5x3,5 cm

Paredes de Coura

Parreles de Coura, Paredes de Coura, Viana do Castelo Bronze Final

Conjunto de nove machados de bronze, de talão e duplo anel, de dimensão semelhante, apresentando cones de fundição, à excepção de um que se apresenta fracturado. MONTEACRIDO, 1977, COFFYN, 1985

Museu Nacional de Arqueologia

Nº 11053-11061

10

Lingote

Bronze on cobre

27x11.5 cm

Minn de Alte

Alte, Loulé, Faro

Made do Bronze

Lingote de bronze ou de liga de bronze de forma sub-rectangular

Inédito

Museu Nacional de Arqueologia Nº 10219

11/16

Conjunto de 6 foices de talão

Brouze

Major TIXET ON

Coles de Sawuel

Soure, Soure, Combra

Brotege Final

Conjunto de 6 foices de talão, em bronze (uma das quais partida ao meio), aparentemente saídas do mesmo molde. Apresentam o anverso nervurado e o reverso plano. O talão é liso e a extremidade dobra em ângulo sobre a lâmina. O dorso é expesso e arqueado e o gume desgastado pelo uso.

PEREIRA, 1971, MONTEAGUDO, 1977, COFFYN, 1985

Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra Nº 81-6/11

1/9



Escopro

Browge

£3,5X0.8 TH

Coles de Samuel

Soure, Soure, Combra

Bronze Final

Escopro em bronze de forma prismática e secção quadrangular, de gume biselado e arredondado. PEREIRA, 1971, MONTEACAIDO, 1977, COHYN.

Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra Nº 81-18

18

Machado de talão e um anel

Bronze

14,5%3,7 cm

Coles de Samuel

Source Source, Coombra

Branze Final

Machado de bronze de talão e um anel, fracturado na extremidade distal. Apresenta dorso plano e nervura central. PEHEIRA, 1971, MONTEACUDO, 1977, COSSYN, 1985

Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra Nº 81-1

19/22

Conjunto de 4 machados de alvado e duplo anel

Branze

Major 18 3x7 cm

Coles de Savard

Soure Soure, Combra

Bronze Final

Consunto de 4 machados de bronze, de alvado quadrangular e duplo anel. Apresentam folha trapezoidal com nervura central pouco expressiva, gume arqueado com vestigios de uso e rebarbas de fundição laterais.

PERERA, 1971, MONTEAGUDO, 1977, COFFYN, 1985

Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Counbra Nº 81-2/5

11/27



23/27

Conjunto de 6 braceletes abertos

Brouze

Major: 7.3x5.3 cm

Coles de Sanuel

Soure, Soure, Coimbra

Bronze Final

Conjunto de 6 braceletes abertos em bronze, de secção quadrangular, dos quais dois apresentam uma decoração de espinhado inciso na face

PEREIRA, 1971, MONTEACUDO, 1977, COFFIN, 1985

Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coumbra Nº 81-12/17

28

Conjunto de machados e fragmentos de machados

Bronze

Quinta do Ercedal

Alpedrinha, Fundão, Castelo Branco

Brouze Final

Conjunto de machados e fragmentos de machados, onde predominam os de talão e um anel, e alguns fragmentos de machados de apêndices. Este consunto faz parte de um "tesouro de mercador", cujo peso total é de 16,759 Kg.

COFFYN, 1976

Museu de Francisco Tavares Proença Júnior Nº 35 1

Machado de talão e um anel

Beents
14,822,5 cm
Questa do Ervedal
Albedresha, Fundão, Castela Branco
Beorze Final

Pequeno machado de talão alongado e um anel, com lâmina de forma trapezoidal, decorada com uma nervora mediana, e gume rectilíneo. No anel deformado estão presos dois braceletes apertados para lavorecer a sua fixação. Este tipo de machados não é muito comum em Portugal, sendo comparável ao da França ocidental e Bacia Parisiense.

CORN, 1976

Museu de Francisco Tavares Proença Júnior Nº 35-4

30

Fragmento de punhal

Briege
8,900, 3 cm
Clainta do Ermila?
Albebriba, Fandão, Castele Branco
Briege Final
Fragmento proximal de um punhal de lingueta
curia, de forma sub-rectangular, com doas fendas
imegulares abertas no seguimento das caneluras.
A lâmina é reforçada por uma aresta longitudinal
e os gumes foram rebuixados por martelagem.
CONYN, 1976
Museu de Francisco Tavares Proença Júnior
N° 35 s

31

Fragmento de espada

Brieza

6.101,6 cm

Quinta de Erondol
Albedrinho, Fundão, Caracio Branco
Beorza Final

Fragmento mestal de lâmina de espada do tipo
lingua de carpa.

COPYN, 1976

Museu de Francisco Tavares Proença Júnior
Nº 35 9.

32

Restos de fundição

Bronze Quinta de Erenfal Alpadriolia, Fandão, Castele Branco Bronze Final COFFYN, 1976 Museu de Francisco Tavares Proença Júnior Nº 35-14

33

Fragmento de utensilio

Browze 2,8x3.3 cm Quieta de Erendal Alpalemba, Fundão, Castele Branco Browze Final Fragmento de um utensílio maciço e estreito, fundido em molde bivalve, possivelmente pertencente a um martelo. CORTYN, 1976 Museu de Francisco Tavares Proença Júnior Nº 35-18

34

Bronze

Molde de fundição

13X10 cm
Vila Boa
Vila Boa, Castro Daire, Visen
Brouze Final
Molde bivalve para machados de talão, biface e
de duplo anel.
Instituto de Antropologia "Prof. Mendes
Corrêa" da Faculdade de Ciências do Porto
N° 38.07.01

34



Vitrine 9

A espada, as jóias e o poder

Os achados de espadas são, no Bronze Final, relativamente frequentes. Não se pode deduzir daqui que eram constantes as guerras. Mais que arma de combate, a espada era talvez um símbolo de prestígio com que chefes ou mercadores se paramentavam. Armavam-se também de escudos, que nunca, na realidade, se encontraram, mas que aparecem representados nas famosas estelas estremenhas como a de Ervidel II.

Braceletes, torques e outras jóias, feitos de bronze nos casos mais modestos, de ouro para os mais ricos, eram insígnias que os chefes utilizavam.

2/5

Espada pistiliforme

Boure

61,23 6,7 09

Vilar Atage

Vila Major, Sabugal, Guarda

Busty Final - 900 a C

Espada pistififorme de espigão vazado e dargamento na empunhadura em forma de U muto pouco acentisado. Abertura rectangular ao centro Cuarda triangular com três perfurações de cada lado. Lâmina sem veio e com goteiras ao lingo do ho. Estas parecem ter sido feitas posteriormente, pois são visiveis linhas provocadas pelo instrumento que as fez. RODRICHES, 1961, NUNES e RODRICHES, 1957. Miseu da Caurda. Nº 410.

2

Espada pistiliforme

ilinia.

THERETE

Solita

Sqlist, Aloura, Braa

Brozz Final

Espada pistiliforme, de bordos paralelos, com dues nervuras paralelas simples, fracturado na nonta

Hausson, 1974, Schullart, 1975, Corryn, 1985 Museu Nacional de Arqueologia. Nº 10275

3

Espada pistiliforme

Brouge

66,595 F CM

State

Saláre, Moura, Beya

Branze Final

Espada pistiliforme de bordos paralelos, com duis nervuras paralelas simples. HARRISON, 1974, SCHURART, 1975, COFFYN, 1985

Miseo Nacional de Arqueologia Nº 10276

4

Espada pistiliforme

Branze

60.137 cm

Engra

Brenze Final

Espada pistiliforme ou em lingua de carpa, com nervuras paralelas múltiplas. Fracturada na ponta HARRISON, 1974, SCHUBART, 1975, COFFN, 1985 Museu Nacional de Arqueología. Nº 10277

5

Espada pistiliforme

Browne

\$3,326,5 cm

Erona

Bronze Final

Espada pistiliforme ou em lingua de carpa, com nervuras paralelas múltiplas. Apresenta-se dobrada e partida intencionalmente. HARRISON, 1974, SCHUBART, 1975, CORFIN, 1985 Museu Nacional de Arqueologia. Nº 10278



Bracelete maciço, aberto

Brosca

S. CKE, COM

Eines

Moledo, Lourenhã, Lichaz

Beenze Final

Bracelete liso, aberto, maciço, de secção ovalada, em bronze

Inedito.

Museu Nacional de Arqueologia Nº 10805

7/6/8



7

Conjunto de bracelete com 2 argolas e 2 espirais pendentes

Brouze

Bracelete 7.3 cm. Argola 2.2 cm

Abvantes

Bronze Final

Bracelete em espiral simples, de aro fino e secção circular, com as extremidades aguiçadas. Dele pendem dois aros finos e lisos e duas espirais. Inédito

Museu Nacional de Arqueologia Nº 995 28 1

8/10

Conjunto de 3 espirais

Branze

Didn: >3.3 cm

Cabree dos Órgãos /Alcamea

Igreia Nova, Mafra, Lisboa.

Bronze Final

Conjunto de 3 espirais em bronze de secção subovalada, de faces ligeiramente aplanadas e extremidades aguçadas, maciças e lisas. Deste conjunto fazem ainda parte dois fragmentos de argolas

VASCONCILOS, 1920

Museu Nacional de Arqueologia Nº 10803A-10803C

1.1

Bracelete aberto, maciço, liso

Bronze

Diam > 1, 0 cm

Cabrça des Órgãos / Alcamça

Igreja Nova, Mafra, Liskoa

Bronze Final

Pequeno bracelete ou brinco em bronze; de aro fino e liso e secção circular. Apresenta as extremidades aguçadas.

VASCONCELOS, 1920

Museu Nacional de Arqueologia Nº 10803-D

12

Fragmento de argola, lisa e macica

Browze

Didn.>1,5 cm.

Cabeço dos Órgãos / Alcainça

Igreja Nova, Mafra, Lisboa

Beorge Final

Fragmento de argola em bronze, lisa, maciça, de secção subovalada, apresentando a face interna ligeiramente aplanada.

VASCONCELOS, 1920

Museu Nacional de Arqueologia Nº 10803-E

13

Espada pistiliforme

Bronze

82x3.3 cm

Rio Tejo - frente a Cacilhas

Bronze Final

Espada pistiliforme de bronze de lâmina estreita e muito erodida, e espessa nervura central. Apresenta empunhadura tripartida, com aberturas largas e bem marcadas. Os bordos da lingueta são ligeiramente arredondados. Foi recuperada durante as dragagens junto ao molhe leste dos estaleiros navais da Parry & Son. Silva e GONES, 1992, LISBOA SUBTERRÂNEA, 1994.

Museu Municipal de Almada Nº MMA-363

13

14 Color

Oure

£3,9 cm

Combra 2

Browze Final

Colar de aro subcircular aberto, maciço e liso, de secção losângica, adelgaçando do centro para as extremidades. Estas apresentam secção circular obtida por martelagem e encontram-se afastadas e reviradas, formando gancho e argola. O fecho e môvel, em forma de travessão torcido helicoidalmente, rematado por argolas. PARREIRA, 1980, HARTMANN, 1982, PINGEL, 1992.

Museu Nacional de Arqueologia. Nº Au-47.

1.5

Bracelete aberto e liso

Ouro

8.5 216

Monforte da Beira

Monforte da Beira, Castelo Branco, Castelo Branco

Browze Final

Bracelete de aro elipsoidal aberto, maciço, lisore de secção circular, adelgaçando do centro para as extremidades. Os terminais, afeiçoados por martelagem, alargam ligeiramiente, formando pequenos botões planos de arestas boleadas. PARREIRA, 1980, HARTMANN, 1982, PINCEL, 1992. Museu Nacional de Arqueologia. Nº Au 33



16 Bracelete aberto decorado

One
s.s.or.
Sinto António
Sinto Sinto Sinto Sinto
Sinto Sinto Sinto Sinto
Sinto Sinto Sinto Sinto Sinto Sinto Sinto
Sinto Sinto

Museu Nacional de Arqueologia Nº Au-32





15

16



17/18 Par de braceletes abertos e lisos

Ouro

6.5 cm

Herdade das Cortes

Alento, Alento, Beja

Bronze Final

Braceletes de aro elipsoidal aberto, maciços, lisos
e de secção circular, adelgaçando do centro para
as extremidades. Possuem terminais
diferenciados em forma de calote esférica, no
interior e centro dos quais se inscreve um cone.
PARREIRA, 1980, HARTMANN, 1982, PEREA
CAVEDA, 1991, PINCEL, 1991

Museu Nacional de Arqueología
Nº Aq.-138-139

19/20

Par de braceletes abertos e decorados

Chira 9,555.5 cm Torre Va Panties, Oursque, Best Bronze Final Par de braceletes de aro ovalado e secção compósita. Adelgaçam do centro para as extremidades, apresentando terminais em campânula. Apresentam decoração de granulado. disposta em 7 alinhamentos longitudinais e paralelos, de esferas soldadas. Os terminais têm a face interna decorada por uma pua cónica. circundada por estrias concêntricas, e os bordos, círculos concêntricos puncionados. PARREIRA, 1980. HARTMANN, 1982. GAMITO, 1988, PINCEL 1992 Museu Nacional de Arqueologia Nº Au-154 155

Vitrine 10 A

Grandes vasos contentores de Santa Olaia

A feitoria de Santa Olaia, fundada pelos Fenícios no baixo-Mondego, no séc. VII a. C., recebeu, entre muitas outras louças, grandes vasos contentores. Não sabemos ao certo o que transportavam: vinho? Vasos deste tipo encontram-se em todas as feitorias ocidentais com os quais Cádis tinha contactos.

1

Anfora policromada com grafito

Cesămica 67,3 cm

Scotte Olaia

Santana, Figueira da Foz, Combra

SEC VIII-VIAC

Vaso contentor com bordo curto, bojo carenado, com engobe vermelho. Corpo ovoide, pintado às bandas. Fundo cóncavo.

ROCHA, 1905, 1971

Museu Municipal Dr. Santos Rocha Nº 8323

c

"Pithos" de 4 asas

Cerawior

78.3 (8)

Santa Olave

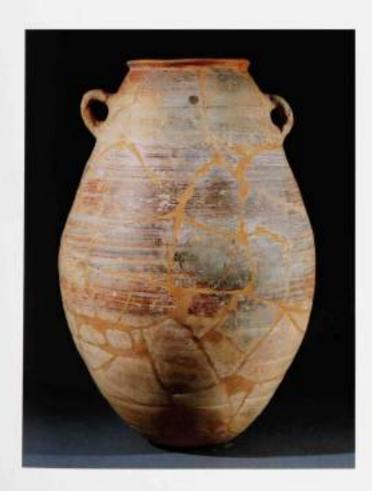
Santava, Figurira da Foz, Combra-

56: VIII-17 a. C.

Grande pote com carena e bordo virado para fora, pintado com engobe vermelho. Corpo ovoide, pintado às bandas. Fundo concavo. As asas arrancam do bordo e terminam no colo.

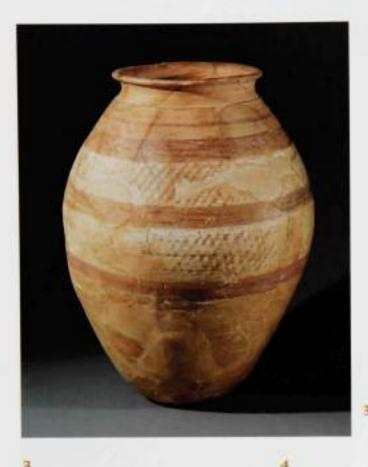
ROCHA, 1905, 1971

Museu Municipal Dr. Santos Rocha. Nº 1543





1 2



Grande vaso contentor

Ceràmica 37,3 cm Santa Olasa Santana, Figueira da Fez. Combra 56: VII-VI a. C.

Grande vaso contentor, com bordo virado para fora, colo curto com carena. Corpo ovóide decorado às bandas. Nas duas bandas de fundo branco, decoração em quadrícula, festa a engobe vermelho. Fundo cóncavo.

ROCHA, 1971

Museu Municipal Dr. Santos Rocha Nº 135

Barnil

Cerànica 70x 27x 26, 3 cm Santa Olasa Santana, Figueira da Fez. Combra Séc. 172-17 a.C.

Barril de corpo cilindrico, com vestigios de roda, com quatro estrias laterais, duas de cada lado, pouco pronunciadas. Nos topos, calotes estéricas, também com sinais de roda. Gargalo médio, com lábio virado para lora e ressalto mediano. Asas laterais de secção em 8, que arrancam do ressalto para o corpo do vaso. Barro avermelhado, com desengordorante constituído por grãos de quartzito. Apresenta vestígios de engobe branco.

ROCHA, 1905, 1971, GAMITO, 1983, PEREIRA, 1991

Museu Municipal Dr. Santos Rocha Nº 7996



5 Ånfora fenício-ocidental

Contract

sasta Olavi
Sinta Olavi
Sintana, Figuerra da Fez, Conebra
Sil, 172-17 a C.
Corpo em forma de saco, encumado pelas asas.
O bordo é baixo, ligeiramente virado para fora e o lábio é engrossado. O ombro é alto, hemidérico, mancado pela carena. As asas são de secção circular inseridas na carena. A pasta é misada, com muito desengordurante. Coberta de engobe beanco, espesso, de hoa qualidade.
ROCHO, 1905, 1971.
Museu Municipal Dr. Santos Rocha. Nº 1/SO.

6 Ånfora

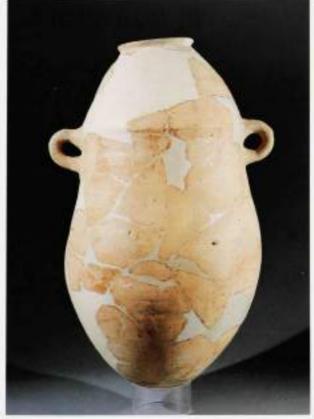
Codenica Coaste Tanarole, Figueira da Fez, Ceimbra Sé, V-IV a. C

Lábio posco pronunciado, afilado e engrossado no intenor. Ombro com careria média e outra junto da asa. Colo troncocónico e largo. A barriga nasce no terço inferior da peça e é oxóide. O fundo não é marcado. As asas são espessas, de secção circular e dividem o ombro, do colo. Estrias muito marcadas no colo, tomando-se mais ligeiras na barriga.

ROCHA, 1905, 1971.

Museu Municipal Dr. Santos Rocha. Nº 7623.





5

Vitrine 10 B

Os Fenícios - mercadores de civilização

Na primeira metade do séc. VIII a.C., colonizadores fenícios aportaram à Península Ibérica e fundaram aqui suas colónias e suas feitorias. Gadir (hoje Cádis) foi a mais importante. Outras várias se conhecem na costa de Málaga e no litoral norte-africano. Em Portugal, os Fenícios estabeleceram-se talvez só no séc. VII a.C., em Castro Marim, Rocha Branca (Silves), Abul (Alcácer do Sal), Almaraz (Almada), Lisboa, Santa Olaia (Figueira da Foz). Procuravam prata e estanho, e talvez ferro também, porque em Santa Olaia se descobriu uma área vasta de fornos de redução de minérios férricos. O cobre e o ouro ser-lhes-iam talvez menos estimáveis, porque abundantes no Mediterrâneo Oriental; mas não os excluiam do seu comércio. Traziam em troca ânforas de vinho e de azeite, cerâmicas de engobe vermelho, louças pintadas, jóias, artefactos de marfim, vasos de vidro e de bronze, tecidos.

Com o advento dos Fenícios comeca a Idade do Ferro peninsular, ainda que esse metal se não tenha generalizado em quantidade nem destronado as alfaias de bronze.

Na Andaluzia desenvolve-se o famoso reino indígena de Tartesso, parceiro privilegiado primeiro dos mercadores fenícios e, depois, dos comerciantes gregos que na sua peugada vieram.



Fragmento de prato de verniz vermelho

Сеганнов 1.73(4, 5cm) Commbnga Condrixa-a-Velha, Condrixa-a-Nova, Comboa 2º metade do séc. VII. a.C. Fragmento de prato de bordo relativamente estreito (48 mm), convexo, formando um resalto muito sensível com o fundo côncavo. Pasta dora esponiosa e bastante grosseira. Engobe vermelho em mau estado de conservação, que não permite. ver se foi originalmente polido ou não. Atribuível à forma 1 da ceràmica tartesso-oriental. ALARCÃO et al., 1979, CONES, 1990, CORRIDA

1990, BLANCO, 1960, PELICER, 1978.

Museu Monográfico de Conimbriga Nº 66 595

CHADRADO, 1969

2 Pente de estilo oriental Marfin 4.4X3X3,5 cm Cosmbriga Condenca-a-Velha, Condenza-a-Nova, Combra-Sec Wat.C Plaqueta,fragmentada e muito incompleta. conservando o arrangue de alguns dentes. Decoração gravada nos dois lados, uma estinge sob uma flor de lótus num lado (convencionalmente o anverso) e uma cerva. com vestigios de outra flor de lótus, no outro lado. Apendice lateral perfurado. O corte da plaqueta e a marcação das linhas limites atingiu a decoração. Atribuível ao grupo C.

CHADRADO, 1969 Museu Monográfico de Conimbriga: Nº 69 345.

ALARCAO et al., 1979, GOMES, 1990, CORREIA 1990; BLANCO, 1960; PELLICER, 1978.

Fraqmentos de pote

Cinheica

1037 01

Carrenge

Cardeixa-a-Vilha, Condrixa-a-Nova, Combra

Fins do see YM. at C

Fragmento de pote de colo basso e direito, fino, com a parede interna cóncava e pequeno bordo sub-horizontal. Pança ovóide. Pasta rosaamarelada, homogénea, com desengordurante grosseiro. Superficie inteiramente polida e pintada em bandas puralelas castanhoavemelhadas. Produção de Kuass (Marrocos). ALARCÃO et al., 1979, COMES, 1990, CORREA, 1990, BLANCO, 1960, PELLICER, 1978, CUADRADO, 1969. Miseu Monográfico de Commbriga. Nº 64-593.

4

Bordo de ânfora de tipo oriental

Cerlmica (3.126.1 cm

Countries

Conduxa-a-Vilha, Condeixa-a-Nova, Combra

bricio do sec.ve a C

Fragmento de ânfora. Bordo espesso, obtido por encurvamento da parede, colo pouco marcado. Tenues vestigios do arranque de uma asa. Pasta esponjosa com desengordurante abundante e grosseiro. Pintura vermelha polida no bordo e superfície externa até à altura do arranque da asa. Comparável com os tipo 939 e 960 do Cerro. Macareno.

ALARCÃO et al., 1979, GOMES, 1990, CORREIA, 1990, BLANCO, 1960, PELLICEK, 1978;

CHADRADO, 1969

Museu Monográfico de Commbriga Nº 71 392

5

Prato de engohe vermelho

Cesamor

29.5 CM

Santa Olaia

Santana, Francisa da Foz. Combra

Sec. PII-VEA. C.

Prato de engobe vermelho diluido, aplicado na parte interna. Aba larga e fundo pouco profundo, carenado

Rосна, 1971

Museu Municipal Dr. Santos Rocha Nº 72



Prato de engobe vermelho

Cerámica

11 00

Santa Olaur

Santana, Figurira da Foz. Caimbra

Sec. PIL-VEA.C.

Prato decorado com engobe vermelho escuro, aplicado à ruda (vestigio de polimento em faixas circulares paralelas). Fundo profundo, aba larga Carenado. Duas perfurações junto do bordo que não atravessam todo o interior da parede. ROCHA, 1905, 1971.

Museo Municipal Dr. Santos Rocha. Nº 7949.

7

Prato de engobe vermelho

Cerdmica

13 cm

Santa Olma

Santana, Figurora da Foz, Combra

Sec. PII-VI a.C.

Prato com fundo pouco profundo e bordo largo. Decorado, no intenor, com engobe vermelho, diluido. Bordo pintado com traços brancos. Carenado.

ROCHA, 1905, 1971

Museu Municipal Dr. Santos Rocha Nº 7714





Pote pintado às bandas

Centroca

10 06

Santa Olaur

Santana. Figueira da Foz. Combra

Séc VII-VI a C

Pote pintado às bandas paralelas, com engobe vermelho. Bordo virado para fora, colo curto, com ligeira carena.

ROCHA, 1905

Museu Municipal Dr. Santos Rocha Nº 1561

Fecho de cinturão

Bronze con relorço an ferro

9.2 CH

Tavarede, Figurira da Foz, Correbra

S& VII-VI a C

Fecho de cinturão de tipo Acebuchal, em forma de placa recortada, com corpo central rombóidal e com lingueta. Trata-se de uma peça fundida, com decoração aberta a punção. Reforço em ferro, no intenor, na parte do gancho. ROCHA, 1905, 1971, SCHULE, 1969. Museu Municipal Dr. Santos Rocha Nº 2271T









Navalha de barba

Browze

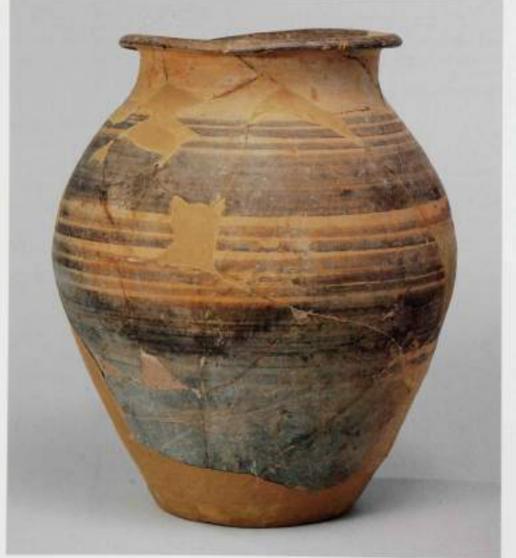
17 CH

Tavarede, Figueira da Foz, Coimbra

Sec. VII-VIA C

Navalha de barba em bronze, de lâmina triangular, com cabo fitiforme terminando em arco. Peça fundida com lâmina batida. Cabo ciim decoração linear, aberta a punção ROCHA, 1905, 1971

Museu Municipal Dr. Santos Rocha Nº 1864



Taca

Creative 7.3X24.3 cm Quieta de Almaraz Cacilhas, Almada, Setábal

Securia C

Taça em cerámica de pasta fina, dura e bem alisada, de cor cinzenta. Apresenta forma em calore esférica, fundo plano ligeiramente moldarado e lábio arredondado.

BAROS: CARDOSO e SABROSA, 1993

Museu Municipal de Almada Nº MMA 4848

12

Pinça

Bronze
181,3 cm
Quinta de Almanaz
Cacalhas, Almada, Setábal
Séc. VIII a.C.

Pequena pinça efectuada numa única lámina de bronze, cujas pontas se afastam e encurvam para permitir a preensão.

BAIROS, CARDOSO e SABROSA 1993 Museu Municipal de Almada Nº MMA 4411

13

Asa pintada

Cerànica 8x1 ex 6 cm Ososta do Almanaz Cacilhas, Almada, Setúbal Sic. V-IV a C Ana constituida por 3 es

Asa constituida por 3 rolos unidos, de forma semiesférica, com pintura de bandas castanhas sobre aguada branca.

BARROS, CARDOSO e SARROSA, 1993 Museu Municipal de Almada Nº MAH 8346 14

Fragmento de ânfora pintada

Ceràmica 3,3x2cm Quinta de Almaraz Cacillos, Almada, Setubal Sec. v.-tv. a C

Fragmento de pança de ânfora, com pintura de banda larga castanha, e xadrez em cinzento escuro e cor de tijolo, sobre fundo de engobe claro.

BARROS, CARDOSO e SABROSA, 1993 Museu Municipal de Almada Nº MAH 8356

15

Taça carenada de verniz vermelbo

Ceràmica 13,634,4 cm Quinta do Almanaz Cacilhas, Almada, Setúbal S6: V8 a C

Taça carenada de verniz vermelho, de carena suave, paredes convexas; bordo extrovertido e pé com fundo côncavo. Engobe vermelho no interior e no exterior até à carena. ILARROS, CARDOSO e SABROSA, 1993 Moseu Municipal de Almada. Nº MMA 4139

16

Taça carenada de cerâmica cinzenta

Cerimica 1728.5 cm Quinta do Almaraz Cacilhas, Almada, Setubal Séc. V-IV a.C. Faça carenada, de carena alta e pouco acentuada, bordo extrovertido. Pasta acastanhada e superficies negras. BARROS, CARDOSO e SABROSA, 1993 Museu Municipal de Almada. Nº MAPL 8143



17

17 Fragmento de ânfora pintada

Cerámica e7,5xe0-cm Quento do Almaraz Cacilhas, Almada, Setúbal Sec. VIII a C.

Fragmento de bojo de ânfora com pintura de bandas, de cor ocre sobre engobe branco. Sensivelmente a meio, entre duas bandas largas, conjuntos de triângulos preenchidos. BARROS, CARDOSO e SABROSA, 1993 Museu Municipal de Almada Nº MMA 4448

18

Prato de verniz vermelho

Certinica 19,3x2 cm Quanti do Almaraz Cacilhas, Almada, Setibal Sti. 1/11-1/1 a.C.

Prato de verniz vermelho com engobe vermelho no interior. Pasta alaranjada. BARROS, CARDOSO e SAIROSA, 1993 Museu Municipal de Almada Nº MMA 4784

Fragmento de cerâmica de verniz negro

Centraca

4.1X5X1.2 ON

Rua D Hugo, 5 - Ports

Sé Porto, Porta

2º Idade do Ferro - sécs IV-III a C

Fragmento de pé de vaso, de pasta depurada, de coloração beige alaraniada, superficie externa revestida a verniz negro. Importação grega ou massaliota.

OSÓRIO, 1993

Depósito: Câmara Munscipal do Porto (Cabinete de Arqueologia Urbana) Nº 24034

20

Fragmento de anforisco

Pasta de vidro sobre micleo de argila 1, 1201, 6300, 18 CM Rua D. Hwap, 3 - Parte Se. Porto, Porto 2º Idade do Ferro - sécs.IV-III a.C. Anforisco. Rodes (7). Cor azul escura, decoração clássica com dois ou três filetes amarelos horizontais aplicados sobre o ombro, seguidos de très a quatro níveis de "chevrons" alternadamente amarelos e azuis claros.

OSÓRIO, 1993

Depósito: Câmara Municipal do Porto (Gabinete de Arqueologia Urbana) Nº 20 900

Fragmentos de cerâmica de verniz negro

Ceramica 6.885.280.0 cm

Rua D. Huto. 5 - Porto

Sé. Porto. Porto

2º Idade do Ferro - sécs IV-III a C.

Três fragmentos de cerámica de verniz negro. Importação grega ou massaliota. Fragmentos de pança de vaso. Pasta depurada, coloração beije alaraniada, superfície externa revestida a verniz negro.

OSÓRIO, 1993

Depósito: Câmara Municipal do Porto (Cabinete de Arqueologia Urbana) Nº 22548



22





22 Vaso

Cerámica 15×11.2 cm Rua dos Correctos S. Nicolan, Labore Lisbox > Made do Ferro-SKS PUPAC Vaso de cerámica cingenta fina. Apresenta lundo em ônfalo, boio globular carena média acentuada. colo alto estrangulado com ressalto mediano e bordo extrovertido. AMARO 1995 IPPAR. N*BCP/128

23 Suporte de anfora

Cerdmins 20.7x8.7 cm Rua dos Commisos S. Nicolan, Lisbon Lisboa 2º Idade do Ferre-Sex IV-III a C Suporte de ânfora em cerâmica, de superficies cohertas por um engobe de cor branca acinzentada. Apresenta, num don topos duas marcas de oleiro, com a representação de dois equídeos. AMAKO, 1995 **IPPAR** Nº BCP/536

Fraqmento de taça

IPPAR Nº BCP/2209

Enamer

21.7 cm

Rus des Cerreiros

S. Nicalau, Lisbou. Lisbou.

2º Hale do Ferro-recs. rv-mr.a. C.

Fragmento de bordo e parede de taça carenada, de bordo arredondado e recto. Apresenta as superficies alisadas ao torno, de cor rosa-acastanhada.



25

Fragmento de jarro

Codmica
10.1 cm
Rsa dos Comeiros
S. Nicelau, Lisboa, Lisboa
2º Idade do Feno-sécs, v.-IV a C.
Fragmentos de bordo, ombro e arranque de asa
de jamo, Apresenta a superfície externa revestid

de jarro. Apresenta a superfície externa revestida por um engobe acastanhado e a face interna do bendo, por engobe avermelhado, pouco aderente e de má qualidade. IPPAR Nº BCP/1308

26

Fragmento de prato

Cerlmin

12 cm

Rint dos Correiros

S. Nicolan, Lisbon, Lisbon

≥ Made do Ferro-sécs. V-IV at C

Fragmento de hordo e parede de prato carenado, de bordo arredondado e extrovertido, em cerámica de pasta cinzenta. Apresenta as superfícies cobertas por engobe cinzento escuro. IPPAR Nº BCP/1582

27

Fragmento de recipiente

Centroica

4 cm

Rua dos Carrentos

S. Micelan, Lisboa, Lisboa

2º Idade do Ferro-sics IV-III a C

Fragmento de parede de um recipiente de forma indeterminada, em cerámica de pasta cinzenta. Apresenta as superfícies cobertas por engobe cinzento escuro e exibe um gralito gravado após a cozedura, de difícil leitura.

AMARO, 1995

IPPAR № BCP/2904

28

Fragmento de suporte de ânfora?

Centimica

15.7 cm

Rua dos Carregiros

S. Nicolan, Lisboa, Lisboa

24 Idade do Ferro-sécs. IV-III a C

Fragmento de cerámica pertencendo provavelmente a um suporte de ánfora.

Apresenta as superficies alisadas e exibe, na face interna, um grafito gravado antes da cozedura. Trata-se possivelmente de um signo alfabético de cariz arcaizante, encontrado num

contexto mais tardio. IPPAR Nº BCP/2525

29

Fragmento de suporte de ânfora?

Cerámica

19.7 cm

Rua dos Correnzos

S. Nicolan, Lisboa, Lisboa

24 Idede do Ferro-vico. IV-III a C

Fragmento de cerámica pertencendo provavelmente a um suporte de ântora.

Apresenta as superficies cobertas por um engobe de tonalidade amarelada e exibe, na face externa, um grafito gravado antes da cozedura, presumivelmente a inicial de um nome próprio.

IPPAR Nº BCP/2536

30

Fragmento de prato ou taça

Centralic

4,7 (10)

Rua dos Correeros

5. Nicolaw, Lisboa, Lisboa

2º Idade do Ferro-séc. IV a C

Fragmento da parede de um recipiente aberto. Apresenta as superfícies cobertas por um engobe de cor branca acinzentada, com polimento ao torno, e exibe, na face interna, a representação estilizada de uma embarcação fluvial, gravada antes da cozedura.

AMARO, 1995

IPPAR Nº BCP/2831

31

Fragmento de taça

Cerámica

33.4 OF

Rua dos Correiros

S. Nicolaw, Lisboa, Lisboa

2º Idade do Feno-séc. IV a C

Fragmento de bordo e parede de taça carenada, de bordo arredondado e extrovertido e com uma asa lateral, localizada no bordo. Apresenta as superfícies cobertas por engobe de cor acinzentada.

IPPAR Nº BCP/2700

Fragmento de pote

Credwica

17.8 CM

Rua dos Correiros

S. Nicolau, Liiboa, Lisboa

≥ Idade do Ferra-secs. (V/0) a C

Fragmento de bordo e ombro de pote, de bordo arredondado e extrovertido e decorado com quatro caneluras horizontais e paralelas, no ombro. Apresenta as superficies alisadas ao torno, de cor alaranjada, com manchas castanhas escuras, provocadas pela acção do fogo. IPPAR Nº BCP/2145

33

Fragmento de ânfora

Centralica

17 cm

Rua dos Carreriros

S. Nicolau, Linbou, Linbou

2º Idade do Ferro-sics. (WILLa C.

Fragmento de ânfora, de bordo com
espessamento interno e ombro descido.

Apresenta a superfície externa de tonalidade
alaranjada.

IPPAR Nº BCP/1202

34

Fragmento de pote

Ceramica

SILM

Rua dos Correiros

S. Nicolau, Lisboa, Lisboa

2º Made do Ferro-secs W/M a.C.

Fragmento de parede de um recipiente cerámico, de superfícies cobertas por um engobe cinzento escuro. Apresenta, na face externa, um gralito gravado antes da cozedura.

AMARO, 1995

IPPAR Nº BCP/2888





35

Fragmento de prato

Cerámica

10,4 (8)

Claustre da Sé de Lisbou

1º Idade do Ferro-séc. Vi a C.

Fragmento de bordo e parede de prato, de lábio plano e biselado. Apresenta a superfície externa coberta por engobe beige, e o bordo e lábio decorado com bandas de cor cinzenta e castanha. IPPAR Nº Se/665

36

Fragmento de ânfora

Cerámica

IE. CO

Claestre da Sé de Lisboa

e Idade do Ferro-séc. VI a.C.

Fragmento de ânfora, com bordo plano e espessamento externo e ombro subido. Apresenta a superficie externa coberta por engobe beigerosado, e sobre este, bandas paralelas de cor castanha amarelada e cinzenta.

Амако, 1993

IPPAR № Se/593

37

Fragmento de prato ou taça

Cerdinica

5.5 cm

Claustro da Sé de Lisbaa

1º Made do Ferra-séc VI a C

Fragmento de cerámica pertencente a uma forma aberta. Apresenta as superfícies cobertas por engobe acastanhado e polidas ao tomo e exibe, na face externa, quatro círculos concêntricos, impressos antes da cozedura, não sendo possível determinar se se trata de uma marca, ou de uma decoração.

IPPAR Nº Sé/1505

Fragmento de pote

Cerimica

0 DE

Clautro da Sé de Lisboa

is Idade do Forra-sée. VI a.C.

Frigmento de colo e bojo de pote com a superficie externa coberta por engobe amarelado, sobre este, duas bandas largas e paralelas de cor castanha escura definem uma área preenchida por estreitas linhas cruzadas, de cor idêntica. IPPAR: Nº Se/588

39

Fragmento de ânfora

Creative

(N.COM

Claustro da Sé de Lisboa

1º Made do Ferro-séc. V7 a C.

Fragmento de ânfora, de bordo com espessamento externo e ombro subido. Apresenta a superficie externa e a face interna do bordo cobertas por engobe branco acinzentado, e sobre este, bandas estreitas e paralelas de cor cinzenta e castanha.

IPPAR Nº Se/1510

40

Fragmento de taça ou prato

Eminion

2.7 (3)

Classico da Sé de Lisboa

1º Made do Frero-sec. 17 a C

Fragmento de cerámica pertencente a uma forma aberta, com fundo em ônfalo, destacado por um pequeno ressalto. Apresenta a superfície interna tuberta por engobe vermelho e exibe um grafito gravado após a cozedura, na face externa do fundo.

IPPAR Nº Sé/1509

41

Fragmento de prato ou taça

Cerámica

3 09

Claustra da Sé de Lisboa

1º Idade do Ferro-séc. VI a C.

Fragmento de cerámica pertencente a uma forma aberta, com superficies cobertas por engobe esbranquiçado e polido ao torno. Apresenta, na face interna, um grafito gravado antes da cozedura, de difícil interpretação.

IPPAR Nº Sé/1500

42

Fragmento de prato ou taça

Cerámica

2, 1 (9)

Claustro da Sé de Lisboa

e- Idade do Ferro-séc. VI a C

Fragmento de cerámica pertencente a uma forma aberta, com fundo destacado por um pequeno ressalto e superficie interna coberta por engobe vermelho. Apresenta, na face interna, um grafito, gravado antes da cozedura, possivelmente um signo do alfabeto das áreas meridionais da Península Ibérica. IPPAR. Nº Se/587

43

Fragmento de pote

Cerlmica

21 (0)

Claustro da Se de Lisboa

to Idade do Ferro-séc. Vi a C

Fragmento de pote, de bordo com lábio ligeiramente extrovertido e superficie externa coberta de engobe beige, e sobre este, bandas paralelas, cinzentas e amareladas.

IPPAR Nº 56/653

44

Taça

Cerámoa

21 (X9 cm

Claustro da Sé de Lisboa

1º Idade do Ferro-sec. VI at C

Taça alta de bordo arredondado e ligeiramente extrovertido, e superficies cobertas por engobe rosado polido, com manchas cinzentas devido à acção do fogo.

IPPAR Nº Sé/1501

45

Fragmento de taça

Gridwica

25 cm

Classitra da Si de Lisboa

1º Idade do Ferro-séc. VV-VI a C.

Fragmento de taça, de bordo arredondado e ligeiramente extrovertido e superfícies cobertas por engobe beige-rosado, polido ao torno. Apresenta, na face interna, um grafito gravado antes da cozedura, provavelmente uma marca. IPPAR Nº Se/1507

46

Fragmento de ânfora

Ceràmica

17.2 00

Clasestro da Sé de Lisboa

1º Idade do Ferro-sec 11 a C

Fragmento de ântora, de bordo espessado externamente e ombro subido. Apresenta a superficie externa e a face interna do bordo coberta por um engobe acastanhado.

IPPAR Nº Sé/1503

Fragmento de taça

Cerámica 25.2 cm

Claustro da Sé de Lisboa 1= Idade do Ferra-sec. VI a C.

Fragmento de taca carenada, de bordo arredondado e extrovertido, e superficies cobertas por engobe vermelho polido, com manchas queimadas. Exibe, na face interna, um grafito gravado após a cozedura, de dificil interpretação. AMARO, 1995

IPPAR Nº Sé/1504

Fragmento de taça

Ceràmica 22.2 cm Claustra de Sé de Lisbaa to Idade do Ferro-sic. Vi.a C. Fragmento de taça carenada de bordo extrovertido e superfícies cobertas por engobe vermelho polido ANARO 1995

IPPAR Nº Sé/1511

49

Fragmento de prato

Centroica 27 19

Classitro da Sé de Lisboa 1- Idade do Ferro-séc VI a.C.

Fragmento de prato de lábio aplanado e recto, e superfícies cobertas por engobe acastanhado, devido às condições de cozedura, com polimento

IPPAR Nº Sé/1506

Fragmento de prato

Cerámica

27.3 On

Claustro da Sé de Lisboa ve Idade do Ferro-sec. VI.a.C.

Fragmento de prato, de lábio arredondado e extrovertido, coberto por engobe vermelho

IPPAR Nº 56/1508

51

Prato de "verniz vermelbo"

Cerámica

Diam. 27 cm

Rocke Branca

Silves Silves Fare

re Idade do Ferre - sic -vm-vn a C Prato de verniz vermelho de forma subtroncocónica, bordo largo e horizontal. Base plana. Sob o bordo observa-se um filete em relevo. Foi fabricado com pasta bem depurada. de cor beije-alaranjada. As superficies encontram-se cobertas de "verniz vermelho", de tom vivo e de aspecto acetinado. SILVAT COMES 1992. COMES 1993. Museu Municipal de Arqueologia de Silves Nº Q G3/C3

Prato de "verniz vermelho"

centerna

Diam 21 cm

Rocha Branca

Silves Silves Faro

in Idade do Ferro sit. VIII-VII a C Prato de verniz vermelho de formasubtroncocónica, bordo largo e horizontal. A base é plana. Foi fabricado com pasta bem depurada, de cor beise-rosada, com núcleo acinzentado. Sobre o bordo e até metade do interior, mostra "verniz vermelho" de tom scastanhado, bem fixado e de aspecto acetinado. SILVA'E COMES, 1992, GOMES, 1993. Museu Municipal de Arqueologia de Silves Nº QFI/CI

53

Taca

Cerámica

Dides: 27 cm

Rocha Branca

Silves, Silves, Faro

1- Made do Ferro - séc VIII-VII a C

Taça de forma subtroncocómica, carena alta, bordo espessado, extrovertido, base plana. Foi fabricada com pasta não muito bem depurada, de cor alaraniada.

GOMES: 1993

Museu Municipal de Arqueologia de Silves Nº Q D3/C2

54

Taça

Cerámica manual

1600 to 5 cm

Abul A

Santa Maria do Castelo, Alcacer do Sal, Setúbal

Finals sic. VII - 13 metade do sic. VI a C.

Taca de fundo plano.

MAYET e SILVA, 1992

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal Nº AB 1.90

55

Prato

Denomica

Dillin 26 cm

Abul A

Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sal, Setábal

2º metade do sec. VII a.C.

Prato em cerâmica "cinzenta B".

MAYET e SILVA, 1992

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setubal Nº AB 89.91

Prate

Crianica

Drán. 20 cm

Alní A

Santa Mena do Centelo. Alcúcor de Sal, Senibal

Finan do str. 171 - 1- mitade do séc. 171 a C

Prato de boedo largo em cerámica de engobe vemielho

MAYET e SEVA. 1992

Museu de Arqueologia e Etnografia do Diatrito

57 Uma

Colonia

Dian. 19,1 cm
Ahil A
Sente Menia do Cautele, Alcácer do Sal, Senibal
2-metade do sic. VII.a.C.
Urna de bandas pintada.
MANTE e SILVA, 1992
Museu de Arqueologia e
Etnografia do Distrito de

Sembal Nº All 91-90

de Setübal Nº All 92-116

58 Ånfora

Cerdinica

Diâm boca 12,5 cm

Abul A

Santa Maria do Castelo, Alcacer do Sal, Schibal

Finais séc 1911 – 1º mitade do séc 17 a.C.

Ārifora

MAYET e SILVA, 1992

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito
de Setúbal 18º AB 2-90

59

"Tubeira"

Cesámica
9x6xx en
Abul A
Santa Mania do Castelo, Alcáirer do Sol, Setábal
2º metade do séc. VII a.C.
"Tubesta" em cerámica de fole de handição
inédito
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito
de Setábal Nº AB 79-90

51/52/53



Vitrine 11

Povoados e necrópoles do Baixo Alenteio

O comércio fenício invadiu Algarve e Alentejo. No primeiro viviam os Cinetes e, no Alentejo, os Cónios. A área destes últimos tem sido objecto de muitos estudos nos últimos 20 anos. Não se conhece a localização de Conistorgis, que parece ter sido o seu lugar central. mas identificaram-se diversos lugares habitados, como Fernão Vaz, Neves I e II, Corvo I, Monte Beirão. Trata-se aparentemente, não de aldeias, mas de casais ou quintas com 30 a 50 habitantes. o que pode corresponder a uma família alargada, eventualmente com alguns criados.

As necrópoles dos Cónios, onde nem toda a gente era enterrada, mas apenas os mais grados, apresentam cistas rectangulares cobertas de tumuli primeiramente circulares, depois, quadrados. O antigo ritual de inumação foi dando lugar à cremação. A cerâmica é, nessas sepulturas, abundante.



Cabeça de bovídeo

Cerámica FOX EU. SON Necrobale da Fonte Santa S. Salvador, Ourique, Bejaes Made do Ferro Escultura oca em argila, representando um bovideo, com as duas hastes quebradas. Foi encontrada perto do túmulo 8 e do muro que delimitava a sepultura 3. É designada como "máscara" pelos arqueólogos. responsáveis pela escavação, que apresentam paralelos no Mediterrâneo Oriental e na necrópole de Alcácer do Sal. Pode igualmente ser considerada como parte de um vaso de cerámica. BERLIO e GOMES, 1980, BEIRÃO, 1986 Museu Nacional de Arqueologia (Depósito Caetano Mello Beirão) Nº 101



Cerámica FERS.5 CM Necrobole da Foste Santa S. Salmador, Ourique, Bejar- Made do Ferro Escultura em cerámica representando a parte.

superior (cabeça, pescoço e início do tronco) de um felino, bastante erodido, sendo perceptiveis alguns pormenores anatómicos: narinas bem marcadas, olhos salientes e base das orelhas. O pescoço é longo. Num dos lados é possível distinguir o arranque de um dos membros dianteiros.

BURÃO e COMES, 1980, BURÃO, 1986 Museu Nacional de Arqueologia (Depósito Cactano Mello Beirão) Nº 102

Parte superior de um vaso com asa sobre o bordo

Control

26.5932309.08

Nicrobale da Fonte Santa

5 Salvedor, Ovrigue, Beja

e Idade do Ferra

Parte superior de um vaso de cerámica de cor cinzenta acastanhada clara, de boca elíptica e asa cilindica, grossa, sobreposta ao bocal. Foi encontrada fora de contexto tumular, a cerca de 3 metros da sepultura 15 BERÃO e GOMES, 1980, BERÃO, 1986 Museu Nacional de Arqueologia (Depósito

4

Uma com tampa

Caetano Mello Beirão) Nº 186

Emirrior

23,73(17,1 08)

Necrobele da Fonte Santa

5. Salvader, Ownaue, Boa

e Mañ do Ferra

Urna em cerámica de pasta fina e cor alaranjada, de forma ovoide, com bojo globular, colo estrangulado e bordo extrovertido. A tampa, fragmentada, é em forma de tigela baixa. Integra o espólio do túmulo I, monumento II.

BERÃO e GOMES, 1980, BERÃO, 1986

Museu Nacional de Arqueologia (Depósito Cactano Mello Beirão). Nº 1/FS

5

Ита сот татра

Ceranica

30 Axes 5 cm

Necropale da Fonte Santa

5. Salnadar, Onrique, Beja

Caetano Mello Beirão) Nº 2/FS

I- Made de Ferro

Uma em cerámica de pasta fina e cor alaranjada, de forma ovoíde, com o bojo globular, colo estrangulado e bordo extrovertido. Apresenta-se com uma tampa em forma de tigela baixa.

BERÃO e GOMES, 1980, BERÃO, 1986

Museu Nacional de Arqueologia (Depósito

6

Taça

Cerámica

(A.3X3 cm)

Necropole do Mealba-Nova

Ourique, Ourigae, Besa

1- Idade do Ferra

Taça de cerámica, de pasta grosseira, com engobe de cor de tabaco, proveniente do Monumento III.

DIAS, BERAO e COELHO, 1970; BERAO e GOMES, 1980; BERAO, 1986

Museu Nacional de Arqueologia (Depósito Caetano Mello Beirão) - Nº 115

7

Fragmento de taça

Cerámica

THEFT IN L. T. OR.

Necropole da Mealha-Nova

Ourique, Oarigar, Beist

e Idade do Ferro

Fragmento de taça, de cor castanha, com dois orificios de suspensão junto ao bordo.

Dias, Berrão e Coelho, 1970, Beirão e Gomes,

1980, BEIRAO, 1986

Museu Nacional de Arqueologia (Depósito Caetano Mello Beirão) Nº 122 18

Fragmento de taça carenada

Сеганица

21,1X11,14W

Necropole da Herdade do Pégo

Santa Ana da Serra, Ourique, Besa

1º Idade do Ferro

Taça carenada incompleta, com ôntalo, de pasta depurada de cor castanha, com as superfícies polidas interna e externamente, proveniente do túmulo II.

Dias, Berão e Coelho, 1970, Berão e Gomes, 1980, Berão, 1986

Museu Nacional de Arqueologia (Depósito Caetano Mello Beirão) Nº 123

9

Vaso carenado de colo alto

Cerémica

25,73:18,5 cm

Necrópole da Herdade do Pego

Santa Ana da Serra, Ourique, Beja

1+ Idade do Ferro

Vaso carenado de colo alto e bordo largo extravasado, em cerámica de pasta depurada e cor castanha clara, proveniente do túmulo II. DIAS, BEIRÃO e COELHO, 1970, BEIRÃO e GOMES, 1980, BEIRÃO, 1986

Museu Nacional de Arqueologia (Depósito Caetano Mello Beirão) Nº 124



5/6

Uma

Ceràmica 36, 3×30 cm Necrópole da Herdade de Pigo Santa Ana da Serra, Osorque, Beja 1º Idade da Ferro

Uma funerária, de cor castanha, boca larga, lábio extravasado, apresentando no colo uma linha decorativa digitada, proveniente do túmulo II. Dias, BEIRÃO e COELHO, 1970, BEIRÃO e GOMES, 1980, BEIRÃO, 1986.

Museu Nacional de Arqueología (Depósito Caetano Mello Beirão) Nº 125 11

Taça

Ceràmica 18X5 cm Necropele da Herdade do Pigo Santa Ana da Serra, Ourique, Beja 1º Idade do Ferro Taça em ceràmica de pasta fina e cor castanha rosada.

Dias, Beirão e Corlho, 1970, Beirão e Comes, 1980, Beirão, 1986

Museu Nacional de Arqueologia (Depósito Caetano Mello Beirão) Nº 125A 12

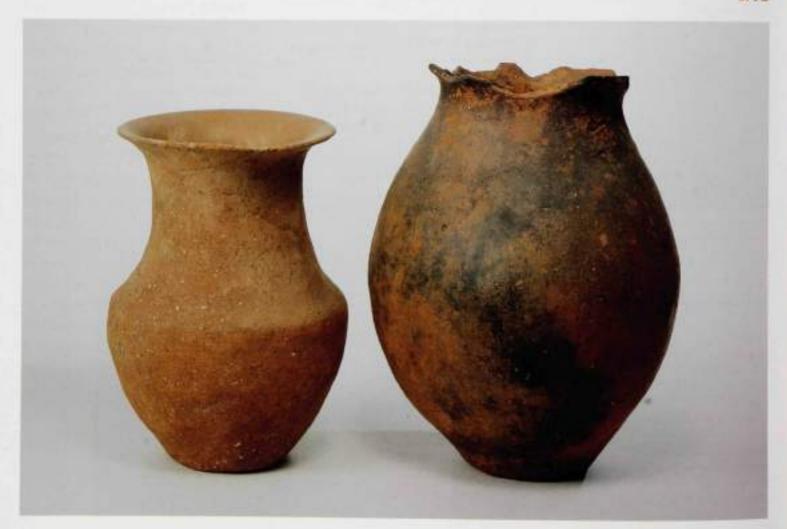
Uma

Ceránica
12 x 24,8 cm
Nocrópole do Galeado
Vila Nova de Milfontes, Odenira, Beja
1º Idade do Ferro, sécs v-o a C.
Grande urna em cerámica de pasta grosseira, onde abundam elementos não plásticos, de cor castanha, de forma globular ou ovoide, hundo côncavo, colo estrangulado e bordo extrovertid

cóncavo, colo estrangulado e bordo extrovertido.
Apresenta ainda a face externa afagada e com um acabamento a aguada de cor castanhaavermelhada, pouco homogénea. Continha fragmentos de ossos no seu interior.
BERAO e COMES, 1983

Museu Nacional de Arqueologia Nº 989 18-4

9/12



13/15

Conjunto de 3 contas esféricas

Dasta eibeur Dille 13,7 cm Necrobale de Galeado Vila Nova de Milfontes, Odemina, Beja-# Made do Ferro, 163. 17-V a C Comunto de 3 contas, de cor azul turquesa oculadas a azul escuro e branco RORIO e COMES, 1983 Museu Nacional de Arqueologia Nº 989 18 1-3

16

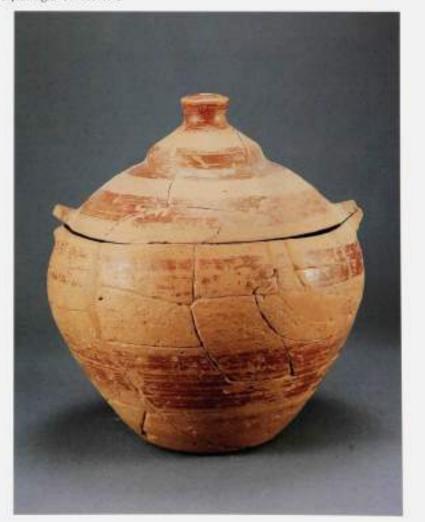
Brinco de argola

Own Didn 2.8 cm Necespele do Galeado Vila Neva de Milfontes, Odemira, Beja # Made do Ferra Beinco em forma de aro circular constituido por um arame estriado helicoidalmente, adelgaçando do centro para as extremidades, que são lisas e que se cruzam num enrolamento de duas voltas. PARREIRA, 1980 Museu Nacional de Arqueologia Nº Au 397

Urna com tampa de orelhetas perfuradas

Ceràmica 50-5x24-570e Necrópole do Galeado Vila Nova de Milfontes, Odenura, Beja in Idade do Ferre, sécs VI-V a C Urna com tampa fabricada ao torno, com pasta de cor castanha claru rosada, bem depurada e homogénea, com desengordurante fino. Apresenta forma globular, com boca larga e tampa troncocónica terminada por um elemento de preensão em forma de botão oco. Tanto a uma como a tampa exibem ainda duas pequenas asas ou orelhetas, oblíquas, perfuradas antes da cozedura. A decoração pintada é constituída por 6 faixas largas horizontais, de cor vermelha escura BEIRAO e GOMES, 1983

Museu Nacional de Arqueologia Nº 989-19-2



Prato em cerâmica de verniz vermelho-

Centrocar 2009,5 cm

Necropole do Galeado

Vila Nova de Milfontes, Odemira, Beja

ri Ilade do Ferre, secs. 11-1/4 C.

Prato de cerámica fabricado ao torno, de pasta fina castanha clara rosada, bem depurada e homogénea, de grão muito fino. Apresenta bordo largo, de 6 cm, ligeiramente oblíquo, terminando num lábio levemente biselado e espessado inferiormente. O fundo assenta sobre um pé baixo com ónfalo. O prato está revestido com um acabamento a verniz vermelho acastanhado claro, formando uma película bem aderente a superficie. Pertence à firma 1 de recipientes de verniz vermelho tartéssico orientais do catálogo de E. Cuadrado.

BEIRÃO e GOMES, 1983

Museu Nacional de Arqueologia 989 19.1

19

Uma pintada

Cerámica

31 cm

Fare

to Idade do Ferro

Grande uma em cerámica fabricada ao tomo, de pasta fina e bem depurada, de forma globular, colo curto estrangulado e bordo extrovertido, fundo cóncavo em ónfalo e decoração, de faixas paralelas pintadas a vermelho escuro sobre fundo claro.

Inédita

Museu Nacional de Arqueologia Nº 11195



21

penas

20

Cerdenica

8,585,5 cm Poroado de Neves I

Figura zoomórfica

Finais do séc. 11 a.C.

Sta. Barbara de Padrões. Castro Verde, Beja

Figura zoomórfica em cerámica de pasta

eventualmente um suino. Este seria

M*, e M., 1986, Mala, M*, 1987

Corvo SARL Nº 3/NI

grosseira e cor vermelha acastanhada, de forma

ovóide, irregularmente perfurada, representando

presumivelmente rematado com a colocação de

próximo paralelo numa figura proveniente de El

cerdas nos orificios. Esta peça tem o seu mais

Carambolo com idênticas perfurações, onde

Mata Carriazo presume teriam sido aplicadas

MAIA e CORREA, 1985. MAIA, Mº, 1986. MAIA,

SOMINCOR - Sociedade Mineira de Neves-

Pequeno pote

Сеганиса

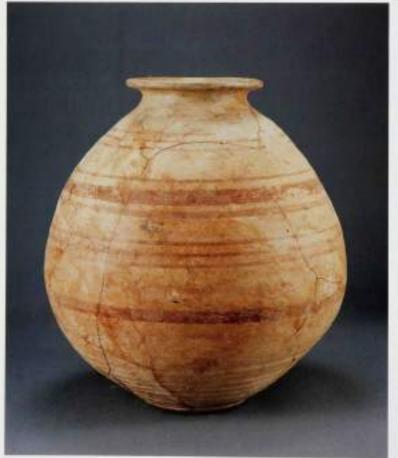
7,326,3 08

Povoado de Neves I

Sta Bárbara de Padrões, Castro Verde, Beja

Finais do séc. VI a.C.

Pequeno pote em cerámica de pasta grosseira e cor acastanhada. Apresenta forma ovoide, fundo plano, culo ligeiramente estrangulado, bordo extrovertido e o arranque de uma asa. MAIA e CORREA, 1985, MAIA, M*, 1986, MAIA, M*, e M., 1986, MAIA, M*, 1987. SOMINCOR-Sociedade Mineira de Neves-Corvo, S.A.R.L. N° NI/23



Anfonisco

Codence
754.3 cm
Precodo de Coree I
Sta Bárbara de Padróns, Castro Verde, Beja
Fram José: W.a.C.
Anfonsco em cerámica de pasta grosseira e cor
castanha. Apresenta forma alongada, subtroncocónica, fundo em ónfalo, bordo
excovertido e vestígios do arranque da asa.
MAIA e CORREA, 1985, MAIA, Mº, 1986,
MAIA, Mº, e M., 1986, MAIA, Mº, 1987
SOMINCOR Sociedade Mineira de NevesCorvo, S.A.R.L. Nº 1/CI

23

Andorisco

Crimina

8,535,7 cm

Pensado de Conso I

Sto Bárbaro de Padriles, Castro Verde, Beja
Fixuo Jo sée 17 a.C.

Antonisco em cerámica de pasta grosseira e cor
castanha. Apresenta forma ovóide, fundo
apontado em bisco, bordo extrovertido e uma asa
de secção cilindrica

MAIA, e CORREA, 1985, MAIA, Mº, 1986,
MAIA, Mº, e M., 1986, MAIA, Mº, 1987

SOMINCOR-Sociedade Mineira de NevesCorvo, S.A.R.L. Nº 2/CI

24/25

Cerámos

Dois pequenos púcaros

Maior. 7,836,3 cm
Poroside de Corro II
Sta. Bárbara de Padrões, Castro Verde, Beja
Finan do séc.17 a C
Conjunto de dois pequenos púcaros em cerámicade pasta grosseira e cor acastanhada. Apresentam
forma globular, fundo plano, bordo extrovertido
e uma asa lateral.
MAIA e CORIEA, 1985, MAIA, Mº, 1986,
MAIA, Mº, e M., 1986, MAIA, Mº, 1987
SOMÍNCOR- Sociedade Mineira de NevesCorvo, S.A.R.L. Nº 1/CII

26/27

Duas esculturas zoomórficas

Centrecar
Maior: 14x8 cm
Parosalo de Corre I
Sta: Bárbara de Padrães, Castre Verde, Beja:
Finais do séc: Vi a: C
Duas esculturas zoomórficas em terracota,
incompletas, figurando uma, um dorso de cavalo
com pés de cavaleiro, e outra, o dotso, pescoço e
cauda de um felino.
Maia e Correa, 1985, Maia, Mº, 1986,
Maia, Mº, e M., 1986, Maia, Mº, 1987
SOMINCOR-Sociedade Mineira de NevesCorvo, S.A.R.L. Nº 3/CI

28/30

Conjunto de três cossoiros

Ceránica
Maior 1/2 cm
Neos I e II, Carro I
Sta Bárhara de Padrão, Castro Verde, Boa
Finass do súc. V/ a C
Conjunto de três cossoiros de formas e
dimensões diversas, em cerámica de pasta
grosseira e cor castanha acinzentada.
MAIA e CORREA, 1985, MAIA, Mº, 1986,
MAIA, Mº, e M., 1986, MAIA, Mº, 1987
SOMINCOR-Sociedade Mineira de NevesCorvo, S.A.R.L. Nº 4/CI

31

Fragmento de grande vaso

Cerdonica
3 12/3 cm
Pornado de Neires I
Sta Barbana de Padries, Castro Verde, Beja
Finais do séc. V.a. C.
Fragmento de grande vaso em cerámica, feito
com roda de oleiro, de pasta grosseira e forma
globular, bordo extrovertido, boca larga e asa
maciça em ferradura.
MAIA e CORREA, 1985; MAIA, M*, 1986;
MAIA, M*, e M., 1986; MAIA, M*, 1987
SOMINCOR-Sociedade Mineira de NevesCorvo, S.A.R.L. N° NI/I 31

Vitrine 12

Lamakes

A lamax é uma caixa de pedra ou cerâmica destinada a conter as cinzas de um morto.

Normalmente as lamakes eram colocadas em sepulturas de câmara. Há, nas regiões de Granada e Jaén, exemplos destas sepulturas que, todavia, até agora, não se encontraram em Portugal.

A presença das lamakes em território português revela influência dos hábitos funerários do Sul de Espanha.

Lamax

Grei 11X 18, 1X 13 CM Mértola Ir Idade do Ferro

Uma de forma paralelepipedica, talhada num único bloco de grés, de grão fino e macio e de cor beige clara. As paredes oferecem uma área rebaixada para permitir o encaixe e ajustamento perfeito da tampa (inexistente) para obtenção do fecho hermético da uma. A base é plana com as porções mesiais das quatro arestas cortadas em bisel, deixando os cantos em reserva de modo a parecer assentar em 4 pes. Esta peça tem paralelos em algumas necrópoles da Alta Andaluzia (donde terá sido eventualmente importada) ou área bastetana e uma clara filiação oriental.

VASCONCELOS, 1913, GOMES, 1986, SIEVA e GOMES, 1992

Museu Nacional de Arqueologia Nº 995 29.1



Larnax com tamba

Centraca

30x29x41 cmt Passado de Neves I Sta. Bérbara de Padrões. Costro Verde Beia ≥ metade do séc. V a. C. Urna de incineração em cerâmica, de fabrico manual, e pasta grosseira de cor castanha esoira acinzentada, cuio interior se apresenta bempolido e revestido de um espesso engobe cinzento. De forma rectangular, com paredes laterais obliquas e côncavas, na face externa. formando arestas muito pronunciadas, e providano bordo, de uma aba larga e saliente, foi encontrada coberta por uma tampa, igualmente em ceràmica, de forma sub-rectangular, com os lados côncavos, tomando a forma dos lingotes. metálicos em forma de pele de boi esticada. comuns no Mediterrâneo Oriental, com uma perfuração central e decorada com dois prossos. cordões em relevo, correndo paralelamente às margens. Este larsay foi encontrado no centro de um compartimento, numa camada caracterizada pela abundante presença de carvões, cinzas e outro espólio arqueológico, que seria, provavelmente, um támulo ou mausoleu em forma de casa, destinado ao enterramento de figuras prestigiadas, chefes ou régulos. Esta peça, de manufactura local, sem paralelos nacionais, ou mesmo peninsulares, tem os seus protótipos no Mediterraneo Oriental MAIA e CORREA 1985. MAIA. Mº 1986. Maia, M., e M., 1986, Maia, M., 1987.

SOMINCOR-Sociedade Mineira de Neves-

Corvo, S.A.R.L. Nº 1/NI



Ceràmica 54.5844.5845.5 cm Porocido de Neves I Sta. Bárbara de Padrões, Castro Verde, Bija Séc. v. a.C.



Uma ou vaso libatório em cerámica, de fabrico manual, pasta grosseira e cor castanha acinzentada, de forma sub-rectangular, no interior da qual foi aplicado um vaso sem fundo. de forma trococónica e bordo extrovertido. formando uma pequena aba circular. A urnaapresenta-se profusamente decorada comcordões e volutas em relevo, uma das quais exibiaainda um fio em prata. O centro é vazado. Estapeça provém do mesmo mausoléu que a anterior, mas de um nivel, contexto e cronologia diferentes: cerca de 25 cm mais abaixo e separada. dela por um pavimento de terra batida Encontrava-se isolada numa cavidade intencional feita na rocha, servindo de "capeamento" a um locules funerário cavado na rocha, onde foram encontrados carvões, cinzas e esquírolas ósseas, podendo corresponder a uma primeira ocupação da jazida. O facto de se apresentar com o fundo vazado, centrado em relação à cavidade natural, parece supor uma função libatória para este lunics. De modo semelhante à anterior, também esta peça não tem paralelos próximos, inserindose numa cultura com profundas raízes orientalizantes.

Maia e Correa, 1985, Maia, Mº, 1986, Maia, Mº, e M., 1986, Maia, Mº, 1987
SOMINCOR: Sociedade Mineira de Neves-Corvo S.A.R.L. Nº 2/NI



Vitrine 13

Contas e armas e obeloi

Nas sepulturas da 1ª Idade do Ferro do Sul de Portugal encontra-se uma extraordinária variedade de contas de colar, feitas de materiais diversos, designadamente resina e pasta vítrea. Muitas delas são importadas.

Recolhem-se também escaravelhos egípcios, que os comerciantes fenícios traziam de Náucratis e eram portadores de boa fortuna. Os obeloi ou espetos de bronze eram alfaias litúrgicas que tanto se acham em santuários como em tumúlos. Um exemplo da sua utilização pode ver-se no krater de Alcácer do Sal exposto na vitrine nº19.

Conjunto diversificado de contas de colar

Pasta nitrea, cerámica, pedras Necrópole da Fonte Santa S. Salvador, Oserase, Beja v-Idade do Ferro

Conjunto de contas de colar de matérias primas diversas, onde predominam as de pasta vitrea, lisas ou oculadas, de cores, formas e dimensões variadas, provenientes das diversas sepulturas da necrópole da Fonte Santa.

BERÃO e COMES, 1980, BERÃO, 1986 Depósito de Caetano Mello Beirão no Museu Nacional de Arqueológia Nº 184

2

Conjunto de contas de colar

Pista pitra, corsalina
Nicrópole da Mealha-Nova
Ourapa, Ourapa, Brja
1º Idade do Forro
Conjunto de contas de colar, de cores, formas e
dimensões variadas, provenientes de vários
sectores da necrópole.
Dias, Beilião e Coeli-io, 1970, Beilião e Gomes,
1980, Beilião, 1986
Depósito de M. Alves Días no Museu Nacional
de Arqueologia. Nº 120



Conjunto de contas de colar

de Arqueologia Nº 127

Pasta offria
Necrópole da Herdade do Pégo
Santa Ana da Serra. Oscique, Beja
1º Idade do Ferro
Conjunto de contas de cor negra, decoradas a
branco, provenientes dos támulos IV e VI.
DIAS, BERÃO e COELHO, 1970, BEIRÃO e GOMES,
1980, BEIRÃO, 1986
Depósito de M. Alves Dias no Museu Nacional



Conjunto diversificado de contas de colar

Pasta vitras
Necrópole da Fonte Velha de Brosafrin
Bevsafrin, Lagos, Faro
1º Idade do Ferni
Conjunto de contas de colar, de cores, formas e
dimensões diversas, provenientes de vários
túmulos da necrópole
VEICA, 1891, ROCHA, 1897, VASCONCELOS, 1915
BEIRÁO, 1986
Museu Nacional de Arqueologia Nº 11173



Pendente

Amete fore ferragioco o per cie.

Necropele da Herdade do Pigo.

Santa Anar da Serra, Osengae, Beja.

« Made do Foro.

Pendente, de cor arroxeada, de contornos inregulares tendendo para o subovalado e embindo uma larga perfuração no topo, proveniente do númulo III.

Divis, BERAO e CORLHO, 1970, BERAO e GOMES, 1980, BERAO, 1986.

Depósito de M. Alves Dias no Museu Nacional de Arqueologia. Nº 126.

6

Fragmento de lança de alvado -

Firm

22, los cm

Nicritole da Herdade do Pigo

Sonta Asse da Sorra, Oseigne, Biga

4º Made da Ferro

Fragmersto proximal de lança, musto deteriorada.

Ditos, BEIRÃO e COELSHO, 1970, BEIRÃO e GOMES.

1980, BEIRÃO, 1986

Depósito de M. Alves Dias no Museu Nacional de Arqueologia. Nº 130

7

Fore

Ponta de lança

de Arqueologia Nº 114

Porta de Malha-Nova
Campa, Ourque, Bria
I-Male do Ferro
Porta de lança fracturada na ponta, apresentando
os gumes muito destruidos, proveniente do
Monumento III.
Dias, Berrao e Coeu-io, 1970, Berrao e Gomes,
1980, Borrio, 1986
Depósito de M. Alves Dias no Museu Nacional

8

Ferra

Conto de lança

21x3 cm
Necropole do Menha-Nova
Ourque, Ourque, Beja
1º Idade do Forro
Conto de lança proveniente do Monumento III.
DUAS, BEIRÃO e COILLHO, 1970, BEIRÃO e GONES,
1980, BEIRÃO, 1986
Depósito de M. Alves Dias no Museu Nacional
de Arqueologia Nº 114-A

9

Fragmento de faca

Ferro

13,4x2 cm

Necrópole da Herdade do Pégo

Santa Ana da Serra, Ounque, Beja

1º Idade do Ferro

Fragmento de faca de lámina curva com dois rebites, mostrando junto ao cabo restos de um remate em bronze.

DIAS, BEIRÃO e COELHO, 1970, BEIRÃO e GOMES, 1980, BEIRÃO, 1986

Depósito de M. Alves Dias no Museu Nacional de Arqueología. Nº 131

10/13

Conjunto de 2 pontas e 2 contos de lança

14/15

Conjunto de 2 contos de lança

Ferro
Minor 66x1,8 cm
Nocrópolo de Mouriços
Almodónar, Almodónar, Bga

1º Elade do Ferro
Conjunto tumular de armas em ferro
BBRAO e Comes, 1980, BERAO, 1986
Depósito de Caetano de Mello Berrão no Museu
Nacional de Arqueologia Nº 227

10/13



Disco

Our Didn. 3.7 cm Necrópole da Fonte Velha de Bensafrim Bresafron Lagor, Faro 1º Islade do Ferro, sécs. VII-VI a.C. Placa circular com perfuração central e decoração geométrica linear, (espirais e linhas) dispostas radialmente. Entre eles, pequenos elementos decorativos (pontos e linhas). Decoração repuxada VEIGA, 1891; ROCHA, 1897, 1905 Museu Municipal Dr. Santos Rocha Nº 7674

17

Fragmento de lápide epigralada

Xicta 5.500 3 436

Necropale da Fante Velha de Bensalrine Bemafrin, Lugos, Fara 1- Idade do Ferro

pátina de cor amarela e com restos de dendrites. de pirolusite, com caracteres epigrafados da chamada escrita do Sudoeste. VEGA. 1891. ROCHA. 1897. VASCONCELOS, 1915, BEIRAO, 1986.

Museu Nacional de Arqueologia Nº 11182

Fragmento de sisto de cor castanha escura com

18/20

Conjunto de 3 braceletes abertos

Вгонгу

Diam médio 6,5 cm Necropole da Fonte Velha de Bensafrim Bousidrine, Lagus, Fare to Idade do Ferre Conjunto de 3 braceletes abertos, com terminais decorados com enrolamentos de fio de bronze. provenientes da Sepultura B. VEIGA, 1891, ROCHA, 1897, VASCONCILOS, 1915, BEIRÃO, 1986 Museu Nacional de Arqueologia Nº 11164. 11152, 11151

Elemento de fibula em bronze

Beneze

COMP. EXCW Necrópole da Fante Velha de Bensafrin Bossalrin, Lados, Fare so Idade do Ferro Fragmento de fibula - fuzilhão e mola - em VEGA, 1891, ROCHA, 1897. VASCONCELOS, 1915, BERÃO, 1986 Museu Nacional de Arqueologia Nº 11153 A

Espeto de tipo alenteiano

HOSCEL & CHE

Popoado de Monte Beirão Almodónar Almodónar Beia 1+ Idade do Ferra

Espeto de tipo alentejano em bronze, em forma de longa haste de secção quadrangular e extremidade distal fina e aguçada, fundida de uma só vez. A empunhadura apresenta-se de secção cilindrica, na zona mediana, é rematada, no topo, por um disco ou pastilha aplanada, e na base por duas aletas de lados arredondados. Uma decoração de traços incisos e pontilhado é visível no cabo. Alguns autores consideram este tipo como o mais antigo dentro da série de espetos de Sudoeste Peninsular.

VASCONCELLOS, 1920. CORFIN. 1985, GAMITO. 1986, SILVA e GOMES, 1992 Museu Municipal Rainha D. Leonor - Beja: Nº I/MB

23

Anel

Prata 2. fx2, dx f, 5 cm Necrópale da Fareda Nova Owigue, Ourique, Beia 1º Idade do Ferro Anel com engaste perdido suportado por quatro

volutas espiraladas que terminam as ibus. extremidades do aro do anel Diase Collino, 1983. Depósito de M. Alves Dias no Museu Nacional de Arqueologia Nº 324

24

Selo em forma de escaravelho com anel de suspensão

Brown Dian 4.7 cm Necróbole da Favela Nova Ouridue Ourique Beia soldade do mFerre Selo e anel de suspensão em bronze maciço. O selo em forma de escaravelho representa este de um modo muito sumário:

DIAS e COELHO 1983 Depósito de M. Alves Dias no Museu Nacional de Arqueologia Nº 323

Conjunto diversificado de contas de colar

Prata, pasta estrea e pedra Necropole da Favela Nova Ourique, Ourigne, Bejae Idade do Ferro Conjunto de contas de colar de formasdiversificadas, sendo uma em prata, com remates junto aos orifícios, uma tubular de cor negra, uma esférica oculada a branco, duas geminadas de cor amarela e uma de pedra de cor negra. DIAS e COELHO, 1983 Depósito de M. Alves Dias no Museu Nacional de Arqueologia Nº 325



Plinto 3

Uma das mais antigas escritas do Ocidente europeu

Talvez se possa falar, a respeito dos Cónios, de um verdadeiro estado ou reino, ainda que primitivo. O avançado nível civilizacional é denunciado pela escrita, que hoje conhecemos só de lápides funerárias e de alguns grafitos, mas que poderá ter sido utilizada também em correspondência, assentos de mercadores ou registos administrativos, naturalmente perdidos porque se fariam sobre materiais pereciveis.

O texto das lápides funerárias desenrola-se numa ou duas linhas que dão volta à pedra sepulcral, em raros casos figurada. O valor fonético dos caracteres é conhecido, mas o sentido da escrita permanece indecifrado.

Em Espanca (Castro Verde) encontrou-se um abecedário gravado sobre placa de xisto. Mão mais dextra escreveu a primeira linha, que outra mão mais inábil (de aluno?) abaixo copiou.

Lápide decorada e epigrafada com escrita do Sudoeste

Xists alvatvi2 cm Benociate Silves Silves Faro i= Idade do Ferro

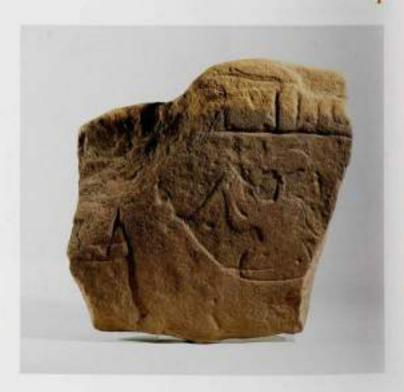
Fragmento de estela epigrafada, de que apenas restam 4 caracteres, exibindo a representação de uma figura humana, esculpida em falso relevo. Trata-se de um cavaleiro, com gorro ou tiara alta, segurando na mão esquerda uma rédea larga. ligada à extremidade do focinho da montada. Esta figura, que parece montar o cavalo de lado, estaria rodeada por uma cartela epigrafada. revelando claramente uma heroicização equestre. ligada à temática da 'última viagem' BERGO, 1986, COMES 1990, SILVA e GONES,

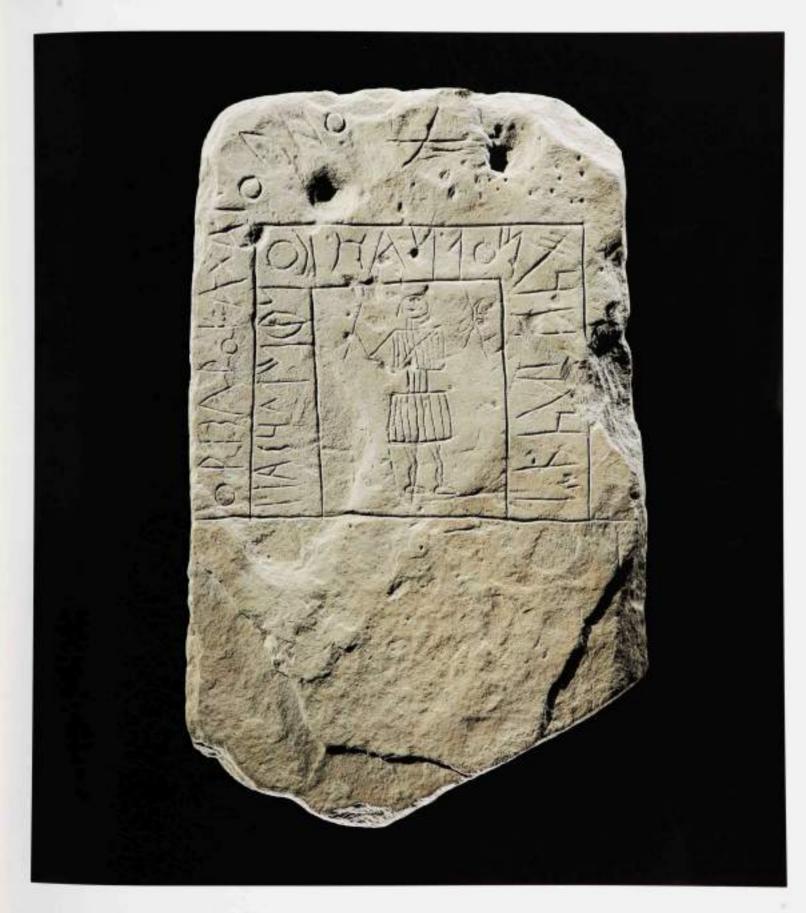
Depósito de José Cabrita no Museu Municipal. de Arqueologia de Silves Nº 1/BEN

Estela decorada e epigrafada com escrita do Sudoeste

Xisto. Ababada Abundinar, Almodinar, Bria " Idade do Ferro

Estela epigrafada exibindo no espaço delinido pela cartela onde se inscreveram os caracteres. uma representação antropomorfa, com cabeca circular e visiveis os olhos, nariz e boca. Estávestida com saiote apertado por cinturão largo e leva uma cinta cruzada em aspa, sobre o perto. A mão direita. Ievantada à altura dos ombros, segura um dardo curto e a esquerda, em posição idêntica, poderia segurar, além de arma semelhante, um pequeno escudo circular e uma falcata. Este guerreirro apresenta-se heroicizado. na attitude dos deuses ameaçadores, cuia iconografia foi muito divulgada em todo o Mediterrâneo, a partir do séc. VIII a.C. SILVA e COMES, 1992 Museu Municipal Rainha D. Leonor Nº 1/AB











Lápide epigrafada com escrita do Sudoeste

Xisto
10x25x3 cm
Edunca
Castro Verde, Castro Verde, Beja
1º Idade do Ferro
Lápide epigrafada em xisto, de contorno
rectangular, que mostra um abecedário com 27
signos, destinados a fins pedagógicos. Estes
encontram-se dispostos de modo sinistrorso e
paralelamente ao hordo, dos dois lados

contíguos. Revela ainda uma segunda linha de caracteres, que repete de maneira incipiente os primeiros signos. As formas dos caracteres do signário de Espanca são as mesmas utilizadas na epigrafia funerária, e idênticas às de alguns alfabetos gregos arcaicos, onde encontra sequências semelhantes. O seu paralelo mais próximo é o tabuleiro etrusco de marfim, de Marsiliana d'Albegria, da 1º metade do séc vir a.C. SILVA e GOMES, 1992 Câmara Municipal de Castro Verde Nº 1/ESP

Fragmento de lápide epigrafada com escrita do Sudoeste

Xisto.

aux 17x2, r cm
Porcado de Neves II
Sta: Bárbara de Padrões, Castro Verde, Bija
1º Idade da Ferro
Fragmento de lápide epigrafada, não funerária,
muito danificada, impossibilitando uma
identificação rigorosa dos caracteres gravados.
Estes apresentam-se em cartela com orientação

prodominantemente sinistrorsa, revelando uma ampliação das sequências de signos conhecidas. Esta lápide estaria presumivelmente colocada na parede de uma das estruturas habitacionais do poroado de Neves II, com fins propiciatórios ou votitos.

Main e Correa, 1985 SOMINCOR-Sociedade Mineira de Neves-Corvo; S.A.R.L. Nº 1/NII

6

Lápide epigrafada com escrita do Sudoeste

Gres
82×40 cm
Necropole de Tamilias II
Almedónar, Almedónar, Beja
1º Idade do Ferro
1000AO, 1986, BEIRAO e GOMES, 1980
Museu Nacional de Arqueologia. Nº E-8127

Lápide epigrafada com escrita do Sudoeste

Xiste
110x58.3 cm
Nicropoli de Nobrei
S. Salvador, Ourique, Beja
1º Idade do Ferro
BERAO, 1986, BERAO e COMES, 1980
Museu Nacional de Arqueologia Nº EPL539





5
Lăpide epigrafada com escrita do Sudoeste
Gni comelho
1113 74 cm
Nicotpole da Fonte Velha de Brosafrin
Brosafrin, Lagos, Faro
1º Made do Forto - sec. VII-VI a.C.
Museu Municipal dr. Santos Rocha
Nº 1/FVB



Lápide epigrafada com escrita do Sudoeste

Gris

117x51cm
Necropole de Fonte Velha de Bonafrim
Bonsafrim, Lagos, Faro
1+ Idade da Ferro
1EIRÃO, 1986, BRIKÃO e GOMES, 1980
Museu Nacional de Arqueologia. N° EPI 538

9

Estela epigrafada

Xinto grauniquico
1800, 50 rio cm
Nocrópole da Fonte Santa
5. Salvador, Ourspur, Beja
1º Idade do Ferro
Estela da Fonte Santa III, com dois campos
epigrafados, sendo o reverso uma cópia do texto

do anverso. Foi encontrada reutilizada como elemento da parede de um dos túmulos da necrópole.
BERÃO e GOMES, 1980, BERÃO, 1986
Museu Nacional de Arqueologia
(Depósito Caetano Mello Beirão). Nº 193



Vitrine 14

De Tartesso às Estrímnidas

Avieno, na Ora Maritima (poema composto no séc. IV d.C., sobre texto do séc. VI a.C.), refere que os comerciantes de Tartesso navegavam até às Estrímnidas, em busca de estanho e chumbo. Onde ficariam aquelas é motivo de debate: no Noroeste da Península Ibérica? Na Bretanha francesa? Nas Ilhas Britânicas? O certo é que há influências meridionais em certas jóias nortenhas, talvez atribuíveis ao séc. VII a.C.: no colar da Malhada (Vila Real), no tesouro de Baião, numa arrecada de Paços de Ferreira. Fabricadas no Sul, para presentear chefes nortenhos, ou no Norte, por artifices meridionais, estas jóias revelam contactos entre Tartesso e a área da cultura castreja noroestina.

O comércio ia deixando outras peças no percurso, como o tesouro do Gaio e o jarro de Torres Vedras.

Conjunto de 52 placas decoradas

Ouro Lixet, e scre. Peso total. 59,5 gr Quiete de Malbada Campet, Vila Real. Vila Real Ferro Antigo

Curo laminado. Decoração relevada por estampagem. Conjunto de 52 placas identicas de contorno trapezoidal, com decoração geométrica e simétrica estampada, que formariam, presumivelmente, um colar. Cada placa é dividida a meio, transversalmente, por duas nerviras paralelas que rematam igualmente os bordos laterais. De cada lado dispõem-se dois duplos círculos concéntricos ligados por um riaço horizontal, ladeado por dois triângulos de três grânulos que, alinhados, limitam igualmente os três lados exteriores do conjunto.

Pariema, 1980, Silva, 1986, Pincel., 1992.

Museu Nacional de Arqueologia.

Nº Au 922-973.



7

Arrecada

Oura

6.4x5,7 cm

Paços de Ferreira

Paços de Ferreira, Paços de Ferreira, Porto
Seis: VI-V a C.

Arrecada em ouro laminado e soldado
Decoração repuxada, de granulado e fo
Dupla suspensão, composta por corpo

Decoração repuxada, de granulado e filigrana Dupla suspensão, composta por corpo intermédio lunular, uma lâmina central circular, uma banda periférica e o apéndice inferior bitroncocónico. O corpo é decorado por três bandas circulares, preenchidas por triângulos de granulado.

PARREIRA, 1980, Silva, 1986, PINCEL, 1992 Museu Nacional de Arqueologia. Nº Au 25

3/4

Par de arrecadas

Ouro Diân 3,8 cm Baião Baião Baião Porto Sicc 191-17 a C

Arrecadas de suspensão simples, constituídas, por um corpo lunular radiado, cuso centro é ocupado por uma lâmina semicircular decorada. Decoração relevada por estampagem sobre matriz. A lâmina central apresenta decoração relevada constituída por uma palmeta limitada por cercadura de "ss" encadeados. O bordo superior, dobrado para o reverso, é decorado por caneluras verticais. A orla radiada é formada por hastes bivalves, tubulares em forma de "T" ALMEIDA, 1974, PARREIRA, 1980, SILVA, 1986, PINGEL, 1992.

Museu Nacional de Arqueologia Nº Au 298-299





5/6

Par de arrecadas

Oiro

Diam. 5.8 cm

Reite

Basão, Basão, Porto

See VII-VI a C

How

ALMERIA, 1974, PARREIRA, 1980, SILVA, 1986.

PINCEL 1992

Museu Nacional de Arqueologia Nº Au 300-301

Pincet. 1992

Museu Nacional de Arqueología Nº Au 364-369



Gargantilba

Chie

2300 ROB

Raida

Maigo Baido Porto

Sec. vn.via.C

Gargantilha em ouro laminado, martelado, relevado e soldado. Formada por seis módulos rectangulares de malha de arame torcido sobre a qual se soldam, numa das faces, elementos semiesféricos ocos. Pode ainda considerar-se que os módulos se destinariam a ser aplicados sobre um suporte de material perecivel.

ALMEDA, 1974; PARREIRA, 1980; SILVA, 1986;



5 aplicações discóides

Ouro

Diam. c.5-1.4 mm

Berito

Baião, Baião, Parta

Sect MI-WAC

Conjunto de 5 botões discoides, em forma de calote semiesférica com uma aba plana rebatida. munida no reverso de uma haste para fixação. O centro é umbilicado e a aba raiada. Ouro laminado, relevado e soldado. Decoração repuxada e incisa.

PARREBA, 1980, SR.VA, 1986, PINCEL, 1992. Museu Nacional de Arqueologia Nº Au 377-381

7 aplicações discóides

Chira

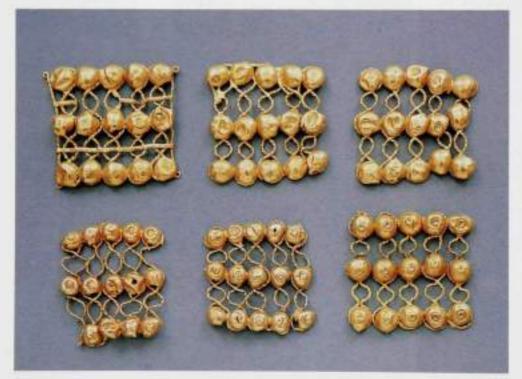
Didn. 1,6-1,7 cm

Baida

Bardo, Bardo, Porto

S& 178-171 a.C.

Conjunto de 7 botões discóides em forma de meia calote estérica, com uma aba plana rebatida. muroda, no reverso, de uma haste para fixação. A calote é decorada por oito linhas radiadas Ouro laminado, relevado e soldado. Decoração repuxada e incisa. A aba é marcada por linha incisa e decorada a meio, longitudinalmente, por alinhamento de pequenos pontos repuxados. PARRHRA, 1980, SILVA, 1986, PINCH, 1992 Museu Nacional de Arqueologia Nº Au 370/376





10 Colar

Carp. 52,5 cm. Peso. 56,3 gr. Bailto Bailto, Bailto, Porto Sit. 91-ev a.C.

Colar articulado formado por 18 contas e 53 pendentes. Ouro laminado, relevado e soldado. Decoração relevada e de arame soldado. Distinguem-se 2 tipos de contas - bitroncocómicas e estéricas - e 4 tipos de pendentes, de tamanhos diferentes, verificando-se uma relação de crescimento progressivo. O colar encontra-se montado, intercalando-se as contas com os pendentes, na parte central. PAREIRA, 1980, SILVA, 1986, PINCEL, 1992 Museu Nacional de Arqueologia Nº Au 302-363 e 382-396

Broeze

Jarro tartéssico

24,2811 cm Famõrs Famors, Sintra, Lisboa so Idade do Forro, sice VIII-VI a.C. farro ou "oenochoe" piriforme em bronze fabricado pelo processo da cera perdida Apresenta corpo globular, colo estrangulado, formando gargalo estreito, terminando presumivelmente em bordo trilobado. actualmente inexistente Um cordão em relevo separa o boso, do colo e 4 estras paralelas e horizontais formam um anel em volta do gargalo. A asa vertical e tripartida ergue-se ligeiramente acima do bordo e termina em forma de palmeta do tipo "fenício-cipriota", constituída por 12 pétalas radiais colocadas sob duas volutas invertidas. O fundo é plano. Esta peça tem paralelos em inúmeras congêneres provementes da área meridional da Península Ibérica, estando geralmente associada a cerimónias rituais, como nas libações de âmbito funebre, tendo a maioria destes objectos sido encontrada em necrópoles. em conjunto com outros objectos de prestigio. como por exemplo obras de torêutica e braseiros. Desconhece-se a ongem dos "oenochoe" piriformes de bronze, que têm sido encontrados na Etrúria, Chipre e na Península Ibérica, em contextos culturais "orientalizantes", entre os sécs. VIII e VI a C. Apesar da origem exógena dos protótipos destes objectos, é crivel a existência de uma oficina peninsular, eventualmente situada na região de Huelva, ou no Sul de Portugal. donde proviria este exemplar. GOMES, 1986a

Colecção particular de José Medeiros Nº JSM/2

12 Jarro tartéssico

Bronze 23×10.5 cm Necrobole de S. João Torres Vidras, Torres Vedras, Lisboa e- Idade do Ferro, secs. VIII-VI a C Jarro ou "oenochoe" pinforme em bronze. encontrado numa sepultura perto do cemitério. de S. João, juntamente com duas asas de braseiro. O colo é troncocónico, o gargalo estreito e a boca trilobada. O fundo é plano. Apresenta asa vertical tripartida, incompleta, rematada na parte inferior por uma palmeta com 14 pétalas radiais, que evoluem a partir de duas volutas invertidas. TRINDADE e FERREIRA, 1965; COMES, 1986a; LISBOA SUITTERRÂNEA, 1994 Museu Municipal de Torres Vedras Nº Al/1

13/14
Par de asas de beaseiro

Brouze
25x±7 cm
Necropole de S. João
Torres Vedras, Eisboa
1º Idade do Ferra, sées viii-i/i a C.
Par de asas de braseiro em bronze, de secção
circular, suspensas de um suporte curvo, que
termina em forma de duas mãos estendidas
TRINDADE e FERRERA, 1965, GOMES, 1986a,
LISBOA SUFTERRÂNEA, 1994
Museu Municipal de Torres Vedras. Nº AJ/2

11





16/17

15

15 Gargantilha de placas móveis

Ours.

Coup. St. cie.

Necropale da Herdade do Gaia Sines, Sines, Senibal 1º Idade do Ferro, sécs. VII-VI a C. Comunto de 16 plaças iguais, com cerca de 3.5 on de altura cada, festas sobre lârminas delgadas de ouro, decoradas por martelagem sobre matriz em relevo. Apresentam, na parte superior, um remate tubular, certamente para permitir a passagem de um fio de umão ou suspensão, e pequenas perfurações laterais que serviriam. possvelmente para permitir a sua aplicação ou cosedura a um suporte de coiro ou tecido. Cada placa, de forma sub-rectangular, apresenta a extremidade inferior bipartida e recortada, tendo um gnfo alado como motivo decorativo central e chas palmetas abertas com uma roseta radiada. Esta gargantilha faz parte do espólio de uma sepultura rectangular aberta no saibro, formada por 4 lajes de xisto, cobertas por uma laje. COSTA, 1966, 1972 Colecção particular de Francisco da Silva

Campos lánior, em depósito no Museu de Sines

16/17 Par de arrecadas

Ouro.

Dine son Necrópole da Herdade do Gaio Sines, Sines, Settibul es Idade do Ferro, sées, VII-VI a C Par de arrecadas em ouro, em forma de crescente. lunar, apresentando um corpo central oco, donde irradiam 14 pequenas cabeças bifrontes femininas, das quais partem 12 flores de lótus abertas em forma de cálice. Nas extremidades, argolas reforçadas por fio de metal enrolado em espiral, com nítidos vestígios de desgaste, provocado possivelmente por uma corrente de ouro, para suspender no pavilhão auricular. Os vários elementos que compõem as arrecadas apresentam-se aglutinados por soldadura, e as técnicas decorativas usadas são a estampagem e o repuxado. COSTA, 1966, 1972

Colecção particular de Francisco da Silva Campos Júnior, em depósito no Museu de Sines.

Engaste em prata com escaravelho de cerâmica pintada

Prata, cerámica

2, 2011, com

Necrópole da Herdade do Guio

Sines, Sines, Senibal

1º Made do Ferra, sics. VII-VI a C.

Engaste de escaravelho, de forma elipsoidal, em
prata, com escaravelho em cerámica pintada.

COSTA, 1966, 1972.

Colecção particular de Francisco da Silva

Campos Júnior, em depósito no Museu de Sines

19 Pulseira

Brosze
Dián : 5 cm
Necrépole de Herdade de Gaio
Sisses Sines, Setabul

2º Idade do Ferro, 1613-171-17 a.C.
Pulseira em bronze fragmentada em duas partes,
maciça, aberta, de contorno aval e secção
subquadrangular, com terminais apontados.
COSTA, 1966, 1972
Colecção particular de Francisco da Silva
Campos Júnior, em depósito no Museu de Sines

20

Fragmento de fundo de braseira

Bronge
13.3×2.3 cm
Necropole da Herdade do Gaso
Sines, Sines, Satishal

re-Made do Forre, sécs, 921-11 a C.
Fragmento de hando de braseira em bronze
COSTA, 1966, 1972
Colecção particular de Francisco da Silva
Campos Júnior, em depósito no Museu de Sines

21

Unquentário/Anforisco

Pasta vitra

10.325.2 cm

Nicrópole da Herdade do Gino

Sines, Sines, Setúbal

e Idade do Ferro, véx, VII-VI a C.

Antorisco em pasta vitrea de cor azul translúcida, decorada com faixas horizontais verdes e amarelas e estrias verticais executadas a punção.

Apresenta apenas uma das asas.

COSTA, 1966, 1972.

Coloção particular de Francisco da Silva.

Campos Júnior, em depósato no Museu de Sines.

22 Fundo de "alabastron"

Pasta vilna:
Diâm 2,2 cm
Nicrópole da Hordade do Guio
Smei, Soire, Setibal
1º Idade do Ferro, 163, 171-171 a C.
Fundo de "alabastron" de cor azul translúcida.
Ciosta, 1966; 1972
Colecção particular de Francisco da Silva
Campos Júnior, em depósito no Museu de Sines

23

Molde de fundição de jóias?

Cerànica
Diáne, 13 cm
Numépole da Hendale do Gaio
Sirei, Sines, Sotabul
1º Idade do Ferro, són 1/2-1/1 a C
Anel de barro cinizento, de pasta fina e de secção hexagonal. Apresenta-se perfurado e forrado com uma espessa camada de resina ou pez.
Interiormente exibe estrias verticais. Muito fragmentado. Trata-se possivelmente de um molde de fundição de jóias.
COSTA, 1966, 1972.
Colecção particular de Francisco da Silva.
Campos Júnior, em depósito no Museu de Sines.



21/22/24

24 Conjunto diversificado de contas de colar

Parta vitras, consulina, dirbar, ouro,
Nicrópole da Herdade do Garo.
Sines, Sines, Setabal.

10 Idade do Ferro, sécs. VII-VI a.C.
Conjunto numeroso e diversificado de contas de colar em pasta vitrea, cornalina e âmbar.
Costa, 1966, 1972.
Colecção particular de Francisco da Silva.
Campos Júnior, em depósito no Museu de Sines.

Vitrine 15

A influência tartéssica ao longo do Guadiana

No Alto Alentejo, e ao longo do Guadiana até Moura e Serpa, fixaram-se, no séc. VIII ou VII a.C., populações célticas, diferentes, pelo sangue, língua e cultura material, dos povos que a Sul viviam: Cónios e Cinetes. Também a este núcleo céltico chegaram as influências tartéssicas, visíveis em objectos encontrados em Safára, Mourão, Montel e Azougada. Este último lugar parece ter sido um santuário.

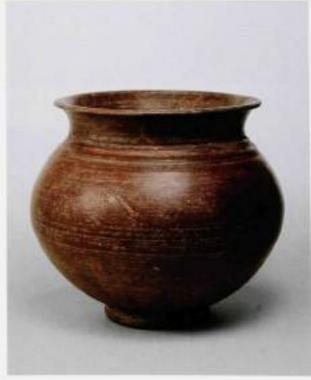
Cantil

Cerámica Dian 15 5 OF Castro da Azonanda Santo Aleixo, Moura: Beia Finais da «Vinúcios da > Idade do Ferio Cantil de forma circular, de secção planoconvexa, e pequenas asas laterais com dois orificios para suspensão. Pasta fina de cor avermelhada. Apresenta uma moldura em relevo. que percorre todo o contorno da peca, formada por 3 estrias paralelas, as quais, no fundo, se reúnem para formar um pequeno anel em relevo . Exibe ainda, na face plana, uma decoração plástica, em relevo, composta por duas longas hastes figurando braços, que partem do fundo do cantil, e evoluem para duas mãos abertas. realçadas por incisões, no terço superior da peça. O bordo, fragmentado, apresenta-se descentrado em relação ao eixo vertical do recipiente. LIMA, 1981. CAMITO, 1982, 1988. GOMES, 1983. Museu Nacional de Arqueologia Nº 46692

2 Uma

Ceramica 17.4X 22 KW Castro da Azondada Santo Aleixo, Mosra, Besa Finais da 10/inicios da 20 Idade do Ferro Urna em cerámica de verniz vermelho, de formaglobular e perfil em S. O colo, onde são visíveis estrias horizontais, é alto e o bordo, pouco espessado, é extrovertido. O fundo é em anel baixo, moldurado. Dois cordões em relevo não. muito acentuado estabelecem a transição entre o bojo e o colo. A peça apresenta-se totalmente revestida com uma camada espessa de vernizvermelho escuro/ocre, interna e externamente LIMA, 1981, CAMITO, 1982, 1988, GOMES, 1983. Museu Nacional de Arqueologia Nº 995.30.1





Taça

Cerámica Didn to cm

Castro da Azongada

Santo Aleixo, Moura, Beja

Finais da 14/micsos da 24 Idade de Ferro

Pequena taça em cerámica de verniz vermelhoescuro/ocre, decorada externamente com duas faixas grafitadas e uma, na face interna, junto ao bordo, que apresenta a característica perfuração dupla

LIMA, 1981, GAMITO, 1982, 1988, GOMES, 1983. Museu Nacional de Arqueologia Nº 995.30.2

Anforeta

Cerâmica Ed. 5x 8, Fore Castro da Azougada

Santo Aleisco, Moura, Beja

Finais da el/inícios da 24 Idade do Ferro

Pequena anforeta de tipo oriental, em cerámica, de cor castanha escura, em forma de saco, a que falta parte do bojo e o fundo. O colo, definido por um ressalto carenado, é troncocónico e o bordo ligeiramente extrovertido. Apresenta duas pequenas asas anulares, que terminam junto ao arranque do colo. A pasta é dura, de cor castanha-avermelhada

LIMA, 1981, CAMITO, 1982, 1988, GOMES, 1983 Museu Nacional de Arqueologia Nº 995 30 3

4/5

Vaso

Cerlmica ISYLE LOW Castro da Azouanda

Santo Aleixo, Moura, Beja

Finais da 1º/inicios da 2º Idade do Ferra

Vaso de forma globular, fundo plano e raso, colo estreito, bordo liso apresentando uma asa horizontal

LIMA, 1981, GAMITO, 1982, 1988. GOMES, 1983. Museu Nacional de Arqueologia 995 30.4

Fragmentos de cerâmica pintada

Cerdmica. Castro da Azondada Santo Aleixo, Moura, Beia Finais da selinicios da 2º Idade do Ferro Conjunto de fragmentos de cerâmica pintada, correspondentes a vários recipientes, técnicas e estilos decorativos.

LIMA 1981. GAMITO, 1982, 1988. COMES, 1983. Museu Nacional de Arqueologia Nº 51228







Vaso com decoração plástica

Entimo da Azougada
Santo Alexo, Meura, Beja
e lánde do Ferro? Brouze Final?
Vaso em cerámica de pasta grosseira e cor
castanha-avenmelhada, com abundantes
elementos não plásticos e superfícies alisadas de
cor castanha-escura. Apresenta forma globular,
tundo córicavo e bordo extrovertido. A meio do
bojo estão modelados cinco gomos de forma
amendoada, feitos por pressão interna, antes da
cozedara.

LIMA, 1981, GAMITO, 1982, 1988, GOMES, 1983 Miseu Nacional de Arqueologia. Nº 989.17.2

8

Fragmentos de grande recipiente

Cránica

12. 1x 12. a cm

Cantro da Azongada

Santo Alexo, Moura, Beja

Finaio da evinicios da 2º Idade do Ferro

Fragmentos de grande recipiente em cerámica, de bordo extrovertido. A pasta é grosseira, com abundantes elementos não plásticos. Apresenta uma rica e diversificada decoração plástica que inclui um cordão em relevo paralelo ao bordo, dividido a meio por uma incisão horizontal, prenchido por incisões verticais, e abaixo deste, mamilos alternando com asas de preensão, em forma de terrradura.

Essa, 1981; Gaserro, 1982; 1988; Gomes, 1983 Museu Nacional de Arqueología Nº 989-17.3

Q.

Taga/Tampa 2

Cridinica
7x2.1,3 cm
Castro da Azougada
Sunto Afeixe, Menra, Beja
Finan da rivinicus do 2º Idade do Ferro
Taça/tampa em cerámica pintada, de handas. O
pê, ou pega, apresenta uma perfuração central.
Apresenta igualmente duas pequenas perfurações
junto ao bordo.
LIMA, 1981, GAMITO, 1982, 1988, GOMES, 1983
Museu Nacional de Arqueologia. Nº 51260

10 Uma

Contra da Azongada

Santo Alexo, Meura, Beja

Forans da 19/micios da 2º Idade do Ferro

Pequena urna em cerámica, de cor castanhaavermelhada e superfícies alisadas. A forma é
globular, o bordo extrovertido, e o fundo plano.

Dois ressaltos paralelos e borizontais, figurando
pregas, asseguram a transição entre o bojo e o
bordo.

LIMA, 1981, GAMITO, 1982, 1988, GOMES, 1983 Museu Nacional de Arqueologia Nº 995.30-9

11

Vaso com 3 pegas

Circlinica

9.5 X13 cm

Castro da Azongada

Santo Alexio, Moura, Beja

Finans da 19 inicios da 29 Idade do Ferro

Vaso em cerámica de pasta grosseira e cor
castanha-escura, de forma globular, bordo
extrovertido e fundo plano. Apresenta 3 asas
verticais que arrancam do bojo e terminam no
bordo

LIMA, 1981; GAMITO, 1982; 1988; GOMES, 1983 Museu Nacional de Arqueología Nº 995-30.5

12

Vaso

Creinica
5,2x5,34 cm
Castro da Azongada
Santo Alexo, Monto, Beja
Finais da 14/micro da 24 lidade do Ferre
Pequeno recipiente em cerámica de pasta fina
alaranjada, de forma bitronicocónica, bojuda,
baixa e assimétrica, com fundo em ônfalo, a que
falta a boca. Apresenta-se inteiramente revestido
por estreitas faixas horizontais e paralelas,
pintadas, de cor ocre/vinoso.
Lina, 1981, Ganitto, 1982, 1988, Gonto, 1983.
Museu Nacional de Arqueologia. Nº 51291





13

Placa de cinturão

Brouze 5.7%4.6 OH Castro da Azoudada Santa Aleixo, Moura, Beja Finais da se/inícios da 2º Idade do Ferra Placa de cinturăn em bronze, de forma sub--rectangular, apresentando, em recorte, os prótomos geminados de dois antilopes ou cabras. selvagens, dispostos simetricamente. Este motivo iconográfico, conhecido no mundo oriental e etrusco, faz parte de um conjunto mais vasto e complexo de temas mitográficos, presente em outras produções relacionadas com o sagrado. Cronologicamente, a placa de cinturão da Azougada pode datar-se cerca dos finais do sec-VI a.C. não só atendendo aos paralelos tipológicos (Pozo Moro, Medellín), mas também iconográficos. COMES 1983

Museu Nacional de Arqueologia Nº 995 30.6

Elemento terminal de "rhyton" ou pega de pátera

Вганге 10.5x2 Low Castro da Azonaada Santo Aleixo, Moura, Besa Finais da 44/inícios da 24 Idade do Ferro Elemento terminal de um "rhyton" ou pega em bronze, em forma de cabeça de carneiro muito estilizado, onde os traços do animal são apenas apontados e de que apenas sobressaem dois chifres enrolados, muito proeminentes Osmembros dianteiros muito reduzidos e afilados apresentam-se recolhidos sob o pescoço. Trata--se de uma peça de manufactura indígena, mas revelando influências de origem céltica. LIMA 1981, GAMITO, 1982, 1988, GOMES, 1983 Museu Nacional de Arqueologia Nº 995 30 8

16 Toure

Brown 13.795.74m Proveniencia desconbecida Idade do Ferro

Touro apresentando as pernas e os chifres quebrados. Cauda ondulante com estrias terminais, unida à pata dianteira por dois pequenos amparos rectangulares. Cinco sulces abdominais longos e pouco profundos. No pescoço, sulcos profundos, paralelos e estreitos, formando entre si molduras marcadas por tracos incisos regulares e paralelos. Boca aberta formando um largo e profundo orificio quadrado que afunila para o interior. Um triângulo ornamentado por traços incisos curvos que representam o pêlo desce até meio do focinho. Na parte inferior do corpo tem uma larga abertura rectangular. Fundição oca. Elemento de um "thymiaterion". ALARCÃO e DELGADO, 1969

Biblioteca Nacional de Lisboa

1-4

Selo

Brance 8.63×6.76 cm Castro da Azongada Santo Aleixo Moura Besa Finais da estinícios da 2º Idade do Ferro Selo de forma oval, em bronze, oco, destinado à impressão da figura de um bovídeo sobre cuio dorso assenta um aro aberto, com terminais esféricos (torque?). Apresenta uma face de impressão suportada por um rebordo boleado e perfurado, provavelmente para fixação de um suporte ou pega. LIMA 1981, GAMITO, 1982, 1988, GOMES, 1983.

Museu Nacional de Arqueologia Nº 995 30.7



17 "Thymiaterion"

Browze 21211.2 cm Safára Safára, Monta, Beja 1º Idade do Ferro

Queimador ritual composto por duas peçasrecipiente de forma troncocónica e bordo horizontal, sobre um suporte de sépalas sustentado por um tripode, e tampa troncocónica com sete perfurações triangulares rematada por uma figura de touro deitado. Ambas as peças são fundidas e o tripode perdeu os pés (entretanto reconstituidos em restauro). Esta peça representa uma evolução de um protótipo provavelmente cipriota, difundido por todo o Mediterrâneo.O recipiente relaciona-se particularmente com duas pecas (Castulo e outra conservada em Baltimore) datāveis provavelmente da primeira metade do séc. VII a.C., ainda que esta forma de recipiente. por vezes dupla, estivesse em uso por largo tempo, pelo menos até ao sec. VI a.C. O seu pé tripode, ao contrário, relaciona-se especialmente com o exemplar proveniente de Despeñaperros, e mais remotamente, com os protótipos orientais deste. A tampa, por sua vez,



deve relacionar-se com as outras peças deste grupo de queimadores.

VASCONCELOS, 1925, ALMACRO-GORREA, 1977, FREITAS, 1987

Museu Nacional de Arqueologia Nº 989 20.1

18

Taça

Cerámica

13X3 CM

Castro da Azosgada

Santo Alexo, Moura, Beja

Finan da 1º/micios da 2º Idade do Ferro

Taça em cerámica de verniz vermelho,
apresentando duas perfurações junto ao bordo. A
superfície externa exibe decoração pintada em
bandas de verniz vermelho, intercaladas com
bandas grafitadas.

Lina, 1981, Gamito, 1982, 1988, Gomes, 1983 Museu Nacional de Arqueologia № 989-16.1

19

Espeto de tipo alentejano

Bronze 117×4,8 cm Beja 12 Made do Ferro

Espeto de tipo alentejano em bronze, em forma de haste longa, de secção quadrangular e extremidade distal fina e aguçada, fundida de uma só vez. Apresenta empunhadara tripartida, decorada com motivos incisos, rematada no topo por um disco ou pastilha aplanada, e na base por duas aletas de bordos arredondados. Trata-se de um tipo antigo dentro da série de espetos do Sudoeste Peninsular. Fez parte da colecção de Teixeira de Aragão.

VASCONCELOS, 1920, COHYN, 1985, GAMITO, 1986; SILVA e GOMES, 1992 Museu Nacional de Arqueologia Nº 11202

20

Espeto de tipo Guadalquivir

Browze 106,681,3 cm Pamho Cadaval, Cadaval, Lisboa 1º Idade do Ferro

Espeto de tipo Guadalquivir, em forma de longa haste fina, de secção quadrangular e extremidade distal aguçada, fundido de uma só vez. A empunhadura é apenas marcada por um ligeiro alargamento na base e o topo é estreito e levemente ondulado. Este tipo de espetos é considerado mais recente que os de tipo alentejano.

VASCONCELOS, 1920, COHYN, 1985, GAMITO, 1986, SILVA e GOMES, 1992 Museu Nacional de Arqueología Nº 995-36-1

19/23

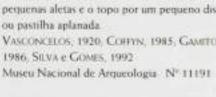


Espeto de tipo Guadalquivir

Bronze 82 JN2 T CH Figurines Cadaval, Cadaval, Lubra v- Idade do Ferro

Espeto em bronze do tipo Guadalquivir, em forma de haste longa de secção madrangular e extremidade fina e agucada, fundido de uma sóvez. Apresenta empunhadura marcada por duas penuenas aletas e o topo por um penueno discoou pastilha aplanada.

VASCONCELOS, 1920, COFFYN, 1985, GAMETO. 1986: Silva e GOMES, 1992



22

Espeto de tipo alentejano

Browze FOSKS OR Alaulye Cadaval, Cadaval, Lisboa g- Idade do Ferra

Espeto em bronze do tipo alentejano, em forma de haste longa de secção quadrangular e extremidade fina e aguçada, fundido de uma sóvez. A empunhadura apresenta-se decorada com motivos incisos, marcada na base por duas pequenas aletas e no topo por um disco ou pastilha aplanada.

VASCONCILOS, 1920, COFFYN, 1985, CAMITO. 1986. SILVA e COMES, 1992

Museu Nacional de Arqueologia Nº 11190



Espeto de tipo alentejano

Вериге 00 2Y4 CW Proponincia desconhecida v ldade da Ferro Espeto de bronze de tipo alentejano, em forma de haste longa de secção quadrangular e extremidade distal fracturada, fundido de uma sóvez. Apresenta empunhadura limitada, na base, por duas aletas e, no topo, por um pequeno disco ou pastilha aplanada. VASCONCELOS, 1920; CORTIN, 1985; GAMITO. 1986: St. va e Gomes, 1992 Museu Nacional de Arqueologia Nº 995.35.1

24

Fragmento de espeto de tipo Guadalquivir

Bronze 11.357.9 (9 Castro da Azongada Santa Aleixa, Moura, Beja Finais da vilinícios da 2º Idade do Ferra Fragmento mesial de um espeto em bronze do tipo Cuadalquivir, em forma de haste de secção. oval, fundido de uma só vez. Da empunhadura resta a base, marcada por um alargamento de contorno oval CAMITO, 1986, SILVA e COMES, 1992

Museu Nacional de Arqueologia Nº 51135

Cabeça de carneiro

Brancy 2x3 2x3.5 cm Mexilboeirischa Mexilhocita da Carregação, Lagoa, Faro 2º metade do séc. Vi a C

Pequena cabeça de carneiro em bronze, aberta na zona traseira para permitir o encabamento numa asa de pátera, fundida pelo processo da cera perdida. Apresenta focinho alongado, narinas visiveis sobre a boca indicada por uma ligeira depressão, olhos pormenorizadamente desenhados, arcadas supraciliares salientes, oscaracóis do pélo assomando em redor de toda a cabeça e os chifres envolventes representados por pequenos círculos cuidadosamente estampilhados. Um diadema ornamenta a fronte. Trata-se provavelmente de um objecto cultual, com características marcadamente orientalizantes, presumivelmente feito por um artifice grego, nos finais do séc. VI a.C. GAMETO, 1983.

Museu Nacional de Arqueologia Nº 15425

Escultura de bovídeo

Brower 10.1X3,6X5,7 CW Mounto Mounto, Mounto, Épora "Hade do Ferro - sec VIII a C Pequeno bronze figurando um bovideo, fibricado pelo método da cera perdida. completamente oco. O animal é representado deitado, com as patas dobradas sob o corpo, a cauda enrolada sobre os quartos traseiros e a cabeça inclinada para a direita, de olhos e boca aberta, com a língua estendida. Apresenta-se decorado em várias zonas do corpo, com sulcos, careluras e linhas ondulantes, nomeadamente no pescoço e testa. Está tratado de forma realista, com abundância de detalhes anatomicamente correctos, especialmente na cabeça. Revela características artísticas de tipo oriental, que no Sudoeste da Península é associado a Tartessos e destinar-se-ia a ser fixado quer num "thymiaterion" quer na borda de um caldeirão sobre tripode CORREA, 1986 Colecção particular do Dr. António Campos Nº UM





Vitrine 16

Uma sociedade multi-racial no Sul, na 2º Idade do Ferro

No Sul de Portugal, e na 1º Idade do Ferro, é visível uma distinção entre a área céltica do Alto Alentejo e a zona pré-indoeuropeia, onde é talvez possível distinguir três unidades étnicas: Cinetes (no Algarve), Cónios (no Baixo Alentejo) e uma terceira etnia em torno de Mértola.

A 2ª Idade do Ferro (desde 450 a.C.) parece marcada por uma expansão dos Celtas, que distribuiu mais largamente pelo Sul a característica cerâmica estampilhada daquele povo. Mas talvez essa expansão não tenha sido acompanhada das guerras e da destruição que alguns presumiram. Ter-se-á criado uma sociedade pluri-racial, em que o fundo da população pré-indo-europeia convivia com o estrato indo--europeu dos Celtas. Essa convivência está testemunhada pela emigração, para o Noroeste, de Celtas e Túrdulos (nome que corresponde à população pré-indo--europeia), em data incerta (c.500 a.C.? no séc.IV a.C.?). É Estrabão quem nos fala dessa expedição.

Alcácer do Sal, com suas armas, documenta essa penetração dos Celtas para ocidente.

1

Vaso com decoração estampilhada

Cerànica 12,5x17,3cm Castro da Cabiça de Vaiamonte Vaiamonte, Monforte, Portalegre 2º Idade do Ferro Vaso de ceràmica, de pasta

Vaso de cerámica, de pasta fina e bem depurada, de cor castanha com manchas escuras. A forma é globular, baixa e aberta. O fundo é cóncavo e o bordo extrovertido. Apresenta decoração estampilhada, organizada em 7 conjuntos triangulares de 3 palmetas, de contorno subrectangular, separados por zonas lisas. ARNAUD e GAMITO, 1974-1977. Museu Nacional de Arqueologia. № 989.32.4



á



Vaso com decoração estampilhada

Ceràmica Exeto, son Castre da Cabeça de Vaiamente Vaiamente, Monforte, Portalegre 2º Idade do Ferra

Pequeno vaso de cerámica, de pasta fina e bem depurada, de cor cinzenta escura. A forma é globular e aberta. O fundo é constituído por um pequeno pé e o bordo é extrovertido. Apresenta dicoração estampilhada de palmetas de contorno subtriangular, organizadas em 5 conjuntos de 3 polmetas alinhadas.

ARNAUD e GAMITO, 1974-1977 Museu Nacional de Arqueología Nº 984-243-1

3

Fragmento de grande vaso com decoração estampilhada

Ceràmica 17.3×22.7 cm Castro da Cabeça de Vasamonte Vasamonte, Monforte, Portalegre 2º Idade do Ferro

Fragmento de bordo de grande vaso de cerámica feita ao torno, de pasta dura e bem depurada e cor castanha com manchas escuras. A forma é globular, aberta, o colo bem marcado, e o bordo extrovertido. Apresenta decoração estampilhada exuberante, organizada numa faixa larga abaixo do colo, que inclui conjuntos de 3 palmetas de contorno rectangular, delimitados por uma faixa estampilhada serpenteante. O colo está marcado por um cordão em relevo preenchido por pequenos pontos estampilhados obliquos. ARNALIO e GAMITO, 1974-1977. Museu Nacional de Arqueologia. Nº 984-432.



Fragmento de cerâmica com decoração estampilhada

Cerdonica 0.2x7cm Castro da Cabeça de Vacamonte Vacamonte, Monforte, Poetalegre 2º Idade do Ferro Fragmento de cerámica estampilhada, de cor cinzenta escura, dura e bem depurada, pertencente a uma forma globular, aberta e de bordo extrovertido. Apresenta decoração estampilhada, organizada numa faixa de pequenas palmetas de contorno oval, abaixo do colo

ARNAUD e GAMITO, 1974-1977 Museu Nacional de Arqueologia Nº 984-432



Fragmento de cerâmica com decoração estampilhada

Crimica
9.53 e 500
Castro da Cabeça de Vacamente
Vacamente, Atonforte, Portaligar
2º Idade do Ferro
Fragmento de bordo de grande vaso de cerámica,
de pasta dura e bem depurada e cor castanhaavermelhada. A superfície externa apresenta-se
revestida por uma aguada cinzenta escura e
decorada com um friso estampilhado de espirais
duplas, configurando SS.
ARNALIO e CAMITO, 1974-1977.
Museu Nacional de Arqueologia. Nº 984-255



Fragmento de cerâmica com decoração estampilhada

Ceránica

8,3×12cm
Castro da Cabeça de Vasamente
Vasamente, Monforte, Portalegre
2º Idade do Ferro
Fragmento de cerámica de pasta grosserra e
superfícies alisadas, pertencente a um grande
recipiente, de cor alaranjada. Apresenta
decoração estampilhada, presente numa fiada de
escudetes, preenchidos internamente por
motivos cruciformes.
ARNALIO e GANITO, 1974-1977
Museu Nacional de Arqueologia. Nº 25/50

Fragmento de cerâmica com decoração estampilhada

Cerâmica

67 10 CM

Castro da Cabrça de Vaiamoste

Varamonte, Monforte, Portalegre

2º Idade do Ferra

Fragmento de cerámica de pasta dura e cor acinzentada. A superfície externa apresenta-se alisada e exuberantemente decorada com múltiplas faixas horizontais e paralelas de estampilhados variados, separadas por zonas lisas, onde predominam os pontilhados, organizados quer em ziguezagues fechados, quer em fiadas obliquas, apertadas. ARNAUD e GAMITO, 1974-1977

Museu Nacional de Arqueologia Nº 984.231

8

Fragmento de cerâmica com decoração estampilhada

Circletto

exten

Castro da Cabeça de Varamonte

Varamonie, Monforte, Portalegre

2º Idade do Ferro

Fragmento de cerámica, de paredes finas e pasta dara e bem depurada. Apresenta superfície externa bem alisada e decorada com uma composição estampilhada que integra uma fiada de palmetas circulares, sob as quais pendem pequenos traços pontilhados.

ARNAUD e GAMITO, 1974-1977

Museu Nacional de Arqueologia Nº 984 432





9

Vaso contentor com decoração estampilhada

Centralical

68.53(28.3 KW)

Castro da Cabeça de Vaiamonte

Vaiamente Monforte Portalegre

2º Idade do Ferro

Fragmento de grande vaso contentor, em cerámica de pasta grosseira e cor cinzenta. Apresenta-se decorado, na parte supenor do

bojo, junto ao colo, com uma fiada de estampilhas cruciformes.

Arnaud e Gamito, 1974-1977.

Museu Nacional de Arqueologia Nº 984 424

10

Fragmento de cerâmica com decoração estampilhada

Cerdmica

4,5Y4,8CH

Castro da Cabrça de Vaiamonte.

Vaiamoste, Monforte, Portalegre

2º Idade do Ferro

Fragmento de bordo de cerámica de pasta fina e bem depurada. Pertence a uma forma aberta e de paredes finas. A superficie externa apresenta-se revestida por uma aguada de cor cinzenta escura e decorada com um friso estampilhado de palmetas rectangulares.

ARNAUD e GAMITO, 1974-1977

Museu Nacional de Arqueologia Nº 984.432.6

11

Fragmento de cerâmica com decoração estampilhada

Cerámica

Stren

Castro da Cabeça de Vaiamonte

Vaiamonte, Monforte, Portalegre

2º Idade do Ferro

Fragmento de cerámica de pasta dura e bem depurada e cor castanha avermelhada. A superficie externa apresenta-se alisada, revestida por uma aguada avermelhada e decorada com um largo friso de palmetas rectangulares do tipo "cruz de Santo Andre".

ARNAUD e GAMITO, 1974-1977

Museu Nacional de Arqueologia Nº 984.432.8





Fragmento de grande vaso com decoração estampilhada

Colmics DEX 22.3619 Castro da Cabrça de Vasamonte Visiamente, Monforte, Portalegre 2- Islante de Freno Fragmento de grande vaso de cerâmica de paredes grossas e cor vermelha alaranjada. Pertence a uma forma aberta, certamente vaso de provisões, de colo alto e bordo extrovertido. A transição do bojo para o bordo é marcada por uma aha alta e levantada. Apresenta-se decorado com um friso de palmetas circulares radiadas ARNAUD e GAMITO, 1974-1977 Museu Nacional de Arqueologia Nº 984 361

13

Fragmento de grande vaso decorado com uma suástica

Cerlmica. 15.5023 pe Castro da Cabrça de Vasamonte Vaiamonte, Monforte, Portalegre 3º Idade do Ferro Fragmento de grande vaso de cerâmica, de pasta grosseira e paredes espessas. Pertence a uma

forma fechada, com colo estrangulado e bordo extrovertido. Apresenta gravada, na face externa, uma suástica, cujos tramos estão orientados para a direita, simbolo de tradição céltica. Inedito

Miseii Nacional de Arqueologia Nº 51424

Cerimora

Taça de pé alto

24×49.7 cm Castro de Segónia Sraoria, Eleas, Portaletre Sic Wall Taça de pé alto, em cerámica cinzenta brurida. de forma bitroncocónica, colo alto e bordo extrovertido. Apresenta-se decorada com faixas de caneluras paralelas e horizontais. Integra-senos contextos célticos da Meseta e das culturas. célticas da Europa. GAMITO, 1979, 1981 Depósito de Teresa Júdice Gamito no Museu. Nacional de Arqueologia Nº L23-SEC

15

Fragmento de vaso ritual

Cerámica 18817.1 04 Castro de Segória Segocia, Eloas, Portalegre Sic VI-Vac

Elemento ou parte de um pequeno barril, em cerâmica de tipo "buchero" negro, com um orificio na zona central do bojo, por onde se verteria líquido do seu interior. Apresenta uma asa fragmentada, com duas mãos com as palmas viradas para fora, em atitude de oferenda, de onde se destacava a asa propriamente dita, que teria talvez, a forma de um animal mitológico. Trata-se de uma peça rara, ainda sem paralelos conhecidos

CAMITO, 1979, 1988 Depósito de Teresa lúdice Camito no Museu Nacional de Arqueologia Nº SEG/72

16

Fragmento de cerâmica com decoração estampilhada

Credmica 10Y6.5 CH Castro de Segiona Segória, Eleas, Portaligre Sec. VIII-VI a.C. Fragmento pertencente a um grande recipiente

de cerámica de pasta grossiria e cor avermelhada, com um engobe e polimento na face externa. Apresenta decoração estampilhada, perto do arrangue do bojo, cobrindo provavelmente uma larga área do vaso, senão, mesmo a sua totalidade. CAMITO 1981, 1988 Depósito de Teresa Júdice Camito no Museu-Nacional de Arqueologia Nº SEC/72-29

17

Fraqmento de cerâmica com decoração estambilhada

Cerámica DIVISION. Cantro de Sesóma Sepánia. Elnas. Portalegra Sec VIII-VI a C Fragmento pertencente a um grande recipiente. de cerâmica de pasta grosseira e cor castanhaavermelhada, com engobe na superfície externa. Apresenta decoração de estampilhas de desenho cruzado com circulos no interior, organizadas em duas faixas, na parte superior do boso.

Gamito, 1979, 1981, 1988 Depósito de Teresa Júdice Camito no Museu Nacional de Arqueologia Nº SEC/72-166

18

Fragmento de cerâmica com decoração incisa e estampilhada

Ceoleoca 5.785 CW Castro de Segóvia Segéria, Elvin, Portalegre Six MI-WAX

Fragmento de bordo de pequena taça em cerámica, de pasta grosseira e cor cinzenta escura, com decoração de incisões formando um ziguezague em traços paralelos, junto ao bordo. e sob estas, uma faixa de pequenos circulos estampilhados.

GAMITO, 1981, 1994

Depósito de Teresa Iúdice Camito no Museu. Nacional de Arqueologia Nº SEG/72-170

Elemento de asa

Brown

1.5X1.5 OH

Castro de Segúna

Segóvia, Elvas, Portalegre

Sec. 111-11 a.C.

Elemento de asa de colherão, servindo para ligar a colher à pega. É um elemento típico da cultura de "La Téne" Final, encontrando-se presente em amplas áreas europeias.

PAULI, 1980: GAMITO, 1988

Depósito de Teresa Júdice Gamito no Museu Nacional de Arqueología Nº SEC/72-111

20

Faça afalcatada

Firme

21, scm

Necropole do Olinal do Senhor dos Mártires Santa Maria do Castelo, Alcácir do Sal, Setúbal 2º Idade do Ferro -160 IV a C

Faca de ferro de dorso curvo e gume cortante do lado cóncavo. Cabo em ferro de secção quadrangular.

PAIXÃO, 1983

Museu Nacional de Arqueologia Nº 12/80

22

Ponta de lança

Ferro

20.1 0

Necrópole do Olinal do Senhor dos Mártires Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sal, Setilhal 2º Idade do Ferro - sé: V-IV a C.

Lança em ferro de alvado circular, de lâmina de contorno foliáceo e aresta mediana. Apresenta-se ritualmente torcida e dobrada sobre si própria. COSSEIA, 1928, SCHULE, 1969, PAIXÃO, 1983. Museu Nacional de Arqueologia. Nº 17211.

23

Falcata

Ferra

47 cm

Necrépole do Olival do Senhor dos Mártires Sonta Maria do Castelo, Alcácer do Sal, Setábal 2º Idade do Ferro - séc. IV a C. Falcata em ferro ritualmente dobrada em 3 voltas.

CORREIA, 1928: SCHULE, 1969, PAIXAO, 1983 Museu Nacional de Arqueologia Nº 17255

24

Espada de antenas

Eerro

19 cm

Necrópole do Olmal do Senhor dos Mártires Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sal, Setúbal > Idade do Ferro - sic. W a C.

Espada de antenas (ou de apêndices reduzidos a botões), apresentando-se ritualmente dobrada pelo fogo. Na zona central da lâmina são visíveis nervuras paralelas e longitudinais. CORRIA, 1928, SCHULL, 1969, PADAO, 1983Museu Nacional de Arqueologia. Nº 17201

25

Espada de antenas

Ferro

21X5.50W

Necrapole do Olival do Seehor dos Mártires Santa Maria do Castelo. Alcácer do Sal. Senibal 2º Idade do Ferro - séc IV a. C. Espada de antenas (ou de apêndices reduzidos a

botões), ritualmente dobrada pelo logo. Apresenta decoração geométrica de círculos e nervuras paralelas e horizontais no punho, que teria sido, presumivelmente, damasquinado a

20/22/23/24



Ponta de lança

Font

43004,7090

Necrópale do Clival do Senbor dos Mártires Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sal, Setábal 2º Idade do Ferro -séc VIV a C.

Lança em ferro de alvado de secção circular e lámina de contorno foliáceo, ligeiramente encurvada. Apresenta nervura central espessa de secção quadrangular. Integra o espólio da sepultura 15.

PAIXÃO, 1983

Museu Nacional de Arqueologia Nº OSM-128/982 12



prata. A lámina exibe ainda, na sua zona central, um conjunto de pequenas nervuras paralelas e longitudinais.

CORREA, 1928; SCHULE, 1969, PAIXÃO, 1983 Museu Nacional de Arqueologia Nº 17197

26

Lança/"Soliferreum"

Ferro.

Necripole do Olivial do Smiror dos Mártiros Sauta Maria do Eastelo, Alcácer do Sal, Setúbal 24 Made do Ferro - séc IV a C

Haste longa e fina em ferro de secção circular, terminando numa pequena ponta de lança ou dardo, ritualmente torcida pelo fogo CORRIA, 1928, SCHULE, 1969, PAIXÃO, 1983 Museu Nacional de Arqueologia Nº 17199

27

Espada de tipo "La Tène"

perto co cm

Necrópole da Herdade das Casas Refendo, Redondo, Évora

2º Idair lo Ferro - sic. ?V-III.a. C.
Espada em ferro do tipo "La Têne", apresentando a lâmina estreita e ligeiramente encurvada, de bordos erodidos e lingueta estreita. Trata-se da primeira espada deste tipo a ser encontrada em território português, evidenciando o cruzamento de culturas mesetenhas e mediterrânicas.

SLVA e COMES, 1992 Museu de Évora Nº 6922



21/26

28

Elemento de fibula de cavalo

Bronze

3,8 (0)

Necrópole da Herdade das Casas Redondo, Redondo, Évora

2º Idade do Ferro - secs IV-111 a.C.

Elemento de uma fíbula de cavalo, decorada com círculos concentricos, que juntamente com a espada de tipo "La Tène", representa a influência de culturas centro-europeias em território português

SILVA e GOMES, 1992 Museu de Évora Nº 1/HC

28







29

Conta de colar

Panta mirra

d cm

Necropole da Herdado das Casas Redondo, Redondo, Évora

2º Idade do Ferro

Conta de pasta vitrea, de grandes dimensões, de cor azul, oculada a branco.

SILVAR GOMES, 1992

Museu de Évora Nº 2/HC

30

Conjunto de discos ou botões

Oss

Diâne 2, e cm Necrópole da Herdade des Casas

Redando, Redendo, Évora

2º Idade do Foro

Conjunto de três discos ou botões aplanados em osso, com larga perfuração central.

SEVA e GOMES, 1992

Museu de Évora Nº 3/HC

Pequena escultura de bovídeo

Creamica

19.7X12 CM

Necropale do Clival do Senhor dos Martires Santa Marsa do Castelo, Alcacer do Sal, Setubal 2º Idade do Ferro

Pequena escultura toscamente modelada em argila representando um bovideo. A pasta é grosseira, de cor vermelha acastanhada, com manchas escuras provocadas pela acção do fogo. No focinho, apenas as natinas estão assinaladas e abaixo destas um simples traço fino parece indicar a boca. As hastes originais desapareceram, estando presentemente restauradas.

CORREIA, 1928, SCHULE, 1969, PAUGO, 1971 Museu Nacional de Arqueología N° 982 22.1

32 Prato de pescado

Citamica

4.5×25,5 cm

Necrápole do Olival do Senhor dos Mártires Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sal. Setúbal 2º Idade do Ferro

Grande prato de pescado em cerámica de pasta fina e bem depurada e de cor castanha. O pé é pequeno e cóncavo. A aba muito larga, de bordo arredondado e ligeiramente pendente, circurscreve um pequeno recipiente, cujo fundo convexo apresenta uma pequena protuberância em forma de botão. A superfície esterna apresenta-se inteiramente revestida por uma camada de engobe vermelho pouco espessa, característica das produções púnicas tardias CORRIA, 1928, SCHULE, 1969, PAIXÃO, 1971 Museu Nacional de Arqueologia Nº 11213





33 Prato de pescado

Ceránica

4, 23/20, 7 CM

Necropole de Oland do Senbor dos Mártires Senta Maria do Castelo, Alcáces do Sal, Setábal 2º Idade do Ferro

Prato em cerámica de pasta fina, bem depurada e de cor castanha avermelhada. O recipiente é troncocónico, e o pé plano-cóncavo. A aba é larga e horizontal, o bordo arredondado e ligeiramente pendente. O fundo, pequeno, é ligeiramente convexo. A superfície externa apresenta-se revestida por uma camada de engobe vermelho acastanhado, pouco espesso, que já desapareceu em algumas áreas, característica das produções púnicas tardias. Pertence ao espólio da sepultura nº 7.

CORREIA, 1928, SCHULE, 1969, PAIXÃO, 1971. Museu Nacional de Arqueologia. Nº 982-5.2

31

Taça/Tampa de urna

Crémico 4, 1017, 8 cm Necrópole do Olival do Senbor dos Mártiros Santo Mona do Castelo, Alcácer do Sal, Setébal 22 Maie do Ferro

Taça ou tampa de urna, de produção púnica, em cerámica de pasta fina e bem depurada, de cor castanha avermelhada e de forma hitroncocónica. O pé, ou pega, é alto, de forma troncocónica e côncavo. A taça ou tampa apresenta dois ressaltos a meia altura, na superficie interna. A superficie externa, revestida com uma camada pouco espessa de engobe vermelho acastanhado, com manchas escuras provocadas pela acção do fogo, exibe apenas um ressalto, na zona que delimita o fundo, da aba. Esta é larga, terminando num bordo arredondado e ligeiramente pendente. Coratia, 1928, SCHILLE, 1969, PAIXÃO, 1971 Museu Nacional de Arqueologia. Nº 982 58 41

35

Pequena taça

Circlinica

1.6 T 13.6 CH

Necrópole do Olival do Senhar dos Mártires Santa Maria do Gastelo, Alcácer do Sal, Setühal 2º Idade do Forro.

Pequena taça esférica, de produção púnica, em cerâmica de pasta fina e bem depurada, interramente revestida com uma camada espessa de engobe vermelho acastanhado. O fundo apresenta um pequeno ûnfalo, escurecido pela acção do fogo. A aba pequena e horizontal é pouco espessa. Faz parte do espólio da sepultura 11.

CORREIA, 1928; SCHULE, 1969; PAIXAO, 1971 Museu Nacional de Arqueologia Nº 982.8.1

36

Lucerna de um bico

Centralica

3.1×12.56 im

Necropole do Olival do Sonhor dos Mártins Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sal, Setilhal 2º Idade do Forro

Lucerna em cerámica de pasta fina, bem depurada e de cor castanha clara, de um só bico. Produção púnica. O recipiente é em forma de calote esférica, com um bordo pequeno, arredondado e ligeiramente pendente. O bico é conseguido pelo estreitamentamento e encurvamento, para dentro, das paredes do recipiente, e apresenta-se escurecido pela acção do logo. Está revestido na face externa por uma camada de engobe vermelho, que aperas subsistiu no bordo.

CORREIA, 1928, SCHULE, 1969, PAIXAO, 1971 Museu Nacional de Arqueologia Nº 982 58:13









37 Uma

Cerámica 24.8320.3325 cm

Necropole do Olival do Senbor dos Martires Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sal, Setsibal 2º Idade do Ferro

Uma de tipo ibérico, em cerámica de pasta fina, bem depurada e de cor beije clara, feita ao torno. A forma é bitroncocónica, o bordo extrovertido e o lábio pendente. O fundo é concavo, em ônfalo. Apresenta uma decoração pintada, de bandas, de cor vermelha escura vinosa. CORREIA, 1928, SCHILLE, 1969, PAIXAO, 1971. Museu Nacional de Arqueologia. Nº 11258.

38 Prato

Сегднейся

22X1 CH

Necropole do Olwal do Senbor dos Mártires Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sal, Setúbal 2º Idade do Ferro

Prato ou taça de cerâmica de pasta fina e bem depurada, de aba larga horizontal, revestida na face superior por um engobe espesso vermelho acastanhado. Apresenta fundo em ônfalo e um ressalto na transição do pé para a aba.

CORREIA, 1928, SCHULE, 1969, PAIXÃO, 1983.

Museu Nacional de Arqueologia. Nº 989 15.2.



Urna

Cerámica

27X22.5 CM

Necrópole do Olival de Senhor dos Mártires Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sal, Setúbal 3º Idade do Ferro

Urna em cerâmica de pasta fina e cor castanha clara, com decoração de pintura vermelha, do tipo "Cruz del Negro".

Inédita

Museu Nacional de Arqueologia Nº 982.57.2

40

Escaravelho egípcio

Quartze

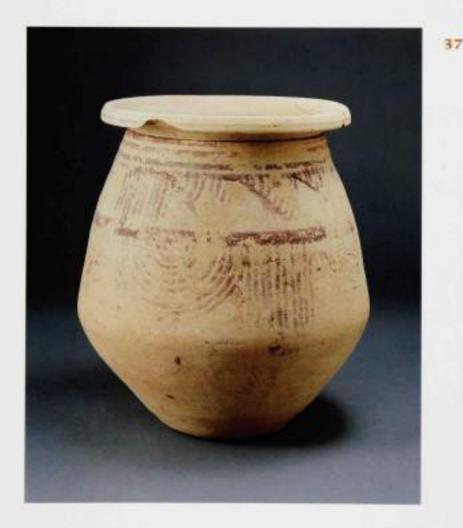
1.8×1,4×1,10m

Necrópole do Olival do Seebor dos Mártires Santa Marsa do Castelo, Alcácer do Sal, Smilsal 2º Idade do Ferro -séc. 18-a C.

Escaravelho egípcio em quartzo castanho escuro, de possível origem naucrática, proveniente de um aglomerado de cinzas que cobria uma sepultura de incineração cavada na rocha. A base, plana, ostenta uma inscrição e várias figuras de grande perfeição artística ao centro, um felino, sentado de perfil sobre o símbolio em forma de cesto, mantem a cabeça erguida, de frente, à esquerda, uma cobra em posição erecta ostenta a coroa do Alto Egipto. Do lado oposto, o caule de um papiro encimado pela respectiva flor, parece erguer-se a partir de uma das patas anteriores da leoa.

PAIXÃO, 1971

Depósito Dr. António Manuel Paixão Nº OSM 330 (3)



Escaravelho egipcio

Ayeta

GRYL-TEXTON

Necropole de Olival do senhor dos Mártiros Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sal. Setábal

2º Idade do Ferro-sécs. V-IV a C

Escaravelho egipcio em ágata de cor escura listrada a branco, de possível origem naucrática, provemente de terras superficiais remexidas, perto da sepultura F11. Na base, incompleta, restam alguns vestigios da inscrição. Ainda são seiveis, no canto superior, o sol álado e um pequeno disco sobreposto a um crescente de pontas voltadas para cima. No centro distingue-se uma cabeça que muito se assemelha a de um falcão, de uma personagem a que duas outras figuras, de cada lado, prestam homenagem. Em baso, nota-se ainda uma parcela de "cesto". Segundo Vercoutter, este escaravelho apresenta características semitizantes, lembrando os escaravelhos da Sardenha.

Paggio, 1971

Depósito Dr. António Cavaleiro Paixão

Nº OSM 331 (4)

42

Escaravelho egipcio

Nº Sep.22/80

Material não almiticiado

1,11 v.1,23 xii. 89 cm

Noriginia do Climal do Senhor dos Mairtines

Sonta Maria do Castelo, Alcácer do Sal. Setidual

2 Idade do Ferro - vici. V-IV a L.

Escaravelho egipcio em material brando de cor
verde acinzentada, proveniente da sepultura

22/80, apresentando na parte inferior duas figuras
antropomórticas com os joelhos ligerramente

flectidos e os braços erguidos para uma palmeira.

PARACI, 1983

Depósito Dr. António Cavaleiro Paixão

43

Escaravelho egípcio

Espinda

1,16X8,3X5.7 cm

Necropole do Olival do Senbor dos Mártires Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sal. Setébal

2º Idade do Ferro -séis V-IV a C

Pequeno escaravelho egipcio, de possível origem naucrática, em espinela com uma pequena percentagem de piroxena, encientrado na sepultura F11, juntamente com um fecho de cinturão, uma xorca com 12 sanguessugas, uma fibula de bronze, uma faca afalcatada e 3 láminas de lanças e respectivos contos. Na face inferior estão representados uma estinge alada e o sinal "maat", simbolizando, respectivamente, o poder real e a verdade.

PAIXÃO, 1971

Depósito Dr. António Cavaleiro Paixão

Nº F11- nº 2

40/43



Vitrine 17

O Castro da Cabeca de Vaiamonte

O Castro da Cabeça da Vaiamonte (Monforte) é um dos maiores povoados célticos do Nordeste alentejano. Com quase 8 hectares, poderia ter cerca de 2000 habitantes. Nas escavações aí realizadas recolheu-se abundante cerâmica, de que se ilustram aqui algumas formas.



Pendente

Ouro

122 EX FON. Pero 2 gr.

Castro da Cabeça de Variamonte

Vasamentr, Alonforie, Portaligre
2º Illade do Ferra

Pendente em ouro martelado, constituído por
um arame de secção circular formando duas
espirais unidas a uma haste central de seis
meandros. Neste exemplar cruzam-se as

tradições e influências da Europa Ocidental e
Central, com influências orientais.

MACHADO, 1964. PARREIRA, 1980, GAMITO, 1988
Museu Nacional de Arqueologia. Nº Au 425



Pendente

Chira 253310 CH Castro da Cabeça de Vavamonte Vaiaments, Monforte, Portalegre 2ª Idade do Ferra Ouro faminado e soldado. Decoração relevada. Pendente ovalado com argola de suspensão. É formado por duas lâminas finas sobrepostas esoldadas nos bordos. Originalmente era oco e convexo, apresentando se achatado, amolgado e fendido. A argola, actualmente aberta, é canelada longitudinalmente. Revela cruzamento de influências da ourivesaria da Europa Ocidental e Central, com influências orientais. MACHADO, 1964, PARRERA, 1980, CAMITO, 1988 Museu Nacional de Arqueologia Nº Au 426



Own

Fragmento de arrecada

Diàm. 2,6 cm

Castro da Cabiça de Vaiamente

Vaiamente, Monforte, Portaligne
2º Idade do Ferro

Arrecada em ouro laminado, repuxado e solidado.

Decoração de filigrana e de granulado. É
constituída por um corpo central circular oco, e
por um apêndice inferior sub-losangular. Está
munida de gancho para suspensão. O reverso é
liso. Fabrico de influência oriental.

MACHADO, 1964, PARREIRA, 1980, PINCE, 1992

Museu Nacional de Arqueologia. Nº Au 494



Fragmento de pendente

Curo

2,3x e,7 cm

Castro da Cabeça de Vasamonte

Vasamonte, Monforte, Portalegre

2º Idade do Ferro

Pendente em ouro laminado, repuxado e soldado

Decoração de filigrana e de granulado.

Fragmento constituído por um corpo amendoado
de linhas sinuosas, convexo e oco, formado por
duas linhas sobrepostas.

MACHADO, 1964, PARRERA, 1980, PINCEL, 1992

Museu Nacional de Arqueologia. Nº Au 561

Fragmento de brinco

Ouro

1.9.08

Cadro da Cabrça de Vaismente

Vaccounte Monforte Portalegre

> Idade do Ferro

Brinco em ouro moldado, martelado e soldado Decoração de filigrana e de granulado. Formado por um aro central lunular, aberto, liso e de secció circular, e por um apéndice inferior mangular, constituido por osto esferas e semiesferas ocas, maciças, de dimensões desarrais unidas entre si. Rematado por um pingente de granulado.

MACHADO, 1964, PARREIRA, 1980, PINCEL, 1992. Museu Nacional de Arqueologia Nº Au 574

Fragmento de brinco

Oure

Pein 12 dr

Cestro da Cabeça de Varamonte

Vaiamonte, Monforte, Partalegre

3º Idade do Ferro

Brinco em ouro moldado, martelado e soldado. Decoração de filigrana e de granulado. É constituído por 5 fragmentos: elementos mangulares, formados por esferas unidas e pingentes de granulado, e segmentos de arame de secção circular

Machado, 1964, Parreira, 1980, Pincel, 1992. Meseu Nacional de Arqueologia Nº Au 575

Par de arrecadas

Ours.

Diam 2.6 cm

Castro da Cabeça de Varamonte

Varanguie, Monforte, Portaleger

2º Idade do Ferro, sec. IV a C

Arrecadas em ouro moldado, martelado e soldado. Aplicação de arame e de granulado. Apresenta dupla suspensão, formada por um aro limilar aberto com o interior decorado e por um apéndice inferior triangular O aro maciço é decorado por dois anéis de arame, entre os quais corre uma linha ondulada. O interior do aro é decorado por duas espirais de arame unidas por um arco que se liga a um triângulo de três cones que desenham um triângulo invertido. O apéndice é formado por seis cones macicos de tamanhos crescentes em direcção ao vértice, rematado por um pingente de quatro gránulos. Na parte superior, duas argolas completam o sistema de suspensão do branco. Machado, 1964 Parreira, 1980 Pincel, 1992 Museu Nacional de Arqueologia Nº Au 576-577



Fragmento de lâmina

Oure

133W CW

Castro da Cabeca de Vasamente

Vasamente, Mondoete, Portalegre

2º Idade do Ferro

Fragmento de lâmina de ouro, lisa, de forma oblonga, com uma orla rectilinea e outra curva. Apresenta uma das extremidades dobrada e fendida e um dos cantos destacados. MACHADO 1964 PARREIRA 1980

Museu Nacional de Arqueologia Nº Au 596



Pendente

15Y IP CH

Castro da Cabeça de Vaiamonte

Varamowie Monlorte Portalegre

2º Idade do Ferro

Pendente de ouro laminado, embutido e soldado. Decoração relevada por estampagem. É uma peça oca, constituida por duas lâminas em forma de flor de lõtus. Tem argola superior de suspensão com decoração de caneluras longitudinais: MACHADO: 1964, PARREIRA,, 1980. NICOLINI, 1990. Museu Nacional de Arqueologia Nº Au 660

11/13

Conjunto de três contas

Oure

Date orsine

Castro da Cabrca de Vaiamonte

Varamente Manhorte Portalegre

2 Idade do Ferro

Conjunto de 3 contas em ouro fundido em molde de cera perdida(2), laminado, relevado e soldado(2). De forma esférica, ocas, de paredes muito finas, perfuradas no eixo central. MACHADO: 1964. PARREIRA, 1980.

Nicotest 1990

Museu Nacional de Arqueologia Nº Au 659 -847-848

14

Fraamentos de vaso

Prate

Est. 1 cm. Pero 11.55 dr

Castro da Cabeça de Vaiamonte

Varamonte: Monforte: Portalegre 2º Idade do Ferra

Fragmentos de vaso de prata, consistindo no bordo e em otto fragmentos laminares das paredes laterais e do fundo. Bordo decorado por uma banda longitudinal de "SS" à qual se segue um campo incompleto de duplos arcos concentricos

Inédito.

Museu Nacional de Arqueologia Nº Au 864

15

Fraamento indeterminado em ouro

Oura

Castro da Cabrça de Vasamente

Vatamoste, Monforte, Portalegry

2ª Idade de Ferra

Fragmento de ouro de forma laminar e sub--rectangular, com decoração canelada. apresentando uma das extremidades revirada. MACHADO, 1964. PARREIRA, 1980. Museu Nacional de Arqueologia Nº Au 879

Fragmento de vaso

Prata

Diam - 5 + cm

Castro da Cabeca de Vaiamoste

Vaiamoste, Monforte, Poetalegre

2- Idade do Ferro.

Fragmento de vaso de prata, de que apenas subsiste o bordo. Decoração incisa composta por uma banda longitudinal de 'SS', à qual se segue um campo incompleto de linhas incisas.

Inedito

Museu Nacional de Arqueologia Nº Au 881

17

Fragmento de barril

Centroica

22924 (19

Castro da Cabeça de Varamonte

Vaiamonte, Monforte, Portalegre

2º Idade do Ferre

Fragmento de barril em cerâmica de pasta grosseira e cor castanha avermelhada, de tipo sbérico.De forma alongada e estreita. Bordo extrovertido

CAMITO, 1983

Museu Nacional de Arqueología Nº 989.31.1

18

Tigela

Credmica

Dalm III on

Castro da Cabeça de Vasamonte

Valamonte, Monforte, Portalegre

2º Idade do Ferro

Tigela em cerâmica de pasta fina e bem depurada, de cor castanha avermelhada. Fundo plano. Apresenta-se interna e externamente revestida por uma camada pouco espessa de verniz vermelho acastanhado.

SCHULE 1969, GAMITO, 1988

Museu Nacional de Arqueologia Nº 984 333.1

Cadinho

Costonica

EX E CH

Castro da Cabeça de Vasamonte

Variamoute, Monforte, Portaleure

2º Idade do Ferro

Pequeno cadinho em cerámica de pasta grosseira. cor castanha e de forma cilíndrica.

SCHULL 1969, GAMITO, 1988

Museu Nacional de Arqueologia Nº 984,265 3

20

Prato

Credwica

Diline 16 cm

Costro da Cabeça de Vasamente

Vaiamonte Monforte, Portalegre

2- Idade de Ferro

Prato em cerámica de pasta fina e cor castanha alaranjada. Apresenta um fundo cóncavo, em ônfalo. A superfície externa apresenta-se revestida por uma camada pouco espessa de verniz castanho avermelhado. A base do prato é convexa e rematada por um botão aplanado. SCHULL 1969, GAMITO, 1988

Museu Nacional de Arqueologia Nº 984 254 3

21

Pequeno recipiente

Cerámica

3.2×3.8 cm

Castro da Cabeça de Varamonte

Vaiamonte, Monforte, Portalegre

2º Idade do Ferro

Pequeno recipiente em cerámica, de cor castanha alaranjada, bulbiforme com fundo em ônfalo. Colo estrangulado e bordo recto. Apresenta vestigios de revestimento de verniz vermelho ocre.

SCHULE 1969; CAMITO 1988

Museu Nacional de Arqueologia Nº 984 239 2



22

22

Vaso

Cirámica

8.63 N.76 CW

Castro da Cabrça de Varamonte

Vaiamonte, Monforte, Portalegre

2º Idade do Ferro

Pequeno vaso em cerámica de pasta grosseira e cor castanha escura, de forma troncocónica. Apresenta uma fiada de 4 mamilos abaixo do

bordo. O fundo é plano.

SCHULE, 1969, GAMITO, 1988

Museu Nacional de Arqueologia Nº 984.254.57

23

Taça

Cerámica

1.629,6 cm

Castro da Cabeça de Vasamente

Vasamonte, Monforte, Portalegre

2º Idade do Ferro / Época republicana

Pequena taça em cerámica fina, brilhante e bem

depurada, de cor cinzenta escura.

SCHULE, 1969, GAMITO, 1988

Museu Nacional de Arqueologia Nº 984 361.2

Fragmento de grande uma

Crimica

11,3x7 cm

Castro da Cabiça de Vatamente

Vaumente, Menforte, Portaligre

2º Udafe do Ferro

Fragmento de grande urna de tipo ibérico, de
forma globular, em cerámica de pasta fina e bem
depurada de cor castanha avermelhada

Apresenta decoração de bandas pintadas, de
verniz vermelho ocre.

SCHUL, 1969, GAMITO, 1988

Museu Nacional de Arqueologia. Nº 45892



Vaso com decoração plástica

24

25

Coderica 10.2 x t r. 2 cm Codes da Cobe

Castro da Cabeça de Vaiamonte Vaiamonte, Monforte, Portalegre 2 Idale do Ferro

Vaso em cerámica, de forma subcilindrica de pasta grosseira e cor castanha. Apresenta a superficie externa alisada e com vestígios de revestimento de uma aguada avermelhada. Exibe uma decoração plástica de pegas em forma de meia lui alternando com apêndices bifidos, situados a cerca de metade do bojo.

SCHELE, 1969, CAMITO, 1988

Muves Nacional de Arqueologia. Nº 984, 420, 1

26

Fragmento de tigela

Contro da Cabrça de Variamonte
Variamonte, Monforte, Portalegre
2º Made do Ferro
Fragmento de tigela em cerámica de pasta fina,
lisa e bem depurada, feita ao torno, de cor
vermelha acastanhada. Apresenta decoração
pintada de bandas de verniz vermelho escuro.
SCHIEE, 1969, GAANTO, 1988
Museu Nacional de Arqueologia. Nº 984-252





Candeia (>)

Cerawica

LTX6.9 CH

Castra de Cabeça de Vascononte

Vasamonte, Morforte, Parialegre

2- Idade do Feren

Recipiente em cerâmica de pasta muito grosseira. abundantemente micácea, com um bico apontado, suserindo a forma de uma candeia. SCHULE, 1969, GAMITO, 1988

Museu Nacional de Arqueologia Nº 984 254 51

28

Vaso

Седенса

13,2812.2 cm

Castro du Cabrça de Vaiamonte Variamonte, Monforte, Portulegre

2 Idade do Ferro

Vaso em cerámica de pasta grosseira e cor castanha escura, de forma subcilíndrica, fundo plano e bordo estrovertido

SCHULE, 1969, GAMITO, 1988

Museu Nacional de Arqueologia Nº 984 328 1

28





29



29 Cadinho

Circlinica

8, 936, 125 4, 6 CW

Castro da Cabeça de Vasamonte

Varamente Monforte Portaleare

2º libate do Ferro

Cadinho de fundição em cerâmica de posta grosseira de cor cinzenta escura e com abundantes elementos não plásticos, de forma

paralelepipédica SCHULE, 1969; GAMITO, 1988

Museu Nacional de Arqueologia Nº 984 268 3

30

Queimador

Cerdenca

TOX LET CM

Castro da Cabeça de Vaiamonte

Vaiamonte, Monforte, Portaligre

2º Idade do Ferro

Queimador em cerâmica de pasta fina e cor castanha alaranjada. Apresenta perfil sinuoso. bojo globular, fundo plano e bordo extrovertido e uma pequena asa de secção cilíndrica. Abaixo do colo exibe cinco aberturas de forma. triangular, também designadas como janelas SCHULE, 1969; GAMITO, 1988

Museu Nacional de Arqueologia Nº 984 254 52

31/38

30

Conjunto de 8 cossoiros

Cirdmica

Diam. Excm

Castro da Cabeça de Vaiamonte

Vaiamonte, Monforte, Portalegre

2º Idade do Ferro

Consunto de 8 cossoiros em cerámica, de pasta grosseira, de formas e dimensões variadas, lisos e decorados, onde predominam os troncocónicos.

SCHILLE, 1969. GAMPTO, 1988

Museu Nacional de Arqueología Nº 45350

39

Vaso

Centrolica

TX7.9 cm

Castre da Cabeça de Vaiamonte

Varamonte Monforte Portalegre

2º Idade do Ferro

Pequeno pote em cerâmica de pasta grosseira e cor cinzenta escura. Apresenta perfil sinuoso, bojo globular, fundo plano e bordo extrovertido.

SCHULE, 1969, GAMITO, 1988

Museu Nacional de Arqueologia Nº 984 381 I



40 Pequeno recipiente

Crimica
eso, 5 cm
Centro do Calreça de Variamonte
Variamonte, Monforte, Partalegre

2º Idade do Ferro
Pequeno recipiente em cerámica de pasta
grosseira e cor cinzenta acastanhada, de forma
troncocónica, fundo plano, marcado por aresta
modelada, boca fechada e lábio introvertido
SCHUIE, 1969, GAMITO, 1988
Museo Nacional de Arqueologia Nº 45997

Fragmento de pente

41

Otto
5.7x1,1 cm
Castro da Cabrça de Vatamonte
Vatamonte, Monforte, Portalegre

2º Made do Ferro?
Fragmento de pente em osso, apresentando dez
dentes. O cabo apresenta-se decorado com fiadas
de circulos concêntricos e uma perfuração.
SCHULE, 1969, GAMITO, 1988
Museu Nacional de Arqueologia. Nº 984.412.1

42 Cabeca de cameiro

Parta vitna

1, 2x 1, 2 cm

Castro da Cabeça de Vasamente

Vasamente, Monforte, Portalegre

2º Idade do Ferro

Perquena cabeça de carneiro em pasta vitrea de
cor escura, oca, com aplicações a amarelo e os
olhos a preto e branco.

SCHULE, 1969, GAMITO, 1988

Museu Nacional de Arqueologia. Nº 989-32-1

43 "Alabastron"

39

Pasta vitria
10, 524, 3 cm
Castro da Cabiga de Vaiamente
Vaiamente, Monforte, Portalegre
2º Idade do Ferro
"Alabastron" em pasta vitrea, reconstituido, de
cor negra decorado a branco
SCHULE, 1969, GAMEIO, 1988
Museu Nacional de Arqueologia. Nº 984,212,5

44 Vaso de provisões

Crainica

11,5x23.5 cm

Cactro da Cabeça de Vaiamonte
Vaiamonte, Monforte, Portalegre
2º Idade do Frero

Grande vaso contentor em cerámica de pasta
cinzenta escura. O fundo do recipiente é
troncocónico e o corpo cilindrico, apresentando
duas carenas bem marcadas. O bordo é
extrovertido. A base apresenta-se fracturada.

SCHULE, 1969, CAMITO, 1988

Museu Nacional de Arqueologia. Nº 813/1

45

Certifica

Vaso de provisões

Castro da Cabeça de Vasamente
Vasamente, Monforte, Portalegre
2º Islafe do Ferro
Grande vaso contentor em cerámica de pasta
grosseira, paredes grossas e cor castanha
Apresenta forma hemisférica, colo marcado por
um estrangulamento e bordo arredondado,
extrovertido. O fundo é plano.
SCHULE, 1969, CAMITO, 1988
Museu Nacional de Arqueologia. Nº CV/50

46 Vaso

Crabuca

13X17.1 OR

Castro da Cabrça de Vaiamonte
Vaiamonte, Monforte, Portalegre
2- Idade do Ferro
Vaso de cerámica de pasta muito grosseira e
micácea, toscamente modelado, de cor castanha.
Apresenta forma subcilindrica, base larga e plana,
e bordo irregularmente extrovertido.
SCHULE, 1969, CAMITO, 1988
Museu Nacional de Arqueologia Nº
984 254 1



47 Vaso de provisões

Centro da Cabeça de Variamonte
Variamonte, Monforte, Portainpre
2º Made do Ferra
Grande vaso contentor em cerámica de pasta
grosseira apresentando bastantes grãos de
quartzo, de cor castanha avermelhada. A forma e
globular, de fundo plano, o colo bem marcado
por um estrangulamento e bordo extrovertido.
SCHULL, 1969, GAMITO, 1988
Museu Nacional de Arqueologia. Nº 45470

48 Vaso

Cerámica

14x13,1 cm

Castro da Cabeça de Varamonte

Varamonte, Monforte, Portaligne

2º Idade do Ferro

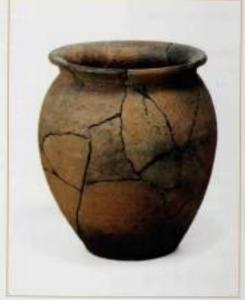
Vaso em cerámica de pasta fina e bem depurada
e cor cinzenta acastanhada. Apresenta forma
globular, de fundo côncavo, colo bem marcado
por um estrangulamento e bordo extrovertido.
As superfícies estão bem alisadas, quase brunidas
SCHULE, 1969, GAMITO, 1988

Museu Nacional de Arqueologia. Nº 984.403

48







Criterica:

25x12.68

Cestre da Cabeça de Varamonte

Varamente, Monforte, Portalegre

2- Idade do Ferro

Vaso em cerámica de pasta grosseira, micácea e cor castanha. Apresenta forma globular, fundo plano e bordo extrovertido. Está decorado com dias fiadas de linhas quebradas abaixo do colo. SCHERE, 1969, CAMITO, 1988.

Museu Nacional de Arqueologia Nº 984 409

50

Vaso

Codesca.

10,533,4339

Lestra da Cabeça de Varamonte

Varawonte, Manfarte, Portalispe

2º Made do Ferro

Pequeno pote em cerámica de pasta grosseira, cor castanha, toscamente modelado. Apresenta forma globular, fundo plano e bordo

irregularmente extrovertido

SCHUIT, 1969, GAMITO, 1988.

Museu Nacional de Arqueologia Nº 45983

51

Vasa

Centronia

100.7 CM

Castro da Cabeça de Vasamonte

Vasamente, Monforte, Portalegre

2 Idade da Ferro

Pequeno recipiente em cerámica de pasta média e cor castanha. Apresenta perfil sinuoso, de forma bitroncocónica, com um pequeno fundo ligeramente cóncavo, carenado, colo alto e burdo extrovertido e superfícies ligeiramente alisadas.

SCHILE, 1969, GAMITO, 1988

Museu Nacional de Arqueologia Nº 984 317 I

52

Taça

Cerámica

4.3230 (20

Castro da Cabrça de Varanconie

Vaiamente, Monforte, Portalegre

2º Idade do Ferro -Época Republicana

Taça em cerâmica de pasta tina e bem depurada,

de cor cinzenta.

SCHUIL, 1969. GAMITO, 1988

Museu Nacional de Arqueologia Nº 984 268 2

53

Vaso

Cenimore

726 OF

1000

Castro da Cabrça de Varamente

Varamonte, Menforte, Portaligre

2º Idade do Ferro

Pequeno recipiente em cerámica de pasta grosseira, micácea, de cor acastanhada e toscamente modelada. Apresenta forma troncoccónica, irregular, base larga e plana e boca

SCHULE, 1969, GAMITO, 1988

Museu Nacional de Arqueologia Nº 984 317.2

54

Cadinho

Centroca

3.7x5 cm

Castro da Cabeça de Vasamonte

Valamonie, Morforte, Portalegre

2 Idade do Ferro

Pequeno cadinho de pasta grosseira, micácea e de cor castanha clara, de forma troncocónica.

SCHULE, 1969, GAMITO, 1988

Museu Nacional de Arqueología Nº 984.254 6

53



Vitrine 18

O santuário de Garvão

No Sul de Portugal, na 2º. Idade do Ferro, os povoados formavam talvez confederações, idênticas às que, segundo Estrabão, os Celtas criaram na Betúria (Espanha). Essas confederações organizar-se-iam em torno de santuários como o que se localizou em Garvão, atrib-vível ao séc.III a.C.

O santuário propriamente dito ainda se não identificou.

Descobriu-se todavia uma grande fossa onde foram enterradas muitas centenas de objectos, particularmente vasos cerâmicos.

Algumas placas de ouro e prata, com olhos gravados, representam a divindade adorada, que numa outra placa aparece de corpo inteiro. É curioso observar que ainda hoje é adorada, no lugar, Santa Luzia, a quem recorre quem sofre dos olhos.

Oueimador

Eminute

Depisito votivo de Gamão
Garnão, Oseriase, Beja
2º Idade do Ferro-se. 1970 a.C.

Vaso de janela ou queimador, em cerâmica
grosseira, fabricado sem roda. Apresenta disas
asas sobreelevadas em relação ao bordo. Os
orifícios ou janelas triangulares apresentam-se em
disas fiadas borizontais e paralelas no bojo, e uma
no pe. O pe é alto, paralelipipédico e oco. O
fiando, solto, apresenta-se perfurado.

BERÃO, et al., 1985
Delegação do IPPAR de Évora
Nº GIL 401. Q.4-20

2

Queimador

Cerámica
14.7x13 cm

Depósito vetivo de Genvão
Gancão, Chirique, Beja
2º Made do Ferro-rics XVIIII a.C.

Vaso de janela ou queimador, em cerámica
grosseira, de cor cinzenta, fabricado sem roda.

Apresenta uma fiada de orificios triangulares
abaixo da carena, que é sublinhada por incisões
obliquas, e outra no pê, que é alto, oco e de
forma troncocónica.

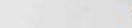
BERÃO et al., 1985
Delegação do IPPAR de Évora
Nº G.IL 820 Q1-7

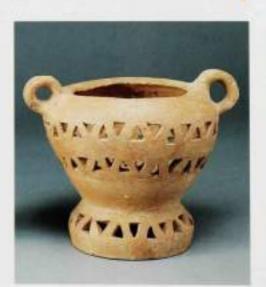
3

Queimador

Cerámica

n, xxxx, y cm
Depósito entiro de Garoño
Garoño, Ounque, Bria
2- Idade do Ferro-sécs IV/III a. C.
Vaso de janela ou queimador, em cerámica de
pasta grosseira, fabricado sem roda. Apresenta
uma asa. Os orificios ou janelas triangulares
dispõem-se em duas fiadas. horizontais no bojo.
BEIRÃO et al., 1985
Delegação do IPPAR de Évora. N° G.II.325 Q112. C.3c.









"Aspergillus"

Crelenca 6e x7,6 cm Depósita rotivo de Garnão Garnão, Oursque, Beja 2-Made do Ferro-sécs Wills a C.

"Aspergillos" em cerámica de pasta fina, dura e compacta, com desengordurante de grão fino e de coloração alaranjada. Corpo de forma tubular, com a extremidade distal esférica achatada e uma zona central circular perfurada por pequenos orificios. A extremidade groximal é aberta e apresenta um elemento de suspensão em forma de gancho. Apresenta a superficie externa brunida e brilhante.

BERAO et al., 1985 Delegação do IPPAR de Évora Nº Q.H - Q1.14C3C.121

5

Urna de orelhetas perfuradas

Ceràmica 66 cm Depósito votivo de Garvão Garvão, Oursque, Beja 2º Idade do Ferro-stex 10/10 a.C.

Uma de orelbetas perhiradas, em cerâmica, de forma ovóide, decorada por séries de estampilhas de contorno losangular, que alternam com bandas e reticulas pintadas de cor vermelha escura. A tampa, de forma cónica, termina numa pega representando uma cabeça antropomórfica, onde se reconhece um toucado em forma de fieque, um nariz proeminente e largo, olhos circulares e boca com lábios salientes. Apresenta duas orelhetas perfuradas, opostas, na direcção das asas que são decoradas com pastilhas.

BERIGAO et al., 1985.

Delegação do IPPAR de Évora. Nº G.H.V. 135.

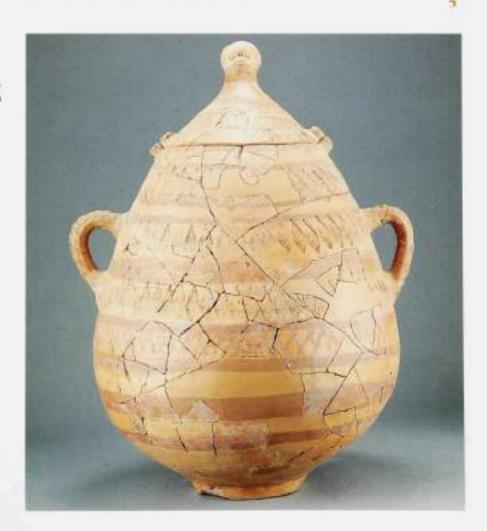
6/13

Conjunto de 8 tigelas

Cerámica 17,5x5,7 cm Depósito votivo de Garrelo Garrelo, Ourque, Beja 2- Made do Ferro-secs,(WIO a.C

Conjunto de 8 tigelas baixas de bordo sem espessamento, direito e de lábio convexo, pé em bolacha. Apresentam dois orificios de suspensão cónicos, executados a partir do interior, que foram alargados externamente após a cozedura. Superfícies com estrias deixadas pelo torno. Pasta compacta e idêntica à das superfícies de cor alaranjada.

Benzo et al., 1985 Delegação do IPPAR de Évora Nº G 14 (G II/109)



Fragmento de "oinochoe"

Panta vitrea 3,481, 1 cm Depósito notivo de Garoão Garoão, Osrigue, Beja 2º Idade do Ferro

Parte superior de uma "omochoe" de vidro de cor negra, mostrando a boca trilobada assente sobre um gargalo cilindrico, decorado com o enrolamento em espiral de um fio em relevo de cor amarela de cádmio, que também contorna o lábio da peça, e a totalidade da asa BERGÃO et al., 1985 Delegação do IPPAR de Évora Nº Q 5.21/C5a

15 Copo

Cordonica

12,3x11 cm
Depúsio notivi de Garcão
Garcão, Oseigas, Beja
2º Idade do Ferro
Potinho ovoide com pé destacado esvasado,
bordo ligeiramente introvertido, com cordão de
reforço decorado por incisão. Montado
manualmente. Pasta compacta, rica em elementos
não plásticos, superficie espatulada de cor
castanha com manchas amareladas.
BEIRÃO et al., 1985
Delegação do IPPAR de Évora. Nº GII429

16 Coba

Cerámica

9,3x9 cm

Depósito petivo de Garnão

Garnão, Ourique, Bria

2º Idade do Ferro

Potinho ovóide com pé desteado esvasado,
bordo ligestamente introvertido, com peque

hordo ligestamente introvertido, com pequenos mamilos abaixo do bordo. Montado manualmente. Pasta compacta, rica em elementos não plásticos, superfície alisada de cor avermelhada BEIRÃO et al., 1985

Delegação do IPPAR de Évora Nº GII375

17 Copo

Credinica

8x7.5 cm

Depósito entre de Garnão

Garnão, Chingue, Beja

2- Idade do Ferro

Potinho ovoide com pé esvasado, bordo
ligeiramente introvertido, com pequenos
mamilos abaixo do bordo. Montado
manualmente. Pasta compacta, rica em elementos
não plásticos, superfície alisada de cor
avermelhada.

BEIRÃO et al., 1985

Delegação do IPPAR de Évora. Nº GII432

16/15/20



18

Copo

Cerámica

6,5x6,5 cm

Depásto oution de Garnão

Garnão, Ounque, Bija

2º Idade do Ferro

Potinho ovóide ccom pé destacado envasado,
bordo ligeiramente introvertido, com pequenos
mamilos abaixo do bordo. Montado
manualmente. Pasta compacta, rica em elementos
não plásticos, superfície alisada de cor
avermelhada

BERÃO et al., 1985

Delegação do IPPAR de Évora. Nº GII311

19

Copo

Centruca
7.5xs cu
Deposto votivo de Garnão
Garnão, Ourspur, Beja
2º Idade do Ferro
Potinho ovoide com pé destacado esvasado,
bordo ligeiramente introvertido, liso. Montado
manualmente. Pasta compacta, rica em elementos
não plásticos, superfície alisada com manchas de
cor acastanhada e avermelhada.
BEIRÃO et al., 1985
Delegação do IPPAR de Évora. Nº GIIV-II-4

20

Copo

Centresca

13.5x12,5 cm

Deposito votivo de Garnão

Garnão, Ourigire, Beja

2º Idade do Ferro

Potinho ovoide com pê desteado esvasado,
bordo ligeiramente introvertido, com cordão de
reforço decorado por incisão. Montado
manualmente. Pasta compacta, rica em elementos
não plásticos, superfície espatulada de cor
castanha com manchas amarelas.

BERÃO et al., 1985

Delegação do IPPAR de Évora. Nº GH497

Tamba? Pratinho votivo?

Centraria

(2,5x4.5 on
Deposito entire de Garrillo
Garrillo, Ourique, Beja

2-1dade de Forre

Vaso aberto com corpo cónico e lábio
arredondado. Apéndice (pé ou pega) cruciforme
com 5 cm de largo. Montado manualmente
Panta cumpacta, rica em elementos não plásticos,
superficie castanha acinizentada.

BIRÃO et al., 1985

Delegação do IPPAR de Évora. Nº GII832

22

Tampa? Pratinho votivo?

Cerânica 12.5x4,2 cm Depisto votivo de Garrido Gareão, Charique, Beja 2º Idade do Ferro Vaso aberto com corpo cónico e lábio arredondado. Apêndice (pé ou pega) cilíndrico e cóncavo com 3,5 cm de diâmetro. Montado manualmente. Pasta compacta, rica em elementos não plásticos, superfície com manchas avermelhadas e acinzentadas.

BERAO m.al., 1985

Delegação do IPPAR de Évora. Nº GILV131

23

Vaso

Cerámica

7, 5x7 cm

Depósito notivo de Gamão
Garrão, Olonque, Bija
2º Idade do Ferro
Pequeno vaso de perful em S, arredondado,
decorado no bojo por pontos fundos que
alternam com fancetas incisas. Montado
manualmente. Pasta compacta, rica em elementos
não plásticos, superfície castanha acinzentada.
BEIRÃO et al., 1985

Delegração do IPPAR de Évora. Nº GIL496

24

Vaso

Cedena

9X9 CM
Dipésito votivo de Garesão
Garisão, Ourigue, Bria
2º Idade do Ferro
Pequeno vaso de perfil em S, com bojo carenado
e vestígios de uma aso da carena ao bordo.

e vestigios de uma asa da carena ao bordo, decorado por pequenas incisões na carena e à volta do arranque da asa. Montado manualmente. Pasta compacta, rica em elementos não plásticos, superficie polida, de cor vermelha. BERÃO et al., 1985 Delegação do IPPAR de Évora. Nº GII V102

resettatan no as a sur est e con a su con a su

19/17/24/23/18/22/33/21



Oueimador

Ceràmica 10010,5 cm Depásite votico de Garcão Garcão, Oscique, Beja 2º Idade do Ferra

Vaso de corpo globular e pé esvasado, côncavo, provido de três asas anulares e perfurado por diais fiadas opostas de recortes triangulares alternos, na parte superior do boso. Montado manualmente. Pasta compacta, rica em elementos não plásticos, superfície alisada de cor castanha acinzentada.

BERNO et al., 1985

Delegação do IPPAR de Évora Nº CII 844

26

Queimador

Credinical LESS 2,5 ON

Deposito rotico de Garnão Garnão, Ourique, Besa

2º Idade da Ferro

Vaso de corpo cónico e pé esvasado, côncavo, provido de duas asas "em orelha" e perharado por uma fiada de recortes triangulares alternos, na parte superior do bojo. Montado manualmente. Pasta compacta, rica em elementos não plásticos superfície alisada de cor avermelhada clara. BERÃO et al., 1985

Delegação do IPPAR de Évora № GII 314

28

Pote

Cerdinica 20x21 cm Depósito votivo de Garnão Garnão, Ounque, Beja > ldade do Ferro

Pote de perfil em S muito extrovertido, ombro marcado por carena, fundo com ónfalo. Montado ao torno. Cerámica bem cozida, de pasta compacta, com elementos não plásticos normalmente de dimensão inferior a 0,5mm, principalmente grãos de quartzo e inclusões negras. Superficie alisada de cor vermelha alaranjada.

BERAO et al., 1985

Delegação do IPPAR de Évora Nº CII XXXVI

27

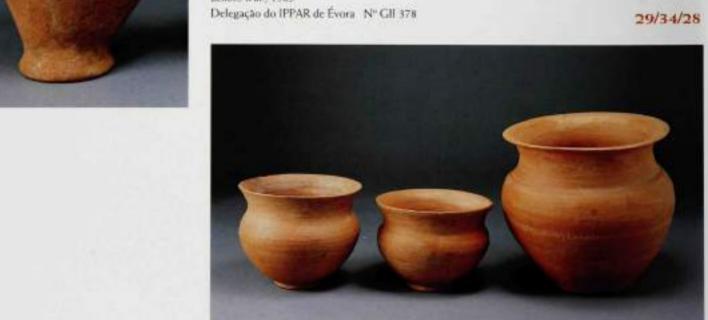
Queimador

26

Cerámica 12x12 cm Depósito votivo de Garnão Garnão, Ourique, Besa 2º Idade do Ferro Vaso de corpo ovoide e

Vaso de corpo ovóide e pé esvasado, cóncavo, perfurado por duas fiadas de recortes circulares, na parte inferior do bojo. Montado manualmente. Pasta compacta, rica em elementos não plásticos.

Berrão et al., 1985



Pote

Credenica 22,3243,5 cm Depósita rotino de Garrolo Garrolo, Osrique, Beja 2- (dade do Ferro

Pote de perfil em S muito suave, pé destacado Montado ao torno. Cerámica bem cozida, de pasta compacta, com elementos não plásticos normalmente de dimensão inferior a 0,5 mm, principalmente grãos de quartzo e inclusões negras. Superfície alisada de cor sermelha alaraniada.

BERIO et al., 1985 Delegação do IPPAR de Évora N° GII V 126 30

Uma

Ceràmica 18320 cm Depósito votivo de Gareño Gareño, Osenque, Beja 2º Idade do Ferro

Uma carenada, de hordo extrovertido, sobre lanço córicavo que porte da carena marcada por um sulco. Sub-lanço hemisférico assente sobre um pé alto, moldurado. Montada ao torno. Cerlimica bem cozida, de pasta compacta, com elementos não plásticos normalmente de dimensão inferior a 0,5 mm, principalmente grãos de quartzo e inclusões negras. Superficie polida de cor alaranjada.

BERAO et al., 1985.

Delegação do IPPAR de Évora Nº GII 385

31

Uma

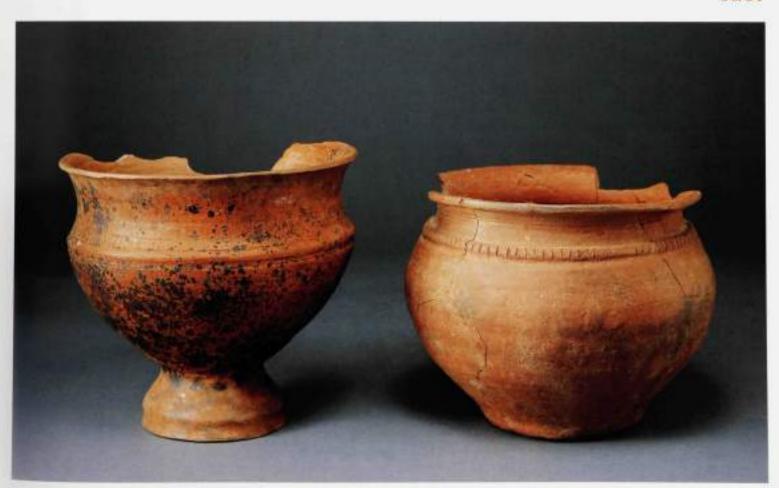
Ceránica 18×20-cm Depósito vetivo de Garvão Garvão, Ourique, Beja 2: Idade do Ferni

Urna globular Bordo curvo extrovertido, curto, sobre colo marcado por cordão de reforço decorado por traços incisos. Fundo com ônfalo. Montada ao torno. Cerâmica bem cozida, de pasta compacta, com elementos não plásticos, normalmente de dimensão não inferior a 0,5 mm, principalmente grãos de quartzo e inclusões negras. Superficie polida de cor vermelha sombria.

BEIRÃO et al., 1985

Delegação do IPPAR de Évora Nº GII 565

30/31



Taça

Cerámica 8x4,5 cm Depósito vetino de Garnão Garnão, Ounque, Beja 2º Idade do Ferro

Taça de perfil em S. bojo de tendência hitroncoconica, bordo ligeiramente extrovertido, boca larga e pé destacado, com o fundo ligeiramente côncavo, produzido ao torno rápido. Pasta compacta típica dos materiais do depósito, com elementos não plásticos, majoritáriamente grãos de quartzo e inclusões negras, normalmente inferiores a 0,5 mm e raramente superiores a 1 mm. Cerámica bem cozida, sonora, de cor vermelha clara, de superfície espatulada. Na base do vaso foi produzido, depois da cozedura, um grafito, a ponta fina em direcção sinistrorsa, composto por seis signos, os does últimos signos, no entanto. foram gravados dextrorsamente. A inscrição pertence, pela morfologia dos seus signos e pela área geográfica onde Carvão se localiza, à escrita pré-latina do Sudoeste. Reconhecem-se os signos para a (1"), o (3"), t(i) (4"). O signo que, repetido, ocupa as 2º, 5º e 6º posições é uma variante paleográfica inédita que deve ter evoluído a partir daquela mais tardia, conhecida em inscrições de Ourique (II). Azinhal dos Mouros. Tavilhão e Mealha Nova II (Heirão 1986, nº 4, 30, 32 e 39) Trata-se do 25º signo do quadro paleográfico do Sudoeste (Cf. Correia, este volume). O signo é de atribuição fonética duvidosa. O tradicionalmente atribuido valor fonético k(i), não é sustentável, parecendo mais provável que se trate de um signo valente para uma variação fonética b(a), com cujo signo mais vulgar frequentemente se intermutou (Cf. Correia, este volume, Comez-Moreno 1961, 892, Maluquer 1968, 42 e 104, Correa 1987, 276, Hoz 1987, 572, Correia, n.p.). Na inscrição ler-se-å, portanto, a b(a) o t(i) b(a) b(a). Descontando a repetição do último signo, erro de escrita que ocorreu também em inscrições. funerárias (por exemplo em Bensafrim VI - Beirão 1986, nº 15 - /a / a.i / estamos, muito provavelmente, perante um antropónimo com origem no Levante ibérico, onde tibra é elemento comum na formação de nomes de pessoas. Conhecem-se, aliás, os antroponimos ?

a ha tish em Ulastret (Siles 1985, nº 7), e

ba u.i.i./... em Ensérune (Siles 1985; nº 387). Laços culturais entre a fase tardia da escrita e o mundo ibero-levantino estavam já documentadas pelo armamento e roupagens do guerreiro representado na estela de Abóbada (Beirão 1986, nº 48).

BERAO, 1986, CORREA, 1987, GONEZ-MORENO, 1961, HOZ, 1987, MALLIQUER, 1968, SILES, 1985 Delegação do IPPAR de Évora. Nº GII V250

22

Tampa? Pratinho votivo?

Centrica

12,3x4,3 cm
Depósito votivo de Garivão
Garivão, Ourique, Beja
2º Idide do Feiro

Vaso aberto com corpo cónico e lábio
arredondado. Apêndice (pé ou pega) cruciforme.
Montado manualmente. Pasta compacta, rica em
elementos não plásticos, superfície castanha
acinzentada.

BEIRÃO et al., 1985

Delegação do IPPAR de Évora GILV 176

34

Pote

Cerámica

(1xx5 cm

Depósito vetivo de Garreio

Garreio, Chirique, Beja

≥ Made do Ferro

Pote de perfil em S muito suave, excepto no
ombro que é marcado por uma carena, pé em
bolacha. Montado ao torno. Cerámica bem
cozida, de pasta compacta, com elementos não
plásticos normalmente de dimensão inferior a 0,5
mm, principalmente grãos de quartzo e inclusões
negras. Superfície alisada de cor vermelho
alaranjado.

BERICAO et al., 1985

Delegação do IPPAR de Évora. № GII 20



35 Maxilar

Parta ritros

4,5×2,5×2,5 cm

Deposito rotiro de Garrião
Garrião, Ounque, Bejar

2º Iliule do Ferro
Representação esquemática de um maxilar
inferior humano em pasta vitrea, no qual são
representados sete dentes de contorno triangular
BDEAO et al., 1985

Delegação do IPPAR de Évora N° Q 1, 19/C3b

36/37

Own

Par de plaças oculadas

BURÃO et al., 1985

4,2x4,3 cm
Depósito vetivo de Garisão
Garisão, Ourique, Brja
>> Idade do Ferra
Par de placas oculadas em ouro, em forma de
finas lâminas rectangulares. Apresentam dois
olhos humanos de forma amendoada, dispostos
em paralelo, unidos centralmente, executados
por repusamento, em torno dos quais se dispõem
radialmente finos traços feitos a buril,
representando provavelmente as pestanas.

Delegação do IPPAR de Évora Nº Q 1.19/C3b

38

Placa

Prate
5,383 cm
Depóselo votico de Garcão
Garcão, Ourape, Bejo
2º Idade do Ferro
Placa com procesoratorio

Placa com representação antropomórfica, de forma subtrapezoidal, exibindo, ao centro, a representação de uma cabeça, realizada por repuxamento, com um toucado ou diadema sobre a fronte. Os olhos são representados por pequenos pontos em relevo rodeados por arcadas supercitares muito marcadas. O nanz é largo e a boca, pequena e linear. BERÃO et al., 1985

Delegação do IPPAR de Évora Nº GII Vala

36/37







Conjunto de plaças oculadas

Prata

Depósito votivo de Garvão Garisão, Ourique, Besa

> Idade do Ferro

Conjunto de placas oculadas em prata de formas e dimensões variadas, predominando as de contorno rectangular, feitas sobre lâminas delgadas, decoradas por repuxado. BERAD et al., 1985

Delegação do IPPAR de Evora Nº GII 67-76

40

Fibula

Prata

T-430

Debouto potino de Garrillo

Canida Ourique Bria

2º Made do Ferro

Fibula anular, de aro circular e ponte laminar.

Falta o fuzilhão.

BORNO dal. 1985

Delegação do IPPAR de Évora Nº GII Q 1.13

42

Bracelete 2

Printe

4.7 (20)

Depósito votino de Garnão

Garrião, Ouriaw, Beja

2º Idade do Ferro

Aro de secção circular, liso e fechado.

BEILLO et al., 1985

Delegação do IPPAR de Evora Nº GII Vala

43

Moeda

39

Prata

1.7 CH

Depósito ootioo de Garrão

Garesto, Ownque, Bear

2º Islade do Ferro

Moeda pertencente à oficina de Gades, apresentando o anverso muito deteriorado, onde se reconhece a representação da cabeça de Hércules-Melkart, toucado com a pele de leão. O reverso mostra, centralmente, um atum sobre o qual se veêm quatro signos, quase degiveis, de uma legenda púnica. Parece tratar-se de uma hemidracma (2,5 g 7) cunhada na 2º metade do

BEIRAO et al., 1985

séc ma.C.

Delegação do IPPAR de Évora Nº GII Vala

41

Anel

Prata

t.n.cm

Depente votico de Garcão

Garrio, Ovrigue, Bria

2º Idade do Ferro

Anel constituido por um enrolamento em espiral. com cinco voltas de um fio de secção sub-

rectängular

BERNO et al., 1985

Delegação do IPPAR de Évora Nº GII Vala

44

Anel

Prata

2,2 0%

Depásito votivo de Garcão

Garrão, Ourigue, Beja

2º Idade do Ferro

Aro liso, de secção rectangular, apresentando. uma aresta central.

BERLAD et al., 1985

Delegação do IPPAR de Évora Nº GII Q.1.19

Anel

Prata
2, i cm
Departe vativo de Gornão
Garnão, Chanque, Brja
3- Made do Ferro
Ano Isso de secção rectarigular
BERÃO et al., 1985

Delegação do IPPAR de Évora Nº GII Q 1.19

46 Címbalo

Prata

e.2xr, 6 cm
Depósito vetiro de Garção
Ounque, Ovrique, Beja
2º Idade do Ferro
Cimbalo de prata, de forma troncocónica. Uma
coroa circular, com 5mm de rebordo, envolve a
zona aberta da peça. Mostra na base algumas
perfurações munto pequenas, certamente para a
sua aplicação através de uma linha.
BERAO et al., 1985
Delegação do IPPAR de Évora. GILV. 84

47

Fragmento de lingote?

Pruta
1,7x1,2 x0,8 cm
Depésito extinu de Garrelo
Garrelo, Ourque, Bga
≥ Idade de Ferro
Fragmento de prata de forma
subparafelepipédica
BEBAO et al., 1985
Delegação do IPPAR de Évora № CIII Q.1.14

40/46



Plinto 4

Cepo de âncora das Berlengas

As naves gaditanas, no séc. IV a.C., voltaram a percorrer o litoral atlântico. De sua passagem dá testemunho o cepo de âncora encontrado nas Berlengas.

Cepo de áncora

Churcho
Comp. 263 cm. Pesa. 422 Kg
Berlenga
Peniche, Peniche, Luria
S&. v/W a.C.

Cepo de âncora em chumbo, fundido em molde, com alma de madeira. Este cepo faria certamente parte de uma âncora de um navio de grandes dimensões. Trata-se de um dos mais antigos exemplares conhecidos, de toda a Antiguidade. ALVES et al., 1988-1989, ALVES, 1994. Museu Nacional de Arqueologia. 4558.

Vitrine 19

A retoma da rota atlântica e a reanimação do Noroeste

No séc. IV a.C., o comércio de Gadir, durante décadas interrompido, restabelece-se. Vinham, nesse comércio, vasos gregos, de que se encontraram excelentes exemplares em Alcácer do Sal. Também ao Norte chegaram esses vasos, atestados todavia apenas por pequenos fragmentos. No Norte ainda se encontraram moedas gregas e uma formosa bráctea que reproduz o reverso de uma moeda de Siracusa.

Prato

Cerámica

1, 1219, 1 cm

Necrópole do Olival do Senbor dos Mártiros

Santa Mana do Castelo, Alcácer do Sal, Setábal

2º Idade do Ferro - 400-373 a.C.

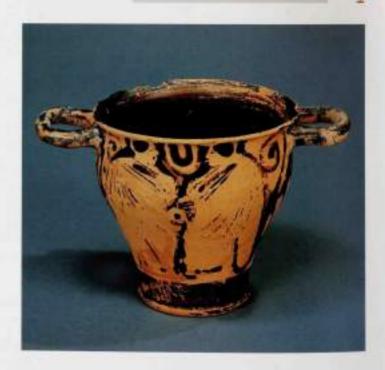
Prato em cerámica ática de verniz negro, de
bordo moldurado, a que falta uma porção do
bordo. Apresenta dois orificios no bordo para
suspensão, paredes e fundo espessado e pé
convexo. De cor negra. Decoração incisa e
estampada de dois circulos incisos e dez palmetas
(de nove pétalas) ligadas; guilhoché

DELGADO, 1971, ROUILLARD et al., 1988-1989

Museu Nacional de Arqueologia. Nº 11211



-



Skyphos

Codesca 17. bris.7 (8)

Necrotole do Olival de Senhor des Mártires Santa Maria de Castelo, Alcácer do Sal, Setübal > Mode do Ferro - x71-110 a. C.

Skyrbos em cerámica ática de figuras vermelhas. remencendo ao grupo do "Fat Boy". Apresenta como tema decorativo dois jovens em limation a olharem-se de frente. Entre eles, à altura das cabeças, um grande óvulo e na zona da cintura, un circulo reservado com ponto negro ao centro.

PEREIRA, 1962; TRIAS, 1967; ROUILLARD stall, 1988-1989

Museu Nacional de Arqueologia Nº 11221



Prato de pescado

Colimica

10.292.75 (10

Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires. Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sal, Setúbal 2º Islade do Ferro - 180-170 a C

Prato de pescado em cerámica grega ática de figuras vermelhas, atribuído ao Pintor de Alcácer do Sal. Apresenta dois orifícios para fixação. Decoração constituída por elementos da fauna marítima: douradas, pequenos peixes e chocos. PEREIRA, 1962, TRIAS, 1967, ROUILLARD et al., 1988-1989

Museu Nacional de Arqueologia Nº 11241



Krater

Circlmica

15,7835,5 cm

Necropole da Olimal do Smikor dos Mátires. Santa Maria de Castelo, Alcacer do Sal, Senibal 2+ Idade do Ferro - 400 - 171. a. C.

Krater em cerámica ática de figuras vermelhas, em forma de sino, atribuída ao Crupo de Viena 1025. Apresenta decoração constituída por uma cena sacrificial numa das faces, na qual intervêm 5 personagens viradas para um altar, e na outra, 2 sátiros, que enquadram uma personagem dancando

PERERA, 1962, ROUILLARD, et al., 1988-1989. Museu Nacional de Arqueologia Nº 11257







Pelike

Cerámica

23.1217 cm Necrépole de Olival de Senhor des Mártires Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sal, Setubal 2º Idade do Ferro - 375-350 a. C. Palde em cerâmica grega ática de figuras vermelhas atribuída ao Círculo do Pintor do Tirso Negro, Apresenta, como decoração, uma cena dionisiaca numa face, e na outra, dois jovens em kination olhando-se de frente. PEREIRA, 1962, ROUILLARD et al., 1988-1989 Museu Nacional de Arqueologia Nº 11214

6 Krater

Cerdonica

3.53(14 cm) Necropole do Olival de Senbor dos Martires Santa Marsa do Castelo, Alcácer do Sal, Setúbal 2+ Idade do Ferro - 400 - 375 a.C.

Krater em forma de sino, em cerámica gregaática de figuras vermelhas atribuída ao grupo de Viena 1025. Apresenta, numa das faces. Artemis fazendo uma libação a Apolo e na outra, tima dança de sátiros e ménade.

ROUBLARD et al., 1988-1989.

Museu Nacional de Arqueologia. Nº 982.62.104



Fragmentos de pelike

Creamor

25.2X16 CW

Necrobole do Olival do Senbor dos Mártires Sonta Maria do Castelo, Alcácer do Sal, Setékal 2º Idade do Ferro - 375-350 a.C. Fragmentos de polike em cerámica grega ática de

figuras vermelhas, apresentando como decoração, numa face, um homem e uma mulher. e na outra, um jovem em fination.

ROUILLARD et al. 1988-1989

Museu Nacional de Arqueologia Nº 982-59-70



Krater

Cerámica

20×25 cm

Necropole do Olival do Senhor dos Mártires. Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sal, Setábal 2º Made do Ferro - 375-350 a.C.

Krater em forma de sino, em cerámica grega ática de figuras vermelhas atribuida ao Pintor do Tirso Negro. Apresenta como decoração: riuma face, uma cena de symposion em que intervêm 3 personagens, e na outra. 3 figuras drapeadas ROUBLARD et al., 1988-1989.

Museu Nacional de Arqueologia Nº 982 58 138



Fragmentos de krater

Cerémica

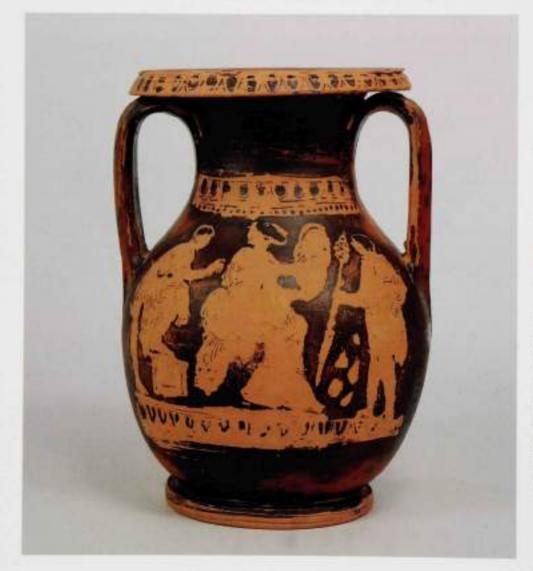
Alt do frag. > 20 cm

Necrápole do Olival da Sexbor dos Mártins Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sal. Selábal 2º Idade do Ferro - 180-270 a C

Krater em forma de sino, em cerâmica grega ática de figuras vermelhas atribuída ao Pintor de Telos. Apresenta como decoração, numa face, uma composição de sátiros e ménades e na outra, jovens em hosation.

ROUILLARD et al., 1988-1989.

Museu Nacional de Arqueologia № 982 59 71





10 Tigela

Cerámico 7,2x16 cm Nicrápole do Olivial do Senhor dos Mártiers Santa Marsa do Casinlo, Alcácer do Sal, Senihal 2º Idade do Ferro - 375-330 a.C. Tigela incompleta em cerámica grega ática de

verniz negro com decoração incisa e estampada, de que apenas se conservam 5 palmetas ligadas a 5 pétalas.

ROUILLIUD et al., 1988-1989 Museu Nacional de Arqueologia Nº 982-62-118

11 Taça

Crobnica 5.0x25 cm

Necripule do Olival do Smitor dos Mártires Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sal, Setúbal 2º Made do Ferro - 100-175 a.C.

Taça em cerámica grega ática de verniz negro, de burdo arredondado, com decoração incisa e estampada, formada por um círculo inciso. 4 palmetas de 11 pétalas em cruz, uma banda de óvulos entre dois círculos incisos, 11 palmetas de 11 pétalas ligadas, banda de óvulos entre dois círculos incisos, palmetas de 11 pétalas ligadas. FERRIRA, 1971, ROUILLARO (Lal., 1988-1989). Misseu Nacional de Arqueologia. Nº 11212

12 Prato

Credinica Alt. 3,8x25 cm Necropole do Olivial do Senbor dos Martires Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sal, Senibal 2º Idade do Ferro - 460-375 a.C.

Prato em cerámica grega ática de verniz negro, de bordo arredondado, com decoração incisa e estampada, presente no interior do pé em guilhoché circundado por dois filetes. No interior do covo, círculos e pequenas volutas, palmetas de 12 pétalas ligadas, guilhoché largo, palmetas de 9 pétalas ligadas e guilhoché largo, ROUBLARO et al., 1988-1989.

Museu Nacional de Arqueologia. Nº 982-12.1

13

Fragmento de prato

Casamica
2, 8225 cm
Nacripole de Olivial do Senhor dos Martires
Sosta Maria de Castele, Akater so Sal, Setibal
2º Idade do Ferro - 400-275 a.C.
Fragmento de prato em cerámica grega de verniz

Fragmento de prato em cerámica grega de verniznegro, que por deficiência de cozedura apresenta tonalidades que vão do negro ao beige. Apresenta bordo arredondado e decoração incisa e estampada de guilhoché entre dois filetes no interior do pe. No interior do covo, circulos e pequenas volutas, palmetas de 12 pétalas ligadas, guilhoché largo, palmetas de 9 pétalas ligadas e guilhoché largo.

ROUILLARD et al., 1988-1989 Museu Nacional de Arqueologia Nº OSM 224 -27.7028

14 Kylix

12

Cerámica
11, 12 22, 5 cm
Castro da Azonjada
Sante Alexo, Monra, Beja
2- Idade do Ferro - séc 1º a C.
Kylix em cerámica grega ática de vernaz negro.
CAMITO, 1988
Museu Nacional de Arqueologia Nº 51233





Kylix

Cerámica

esas on
Poroado de Neves I
Sta. Bárbara de Padrões, Castro Verde, Beja
Séc. V.a.C.
Kylox em cerámica grega ática de verniz negro, incompleta, de "tipo Cástulo"
MAZA e CORREA, 1985, MAIA, 1986, 1987
SOMINCOR – Sociedade Mineira de Neves-Corvo, S.A.R.L. Nº NV55W/2º/445

16

Cerámica

Fragmentos de taça

Castro da Azougada
Santo Aleixo, Moura, Beja
450/400 a C.
Fragmentos de taça em cerâmica grega ática de
verniz negro "tipo Castulo"
ROUMLARD, 1991
Museu Nacional de Arqueologoa. Nº 995-37-2

17

Cerámica

Fragmentos de taça

Castro da Azoudada

Santo Aleixo, Moura, Beia

175/750 a C.
Fragmentos de taça em cerámica grega ática de figuras vermelhas, próxima do círculo do Pintor de Viena 116.
ROUBLARD, 1991
Museu Nacional de Arqueologia. Nº 995-37.7



18

18

Cerámica

Fragmentos de taça

Castro da Azougada

Santo Alexo, Mosra, Beja 175/130 a C. Fragmentos de taça em cerámica grega ática de figuras vermelhas, próxima do Circulo do Pintor de Viena 116. ROUILLARO, 1991

Museu Nacional de Arqueologia Nº 995.37.6

19

Fragmento de taça

Cerámica
10,7xx,5 on
Castro da Azougada
Santo Alexo, Moura, Bria
eso/ano a C
Fragmento de taça em cerámica grega ática de
verniz negro de "tipo Castulo".
ROUILLARD, 1991
Museu Nacional de Arqueologia N° 995.37.5

20

Fragmento de taça

Ceràmica 7x4,5 cm Castro da Azongada Santo Alexo, Moura, Beja 423/400 a C Fragmento de taça sem pé em cerâmica grega ática de verniz negro, dita "delicada". ROUILLARD, 1991 Museu Nacional de Arqueologia. Nº 995.37.4

21

Fragmentos de kylix

Cerànica
Cantro da Azongada
Santo Aleixo, Monos, Bga
Sei: v a C
Fragmentos de éylix em ceràmica grega ática de verniz vermelho.
ROUILLAID, 1991
Museu Nacional de Arqueologia Nº 995.37.1

22

Cerdinica

Fragmento de taça

nxe, en Castro da Azougada
Santo Afrixo, Alouza, Beja
a tos 400 a. C
Fragmento de taça em cerámica grega ática de verniz negro, do "tipo Castulo".
ROUBLARD, 1991
Museu Nacional de Arqueologia Nº 995-37-3

Krater

Leanur THY25 CW

Necropole do Olmal do Senhor dos Martires Sonta Maria do Castelo, Alcácer do Sal, Setábal 2 Made do Ferro - sec. IV a C

Krater em forma de sino, em cerámica grega, ânca, de figuras vermelhas atribuida ao Pintor do Tirso Negro. Apresenta, numa das faces, uma cena báquica, e na outra, três jovens drapeados em bination.

PEREIRA, 1962

Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra Nº 5.55

24

Skyphos

Cerámica

12×12 cm

Necropole do Olival do Senhor dos Martires. Santa Mana do Centelo, Alcater do Sal, Senibal 2º Idade do Ferro

Skyplos em cerâmica ática, grega, de figuras vermelhas, representando em ambos os lados. dois jovens drapeados nos seus fimultia.

PEREIRA, 1962

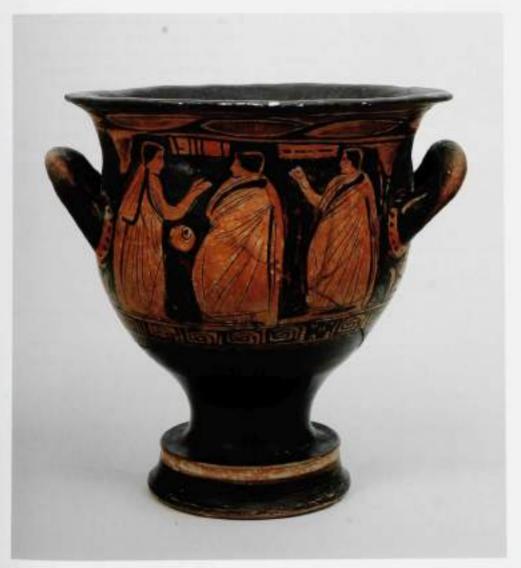
Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra Nº S.8

Fragmento de cerâmica grega

Cerámica 1.333.6 cm Castro de S. Loureuça Vola Chit, Esposende, Braqu 2- Idade do Ferro Fragmento de cerâmica grega ática de figuras

vermelhas

Câmara Municipal de Espovende Nº CSL85.53





24

23







26 Fragmentos de cerâmica grega

Ceràmica
Maior. 5, 3x3 cm
Santo Estrolo da Facha

2: Idade do Ferro
Três fragmentos de cerámica grega ática de figuras vermelhas.
Dr. Carlos Alberto Brochado de Almeida.

Arqueologo fiel depositario Nº SEF19

27 Prato de pescado

Ceràmica

Diám apreximado 20 cm
Necrépele do Ofinal do Sorber dos Mártires
Santa Mona de Castele, Alcácer de Sal,
Senibal
2º Idade do Ferro - 280-270 a. C.
Prato de pescado, incompleto, em cerámica
grega ática de figuras vermelhas. Decoração
constituída por elementos de fauna maritima
dourada e charroco.
ROCILLIARD, 1991

Museu Nacional de Arqueologia Nº 982.62 98

28 Pelike

Cerâmica 23x14 cm Necrépole de Olival do Senhor dos Mártires Santa Maria do Castele, Alcácer do Sal, Setilhal 2: Idade do Ferro - 380-370 a C.

2º Jaine do Perro - 180-170 d.C.

Prifér reconstituído, em cerâmica grega ática de figuras vermelhas. Apresenta, como decoração uma cena dionísica (7) numa das faces, e na outra, embora pouco visível, dois jovens em histation.

ROULLIARD, 1991

Museu Nacional de Arqueologia Nº 982.42.34

29 Tiaela

Cerámica

11X1 OF

Necrópole do Olival do Senher dos Mártines
Santa Maria do Castelo, Alcacer do Sal.
Smihal

2º Idade do Ferro
Tigela reconstituída em cerámica grega ática de
verniz negro, com decoração incisa e estampada,
constituida por 5 palmetas de 9 pétalas rodeadas
por um circulo de guilhoché.
PERERA, 1962
Museu Nacional de Arqueologia. Nº A.S. 1/Gre.

0

Tetradracma de Alexandre Magno

Prata 2.6 cm Serva do Pilar Vila Nava de Gara, Porte 2º Made do Ferro - 120-122 a.C. Numisma apresentando no anverso Hércules. cabeça à direita, coberta com pele de leão e sobre esta, ao nivel da fronte, um orificio profundo de secção rectangular. Sobre o nariz e campo adjacente, orifício similar de menores dimensões. Punção com a forma de abelha. Noreverso apresenta Zeus sentado, com ceptro na mão esquerda, e águia na mão direita. Casa de moeda: Miriandro. HIPÓLITO, 1981-1983, CENTENO, 1987. Instituto da Antropologia 'Prof. Mendes Corréa" da Faculdade de Ciências do Porto. 60.01.02

31 Tetradracma de Atenas

Prata
2, 4 cm
Seria do Pilar
Vila Nova de Gaia, Porte
2º Idade do Ferro - Finas do séc.V a C
Numisma apresentando no anverso Atena,
cabeça à direita com capacete ático, e sobre a
face, um orificio circular com fundo cóncavo. No
reverso apresenta uma coruja de pé, para a
direita, e atrás, um ramo de oliveira e um
crescente.
HiPÓLITO, 1981-1983, CENTENO, 1987
Instituto de Antropologia "Prof. Mendes Corréa"
da Faculdade de Ciências do Porto. Nº 60.01.01

32

Ouro

Bráctea

4.884.7 (8) Bradancat 2º Idade do Ferro - 400/170 a.C. Bráctea de ouro de contorno rectangular perfurado, feito sobre lámina batida e estampada, com a representação de Aretusa coroada de folhas de trigo e rodeada de quatro golfinhos. Apresenta cunho igual aos decadracmas de Siracusa, com a legenda EYPAKOEION, e a assinatura do gravador EYAJNE[TOY]. Esta cabeça é considerada uma obra-prima da toreutica, tendo servido de modelo para as moedas de outras cidades da Sicília e da Crecia. PINTO, 1930, CENTENO, 1987; SILVA e. GOMES, 1992 Gabenete de Numismática da Câmara Municipal do Porto Nº 82 B 193

Vitrine 20

O armamento da Idade do Ferro

Na cabeça, os guerreiros usavam um capacete. Defendiam o corpo com escudos de couro, que levavam aplicações de bronze ou ferro. Como armas ofensivas, usavam punhal, espada, falcata, bem como lanças. A falcata era uma espada curta e curva. A lança tinha a ponta e o chuço de ferro, o cabo era de madeira.

1 Capacete

Broize
21x20,6 cm
Castro da Cabiça de Vaiamonte
Vaiamonte, Atonforte, Portaligne
Final do etc. (a.C.
Capacete em bronze de tipo Montelortino, de
forma cónica, guarda plana e botão cónico.
Sitvo, 1986, Nitrziguiz, 1993
Museu Nacional de Arqueologia. Nº 46235





2



Capacete

Brenze 28,2 cm Castro de Lamboso Lamboso, Pórcia de Lamboso, Braga 2º mitade do sei, 1 a C

Calote de perfil em arco apontado com aba mais espessada e decorada com dois toros repusados e vários frisos. Encimada por espigão cónico, combolo interior da sua aplicação, também ornamentado, com pequesa argola para engate do cadeado, que estaria ligado na outra extremidade a uma argola presa no orificio da pala saliente servindo de viseira, sendo os dois orificios laterais de fixação de correia. Estas aberturas foram aplicadas sobre a decoração e nota-se ainda mais um furo, desencontrado, no păra-nuca preenchido por rebite. A corrente é constituida por 52 elos feitos de arame dobrado em 8 sem soldadura. A composição decorativa, toda de motivos geométricos, apresenta na abauma série de nervuras estriadas transversalmente. em corda e na parte central da viseira e do páranuca, no interior de espaços triangulares, um alinhamento de onze e treze escudetes. respectivamente, estampados com a mesma matriz de seis besantes em relevo ordenados em filas horizontais decrescentes (3+2+1), o espigão mostra também ornamentação geométrica, mas incisa, de três faixas limitadas por grupos de três estras paralelas com espaços. preenchidos por reticulados em xadrez nas faixas inferior e superior e com espaços triangulares preenchidos por linhas paralelas horizontais na faixa intermédia

TEIXERA, 1940, SILVA, 1986, MUZQUIZ, 1993 Depósito da Câmara Municipal de Póvoa do Lanhoso no MRADDS Nº 92591

Capacete decorado

Brosze

23322,7 cm

Castro de Meldes

Castelo de Nena, Viana de Castelo, Viana de Castelo
2º metade do séc 2 a C.

Capacete decorado em bronze, de tipo

Montefortino B, fase III A, semiestérico,
sobreelevado. Guarda ampla e inclinada com um
orificio na zona central. Espigão córsico, com um
pequeno anel na sua metade inferior. Técnica de
folha batida muito fina, martelada e repusada.

Museu da Junta de Freguesia de Castelo do Neiva

Decoração de SS e ziguezagues.

Sitva, 1986, Múzquiz, 1993



Bronze
28,5x27,5 cm
Castro de Moldes
Cartelo de Nova, Viana do Cartelo, Viana do Cartelo
2º metade do sée / a C
Capacete em bronze de tipo Montefortino II,
fase III A, de forma cónica, guarda curta e
inclinada, com um orificio na zona central.
Espigão cónico com restos de um pequente anel
na sua metade inferior. Apresenta-se decorado
com motivos geométricos de SS e de linhas
estriadas.

Silva, 1986, MUZQUIZ, 1993 Museu da Junta de Freguesia de Castelo do Neiva 5

Fragmento de lâmina

Ferro
15, 153 cm
Castro da Cabrça de Vaiamente
Vaiamente, Menforte, Portalegre
2º Idade do Ferro - Época Republicana
Fragmento distal de lâmina de ferro.
SCHULE, 1969, GAMITO, 1988
Museu Nacional de Arqueologia. Nº 3571



Elemento de arreio? Anilha com duas presilhas

Brenze
9, 5x2, 3 cm
Castro da Cabrça de Varamonte
Varamente, Monforte, Portulgre
2º Idade do Ferro - Época Republicana
Elemento de arreio em bronze constituido por
uma anilha da qual partem duas presilhas móveis.
SCHULE, 1969, GAMITO, 1988
Museu Nacional de Arqueologia. Nº 3569/8



Elemento de preensão em bronze e ferro

Brosze, ferro
Diân a cu
Castro da Cabeça de Vaiamonte
Vaiamonte, Monforte, Portaliger
2º Idade do Ferro - Época Republicana
Elemento de preensão em bronze de forma
circular, no centro do qual está aplicado um
pequeno botão estérico.
SCHULE, 1969, GANETO, 1988
Museu Nacional de Arqueologia. Nº 3573/1



Elemento de arreio em bronze e ferro

llonze e ferro
12.7x3.5 cm
Cutro da Cabeça de Vaiamente
Vaiamente, Monforte, Portalegre
2º Male de Ferro - Época Republicana
Elemento de arreso constituido por um aro de
contorno trapezoidal em ferro, a que esta ligada
uma presilha em bronze.
SCHULE, 1969, GAMITO, 1988
Museu Nacional de Arqueología. Nº 3569/8

9

Aro de roda de carro

Ferro
soon
Necropale do Olmal do Senhor dos Mártires
Santa Maria do Cantelo, Alcácer do Sol. Setábal
2º Made do Ferro
Aro de roda de carro, com 7 espigões e 5 pregos
de fixação. Fragmentado.
SCHILE, 1969, CORREIA, 1972
Museu Nacional de Arqueologia. Nº 983 402 29

10

Aro de roda de carro

Ferro
7708
Nicripole do Olival do Senhor dos Mártiros
Santa Marsa do Castelo, Alcácer do Sal, Setábal
2º Idade do Ferro
Aro de roda de carro, em ferro, com 4 espigões e
1 prego de fixação. Fragmentado.
SCHULE, 1969: CORREIA, 1972

Museu Nacional de Arqueologia Nº 983.402.30

11

Cubo de roda de carro

Brouze

n.5-exer.08 cm
Necrépole do Olival do Senhor dos Mártires
Santa Maria do Castelo, Alcator do Sal, Setibul
2º Idade do Ferro
Cubo de roda de carro de forma ciléndrica,
provido de uma aba horizontal na base.
Apresenta dois orificios quadrangulares junto à
base.
SCHULE, 1969, CORREA, 1972
Museu Nacional de Arqueologia. Nº 11215

LH

Elemento de carro?

Ferm
12.5xx.1 cm
Cantro da Cabear de Varamonte
Varamonte, Mondorte, Portalegre
2º Idade do Ferro - Época Republicana
Elemento de carro em ferro, constituído por duas hastes articuladas através de uma anilha central, rematadas nas extremidades por duas anilhas móveis.

SCHUIE, 1969, GAMITO, 1988
Museu Nacional de Arqueologia Nº 557/3

12

Passa-rédeas

Втенас

12,8x10,3 cm
Necropole do Olivial do Senhor dos Mártires
Santa Maria de Castele, Alcácar de Sal, Senibal
2º Idade do Ferro
Passa-rédeas em bronze, constituido por um cabo
plano de secção rectangular, no topo do qual se
apresenta um aro radiado com 17 elementos em
forma de pinha, ligados na zona mediana.
SCHILE, 1969, CORREIA, 1972
Museu Nacional de Arqueologia. Nº 11244

12



13

Freio de cavalo

Ferro
27X15 cm
Necropole do Olival do Smber dos Mártires
Santa Marsa do Castelo, Alcácer do Sal, Senibal
2º Idade do Ferro
Freio de arreio de cavalo em ferro.
SCHULE, 1969, CORRITA, 1972
Museu Nacional de Arqueologia
Nº 17250 A e B

Fecho de cinturão

Bronze

10 SYS 7 CH

Necrotole do Olival do Senhor des Mártnes Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sal, Setúbal 2º Made do Ferra - sez. VIIV a C

Fecho de cinturão em bronze, de três ganchos, pertencentes ao tipo B de Bosch Cimpera. constituído por uma placa com dois olhais, cada um dos quais rematado exteriormente por dos pequenos aros.

ALMEIDA e FERREIRA, 1967 Museu Nacional de Arqueologia Nº 828/3

16

Fecho de cinturão

Browte

Necrapole do Olival do Senfror des Martires Santa Maria da Castelo, Alcácer do Sal, Setúbal 2º Made do Ferro

Fecho de cinturão em bronze constituído por dos elementos - macho e fémea, uma placa rectangular a que estão presos, por rebites, três hastes ou ganchos, e um arame de secção cilíndrica enrolado em meandro de forma a constituir se elemento de preensão. SCHEEF, 1969. CORRELA, 1972 Museu Nacional de Arqueologia Nº 11268

17/20

Conjunto de quatro braçadeiras de roda de carro

Ferra

Necropole da Olival do Senhor des Mártires Serta Maria da Castelo, Alcácer do Sal, Setilbal > Idade do Ferro Conjunto de quatro braçadeiras de roda de carro em ferro.

SCHULL 1969 CORREA, 1972 Museu Nacional de Arqueologia Nº OSM 682 1-3 e 5

21/24

Conjunto de quatro braçadeiras de roda de carro

Ferro

Dian. recm Necrópole do Olaral do Senhor dos Mártires Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sal. Setibal 2º Idade de Ferro

Conjunto de quatro braçadeiras de roda de carro em ferro

SCHULE 1969 CORRELL 1972

Museu Nacional de Arqueologia Nº OSM, 687

25

Espada de antenas damasquinada a prata, com elementos da bainha

Ferro e prata

45.5 OH

Necrobole do Olival do Senbor dos Mártires Santa Maria do Castelo, Alcacer do Sol, Smibal. 2º Idade do Ferro-ser IV a C

Espada curta de antenas (ou de apêndices reduzidos a botões), decorada com elementos geométricos damasquinados a prota. Apresenta alguns elemensos da bainha igualmente em ferro e damasquinados. ponteira em botão e cintas providas de argolas. CORREIA, 1928, SCHULE, 1969, PAIXÃO, 1971 Museu Nacional de Arqueologia Nº 989 15.1

26

Faca afalcatada

Ferra

22 cm

Necropole do Olival do Senhor dos Mártires. Santa Maria do Castelo. Alcácer do Sal. Setúbal. 2ª Idade do Frero - séc IV a C

Faca de ferro de dorso curvo, e gume contante do lado côncavo. Este apresenta-se dobrado em ângulo aberto sobre o cabo, que é de secção rectangular PAIXAO, 1983

Museu Nacional de Arqueologia Nº 12/80

27

Faca afalcatada

Ferro

FR. 53(3), 8 CW.

Necropole do Olival do Senhor dos Mártines Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sal. Setábal 2º Islade do Ferro- séc IV a C

Faca de ferro de dorso curvo e gume cortante do lado cóncavo. A lámina, fragmentada na ponta, é bastante larga. O cabo, de secção quadrangular, apresenta se bem conservado, exibindo dois sulcos transversais profundos, a seguir à lâmina, bem como um entalhe de recorte floral, com embutidos em marfim(7), na extremidade junto ao cabo. Integra o espólio da sepultura 11.

PAIXAO, 1983

Museu Nacional de Arqueologia Nº OSM-176



15/16





25/26/28

29



28 Ponta de lança de alvado

Ferro

34,52,5 (0)

Necrópole da Olinal do Senhor dos Mártires Santa Marso do Castelo, Alcácer do Sal, Setábal 2º Idade do Ferro-séc IV a C.

Pequena lança em ferro, de alvado de secção circular. A lámina curta é de contorno foliáceo e o veio central, arredondado, é espesso. PAIXÃO, 1983

Museu Nacional de Arqueologia. Nº OSM-851/983-402.

29 Falcata

Firm

50 CW

Necrápale do Olival do Senhor dos Mártires Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sel. Setábal 3º Idade do Ferro-sic IV a C.

Falcata em ferro, apresentando uma fâmina de gume arredondado e dorso plano com duas caneluras paralelas. O cabo aberto e ovalado é recortado, com um rebite.

CORREIA, 1928, SCHULE, 1969, PAIXÃO, 1983 Museu Nacional de Arqueologia Nº 17200

Ponta de lança

Ferre

re cm

Necropole do Olival do Senbor dos Mártires Santa Maria do Castelo, Alcácer do Sal, Setilhal 2º Idade do Ferro - séc-V a C.

Lança em ferro de alvado de secção circular, de forma oblonga, com ombros salientes e nervura de secção trapezoidal. Esta forma foi classificada como "tipo Alcácer"por W Schule, que lhie atribuiu uma cronologia do séc V a C. PAIXÃO, 1983

Museu Nacional de Arqueologia Nº 22/80

30 32



31

Conto de lança

Ferro

13,2x 2,07 cm

Nessépole do Olival de Seubor dos Mártiera

Santa Maria de Castelo, Alcácer de Sal, Setilhal

2º Idade do Ferro -séc.1º a.C.

Conto de lança em Ferro de forma cónica, com
alvado circular, fracturado na extremidade distal.

PADCÁO, 1983

Museu Nacional de Arqueología

Nº OSM. (11)- 22/80

32

Conto de lança

Ferra

21120

Necrópole do Olival de Senhor dos Martires Senta Mária do Castelo, Alcáter de Sal, Senihal 2º Idade do Ferro - séc. -(P a C Grande conto de lança em ferro, de forma cónica e secção circular. Integra o espólio da sepultura 7/80. PADAO, 1983

Museu Nacional de Arqueologia Nº OSM-641-7/80

33

Espada de antenas com elementos de bainba

Ferro

£685.76m

Nocropole do Olival do Senhor dos Mártires Santa Marsa do Castelo, Alcácer do Sal, Senibal 2º Idade do Ferre-só: W a.C.

Espada de antenas (ou de apêndices reduzidos a botões), apresentando decoração geométrica no punho, que teria sido presumivelmente damasquinado a prata. A lâmina exibe, na sua zona central, cinco nervuras paralelas e longitudinais. Desta arma fazem ainda parte uma bainha com ponteira em forma de botão esférico e restos de presilhas e de abas laterais. CORREIA, 1928, SCHULE, 1969, PAIXÃO, 1983 Museu Nacional de Arqueologia. Nº 17192

34

Freio de cavalo

Ferra
24x10 cm
Castro da Cabeça de Vasamente
Vasamente, Monforte, Portaligne
2º Idade do Ferro - Época Republicana
Freso de cavalo em ferro.
SCHULE, 1969, GAMITO, 1988
Museu Nacional de Arqueologia Nº 557/2

Plinto 5

A inscrição de Lamas de Moledo

Os Lusitanos, que viviam na Beira Interior e, possivelmente, também no Alto Alentejo, parecem ser uma população chegada no séc. VIII ou VIII a. C. A primeira referência literária que se lhes conhece é a de Avieno. O persix Lycis ou Lusis (ágil Luso) a que o autor alude estava estabelecido em Portugal nos fins do séc. VI a.C.

Tem-se discutido muito a origem étnica dos Lusitanos. Alguns textos gravados em fragas conservam a sua língua, que é indo-europeia, mais antiga, todavia, que a céltica. Uma das mais famosas inscrições é a de Lamas de Moledo, que reza assim:

RVFINVS ET/ TIRO SCRIP/SERVNT /
VEIAMINICORI / DOENTI / AMVCOM /
LAMATIGOM / CROVGEAI MAGA/REAICOI
PETRANIOI R/ADOM PORCOM IOVEAI /
CAIELOBRIGOI

Rufino e Tirão escreveram: os Veianinicoros ofereceram um...lamático a Crouga Magareaico; um ... a Petrânio; um porco a Jóvea Caielóbrigo

As reticências, correspondentes aos termos lusitanos de amucom e radom, dizem certamente respeito a animais oferecidos às divindades mencionadas; mas não sabemos como traduzir os vocábulos.



Molde da inscrição rupestre de Lamas de Moledo, Castro Daire

Delegação de Combra do IPPAR

Vitrine 21

A cultura material castreja

A cerâmica castreja é típica pela sua pasta micácea e pelos tons escuros resultantes de cozedura em forno redutor. O repertório de formas é limitado, mas a decoração, incisa ou impressa, é rica.

Na ourivesaria, os artífices castrejos produziram jóias magníficas.

Foram esses artífices também exímios no trabalho de bronzes de toda a sorte, designadamente, fíbulas, com que se prendia o vestuário.

1

Pote

Cerdenical

19,3x27,9 cm
Castro de Sto. Ceridio
Fale, Fale, Braga
Séc. Ed. C.
Pote de perfil em S alongado, de bordo em aba
soerguida e lábio biselado, com fundo plano.
Superfície alisada de cor beige-acinzentada.
Fabrico ao torno.
MARTINS, 1980, 1981, 1981a.
Museu Regional de Arqueologia D Diogo de

2 Pote

Sousa Nº 1435-91

Ceràmica
17,9022,5 cm
Castro de Sta: Ovidio
Fafe: Fafe: Braga
Sé: 1 d.C
Pote de bojo ovóide, bem marcado por carena,
colo extravasado, terminando em bordo de láb

Pote de bojo ovóide, bem marcado por carena, colo extravasado, terminando em bordo de lábio arredondado e com fundo plano. Superficie alisada de cor cinzenta. Fabrico ao torno. MAKTINS, 1980, 1981, 1981a. Museu regional de Arqueologia D.Diogo de Sousa. Nº 1434 - 91

2/1

3/9



Pácaro

Centrica

12. 507 a cm

Castro de Sta: Cheidae

Fafe, Fafe, Bragia

Sé: 1 a C - e* metade séc l' d' C

Púcaro de bojo ovóide, perfil em S acentuado e fundo plano. Asa de fita de secção pentagonal que cola no bordo e no bojo, sobre três caneluras irregulares. Colo decorado com um motivo ondulado. Superficie exterior alisada de cor acinzentada. Fabrico ao torno.

MARTINS, 1980, 1981, 1981a

Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa. 1426 - 91

4

Cerámica

Fragmento de pote

9x 6 cm
Castro de Sto. Ovidio
Fafe, Fafe, Braga
Src. La C - Ld C
Fragmento de bordo e bojo com decoração
invulgar: estilização de um equideo obtida por
pequenos sulcos profundamente incisos, feitos
com a pasta ainda mole. Superficie alisada de cor
cinzenta. Fabrico ao torno.

MARTINS, 1980, 1981, 1981a.

Museu Regional de Arqueologia D.Diogo de Sousa Nº 2304 - 91





Copa

Centrolia 2.200,4 cm Castro de Sto. Ovidio Fafe, Fafe, Braga Se: 1 a C = 1º metado sé: 1 d C

Copa de bordo concavo e ombros quase direitos. A linha do bojo é quebrada na parte inferior, terminando no fundo em forma de pé baixo e direito. Asa anelar de secção rectangular colada no bordo e no bojo. Superfície exterior alisada de cor beije-acastanhada. Fabrico ao torno. Martins, 1980, 1981, 1981a. Museu Regional de Arqueologia D Diogo de Sousa. Nº 1432 - 91

6 Púcaro

Cratinica

310,3 cm

Castro de Stu. Oridia

Fafe, Fafe, Braga

Inicios - meados de séc. La. C - 1º metade de séc. Ld. C.

Púcaro de boso ovóide, de perfil em S pouco
acentuado e fundo plano. Asa anelar de secção
pentagonal. Superfície externa alisada de cor
beuge-acinizentada. Fabrico ao torno.

MARTINS, 1980, 1981, 1981a.

Museu Regional de Arqueologia D Diogo de

Sousa. Nº 1430 - 91

Púcaro

Crámica

11211,5 cm

Castro de Sto. Oerdio

Edir. Fajr. Braga
Sic. 1 a C - 14 metade do séc. 1 d C.

Púcaro ovóide de perfil em S. Asa de fita de secção pentagonal. Decorado no bojo com duas caneluras. Fundo plano ligeiramente realçado. Superficie alisada de cor beige. Fabrico ao torno. MARTINS, 1980, 1981, 1981a Museu Regional de Arqueologia D Diogo de Sousa. Nº 1428 - 91

8

Copa

Cerámica 12,x56 cm Castro de Sto. Ovidio Fafe, Fafe, Beaga Sec. 1 a C - 1º metade do séc. 1 d C

Copa baixa de perfil em S, com o bordo bastante contracurvado e pança arqueada. Asa de fita de secção rectangular. Soperfície exterior alisada de cor beige-acinzentada. Não tem fundo. Fabrico ao torno.

Maktins, 1980, 1981, 1981a Museu Regional de Arqueologia D Diogo de Sousa № 1525 - 91

9

Piicaro

Centroca

11,0011 ou

Castro de Sto. Oridia

Fale, Fale, Brago

Sec. 14. C - 1º metade do sic. 1 f. C.

Púcaro de bujo ovóide, perfil em S acentuado e fundo plano. Asa de fita de secção pentagonal que cola no bordo e no bojo sobre uma moldura. Superfície exterior alisada de côe castanho-acinzentada Fabrico ao torno.

MARTINS, 1980, 1981, 1981a

Museu Regional de Arqueologia D Diogo de Sousa. Nº 1427 - 91

10

Potinho

Ceràmica

#,5x22 cm
Castro de Ste. Ocidio
Fufe, Fafe, Braga:
Séc. La. C. - séc. W.d. C.
Potinho de perfil em S pouco acentuado:
Superficie alisada de cor castanha acinizentada.
Fabrico ao torno.
MARTINS, 1980, 1981, 1981a
Museu Regional de Arqueologia D.Diogo de
Sousa: Nº 1429 - 91

11

Psicaro

Certimics

s, 5x9,8 cm
Castro de Ste. Chridio
Enfe. Enfe. Braga
Séc. e d. C.
Piùcaro com bojo ovoide, perfil em S acentuado e
fundo plano. Asa de fita de secção rectangular
que cola no bondo e no bojo, sobre duas
molduras. Superfície alisada de cor besge. Fabrico
ao torno.
MARTINS, 1980, 1981, 1981a
Moseu Regional de Arqueologia D. Diogo de

Sousa Nº 1431 - 91

5/11/7





Vaso

Cerâmica
3,7x8,4 cm
Cividade de Terroro
Terroro, Pévesa de Varzim, Porte
2- Idade do Ferro - Castrojo
Pequeno vaso ou taça muito aberta em cerâmica micácea, de forma troncocónica, com fundo pequeno e plano, e paredes ligerramente convexas.
Silva, 1986
Museu Etnológico do Porto Nº 217 (7086)

6/10/8

14/15/12



12 Vaso

Cerdmica syx10 cm Cividade de Terroso Terroso, Póvoa de Varzon, Porta 2º Idade do Ferro - Castrejo

Vaso em cerámica micácea castreja, de cor cinzenta, de forma globular com fundo plano, colo estrangulado e bordo extrovertido. Silva, 1986

Museu Etnológico do Porto Nº 205 (7082)

13

Vaso

Ceránica
14311 on
Cinidade de Termio
Terroso, Pórosa de Varzini, Porto
2º Idade do Ferro - Castrejo
Vaso em cerármica micácea de cor castanha
alaranjada. Apresenta perfil em S, fundo plano,
colo alto e hordo extrovertido.
Silva, 1986
Museu Etnológico do Porto. Nº 185 (7085)

15

Vaso

Ceràmica
7,9x8 cm
Cividade de Terroso
Terroso, Póvoa de Varzim, Porto
2º Idade do Ferro - Castrigo
Pequeno vaso em ceràmica micácea de cor
cinzenta. Apresenta perfil em S, fundo, muito
largo e plano, colo alto e bordo extrovertido:
SILVA, 1986
Museu Etnológico do Porto Nº 182 (7088)

Vaso

Cerimor

5.1x8.3 cm

Civilade de Terroso

Terroso, Póessa de Varzim. Porto
2º Idade do Ferro - Castrejo

Vaso em cerámica micácea de cor castanha.

Apresenta fundo plano, bojo carenado, colo
muno alto e boedo extrovertido.

SEVA. 1986

Museu Etnológico do Porto Nº 186 (7089)

18

Panela

Ceràmica

Caridade de Terroso
Terroso, Péroso de Varzine, Porto
2º Idade do Ferro - Cantrejo
Panela em cerámica micacea de cor cinzenta, superfícies externas alisadas e aderências de negro de fumo. Fabricado com roda. Apresenta perfil em S, fundo plano, colo alto estrangolado e bordo extrovertido. A transição do bojo para o colo é marcada por uma decoração que integra uma fiada de incisões ligeiramente oblíquas e sobre estas dois traços incisos e paralelos. Sit.VA1986.
Museu Municipal de Etnografia e História de

Póvoa de Varzim Nº 91/VII (02-04)

19

Vaso acampanado

Eminica

s. 139 cm

Cividade de Terroso

Terroso, Pórosa de Varzini. Porte

2º Idade da Ferro - Cantrijo

Pequeno vaso acampanado com carena, em

cerámica micácea de cor castanha, com as
superficies alisadas e engobadas. Fabricado com

roda. Apresenta forma muito aberta, fundo
plano, bojo carenado baixo, colo alto e boedo
extrovertido.

Sil.VA, 1986

Museu Municipal de Etnografia e História de
Póvoa de Varzini. Nº Sep. XXIII

16/13/15

18



17 Vaso

Craterios

sxx, y cu

Ciridade de Terroso

Terroso, Póroso de Varzim, Porto

2º Made do Ferro - Castrojo

Vaso em cerámica micácea de cor cinzenta, a que falta o bordo. Apresenta bojo globular e fundo plano.

SILVA, 1986

Museu Etnológico do Porto Nº 47 (7090)



Fragmento de vaso

Ceràmica

£5359 CM

Cividade de Terraso

Terrosa, Póesoa de Varzim, Poeta

2º Idade do Ferro - Castreio

Fragmento de vaso de cerâmica micácea de cor cinzenta, superfícies alisadas com engobe.

Apresenta perfil em S, fundo plano e bordo extrovertido

SILVA, 1986

Museu Municipal de Etnografia e História de Póvoa de Varzim Nº 82/XXIII

21

Редиено vaso

Cerámica

CXX. N CM

Cividade de Terroso

Terraso, Pôcoa de Varzini, Porto

2- Idade do Ferro - Castrejo

Pequeno vaso em cerámica micácea, de cor cinzenta acastanhada e superfícies alisadas, com uma mancha de negro de fumo. Fabricado à roda. Apresenta perfil em S, fundo plano, bordo extrovertido. É decorado com incisões ligeiras, em ziguezague, no colo, e com duas caneluras paralelas e borizontais no boso.

SILVA1986

Museu Municipal de Etnografia e História de Póvoz de Varzim Nº TER/82

22

Fragmento de talha

Centroca

21.3X19 (38

Castro de Arados

Marco de Canavezes, Porto

2º Idade do Ferra - Castrejo

Fragmento superior de grande talha em cerámica micácea de cor castanha. O bojo é globular, o colo estrangulado apresenta duas asas, e o bordo é extrovertido.

SEVA, 1986

Museu Nacional de Arqueologia Nº 11925

23

Conjunto de fragmentos de cerâmica decorada

Cerámica

Dipertus teperenducias

2- Idade de Ferro - Castrejo

Conjunto diversificado de cerámica castreja, apresentando decoração estampilhada, proveniente de vários castros do Norte do País. Entre os motivos decorativos mais frequentes, contam-se os circulos concentricos e SS, de clara filiação céltica.

SILVA1986

Museu Nacional de Arqueologia

24

Vaso

Cerlmica

TT EXTON OR

Castro das Ermidas

Jesufrei, Vila Nova de Famalicão, Braga

2º Idade do Forto - Castrejo

Vaso em cerámica micácea de cor cinzenta e superficies externas alisadas. Apresenta perfil em S, fundo plano, colo alto e bordo extrovertido. Está decorado com duas caneluras e uma fiada de incisões oblíquas, na transição do bojo para o colo. Este exibe ainda um grafito.

Dr. Francisco Queiroga, Arqueólogo fiel depositárso Nº 1/CE



21/20







25/24/27

28/26

25 Malga

Ceràmica
2023, 5 cm
Castro das Ermidas
Iriufro; Vila Nova de Famalicão, Brago
2º Idade do Eerro - Castrejo
Malga em cerámica micácea, de cor castanha
acinzentada, feita com roda. Apresenta fundo
largo e plano e duas pequenas pegas abaixo do
bordo.

Dr Francisco Queiroga, Arqueólogo fiel depositário № E.2428

26 Piicaro

Crática

13. ex 12.5 cm

Castro de Vermeire

Virmoire, Vila Nona de Famalicato, Braga

2º Idade do Ferro - Castrojo

Púcaro em cerámica micácea de cor cinzenta e
com marcas de fuligem. Apresenta perfil em S
fundo plano e bordo extrovertido, do qual sai
uma pequena asa com nervura central. Uma fiada
de incisões obliquas assegura a transição do bojo
para o colo.

Dr. Francisco Queiroga, Arqueólogo fiel depositário Nº 1/CV



27 Vaso

Cerdmica

10, 3xr0,2 cm
Castro des Ermidas
Jenifres, Vila Nova de Famalicão, Braga
2º Idade do Ferro - Castrejo
Vaso em cerâmica micácea de cor cinzenta.
Apresenta perfil em S, fundo plano e bordo extrovertido.
Dr. Francisco Queiroga, Arqueólogo fiel depositário Nº 2/CE

28 Malga

Ceránica

22,5x7 cm

Castro de Vermain

Vermain, Vila Nova de Famalicão, Braga

2º Idade do Forro - Castrojo

Malga em cerámica micácea de cor cinizenta.

Apresenta fundo largo e plano, paredes convexas
e pequeno bordo horizontal.

Dr. Francisco Queiroga, Arqueólogo fiel
depositário. Nº 0650

Vaso

Certaina

9.780 cm

Citanua de Britanos

Britains, Gaissander, Porte

2º Idade da Form - Castreio

Persieno vaso em cerámica micácea de corcastanha. Apresenta forma acampanada, fundo plano, bojo baixo carenado, colo alto e bordo extrovertido.

Sitva, 1986

Museu da Sociedade Martins Sarmento

Nº 02/81/85

30 Testo

Cromica

11,2x3,1 cm

Citània de Briteiros

Briteiros, Guimardes, Porto

2º Idade do Ferro - Castreio

Pequeno testo em cerámica micácea de corcinzenta. Apresenta forma em calote esférica, 4 perfurações no fundo e está decorado com motivos incisos de triângulos, linhas paralelas ecirculos.

Silva, 1986

Museu da Sociedade Martins Sarmento Nº 1/BR



Queijeira

Centresca

10.5×6 cm

Citimia de Britairos

Briteiros, Guimarães, Parta

2º Idade do Ferro - Castrejo

Queijeira em cerámica micácea de cor cinzenta. em forma de tijela com o fundo perfurado. O fundo é plano, as paredes convexas e o bordo obliquo.

SILVA, 1986

Museu da Sociedade Martins Sarmento Nº 2/BR

32

Vaso com decoração estampilhada

Cerdonica

25,3X11,5 OF

Se Esterão da Facha

Ponte de Lima. Viava do Castelo

2º Idade da Ferro - Castrejo

Nº SEF/90XXII/XIX

Dr. Carlos A. Brochado de Almeida, Arqueólo

tiel depositário



31/30



33

Fradmento de vaso com decoração estampilhada

Codmica

30.00

Cartra de Sendon

Sendin, Felgueinas, Porto

2- Idade do Ferro - Castrejo

Fragmento de vaso em cerámica micácea castreja. de perfil em S. com decoração estampilhada organizada em faixas paralelas de triângulos e circulos concêntricos separados por zonas lisas.

Instituto de Antropologia "Prof. Mendes Comea" da Faculdade de Ciências do Porto 30 09 15

34

Fibula

Prata doureda?

7.5x4 cm

Vila Chà da Bracusa

Vila Chă da Braciosa, Miranda de Doure, Bragança 2º Idade ddo Ferro - Castreio

Fibula de pé alto e terminal em campánula. Esta exibe, ao centro, um apendice vertical, no topodo qual seria, crivelmente, afixada uma pequena aplicação. O arco ostenta uma decoração de feixes de linhas paralelas, obtidas por puncionamentos contíguos. Falta o fuzilhão CARRERA (no prelo)

Museu Nacional de Arqueologia Nº 12035

35

Fibula

Bronze

3.382.8 OH

Vinhan-Bridança

2º Idade do Ferro - vec. IV/III a C.

Fibula em bronze de pé alto adoçado ao arco, do "tipo torre", a que falta o fuzilhão seguramente. em ferro, de que se conservam vestígios Apresenta uma profusa e barroca decoração. integrando diversos motivos de temática castreja. de que se salienta o trisceles, obtidos a partir de finos puncionamentos com matrizes lineares. Exibe uma pátina de cor verde malaquite, homogénea e brilhante.

CARRETRA (no prelo).

Museu Nacional de Arqueologia 995.40.1

36

Fibula

Browne

CTX CS CM

Castro de Sabrosa

Salvoso, Gumarães, Braga

> Idade do Ferra

Fibula de bronze de tipo Sabroso A. Apresenta atco de seccio plano-convexa, vestigios de eixoem ferro, pé alto dobrado em ângulo com apendice de secção rectangular em posição vertical rematado por largo disco. Sem luzilhão.

Museu da Sociedade Martins Samiento Nº L/CS

37

Fibula

Brown

5.283.1.09

Citàmia de Briteiros

Britaires, Guimardes, Briga

> Idade do Ferro

Fibula em bronze do tipo Santa Luzia. Apresenta arco de secção hexagonal com olhal do eixo fracturado, pé alto dobrado em ángulo, com apéndice de secção quadrangular em posição obliqua inclinado para o arco e rematado por largo disco. Ausência de eixo, mola e fuzilhão. SILVA, 1986

Museu da Sociedade Martins Sarmento Nº 1/CB

38

Fibula

Brown

4:2X2.9 (W

Castro de Sabroso

Sabroso, Gumarães, Braga

2º Idade do Ferro

Fibula em bronze do tipo Sabroso B. Apresenta arco de secção laminar triangular, com sinais de martelagem, mola bilateral com 12 espiras, fuzilhão completo, pé alto dobrado em arco, com apêndice de secção quadrangular e arestas boleadas, espessado em bolbo na extremidade, em posição vertical e rematado por um pequeno disco com gola.

SHVA, 1986-

Museu da Sociedade Martins Sammento Nº2/CS

39

Fibula

Bonte

4.9X2.6 DB

Condude de Terroso

Terroso, Pónoa de Varzini, Porto

2º Idade de Ferro - Castrojo

Fibula de bronze de tipo Sabroso C. Apresenta arco de secção losángica decorado longitudinalmente com duas nervuras geminadas na linha média do dorso e uma em cada bordo. pe alto dobrado em angulo com apendice de secção plano-convexa em posição obliqua para a parte posterior, rematado por balaŭstre vasiforme com très aneis. Faltam a mola e fuzilhão

SUVA. 1986

Instituto de Antropologia "Prof. Mendes Corréa" da Faculdade de Ciências do Porto 906.01.007

40

Fibula

Bringy

592,9 cm

Candade de Terrosa

Terroso, Póroa de Varzine, Porta

2º Idade do Ferro - Castreso

Fibula de bronze do tipo Sabroso C. Apresenta. arco de secção triangular, pê alto dobrado em ängulo rematado por balaŭstre vasiforme. Faltam mola e fuzilhão

SEVA: 1986

Instituto de Antropologia "Prof. Mendes Corréa" da Faculdade de Ciências do Porto 906.01.001

41

Fibula

Branze

1.2×2.2 cm

Cavidade de Terroso

Terroso: Pósoa de Varzim. Porto

2 Made do Fore - Castrejo

Fibula de bronze de tipo Sabroso C. Apresenta arco de secção triangular, pé alto dobrado em ângulo, rematado por balaústre. Faltam mola e fuzilhão

SILVA, 1986

Instituto de Antropologia "Prof. Mendes Corréa" da Faculdade de Ciéncias do Porto 906 01 003

Fibula

Bronze

LINE ON

Condade de Terrosa-

Terroso Pároa de Varzon Parto

2º Made do Ferro - Custreio

Fibula de bronze de tipo Santa Luzia. Apresenta arco de secção triangular, vestigios de eixo em ferro, pé alto dobrado em ângulo, rematado por disco. Faltam parte da mola e fuzilhão.

SILVA, 1986

Instituto de Antropologia 'Prof. Mendes Corrêa' da Faculdade de Ciências do Porto 906.01.011

43

Fibula

Branze

T. 4X L. T. CM

Cividade de Terroso

Terraso, Pórou de Varzim, Porto

2º Idade do Ferro - Castreso

Fibula de bronze de tipo Sabroso A. Apresenta arco de secção plano-convexa espalmado para a extremidade em secção trapezoidal, pé alto dobrado em angulo rematado por largo dosco com gola. Faltam eixo e fuzilhão

Suva, 1986

Instituto de Antropologia "Prof. Mendes Corréa" da Faculdade de Ciências do Porto 906.01.010

44

Fibula

Bronze

Laxy, i cm

Ciosdade de Terroso

Terrora, Pérosa de Varzin, Porto

2+ Idade da Ferro - Castrejo

Fibula de bronze de tipo Aucissa. Apresenta arço de fita decorado com três nervaras longitudinais no dorso e caneluras transversais entre o arco e o pé, na cartela de forma rectangular, chameira com eixo de ferro com um botão terminal cilindrico.

SILVA, 1986

Instituto de Antropologia "Prof. Mendes Corréa" da Faculdade de Ciências do Porto 906.01.015

45

Fibula

Bronze

4.8X2.7 cm

Candade de Terroso

Terroso, Popoa de Varzini, Porto

2º Idade do Ferro - Castrero

Fibula de bronze de tipo transmontano.

Apresenta arco de secção losângica, fracturado na extremidade, com zona central do dorso ornamentada longitudinalmente com sete nervuras, e decoração em espinha entre elas. Faltam mola, eixo e fuzilhão.

Suva. 1986

Instituto de Antropologia Prof. Mendes Corrèa da Faculdade de Ciências do Porto 906.01.012

46

Fibula

Branze

2.5 09

Cavidade de Terroso

Terroso, Póvoa de Varzon, Porto

24 Idade do Ferro - Castrejo

Fibula anular de bronze de aro interrompido, tipo Fowler B. Apresenta aro circular de secção circular adelgaçando para as extremidades espalmadas e enroladas em espiral. Falta o fuzilhão.

SILVA, 1986

Instituto de Antropologia "Prof. Mendes Corréa" da Faculdade de Ciências do Porto 906.01.021

47

Fibula

Brouze

1,3 cm

Gindade de Terroso

Terroso, Pónou de Varzim, Porto

2º Idade do Ferra - Castrejo

Fibula anular de bronze de aro interrompido de tipo Fowler Aa. Apresenta aro circular de secção circular adelgaçado nas extremidades, fuzilhão de fita enrolada em argola e haste martelada de secção circular.

SILVA, 1986

Instituto de Antropologia "Prof. Mendes Corrêa" da Faculdade de Ciências do Porto 906.01 32

48

Fibula

Brouze

3,3 cm

Cividade de Terrosa

Terrosa, Pócoa de Varzim, Porto

2º Idade do Ferro - Castrejo

Fíbula anular de bronze de aro interrompido em omega, de tipo Fowler B1. Apresenta aro circular de secção circular adelgaçando para as extremidades dobradas e estriadas. Falta o fuzilhão.

SILVA, 1986

Instituto de Antropologia "Prof. Mendes Corrêa" da Faculdade de Ciências do Porto 906.01.022

49

Fibula

Branze

2.5 cm

Cardade de Terroso

Terrasa, Pinoa de Varzon, Parta

2º Idade do Ferro - Castreia

Fibula anular de bronze de aro interrompido de tipo Fowler B. Apresenta aro circular de secção circular com extremidades espalmadas e enroladas em espiral, fuzilhão de fita enrolada em argola e haste martelada de secção circular.

SILVA, 1986

Instituto de Antropologia "Prof. Mendes Coméa" da Faculdade de Ciências do Porto 906.01.019

50

Fibula

Вгонге

3,4 000

Cividade de Terrosa

Terroso, Pópoa de Varzim, Porto

2- Idade de Ferra - Castreja

Fibula de bronze de tipo Aucissa. Apresenta arco de fita e cartela com caneluras tranversais. Falta o fuzilhão.

SH.VA, 1986

Instituto de Antropologia "Prof. Mendes Comêa" da Faculdade de Ciências do Porto. 906.01.016

Fibula

Bronze

Circlade de Terrasa

Terroro, Pópoa de Varzim, Porto

> Idade do Ferro - Castrejo

Fibula de bronze de tipo Aucissa. Apresenta arco de secção plano-convexa, charneira com eixo de bronze cum botões terminais quase esféricos e pé rematado por botão esférico.

SILVA, 1986

Instituto de Antropologia "Prof. Mendes Corréa" da Faculdade de Ciências do Porto 906.01.017

53

Torque

Ouro 11.2x8,5 cm Castro de Lamboso

Lanhoso, Pórou de Lanhoso, Braga

Torque de ouro de terminais em urna, com decoração. Aro interno de reforço feito de cobre de perfil subcircular e secção circular recoberto com lámina de ouro na zona média e fio enrolado nas zonas laterais, apresentando particulandades decorativas no segmento central e terminais. O segmento central está totalmente.

decorado a filigrana com duas superficies emolduradas por filetes lumculares, internamente preenchidos por dois fios que se entrecruzam em laços sucessovos formando losangos na zona média, e com quatro alinhamentos de grânulos no sentido longitudinal, quatro motivos espiralados enquadram os lados desta decoração. O ornato da parte inferior dos terminais reveste aqui a forma de um anel de meandros e os topos, que apresentam uma linha de incisões nos bordos, mostram um conjunto de grânulos mais numeroso.

Teixeira, 1940, Silva, 1986 Depósito da Câmara Municipal de Pôvoa de Lanhoso no MRADDS - Nº 66,591



Ouro 8,9x6 cm Castro de Lamboso

Laukoso, Pósoa de Lanboso, Braga

Torque de ouro de terminais, com decoração. Aro interno de reforço feito de cobre de perfil e secção circulares recoberto com lâmina de ouro na zona média e ho enrolado nas zonas laterais. O segmento central apresenta-se totalmente decurado a filigrana, com um desenho em superficie que preenche dois espaços emoldurados por filetes funiculares justapostos. onde se desenvolve longitudinalmente um motivo de linhas sinuosas de SS encadeados e contrapostos, enquadrando um campo polvilhado com gránulos, distribuidos na linha média interna e repetidos nas margens pelo exterior. Os segmentos laterais estão decorados com tio enrolado. Terminais ocos, de forma em uma levemente carenada e decorada na parte inferior com SS encadeados, irradiantes, segundo uma estrutura pentagonal, também associados a uránulos, e com motivo espiralado nos topos envolvendo uma esfera central, na base, fazendo a união com o aro, aparece um anel de fios torcidos e hos lisos justapostos. Aro levemente deformado com perfil subcircular e com o segmento central menos espesso.

TEIXERA, 1940, SILVA, 1986 Depósito da Câmara Municipal de Póvoa de

Lanhoso no MRADDS Nº 69491



52





54 Torque

Oure
to, 6x7,3 cm
Castro de Lanhoso
Lanhoso, Péroa de Lanhoso, Beaga
Torque de ouro de terminais e
decoração. Aro interno de refe

Torque de ouro de terminais em uma, com decoração. Aro interno de reforço feito de cobre de perfil e secção circulares recoberto com lámina de ouro na zona média e fio enrolado nas zonas laterais. O segmento central apresenta-se totalmente decorado a filigrana, com um desenho em superfície que preenche dois espaços emoldurados por filetes funiculares justapostos. onde se desenvolve longitudinalmente um motivo de linhas sinuosas de SS encadeados e contrapostos, enquadrando um campo polvilhado com grânulos distribuidos na linha média interna e repetidos nas margens pelo exterior. Os segmentos laterais estão decorados com fio enrolado. Terminais ocos, em forma de urna levemente carenada e decorada na parte inferior com SS encadeados irradiantes segundo. uma estrutura pentagonal. Motivo espiralado nos topos envolvendo uma esfera central, na base, fazendo a união com o aro, aparece um anel de fios torcidos e fios lisos justapostos. TEXHRA, 1940, SILVA, 1986

Depósito da Câmara Municipal de Póvoa de

Lanhoso no MRADDS Nº 66.491

55/56

Par de pulseiras

Ouro n.nx7,n.cm Norte de Portugal t= Idade do Ferro - séc. VII-VI a C

Par de pulseiras troncocónicas galonadas com decoração de faixas de espigões finos entre os toros e com alinhamentos geométricos, incisos, nas bases, fecho por encaixe. Podem referir-se elementos da tradição do Bronze Atlântico es, outras influências como as das técnicas peculiares do grupo Villena - Estremoz e eventualmente também centro-europeias.

SILVA, 1986

54

Museu Nacional de Soares dos Reis Nº 119 a e

57/58

Par de aros largos decorados

Oure

11,2X2 CCM

Necropole de Bairral

S. Martieko de Bongado, Santo Tirso, Porto

2ª Idade do Ferro

Par de aros largos em ouro, em forma de coroa circular, de secção em V com hastes dobradas e prolongadas em paralelo, feito de uma lâmina de ouro repuxada com decoração a punção.

SILVA 1986

Câmara Municipal do Porto Nº CMP/147

55/56



59/60

Chure

Par de arrecadas

r, ix4.1 cm
Castro de Laundos
Laundos, Pévos de Varzim. Porto

≥ Idade do Ferro
Par de arrecadas em ouro com corpo central em
forma de coroa circular, decorada com 15
neevuras concentricas, feitas por estampagem,
com 5 campánulas cónscas soldadas. Apresentam
apêndice triangular com superfícies decoradas a
pseudogranulado. Duplo sistema de preensão,
formado por travessão e cadeia de suspensão.
Severo, 1905-1908, Silva, 1986

Cimara Municipal do Porto Nº CMP/148

61/62

Par de arrecadas

Ouro 5,7X5,2 cm Tesouro de Estela Estela, Póvoa de Varzon, Porto-2º Made do Ferro Par de arrecadas em ouro, com corpo central em forma de coroacircular aberta na parte superior para adaptação ao pavilhão auricular, em cuja zona média estão soldadas 9 campānulas cônicas e umbilicadas. Apêndices compostos por duas placas triangulares sobrepostas e soldadas na parte posterior do aro, decorados a granulado. Soldado ao vértice do triângulo, um botão terminal. Sistema de suspensão duplo. constando de travessão e cadeado de suspensão. FORTES, 1905-1908, SILVA, 1986-Câmara Municipal do Porto Nº CMP/149



61/62

57/58



Vitrine 22

Torque de Vilas Boas

O torque é um colar usado pelos chefes célticos. Para além de constituir insígnia de poder, teria talvez virtudes mágicas que protegeriam quem o usasse. Na Europa Central, onde o ritual funerário era o de inumação, o chefe era enterrado com o seu torque (e muitos outros ornamentos e bagagens). Mas é possível que, nalguns casos, os chefes herdassem os torques de seus antecessores.



Тотцие

Ouro 22X5.6 cm Vilas Boas Vilas Boas, Vila Flor, Bragança 2º Idade do Ferre - Castrejo Torque de ouro laminado, martelado e soldado Decoração incisa puncionada, repuxada, de filigrana e de granulado. Aro tripartido, oco, com arestas convexas e decoradas. A umão entre o segmento central e os laterais é feita por intermédio de uma armação de arame formando uma "gaiola", onde se encontra uma esfera móvel. As extremidades do aro são rematadas na base dos terminais por uma banda transversal, os terminais são decorados na base e no topo onde apresentam uma depressão cónica, no intenor da qual se encontra soldado um ornitomorfo recortado em lâmina e decorado por filigrana. ALMEDA, 1974, PARREIRA e PINTO, 1980, SILVA, 1986, 1986a, PINCEL, 1992 Museu Nacional de Arqueologia Nº Au 567



Plinto 6

A invasão romana

No termo da 2". Guerra Púnica, que desalojou os Cartagineses da Península, os Romanos começaram a sistemática conquista da Hispânia. Os Lusitanos foram o povo que mais lhes resistiu, sobretudo entre 147/146 e 139 a.C., na altura em que foram comandados por Viriato.

As guerras viriatinas desenrolaramse fora do actual território português, mas isso não valida a tese, defendida por alguns, de que Viriato foi, afinal, um caudilho "espanhol".

Assassinado Viriato em 139 a.C., logo no ano seguinte o cônsul Décimo Júnio Bruto, tendo estabelecido suas bases em Lisboa e Móron (na região de Santarém), levou as armas romanas vitoriosas até ao Minho e derrotou os Calaicos.

Muito posteriores, as estatuas de guerreiros Galaicos ilustram todavia o armamento de Calaicos e Lusitanos contemporâneos de Viriato, com o seu típico escudo redondo (caetra) e muitas vezes um torque ao pescoço, como o que se encontra em Vila Flor.

Estátua de querreiro calaico

Granita 1732X34 CW Outrino Lezenine Campos, Boticas, Vila Real 2º Idade do Ferro Monólito esculpido com a representação de uma figura de guerreiro, erecto e em posição de parada. Apresenta-se vestido com saio exuberantemente decorado com motivos geométricos de circulos concentricos encadeados e axadrezados O cinturão descaído na frente é composto por duas nervuras laterais. ligadas por duas presilhas, com três tiras unidas, colocadas uma de cada lado. Ostenta ainda, armas e jóias. Paris, 1903. VASCIONCELOS, 1913. SEVA. 1986 Museu Nacional de Arqueologia Nº E 3398



Plinto 7

A emergência dos grandes castros do Noroeste

Os castros do Noroeste são, de um modo geral, pequenos povoados. Nos finais do séc. Il a.C., sensivelmente na época da campanha de Décimo Júnio Bruto, surgem todavia grandes povoados como Briteiros e Sanfins, nos quais se notam claros arruamentos que permitem falar de um proto-urbanismo. Briteiros, com quase 4 hectares, poderia ter 1100 habitantes, e Sanfins, com mais de 7 hectares, cerca de 2000 almas.

Em Sanfins, são nítidas as unidades domésticas. Cada "casa" era composta por vários edifícios circulares, e eventualmente rectangulares, abertos para um pátio lajeado e rodeado de altos muros que davam privacidade à habitação.

Nestes dois castros, e em alguns outros, descobriram-se curiosos edificios que funcionavam como termas. As termas, a que Estrabão alude, compunham-se de um pátio com água corrente num tanque; de uma câmara, com exígua entrada, onde se tomava banho de vapor, de um forno, onde a lenha se queimava para aquecer o edificio. Às pedras que serviam de entrada à câmara de vapor, geralmente decoradas, dá-se tradicionalmente o nome de "pedras formosas".

1/2

Maquetes

Uma umdade habitacional da Citánia de Sanfins (Paços de Ferreira)

O balneário de S. Maria de Galegos (Barcelos)

Vitrine 23

A religião de Lusitanos e Calaicos

Estrabão faz-se eco da opinião de autores clássicos que consideravam ateus os povos do Noroeste. A julgar, porém, pelos numerosos teónimos indígenas conservados em aras já de época romana, Lusitanos e Calaicos eram até muito religiosos.

Os Lusitanos adorariam o par Arêncio e Arência e as divindades Quangeio e Trebaruna: estes deuses seriam as suas divindades nacionais. Mas, para além delas, adorariam uma tríade, constituída por Bande, Nabia e Reve, comum a Lusitanos e Calaicos. E cada castro (ou grupo de castros contíguos) adoraria ainda uma divindade tópica, padroeira do local. Teríamos assim, para além de divindades locais, deuses nacionais e supranacionais (estes, comuns a Lusitanos e Calaicos).

As divindades não seriam representadas por imagens. As raras representações que se têm encontrado são provavelmente já de época romana.

Os sacrifícios consistiam na imolação de animais. O carro ritual de Vilela parece representar o sacrifício de uma cabra por dois sacerdotes, acompanhados por quatro guerreiros, quatro mulheres e outras quatro figuras masculinas que poderão interpretar-se como condutores.

1

Carro potipo

Bronze 38,5x8 cm Costa Figurira Vilela, Paredes, Porto Secs Whil a C.

Carro alegórico em bronze, cuja estrutura assenta num longo travessão, donde saem 7 pares de braços, colocados perpendicularmente, 5 para suporte de figuras e os restantes, para encaixe das rodas. Estas são circulares, com uma barra larga donde partem travessões perpendiculares. O conjunto figurativo, de fundição pouco cuidada, seria presumivelmente formado por 2 juntas de bois jungidos no touco do carro e os restantes elementos dentro de mais 3 conjuntos: o primeiro, constituído por 4 serventuários do carro, o segundo, por 8 acompanhantes em duas séries de 4 guerreiros e 4 mulheres, oferentes, e o terceiro, por 2 sacerdotes de pé em torno da vítima. O animal sacrificado é certamente um ovino, não sendo possível uma identificação taxonómica mais precisa.

CARDOSO, M., 1946, SILVA, 1986 Museu da Sociedade Martins Sarmento Nº 1/V



Espeto votivo

Brenze #7,5×3,7 cm Costa Figueira Vilria, Paredes, Porto Sécs. 19/10 a.C.

Espeto articulado em bronze, formado por uma longa haste de secção rectangular, encurvada por deformação. Apresenta punho de secção circular com remate em argula, onde gira, numa gula, uma peça articulada, servindo de guarda-mão. CARDOSO, 1946, SILVA, 1986. Museu da Sociedade Martins Sarmento. Nº 2/V.



3

Estátua sedente

Granto 24,3320,3318,3 cm Pirota de Laubosa -Braga Séc. 1 d C Pequena escultura em

Pequena escultura em granito, representando um corpo sedente em cadeira de braços e espaldar. Trata-se de uma estilização vigorosa de uma figura, com colo cilindrico no prolongamento do tronco, braços volumosos e boleados em arco, com as mãos destruídas. Pernas dobradas em ángulo recto e posição paralela e pés rudimentares. O bloco de granito foi esvasado interiormente pela base.

TEXERA, 1940, SILVA, 1986.

Câmara Municipal de Póvoa de Lanhoso.



Estátua sedente

Granita 27x42x50cm, cabuça 25x19x26cm Braga Séc. 1 d C.



Figura masculma, vestida de túnica curta. Segura com a mão esquerda um vaso e tem a direita cruzada sobre o peito. Partida pelo pescoço. Parece ter servido de fonte, cuja agua jorraria pela boca. Tratar-se-a de utilização original ou de reaproveitamento? Possível representação de divindade indigena.

Inédita

Arquitecto Nuno Meira S/nº

Vitrine 24

Os comerciantes na esteira das legiões

Atrás das legiões romanas, que chegaram ao Alentejo na primeira metade do séc. Il a.C., e ao Norte em 138 a.C., vieram os comerciantes. Trouxeram uma louça nova, fabricada na Campânia, e por isso chamada campaniense; ânforas de vinho e azeite. Trouxeram ainda a moeda, que por muito tempo parece ter sido mais entesourada que usada correntemente em transacções.

Veio a língua latina, se bem que não tenha morrido, de repente, a lusitana.

Tesouro monetário

Peata Pancas, Santava da Carvota Trana Alexaner Lisboa Epoca Republicana

Tesouro monetário constituido por 136 denários romanos da época republicana, provenientes de um ocultamento que incluía outras jósas em ouro e prata.

VIEGAS e PARREIRA, 1984 Museu Nacional de Arqueologia Nº 692-827

Prato

Ceràmica 25.5X 1.5 cm Castro da Cabeça de Vaiamonte Vasamante, Monforte, Portalistre Época Republicana-séc. La C. Prato em cerámica, imitação de campaniense: pertencente à série F.2200. Apresenta pasta castanha avermelhada (M. 5YR 5/3), verniz muito manchado, oscilando entre o negro e o vermelho escuro (M. 10R 3/6). Exibe ainda vestigios do disco de empilhamento, no fundo interno. Está decorado com três circulos concéntricos. DELGADO, 1971, MOREL 1981, FABIAO, (no prelo) Museu Nacional de Arqueologia N° C V 984 254 55



Copo

Cerdonica 5.33%,3 cm Castro da Cabeça de Vaiamonte Vasamente Monforte Portalegre Epoca Republicana Copo em cerâmica campaniense do tipo B, ou imitação, pertencente à série F.7.500. Apresenta pasta manchada, oscilando entre o rosado (M.7.5YR.7/4) e o cingento (M. 7.5YR.7/2). verniz aderente e bem conservado, negro mate, com reflexos brilhantes. DELGADO, 1971, MOREL, 1981, FARRAO (no prefo) Museu Nacional de Arqueologia C.V. 984.408.1



Taça

Cerámica: 4.3×12.3 cm Castro da Cabeça de Vaiamente Vaiamente, Monforte, Partalegre Epoca Republicana Taça em cerâmica campaniense (imitação), pertencente à série F 2300. Apresenta pasta de coloração rosada (M.7.5YR 7/4), vermiz negro mate, com pingos no fundo externo. Exibe decoração de circulos concentricos no fundo interno, e um grafito cruciforme no fundo DELGADO, 1971, MOREL 1981, FARIÃO, (no prelo).

Museu Nacional de Arqueologia C.V. Inv* 45905

Taça

Cerimica

12,7xx.5 cm

Castro da Cabeça de Vaiamonte

Vaiamonte, Mondarte, Portalegre

Época Republicana

Taça em cerámica campaniense (imitação),
pertencente à série F 2300. Apresenta pasta
amarela avermelhada (M.5YR 7/6), e verniz
cinzento avermelhado escuro (M. 5YR 4/2).

Exibe decoração de circulos concêntricos no
fundo interno.

DELCADO, 1971, MOREL 1981, FARIAO, (no prelo) Museu Nacional de Arqueologia N° C.V 984.404.3



Prato

Ceràmica 21, 5x2,2 cm Castes da Cabeça de Vasamente Vasamente, Monforte, Portalegre Época Republicana Prato em cerámica campaniense E, ou imitação, pertencente à série F. 2200. Apresenta pasta amarela avermelhada (M.7.5YR 7/6), verniz mate e aderente, com manchas castanhas avermelhadas. Exibe decoração de círculos concentricos no fundo interno.

DELGADO, 1971; FARIAO (no prelo)

Museu Nacional de Arqueologia

N° C.V. 984.404.4

7

Lucerna

Critinica

9. 181. A cin

Castro da Cabeça de Vasamonte

Vasamonte, Alanforte, Portaligne

Época Republicana

Lucerna em cerámica campaniense B,
pertencente à forma H de Ricci. Apresenta pasta
amarela avermelhada (M. 7.5YR 7/6), verniz
negro mate, com escorrência para o interior.

FERREIRA, 1961, RICCI, 1973

Museu Nacional de Arqueologia

N° C.V. 984 418



Редиено соро

Ceránica
3x5, 4 cm
Castro da Cabiça de Variamonte
Variamonte, Monforte, Pertaligre
Época Republicana
Pequeno copo em cerámica campaniense B, ou
imitação, pertencente à série F, 7,500. Apresenta
pasta amarela avermelhada (M. 7,5YR 7/6)
manchada, verniz negro mate
DELCADO, 1971, MOREL 1981, FARIAO, (no prelo)
Museu Nacional de Arqueologia. Nº C827/11

3/4/5/8/7



Fragmentos de taça

Cerámica

Castro da Cabeça de Vasamente Vasamonte, Monforte, Portaleare Epoca Republicana

Fragmentos de taça em cerámica campaniense B. pertencente à série F 2300. Apresenta pasta amarela avermelhada (M. 7.5YR 7/6), verniz. negro mate e decoração de círculos concentricos no fundo interno.

DELCADO, 1971, MOREL 1981, FARIÃO, (no prelo) Museu Nacional de Arqueologia Nº CV 984.336

10

Fragmento de fundo de taça

Ceramica

Diam. 12 cm

Castro da Cabeça de Vaiamonte

Vaiamonte, Monforte, Portalegre

Epoca Republicana

Fragmento de fundo de taca em cerámica campaniense B, pertencente à série F. 2300. Apresenta pasta amarela avermelhada (M. 7.5YR 7/61, verniz negro mate e decoração de círculos concêntricos no fundo interno. O verniz do fundo externo está manchado. DELGADO, 1971, MOREL 1981, FAIRÃO, (no prelo)

Museu Nacional de Arqueologia

Nº. CV 983.255

Fragmentos de prato

Cerámica

N° CV 984 388

Castro da Cabeça de Vaiamonte Varamonte, Monforte, Portaleger

Epoca Republicana Fragmentos de prato em cerámica campaniense B. pertencente à série F. 2300. Apresenta pasta amarela avermelhada (M. 7.5YR 7/6), verniz negro mate, manchado de castanho avermelhado, com decoração de círculos concentracos no fundo interno. DELGADO, 1971, MOREL 1981, FARRAO, (no prelo) Museu Nacional de Arqueologia

12

Fragmento de suporte

Cerámica

896.06

Castro da Cabeça de Vaiamonte

Vasamente Monforte Portaletre

Época Republicana

Fragmento de suporte em cerâmica campaniense B. ou imitação, pertencente à série F. 1400. Apresenta pasta amarela avermelhada (M.7.5YR 7/6), verniz negro mate e decoração de circulos concéntricos no interior.

DELGADO, 1971; MOREL 1981; FARRAD, (no prelo) Museu Nacional de Arqueologia Nº CV. 984.266

13

Fragmento de fundo de prato

Cerámica

A. THE UNI

Custra da Cabeça de Vaiamonte

Vaiamonte, Monforte, Portalegre

Eyoca Republicana Fragmento de fundo de prato em cerámica. provavelmente campaniense B. Apresenta pasta amarela avermelhada (M.7.5YR 7/6), verniz negro mate manchado, e com disco de empilhamento interno. Decoração de circulos concentricos no fundo interno DELGADO, 1971, MOREL 1981, FABIAO, (no prelo)

Museu Nacional de Arqueologia

Nº CV 984 230

Asa de taça

Centerica

SXT CH

Castro da Cabrça de Vasamonte

Varansonte, Monforte, Portalegre

Ероса Веридіїсяна

Asa bilida peretencente a uma taça de cerâmica campaniense, produção da Etrúria do séc. Il a C. pertencente à serie F. 3 120. Apresenta pasta amarela avermelhada (M.7.5YR 7/6) e verniz negro mate, fino. Esta asa, juntamente com um exemplar análogo proveniente das escavações da Casa dos Bicos, em Lisboa, constituem os dois raros e únicos exemplos conhecidos em território português, de importações provenientes destes centros produtores da Etrúria. DELGADO, 1971, MOREL 1981, FARIÃO, (no prelo). Museu Nacional de Arqueologia Nº CV 46054

15

Copo

Cerámica

5.5×1.5 cm

Castro da Cabeça de Vaiamonte Vacconomic Monforte Portalegre

Época Republicana - finais de séc 11- 11 metade do sec lat

Copo em cerâmica campaniense de fabrico itálico, pertencente à série F.7.500. Apresenta pasta vermelho claro (M.2.5YR 6/6), verniz negro aderente, com reflexos brilhantes. DELCADO, 1971, MOREL 1981, FARIÃO, (no prelo) Museu Nacional de Arqueologia Nº 45416

16

Fragmento de fundo de prato

Cerámica

5x5 cm

Castro da Cabeça de Vasamonte

Vaiamonte Monforte Portalegre Epoca Republicana Fragmento de fundo de prato em cerámica campaniense, provavelmente A. Apresenta pasta vermelho claro (M.2.5YR 6/6), verniz negro, em mau estado, com reflexos brilhantes e acastanhados. Decoração de círculos concêntricos no fundo interno. DELGADO, 1971, MOREL 1981; FARIÃO, (no prelo) Museu Nacional de Arqueologia N° CV 984.256

Гисегиа

Cedenca
122/AX3 cm
Mérida
Época Republicana - séc 1 a.C.
Lucerna em cerámica, de fabrico itálico, tipo
Dressel/Lamboglia 2. Apresenta no fundo
externo marca de fabricante B com dois círculos
nas extremidades.
ALMHERA, 1953
Museu Nacional de Arqueologia. Nº15006

18 Ånfora vinária

Ceràmica

rot, 7827, il cm
Métola

Épaca Republicana – finais do séc Il/meados do séc I a C

Ánfora de tipo Dressel 1-C, de pasta com textura
granulosa, de tipo arenoso e cor amarela
avermelhada. Apresenta colo alto, cilindrico e
bicónico, ombro pouco marcado, corpo
cilindrico, atunilando na ligação com o bico, que
é cónico. As asas são de secção ovalada.
Vasconicios, 1905, Fatião, 1987,
Museu Nacional de Arqueologia. Nº 1852

Ånfora vinária

Umámica

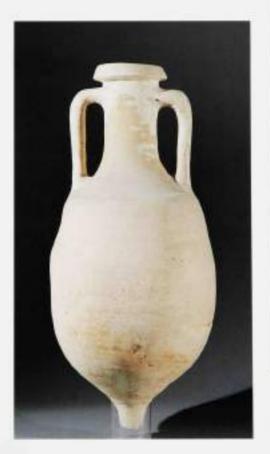
E1,8x46.7 cm

Mérida >
Épeca Republicana - séc tilmeados do séc l a C.

Ântora de tipo Lamboglia 2, de pasta porosa, com abundantes elementos não plásticos e cor amarela avermelhada. Apresenta lábio oblíquo, de perfil triangular, colo alto, cilindrico, alargando na ligação ao ombro, que é bem marcado, mas não anguloso. O corpo é ovóide e o bico fundeiro encontra-se partido. Não tem proveniência atribuída, sendo possível a sua inclusão entre o material do depósito de Mértola. VASCOENCELOS, 1905, FABRAO, 1987

Museu Nacional de Arqueologia. Nº 1690







...

19

17

Plinto 8

A Pax Romana

Augusto (29 a.C. - 14 d.C.), cuja expressão branda, neste retrato, esconde firmeza e determinação, trouxe "paz, felicidade e liberalidade" a um mundo cansado de guerra. Os nomes de Pax Iulia (Beja), Felicitas Iulia Olisipo (Lisboa) e Ebora Liberalitas Iulia (Évora) foram dados a três cidades do Sul. Na Palestina, Cristo nascia. O milénio terminava; outro milénio rompia.



Cabeça de Augusto

Mánuore

Sci tal C.

Cabeça-retrato do Imperador Augusto.

Apresenta-se cortada pelo pescoço, ligeiramente inclinada para a direita, com o cabelo curto sobre o cránio volumoso, caindo para a frente em madeixas separadas em forma de garras.

MATOS, 1995

Museu Nacional de Arqueologia. Nº 31520

Bibliografia geral



Bibliografia geral

ALARCÃO, J., DELGADO, M. (1969) -Catálogo do Gabinele de Nomuniática e Antiguidades antiguidades ibéricas e romanas. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1969.

ALMACRO-GORBEA, M. (1966) - Las estelas deconalas del Sureste personalar Aladrid (Bibliotheca Prachistorica Hispana, vol.8).

ALMAGRO-GORSEA, M. (1977) -El Brance Final y el período orientalizante en Estrenalara: Madrid: C.S.I.C. (Bibliotheca Praehistorica Hispana, vol. 14).

ALMACRO-GORBEA, M. (1993) -La introduccion del hierro en la Peninsula Iberica. Compluturi Madrid. 4. 81-94.

ALMEIDA, F. de (1974) - L' Orfévrerie archaique romaine et wisigothique les collections du Musée d'Archéologie et d' Etnologie de Lisbonne. Les Dessirs de l'Archéologie, Menulleux tréors archéologiques du Portugal, Dijon, 4

ALMEEDA, F. de, FERREIRA, O. da V (1967) - Fechos e placas de cinturão hallstáticos, encontrados em Portugal. O Arqueologo Portuguis, Lisboa, S. 3, 1. ALMEDA, I. A. F. (1953) - Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal:

O Arqueólogo Portugués Lisboa. Nova série: 2.

ALVAREZ - SANCHIS, J. (1993) - En busca del verraco perdido. Aportaciones a la escultura zoomorfa de la Edad del Flierro en la Meseta Complutum. Madrid. 4. p. 157-168.

ALVES, F. J. S. [et al.] (1988-89)

Os cepos de âncora em chumbo descobertos em águas portuguesas.

Contribuição para uma reflexão sobre a navegação ao longo da costa atlântica da Península Ibérica na Antiguidade. O Arqueilogo Português.

Lisboa. S. 4. 6/7. 109-185.

AMARO, C. (1993) - Vestigios orientalizantes do claustro da Sé de Lisboa. Estudos Orientais. Os fenícios no território português. Lisboa. 4. 183-192.

ANARO, C. (1995) - Núcleo arqueológico da Rua dos Carreiros. Lisboa: Fundação Banco Comercial Português. Catálogo. ARNAUD, J., GAMITO, T. J. (1974 -1977) - Cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro do Sul de Portugal (Cabeça de Vaiamonte, Monforte) O Arqueologo Portugari, Lisboa, S. 3, 7 a 9, p. 165 - 202

Barros, L., Cardoso, J. L., Sairosa, A. (1993) - Fenicios na margem sul do Tejo. Economía e integração cultural do povoado do Almaraz - Almada. Estudos Orientais. Os fenicios na território pertuguês. Lisboa. 4

BERGAO, C. M. (1986) - Une circlisation protohistorique du Sud du Portugal. Paris Boccard.

BERAO, C. M., GOMES, M.V. (1980)

- A l litale do Ferro no Sol de Portugal.

Engrafia e cultura: Exposição do Museu
Nacional de Arqueologia.

BERAO, C. M., GOMES, M.V. (1983)
- A necrópole da Idade do Ferro do
Caleado. O Arquellojo Português. Lisboa.
S. 4, 1...

BERÃO, C. M. [et al.] (1985) — Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Noticia da primeira campanha de escavações. O Arqueilogo Português. Lisbou. S. 4, 3, 45-136.

BLANCO, A. (1960) - Orientalia II. Archine Español de Anquellegia: Madrid. 33: 3-43

Corposo, J. L. [et al.] (1980-81) -Descoberta da jazida da Idade do Bronze na Tapada da Ajuda. Smibal Arguniógica: Setúbal. 6/7.

CARDOSO, J. L. [et al.] (1986) - A jazida do Bronze Final da Tapada da Ajuda, Lisboa, Renste Municipal, Lisboa, 2º série, 15.

CARDOZO, M. (1946) - Carrito votivo de Bronce del Museo de Guimarães (Portugal). Archive Español de Arqueologia. 19-62-1-28

CARREIRA, J. M. R. (1994) - A Préhistória recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). Trabalhos de Arqueologia da EAM. Lisboa. 2.

CARREIRA, J. M. R. (no prelo) - Dum notáreas fibrilas castrejas do Museu Nacional de Arqueología.

CARREIRA, J. M. R. (no prelo) - A ocupação pré-bistórica do Alto de Chihanes. Paínela

Catálogo Ilustrado da Exposição Retrospectiva da Arte Ornamental (1882). Lisboa

THE CELTS (1991), Veneza, Milano, Bompiani, Catálogo, p. 764, fig. 580 A.E.

CENTINO, R. M. S. (1987) - Circulação menetária no Norvote da Hispânia atr. 192. Porto: Sociedade Portuguesa de Numismática. Tese de doutoramento em Pré-História e Arqueologia. Faculdade de Letras do Porto.

COHYN, A. (1976) - L'Àge du Bronze au Musée de F. Tawares Proença Júnior. Castelo Branco

COTTYN, A. (1983) - La fin de l'Âge du Bronze dans le centre-Portugal O Arquelless Portugal: Lisboa. S. 4, 1.

COFFEN, A. (1985) - Le Bronze Final Atlantique dans la Printealle Bérique. Paris-Boccard.

CORREA, J. A. (1987) - El signário tartesio. Videa Vitoria. Nova serie. 2-3 (1985-86) 275-284. Actas del IV Coloquio sobre Lenguas Y Culturas Paleohispánicas, Vitoria/Casteiz, 1985. (Studia Paleohispanica)

CORREIA,V (1928) - Escavações realizadas na necrópole pre-romana de Alcácer do Sal. O Instituto Coimbra 4º Série, 75

CORREA, V. (1972) - Alcikeer do Sal. In CORREA, V. - Olms. Coimbra. Universidade. v. 4. p.127-192.

CORREIA V. H. (1986) - Um bronze tartéssico inédito: o touro de Mourão Trabalhos de Arqueologue de Sul. Évora, 1.

CORREIA, V. H. (1990) - A expansão orientalizante na fachada atlântica da Península. Trabalbos da Socialade Portuguesa de Antropologia e Etiologia Porto: 30 e 31. 177-192 e 217-219.

CORTEZ, F. R. (1948) - Actividade arqueológica de Portugal durante 1947. Archivo Espanol de Anqueológia. Madrid. 21-72.

COSTA, J. M. (1966) - O tesouro fenicio ou cartaginês do Gaio (Sines). Ethus: Lisboa. 5.

COSTA, J. M. (1973) - O tesouro púnico-tartéssico da Gaio (Sines) (Séc. VII a.C.). Novos Achados. In Actas das II Jornalas Arqueológicas, Lisboa, 1972. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol. 2

CUADRADO, E. (1969) - Origen y desarrollo de la ceramica de barniz. rojo en el mundo tartessico. In Tartrisor y sui problema: V Symponius Internacional de Prehistoria Peninsidar, Barcelona, 1969 p. 257-290.

DIAS, M. M. A., BEIRÃO, C. de M., CCIELHO, L. (1970) - Dias necrópoles da Idade do Ferro no Baixo Alentejo Ourique. O Arquellogo Português. Lisboa S.3, 4.

DELCADO, M. (1971) - Cerâmica campaniense em Portugal. În Actas de II Cangresso Nacional de Arqueologia, Coimbra, 1970. Coimbra, Junta Nacional de Educação. 2 vols., p. 403-420.

FABIAO, C. (1987) - Ánforas romanas republicanas de um depósito de Mértola no Museu Nacional de Arqueología e Etnología. O Arqueólogo Partigues Lisboa. S. 4, 5, 125-148.

FARRAO, C. (no prelo) - Cabeça de Vaiamonte

FERREIRA, O. da V. (1971) - Cerâmica negra de tipo grego encontrada em Portugal. Arqueologia e História: Lisboa. 9º série, 3.

FOUILLES DE CONIMBRIGA (1976) Paris Boccard vol. 6.

FOUILLES DE CONIMBRIGA (1979). Paris: Boccard, vol. 7.

FORTES, J. (1905–1908) - Ouros protohistoricos da Estella (Povoa de Varzim). Portugalia: 2:1-4:604-618.

FREITAS, M. L. L. A. V. de (1987) -Bronzes figurations pré-romanus e romanos. Lisboa: Universidade Nova, vol. 1. Catálogo.

GAMER-WALLERT, I., PARCÁO, A. C. (1983) - A inscrição do escaravelho de Psemético I, da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires. Novos elementos para a sua interpretação. O Arqueólogo Portuguis. Lisboa. S. 4, 1

GAMETO, T. J. (1979) - Aspects of settlement, economy and society in southern Portugal from 600 BC till the Raman compact. Cambridge: University. M. Phil. dissertation.

Gasirro, T. J. (1981) - A proposito do castro de Segóvia (Elvas) resistência a Roma no Sudoeste peninsular, História Lisboa. 29: 32-43

Gamiro, T. J. (1982) - A Idade do Ferro no Sul de Portugal - problemas e perspectivas. *Arguelana*. Porto, 6

Gasirro, T. J. (1983) - Os barns ibéricos de Portugal. Comobrata. Combra. 22, p. 195-202.

GANITO, T. J. (1983a) - A cabeça de carneiro de António Joaquím Júdice. O Anpeilogo Pertugués, Lisboa, S. 4, 1.

GANETO, T. J. (1988) - Social complexity in Southwest Theria (1905-100 B.C.) the case of Tartesios. Oxford: BAR. (BAR. International Series, 439).

GARCIA: MAURINO MUZQUIZ, Joaquin (1993) - Los cascos de tipo Montefortino en la Peninsula Iberica Aportacion al estudio del armamento de la II Edad del Hierro. Complutore. Madrid. 4: 95-146.

Conts, M.V. (1983) - El "Smiting Cod" de Azougada (Moura). Trahajos de Prehistoria: Madrid. 40.

GOMES, M.V. (1986) - Uma larnas de Mértola (Beja). Arquiro de Beja. Beja. 2º série. 3, 57-70.

GOMES, M.V. (1986a) - Oenochoe proforme dos arredores de Beja Trabalhos de Asqueslogia de Sul. Évora. 1.

GONES M.V. (1990) - O Oriente no Ocidente. Testemunhos aconográficos na Protohistória do Sul de Portugal. Estudio Orientas, Lisboa. 2 GOMES M.V., GOMES, R.V., BEIRÃO, CM. (1986) - O Cerro da Rocha Branca (Silves). Resultados preliminares de três campunhas de escavações. In Actas do 4º Congresso do Algarve, Lisboa vol. 1.

Contez, M.V., Monteiro, J. P. (1976-77) - As estelas decoradas da Herdade do Pomar (Ervidel, Beja). Estudo comparado. Setúbal Arqueológica. Setúbal. 2-3.

COMEZ - MORENO, M. (1961) - La escritura Bastulo - turdetana (primitiva hispanica). Revita de Archeos, fliblioticas e Misson. Madrid. 69:2–879-918

HARRISON, R. J. (1974) - Nota acerca de algunas espadas del Bronce Final en la Peninsula Ibérica. Auptivia: Barcelona. 36.

HIROLITO, M. C. (1981-83)

- As moedas gregas da Serra do Pilar
(V. N. Gaia). Numir. Purto. 2º série,
4-6. 81-91.

HOZ, J. de (1987) - El desarrollo de la escritura y las lenguas de la zona meridional. In ALIBET SEMMLER, M. E., dir. - Tartesos, arquiologia protohistorica del hojo Gualdalqueor. Subadel. Ausa. p. 523-587.

JORCE, S. O. (1980) - A estação arqueológica do Tapado da Caldeira -Baião. *Portagália*. Porto. Nova serie, 1. 29-50.

JORCE, S. O. (1980a) - A necrópole do Tapado da Caldeira - Baião Arqueologia: Porto: 2

Jonez S. O. (1983) - Duas datas de C14 para a sepultura 1 da estação do Tapado da Caldeira (Basão) Arquiológia: Porto. 8.

KALE, Ph. (1978) – Senbora da Guia, Baiñes, Die Ausgrabung 1977 auf einer Hubensiedkung der Atlantischen Bronzezeit in Portugal. Akufrider Aktfolosigni, Heidelberg, 19. KALL, Ph. (1991) - Die Goldringe von Castro da Senbora da Guia, Baiões (S. Pedro do Sul), Portugal. Finicinții fur W. Sciwle Marburg. (Veroffentlichungen des Vorgeschichtlichen Seminars. Marburg, Sonderband, 6. International. Archaologie, 1).

Lima, J. F. (1981) - Elementes instituco e arqueológicos Moura, Ribbioteca Municipal

LISBOA SUBTERRÂNEA (1994). Lisboa, Museu Nacional de Amueologia. Milão: Electa. Catálogis.

MacHadio, J. S. (1964) - Subsidios para a história: do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. O Anjunilogo Portuguis. Lisboa. Nova série, 5.

Maia, M^a. (1986) - Neves II e a "facies" cultural de Neves-Corvo. Asparo & Box. Beja. S. 2, 3.

Mata, Mº. (1987) - Dois lamakes da Idade do Ferro do Sol de Portugal Vilou Vitoria. Nova serie: 2-3 (1985-86) 223-242. Actas del IV Coloquio sobre Lenguas Y Culturas Paleohispánicas, Vitoria/Casteiz, 1985. (Studia Paleohispánica).

Mata, M^a, Correa, J. A. (1985) – Inscripcion en escritura tartessica (o del SO.) hallada en Neves (Castro Verde, Baixo Alentejo) y su contexto arqueológico. Habis. Sevilla. 16, 243-274.

Mata, MP., Mata, M. (1986) -Arqueologia de área miseira de Neres-Corno. Trabalbos realizados no tribio 1982-84. Sommetor.

MAYET, F., SEVA, C. T. da (1992).

Abul um estabelecimento
orientalizante do seculo VII a. C. no
baixo vale do Sado. Setihal Arqueológica.
Setúbal. 9-10. 315-333.

Muttiquet de Morts, J. (1968) -Engrafia prelatina da Promula Therea Barcelona. Instituto de Arqueologia y Prehistoria. (Publicaciones Eventuales. 12)

Martins, M. (1981) - O povoado fortificado de Santo Ovidio. Calenas de Arqueologia. Braga. 1.

Martins, M. (1985) - A ocupação do Bronze Final da citânia de S. Julião, Vila Verde. Caracterização e cronologia. Trabalhos da Socialade de Astropologia e Eticlopia. Porto: 25: 2-4.

MARTINS, M. (1986) - Duas datas de C14 para a ocupação do Bronze Final da Citânia de S. Julião em Vila Verde Arqueologia: Porto: 13

MARTINS, M. (1988) - A Citària de S. Julião, Vila Verde remérca dos trabalhos malizados entre 1981-1983. Braga.

MAKTINS, M. (1991) - O persudo de Santo Oridio (Fafe), resultados dos trabalhos realizados entre (1981): 1984. Braga. (Cadernos de Arqueología. Monografias).

MATOS, J. L. (1995) - Inventirio de Almen Nacional de Arqueologia. Coleção de escultura romana. Lisbora. IPM.

MONTEAGUDO, L. (1977) - Die Bole auf der Berichen Halbinsel. München. (Prachistorische Bronzefunde; 9).

MOREL, J.-P. (1981) - La céramique campaniume Les Jovnes. Rome. École Française de Rome.

Niccit.isi, C. (1990) - Les techniques de l'or antique. La hijouterie shérique du VIII un IV siècle. Paris: Picard.

Nunts, J. de C., Rodrigues, A. V. (1957) – Dos nuevas espadas del Bronce Final en Portugal. Zephyris. Salamanca. 8, 2, 279-285 Osonio, M. I. N. A. (1993) - O Porto dui sul idado. Arqueologia sa cidade Casa Tait 1993-1994. Porto: C.M.P. Catálogo.

Paixão, A. C. (1971) - O recente achado de três escaravelhos na Necropole do Senhor dos Mártires em Alcácer do Sal. In Acias do II Congreso Nacional de Arqueológia, Coimbra, 1970 Coimbra: Junta Nacional de Educação; vol. 1.

Patxáci, A. C. (1983) - Uma nova sepultura com escaravelho da necrópole proto-histórica do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal). O Arqueólogo Portuguis, Lisboa, S. 4, 1

PARES, P. (1903) - Statues lusitaniennes de style primitit. O Arquellogo Portugali Lisboa. 8

PARREIRA, R., PINTO, C. V. (1980).

Tescuros da arquinfapia portugaria. Lisboa:
Museu Nacional de Arqueologia e

Etnologia. Catálogo.

PALILI, L. (1980) - Die Kelten in Mitteleurope: Salzburg:

PELLICER, M. (1978) - Tipologia y cronologia de las anforas preromanas del Coadalquivir según el Cerro Macareno (Sevilla) Habis Sevilla. 9. 365-400.

PEREA CAVEDA, A. (1991) - Orfobrota preromano arqueologia del ero. Madeid. Dirección General de Patrimonio. Cultural.

PEREURA, ISABEL (1991) - Barris de Santa Olaia Feischrift for W. Schule Marburg, p. 237-243 (Veröffentlichungen des Vorgeschichtlichen Seminars Marburg, Sonderband, 6. International Archaelogie, 1)

PEREIRA, M. A. H. (1971) - O esconderijo do Bronze Final de Coles de Samuel (Soure). Arqueologia e Història. Lisboa. 9º série. 3 PEREIRA, M. H. R. (1962) - Gradenists in Portugal. Coimbra. Universidade.

PINGEL, V. (1991) - Die Goldfund der Argar-Kultur. Malhder Mittellungen. Heidelberg. 33.

Procest, V. (1992) - Die Vorgeschiebelichen Goldfunde der Iberischen Halbunel - Eine Archaologische Ubetersuschung zur Auswertung der Spektralanalysen Berlin Walter de Gruyter.

PINTO, R. S. (1930) - Achegas para um catálogo, Tripero, Porto, 4º série. 1-171. Nov.

PONTE, S. da (1984) - Fibulas do Museu Etnográfico e Arqueológico do Dr. Joaquim Marso. Combriga Combra. 23.

PONTE, S. da. (1985) - Algumas fibulas de Alcácer do Sal. O Arquellogo Portugué. Lisboa, S. 4, 3, p. 137-154.

PONTE, S. da. (1985a) - Fibulas de Vatamonte (Monforte). In: Actas dal III Coloquia sobre Emguas Y Culturas Paleolispanicas, Lisboa, 1980. Salamanca: Universidade de Salamanca, p. 137-158.

RICCI, M. (1973) - Per una cronologia delle lucerne tardo-republicana. Rimita di Stuli Liguri. Bordighera. 39. p. 168-234.

ROCHA, A dos S. (1905) Aditamento nº, 3 ao catálogo
prehistoria, salão nobre (autógrafo), In
O Abseu Municipal de Egnone de Feccatálogo deal. Figueira. Imprensa
Lusitana. Manuscrito
nº, 8323.

ROCHA, A. dos S. (1897) - A secrépole protobistérica da Fonte Velha, en Bessafrin. Figueira da Foz: Imprensa Lusitana. (Memórias sobre a Antiguidade). REICHA, A. dos S. (1971) - Almánias e explorações arquirológicas. Cosmbra. Universidade, vol. 2.

RODRICUES, A. V. (1961) - Contributo para o estudo da Idade do Bronze em Portugal. Bora Alta. Viseu. 20-1, 3-13.

ROUILARD, P. (1988-1989) - Les vases grecs d'Alcicer do Sal (Portugal). O Anperloga Partugals. Lisboa. S. 4, 6/7.

ROVERA I PORT, I., CASANOVAS I ROMEU, A. (1993) - El deposito de braceletes de Sant Aleix (Lleida) y los depositos de objetos metalicos del Bronce Final en Cataluña. Compluton. Madrid. 4: 69-80.

Ruiz - Gaevez Priego, M. (1993) - El Occidente de la Peninsula Iberica, punto de encuentro entre el Mediterraneo y el Atlantico a fines de la Edad del Bronce. Completon. Madrid. 4, 41-68.

SANTOS, M. F. dos (1972) - Moedas hispânicas recolhidas na Cabeça de Vaiamonte (Monforte, Alto Alentejo). Anais da Academia Portuguesa de História Lisboa, S. 2, 21, 492-507.

Sectos, M. F. dos (1974) - Pré-história de Particul. Lisboa: Verbo:

Santros Junior, J. R. (1975) - A cultura dos berrões no Nordeste de Portugal. Trabalhos de Astropologia e Etiologia. Porto. 22.4. 353-515.

SCHUBART, H. (1975) - Die Keltur der Bronzezeit im Sudwesten der Iberischen Halbiniel Berlin: Deutsches Archäologisches Institut. (Madrider Forschungen, 9).

SCHULE W. (1969) - Die Meista-Kulturm der Iberischen Halborsol. Berlin-Walter de Gruyter

SENNA-MARTINEZ, J.C. (1986) - O Cabeço do Castro de S. Romão. 1º Campanha. Informação Arqueológica. Lisboa. 7. Sesoia-Martinez J.C. (1989).

Pré-bistéria recente da Bacia de Mélio e AltoMandeja: algumas contribuições para um
modele sociocultural. Lisboa: Faculdade de
Letras. Tese de Doutoramento em
Pré-bistória e Arqueologia: 3 vols
policopiados.

SENNA-MARTINEZ J.C. (1993) Apresentação trabalhos de arqueologia na Bacia do Médio e Alto Mondego, 1982-1992. Trabalhos de Arqueologia da EAM. Lisboa. 1

SERRACI, E. da C. (1958) - Cerámica protohistórica da Lapa do Fumo (Sesimbra) com ornatos coloridos e brunidos. Zelbynis. Salamanca, 9-2.

SERRÃO, E. da C. (1970) - Cerámica com ornatos a cores da Lapa do Fumo (Sesimbra). In Actas e Alenórias do I Congresia Nacional de Arquiológia, Lisboa, 1958. Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1970. vol. I.

SEVIRO, R. (1905-1908) - As arrecadas d'ouro do Castro de Laundos. Pertuailia: Porto: 2-1-4: 403-412.

Sites, J. (1985) - Lexico de recorpciones froncas: Madrid: Ministerio de Cultura.

Silva, A. C. F. (1986) - A cultura cantrija no Norosit de Portugal. Paços de Ferreira Museu Arqueológico da Citânia de Santins.

Sitva, A. C. F. (1986a) - Ourivesaria pré-romana do Norte de Portugal. În História la Arte en Portugal. Lisboa: Publicações Alfa. vol. 1

Silva, A.C.F. [et al.] (1984) -Depósito de fundidor do final da Idade do Bronze do Castro da Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu). Lucena: Porto, nº extraordinário.

SPINDLER, K. (1981) - Core da Moura die Besiedlung des Atlantischen Kustengebietes nuttelportugals von Neolithikum bis an ende der Brutzegeit. Mainz. (Madrider Bestrage, 7) SPINDLER, K., K., FERRIERA, O. da V. (1973) - Der spatbronzezeitliche Kuppelbau von der Roça do Casal do Meio in Portugal. Mulridre Metrilangei Heidelberg. 14

SPINIDLER, K., K. [et al.] (1973-1974) -Le monument à coupole de l'Âge du Bronze Final de la Roça do Casal do Meio (Calhariz). Communições dos Semços Geológicos de Portugal. Lisboa, 57.

Sousa, V. de (1986) - Escultura romana: In *Historia de Arte:* Lisboa: Ed. Alfa, vol. 1.

TEIXEIRA, C. (1940) - O Castro de Lanhoso e o seu espólio. In Congresso de Alende Portuguis, Esboa, 1940. Esboa, vol. 10. p.517-529

Terxeira, C. (1940a) - Notas arquiológicas sobre o Castro de Lambero. Porto: Instituto de Antropológia da Universidade:

Tittas Arribas, G. de (1967) - Cerâmican gregos de la Pinnesola Iberica. Valencia.

TRINDADE, L., FERREIRA, O. da V. (1965) - Acerca do vaso "piriforme" tartéssico de Bronze do Museu de Torres Vedras. Boltos Cultural de Junta Distritul de Lisbar. 63-64. 175-183.

VASCONCELOS, J. L. de (1905) -Explorações archeologicas em Mériola. O Arquiologo Portiguês. Lisboa. 10

Vasconceros, J. L. de (1913) -Relgiões de Lientina: Lisboa: Imprensa Nacional, vol. 3.

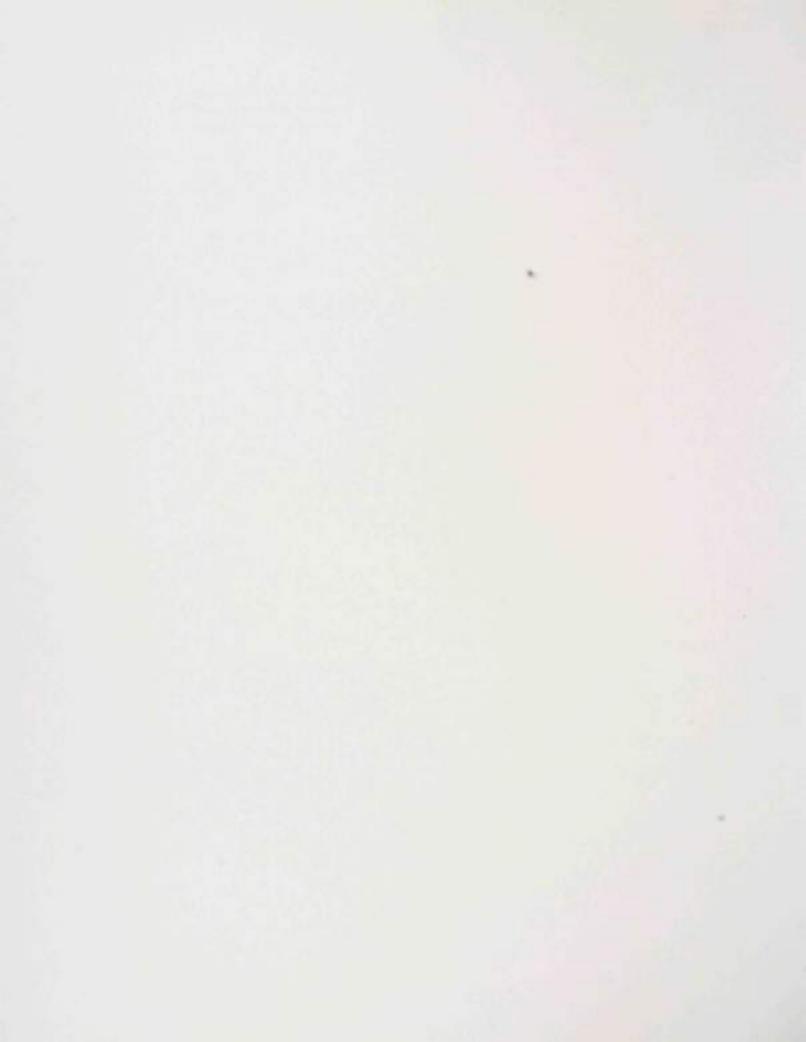
VASCONCELOS, J. L. (1915) - Historia do Alumi Emológico Portuguri. Lisboa. Imprensa Nacional

VASCONCELOS, J. L. (1919-20) -Estudos sobre a época do bronze em Portugal O Arguellago Português, Lisboa, 24 VASCONCELOS, J. L. (1919-20) -Xorcas de bronze de Alcainça, O Arquellogo Portuguilo, Lisboa, 24

VASCONCELOS, J. L. de (1924) -Figuras de bronze antigas do Museu Etnológico Português. O Arqueologo Português. Lisboa. 26

VEIGA, S.P.M.E. (1891) - Autiguidades numerotari de Alganie, tropos profestóricos Lisboa: Imprensa Nacional, vol. 4.

Viegas, J. R., Parreira, R. (1984) - Der Schatztund von Santana da Carnota (Alenquer/Portugal). Madrido Mittellorgio. Mainz. 25.79-91.





Ministério da Cultura Instituto Português de Museus